GRAMMATICA HISTORICA

POR

EDUARDO CARLOS PEREIRA

OBRA APPROVADA E ADAPTADA PELA CONGREGAÇÃO DO GYMNASIO OFFICIAL DE SÃO PAULO

L'évolution est la lois maîtresse qui régit l'existence des langues; celles-ci, comme tous les organismes, sont dans un perpétuael devenir

A. DARMESTETER.

9.ª EDIÇÃO

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA DOS GUSMÕES, 24 A - 30 — SÃO PAULO — 1935

UNIDADE: IEL
N.º CHAMADA 469.5
P414g
V. 9.ed
EX
TOMBO/BC 511704
TOMBO/IEL 67099
PROC. 837-02
C ☐ D ☒
PREÇO 11,00
DATA 15/05/02
N.º CPD PE00023973
Bib. id 305977

PROLOGO

Vehiculo da idéa, é a palavra o mais bello e util apanagio da humanidade. Filha do homem, traz com o homem frisante analogia. Sua origem, como a do seu putativo genitor, tem o cunho do mysterio, perde-se na noite remota dos tempos, e offerece ás pesquisas dos sabios indecifravel enigma. Como elle ainda, ella nasce, cresce, adoece e morre. Em sua propria estructura, em seus elementos morphologicos, encontra certa classe de glottologos um organismo vivo, e nos fallam da *vida das palavras* e da *vida da linguagem*. Tambem ella tem a sua historia na existencia secular da humanidade. Incarnação do pensamento, ella, qual o homem, não realiza isolada sua missão, mas sim em uma como sociedade nos agrupamentos da phrase, onde as palavras se prendem pelos laços de intimas relações na união de um objectivo commum. E', de facto, no exercicio dessas como funcções sociaes, que a palavra cumpre seu nobre destino nas bellezas da arte, nos ensinamentos da sciencia, nas especulações da philosophia e nos arroubos da religião. Por este motivo o seu estudo deve apresentar-se primacial a todo espirito intelligente. Outras razões, porém, para isto existem.

E' ella o vinculo moral mais poderoso da sociedade, o mais forte instrumento da vida e progresso da familia humana.

Incorporada na lingua patria, a sua cultura se impõe como o elemento mais energico de cohesão nacional, a expressão mais viva e genuina da indole da raça, da unidade do povo, do seu gráu de civilização e da nobreza de seus ideaes.

Mas a lingua, como os individuos, como a humanidade, tem a sua historia, e á luz desta é que se revela a sua verdadeira indole. Esses precedentes historicos indispensaveis á sua boa comprehensão, no-los dá a *grammatica historica*, que é a sua biographia. Sobre esta vantagem outras contem o estudo desta materia que, nestes ultimos tempos, tem tido tão grande incremento nas nações cultas : é elle o laço tradicional que nos prende mais intimamente á vida espiritual de nossos antepassados, e que nos dá uma visão mais clara do desenvolvimento do espirito humano, e, ao mesmo tempo, a sorpresa em flagrante do progresso psychico da nossa raça.

E', portanto, a todos os respeitos, profundamente lastimavel o desamor e incuria que ora reinam no ensino da lingua nacional, até mesmo nos programmas officiaes. Felizmente, porém, á voz patriotica de um nobre espirito, eximio burilador do idioma materno, sente-se já o estremecimento de um Brasil novo, onde a lingua de nossos avós, expressão e elo da homogeneidade de nossa patria, será tractada com maior carinho e previsão social.

Propellido por essas idéas e sentimentos, pelas conveniencias de nossas funcções no Gymnasio do Estado nesta capital, e animado pelo acolhimento que teve o nosso curso de grammatica expositiva, puzemos mão diligente neste trabalho, que ora entregamos receoso á mocidade estudiosa e aos homens de letras do nosso paiz.

Não nos foi, por certo, concedido, nesta arriscada empresa, seguir de rota batida ao ponto collimado. Escasseiam, no genero, em nossa lingua, estudos systematicos, e entre estes nenhum que satisfaça o programma do 4.º anno de nossos gymnasios sobre grammatica historica.

Nesta emergencia, forçoso era internar-nos pela "selva escura" de nossos escriptores classicos e ante-classicos; pesquisar textos da lingua archaica, média e moderna; colher exemplos e coordená-los; induzir leis e systematizá-las; acompanhar, em summa, a evolução da lingua, procurando nella a explicação dos factos actuaes da grammatica expositiva. Muito colhemos, na basta floresta, porém, muito ha ainda que respigar. Neste afan laborioso soccorremo-nos de amplos subsidios de eruditos cultores de nosso idioma, como — G. Vianna, Dr. Leite, de Vasconcellos, Dr. Ribeiro de Vasconcellos, J. J. Nunes, J. Moreira, Dr. Ernesto Carneiro, Mario Barreto, João Ribeiro, Lameira de Andrade, Pacheco Junior e outros. A orientação, porém, de nosso trabalho, a solução dos problemas geraes, que se prendem ao movimento historico das linguas romanicas, as linhas amplas de nosso compendio, buscámo-las nos mestres da philologia moderna, taes como — Diez, Meyer Lübke, Bourciez, Darmesteter, Bréal, etc.

Do criterio e do methodo, que presidiram á nossa modesta tentativa, é justo tambem que algo digamos.

Em primeiro logar, serviu-nos de base o antigo programma de grammatica historica do Gymnasio Nacional, que supplementámos e desenvolvemos.

Arrastado pelo desejo de apresentar trabalho mais completo, tivemos de desattender ao escasso horario, que a lei outorga ao 4.º anno para o estudo desta materia.

Todavia, procurámos fazer deste nosso curso o complemento dos cursos antecedentes, de sorte que a *grammatica historica* fosse a cupula do curso gymnasial de portuguez. Do curso elementar e superior tivemos em mira attingir, em circulos concentricos, o actual curso historico. No arcabouço geral do presente compendio e no desenvolvimento particular de cada uma de suas partes, tivemos sempre deante dos olhos o completar, alargar e aprofundar os principios estudados em annos anteriores.

Procurámos na *Introducção* dar os preliminares ao nosso estudo, iniciando o espirito avido e intelligente de nossa mocidade na corrente geral dos actuaes estudos philologicos.

Dadas essas noções geraes, entrámos no estudo da *Phonetica*, acompanhando-a de um exame particular do accento tónico, das leis glotticas, e de uma synopse dos metaplasmos historicos.

Terminámos esta primeira parte com alguns capitulos sobre a *Graphica*, onde expuzemos a evolução da escripta, os diversos systemas

orthographicos, a reforma de nossa orthographia, seguida de uma critica sobre as ultimas tentativas.

Passámos então á *Morphologia*, onde, após o exame da estructura vocabular, tocamos na theoria das categorias grammaticaes, que foram encaradas successivamente em sua genese, funcções, flexões e étymo. Tendo exposto a mobilidade do lexico, os dialectos e codialectos, fizemos breve estudo comparativo entre o portuguez do Brasil e o de Portugal. Em seguida, estudámos a formação do lexico, os processos de *derivação* e *composição*, e os elementos extrangeiros, que no andar dos seculos, contribuiram para o enriquecimento de nosso vocabulario.

Firmado principalmente nos eminentes glottologos Darmesteter Whitney e Bréal, encerrámos esta segunda parte com um estudo complementar de *Semantica*.

Finalmente entrámos na ultima parte da grammatica, a *Syntaxe*. Auxiliado pelos estudos geraes de Diez, M. Lübke e Brugmann, e pelos subsidios particulares de J. Moreira, applicámos diligentes esforços ao estudo da phrase documentada nos monumentos de nossa literatura. — Expuzemos o plano da phrase neo-latina e de seus processos syntacticos em comparação com o latim, o periodo grammatical e as proposições de que se compõe, terminando por um estudo mais ou menos desenvolvido sobre a syntaxe historica de cada uma das categorias grammaticaes. Dando a este ponto especial cuidado, procurámos resolver certas difficuldades de grammatica expositiva, como sejam — empreço do gerundio e o do infinito pessoal, etc.

No estado actual de conhecimento de nossa lingua, facil é passar prata falsa como verdadeira, mormente na syntaxe. Basta para isso um pouco de dogmatismo magistral, e talvez, um ou dois exemplos, que sempre os ha. Com intuito de evitar esse perigo, avolumámos nosso estudo com citações, que pareceriam excessivas, mas que levam o desejo honesto de nos documentar sufficientemente perante nossos leitores estudiosos.

Ahi fica o ligeiro esboço de nosso trabalho. Se a execução correspondeu á applicação carinhosa e laborioso esforço, que lhe demos, não o sabemos nós ; sabemos, entretanto, que deslises, senões e erros deve de havê-los numerosos. A critica, porém, e as advertencias de illustrados e bondosos collegas nos auxiliarão a escoimá-los de futuro. —*Nam velle, adjacit mihi : perficere autem bonum, non invenio.*

S. Paulo, dezembro de 1915.

O AUCTOR.

ABREVIATURAS

A. H.	—	Alexandre Herculano
A. C.	—	Antonio Feliciano de Castilho
L. C.	—	Latino Coelho (José Maria)
R. S.	—	Rabello da Silva
G.	—	Garrett (J. B. da S. L. d'Almeida)
C. C. B.	—	Camillo Castello Branco
F. Elys.	—	Filinto Elysio (F. M. do Nascimento)
G. D.	—	Gonçalves Dias (Antonio)
O. M.	—	Odorico Mendes
A. V.	—	Padre Antonio Vieira
A. P.	—	Padre Antonio Pereira de Figueiredo
M. B.	—	Padre Manoel Bernardes
Barros	—	João de Barros
Souza	—	Fr. Luiz de Souza
C.	—	Camões (Luiz de)
S. de M.	—	Sá de Miranda
G. V.	—	Gil Vicente
F. M. P.	—	Fernão Mendes Pinto
F. Lopes	—	Fernão Lope
D. Góes	—	Damião de Góe
H. P.	—	Heitor Pinto
Arraiz	—	Amador Arraiz
G. Rez.	—	Garcia de Rezende
A. Ferr.	—	Dr. Antonio Ferreira
Paiva	—	Diogo de Paiva
B. Rib.	—	Bernardim Ribeiro
D. Vieira	—	Domingos Vieira (Diccionario)
Darm.	—	Darmesteter (Arséne)
E. Dias	—	Epiphanio Dias.

Chrest. Arch. = Chrestomathia Archaica, de J. J. Nunes; *T. Arch.* = Textos Archaicos; *Q. de Port.* = Questões de Portuguez, de A. Coelho; *Vern.* O Antigo Vernaculo, do Dr. Silvio de Almeida; *L. de Guilh.* = João de Guilhade, de Oscar Nobiling: *Palm.* = Palmeirim de Inglaterra, Chronica de Francisco de Moraes; *T. Red.* = Tavola Redonda, Memorial de Proezas da Segunda—, de Jorge F. de Vasconcellos; *Euphr.* + osina, *Mon.* + asticon de A. H., *L.* + endas e *N.* + arrativas, *H.* + istoria de *Port.* + ugal de A. H., *Q.* + uadro) *Hist.* + oricos de Antonio de Castilho.

A flexa indica procedencia etymologica (*fatum,* ⟶ *fado, fado* ⟵ *fatum*), = egual a: + mais, *v.* + elho, *port.* + uguez, *b.* + aixo, *lat.* + im, ou + inidade, *fr.* + ancez, *it.* + aliano, *hesp.* + anhol. *gr.* + ego. *hebr.* + aico, *vern.* + aculo, etc.

INTRODUCÇÃO

1. A **Grammatica** tem intima relação com a *Glottologia* e com a *Philologia*, e todas com a *Linguagem*. Convem preliminarmente determinar essas relações, estudando, em succinto esboço, a natureza da Linguagem, o dominio e a historia da Glottologia e da Philologia.

CAPITULO I

LINGUAGEM

2. **Linguagem** (*lingua* + *agem*) é o conjuncto dos signaes de que intencionalmente nos servimos para a communicação de nossas idéas e pensamentos. A linguagem propriamente dicta é, no sentir de Whitney e outros glottologos, exclusiva do homem, é o seu apanagio, a sua faculdade entre todos os animaes. E' apenas por uma extensão analogica que se falla na *linguagem dos animaes, das flores*, etc.

3. E como a linguagem é um conjuncto de signaes, dá-se-lhe o nome de *semica* (gr. *sêma* = *signal*).

4. A linguagem ou semica classifica-se, quanto á natureza dos signaes, em — *glottica*, *graphica* e *mimica*.

5. GLOTTICA (gr. *glotta* = *lingua*), é a linguagem articulada, cujos elementos são as palavras falladas, compostas de *phonemas*, "de movimentos acusticos de expressão".

6. GRAPHICA (gr. *graphô* = *escrevo*), é a linguagem escripta, desenhada ou gravada no papel, madeira, pedra ou metal.

7. Antes de se inventar o *alphabeto phonetico*, era a escriptura ou escripta dos povos antigos *symbolica*, onde a idéa era tropologicamente representada por um *symbolo* apropriado em vez de ser expressada pela palavra. Taes eram os *hieroglyphos* do antigo Egypto e os *caractéres cuneiformes* de Babylonia.

8. Mimica (gr. *mimos*=*força, representação*) é a linguagem de acção, gesticulada, produzida por movimentos expressivos do corpo, por expansão ou contracção dos musculos da face, "movimentos opticos de expressão". E' a linguagem dos surdos-mudos, e um subsidio poderoso da *glottica*. Sem a *mimica* a *linguagem fallada* perderia em força e vigor, e a palavra seria apenas o pallido reflexo do pensamento.

9. Convem não confundir *linguagem* e *lingua*, se bem que se empregue frequentemente uma pela outra. Não obstante a sua synonymia, esta se discrimina daquella como a especie do genero.

10. *Linguagem* é termo muitas vezes empregado em sentido abstracto, como faculdade de expressão racional, e outras em sentido concreto, como systema de signaes conscientes, de que se serve o homem para exprimir suas idéas e sentimentos.

11. *Lingua* é "todo systema *natural* de *palavras* de que se servem grupos de homens para communicarem entre si seus pensamentos. Abrange este systema quatro ordens de factos: a pronuncia, o lexico, as fórmas grammaticaes, as construcções syntacticas", (Darmesteter).

A lingua é, pois, a expressão correcta e especifica do pensamento, as fórmas concretas da linguagem.

12. Entre essas fórmas concretas e historicas da linguagem, notam-se trez categorias — *linguas vivas, mortas* e *extinctas*.

13. *Lingua viva* é a que ainda hoje serve de orgam de communicação entre os individuos de uma nação ou tribu, como — o *portuguez*, o *inglez*, o *guarani*, etc.

14. *Lingua morta* é a que não é mais fallada por povo ou tribu alguma, e que apenas sobrevive em documentos escriptos, como o *latim*, o *hebraico*, o *sânskrito*, etc.

15. *Lingua extincta* é a que se extinguiu sem deixar de si memoria documental, como o *proto-aryco*, o *etrusco*, o *celta*, etc.

CAPITULO II

GLOTTOLOGIA

16. Discute-se ainda o nome desta nova sciencia. Chamam-lhe alguns — *sciencia da linguagem*, outros *linguistica*, *philologia comparada*, *glossologia* e *glottologia*. Com Max-Müller damos preferencia a esta ultima designação.

17. **Glottologia** (gr. *glôtta* ou *glossa* = *lingua*) é a sciencia que tem por objecto a origem, desenvolvimento e classificação da linguagem, quer considerada em abstracto, quer em concreto.

I. Origem da linguagem.

18. Na pesquisa da origem da linguagem, dois periodos se devem extremar: — o *periodo historico* e o *periodo prehistorico*.

1.° *Periodo historico.*

E' o periodo documentar das linguas, em que o glottologo póde estudar o desenvolvimento destas nos documentos escriptos, nos archivos do passado, escapos á acção destruidora do tempo. Este periodo historico extende-se naturalmente até os mais antigos documentos das linguas antigas, exhumados das ruinas de Babylonia e dos monumentos egypciacos.

2.° *Periodo pre-historico.*

Este periodo recua do ponto onde cessam os documentos escriptos até a origem do homem. E' um periodo indeterminado, no qual falleceu á Glottologia dados para investigações scientificas, não só quanto ao desenvolvimento, mas tambem quanto á origem da linguagem.

Sobre elle escreve Whitney: "Já havemos dicto que não está ao alcance do linguista formar uma conjectura plausivel em relação ao tempo em que apparecem os primeiros germes da linguagem, e em relação á duração dos periodos consagrados a seu desenvolvimento".

De facto, não só fallece aos glottologos o *criterium* para assignalar o ponto inicial da linguagem, mas ainda para conhecer a natureza desses germes primitivos.

Mais á philosophia que á glottologia, como observa A. Dauzat, pertencem taes indagações.

19. CONJECTURAS SOBRE A ORIGEM DA LINGUAGEM. — Para alguns a linguagem tem origem interjectiva — a *interjeição*, expressão instinctiva de subitaneas paixões, é a manifestação primitiva da linguagem. O primeiro grito de dôr ou rugido de colera do homem primitivo, repetido pelos companheiros de tribu, é, — imagina Whitney — o embryão inicial do dom admiravel, que caracteriza o homem.

Para Herder tem a linguagem origem onomatopaica: a *onomatopéa* ou a imitação dos gritos dos animaes e dos ruidos da natureza, fornece os primeiros elementos da linguagem.

São todas hypotheses, mais ou menos imaginosas, que estão longe de fornecer solução ao importante problema da origem primitiva da linguagem humana. Deante da difficuldade de explicar-se esse inicio mysterioso, vedado por ora ás pesquisas da sciencia, acreditam Bunsen e Max Müller na necessidade da intervenção divina para a acquisição inicial da linguagem; negam-na outros, e entre estes Renan, que, no entanto, acaba por dizer que "a linguagem surgiu sob a viva impressão da Divindade", devendo ser ella considerada divina e humana.

A Biblia, narrando a creação do homem, deixa aberto o

campo das investigações glotticas, quanto ao modo da acquisição da linguagem; apresenta, todavia, Adão, o primeiro homem, já senhor della, dando nome aos animaes e entoando um hymno de admiração ao contemplar pela primeira vez a bella companheira extrahida de seu lado. Gen. II. 19, 20, 23.

20. Locação da faculdade da linguagem. A localização da faculdade da linguagem na terceira circumvolução frontal do hemispherio esquerdo do cerebro, preconizada por Hovelacque, é mera hypothese do physiologista Broca, "que está longe de ser demonstrada scientificamente", como affirma o illustre professor da Universidade de Palermo, Giacomo di Gregorio, em seu "Manual da Linguagem".

II. Desenvolvimento da linguagem.

21. Quanto ao desenvolvimento ou evolução da linguagem, parte importante da Glottologia, o seu estudo é o objecto da grammatica comparada, de que fallaremos mais adeante.

Aqui diremos apenas que o aspecto estructural, que apresentam as linguas, levou muitos glottologos, como Max Müller e Adolpho Coelho, a crerem que a linguagem tem passado, no curso de sua evolução historica, por trez phases ou periodos successivos: o *embryonario*, o *synthetico* e o *analytico*.

1.º O periodo *embryonario* ou *pathognomonico* é aquelle em que a expressão dos sentimentos assume a fórma elementar de vozes interjectivas, de *monosyllabos*, que se vão pouco a pouco elevando á expressão de idéa, e constituindo as *raizes*, elementos primordiaes das linguas.

2.º O periodo *synthetico* é aquelle em que as raizes se agglutinam para a construcção de systema morphologicos, mais ou menos complexos, taes como os que vemos reflectir no sânskrito, no grego e no latim.

3.º O periodo *analytico* ou da decadencia morphologica é aquelle em que as expressões *syntheticas* do periodo an-

terior, taes como — *vita corporis, amari,* se resolvem nas *analyticas — a vida do corpo, ser amado.*

Esta hypothese de triplice estadio na marcha evolutiva da estructura glottica, sustentada por Curtius, Max Müller e A. Coelho, é fortemente contestada por Pott, Renan e Sayce.

III. Classificação das linguas.

22. Quanto á classificação, a Glottologia distribue as linguas em *grupos* ou *familias,* de accordo com o principio de classificação adoptado.

Quatro são as principaes classificações adoptadas: a *geographica,* a *ethnologica,* a *morphologica* e a *genealogica.*

1.ª A classificação *geographica* agrupa as linguas pelas regiões do globo, em que são falladas: as linguas da Europa, da Asia, da Africa, da America e da Oceania. Deante das migrações e entrelaçamento dos povos, tal classificação não tem valor scientifico.

2.ª A classificação *ethnologica* as distribue pelas raças, que as fallam. Desde que actualmente as linguas não coincidem com as raças, tal classificação não leva vantagem á anterior.

3.ª A classificação *morphologica* reune-as pela estructura de seus vocabulos. Tem esta classificação uma base mais estavel e racional. São trez os grupos morphologicos, que correspondem á triplice phase evolutiva, de que ha pouco tractámos: o *monosyllabico,* o *agglutinante* e o *flexivo.*

a) O primeiro grupo formado pelas linguas chamadas *monosyllabicas, isolantes* ou *radicaes,* em que as palavras são monosyllabos isolados, denominados *raizes,* que muitos glottologos suppõem serem o ponto de partida de todas as linguas, como acima dissemos.

b) O segundo grupo é constituido pelas linguas chamadas *agglutinantes* ou *agglutinativas,* em que as raizes se

agglutinam para formar a palavra, guardando, entretanto, sua integridade syllabica.

Distinguem-se neste grupo, como ramificação especial, as linguas americanas, onde a incorporação se extende á phrase, reunindo "em uma só palavra o sujeito, o objecto e todas as outras possiveis determinações da idéa". Chamam-se as linguas desta *extensão* agglutinativa — *polysyntheticas, olophrasticas* ou *incorporantes*. Exemplo dessa tendencia incorporativa das linguas deste grupo, encontramo-lo no portuguez, quando o objecto pronominal se incorpora ao verbo, por ex.: *amallo* (*amal-lo, amá-lo*). Abre excepção, segundo C. T. Hartt, ao polysynthetismo americano o *tupi-guarani*.

c) O terceiro grupo é constituido pelas linguas chamadas *flexivas, organicas* ou *amalgamantes*, em que os elementos agglutinados se flexionam ou se modificam para exprimirem os accidentes da idéa.

Desta classificação *morphologica* damos o seguinte schema:

LINGUAS	monosyllabicas, isolantes ou radicaes	chinez, annamita, siamez, ibetano
	agglutinantes ou agglutinativas	hottentote-boximane; malaio-polynesico; uralo-altaico
	flexivas	indo-europeu, semitico

4.ª A classificação *genealogica* agrupa as linguas em *familias* pelas relações de parentesco, em virtude de se derivarem de um tronco commum. Nesta classificação existe uma base estavel e scientifica. De accordo com ella, admitte a generalidade dos glottologos as oito *familias* abaixo especificadas:

1. Indo-européa
2. Semitica
3. Khamitica
4. Cafre ou bantu
5. Uralo-altaica
6. Malaio-polynesica
7. Dravidica
8. Indo-chineza.

Destes oito typos da linguagem humana, que encerram, segundo se presume, todas as linguas falladas pela familia humana, sobresae o grupo *indo-europeu*, tambem denominado *indo-germanico* ou *aryco*, que mais de perto nos interessa e mais estudado tem sido.

Este grupo das linguas aryanas offerece o aspecto de uma arvore gigantesca, cujos galhos extremos tocam na India e na Europa occidental. Ella se desdobra por isso em dois grandes *ramos* — o *asiatico* e o *europeu*.

a) O *asiatico* comprehende dois *sub-ramos*:

1) O *indico*, que inclue: o *antigo indico* ou *sânskrito* (*vedico*, *epico* e *classico* sendo este chamado *sânskrito* em sentido restricto), o *indico medio* ou *prâkrito*, e o *neo-indico*, que comprehende cerca de nove linguas e numerosos dialectos;

2) *o iranico* ou *persico*.

b) O *europeu*, que abrange seis *sub-ramos*: o *italico*, o *hellenico*, o *celtico*, o *germanico*, o *slavo* e o *lettico*.

O sub-ramo *italico* proliferou em sete linguas denominadas *linguas romanicas*, *neo-latinas*, *novo-latinas* ou *novi-latinas*, que, segundo Mayer Lübke, são: *italiano*, *francez*, *provençal* (antigo), *hespanhol*, *portuguez*, *rumeno* e *rhetico*.

As áreas geographicas por ellas occupadas na Europa são: *a*) Ao sul, na peninsula Italica, o *italiano*; *b*) ao sudeste, na peninsula Iberica, o *hespanhol* e o *portuguez*; ao occidente, na França, o *francez* e o *provençal*; *c*) no centro, no cantão dos Grisões na Suissa, nas montanhas do Tyrol e no Frioul, fronteiras da Austria, o *rhetico* ou *rheto-romano* (451.000 h., ap. Bourciez); *d*) ao oriente, entre a Russia, Turquia e Bulgaria, na Rumânia, o *rumeno* (9.500.000 h., ib.). Cumpre advertir que as quatro linguas principaes desta familia latina (*italiano*, *hespanhol*, *portuguez* e *francez*) teem largamente augmentado a área linguistica pela emigração e colonização. Damos em seguida o eschema da arvore aryana.

INDO-EUROPEU	asiatico	1 indico	portuguez
		2 iranico	hespanhol
			francez
	europeu	3 italico	provençal
		4 hellenico	italiano
		5 celtico	rumeno
		6 germanico	rhetico
		7 slavo	
		8 lettico	

23. **Problemas.** Dois problemas, além de outros, aguardam ainda solução dos glottologos: um diz respeito á *origem* primordial das linguas, e outro á *natureza* da nova sciencia linguistica.

a) Quanto á *origem*, sustentam alguns o *monogenismo* linguistico, isto é, que todas as linguas se originaram de uma lingua-mãe primitiva, como a familia indo-européa se originou do *proto-aryco*. *O monogenismo* das familias linguisticas coincide com o monogenismo da familia humana, oriunda de um só par, segundo a Biblia. A linguistica do sec. XVII e XVIII occupou-se largamente em determinar a lingua primitiva, opinando, em geral, pelo *hebraico*, lingua sagrada do V. T. Reagiu o genio de Leibnitz contra taes indagações, proclamando a necessidade do methodo inductivo no estudo scientifico das linguas. — Outros, com Hovelacque, sustentam o *polygenismo* linguistico, que deve concidir com o polygenismo das raças humanas, apregoado por alguns anthropologos.

Whitney e outros mostram claramente que o problema está ainda aberto ás investigações da sciencia. Em 1905, Alfredo Trombetti, prof. ordinario da Universidade de Bolonha, Italia, publicou uma obra intitulada — *L'unità d'origine del Linguaggio*, em que julga ter resolvido o problema no sentido do monogenismo, donde conclue: *Tutti gli uomini appartengono ad una specie e sono realmente fratelli.*

b) Quanto á *natureza* da Glottologia, ensinam uns, com Schleicher, Max Müller, Hovelacque, que é ella uma sciencia *natural;* ao passo que outros, com Whitney, Steintal e A. Coelho affirmam que é uma sciencia *historica*. A

controversia mostra que a Glottologia offerece á analyse elementos que se prendem ora a um, ora a outro desses dois dominios.

CAPITULO III

PHILOLOGIA

24. **Philologia** (gr. *philos* = *amante, logos* + *ia* = *discurso, palavra*) é a sciencia que tem por objecto o estudo critico da literatura de um povo, ou da literatura de uma época, e da lingua que lhes serviu de instrumento. Dahi dois aspectos principaes da Philologia — o *literario* e o *linguistico*.

25. O fim desta sciencia é a analyse e a synthese dos documentos literarios, que ella estuda systematicamente em todos os seus aspectos. O estudo da respectiva lingua, se bem que de visceral importancia para a critica dos documentos literarios, não é o fim da sciencia, mas apenas o meio indispensavel. Além desse meio, recorre a Philologia a outras sciencias subsidiarias, taes como a *historia*, a *archeologia*, a *ethnologia*, a *mythologia*, etc.

26. Quando a Philologia tem por objecto o estudo comparativo das literaturas de dois ou mais povos, chama-se *Philologia comparada*, como, por ex., o estudo comparativo das literaturas classicas do grego e do latim, das literaturas germanicas, romanicas ou neo-latinas.

27. O estudo practico, mais largo e profundo, dos idiomas antigos e modernos, já provocado por Leibnitz, e modernamente desenvolvido, fez com que a Glottologia se desaggregasse da Philologia, especializando-se em sciencia propria, no primeiro quartel do seculo passado.

28. Como a Glottologia se separou da Philologia.

Damos em seguida rapido esboço historico do facto declarado no paragrapho antecedente. Vasco da Gama, o heroe dos Lusiadas, navegante portuguez, abriu, ao findar

do sec. XV, o desejado caminho das Indias, e patenteou ao commercio europeu as riquezas do Oriente.

Já em 1585, Filippo Sassetti, nobre mercador florentino, havia notado, em uma carta datada de 17 de janeiro desse mesmo anno, semelhanças entre nomes da lingua italiana e certos nomes da lingua fallada na India. No começo do seculo seguinte, um outro italiano, Roberto de Nobili da Montepulciano, missionario jesuita, estudou profundamente a literatura e a lingua sagrada da India, o sânskrito (lingua sábia), lingua admiravel pela sua estructura regular, idioma dos livros sagrados, os Vedas, "da poesia lyrico-religiosa, da epopéa e da philosophia indiana". Em 1664 um missionario allemão, Heinrich Roth, tornou-se tão versado em sânskrito, que podia entrar em controversia com os brahmanes. Um missionario jesuita, que permaneceu na India de 1699 a 1792, foi o primeiro europeu que escreveu uma grammatica do sânskrito e compoz um diccionario malabar-sânskrito-portuguez. Outros, allemães e francezes, notaram analogias entre o sânskrito e outras linguas congeneres, e forneceram preciosas informações sobre a lingua, a literatura, a religião e a philosophia da India.

Finalmente, o Padre Coeurdoux, encarregado pelo sabio Barthélemy de redigir uma grammatica e um diccionario do sânskrito, em uma memoria lida em 1768, e só publicada quarenta annos depois, expõe a affinidade entre o sânskrito, o grego e o latim, e conclue pelo parentesco original dos indios, dos gregos e dos latinos. Em 1783 chegou á India o inglez Mr. William Jones, e perante a "Sociedade Asiatica de Calcuttá", por elle fundada, declarou, em 1786, que a lingua sânskrita era admiravel em sua estructura; mais perfeita que o grego, mais rica que o latim, mais melodiosa que ambas, e que a ellas se relacionava por uma tão grande analogia, tanto nas raizes dos verbos como nas fórmas grammaticaes, que nenhum philologo podia examinar essas trez linguas sem concluir que eram oriundas de uma fonte commum.

Deante desse novo mundo descoberto, na expressão de um illustre pensador, surgiu uma pleiade de illustres allemães, taes como Frederico e Guilherme Schlegel, Guilher-

me Humbolt, Jacob Grimm, Pott, Schleicher, Curtius e Benfey, que se applicaram aos estudos linguisticos e forneceram importantes subsidios para a explicação do phenomeno assignalado por Coeurdoux e W. Jones.

A Francisco Bopp (1791-1867) porém, eminente philologo allemão, cabe a gloria de fundador da sciencia glottologica pela demonstração da unidade das linguas aryanas ou indo-européas, effectuada em seu *Systema de Comparação* (1816), e em sua *Grammatica comparativa* (1833—1852).

A eschola boppiana dá a agglutinação como a origem das flexões. As linguas não se formam por um processo de germinação, mas por juxtaposição dos elementos.

Uma nova eschola de linguistas, porém, iniciada pelo prof. Leskien, de Leipsic, e seguida por Brugmann, Osthoff, Paulo e outros, e por alguns dos chamados *neogrammaticos*, ergue-se em opposição a muitas theorias da eschola de Bopp, dando proeminencia á alteração phonetica e á analogia na formação das linguas.

Evolvida dos estudos philologicos das literaturas classicas, a Glottologia tem de commum com a sua irmã primogenita, a Philologia, o estudo das linguas; mas ao passo que esse estudo é um *meio* para a Philologia, é um *fim* para a Glottologia.

Estabelecendo Schleicher, neste ponto, a differença entre uma e outra, compara a Glottologia com o botanico e a Philologia com o jardineiro. Applicam ambos a sua actividade ao mesmo jardim; porém o botanico tem um fim scientifico em vista, e o jardineiro um fim artistico e utilitario. Assim a Glottologia estuda as linguas com um mero fim scientifico, e toda lingua, tenha ou não documentos escriptos, cae dentro de suas pesquisas; emquanto a Philologia estuda as linguas com o fim practico de explanar e caracterizar os seus documentos literarios, e, portanto, só as linguas que possuem esses documentos podem ter philologia.

CAPITULO IV

GRAMMATICA

29. A **Grammatica** (gr. *grammatikê*, de *gramma* = *letra*) é um ramo importante da Glottologia e um subsidio indispensavel da Philologia. Em sua accepção generica, é ella a sciencia da palavra, que estuda em seus multiplos aspectos — em sua origem, formação, metamorphoses, sentido e relações.

30. Quatro são os aspectos fundamentaes do estudo da grammatica, que são: o geral e o particular, o historico e o expositivo: grammatica geral e particular, grammatica historica e expositiva.

31. *Grammatica geral* é a grammatica comparada, que estuda os factos linguisticos communs a todas as linguas ou a um grupo de linguas congeneres. Por isso, a Grammatica póde ser geral em sentido *amplo* e em sentido *restricto*.

32. Grammatica geral em sentido *amplo* é a que tracta de questões pertinentes a todas as linguas. "Uma grammatica universal — escreve Giacomo di Gregorio, prof. da Universidade de Palermo — é tão inadmissivel como uma fórma universal das constituições dos Estados, ou uma fórma geral de plantas e animaes". Entretanto, ha certas questões geraes, communs a todas as fórmas da linguagem, que podem ser objecto de uma grammatica geral no sentido amplo, taes as formuladas por A. Coelho: "Ha artigos em todas as linguas? Ha verbos em todas as linguas? São as palavras formadas em todas as linguas por meio de raizes e suffixos?"

33. Grammatica geral em sentido *restricto* é a grammatica comparativa, que estuda os factos linguisticos communs a um grupo de linguas congeneres, tal como a "Grammatica das linguas romanicas" de Frederico Diez, a "Grammatica comparada" das linguas aryanas de F. Bopp.

34. *Grammatica particular* é a que tem por objecto de

seu estudo os factos de uma lingua em particular, ou em uma dada época, ou no decurso de sua historia.

35. *Grammatica historica* é a que estuda a origem e evolução de uma lingua no tempo e no espaço. O seu methodo é sempre o methodo *historico-comparativo*, versando a comparação das fórmas grammaticaes, não só com as transformações parallelas das linguas affins, mas ainda com as transformações successivas da mesma lingua.

36. *Grammatica expositiva, descriptiva* ou *practica* é a que se limita a expor ou a descrever, para fins practicos, os factos da lingua na época actual.

37. CORRENTES E METHODOS HISTORICOS NO ESTUDO DA GRAMMATICA. Trez correntes teem, em geral, caracterizado o estudo da Grammatica, no decurso dos seculos: — a *physiologica*, a *philosophica* e a *historica*.

1.ª A corrente *physiologica* transparece na India em antiquissimos tempos. Ahi os velhos grammaticos do sânskrito deram attenção á physiologia dos sons, e deixaram sensatas observações sobre a formação dos phonemas.

2.ª A corrente *philosophica* apparece entre os grammaticos gregos, latinos e medievaes. Tal orientação dominou exclusiva até o seculo passado, dando origem ás grammaticas philosophicas do sec. XVII e do sec. XVIII. Nesta corrente as theorias grammaticaes eram, em regra, subordinadas a concepções *à priori*, e de leis arbitrarias desciam os grammaticos a factos violentados ou imaginarios. Em vez de subirem da observação dos factos linguisticos á inducção das leis glotticas, faziam da lingua apenas uma exteriorização da psychologia e da logica, desconhecendo, por completo, o genio da linguagem e a autonomia da grammatica. Devido ao predominio secular desta corrente e á intima relação que ha realmente entre a linguagem e o pensamento, ainda hoje vae larga a confusão da logica com a grammatica. "A linguagem tem a sua logica, escreve M. Bréal; mas é uma logica especial, de alguma sorte pro-

fissional, que não se confunde com aquella a que damos ordinariamente este nome".

3.ª A corrente *historica* surgiu na primeira parte do seculo passado com os glottologos allemães.

Bacon e Descartes (sec. XVII) haviam aberto á sciencia uma nova éra, com a *observação* e *experimentação* do methodo inductivo. A Grammatica seguiu a nova rota. Já Leibnitz havia indicado esse caminho novo no estudo da linguagem. A necessidade de irem os glottologos buscar nos factos reaes das linguas os elementos da nova sciencia, veio abrir aos estudos grammaticaes uma orientação mais racional e fecunda. Deixou então a Grammatica de ser o leito de Procusto da lingua, para ser o repositorio dos factos observados e systematizados; e o grammatico deixou de ser o alchimista, que extrahia das retortas da Logica os factos da linguagem, para seguir a rota fecunda das sciencias naturaes, patenteada pelo methodo inductivo da moderna orientação scientifica. Em vez de partir do pensamento para os factos glotticos, segue hoje caminho mais racional, partindo destes para aquelle. A introducção da corrente historica nos estudos grammaticaes, levou os grammaticographos á observação e comparação dos factos da lingua em todos os seus aspectos, restaurando-se destarte os estudos dos antigos grammaticos da India sobre o mechanismo physiologico da linguagem.

A Grammatica hoje deve conter a synthese das trez correntes.

GRAMMATICA HISTORICA

DA

LINGUA PORTUGUEZA

---

38. **Grammatica historica** da lingua portugueza é o estudo da origem e evolução do portuguez no tempo e no espaço.

E como a lingua portugueza não é mais que a lingua latina transportada para a faixa occidental da Hispania pelos soldados e colonos romanos, e transformada no decorrer dos seculos, a Grammatica historica nos explana as circumstancias historicas e as leis dessa transformação lenta do latim na lingua vernacula.

39. O seu estudo divide-se naturalmente em trez partes, chamadas — *Phonologia, Morphologia* e *Syntaxe.*

40. Estas trez partes da *Grammatica* encerram os trez aspectos fundamentaes em que a palavra póde ser estudada na expressão completa do pensamento.

41. Cada um desses aspectos póde ser encarado em uma época determinada ou na successão das épocas. Dahi a distincção entre grammatica *expositiva* e grammatica *historica.* Esta estuda a lingua no *tempo,* isto é, nas épocas successivas de sua vida historica; aquella no *espaço,* na região ou regiões em que ella é actualmente fallada.

42. A Grammatica historica baseia-se na circumstancia de jamais se estacionar a lingua viva na bocca do povo, mas de soffrer continuamente alterações em todos os seus elementos, quer *lexeologicos,* quer *syntacticos.* A esta trans-

formação lenta e continua das linguas vivas dá-se o nome de *evolução historica* ou *metamorphismos* da linguagem.

43. A evolução de uma lingua não se opera arbitrariamente, a capricho das multidões, mas sob o imperio de leis glotticas, que, na inconsciencia popular, regem o destino das linguas.

44. A *Grammatica historica* do portuguez é a chave da *Grammatica expositiva*, pois naquella tem esta a razão de ser de suas regras. A Grammatica expositiva deve ser o registro fiel dos habitos da lingua e de sua boa tradição, a depositaria dos ultimos resultados de sua evolução espontanea, a expressão actual de sua vida secular e de seu genio historico.

CAPITULO I

PHONOLOGIA

45. **Phonologia** (gr. *phoné* = *voz*, *logos* = *discurso*, + suff.—*ia*) estuda a origem e evolução dos phonemas vogaes e consoantes, incorporados nos vocabulos da lingua. Ella expõe a theoria do *vocabulismo* e do *consoantismo*, estuda as modificações accidentaes do systema phonetico, effectuadas nos diversos periodos da lingua, sob o influxo de variadissimos factores mesologicos.

46. Os vocabulos latinos, transportados para a peninsula Iberica pelos legionarios, foram soffrendo na bocca do povo, como é natural, profundas modificações na pronuncia, isto é, continuas alterações nos seus sons ou phonemas, que se foram paulatinamente enfraquecendo e alguns obliterando, p. ex.: *ficatum* ⋙→ *figado*, *civitatem* ⋙→ *cidade*, *digitum* ⋙→ *dedo*.

47. Estas *alterações phoneticas*, conjunctamente com a *analogia*, de que adeante tractaremos, foram os factores historicos, que metamorphosearam, no transcurso de dois mil annos, o latim popular em portuguez.

48 O estudo da Phonologia desdobra-se em duas partes, que são o estudo da evolução dos phonemas latinos, isto é, dos sons vogaes e consoantes, e o de sua representação graphica nos vocabulos: a primeira é a *Phonetica*, e a segunda é a *Orthographia*.

49. Antes de estudarmos essas duas partes da Phonologia, convem que lancemos rapido olhar sobre o systema de signaes graphicos com que tradicionalmente representamos os sons vocabulares, queremos fallar do Alphabeto.

CAPITULO II

ALPHABETO

50. Chama-se **Alphabeto** (gr. *alpha* = *a*, *beta* = *b*) um systema de signaes graphicos ou letras, que serve tradicionalmente para se figurarem os sons oraes ou phonemas da lingua.

51. A INVENÇÃO DO ALPHABETO.

Ignora-se quem tenha sido o inventor do Alphabeto. Entretanto, nenhuma outra invenção tem exercido maior influencia nos destinos da humanidade. Foi com certeza um momento feliz aquelle em que o bemfeitor anonymo da humanidade se lembrou de substituir os symbolos ideologicos das palavras pela figuração graphica dos sons oraes, de que se compõe a palavra fallada. A arte da representação graphica das palavras tem passado por quatro phases, segundo Burggraff,—a *figurativa*, a *symbolica*, a *ideographica* e a *phonetica*.

a) Na phase inicial *figurativa* os objectos eram desenhados ou pintados, e a figura suggeria o objecto e o seu nome.

b) Na phase *symbolica* a figura não só representava o objecto, mas ainda alguma qualidade inherente a elle; assim a figura do *leão* não suggeria só o animal, mas tambem symbolizava a *coragem*.

c) Na phase *ideologica* uma parte só da figura ou um signal convencional suscitava a *idéa* da coisa, taes como os signaes arithmeticos 1, 2, 3, V, X.

d) Na phase *phonetica* passava-se do signal da palavra para o signal do som, da representação ideographica para a representação phonographica. Foi um immenso progresso. Sobre quando e como se operou um tal phenomeno nada se sabe.

Foi no Egypto que isso se deu, segundo se crê, em épocas remotissimas. Dos egypcios receberam os phenicios o Alphabeto, os quaes, em suas largas navegações mercantis, pelo litoral do Mediterraneo, tiveram occasião de communicar aos gregos, e estes aos etruscos e aos latinos ou romanos.

52. Modificações do Alphabeto.

Os gregos substituiram certas letras, representativas de phonemas phenicios, desnecessarios á sua phonação, pelas *vogaes*, que a lingua phenicia, por seu turno, dispensava, e dahi o virem as *vogaes* disseminadas pelo Alphabeto.

Os romanos, por sua vez, rejeitaram certos caracteres gregos, alheios a seu systema phonetico, que transcreviam por um *digramma*, nos vocabulos oriundos do grego. São elles os seguintes:

θ	(theta) = th	— epithetus	⟹→	epitheto
φ	(phi) = ph	— philosophia	⟹→	philosophia
χ	(chi) = ch	— eucharistia	⟹→	eucharistia
ψ	(psi) = ps	— psyche	⟹→	psyche

Tal é a origem dos chamados *grupos gregos*, que, como os escriptores latinos, guardamos nas palavras de origem grega como — *theatro, photographia, psychologia, chimera.*

Além dessas consoantes rejeitaram ainda os romanos duas vogaes longas do alphabeto grego: o η (*êta*), e o ω (ômega); o êta era o *ê* longo, e o *ômega* (o + mega = o grande) era o *o* longo. O alphabeto latino nos transmittiu apenas o *e* breve (gr. ϵ), que os gregos denominavam *epsilon*

e o *o* breve, a que chamavam *ômicron* (gr. o+ micron = o pequeno).

O nosso alphabeto é o alphabeto latino, que nos transmittiu 23 letras na seguinte ordem: a b c d e f g h j k l m n o p q r s t v x y z.

Não distinguiam os latinos o *u vogal* do *u consoante;* para um e outro só tinham um unico signo V, ou, em forma mais arredondada, U. Assim escreviam VIVVS ou UIUUS = *vivus*. Assim se escrevia no velho portuguez até o seculo dezeseis. Nos velhos textos encontramos — *diuinhava, captiuo, duuidar*, que se lê — *divinhava, captivo, duvidar*. Posteriormente, do seculo dezeseis em deante, se começaram a discriminar os dois valores: para o valor *vogal* reservou-se *u*, e para o valor *consoante v*. Hoje ainda, nas inscripções, para effeito esthetico, guarda-se, ás vezes, a fórma antiga, p. ex.: THEATRO MVNICIPAL.

O mesmo phenomeno, que se deu com *u*, deu-se com *i*, que tinha egualmente o duplo valor de *vogal* e *consoante*, na dupla fórma de *i* e *j*, p. ex. *iudicium, cuius*, que se lê *judicium* e *cujus*. Nos textos archaicos do portuguez encontramos, muitas vezes—*vij, mijl, fornj, ffuj*. Do seculo dezeseis em deante, porém, adoptou-se a fórma *i* para o valor *vogal*, e a fórma mais alongada *j*, para o valor *consoante* do inicio das syllabas, p. ex., *iacere* ⇒ *jazer, cuius* ⇒ *cujo, Hieronymo* ⇒ *Jeronymo*.

53. Deficiencias e imperfeição do alphabeto.

O Alphabeto, apesar de sua extrema utilidade, é um instrumento imperfeito para a figuração graphica de todos os sons ou phonemas de nossa lingua.

1. Apenas temos cinco letras para a representação dos dezesete phonemas vogaes de nossa lingua (Vide Gr. Expositiva, § 35). Para obviar a esta deficiencia é necessario lançar-se mão de *signaes diacriticos* ou *notações phonicas*, com que se compõe a vogal (ib., § 102), p. ex.: *é, ê, en, ó, ô, õ, on, om, un, um*, etc.

2. Para os dois phonemas consoantes molhados *nhe* e

lhe, não ha letra, e necessario se tornou soccorrermo-nos de um *digramma* — *nh, lh.*

3. Para certos phonemas consoantes ha superabundancia de signaes graphicos: para o guttural forte — *k, c, qu, ch;* para o palatal forte chiante— *ch, x,* e para o brando *j, g,* etc.

4. Finalmente, as *homophonias* constituem mais uma inconveniencia de nosso alphabeto. Estas homophonias consistem na equivalencia phonica de muitos symbolos literaes. Assim são *homóphonos* em certas circumstancias: *s, ç, x* — *siso, çebra, exemplo; s, c, ç, ch, sc* — *seu, céo, caça, catechismo, sciencia; c, k, ch, qu* — *cá, kermes, archanjo, quatorze; e, i, leal, liar; o, u* — *logar, luar; j, g* — *jejum, gesso; x, ch* — *xadrez, chato,* etc.

54. Reforma do Alphabeto.

A reforma do Alphabeto deveria ser o passo inicial para a reforma da orthographia. Aquella deveria determinar que a cada phonema distincto da lingua correspondesse um signo literal simples e exclusivo. Esse ideal, porém, de um Alphabeto perfeito encontra, para sua realização, insuperavel barreira não só nos habitos conservadores do povo, mas tambem na quasi infinita variedade de prolação dos phonemas vocabulares, de individuo para individuo, e de uma geração para outra.

PHONETICA

55. **Phonetica** é o estudo do *vocalismo* e *consonantismo,* quer encarado em sua formação physiologica, quer estudado em seu desenvolvimento historico.

A *Phonetica* divide-se, por conseguinte, em duas partes, a saber:

Phonetica physiologica e Phonetica historica.

PHONETICA PHYSIOLOGICA

CAPITULO I

56. **Phonetica physiologica** estuda a formação dos phonemas no apparelho natural de phonação; em outros termos, estuda o apparelho da voz humana e a sua funcção na producção dos sons vogaes e consoantes.

E', como se vê, o estudo da physiologia (1) dos phonemas.

57. APPARELHO DE PHONAÇÃO.

O apparelho de phonação é constituido pelo conjuncto dos orgams que entram na formação da voz humana.

A voz humana, do ponto de vista de sua producção, caracteriza-se pelas *vozes* ou sons vogaes e pelas *consonancias* ou sons consoantes, que são abrangidos na designação generica de *phonemas*.

O nosso apparelho vocal ou de phonação compõe-se, em primeiro logar, dos *pulmões* e da *trachéa-arteria*.

Os *pulmões* são como duas grandes esponjas, que enchem a caixa thoraxica ou peito, á direita e á esquerda, e que se communicam, por meio das ramificações dos *bronchios* ou pequenos tubos, com a base inferior da *trachéa-arteria*.

A *trachéa-arteria* é um tubo cartilaginoso, que, prendendo-se aos *pulmões* pelos *bronchios*, se communica com o ar externo por meio do *tubo buccal* e *fossas nasaes*.

O ar exterior *inspirado* enche os pulmões, que, funccionando á maneira de folle, expellem pouco a pouco o ar pelo mesmo caminho por onde entrara, isto é, pela *trachéa-arteria*. O ar, assim *expirado*, encontra na extremidade superior da trachéa, chamada *larynge*, um obstaculo creado por dois ligamentos unidos, lado a lado, á parede da larynge, em sentido horizontal, atravessando-a. Estes ligamentos

(1) Physiologia é a parte das sciencias naturaes que tracta da funcção dos orgams dos corpos organizados.

chamam-se *cordas vocalicas*, e são ellas que, postas em vibração, pelo impulso do ar expirado, produzem o *som fundamental* da voz humana. Este som fundamental, modificado no *tubo buccal* e *fossas nasaes*, dá origem ao *phonema* ou som articulado, que então se especializa em *vogal* e *consoante*.

Todos os phonemas, pois, quer vogaes quer consoantes, são *fundamentalmente* identicos, são todos sons laryngeos, cuja differenciação se opera no *espaço de resonancia*, que comprehende — a *pharynge*, o *tubo buccal* e as *fossas nasaes*. Neste espaço de resonancia se caracterizam e differenciam os phonemas por meio das diversas posições das partes moveis da bocca, a saber: o *véo do paladar*, a *lingua*, a *maxilla inferior* e os *labios*.

Na formação dos phonemas pelo apparelho da voz humana, convem ainda discriminar os *orgams formadores* e o *logar de formação ou ponto de articulação;* assim o phonema *t* tem *por orgams formadores* a *lingua* e a *arcada dentaria superior*, e por *logar de formação* o segundo destes orgams; o phonema *a* tem por *orgam* e *logar* a garganta.

58. Analyse dos sons vocalicos.

Para o estudo dos phonemas importa ter idéa clara sobre a natureza dos sons vocalicos ou sons oraes.

Som é a sensação cerebral provocada pelas vibrações do ar e transmittidas ao cerebro pelo tympano e pelo nervo acustico.

No som vocalico distinguem-se quatro qualidades, que são: a *altura*, a *intensidade*, a *duração* e o *timbre*.

A *altura* do som é determinada pelo numero das vibrações; a *intensidade* pela amplitude dellas; a *duração* pelo tempo durante o qual age a causa productora das vibrações; o *timbre* é a resultante da combinação do som fundamental com os sons secundarios, chamados *harmonicos*, que sempre o acompanham. Assim a vogal pronunciada póde ser, quanto á altura, *alta* ou *baixa;* quanto á intensidade *tónica* ou *átona;* quanto á duração, *longa* ou *breve;* quanto ao timbre, ella se distingue pelo caracter especial que lhe imprime o apparelho vocal da pessoa que a enuncia.

No estudo grammatical interessa-nos especialmente a *intensidade*, a *duração* e o *timbre*. A intensidade dá-nos a *tonicidade* da vogal *tónica* ou *átona;* a duração dá-nos a *quantidade* da vogal *longa* ou *breve*. Nas linguas classicas latina e grega tinha grande importancia a *quantidade* da vogal, era ella a base da prosodia, e era ella que regulava a tonicidade, como veremos mais adeante. O timbre dá-nos a *qualidade* da vogal — *aberta, fechada, surda, pura* e *nasal*.

CAPITULO II

THEORIA DAS VOGAES

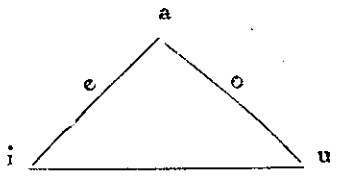
59. As *vozes* ou phonemas vogaes são, como as consonancias, sons laryngeos, porém, destas se differençam em sahir livremente pelo tubo vocal (bocca e fossas nasaes), ligeiramente modificadas pelas diversas posições das partes moveis da bocca — *véo do paladar, lingua, maxilla inferior.*

60. Na gamma vocalica das linguas aryanas existem cinco vogaes, que são as que nos transmittiu o latim, a saber: *a, e, i, o, u.*

61. TRIANGULO DAS VOZES. — As cinco vozes dividem-se em dois grupos em relação á sua genese physiologica, que são: as *primitivas* ou *primarias — a, i, u,* e as *secundarias* ou *intermediarias — e, o.*

a) As *primitivas,* na sua genese, formam um triangulo occupando pontos extremos no canal da bocca, que são — *a garganta, o paladar* e *os labios.* O *a* tem seu ponto de articulação na garganta, o *i* no paladar, e o *u* nos labios. O *a* occupa o ápice do triangulo, o *i* e *u* as bases.

b) As *secundarias—e, o* occupam um logar nos lados do triangulo relativamente á sua producção: o *e* no lado direito, entre *a* e *i,* e o *o* no lado esquerdo entre *a* e *u.* Podemos, pois, traçar o seguinte triangulo das vozes, que recebemos do latim.



c) A *intermediaria e* nasceu da combinação de a + i (= e), e a *intermediaria o* de a + u (=o). Na graphia do francez e do inglez manifesta-se esta formação secundaria, p. ex., fr. *paix, pauvre;* ingl. *paid, slaughter.* Nestas palavras — $a + i = e$, $a + u = o$.

62. ANALYSE QUANTITATIVAS DAS VOZES. — A duração do som na prolação da vogal, dá-nos a noção da *quantidade.* Em relação á quantidade as vogaes são *longas* ou *breves.* As *longas* são as que levam duas vezes o tempo necessario para a pronunciação das *breves.* Dahi o dizer-se que a vogal *breve* se pronuncia em um tempo, e a *longa* em dois.

Nos tractados especiaes a vogal breve é assignalada por um signal chamado *brachia* (⏑), superposto ás vogaes — ă, ĕ, ĭ, ŏ, ŭ, e a longa por uma outra chamada *macron* (—), superposto ás mesmas vogaes.

A quantidade da vogal de uma syllaba determina a quantidade syllabica, que representou papel importante no periodo classico do latim e do grego. Era ella, no dizer de Guardia Wierzeyski, a alma do accento latino. Nessas linguas classicas a tonicidade se subordinava á quantidade; a syllaba tonica latina era sempre a penultima, se esta fosse longa, e a antepenultima, se fosse breve. Os poemas mediam-se por *pés,* e estes se regulavam pela quantidade syllabica. Nas linguas, porém, neo-latinas, perdeu a *quantidade* essa importancia, e subordinou-se á tonicidade. O accento tónico é que é a alma da palavra nas linguas romanicas. Comtudo, não desappareceu inteiramente a quantidade prosodica em portuguez, e o conhecimento do valor quantitativo das syllabas de um vocabulo é um dos elementos de uma boa pronuncia. No Brasil, em geral, pouco cuidado se dá á quantidade na pronunciação

de uma palavra; o que não acontece tanto em Portugal. Entre nós, mormente no sul do Brasil, se pronuncia — *pādeiro, vādio,* como *cădado, sŏbrado.* Todavia, são longas por natureza, e como taes pronunciadas, maxime no dialecto literario: *a*) as vogaes das *syllabas tónicas — mesāda; b*) as vogaes contractas — *a* + *a* = *ā, a* + *aquelle* = *āquelle; c*) as vogaes *nasaes—vēnto.*

63. ANALYSE QUANTITATIVA DAS VOZES. — O timbre da enunciação da vogal dá-nos o conceito de *qualidade.* Em relação á *qualidade* as vogaes classificam-se, em primeiro logar, em *puras* e *nasaes.* As *puras* ou *oraes,* são formadas com o véo do paladar levantado, e as *nasaes* com elle abaixado, de modo que parte do ar sonoro reflue para as fossas nasaes. As *puras,* por sua vez, teem trez valores *qualitativos,* que são — *aberto, fechado* e *surdo.* Em nossa prosodia nacional, difficultosamente descobrimos os trez matizes qualitativos nas vogaes primitivas — *a, i, u.* Estas vozes oraes mais se distinguem entre nós pela *quantidade,* que pela *qualidade.* O *â fechado* (*dâma*) de Portugal é extranho ao fallar do Brasil.

64. CLASSIFICAÇÃO PHYSIOLOGICA DAS VOZES. — As *vozes,* como as *consonancias,* distribuem-se em grupos ou séries caracterizadas pela sua physiologia, isto é, pelos pontos de articulação ou orgams formadores. São trez essas séries, correspondentes aos vertices do triangulo das vozes:

GUTTURAES	PALATAES	LABIAES
á, â, a, ã	é, ê, e, ẽ	
	i, ĩ, ī	
		ó, ô, o, õ
		ú, u, ũ

CAPITULO III

THEORIA DAS CONSOANTES

65. As *consonancias* ou phonemas consoantes são, como as vozes, sons laryngeos, que dellas se distinguem em não sahirem livremente pelo tubo vocal, como acontece ao som vogal. Os phonemas consoantes saem ou apertados ou explosivos dos seus orgams formadores.

Na prolação das consoantes ouve-se de necessidade um som vogal; sem este som vogal, a consoante, como observa Max Müller, seria apenas um *ruido consonantal*, não seria elevada á categoria de voz; dahi o seu nome de *consoante* (com + soante = soa com vogal).

66. CLASSIFICAÇÃO PHYSIOLOGIA DAS CONSONANCIAS. — Physiologicamente os phonemas consoantes se classificam em relação ao *modo*, *logar* e *grau* de sua formação.

I. Quanto ao *modo* de sua formação, agrupam-se os phonemas consoantes em duas classes, chamadas — *con-*relação ao *modo*, *logar* e *grau* de sua formação.

CONSONANCIA { *continua* — *f e v, s e r, x e j, r e l, m e n.* / *momentanea* — *p e b, t e d, k e g.*

1.ª As *continuas*, *constrictivas* ou *constrictas*, são formadas pela approximação intima dos orgams formadores, entre os quaes passa o ar constrictivo ou apertado, podendo prolongar-se o som.

Subdividem-se estas em trez categorias:

CONTINUA { *fricativa* — *f e v, s e z, x e j.* / *vibrantes* — *r e l.* / *nasaes* — *m e n.*

Os gregos chamavam a esta classe *hemiphonas* ou *semivogaes*, por isso que, como na formação das vogaes, os orgams formadores não vinham em contacto. Já os grammaticos da lingua sânskrita lhe davam, como qualidade especifica, o não virem em contacto os dois orgams, activo e passivo, concorrentes na producção de todos os ruidos consonantaes.

2.ª As *momentaneas*, *explosivas*, *explodidas* ou *occlusivas* são formadas pelo contacto intimo ou occlusão dos orgams formadores, que se separam abruptamente numa como explosão momentanea do ar, taes são, como já vimos: — *p e b, t e d, k e g.*

II. Quanto ao *logar* ou *ponto de articulação*, dividem-se os phonemas consoantes em cinco ordens, que recebem os

seus nomes dos orgams formadores ou do ponto de contacto de sua formação, taes são:

1. Linguo-gutturaes	—	*k, q* (gue)
2. Linguo-palataes	—	*x, j, i, nh, lh*
3. Linguo-dentaes	—	*t, d, s, z, r, l, n*
4. Labio-dentaes	—	*f, v*
5. Labio-labiaes ou bilabiaes	—	*p, b, m*

a) As linguo-palataes dizem-se *marginaes*, porque nas *margens* ou bordos da lingua é que esses phonemas se formam. O *i* (y)[e] só tem valor consonantal quando entre vogaes — *maio, maior, faia, guayanazes.* O *x* e o *j* tambem se denominam *chiantes.* O *x* duplice pertence ás *gutturaes* e ás *dentaes.*

b) As linguo-dentaes dizem-se *apicaes* por concorrer na sua formação o *apice* da lingua; o *s* e *z* dizem se tambem *sibilantes.*

c) O *s* e o *z* no fim das syllabas teem, em Portugal e no Rio de Janeiro, um som chamado *reverso* ou *reversivo* (indicado na phonetica por s, z), semelhante ao som do *z*, formado pela parte anterior da extremidade da lingua na arcada dentaria superior, por ex.: *cesto = cexto, rapidez = rapidex, pires = pirex, alferes = alferex.* Esta pronuncia que se resente de influencia gallega, é recommendada por A. Castilho, como a pronuncia correcta em Portugal. No Brasil, porém, pertence a pronuncias regionaes onde se faz sentir mais forte a influencia lusitana. "Corresponde esse *s* reversivo ao *s* beirão intervocalico".

d) As consoantes *r, l, m, n*, são chamadas *liquidas* pela propriedade de correrem na pronuncia com outra consoante, que as preceda, formando grupos — *pr, pl, gm, gn* — *prova, plano, dogma, digno*, etc. O *r* é chamado *vibrante* ou *tremulante.*

e) As consoantes *m, n, nh*, são *nasaes*, as outras são *oraes.*

f) Nota-se que, em cada *ponto de articulação*, os dois orgams concorrentes formam um par de phonemas con-

soantes, que por isso se denominam *homorganicos* (gr. *homos* = *o mesmo*), taes como — *p* e *b*, *s* e *z*, *x* e *j*, etc. Semelhantemente as consonancias formadas por orgams differentes são chamadas *heterorganicas* (gr. *heteros* = *outro*), taes como — *b*, *t*, *v*, *g*, *s*. Estes são proximos ou afastados, conforme a distancia dos orgams respectivos de producção.

III. Quanto ao *grau* ou esforço empregado na prolação, dividem-se os phonemas consoantes em duas categorias, a saber:

CONSONANCIA { surda, forte, aspera — p, f, t, s, rr, x, k,
sonora, branda, doce — b, v, d, z, r, j, g.

Como se vê, a cada forte corresponde uma homorganica *sonora* ou *branda*. Os pares homorganicos, já antes notados, são, portanto, determinados pelo maior e menor esforço de prolação.

a) As *fortes* ou *surdas* são caracterizadas pela falta de resonancia das *cordas vocalicas*, como—*p*, *f*, *t*, *s*, etc.

b) As *brandas* ou *sonoras*, ao contrario, são caracterizadas pela resonancia das *cordas vocalicas*, resonancia que se póde perceber como um ruido no fundo da garganta, quando fazemos esforço para pronunciá-las, p. ex.: *b*, *v*, *d*, *z*, etc.

SYNTHESE DA CLASSIFICAÇÃO DOS PHONEMAS

ORDEM	MOMENTANEAS		CONTINUAS			Molhadas
	Surdas	Sonoras	Surdas	Sonoras	Nasaes	
Gutturaes	k	g	. .	a	ã	
Linguo-palataes	.	.	x	i, é, ê, u	ẽ, ĩ, nh	lh
Linguo-dentaes	t	d	s, rr	z, r, j,	n	
Labio-dentaes			f			
Labio-labiaes	p	b	.	ó, ô, u	m, õ, ũ	

CAPITULO IV

THEORIA DOS GRUPOS PHONETICOS

67. Grupos.

Por vezes, os phonemas vogaes e os consoantes apresentam-se, na contextura dos vocabulos, reunidos em grupos, denominados — *grupos vocalicos* e *grupos consoantes*.

I. GRUPOS VOCALICOS.

68. Os *grupos vocalicos* ou agrupamentos de vogaes classificam-se em — *diphthongo, triphthongo* e *hiato*.

Os chamados *monophthongos* (gr. *monos* = *um, phthongo* = *som*), constituidos por duas letras com um só valor phonetico, como — *que, quatorze, guerra*, são apenas habitos ou expedientes orthographicos.

1. DIPHTHONGOS.

69. *Diphthongo* (gr. *di* = *duplo, phthongo* = *som*) é o grupo vocalico de duas vogaes pronunciadas em um impulso unico de voz, porém, com *intensidade differente*. Em relação á intensidade dos sons vogaes, o diphthongo divide-se:

DIPHTHONGO { decrescente — ai, au, ei, eu, iu, oi, ou, ui
crescente — ĕa, ia, ŭa, ie, io

a) O typo *decrescente* do diphthongo realiza-se quando a primeira vogal, chamada *prepositiva*, tem maior intensidade, como — *pai, pau, peito*, etc.; e o *crescente*, quando a segunda vogal, chamada *subjunctiva*, sobreleva em intensidade á primeira, como — *glória, nivea, magua, especie, vário*.

b) Quando no grupo crescente a *prepositiva* é accentuada, ou a subjunctiva no grupo *decrescente*, dá-se o *hiato*, p. ex.: *gloría, platéa* (eia), *desagúa, espíe, vaío, paíz, paúl, conteúdo, piédade*.

"Em portuguez (observa Gonçalves Viana) somente se denominam ditongo os *decrescentes;* todavia na metrificação a prepositiva dos ditongos *crescentes* não forma usualmente syllaba independente".

c) Os *crescentes* são, pois, diphthongos *imperfeitos* ou *semidiphthongos*, que formam grammaticalmente duas syllabas, e que na poesia formam frequentemente uma; assim *oceano, suave, gloria,* teem, a primeira, quatro syllabas *grammaticaes*, e póde ter apenas trez *metricas.* Por onde se vê que a contagem das syllabas differe ás vezes na poesia da contagem na prosa, e as syllabas *metricas* nem sempre coincidem com as grammaticaes.

d) *Synérese.* Dá-se, geralmente, o nome de *synérese* (gr. = contracção) á liberdade, que teem os poetas, na exigencia da metrificação, de contrahirem em diphthongo *crescente* um *hiato*, pelo recuo da tónica: *metéoro* por *meteóro*, e *Dário* por *Darío.* Na evolução da lingua operou-se largamente a *synérese* em certo periodo, quando, pela quéda da consoante medial intervocalica, vierem as vogaes de duas syllabas em contacto: *date* ⋙→ *dade* ⋙→ *daë* ⋙→ *dae.* A synerese neste caso assignala o periodo da *diphthongação.*

e) *Diérese.* Dá-se o nome de *diérese* (gr. = *divisão*) á faculdade, contraria á *synérese*, que se concede aos poetas, de, em certos casos, desfazer o *diphthongo* em *hiato*, dividindo uma syllaba em duas, pelo avanço da tónica: *Eólo* por *Éolo, Ethiópe* por *Ethiope, impio* por *impio.* O signal diacritico desta figura chama-se *dierese, cimalha* ou *trema* (..), e é quasi desusado em portuguez.

Obs. 1.ª — Traição tem actualmente duas syllabas grammaticaes, e só por *synérese* poderia ter no verso trez syllabas. No tempo de Camões, porém, segundo E. Dias, não se tinha operado ainda a *synérese* ou *diphthongação*, e, neste caso, a pronuncia *diérese* no verso dos Lusiadas: *Astutas traïções, enganos varios.* Notamos, porém, esta figura no verso de Bocage: *Se me crêste, gente impía,* rimando com *corria* (ap. G. Viana), e nos seguintes passos de Camões, a *synérese* e *diérese:*

A gente que esta terra possuia,
Posto que todos Ethiópes erão,
Mais humana no trato parecia.
Lus. 5. 62.

Sintra, onde as Naiádes escondidas
Nas fontes vão fugindo ao doce laço.
Lus. 3. 56.

Aquelle que nos campos Marathonios
O grão poder de Dário estrue e rende.
Lus. 10. 21.

De branca escuma os mares se mostravão
Cobertos, onde as prôas vão cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Prótheo são cortadas.
Lus. 1. 19.

Obs. 2.ª — *Prótheo* e *Protheo* eram pronuncias facultativas, segundo G. Viana. Quanto a *Théseo* (Lus. 2. 112), acha o mesmoroma nista que não ha deslocação da tónica, pois existe em lat. *Thēseus* e *Thēsēus;* o mesmo acontece com a accentuação camoneana de *Cleopátra* (10. 142), *idololátra* (2. 54), *idolátra* (8.85).

70. DIPHTHONGOS DECRESCENTES. — Os diphthongos decrescentes ou perfeitos do portuguez são:

	ORAES	NASAES	
ae, ai, ay	vae, gaita, vay (arch.)		
		ãe, ãi,	mãe
ao, au	vao *e* vau, pauta	ão, am	vão, tiram
éi	réis	em, (ẽi)	bem, vem
êi, ey	reis, rey (arch.)		
éo *e* **éu**	céo *e* céu		
eu *e* **êo**	seu *e* sêo		
iu *e* **io**	viu *e* vio		
óe, ói	heroe, ovoide		
ôe, ôi, oy	voe, boi, foy	**õe**	**põe**
ou	vou		
ue, ui, uy	frue, fui, Ruy	uĩ	muito

Em Lisboa os diphth. *ei, em* (ẽi) e *ou* soam *âi, ãi* e *ô;* assim — *peito* e *ouço* pronunciam-se — *pâito, ôço.* Com este ultimo dá-se o mesmo no Brasil, no dialecto popular. Semelhantemente o diphth. *em* (ẽi) soa em Lisboa *ãi*: *bem* = *bãi.* "No norte do reino, escreve o distincto phoneticista G. Viana, ou se profere como em Lisboa, ou conserva a vogal tonica nasal o seu antigo valor — em = ẽ. No sul, Alemtejo e Algarve, *em* vale *ẽ*, convem saber, é vogal nasal e não ditongo".

2. TRIPHTHONGOS.

Triphthongos (gr. *tri* = *trez*) é o grupo vocalico de trez vozes, que, no vocabulo, representam duas syllabas, uma simples e outra diphthongal, p. ex.: *egu-aes, enxagu-aes.* A pronuncia ligada — *eguaes, enxaguaes,* impede a separação do triphthongo na partição do vocabulo. Nas outras combinações, como — *constru-aes, manu-aes, passe-aes, vigi-aes, principi-aes,* existe propriamente um *hiato,* que extrema francamente a vogal thematica do diphthongo desinencial. Em *guyanazes* o triphthongo *guay* fórma hiato com a vogal seguinte.

3. HIATOS.

Hiato (lat. *hiatus* = *abertura*) é o encontro de duas vogaes francamente separaveis em dois impulsos de voz, como, p. ex., *via partia, rio tio, cooperar, proeminente, preeminencia, comprehender* (compreender), *bahu* (baú), *saúde.*

O *hiato* repugna ao genio da lingua, e tende a desapparecer no fallar do povo (cf. *comprender, surprender*), e só se mantem sob a acção da tónica, ou da literatura nos hiatos átonos (*cooperar*).

II. GRUPOS CONSONANTES.

71. No corpo dos vocabulos apparecem frequentemente duas e, ás vezes, trez consoantes agrupadas, identicas ou differentes — *attenção, acto, pacto, extracto, estranho.* Em muitos desses grupos a primeira dessas consoantes tem perdido o valor phonetico, e é *insonora,* e só apparece na palavra escripta por uma tradição etymologica.

Esta obliteração do som da prepositiva deu-se em portuguez uniformemente nos grupos geminados: — *bb, dd, ff, gg, ll, mm, nn, pp, rr, ss, tt, — abbade, addição, affirmar, aggregar, collegio, consummar, solenne, approvar, carro, passar, attento.*

No grupo *cc,* não raro é ainda sonora a prepositiva: *convicção, confecção, cocção, coacção, defecção, facção, intellecção, inflicção, sucção, introspecção, occipital, occiduo, occisão.* Estas palavras, porém, são de uso erudito.

PHONETICA HISTORICA

72. **Phonetica historica** é o estudo systematico das modificações que, no curso do tempo e em diversas regiões, soffreram os phonemas incorporados nos vocabulos latinos, que constituem o nosso lexico: é o estudo da evolução phonetica, no tempo e no espaço. O estudo da Phonetica historica revela que essas modificações do phonetismo vocabular não se effectuaram arbitrariamente, mas, em uma metamorphose lenta e espontanea, obedeceram a *leis* ou *principios geraes*.

Existe, no dizer de Bréal, uma como *vontade inconsciente* na evolução das linguas, que, aliaz, se caracteriza como um processo *espontaneo, lento e gradual*.

Antes, porém, de entrarmos no estudo dessas leis e das modificações accidentaes do systema phonetico, lancemos rapido olhar sobre os elementos vocabulares constituidos pelas syllabas.

CAPITULO I

SYLLABA

73. **Syllaba** (gr. *syl* = *syn* = *com*, *lambanô* = *lanço*) é um ou mais phonemas enunciados em um impulso unico de voz. Etymologicamente é a reunião de dois ou mais phonemas em uma só emissão de voz; porém, como se vê da definição, é mais amplo o conceito grammatical de syllaba.

Como a syllaba é a emissão da voz, e as vozes são essencialmente enunciadas pelas vogaes, segue-se que não ha syllaba sem vogal, e esta só póde ser *simples* ou *dupla* (*osso* e *ouçaes*).

74. Classificação dos vocabulos pelo numero das syllabas. — Em relação ao numero das syllabas, os vocabulos classificam-se em:

a) *Monosyllabo* (gr. *monos* = *um*) é o vocabulo de uma só syllaba: *má, mas, só, vê, se*.

b) *Dissyllabo* (gr. *dis* = *dois*) é o vocabulo de duas syllabas: *pacto, feito, vida.*

c) *Trisyllabo* (gr. *tris* = *treẓ*) é o vocabulo de trez syllabas: *justiça, bondade, laranjal.*

d) *Tetrasyllabo* (gr. *tetra* = *quatro*) é o vocabulo de quatro syllabas: *justiceiro, caridoso.*

e) *Polysyllabo* (gr. *poly* = *muito*) é o vocabulo que tem mais de trez syllabas: *caritativo, difficultosamente.*

75. Classificação das syllabas. — A sorte das syllabas, na evolução phonetica, depende muito da sua *natureza, posição, quantidade* e *tonicidade.*

1. Quanto á sua *natureza* ou *composição,* as syllabas classificam-se em — *simples* e *compostas, complexas* e *incomplexas.*

a) *Simples* é a syllaba de uma só vogal, como — *pá;* e *composta,* a de duas vogaes ou diphthongal, como — *pae.*

b) *Complexa* é a syllaba de mais de uma consoante como — *pra - tos;* e *incomplexa,* a de uma só consoante, como — *ro - da.*

2. Quanto á *posição,* as syllabas são — *iniciaes, mediaes* e *finaes,* conforme occupam o *principio,* o *meio* ou o *fim* do vocabulo, como — *bon - da - de.*

3. Quanto á *quantidade,* as syllabas podem ser *longas* ou *breves,* conforme o valor quantitativo de sua vogal. Este valor nos é dado pelo tempo ou demora na pronuncia. A formula convencional é que uma vogal longa é egual a duas breves — ē: = ĕĕ; sendo a vogal breve pronunciada em um tempo, e a longa em dois. No estado actual da lingua, o valor *quantitativo* da vogal syllabica depende da syllaba tónica. As que estão depois desta, isto é, as *postonicas,* são mais breves do que as que estão antes, isto é, as *postonicas,* p. ex. — *caridosissimo.*

4. Quanto á *tonicidade,* as syllabas são *tonicas* e *átonas.*

76. Como já vimos, quatro são as qualidades que se notam na prolação dos sons vocalicos: — a *altura*, a *duração*, o *timbre* e a *intensidade*.

a) A *altura* é o resultado do numero das vibrações, e, segundo observa Darmesteter, representava papel importante na modulação vocalica das linguas classicas grega e latina. Dahi o caracter musical proeminente dessas linguas.

No portuguez, como nas linguas neo-latinas, perdeu seu valor prosodico, e tem, como mostra o mesmo philologo, um valor syntactico; pois na altura ou emphase de certas syllabas discrimina-se o valor significativo de certas proposições, p. ex.: *Paulo contou isso — Paulo contou isso! — Paulo contou isso?* Nestas proposições a altura com que se pronunciar a syllaba tonica da ultima palavra (is), determina o caracter *declarativo, exclamativo* ou *interrogativo* da proposição. Essa modulação emphatica especial, que nos fornece o sentido particular de cada uma das proposições, é dado pela *altura* na prolação da vogal *i* de *isso*.

b) A *duração* é o tempo variavel na prolação, e dá-nos a *quantidade* syllabica, que nas linguas neo-latinas foi absorvida, em geral, pela tonica. Em francez, comtudo, é ainda apreciavel o valor quantitativo das syllabas de certas palavras, e a ausencia ou presença do accento graphico adverte ao leitor da necessidade de fazer breve ou longa a syllaba, como em *cheval, Renan,* e *chéri, Rémusat.* Um dos traços caracteristicos que separam o portuguez fallado no Brasil do fallado em Portugal, consiste na differença do valor quantitativo syllabico. A pronuncia rapida e forte do portuguez contrasta com a pronuncia demorada e melodica do brasileiro. As syllabas breves são brevissimas no dialecto lusitano, e, não raro, a rapidez da pronuncia elimina a syllaba breve, v. gr. *qu'rer, Blãin,* por *querer, Belem.*

c) O *timbre* é o resultado da combinação do som fundamental com os sons secundarios ou harmonicos, e dá-nos os diversos phonemas vogaes, seus valores qualitativos e numerosos matizes phonicos, que a escripta não tem meio de fixar.

d) A *tonicidade* é o resultado da amplitude das vibrações, que dá mais intensidade ao som da vogal syllabica, e que, pela suprema importancia que adquiriu na prosodia moderna, merece que lhe demos aqui attenção especial.

CAPITULO II

O ACCENTO TÓNICO

77. **Accento tónico,** tambem chamado *accento prosodico* ou *icto* (lat. *ictus* = *golpe*), é o tom de voz intenso e forte na prolação de uma syllaba.

78. Davam os gregos ao seu accento o nome de *prosodia* (de *pros* = *perto*, e *ode* = *canto*, isto é, canto que acompanha a palavra); os grammaticos latinos traduziram literalmente a palavra *prosodia por accentus* (de *ad* = *perto* e *cantus* = canto) (Darm.). Este *accento*, porém, que era accento de *altura*, lá pelos sec. II ou III da E. C., por uma revolução que se operou na pronuncia popular, "tornou-se insensivelmente um *accento de intensidade*, e o antigo accento de intensidade fundiu-se com elle". Esta fusão, de que tracta o eminente philologo francez acima citado, concorreu, sem duvida, para dar ao actual *accento tónico* a supremacia prosodica nas linguas neo-latinas.

79. *Accento* é, em geral, a modulação ou inflexão de voz na prolação das syllabas de um vocabulo, dando-lhes maior ou menor intensidade, ou altura, donde resulta a variedade, a harmonia, a belleza musical das palavras, elemento tão necessario como o proprio som. Ha na palavra, diz Cicero, uma especie de canto: *est in dicendo etiam quidam cantus*. — Para indicar o accento usavam tambem os latinos, ensina-nos Guardia, o termo *tonus* (*tonores, tenores*), tomado aos gregos e derivado de um verbo cuja significação designa o acto de dar tensão ás cordas da lyra. A adopção desses termos denota o valor musical do accento tónico das linguas classicas. Este accento, ensina ainda

Guardia, a que os gregos chamavam dominante (Χυδιο τόνος) era, segundo Diomede, uma como alma da palavra, *velut anima vocis*. Um linguista italiano compara-o ás pulsações que batem o compasso da vida (*ictus*).

80. Lamenta Darmesteter que o termo *accento tónico* designe hoje o *accento de intensidade*, quando devia mais propriamente designar o *accento de altura*, pois que a palavra tónico, (do gr. *tonikos*) melhor condiz com as differenças da gamma vocalica. Acha elle melhor que o accento tónico, que é nas linguas modernas accento *de intensidade* e não *de altura*, seja designado pela expressão *icto* ou *tempo forte*.

81. **Accentos graphicos.**

Por natural translação de sentido, a palavra *accento* applica-se tambem a certos signaes graphicos tomados aos gregos, que servem modernamente para indicar o valor qualitativo das vogaes, taes são: o *accento agudo* (´), que indica som *aberto* ou *agudo*, a que os gregos chamavam *oxyton;* o *accento grave* (`), que indicava sons graves, a que os gregos chamavam *baryton;* o *accento circumflexo* (^), que indicava sons simultaneamente *graves* e *agudos*, chamados pelos gregos *perispómeno*. Não havendo *accento graphico* ou signal diacritico para assignalar a syllaba tónica, empregam-se, ás vezes, o agudo (´) ou o circumflexo (^) para esse effeito, conforme a qualidade da vogal tónica.

82. Syllaba tónica, atónica e subtónica.

Em relação ao accento tónico, as syllabas podem ser *tónicas, atónicas* e *subtónicas*.

1. *Tónica* é a syllaba *accentuada*, sobre que recae o accento tónico, como — *câmara, cása, casár*.

2. *Atónica, átona* ou *fraca* é a syllaba *inaccentuada*, como a primeira e a ultima dos trisyllabos — *amado, orgulho, cantando*.

Os monosyllados, em portuguez, ou são tónicos, *accentuados* e *fortes*, como — *mó, dá, fé*, ou são *átonos, atonicos, inaccentuados* e *fracos, como — me, de, nos, se que.*

Os monosyllabos *atónicos* ou *fracos* são na phrase *enclíticos* e *procliticos.*

a) *Encliticos* (gr. de *enklinein = inclinar-se*) são as particulas fracas que na pronuncia se incorporam no termo antecedente, fazendo com elle um todo prosodico: — *armar*-SE, *amar*-SE-LHE, *di*-LO, *eis*-ME. Com as encliticas, a *tónica* póde recuar aquém da antepenultima, como: *âma-se-lhe.*

b) *Procliticos* (gr. *pro= ante, klises = inclinação*), são as particulas fracas que se incorporam na pronuncia, ao termo seguinte, como — *não* o *disse, eu* ME *arrependo, sei* QUE vae.

Os monosyllabos latinos são todos *accentuados,* excepto alguns *procliticos.* Entre estes existem, em latim e em portuguez, dissyllabos.

3. *Subtónica* é a syllaba que, em certas palavras derivadas e compostas, recebe um *accento secundario,* que, abaixo da tónica, lhe dá proeminencia sobre as outras syllabas do vocabulo; esta *subtónica* é a tónica do vocabulo primitivo ou simples, p. ex.: *sábiamênte, pállidamênte, pudícamênte, passividáde, águardênte,* de *sábio, pállido, pudíco, passivo, água.*

83. POSIÇÃO DA TÓNICA.

O accento tónico póde em portuguez incidir sobre a *ultima, penultima* e *antepenultima syllaba,* denominando-se então o vocabulo:

a) *Oxytono* (gr. *oxy + tonos, oxy = agudo*) ou *agudo,* quando a tónica incide sobre a ultima syllaba: *café, mercê, movél, parecer.*

b) *Paroxytono* (gr. *para + oxy + tono, para = juncto, perto*) ou *grave,* quando incide a tónica sobre a penultima (lat. *pene = quasi*): — *verdade, justiça, açúcar.*

c) *Proparoxytono* (gr. *pro* + *para* + *oxy* + *tono*, *pro* = *antes*), *dactilico* ou *esdrúxulo*, quando recebe a tónica na antepenultima: — *pállido, âmbito, circulo, láudano.*

84. Na prosodia vernacula, o accento tónico só recúa aquém da antepenultima quando ao vocabulo se incorporam pronomes encliticos, taes como — *annuncia-se-lhe, fálla-se-lhe, queixáramo-nos, dávamos-te.*

Na rapidez da pronuncia lusitana, ha, segundo o sr. Gonçalvez Viana, exemplo toleravel destes *bis-esdruxulos*, com accento tónico aquém da pre-ante-penultima, o que se dá tambem, ainda que raramente, no caso da enclise, p. ex.: *dávamo-vo-lo.*

CAPITULO III

DETERMINAÇÃO DA TÓNICA

DETERMINAÇÃO DA SYLLABA TÓNICA EM LATIM.

85. O latim, differentemente do grego, só admitte o accento tónico, na *penultima* e na *antepenultima*. Não admitte a prosodia latina dissyllabos e polysyllabos *oxytonos*. Nesta parte não segue o portuguez o genio de sua orthoepia. A determinação da syllaba tónica, em qualquer lingua, é de capital importancia para a correcta pronuncia, pois é ella a syllaba rectriz, reguladora da pronunciação do vocabulo, "o centro de gravidade da palavra".

A sua determinação em latim depende da quantidade syllabica. Nesta lingua, como no grego, o accento tónico estava subordinado á *quantidade*, que era, no dizer de Guardia, a alma do accento latino. Dahi a importancia da quantidade das syllabas nas linguas classicas.

Conhecido o valor quantitativo da penultima syllaba, facil era a determinação da syllaba tónica do vocabulo latino. Se a penultima era longa, sobre ella incidia a tónica, e o vocabulo era *paroxytono;* se breve, recuava a tónica para a antepenultima, quer esta fosse breve, quer longa, e o vocabulo era *proparoxytono*, p. ex.: — *erânus, cantâtem, laudârem, pállidum, lépidum, décimum.*

DETERMINAÇÃO DA SYLLABA TÓNICA EM PORTUGUEZ.

86. Em portuguez, como nas linguas neo-latinas, a quantidade syllabica perdeu a grande importancia que tinha nas linguas classicas, como reguladora da tónica. A rapidez maior na pronuncia veio produzir, na prosodia das linguas romanicas, phenomeno inverso ao que se dá na lingua-mãe: a *quantidade* subordinou-se á *tonicidade*, a syllaba tónica assumiu importancia dominante, tornou-se "o centro de gravidade da palavra", enfraquecendo o valor quantitativo das syllabas átonas, mormente as postónicas. Já no latim da decadencia começa a obscurecer-se a differença quantitativa das syllabas; no latim popular ella se oblitera, tornando-se o accento tónico a base fundamental de sua prosodia. Devido a esse movimento evolutivo, veio a quantidade, ao invés do que acontece no latim, occupar logar mui secundario nas linguas modernas.

O accento tónico em portuguez, como vimos, póde recahir sobre as trez ultimas syllabas, e, no caso da incorporação dos pronomes encliticos, póde retroceder até a quarta syllaba; mas a determinação de qual dessas syllabas, em casos particulares, é a tónica, problema é sobremodo esquivo.

Em latim, o conhecimento da quantidade syllabica dá-nos, em regra, a solução do problema. Egualmente, em francez, facillima é a determinação da tónica, que só póde incidir na ultima e penultima; incide nesta, se a palavra termina por *e* mudo (*perfide*), e naquella em qualquer outro caso (*chevál, Cyranô*). Em portuguez, porém, annos de estudo nem sempre nos põem ao abrigo de importunas *syllabadas*.

As regras practicas sobre este assumpto são poucas e pouco seguras. (Vid. Gr. Expositiva, §§ 89—92.)

87. A syllaba tónica nos vem da tradição latina, e determiná-la em portuguez é determinar a syllaba accentuada do vocabulo original.

A lei da persistencia da syllaba tónica através da evolução vocabular é a chave do problema orthologico ou da correcta pronuncia na lingua vernacula.

Nos vocabulos que nos vieram do latim ou por meio delle, a syllaba tónica é a mesma que a do latim. A identidade da

syllaba, neste caso, nem sempre é determinada pela posição, mas sempre pelos seus elementos phonicos. Exs.:

decâno	postígos
âmbito	pórtico
lídimo	pharmácia
areópago	myópe (pag. 49)
apotheóse	cyclópe
ibéros	Górgonas
epítheto	Cérbero

Quanto ao phenomeno da deslocação da tónica nos vocabulos de origem latina, examiná-lo-emos mais adeante, quando estudarmos a lei da persistencia da tónica na evolução vocabular.

88. DETERMINAÇÃO DA SYLLABA TÓNICA NOS VOCABULOS DE IMPORTAÇÃO EXTRANGEIRA.

Nos vocabulos que nos vieram de linguas extrangeiras, sem passarem pelo latim, convem, em regra, respeitar a tónica etymologica, p. ex.: *Niágara, tílbury, sânskrito, crachá, chalét, Tâmisa, Coromândel, Quíloa, Pavía, Córdova, Mérida, Ládoga, Gibraltár, Glásgow.*

CAPITULO IV

O CARACTER DA EVOLUÇÃO PHONETICA

89. O processo da evolução phonetica caracteriza-se po. um triplice aspecto: — *espontaneo* ou *inconsciente, lento* e *gradual.*

1.f A evolução phonetica opera-se por uma modificação *espontanea* e *inconsciente* dos phonemas vocabulares, sob o influxo do meio ou das aptidões variaveis do apparelho de phonação. Deste modo, os vocabulos latinos foram-se transformando, na bocca do povo e das gerações, sem intervenção da vontade humana, embora Bréal creia na existencia de uma como *vontade inconsciente,* que preside á evolução linguistica em geral.

Os povos que habitavam a faixa occidental da Iberia, tendo de fallar o latim, imposto pelas armas victoriosas de Roma, não podiam deixar de alterar profundamente os sons latinos no esforço de adaptá-los ás aptidões de seu apparelho glottico, como acontece, em regra, a qualquer que falle lingua extranha. Este esforço e as influencias mesologicas modificam, no decurso das gerações, os orgams da voz, e, com elles, os phonemas. Assim os vocabulos latinos — *nitidum, frigidum, palatium, episcopum, maculam, apothecam,* foram-se successivamente e inconscientemente alterando em seus sons até se apresentarem actualmente nas seguintes fórmas — *nedio, frio, paço, bispo, malha, bodega.*

2.º A evolução phonetica opera-se por uma modificação *lenta.* As alterações minimas na pronuncia de individuos ou gerações vão-se accentuando e generalizando vagarosamente, até assumirem o caracter de um phenomeno geral. Este movimento constante das linguas vivas é o que constitue a sua *dialectação,* que se opera no transcorrer dos seculos. Ao lado da dialectação geral, no afastamento do typo da lingua matriz, existem dialectações regionaes, ou a formação paulatina de *dialectos* no seio de uma lingua, que se constituem ás vezes orgams de nacionalidades.

3.º A evolução phonetica opera-se por uma modificação *gradual.* A evolução espontanea e *lenta* não se realiza arbitraria ou caprichosamente: obedece a *leis,* segue uma ordem instinctiva, é *gradual.* Os sons oraes alteram-se descendo gradualmente na escala vocalica, e alteram-se cada um por sua vez. Neste enfraquecimento regular, um phonema forte ou aspero passa para sua homorganica fraca ou sonora, e esta póde desapparecer, ou, se explosiva, passar para a classe immediata das continuas, como se vê em — *amatis* ⋙→ *amades* ⋙→ *amaës* ⋙→ *amaes; populum* ⋙→ *pobolo* ⋙→ *poboo* ⋙→ *povo.* A este enfraquecimento geral dos sons latinos chamam alguns *degenerescencia* ou *degradação;* taes designações, porém, nos parecem improprias para assignalar um phenomeno geral da vida das linguas.

CAPITULO V

LEIS GLOTTICAS

90. Na transformação do latim em seus dialectos neo-latinos, notam-se certos principios ou leis glotticas, que dominam a evolução phonetica. Em quatro podem-se essas leis resumir, que são:

1. — A lei do menor esforço | **3. — A persistencia da syllaba tônica**
2. — O principio de transição | **4. — O principio da analogia**

I. LEI DO MENOR ESFORÇO.

91. A lei do *menor* ou *minimo esforço,* tambem chamada de *economia physiologica,* consiste na tendencia constante da lingua a realizar o seu fim do modo mais simples.

E' a grande lei da *euphonia* ou do *rythmo* da linguagem e da suavização da pronuncia. Sob seu imperio, realiza-se a quasi totalidade das alterações phoneticas e transformações metaplasticas dos vocabulos latinos, que estudaremos mais adeante.

O modo, porém, em que essa grande lei se exerce na evolução phonetica, acha-se expresso no principio de *transição.*

II. PRINCIPIO DE TRANSIÇÃO.

92. O *principio da transição* indica o modo de operação da lei do menor esforço no enfraquecimento e suppressão dos phonemas incorporados nos vocabulos latinos. Consiste, portanto, este principio, na *graduação* de successivo enfraquecimento ou abrandamento dos phonemas vocabulares até o limite maximo da suppressão ou *quéda.* Assim os phonemas se alteram na escala descendente: um som forte passa primeiro para seu homorganico fraco, isto é, abranda-se. Seguindo este principio de transição, as consonancias surdas — *p, f, t, s, k,* abrandam-se respectivamente nas sonoras homorganicas — *b, v, d, z, g.* Abrandando-se o phonema ou permanece no vocabulo ou cae, ou, sendo explosiva, póde passar para a contínua proxima, como se vê em seguida:

Cito	⇉	cedo		
Apothecam	⇉	bodega		
Amatis	⇉	amades	⇉	amaes
Populum	⇉	poboo	⇉	povo

III. Persistencia da syllaba tónica

93. Na evolução do vocabulo latino, contrae-se frequentemente a palavra pela quéda de syllabas; a syllaba tónica, porém, não só resiste, mas conserva no vocabulo derivado seu valor tónico. Exs.:

Palatium	⋙→	páço
Episcopum	⋙→	bíspo
Veritatem	⋙→	verdáde
Maculam	⋙→	málha
Monasterium	⋙→	mosteiro
Persona	⋙→	pessôa
Capitulum	⋙→	cabido
Decanum	⋙→	decâno
Arborem	⋙→	árvore

A lei da persistencia da tónica latina tem seu fundamento não só na preeminencia sonica da syllaba accentuada, mas ainda na sua importancia para a intelligencia da palavra. Tem ella, portanto, um duplo fundamento—physiologico e psychologico.

A syllaba tónica dá individualidade e vida ao vocabulo: o accento tónico é, no dizer de Guardia, a alma da palavra.

94. Deslocação da tónica latina.

Nem sempre observa a lingua a lei glottica da persistencia da syllaba tónica latina: o accento desloca-se, ás vezes, e abrem-se excepções á regra.

Dessas deslocações da tónica podemos assignalar as seguintes causas:

1.ª As vogaes antes dos grupos consonantaes de uma explosiva e a liquida *r* (explosiva+r—br, cr, dr, tr, etc.) são ambiguas ou *ancipites*, isto é, podem ser longas ou breves, na poesia.

Na prosa e no latim literario são ellas breves, dahi a pronuncia erudita — cáthedra, integro, invólucro. O latim popular, porém, fazia-as longas e tónicas, produzindo isso deslocação da tónica em relação ao latim literario, como se vê em seguida:

LATIM CLASSICO	LATIM POPULAR	PORTUGUEZ
Cáthĕdram	Cathēdra	cadeira
Intĕgrum	intēgru	inteiro
A'lăcrem	alācre	alégre
Invólŭcrum	involūcru	involúcro (pop.)

Na fórma erudita segue-se em geral, a accentuação do lat. classico — *cáthedra, íntegro, invólucro, álacre.*

2.ª A *influencia analogica* é uma outra causa da deslocação da tónica:

a) Os verbos da 3.ª conjugação latina (segundo outros 4.ª) em *ĕre* breve (*facĕre*) passaram a *ēre* longo, por influencia analogica da 2.ª conjugação (*monēre*), no latim popular medievico. Exs.:

LAT. CLASS	LAT. BAIXO	PORT.
fácĕre	facēre	fazer
dicĕre	dicēre	dizer
sápĕre	sapēre	saber
languéscĕre	languescēre	fanguescer

Alguns destes, com a deslocação da tónica, passaram posteriormente para a 4.ª conjugação (segundo outros 3.ª) em *ire.* Exs.:

argŭĕre	arguere (arguer)	arguir
condúcĕre	conducere	conduzir
destrŭĕre	destruere	destruir
trádĕre	tradere	trair

Em razão desta assimilação á 4.ª conjug., pronunciamos—*dicernímos* (lat. *dicérnimus*) *dicernís* (lat. *dicérnitis*) —Em *farei* e *direi* (por *fazerei* e *dizerei*), de *fazer* + *hei*, *dizer*+*hei*, temos vestigio da accentuação primitiva de *fácere* ⟿ *fázer*, *dicere* ⟿ *dízer*, em que a quéda da desinencia infinitiva revela o seu caracter atónico.

b) Refugindo ao esdruxulo, a analogia reduziu todos os verbos ao typo dos paroxytonos na conjugação do pres. do indic, deslocando para a penultima a tónica dos proparoxytonos latinos. Exs.:

Invŏco	invóco	Rénŏvo	Renóvo
Invŏcas	invócas	Répăro	Repáro
Invŏcat	invóca	Imágĭno	Imagíno
Réplĭco	replíco	Consídero	Considéro
Réplĭcas	replícas	Explĭco	Explíco
Réplĭcat	replíca		

c) Nos *imperfeitos do indic.* a analogia com o singular determinou o recuo da tónica na 1.ª e 2.ª pess. do plural. Exs.:

Éram	⟿	éra	Laudábam	⟿	louváva
Éras	⟿	éras	Laudábas	⟿	louvávas
Érat	⟿	éra	Laubát	⟿	louváva
Érāmus	⟿	éramos	Laudabámus	⟿	louvávamos
Érāris	⟿	ércis	Laudabátis	⟿	louváveis
Érant	⟿	éram	Laudabant	⟿	louvávam

d) A influencia da *accentuação grega* determina, em muitos casos, deslocação da tónica.

O latim subordinava, em geral, a prosodia grega á sua nos vocabulos gregos incorporados no lexico latino. Porém não havia muito rigor nesta subordinação, como nos dá a entender o seguinte verso latino:

Græca per Ausoniæ fines sine lege vagantur.

Muitas palavras de origem grega, depois de deslocado o accento no latim, de accordo com a sua prosodia, volveram, no portuguez, á accentuação grega. Exs.:

GREGO	LAT.	PORT.
Theología	theológia	theologia
Theogonía	theogónia	theogonía
Theoría	theória	theoría
Philosophía	philosóphia	philosophía
Acóniton	aconitum	acónito
Polypon	pólypum	polypo
Autopsía	autópsia	autopsia (ou autópsia)
Orgía	órgia	orgía
Academía	académia	academía
Cleópatra	Cleopátra (Camões)	Cleópatra
Candáke	Cândace	Candáce
Polyxéna	Polyxĕna	Polycêna

e) Para evitar o *hiato* e o *esdruxulo*, repugnantes á lingua, desloca-se ás vezes, o accento. Exs.:

Pariĕtem	⋙→	pariete	⋙→	parêde
Muliĕtem	⋙→	mulĕre	⋙→	mulhér
Lentéŏlum	⋙→	lenteŏlu	⋙→	lençol
Faséŏlum	⋙→	faseŏlu	⋙→	feijão
Hûmĭlem	⋙→	humĭle	⋙→	humílde

f) A's vezes a deslocação é arbitraria, e, provavelmente, provocada pela *ignorancia erudita*. Exs.:

LAT.	PORT.	LAT.	PORT.
Océăanum	oceâno	Polygónum	Polygono
Arbítrium	alvedrìo	Pentagónum	pentágono
Limĭtem	limíte	Réptilem	reptíl
Fígătum	fígado	Benedictinónem	bençam
Nibéllum	nível	Barbăría	barbaría
Plătĕa	platéa	Amylum	amído
Idólum	ídolo	Meyōpem	myope
Anemónam	anémona		

g) Além destes menciona ainda Gonçalvez Viana, como geralmente viciada, a pronuncia dos seguintes vocabulos: *ʒeníte* (*ʒenith*), *álcool, bimáno, astúres, ligúres, gemonías, resedá, Choromandél, Macaçár, Quilôa, Madagascár*, que se devem pronunciar: *ʒénite, alcoól, bímano, ástures, ligures, gemônias, reséda, Choromândel, Macáçar, Quiloa, Madagáscar*. — *Zângam* (castelhano *ʒángano*) é geralmente pronunciado com a tónica na ultima — *ʒangão*, pronuncia sanccionada por Garrett:

> Pois quando eras tu vermelha,
> Não vinha zangão e abelha
> Em torno de ti zumbir.

O mesmo acontece com *frángam*, que a analogia com os augmentativos faz oxytono *frangão*. — O nosso povo guarda ainda a pronuncia etymologica em — *benção, benções*, e assim era no tempo de Gil Vicente:

> Agasta-me o coração,
> Que quero sahir de mim.
> — Eu irei saber se é assim,
> — Hajas a minha benção.

Nivél e *livél* eram fórmas syncreticas, oxytonas entre

classicos, que obedeciam regularmente á tónica (*libellum*), como se vê em Gil Vicente e Garcia de Rezende:

Eu não fui cá enviado
Per piedoso nivel.
Senão soccorrer o gado
Das ovelhas d'Israel.

Auto da Cananeia

E vimos a poderosa
Rainha dona Isabel,
Tão prudente, virtuosa,
Tão real, tão grandiosa
Governar bem por livel.

Misc. XXIII.

b) A *systole* e a *diástole*, no verso, permittem aos poetas recuar ou avançar a tónica em certos vocabulos, conforme a exigencia da metrificação.

1. A *systole* (gr.= *contracção*) faz recuar a tónica, p. ex.: *Dário* por *Darío*, *Théseo* por *Thesêo*, em Camões.

2. A *diástole* (gr.= *distensão*) faz avançar a tónica, p. ex.: *ethiópes* por *ethiopes*, em Camões.

Se me creste, gente impía. (*Bocage*)

Obs. I. Os carpinteiros de nosso paiz ainda guardam tradicionalmente a pronuncia classica, dizendo *nivél* e *olivél*, designando este termo um instrumento de seu officio. No dialecto literario fixou-se *nível*, porém, com A. Herculano, temos a variante classica *livél* e o verbo *livelar*. — *Arbítrio* e *alvedrio* são fórmas divergentes de *arbitrium*, sendo aquella de cunho erudito, e esta popular, que A. Herculano algures accentua *alvédrio*, porém a pronuncia mais corrente *alvedrío* é a quinhentista, como se vê do seguinte passo de Gil Vicente:

E dizei-lhe que o pavio
Desta vida é a salvação,
E a cera o poderio
Que tem o livre alvedrío,
E o lume a perfeição.

Auto da Mofina Mendes.

Obs. II. Diz Gonçalvez Viana que a palavra *nivél*, no Auto da Cananeia de G. Vicente acima citado, é de "sentido difficil de interpretar". Entretanto, o sentido resalta do texto do Evangelho, donde G. Vicente extrahiu seu assumpto. "Não é bom, disse Christo á Cananéa, que lhe pedia soccorro, não é bom tirar o pão aos filhos (aos judeus), e dá-lo aos cães (aos cananeus ou gentios). Christo, pois, não veio ao mundo "per piedoso nivél", isto é, para nivelar misericordiosamente judeus e gentios, os *filhos* e os *cachorrinhos*.

Obs. III. SYSTOLE E DIÁSTOLE. Ha na poesia uma deslocação eventual da tónica para acudir aos poetas nas exigencias da metrificação. Ora recuam a tónica, e dá-se a *systole* (gr.=*contracção*), como em *Dário, Próteo, Théseo, metéoro* — por *Darío, Protêo, Thesêo, meteóros*; ora avan-

çam a tónca, e dá-se a *diástole* (gr. = *distensão*) como — *Simirâmis, Naiádes, Cleopátra, Ethiópes, impío*, por — *Semíramis, Náiades, Cleópatra, Ethiopes, ímpio*. Taes *liberdades poeticas* restringem-se, em geral, a palavras pouco conhecidas, pois seria absurdo conferir aos poetas o direito de estropiar a lingua. Em Camões menciona Epiphanio Dias no *Registo Philologico* de sua edição dos Lusiadas, os seguintes exemplos de deslocação da tónica: *archetypo* (X. 79), *Cappadóces, Centimâno, Cinyras, Cleopátra, Clyméne, Demodóco, Eólo, epitháto* (X. 124), *Ethiópes* (V. 6), *Gedrosia, Glaphyra, Heliogabálo, idoiátra* (VII 73, VIII 85, X 147) *Leucothóe, Naiádes, Polycêna, Semíle, Semirâmis, Taprobâna, Zopyro, Annibál, Próteo* (I. 19), *Théseo* (II. 112).

Cintra, onde as Naiádes escondidas
Nas fontes vão fugindo ao doce laço (Lus. 3–56).

O grão poder de Dário estrue e rende (Lus. 10–21).

IV. Principio de analogia.

95. A *analogia*, no dominio da evolução linguistica, é a lei glottica que consiste na tendencia de reunir em grupos regulares as fórmas dispares da lingua. E' uma tendencia regularizadora ou systematizadora, que, fundada na semelhança morphica, procura uniformizar os typos grammaticaes. As creanças dão-nos frizante exemplo desta tendencia, quando instinctivamente flexionam os verbos irregulares pelos paradigmas regulares da respectiva conjugação, dizendo: *sabi, fazi, trazi, sabeu, fazeu, trazeu*.

Obedecendo ao mesmo impulso uniformizador, regularizaram-se alguns verbos e tempos, antigamente irregulares; dizemos, p. ex., hoje — *iazi, jazeste, jazera, jazesse, jazer*, por *jouve, jouveste, jouvera, jouvesse, jouver*, como era no velho portuguez. — A analogia amoldou ainda, pelo paradigma de conjugação regular, o preterito perf. e seus derivados dos verbos — *prover, comprazer, preterir* — *proveu, comprazeu, preteriu*, por — *proviu, comprouve, preterfoi*, como seria, se taes verbos, como é de regra, seguissem a conjugação de seus simples — *ver, prazer, ir* (*preter* + *ir*). Quanto ao verbo — *comprazer* ha ainda vacillação, optando alguns escriptores pelas fórmas irregulares — *comprouve, comprouvera, comprouvesse, comprouver*.

O verbo *preterir* foi por uma falsa *analogia* assimilado aos verbos que teem por paradigma *ferir*. Egual phenomeno (ę *falsa analogia* deu-se com os verbos — *despedir, expedir*

impedir, que os nossos classicos, inclusive A. Vieira, conjugavam — *despido, expido, impido*, e que, por confusão com o verbo *pedir*, de que parecem compostos, passaram a conjugar-se modernamente — *despeço, expeço, impeço.*

96. NATUREZA E EXTENSÃO DO PRINCIPIO DE ANALOGIA.

Dois grandes factores explicam a transformação das linguas: — as *alterações phoneticas* e a *analogia.*

Os principios que regem as alterações phoneticas são *physiologicos* ou *mechanicos;* mas o principio de analogia é essencialmente *psychologico*, pois tem por base a observação rapida e instinctiva da semelhança das fórmas.

A acção da lei da analogia morphica extende-se sobre todo o campo grammatical, desde a phonetica até a syntaxe.

97. PHENOMENOS ANALOGICOS.

Além dos que já estudámos sobre a deslocação da tónica, e sobre as fórmas verbaes, a que acima nos referimos, podemos ainda accrescentar o seguinte:

1.º A analogia deu-nos o *s* como expoente do plural dos nomes, e isso porque essa consoante, nas cinco declinações latinas, caracterizava o plural do *accusativo*, caso *etymologico*, isto é, donde procederam os nossos nomes, como se vê:

1.ª decl.	2.ª decl.	3.ª decl.	4.ª decl.	5.ª decl.
horas	servos	sermones	currus	dies

Houve pois, uma generalização analogica na formação do plural em portuguez.

2.º A *analogia* deu-nos ainda a desinencia *a* como flexão caracteristica do genero feminino (*moça*), e *o* como flexão caracteristica do genero masculino (*moço*) dos nomes; e isto porque os nomes da 1.ª declin. lat. terminavam em *a*, e eram quasi todos femininos, e os da 2.ª vieram a terminar em *o*, e eram masculinos na maior parte, como — *hora, rosa* e *servo* (*servum*), *jogo* (*jocum*). Houve, pois, para o genero, como para o numero, o mesmo processo de generalização analogica.

As excepções a esta lei são determinadas pelo genero etymologico ou pela natureza do objecto nomeado, como *cometa, planeta, Sena* (rio), *Juno, Carthago.*

Os neutros latinos, que no accusativo plural terminam em *a*, foram, em alguns nomes, tomados por femininos no singular da 1.ª declinação, confusão a que alguns chamam *falsa analogia*, taes como: — *verba* (*verbum*), *folia* ⟿ *folha* (*folium*), *vestimenta* (*vestimentum*), *ferramenta* (*ferramentum*), *errata* (*erratum*).

3.º A analogia criou o futuro romanico — *amarei, viverei, partirei, porei.* Tendo sido rejeitado o futuro latino por se confundir com o *imperfeito*, após a quéda do *m* final (*imp. amaba* (m), *fut. amabo*), a lingua generalizou, por uma extensão analogica, um typo periphrastico do lat. popular, que trazia idéa de futuridade, composta do infinito seguido do pres. do indic. de *habere* (*habeo*), como se vê em — *amare habeo* = *amar hei* = *amar* + *ei* = *amarei.* Este typo popular de futuridade encontra-se em alguns escriptores classicos, como em seu logar veremos.

4.º Sobre os moldes do futuro romanico a analogia fundiu os tempos do condicional, extranhos ao latim, tomando o imperfeito *habebam* ⟿ *havia* ⟿ ia: *amare habebam* = *amar havia* = *amar* + *ia* = *amaria.*

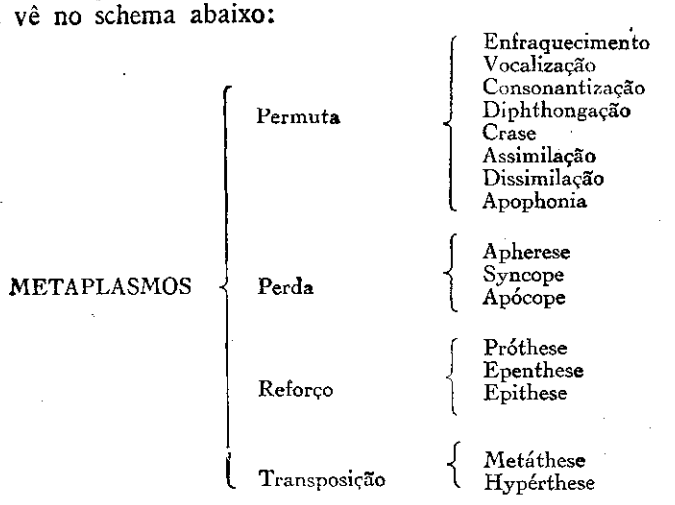
CAPITULO VI

METAPLASMOS

98. Metaplasmos. (gr. *metaplasmos* = *transformação*) são as alterações phoneticas ou as modificações accidentaes do systema phonetico, que soffrem os vocabulos em suas transformações historicas.

Essas transformações metaplasticas realizam-se sob o imperio das leis glotticas. que acabamos de estudar, e teem por fim a *euphonia* (gr. *eu* + *phonia* = *bom soido*) ou *rythmo* da linguagem.

A quatro classe podemos reduzir os metaplasmos historicos, as quaes se subdividem em dezeseis sub-classes, como se vê no schema abaixo:



I. Permuta ou antithese

99. PERMUTA OU ANTITHESE é o phenomeno geral da substituição de phonema por outro, sempre com o intuito de facilitar o pronuncia. São de oito especies essas permutas.

1.ª ENFRAQUECIMENTO OU ABRANDAMENTO.

Consiste este metaplasmo na permuta de um som *forte* por um *fraco*. Effectua-se esta attenuação phonetica tanto no dominio das vogaes como das consoantes.

a) Entre as vogaes observa-se a substituição, em regra, de um som mais agudo por um outro mais surdo. Exs.:

Similare	⟿	semelhar
Superbum	⟿	soberbo
Lupum	⟿	lobo
Cito	⟿	cedo
Digitum	⟿	dedo
Minimum (?)	⟿	menino
Ceremoniam	⟿	ceremonia
Testimonium	⟿	testemunho

b) Entre as consoantes opera-se a permuta da *forte* para a *fraca*, e, ás vezes, das *explosivas* para as *continuas*, de *p, f, t, k*, para *b, v, d, gh*. Exs.:

Apiculum	⋙→	abelha
Cœcum	⋙→	cego
Apothecam	⋙→	bodega
Vicinum	⋙→	vizinho (v. port. vezinho)
Estephanum	⋙→	Estevam
Escopam	⋙→	escova (escoba v. port.)
Amabilem	⋙→	amavel
Civitatem	⋙→	cidade
Caput	⋙→	cabo

2.ª VOCALIZAÇÃO.

Vocalização é o phenomeno da dissolução nas vogaes *i* e *u* da prepositiva dos grupos consonantaes — *ct, pt, lt*: *actum* ⋙→ *auto, pectum* ⋙→ *peito, conceptum* ⋙→ *conceito* (*conceptionem* ⋙→ *conceição*), *octobrem* ⋙→ *outubro, multum* ⋙→ *muito, alterum* ⋙→ *outro.*

3.ª CONSONANTIZAÇÃO.

Consonantização é o phenomeno que se observa na permuta do *i* inicial pela consoante *j* nos vocabulos — *Hieronymum* ⋙→ *Jeronymo, Hierusalem* ⋙→ *Jerusalem, Hiacintho* ⋙→ *Jacintho, hierarchia* ⋙→ *jerarchia.*

4.ª DIPHTHONGAÇÃO.

Diphthongação é a formação de diphthongos no seio das linguas. São varios os processos evolutivos na formação de diphthongos, taes são:

a) Por *synerese*, ou reunião de duas vogaes, que vieram em contacto pela quéda da consoante medial, p. ex.:

Date ⋙→ dade ⋙→ daë ⋙→ dae
Amatis ⋙→ amades ⋙→ amaës ⋙→ amaes
Traditionem ⋙→ traïção ⋙→ traição

b) Por *metathese*, quando duas vogaes, em contacto pela quéda da consoante medial, trocam de posição por euphonia, v. g.:

Faciles ⋙→ *facies ⋙→ faceis
Amabiles ⋙→ amavies ⋙→ amaveis

c) Por *hyperthese*, quando se dá a *attracção* de uma vogal para a syllaba antecedente, p. ex.:

Rabiam	⟿	ravia	⟿	raiva
Capio	⟿	cábio	⟿	caibo

d) Por *epenthese* ou inserção de vogal euphonica, para evitar o *hiato*, p. ex.:

Avenam	⟿	avea	⟿	aveia
Frenum	⟿	freo	⟿	freio
Sinum	⟿	seo	⟿	seio
Credo	⟿	creo	⟿	creio

e) Por *vocalização* da primeira de certos grupos consonantaes, p. ex.:

Respectum	⟿	respeito
Octo	⟿	oito
Octobrem	⟿	outubro
Conceptum	⟿	conceito
Preceptum	⟿	preceito
Factum	⟿	feito
Correctionem	⟿	correição
Fructum	⟿	fruito (arch.)
Alterum	⟿	outro
Altarium	⟿	outeiro

f) Por *alongamento* da vogal tónica, p. ex.:

Sto ⟿ estou. Sum ⟿ so [⟿ sou.

O mesmo phenomeno de alongamento observamos em *cremare* ⟿ *queimar, requeiro* (cf. *quero*) ⟿ *requeiro;* e taes se podem considerar os phenomenos epentheticos do paragrapho *davenan* ⟿ *avea* [⟿ *aveia.*

5.ª CRASE.

Crase é a fusão ou contracção de dois phonemas vogaes identicos, em contacto pela quéda da consoante medial, p. ex.:

Pedem	⟿	pee	⟿	pé
Vide	⟿	vee	⟿	vê
Fidem	⟿	fee	⟿	fé
Avunculum(?)	⟿	avoo	⟿	avô
Colorem	⟿	coor	⟿	côr
Dolorem	⟿	door	⟿	dôr
Funiles	⟿	*funies	⟿	funis

6.ª ASSIMILAÇÃO.

Assimilação ou alliteração é o phenomeno de attracção que um phonema, vogal ou consoante, exerce sobre outro, assimilando-o perfeita ou imperfeitamente. Dahi a assimilação *perfeita* e *imperfeita*.

I. ASSIMILAÇÃO PERFEITA OU COMPLETA é a que se opera na *ordem, classe* e *grau*, identificando o phonema assimilado ao assimilante. Ella é *progressiva*, se a assimilação se opera de um phonema *anterior* para o *posterior*, e *regressiva*, no caso contrario, p. ex.:

a) *Progressiva*:

Nostrum	⟹	nosto	⟹	nosso
Vostrum	⟹	vosto	⟹	vosso
En lo	⟹	enno	⟹	no

b) *Regressiva*:

Ipsum	⟹	isso		
Persicum	⟹	pêssego		
Personam	⟹	pessoa		
Amarlo	⟹	amallo (=amá-lo)		
In+modesto	⟹	immodesto		
Ad+tenção	⟹	attenção		
In+regular	⟹	irregular		
Fabulare	⟹	fablar	⟹	fallar
Eislo	⟹	eillo	⟹	ei-lo
Mirabilia	⟹	maravilha		
Novaculam	⟹	navalha		
Selvagem	⟹	salvage (arch.)		
In+legal	⟹	illegal		
Com+ligar	⟹	colligar		
Ad+nexo	⟹	annexo		
Com+romper	⟹	corromper		
Dis+ferente	⟹	differente		
Ob+por	⟹	oppor		
Sub+por	⟹	suppor		
Sub+gerir	⟹	suggerir		
Ex+fusão	⟹	effusão		

II. ASSIMILAÇÃO IMPERFEITA OU INCOMPLETA é a que não se effectua simultaneamente na *ordem, classe* ou *grau*, mas apenas approxima os phonemas em uma ou duas dessas classes, podendo ser egualmente *progressiva* e *regressiva*. Ex.:

a) *Progressiva*:

Viperam	⋙→	vibora (*p*, *b* e *o* = *labiaes*)
Vesperam	⋙→	vespora (arch.)

b) *Regressiva*:

Scrib+tum	⋙→	escriptum ⋙→ escripto
In+pio	⋙→	impio
In+bibere	⋙→	embeber
Fame	⋙→	fome (*o* e *m* = *labiaes*)
Assibilare	⋙→	assobiar (*o* e *b* = *labiaes*)
Adversam	⋙→	avesso
Personam	⋙→	pessoa

Pertence a esta classe de assimilação regressiva a *nasalação* ou *nasalização*, influencia do phonema nasal sobre a vogal da syllaba antecedente. Exs.:

Christianos	⋙→	christãos
Sermones	⋙→	sermões
Panes	⋙→	pães
Amat	⋙→	ãma
Domina	⋙→	dõna
Lunam	⋙→	lũa (**pop.**)

A influencia progressiva da nasal é mais rara; nota-se entretanto, em — *multo* = *muito*, *mihi* ⋙→ *mi* ⋙→ *mim*, *message* (port. arch.) ⋙→ *messagem* ⋙→ *mensagem*.

7.ª Dissimilação.

Dissimilação é phenomeno contrario ao antecedente e dá-se entre dois sons identicos, que se diversificam. Exs.:

Massiliam	⋙→	masselha	⋙→	marselha
Melimelum	⋙→	malimelo	⋙→	marmelo
Aratrum	⋙→	aratru	⋙→	arado

8.ª Apophonia.

Apophonia ou *deflexão* é a permuta de uma vogal por outra sob a influencia de um prefixo, em vocabulos compostos. Este metaplasmo se opera largamente no dominio do latim. Exs.:

Ad+cantum	⟹→	accentum	⟹→	accento
In+amicum	⟹→	inimicum	⟹→	inimigo
In+aptum	⟹→	ineptum	⟹→	inepto
In+barbam	⟹→	imberbem	⟹→	imberbe
Con+factum	⟹→	confectum	⟹→	confeito
Ob+facium	⟹→	officium	⟹→	officio
Ob+jactum	⟹→	objectum	⟹→	objecto
Sub+jactum	⟹→	subjectum	⟹→	sujeito
Trans+agere	⟹→	transigere	⟹→	transigir

II. Perda

100. PERDA ou QUÉDA é o phenomeno geral da eliminação dos phonemas *fracos*, vogaes ou consoantes, no seio dos vocabulos. Esta *quéda* depende da natureza e posição do phonema, e póde realizar-se no *inicio*, no *meio* e no *fim* do vocabulo. Dahi a — *aphérese*, *syncope* e *apócope*.

1. APHÉRESE.

Aphérese (gr. *aphairesis* = *suppressão*) é a perda ou quéda da vogal átona inicial de um vocabulo. A vogal tónica e a consoante *iniciaes* não caem; apenas se notam raros exemplos da quéda da consoante. Exs.:

Apothecam	⟹→	bodega
Episcopum	⟹→	bispo
Horologium	⟹→	relogio
Ptisanam	⟹→	tisana
Spasmum	⟹→	pasmo
Acumen	⟹→	gume
Lyncem	⟹→	onça
Germanum	⟹→	irmão

2. SYNCOPE.

Syncope (gr. *syncopê* = *córte*), é a suppressão da consoante *fraca* ou da vogal *átona mediaes*. Exs.:

Amatis	⟹→	amades	⟹→	amaes
Ligare	⟹→	ligar	⟹→	liar
Pelagum	⟹→	peego	⟹→	pégo
Videre	⟹→	veer	⟹→	ver
Legalem	⟹→	legal	⟹→	leal
Fidelem	⟹→	fidcle	⟹→	fiel
Inimicum	⟹→	inimigo	⟹→	imigo (archaico)
Operare	⟹→	operar	⟹→	obrar
Veritatem	⟹→	veridade	⟹→	verdade
Malum	⟹→	malo	⟹→	mau
Tenerum			⟹→	tenro
Pulicam			⟹→	pulga

No dominio actual da lingua, a *syncope* apparece como um recurso da metrificação poetica, de que frequentemente lançam mão os poetas, dando-nos fórmas contractas, como — *esp'rança, c'roa, des'parecer.*

3. Apócope.

Apócope (gr. *apocopê* = *córte*) é a suppressão da consoante *fraca* ou da vogal surda *finaes*. Exs.:

Amat	⟹	*amad	⟹	ama
Debebat	⟹	*debebad	⟹	devia
Servum	⟹	servu	⟹	servo
Capitalem	⟹	capitale	⟹	capital
Arborem	⟹	arbore	⟹	arvore
Dolorem	⟹	door	⟹	dôr

Em consequencia da próclise, deu-se a apócope nos seguintes imperativos: *guar-te, tir-te, far-te,* por — *guarda-te, tira-te, farta-te.* Devido ainda á *próclise,* dá-se a *apócope* em — *frei* (freire), *dom* (dono), *cem* (cento), *são* (sancto), *bel* (bello), *gran* (grande), *porem* (porende). Era no v. port. mais commum a apócope, como se vê em *en cas* de (arch = *em casa de*), *fidalgo* (= *filho de algo*), *Fernão, Mem, Castel, Monbeja,* por — *Fernando, Mendo, Castello, Monte de Beja.*

A *apócope* representa papel proeminente na evolução da lingua, pois, com o desapparecimento da consoante final, desappareceram os *casos* latinos, e, com o desapparecimento dos casos, operou-se uma profunda revolução no dominio da morphologia e da syntaxe, que em seu logar estudaremos.

III. Reforço

101. Reforço é o phenomeno contrario aos phenomenos antecedentes, que consiste no accrescimo de phonemas com o intuito de suavizar a pronuncia. Póde egualmente operar-se no *principio,* no *meio* e no *fim* do vocabulo. Dahi *próthese, epenthese e epithese.*

1. PRÓTHESE.

Próthese ou *prothése* (gr. *prothesis* = *accrescimo*) é a addição euphonica de uma vogal no principio de um vocabulo. Exs.:

Sentar	=	assentar
Raiar	=	arraiar
Credor	=	acredor
Metade	=	ametade (arch.)
Lagoa	=	alagoa

A difficuldade da pronuncia do *s* chamado *impuro*, quando seguido de consoante, determinou a próthese do *e* ou a quéda do *s*. Exs.:

Stylum	⟹	estylo
Strictum	⟹	estricto
Spiritum	⟹	espirito
Scribere	⟹	escrever
Spasmum	⟹	espasmo e pasmo
Sciencia	⟹	(s)ciencia

2. EPENTHESE.

Epenthese é a addição de um phonema no corpo de um vocabulo. Exs.:

Februario	⟹	fevereiro	Café+al	⟹	cafezal
Masto	⟹	mastro	Café+eira	⟹	cafeteira
Registo	⟹	registro	Chá+eira	⟹	chaleira
Humile	⟹	humilde	Cravelha	⟹	caravelha
Humero	⟹	hombro	Laternam	⟹	lanterna
Cumulo	⟹	combro	Tetra-avô	⟹	tataravô

Este processo epenthetico de se accrescentar euphonicamente phonemas intermedios, chamado *paréctase*, já nos veio do latim e é popular — *golotão, boroa, taramela*, por *glotão, broa, tramela.*

3. EPITHESE.

Epithese ou *paragoge* é a addição de phonema no fim de um vocabulo. Exs.:

Mihi	⟹	mi (arch.)	⟹	mim
Sic	⟹	si (arch.)	⟹	sim

O *m epithetico* (*mim, sim*) é na prosodia actual mero signal nasalador. — Um phenomeno epithetico ou parago-

gico do portuguez e que se revela proeminente na orthographia do port. arch., é a incorporação das encliticas nos vocabulos, p. ex.: *amallo, comerumseli* (*amá-lo, comeram-se-lhe*).

IV. Transposição

102. Transposição é o phenomeno da deslocação de phonemas, no seio de uma mesma syllaba ou de uma syllaba para outra. Dahi a *metáthese* e a *hypérthese.*

1. Metáthese.

Metáthese é a transposição que soffre o phonema no seio da syllaba. Exs.:

Pro	⟶	por
Super	⟶	sobre
Inter	⟶	entre

2. Hypérthese.

Hypérthese é a transferencia do phonema de uma syllaba para outra. Exs.:

Rabiam	⟶	raiva
Capiam	⟶	caiba
Sapui	⟶	soube
Tenebram	⟶	treva
Parabolam	⟶	palavra
Medulam	⟶	muela (miolo)
Poculum (?)	⟶	copo
Pop'lum	⟶	choupo (pl=ch)
Hirundinam	⟶	andorinha

CAPITULO VII

ORIGEM DOS PHONEMAS VOGAES E CONSOANTES

Origem historica dos phonemas vogaes e consoantes do lexico portuguez.

103. O nosso systema phonetico, imperfeitamente figurado no alphabeto tradicional, e constante de nosso lexico.

nos veio do latim; não, porém, do latim classico, senão do latim popular. Levado o latim á faixa occidental da Hispania pelos soldados conquistadores e pelos colonos romanos, modificou-se profundamente em sua phonetica, bem como em todos os outros dominios grammaticaes, no processo lento de sua assimilação secular. A maneira por que os extrangeiros, desafeitos aos nossos sons vocabulares, dão expressão aos phonemas de nossa lingua, illustra o modo pelo qual as populações primitivas da Lusitania se foram apropriando da phonetica latina, modificando-a.

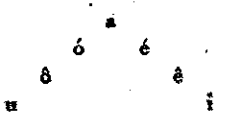
Essas modificações seculares, entretanto, não se effectuaram, como já o dissemos, de uma maneira arbitraria, mas, regularmente, como se uma vontade inconsciente as dirigisse. Sob o imperio das grandes leis glotticas, já estudadas, realizaram-se todas as modificações metaplasticas e todas as transformações phonicas, que ora vamos mais particularmente encarar, estudando a *origem historica dos phonemas vogaes e consoantes* incorporados em nossa lingua.

CAPITULO VIII

VOCALISMO

Historia das vogaes

104. Possuia o latim classico cinco vogaes — *a, e, i, o, u*, cada uma das quaes se caracterizava pela quantidade, podendo ser *longa* ou *breve*. Com o enfraquecimento da quantidade, absorvida pela tonica, phenomeno que já se dava no latim do Imperio, deixaram as vogaes de se differençar pela duração, e começaram a se distinguir pelo *timbre*, que as fez *abertas* e *fechadas*. Os elementos *qualitativos* vieram substituir, na prosodia popular, os elementos *quantitativos* do latim classico, e o latim popular, seguindo esta corrente evolutiva, transformou as cinco vogaes do latim classico em sete phonemas vogaes, que são as vozes distinctas de nosso systema phonetico:



105. Nesta transformação do vocalismo classico no popular nota-se a seguinte correspondencia da *quantidade classica* com os valores *qualitativos* do latim popular, que é a fonte principal de nossa prosodia:

LATIM CLASSICO		LATIM POPULAR
ā, ă	=	a
ĕ, ae (æ)	=	é
e, oe, i	=	ê
ī	=	i
ŏ	=	ô e ó
ō, ŭ	=	ô
ū	=	u

106. Sobre esta correspondencia historica, assenta, em geral, a prosodia de nosso lexico oriundo do *latim popular*:

ărā	(ā)	ara	tres	(e)	trêz
ăqua	(ă)	agua	debeo	"	dêvo
dĕcem	(ĕ)	déz	secretum	"	segrêdo
lĕporem	"	lébre	catēnum	"	cadeia
nĕbula	"	névoa	mēnsem	"	mêz
sĕptem	"	séte	foenum	(œ)	fêno
fĕbrem	"	fébre	poena	"	pêna
pĕtram	"	pédra	foedum	"	fêio
caecum	(æ)	cégo	foederatum	"	fêderado
praedium	"	prédio	pīlum	(ī)	pêlo
Caesar	"	César	sītem	"	sêde
tegulam	(e)	têlha	cīto	"	cêdo
consĭlium	"	consêlho	nŏvem	(ŏ =ó)	nóve
vĭrde	"	vêrde	rŏsa	"	rósa
sĭnum	"	seio	ŏpera	"	óbra
rīvum	(ī)	rio	tōtum	(ō =ô)	tôdo
amīcum	"	amigo	flōrem	"	flôr
spīcam	"	espiga	scōpam	"	escôva
formīcam	"	formiga	carōnam	"	corôa
fīlium	"	filho	persōnam	"	pessôa
confīdo	"	confio	rumōrem	"	rumor

pŏpulum	(ŏ = ô)	pôvo	sŭperbum	(ŭ = ô)	sôberbo
jŏcum	"	jôgo	sŭper	"	sôbre
fŏcum	"	fôgo	lŭpum	"	lôbo
sŏcerum	"	sôgro	lŭtum	"	lodo
ŏculum	"	ôlho	secūrum	(ū = u)	seguro
sŏlidum	"	sôldo	mūtum	"	mudo
mŏdum	(ŏ = ó)	módo	verrūcum	"	verruga
rŏtam	"	róda	jūstum	"	justo

107. A esta correspondencia geral dos valores phoneticos de nossos sons vocabulares, através do latim popular, com a quantidade vocalica do latim literario, ha frequentes excepções. Exs.:

1.º *ā, ă: amavi* ⟹ *amei, alacrem* ⟹ *alegre, Tagum* ⟹ *Tejo.*
2.º *ē œ: mētum* ⟹ *médo, mĕum* ⟹ *meu, mĕdium* ⟹ *meio, laetum* ⟹ *lêdo.*
3.º *ĕ, œ, ĭ: complētum* ⟹ *compléto, vēlum* ⟹ *véo, mētam* ⟹ *méda, rēgulam* ⟹ *régra, foetidum* ⟹ *fetido, fidem* ⟹ *fé, nĭvem* ⟹ *néve, pĭlam* ⟹ *péla, justĭtiam* ⟹ *justiça, servĭtium* ⟹ *serviço.*
4.º *ĭ: crinem* ⟹ *grenha* (cf. *crina*) *pĭcam* ⟹ *pêga, lĭram* ⟹ *leira, capĭllum* ⟹ *cabello.*
5.º *ă: mūcum* ⟹ *monco, cūpam* ⟹ *cópa* (cf. *cuba*), *crūsta* ⟹ *crósta* ⟹ (cf. *crusta*).

108. A sorte das vogaes depende de sua natureza e posição no vocabulo. As vogaes *tónicas* não soffrem elisão, e difficilmente se permutam. As *átonas*, porém, estão francamente expostas a permutas e elisões, mormente as *postónicas*. As vogaes *iniciaes* manteem-se melhor que as *mediaes* e *finaes*. As vogaes *longas* e *sonoras* teem naturalmente mais resistencia que as *breves* e *surdas*.

A

109. O **a** tónico latino conserva-se inalteravel: — *aquam* ⟹ *agua, stare* ⟹ *estar, palatium* ⟹ *paaço* ⟹ *paço.*

Excepções:

Fame ⟹ *fome, calamum* ⟹ *colmo, Tagum* ⟹ *Tejo, phantasma* ⟹ *abentesma* (o *a* prosthetico é o art.

fem. juxtaposto), *amavi* ⟶ *amai* ⟶ *amei, factum* ⟶ *faito* ⟶ *feito.*

110. O **a** *átono* egualmente se mantem: *medecinam* ⟶ *meẓinha, amicum* ⟶ *amigo, parabulam* ⟶ *palavra, aculam* ⟶ *agulha.*

Excepções:

Smărăgdum ⟶ *esmeralda, bacalium* ⟶ *bogalho.*

O a *átono inicial* soffre ás vezes (posto que raras) *aphe-rese*: *apothecam* ⟶ *bodega, acumen* ⟶ *gume, attonitum* ⟶ *tonto.*

Phenomeno contrario se observa na *prothese* do *a* em muitas palavras que o não possuem originariamente, taes como — *abutre* ⟶ *minaciam,* ⟶ *vulturem, ameaça abrunho* ⟶ *pruneum, abentesma* ⟶ *phantasma, acaecer* ⟶ *cadescere, acontecer* ⟶ *contingescere, arrepender* ⟶ *repoenitere, aleijão* ⟶ *lœsionem.* Em — *ameaça, abentesma, aleijão,* o *a* prosthetico é o art. fem. juxtaposto por se ter confundido com a syllaba inicial.

E

111. O **e** *tónico*:

Mantem-se em geral: *septem* ⟶ *séte, pedem* ⟶ *pé, debeo* ⟶ *devo, mercedem* ⟶ *mercê, lucerna* ⟶ *luẓerna.*

Permuta-se, ás vezes, por *i* e *o*: *mecum* ⟶ *migo, tecum* ⟶ *tigo, secum* ⟶ *sigo, decimam* ⟶ *diẓima, mentio* ⟶ *minto, senti* ⟶ *sinto* (arch. *sento*), *sensum* ⟶ *siso, serum* ⟶ *soro, episcopum* ⟶ *obispo* (arch.). Diphthonga-se em *cremare* ⟶ *queimar.*

112. O **e** *átono*:

1. Conserva-se em geral: *meliorem* ⟶ *melhor, seniorem* ⟶ *senhor, repositam* ⟶ *reposta* e *resposta.*

2. Permuta-se, ás vezes, por *i*: *lectionem* ⟶ *lição, confessionem* ⟶ *confissão*

3. Elide-se:

a) quando *inicial* raramente: *Emmanuel* ⟶ *Manoel, episcopum* ⟶ *bispo.*

b) Quando *medial,* frequentemente: *operam* ⟶ *obra, socerur* ⟶ *sogro, tenebras* ⟶ *trevas.*

c) Quando *final,* sempre que for precedido de *l, r, m, n,* por poderem estes phonemas formar syllabas com a vogal antecedente: *crudelem* ⟶ *cruel, legalem* ⟶ *legal, regulare* ⟶ *regular, amare* ⟶ *amar, sapere* ⟶ *saber, partire* ⟶ *partir, cane* ⟶ *can* ⟶ *cão, vice* ⟶ *vez.*

Na prosodia brasileira abre excepção a 3.ª pess. do pres. indic. de *valer—vale;* em compensação, na lusitana guardam muitos o *e* na mesma pess. de *querer* e *requerer — quere* e *requere.* No dialecto literario é preferivel guardar o *e,* quando seguido do objecto: — *quere-o, requere-o;* se bem que mesmo em Herculano encontremos — *quê-lo.*

d) O **e** *átono* transmuda-se por vezes em **a** antes de **r:** *verrere* ⟶ *varrer, servientem* ⟶ *sargento, per+ad* ⟶ *pera* (arch.) ⟶ *para.* Descobre-se ainda hoje esta tendencia na orthoepia lusitana, p. ex.: *numaro, amaricano,* por *numero, americano.* E' provavel que a este phenomeno da influencia da semivogal *r,* devamos em portuguez o suffixo — *aria,* p. ex.: *caballarium* ⟶ *cavallairo* ⟶ *cavalleiro cavalleiro+ia* ⟶ *cavalleiria* ⟶ *cavalleria* ⟶ *cavallaria* ou *cavalaria.*

I

113. **O i** *tónico:*

a) Conserva-se em geral: *vitam* ⟶ *vida, formicam* ⟶ *formiga, amicum* ⟶ *amigo.*

b) Permuta-se ás vezes por *e*: *capillum* ⟶ *cabello, picam* ⟶ *pêga, capistrum* ⟶ *cabresto, silva* ⟶ *selva, sigillum* ⟶ *sello, scribo* ⟶ *escrevo.*

114. O *átono*:

a) Quando *final*, muda-se uniformemente em *e*: *peti*(t) ⟹ *pede*, *vinci*(t) ⟹ *vence*, *senti*(t) ⟹ *sente*.

b) Quando *medial*, não raro, cae: *asinum* ⟹ *asno*, *veritatem* ⟹ *verdade*, *bonitatem* ⟹ *bondade*, *dominum* ⟹ *dono*.

Em *mirabiliam* ⟹ *maravilha*, dá-se uma assimilação regressiva: o *i* da syllaba transmuda-se em *a* por attracção do *a* da syllaba subsequente. Provavelmente o mesmo phenomeno se deu em *bilanx* ⟹ *balança*, e é possivel que a elle não seja extranho *samphona* ⟹ *symphonia*.

O

115. O **o** *tónico*:

a) Mantem-se em regra: *totum* ⟹ *todo*, *solum* ⟹ *só*, *amorem* ⟹ *amor*, *cohortem* ⟹ *coorte* ⟹ *côrte*, *focum* ⟹ *fogo*, *personam* ⟹ *pessoa*, *votum* ⟹ *voto*, *oculum* ⟹ *olho*.

b) Permuta-se ás vezes por *u*: *octobre* ⟹ *outubro*, *totum* ⟹ *todo* (neut. ⟹ *tudo*, *testimonium* ⟹ *testemunho*, *compleo* ⟹ *cumpro*, *dormio* ⟹ *durmo* (cfr. b. lat. *ordiri* ⟹ *urdir*).

116. O **o** *átono*:

a) Permuta-se em alguns casos por *e*: (ho)*rologium* ⟹ *relogio*, *valorosum* ⟹ *valeroso*, *formosum* ⟹ *fermoso* (arch e pop., por dissimilação).

b) Elide-se por vezes quando *inicial* e *medial*: (h)*orologium* ⟹ *relogio*, *leporem* ⟹ *lebre*, *parabola* ⟹ *palavra*. — Em *obispo* (arch.) ⟹ *bispo*, a quéda do *o* inicial é, por certo, determinada pela confusão com o artigo masc. singular.

U

117. O **u** *tónico*:

a) Conserva-se em algumas palavras: *virtutem* ⟶ *virtude, acutum* ⟶ *agudo, lucem* ⟶ *luz*.

b) Permuta-se em outras por *o*: *lupum* ⟶ *lobo, humerum* ⟶ *hombro, undam* ⟶ *onda, crusta* ⟶ *crôsta* (cf. *crusta*).

118. O **u** *átono*:

a) Permuta-se ás vezes por *e*: *umbelicum* ⟶ *embigo, juniperum* ⟶ *genebra.*

b) Permuta-se ordinariamente por *o*, e uniformemente, quando *final*: *gubernare* ⟶ *governar, superbum* ⟶ *soberbo, urticam* ⟶ *ortiga* — *lupum* ⟶ *lupu* ⟶ *lobo, servum* ⟶ *servu* ⟶ *servo, exercitum* ⟶ *exercito.* E assim todos os derivados da 2.ª e 4.ª declin. lat.

Em *Ulisiponam* ⟶ *Lisboa,* houve *apherese* do *u* inicial.

CAPITULO IX

GRUPOS VOCALICOS

Hiatos

119. Do latim classico passaram para o latim popular muitos *hiatos,* e deste para o portuguez, taes como: *cooperare, prehendere, cohorte, — cooperar, apprehender* (cf. apprender), *cohorte* (cf. côrte), *Dario.* Na evolução da lingua muitos outros se formaram, mormente em certa época em que a quéda da consoante sonora intervocalica poz em contacto vogaes de syllabas convizinhas, como—*videre* ⟶ *veër, date* ⟶ *dade* ⟶ *daë, pede* ⟶ *peë, frigidum* ⟶ *frio.*

120. Repugnando ao genio da lingua taes grupos vocalicos, tão numerosos no latim literario, foram elles consideravelmente reduzidos por varios processos, já no dominio do latim popular, já no dominio do vernaculo.

Podemos reduzir aos seguintes os processos da lingua para a eliminação de *hiatos*, que são: *crase*, *diphthongação* e *syncope*.

I. Crase.

121. Dá-se a *crase*, *fusão* ou *contracção*, quando, sendo identicos os elementos vocalicos, se opera a absorpção de um pelo outro: *prehendere* ⟶ *prender*, *videre* ⟶ *veer* ⟶ *ver*, *dolorem* ⟶ *door* ⟶ *dôr*, *palatium* ⟶ *paaço* ⟶ *paço*, *pedem* ⟶ *pee* ⟶ *pé*, *panetaria* (b. lat.) ⟶ *paadeira* ⟶ *padeira*.

II. Diphthongação.

122. A *diphthongação* opera-se pela reunião em uma syllaba de elementos vocalicos, em geral dissimilares, pertencentes a syllabas diversas, e que vieram em contacto, pela quéda da consoante interposta: *date* ⟶ *dade* ⟶ *daë* ⟶ *dae*, *amatis* ⟶ *amades* ⟶ *amaës* ⟶ *amaes*, *timetis* ⟶ *timedes* ⟶ *temeïs* ⟶ *temeis*, *fatales* ⟶ *fataës* ⟶ *fataes*, *solitatem* ⟶ *soïdade* ⟶ *soidade* (*arch.* = *saudade* por influencia de *saude*), *duos* ⟶ *doos* ⟶ *dous*.

123. Esta diphthongação realiza-se ainda por *metathese*, como em — *faciles* ⟶ **faciës* ⟶ *faceis*, *amabiles* ⟶ **amaviës* ⟶ *amaveis*, *textiles* ⟶ **textiës* ⟶ *têxteis*, *pensiles* ⟶ **pensies* ⟶ *pênseis*.

124. Este processo na formação do plural dos nomes oriundos dos nomes da 3.ª declin. lat., dá-se quando a syllaba final é átona. Sob a acção do accento tónico opera-se a *crase*, isto é, a absorpção da vogal identica ou proxima, como vimos no paragrapho acima, p. ex.: *subtiles* ⟶ **subties*

⟹ *subtis.* — Na pronuncia de *reptil* e *projectil* ha vacillação, sendo mais commum entre nós fazer recahir a tonica na ultima syllaba, contrariamente á accentuação latina; dahi o duplo plural destes dois vocabulos — *réptis* e *répteis*, *projectis* e *projécteis*.

125. A *diphthongação* opera-se ainda pela intercalação de uma vogal euphonica entre as vogaes em hiato, amenizando a pronuncia: *frenum* ⟹ *freo* ⟹ *freio*, *vena* ⟹ *vea* ⟹ *veia*, *fœdum* ⟹ *feo* ⟹ *feio*

III. SYNCOPE.

126. Elimina-se ás vezes o *hiato* com a *syncope* ou suppressão de uma das vogaes: *consuere* ⟹ *coser*, *battuo* ⟹ *bato*, *moesteiro* ⟹ *mosteiro*, *maestre* ⟹ *mestre*, *fortalitia* ⟹ *fortaleza*, *parietem* ⟹ *parede*, *augustum* ⟹ *agosto*, *augurium* ⟹ *agouro*.

CAPITULO X

DIPHTHONGOS

127. Os DIPHTHONGOS do latim classico eram apenas — *ae*, *oe*, *au*.

128. Desde o fim da Republica, e principalmente no primeiro sec. da E. C., o diphthongo *ae* reduziu-se *ae* (= *é*) e *oe* a (= *ê*) — *Caeser* — *César* e *poena* — *pêna* (Bourciez). Subsistiu o diphthongo *au*, que frequentemente se enfraquece em *ou*: *audaciam* ⟹ *audacia*, *causam* ⟹ *causa* e *cousa* (com differenciação de sentido), *pausa* e *pouso* (id.), *aurum* ⟹ *ouro*, *thesaurum* ⟹ *thesouro*. Este mesmo *diphthongo* (*ou*) soffreu a tendencia de contracção, que o reduziu a *o*, p. ex.: *orum*, *plostrum*, por *aurum*, *plaustrum*. Desta tendencia nasceu *pobre*, de *pauperum*, e, posteriormente *apoquentar*, *aposentar*, de *pouco* e *pouso*. Em *agouro* ⟹ *augurium*, *agosto* ⟹ *augustum*, o diphth. *au* ficou reduzido a *a*.

129. O diphthongo *ou* transmuda-se frequentemente em *oi*, que se tornou fórma syncretica mais distincta na pronuncia: *cousa* e *coisa*, *dous* e *dois*, *ouro* e *oiro*, *açoute* e *açoite*, *thesouro* e *thesoiro*.

Subsiste este syncretismo diphthongal com certa tendencia para fixar-se numa ou noutra fórma em certas palavras, variando a preferencia quasi sempre entre Portugal e o Brasil.

Em Portugal maior é a tendencia de reduzir *ou* a *ô*, e mais larga a preferencia que ahi dá o povo á fórma *oi*, de que no Brasil. Sobre isto escreve o Snr. Gonçalvez Viana: "Em varios pontos do reino prefere-se em muitas palavras *oi* a *ou* (pronunciando-se *ôu* ou *ô*), qualquer que seja a orijem da subjunctiva dêste ditongo, *u*, *i*, ou uma consoante. E', pois, facultativo pronunciar-se *touro* ou *toiro*, *couro* ou *coiro*, *noute* ou *noite*, de *taurum*, *corium*, *noctem*. Dou em geral a preferencia, com Alexandre Herculano, a *ou*, fazendo pequenas excepções, e são as principaes *dois* e *oito*".

No Brasil, entretanto, a fórma *ou* póde considerar-se fixa geralmente em: — *couro*, *ouro*, *thesouro*, *lousa*, *pouso*, *louça*, *Sousa*. E *oi* em: *oito*, *noite*, *foice*, *coice*, *moita*.

130. Novos DIPHTHONGOS. Contrariamente ao genio da lingua-mãe, o portuguez multiplicou o numero de seus diphthongos no decurso de sua evolução. Podemos assignalar as seguintes causas da creação de novos diphthongos:

1.º Por *hyperthese* ou attracção da vogal da syllaba subsequente: *primariun* ⟿ *primairo* ⟿ *primeiro*, *operarium* ⟿ *obrairo* ⟿ *obreiro*, *monasterio* ⟿ *mosteiro*, *caseum* ⟿ **caiso* ⟿ *caijo* ⟿ *queijo*, *januariun* ⟿ *janairo* ⟿ *janeiro*, *feriam* ⟿ *feira*, *rabiam* ⟿ *raiva*.

Por influencia erudita muitos desses vocabulos volveram á fórma latina, assumindo alguns fórmas *duplas*, p. ex.: contrario (arch. *contrairo*), *vigario* (arch. *vigairo*), *primario* e *primeiro*, *operario* e *obreiro*.

2.° Por *syncope* da consoante intervocalica: *amavi* ⟿ *amai* ⟿ *amei, cantatis* ⟿ *cantades* ⟿ *cantaes, timete* ⟿ *temede* ⟿ *temei.*

3.° Por *intercalação* de vogal euphonica para suavizar o hiato: *arena* ⟿ *arêa* ⟿ *areia, frenum* ⟿ *freo* ⟿ *freio, catenam* ⟿ *cadea* ⟿ *cadeia, telam* ⟿ *tea* ⟿ *teia.*

4.° Por *vocalização* da prepositiva do grupo consonantal *ct, pt, cs* (= x), *lt, bs*: *pectum* ⟿ *peito, actum* ⟿ *auto, fructum* ⟿ *fruito* (arch.), *october* ⟿ *outubro, doctrinam* ⟿ *doutrina, sex* (= cs) ⟿ *seis, laxare* = *lacsare*) ⟿ *laixar* ⟿ *leixar* ⟿ *deixar, multum* ⟿ *muito, alt'rum* ⟿ *outro, absentem* ⟿ *ausente.*

CAPITULO XI

CONSONANTISMO

Historia das consoantes

131. Em rigor o alphabeto latino consignava apenas doze consonancias ou phonemas consoantes, a despeito das dezenove letras consoantes, que contém. Estes doze phonemas consoantes são: — *b, c, d, f, g, l, m, n, p, r, s, t.*

a) O *b* representava primitivamente uma aspiração, como o *b* de certas palavras inglezas, v. gr. *horse*, e assim occupava elle um logar entre as consoantes latinas. Porém, durante o Imperio, perdeu elle esse valor, e, com essa perda, o seu caracter de letra.

b) O *k* e o *q* tem o mesmo valor phonico do *c*, e não representa consonancia especial.

c) O *x* latino tinha valor duplice, e equivalia a *c*+*s* = *cs*, v. gr., *nexum* = *necsum.*

d) O *z* latino tinha egualmente som duplice, e equivalia a d+z = *dz* = *Esras* = *Esdras.*

e) O *v*, *j* e *x* (= che) figuram phonemas consoantes novos, formados no dominio do *romance*, e evolvidos, os dois primeiros, de *u* e *i*, e o ultimo, do enfraquecimento do *x* duplice latino.

f) Além destes trez phonemas consoantes, creou o *romance* mais dois (*lhe* e *nhe*). Estes phonemas chamados *molhados*, nasceram da combinação de phonemas latinos, p. ex.:

Lhe de *li*+*vogal*: — *filium* ⟹ *filho*, *palea* ⟹ *palha*, *meliore* ⟹ *melhor*, *muliere* ⟹ *mulher*; de *cl*, *gl*, *tl*, *pl*: — *mac'la* ⟹ *malha*, *reg'lum* ⟹ *relho*, *vet'lum* ⟹ *velho*. *manup'lum* ⟹ *manolho*.

Nhe de *ni*+*vogal*: *seniore* ⟹ *senhor*, *tenea* ⟹ *tinha*, *aranea* (= arania) ⟹ *aranha*, *Bretania* ⟹ *Bretanha*; de *gn*: *tammagnu* ⟹ *tamanho*, *insignum* ⟹ *insinhe* (arch.). *Carolus magnus* ⟹ *Carlosmanho*.

132. A SORTE DAS CONSOANTES.

A sorte das consoantes, no corpo do vocabulo, depende, como a das vogaes, de sua *natureza* e *posição*, isto é, de serem *surdas* ou *sonoras*, *iniciaes*, *mediaes* ou *finaes*. Além disso, influe ainda em seu destino o estarem *insuladas entre vogaes*, ou *agrupadas* na palavra: as insuladas ou *simples*, resistem menos, e as *geminadas* e outros *grupos consonantaes* resistem mais a qualquer modificação. Tomaremos por base do estudo das consoantes *simples* a sua *posição*, como *iniciaes*, *finaes* e *mediaes*, e passaremos em seguida ao estudo dos *grupos consonantaes*. Antes, porém, faremos algumas observações geraes, referentes a algumas consoantes.

133. OBSERVAÇÕES GERAES.

1.º O **c** e **g** antes de **e** e **i** tinham, no latim classico, o mesmo som guttural que teem deante das outras vogaes: *cervum*, *Cicero*, *gemere*, *ducem*, *gyrum*, soavam — *kervum kikero*, *guemere*, *duquem*, *guyrum*. Pouco a pouco estas gutturaes foram arrastadas, por uma acção assimilativa das vogaes palataes **e**, **i**, a se *palatizarem* — *ce* = *se*, = *ci* = *si*, = *ge* = *je*, *gi* = *ji*. E' provavel, opina Bourciez, que esse phe-

nomeno já se tivesse operado na época imperial. Dahi o apparecimento dos digrammas *qu* e *gu* para substituirem os valores perdidos dessas consoantes antes de *e* e *i*.

2.ª O **h** teve, por certo, no latim archaico, um valor fortemente aspirado, mas já no tempo de Cicero havia este valor desapparecido, sendo apenas artificialmente mantido nas escolas e no fallar da gente culta (Bourciez). Abundam nas inscripções as graphias — *omo, abere, eres,* por — *homo, habere, heres.* A ausencia do **h** indicava plausivelmente a pronuncia popular. O *h,* pois, figura, não só no vernaculo, mas no proprio latim, como mero expoente etymologico.

No portuguez archaico apparece, entretanto, o **h** em muitos vocabulos sem razão etymologica, conservando-se ainda alguns delles em nossa orthographia actual, p. ex.:

He, ho, ha, hum, hontem, hombro, humido, por — *é, o, a, um, uma, ontem, ombro, umido.*

Entretanto, parece que no latim da Lusitania o *h,* conservou, por vezes, valor phonico, a julgarmos pelos seguintes vocabulos, em que apparece elle transformado em guttural:

Traho ⟿ *trago, mihi* ⟿ *michi* (arch.), *nihil* ⟿ *nichil* (arch.) (Vasconcellos).

3.ª O **j** nasceu da consonantização do **i** lat. O som dubio desta letra, desdobrou-se francamente na vogal **i** e na consoante **j** e só do sec. XVI em deante é que se começou a usar a fórma graphica alongada (j) para o phonema consoante, e a outra fórma mais breve (**i**) para o phonema vogal: *iacere* ⟿ *jazer, ientare* ⟿ *jantar,* (h)*ierarchia* ⟿ *jerarchia,* (h)*ieroglypho* ⟿ *jeroglypho,* (H)*ieronymo* ⟿ *Jeronymo,* (H)*iacintho* ⟿ *Jacintho,* (H)*ierosolyma* ⟿ *Jerusalem.* Ainda hoje, porém, **o j** guarda valor consonantal, quando entre vogaes, p. ex.: *maio, maior, faia, saia, praia.*

4.ª O **v** tem sua origem na consonantização do **u** lat., cujo som dubio se approximava do *dobliú* (w) *inglez*: — *tranway, which,* e só do sec. XVI em deante é que se co-

meça a distinguir na orthographia o valor consonantal com a fórma *v*, e o valor vogal com a fórma *u*: *uocem* ⟹ *voce* ⟹ *voz*, *uetelum* ⟹ *velho*.

134. O reforço da continua *v* na explosiva *b*, é phenomeno commum na dialectação do latim em portuguez, p. ex.: *vaginam* ⟹ *bainha*, *vesicam* ⟹ *bexiga*, *votum* ⟹ *bodo*.

Entre os minhotos é hoje uniforme esta permuta: *bocê*, *binho*, *barão*, por *você*, *vinho*, *varão*. Perdura ainda entre nós, em certas palavras, o syncretismo destas duas consoantes, v. gr., *taberna* e *taverna*, *cobarde* e *covarde*, *bôda* e *vôda*.

Consoantes iniciaes simples

135. As consoantes *iniciaes* das palavras latinas, em regra, conservam-se *inalteradas*. Exs.:

Bibere ⟹ *beber*, *captivum* ⟹ *cativo*, *digitum* ⟹ *dedo*, *facilem* ⟹ *facil*, *gustum* ⟹ *gosto*, *linteum* ⟹ *lenço*, *malum* ⟹ *mau*, *quomodo* ⟹ *como*, *picam* ⟹ *pega*, *rosam* ⟹ *rosa*, *totum* ⟹ *todo*, *virtutem* ⟹ *virtude*.

Excepções:

1.ª Encontram-se exemplos esporadicos do *c inicial* permutado por sua homorganica branda g: *catum* ⟹ *gato*, *caviolam* ⟹ *gaiola*, *camellam* ⟹ *gamella*, *crassum*, ⟹ *graxo*, *cretam* ⟹ *greda*, *cratem* ⟹ *grade*.

2.ª O **v** inicial de muitos vocabulos latinos converteu-se na guttural sonora **g**, por influencia germanica, trazida á Peninsula no sec. V, pela invasão dos godos, povo dessa raça. Essa gutturalidade germanica se manifesta nas seguintes palavras: *vastare* ⟹ *gastar*, *vulpiculam* ⟹ *golpelha*, *voracem* ⟹ (*voraz*) *guoraz* ⟹ *goraz*, *vomitare* ⟹ *gomitar* (pop.), *vae* (*vae*) ⟹ *guai* (arch.). A mesma permuta deu-se com o *w* (dobliú) inicial de vocabulos germanicos introduzidos em nosso lexico pelos godos: *werra* ⟹ *guerra*, *wise* ⟹ *guisa*, *warda* ⟹ *guarda*, *want* ⟹ *guante*, *Wimaranes* ⟹ *Guimarães*, Wilihelm ⟹ Wilhelm ⟹ Guilherme.

Consoantes finaes simples

136. As consoantes *finaes*, contrariamente ás *iniciaes*, não se manteem: as *fortes* enfraquecem nas sonoras correspondentes, e as fracas soffrem *apócope*, com excepção do *s*: *sub* ⟿ *sob* ⟿ *so* (arch.), *ad* ⟿ *a*, *servum* ⟿ *servo*, *amat* ⟿ *amad* ⟿ *ama*, *amatis* ⟿ *amades* ⟿ *amaes*.

137. As consoantes *finaes* do latim classico eram: — *b, c, d, l, m, n, r, s, t*, que no latim popular se reduziram a: — *r, s, t*, e no portuguez a: — *l, r*, s(z), *n*. O *l* e *r* finaes do portuguez vieram, em regra, do *r* e *l* mediaes latinos, pela quéda da syllaba final: *fidelem* ⟿ *fiel*, *legalem* ⟿ *legal*, *exemplarem* ⟿ *exemplar*.

Poucos são os vocabulos portuguezes terminados em *n*, e esses mesmos de uso erudito, repugnantes ao genio da lingua, p. ex.: *alumen, lichen, espécimen, amen*. Neste ultimo e em outros, que já cahiram no dialecto popular, como — *regimen*, o *n* é elemento etymologico, e tem o mesmo valor que o *m* final, isto é, indica diphthongo nasal, no fallar commum — ameĩ regimeĩ, (ou *regime*). O mesmo se observa com *joven*, que melhor se graphará — *jovem*.

138. Observações sobre algumas consoantes finaes.

1.ª O *m* final perdeu em portuguez o seu valor literal, e é apenas signal de nasalidade: — *fim, tom*. Precedido de *a* e *e*, indica os diphthongos nasaes — *ão* e *eĩ*: *órgam, amam, homem, personagem, pagem, amem, bem, contém*. Em Portugal este ultimo diphthongo nasal soa — *aĩ* quando tonico: *alguem* (alguaĩ) *bem* (baĩ), *Belem* (B'lãin).

2.ª O *m* final no latim *classico* attenuou-se, e veio uniformemente a desapparecer no latim *popular*, obliterando assim o accusativo do singular, que nas cinco declinações latinas terminava em *m*: *hora*(m), *servu*(m), *fidele*(m), *exercitu*(m), *re*(m), *amaba*(m). — Neste pheno-

meno do latim popular, prende-se a apócope do *m* final portuguez, de que acima tractámos.

3.ª O *t* final dos vocabulos latinos soffreu uniforme *apócope*, depois de enfraquecido em sua homorganica *d*: *amat* ⟿ **amad* ⟿ *ama, petit* ⟿ **peted* ⟿ *pede, laudabat* ⟿ **laudabad* ⟿ *louvava.*

4.ª O *s* final conserva-se: *Carolus* ⟿ *Carlos, Jacobus* ⟿ *Jaques* (cf. *Jacob* ⟿ *Jacób, Iacob* ⟿ *Iágo*).

A conservação do *s* do accusativo plural dos nomes das cinco declinações — *horas, servos, arbores, exercitus,* deu-nos o *s* como expoente do plural.

Consoantes mediaes simples

139. A sorte das *consoantes mediaes simples* é vária, como, em seguida, passamos a expor.

1.º As consoantes *mediaes explosivas surdas* — *p, t, k,* intervocalicas, abrandam-se geralmente em suas *homorganicas* — *b, d, g.* Exs.:

Apothecam ⟿ *abodega* ⟿ *bodega, materiam* ⟿ *madeira, mancipium* ⟿ *mancebo, capillum* ⟿ *cabello, salutare* ⟿ *saudar, digitum* ⟿ *dedo, recipere* ⟿ *receber, ciconiam* ⟿ *cegonha, fatum* ⟿ *fado.*

2.º As consoantes *mediaes explosivas sonoras* — *b, d, g,* intervocalicas, são muitas vezes *syncopadas.* Esta syncope, constituida pela quéda da *consoante medial,* é um phenomeno proeminente, caracteristico na evolução do latim. Exs.:

Proebendam ⟿ *preenda* ⟿ *prenda, faciebam* ⟿ *facia* ⟿ *azia, amatis* ⟿ *amades* ⟿ *amaes, crudelem* ⟿ *cruel, credum* ⟿ *cruo* ⟿ *cru, legalem* ⟿ *legal,* ⟿ *leal, ligare* ⟿ *liar, ligamen* ⟿ *liame.*

a) O **b,** ás vezes, em logar da syncope, passa para a constrictiva immediata sonora, labial dental, v. Exs.:

Caballum ⟶ *cavallo, nubem* ⟶ *nuvem, fabam* ⟶ *fava, gubernum* ⟶ *governo, probare* ⟶ *provar, cantabam* ⟶ *cantava.*

O **b** permuta-se pela sua homorganica nasal *m* em — *cănnābums* ⟶ *canhamo, morbum* ⟶ *mormo, Jacobum* ⟶ *Jacome.*

b) O **t** das 2.as pess. plur. dos verbos latinos já se apresenta abrandado em **d** nos primeiros documentos da lingua dos fins do sec. XII — *podedes.*

No sec. XV opera-se a syncope desse phonema sonoro, que se completa no primeiro quartel do seculo seguinte. Alguns verbos resistiram a esta syncope — *lêdes, credes, vêdes, vindes, ides, tendes.* Esta resistencia explica-se pela pequena extensão dessas palavras, e, nos dois ultimos, pelo apoio que o **d** encontra na syllaba nasal que o precede.

3.º As consoantes *mediaes constrictivas* — *f, v, s, z* soffrem, como as explosivas, abrandamentos e syncopes accidentaes, bem como outras alterações.

a) As constrictivas *surdas* — *f* e *s intervocalicas,* abrandam-se em suas homorganicas sonoras *v* e *z*. Exs.:

Aurificem ⟶ *ourivez* (ourives), *trifolium* ⟶ *trevo, Stephanum* ⟶ *Estevam, mensam* ⟶ *mesa, defensa* ⟶ *defesa, sponsum* ⟶ *esposo, pensare* ⟶ *pesar, vicinum* ⟶ *vizinho, vices* ⟶ *vezes, vacivum* ⟶ *vazio.*

b) A constrictiva *sonora v,* em contacto com *i,* cae. Exs.:

Amavi ⟶ *amai* ⟶ *amei, oestivam* ⟶ *estio, vestivimus* ⟶ *vestimos* ⟶ *vestimos.*

c) A constrictiva *surda f* transmuda-se ás vezes na explosiva sonora *b,* porém em regra se mantem. Exs.:

Africum ⟶ abrego, phantasma ⟶ abentesma — proferire ⟶ proferir, maleficium ⟶ maleficio, profundum ⟶ profundo.

d) A constrictiva *surda apical s* transmuda-se por vezes na constrictiva palatal *surda chiante x* (= *ch.*) Exs.:

Insertare ⟶ *enxertar, insapidum* ⟶ *enxabido, vesicam* ⟶ *bexiga, *insulphurem* ⟶ *enxofre, bassium* (l. pop.) ⟶ *baixo, passione* ⟶ *paixão.*

Esta metamorphose de *s* em *x* conserva-se ainda modernamente em Portugal e em algumas reigiões do Brasil, com o *s* final das syllabas, p. ex.: *pires* = *pirex, alferes* = *alferex, casta* = *caxta.* E' esta a pronuncia portugueza recommendada por Antonio de Castilho; entre nós, porém, ella assignala apenas a influencia lusitana em certos centros populosos de nosso paiz. A este som especial do *s* dá-se o nome de *reverso* ou *reversivo,* por ser produzido pela parte reversa ou posterior da lingua, sendo elle indicado, nos tractados especiaes, pelo signo *s,* quando *surdo* (se lhe segue consoante forte), e por *ʒ,* quando *sonoro* (se lhe segue consoante fraca), por ex.:

Cesta (*cesta* = *cexta*) e *dezde* (*desde* = *dexde*) *lezma* (*lesma* = *lexma*).

e) O *s* medial isolado ou intervocalico soava no latim classico surdo ou forte (*rosa* = *rossa*), e o mesmo succedia no v. port.; porém do sec. XVI para cá, tornou-se sonoro ou brando (*rosa* = *roʒa*).

f) O phonema *ʒ*, linguo-dental brando, era desconhecido em latim, onde a letra *ʒ* representava som duplice (dz), tendo, porém perdido o primeiro elemento (d), ficou a letra para representar apenas o novo som romanico, que se relaciona com o seu segundo elemento.

4.º As consoantes medias constrictivas *linguo-palataes* — *x* (= ch), *j*, bem como o *v* e *ʒ*, são phonemas desconhecidos em latim, e creados no dominio do *romance.*

a) A letra *x* representava em latim o som duplice *cs* (*nexus, laxare*); o primeiro elemento do grupo (c) cae ou vocaliza-se, e o ultimo adquire o valor phonetico de palatal chiante surda (ch), e para representá-lo, em muitos vocabulos, adoptou-se o signo *ch* (*cheio, achar*), que não se deve confundir com o digramma grego *ch* (*orchestra, monarcha*). Exs.:

Taxare ⟹ *taxar* (tachar), *lixivia* (licsivia) ⟹ *lixivia* (lichivia), *laxare* (lacsare) ⟹ *laixare* ⟹ *deixar.*

Este novo phonema romanico (*x* = *ch*) soava na edade-média *tch*, valor que ainda conserva no Minho e Beira em Portugal, e em certas regiões do interior de S. Paulo, no Brasil, onde se pronuncia *catchorro, catcha, tchapéo.*

O mesmo phonema ainda existe entre os gallegos, provençaes e italianos. Na lingua ingleza elle vigora, provavelmente importado da França: *chief* (= tchif).

b) O *j constrictivo palatal sonoro* desdobrou-se do *i*, fixando-lhe o valor consonantal, que do sec. XVI em deante passou a ser representado pelo signo *j*, p. ex.:

Cuius ⟹ *cujo, maiestatem* ⟹ *majestade, maiorem* ⟹ *major.*

5.º As consoantes *mediaes constrictivas liquidas, r, l,* seguem sorte diversa.

a) O *r* medial intervocalico conserva-se. Exs.:

Viperam ⟹ *vibora, rarum* ⟹ *raro, coronam* ⟹ *coroa, corium* ⟹ *couro, aurum* ⟹ *ouro, aranea* ⟹ *aranha, colorem* ⟹ *coore* ⟹ *côr, timorem* ⟹ *temor.*

b) Consoante extremamente movel, o *r*, attrahido por outra consoante, soffre *hyperthese* ou deslocação. Exs.:

Tenebras ⟹ trevas, fenestram ⟹ fresta, capistrum ⟹ *cabresto, parabolam* ⟹ *palavra.*

c) O *l* medial intervocalico em regra soffre *syncope*. Exs.:

Coelum ⟹ *céo, malum* ⟹ *mau, malam* ⟹ *maa* ⟹ *má dolentem* ⟹ *doente, populam* ⟹ *poboo* ⟹ *povo, salire* ⟹ *sair* (sahir), *palumbum* ⟹ *paombo* ⟹ *pombo.*

6.º As consoantes *nasaes* — *m, n,* quando *mediaes* teram sorte diversa.

a) O *m* intervocalico conserva-se. Exs.:

Famam ⟶ fama, famem ⟶ fome, amicum ⟶ amigo, cumulum ⟶ cumulo (combro), amare ⟶ amar, vomitare ⟶ vomitar, animum ⟶ animo.

b) o *n* intervocalico não raro soffre *syncope*. Exs.:

Sinum ⟶ seio, coronam ⟶ coroa, minutum ⟶ miudo venam ⟶ veia, vanitatem ⟶ vaidade, bona ⟶ boa, lunam ⟶ luna ⟶ lua, seminare ⟶ semear.

Outras vezes mantem-se. Exs.:

Animum ⟶ animo, fortunam ⟶ fortuna, sanare ⟶ sanar, asinum ⟶ asno.

Esporadicamente o *n* transmuda-se em *l*. Exs.:

Animaliam ⟶ alimalia ⟶ alimária, Bononia ⟶ Bolonha, memorare ⟶ nembrar ⟶ lembrar.

Grupos consonantaes

140. Os grupos consonantaes são formados pelo contacto de consoantes no corpo do vocabulo, quer pertençam á mesma syllaba, quer não. Quanto á posição, podem ser *iniciaes* e *mediaes*, e quanto á procedencia e composição, dividem-se em:

a) *Latinos*, quando provêm do latim: *cavallo* (⟵ *caballum*), *padre* (⟵ *patrem*), *constante* (⟵ *constantem*).

b) *Romanicos*, quando formados no dominio do *romance* pela quéda de uma vogal intermedia: *ovic'la* (*ovicula*) ⟶ *ovelha*, *regl'lam* (*regula*) ⟶ *relha*, *vet'lum* (*vetulum* ⟶ *velho*.

c) *Proprios*, quando formados por uma explosiva ou constrictiva e um *l*, *r*, *n* (bl, cl, fl, gl, pl, br, dr, etc.); *bravo*, *escravo*, *grande*, *plano*, *digno*.

d) *Homogeneos* ou *geminados*, quando formados por consoantes identicas (—*bb*, *cc*, *gg*, etc.) *sabbado*, *peccado*, *aggregar*.

e) *Heterogeneos*, quando formados por consoantes diversas (*pt*, *ct*): *apto*, *jacto*.

141. SORTE DOS GRUPOS HOMOGENEOS.

a) Os grupos *homogeneos* ou *geminados* — *bb*, *cc*, *dd*, *ff*, *gg*, *ll*, *mm*, *nn*, *pp*, *rr*, *ss*, *tt*, simplificam-se, em regra, deixando cahir o primeiro elemento, tornando-o *insonoro*. A conservação na escripta desse elemento insonoro obedece apenas aos preceitos da orthographia etymologica, p. ex.: *sabbado*, *peccado*, *addição*, *affirmar*, *aggregar*, *collega*, *commodo*, *annexo*, *approvar*, *carro*, *fosse*, *attento*.

b) Os grupos RR e SS não podem ser simplificados na escripta sem determinar uma alteração phonetica, como se vê em *carro* e *caro*, *cassa* e *casa*. Contrariamente ao que se dava em latim o *s* entre vogaes vale por *z*, isto é, abranda-se. — Convem tambem observar que os grupos *mm*, *nn*, não se simplificam inteiramente, isto é, o primeiro elemento faz sentir a sua presença nasalando a vogal antecedente, como se vê em — *emmallar* e *emanar*, *emmagrecer* e *emigrar*, *grammar* e *gramar*, *annullar* e *anular*.

O italiano guarda nos grupos geminados o valor sonico primitivo do primeiro elemento.

142. SORTE DOS GRUPOS HETEROGENEOS.

a) Os grupos *dz* (*z lat.*), *ns*, *pt* perdem a prepositiva. EXS.:

Baptizare (=*baptizare*) ⟶ *batizar*, *zelosum* (=*dzelosum*) ⟶ *zeloso*, *defensam* ⟶ *defesa*, *mensam* ⟶ *mesa*, *portucalense* ⟶ *portugalense* ⟶ *portugaense* ⟶ *portuguaes* ⟶ *português* (*portuguez*), *sponsum* ⟶ *esposo*, *neptem* ⟶ *neta*, *septem* ⟶ *sete*, *captare* ⟶ *catar*, *captivum* ⟶ *cativo*, *cryptam* ⟶ *gruta*, *ruptum* ⟶ *roto*, *cap'talem* ⟶ *caudal*, *aptare* ⟶ *atar*.

No grupo *pt* dá-se muitas vezes a vocalização do primeiro elemento quando precedido de vogal, p. ex.:

Preceptum ⟶ *preceito, baptizare* ⟶ *bautizar* (arch.) *acceptum* ⟶ *acceito.*

b) Os grupos *ds* (não correspondente ao ɾ lat.), *ps, sr* alteram-se por assimilação perfeita regressiva. Exs.:

Adsolare ⟶ *assolar, adsistere* ⟶ *assistir, ipse* ⟶ *esse, gypsum* ⟶ *gesso, personam* ⟶ *pessoa, persicum* ⟶ *pessego.*

c) Os grupos *ct, pc, cs* (= *x lat.*),*lt, lc, bs, gl, pt,* vocalizam, não raro, a prepositiva. Exs.:

Pectum ⟶ *peito, actum* ⟶ *auto, factum* ⟶ *feito* ⟶ *feito, subjectum* ⟶ *sujeito, concepcionem* ⟶ *conceição, conceptum* ⟶ *conceito, preceptum* ⟶ *preceito, saxum* (=*sacsum*) ⟶ *saixo* ⟶ *seixo, sex* (=*secs*) ⟶ *seis, laxare* (= *lacsare*) ⟶ *laixar* ⟶ *deixar, alterum* ⟶ *outro, falcem* ⟶ *foice, exsuctum* ⟶ *enxuito* (arch.) *aspectum* ⟶ *aspeito* (arch.), *fecticium* ⟶ *feitiço, lactem* ⟶ *leite, luctam* ⟶ *loita* (arch. e pop.), *luctare* ⟶ *loitar* (*aloitar*, pop.) *delectum* ⟶ (*deleito* arch. = *deleite*), *doctrinam* ⟶ *doutrina, nocte* ⟶ *noite, biscoctum* ⟶ *biscoito, absentem* ⟶ *ausente, obsentare* ⟶ *ausentar, abstinere* ⟶ *auster* (arch.), *obstinatum* ⟶ *austinado, abstinente, austinente, obscurum* ⟶ *oscuro* (escuro), *abscondere* ⟶ *asconder* (arch.), *esconder, absolvere* ⟶ *assolver* (=*absolver*), *Magdalena* ⟶ *Maudalena ou Maudanela, amygdala* ⟶ *amendoa.* Precedido de consoante ou diphthongo, o grupo *ct* perde o primeiro elemento, p. ex. : *sanctum* ⟶ *santo* (sancto), *junctum* ⟶ *junto* (juncto), *unctare* ⟶ *untar, pinctare* (por pictare) ⟶ *pintar, tinctum* ⟶ *tinto, punctum* ⟶ *ponto, auctorem* ⟶ *autor* (auctor), *auctoritatem* ⟶ *autoridade* (auctoridade).

Obs. E' sem duvida de importação extrangeira *semana* ⟶ *septimana*) ; o desapparecimento do grupo *pt* e a conservação do *n* intervocalico denotam evolução não vernacula. Além disso, a idéa expressa por essa palavra, era indicada no portuguez archaico por *domaa* ⟶ *hebdomada.* — De *cub'tum* temos *côto* (ao lado de *covedo*), onde *bt* é tractado como *pt*, succedendo o mesmo com *tindo* (ao lado de *limpo*) ⟶ *limp'dum.* — *Dictum* deu *diito* ⟶ *dito. Pectinem* deu *penten* (empregado por Camões, Lus. 6. 17), e depois *pente*, por dissimilação.
— *Culc'tu* e *trac'tu* deram, por influencia hespanhola, onde *ct* ⟶ *ch* (*noctem* ⟶ *noche*), *colcha* e *trecho.*

d) Os grupos proprios — *cl, fl, pl,* quando *iniciaes,* transmudaram primitivamente na *palatal chiante x* (= ch) e, posteriormente, em *cr, fr, pr.* Exs.:

cl: *clavem* ⟶ *chave, clamare* ⟶ *chamar, c(e)leusmam chusma, clavic'lam* ⟶ *chavelha, clocca* ⟶ *choca,* — *clavum* ⟶ *cravo, clavic'lam* ⟶ *cravelha, clarum* ⟶ *craro* pop. (claro), *cla(u)stram* ⟶ *crasta, clamare* ⟶ *cramar* (pop.).

fl: *flammam* ⟶ *chamma, flagrare* (por *fragare*) ⟶ (*cheirar florescere* ⟶ *chorecer* (arch.), *Flavias* (aguas) ⟶ *Chavias* arch.) *Chaves, floccum* ⟶ *frocco, florem* ⟶ *frol* (arch.), *flegmam* ⟶ *freima, flagellum* ⟶ *fragello* (flagello).

pl *plenum* ⟶ *cheio, plus* ⟶ *chus* (arch.), *plantare* ⟶ *chantar* (arch.), *plicare* ⟶ *chegar, plagare* ⟶ *chagar, plagam* ⟶ *chaga, plumbum* ⟶ *chumbo, pluviam* ⟶ *chuva, plorare* ⟶ *chorar, planum* ⟶ *chão, plancam* ⟶ *chanca, planctum* ⟶ *chanto* (arch.), *plattum* ⟶ *chato, plantare* ⟶ *prantar* (pop.), *plenam* ⟶ *prea* (mar), *plano* ⟶ *pran* (arch.), *placere* ⟶ *prazer, plac(i)tum* ⟶ *preito, planetam* ⟶ *praneta* (arch. e pop.), *plagam* ⟶ *praga.*

Obs. 1.ª — A conservação do *l* no portuguez moderno em — *clamar, claro, plantar, planeta, pluma, flamma, flor, pleito, plano,* etc., é devida á reacção erudita, pois no velho portuguez temos — *cramar craro, prantar* e *chantar, praneta, pruma, chamma, frol, preito, chão,* fóra mas que ainda subsistem no dialecto popular, e algumas na linguagem culta.

Obs. 2.ª — O estudo comparativo do hespanhol, do italiano e do velho portuguez levou A. Coelho a traçar a seguinte evolução dos grupos latinos—**cl, fl, pl** em **ch**: *cl* ⟶ *çj* ⟶ *j* ⟶ *ch, fl* ⟶ *fj* ⟶ *j* ⟶ *ch, pl* ⟶ *pj* ⟶ *j* ⟶ *ch.*

Segundo esta marcha evolutiva, o *l* dissolve-se na semivogal *j* (*i* palatal); esta phase é representada pelo italiano: — *chamare.* ⟶ *chiamare* (ch=k), *flammam* ⟶ *fiamma, planum* ⟶ *piano,*

Em seguida *j*, consonantizando-se, repelle a consoante antecedente; este momento é representado pelas fórmas do portuguez archaico: — *clamare* ⟶ *jamar, plagare* ⟶ *jagar.*

Finalmente, o *j*, palatal chiante brando, reforçar-se-ia em sua homorganica surda — ch=x: *clamare* ⟶ *chiamare* ⟶ *jamar* ⟶ *chamar.*

e) Os grupos *cl, gl, pl, tl, formados* pela quéda da vogal átona postonica (*c'l, g'l, p'l, t'l*), mudam-se em *lh.* Exs.:

Ma(u)lam ⟶ *macla* ⟶ *malha, ovic(u)lam* ⟶ *ovela, ovelha; apic(u)lam* ⟶ *aplica* ⟶ *abelha; auric(u)lum* ⟶ *auricla* ⟶ *orelha; genuc(u)lum* ⟶ *genuclo* ⟶ *gcolho* ⟶ *regla* ⟶ *relha; scop(u)lum* ⟶ *escolho; manip(u)lum* ⟶ *manolho* ⟶ (*maolho* ⟶ *moolho* ⟶ *mólho*); ⟶ *artic(u)lum* ⟶ *artículo* ⟶ *artelho; peduc(u)lum* ⟶ *peduclo* ⟶ *peolho;* ⟶ *oc(u)lum* ⟶ *oclo* ⟶ *olho; grac(u)lum* ⟶ *gracla* ⟶ *gralho; vel(u)lum* ⟶ *vello* ⟶ *velho;*

aeu(u)lam ⟶ *acucla* ⟶ *agulha; vulpic(u)lam* ⟶ *vulpecla* ⟶ *golpelha; cubic(u)lariam* ⟶ *cubiclaria* ⟶ *covitheria.*

Por excepção — *lut'lare*, **lut'losa* deu *luchar* ou *luxar*, *luxoso* ou *lixoso.*

Obs. 1.ª — Quando precedidos de consoante, os grupos cl, tl, pl, transformam-se em **ch,** e **gl** em **lh.** Exs.:

Manclam (por *maculam*) ⟶ *mancha; *jenunclum* (por *joeniculum*) ⟶ *juncho; trunclum* ⟶ *troncho; *crinclam* (por *criniculam*, de crinis) ⟶ *crencha; masclum* (*masculum*) ⟶ *macho; carunclum* (por *carbunculum*) ⟶ *caruncho; *fascla* (por *fasciola*) ⟶ *facha; conclam* ⟶ *concha; sarclum* ⟶ *sacho; asllam* ⟶ *acha; inflare* ⟶ *inchar; afflare* ⟶ *acchar; implere* ⟶ *encher; amplum* ⟶ *ancho; singlario* ⟶ *senlheiro* (arch.); *singlos* ⟶ *senlhos; cingla* ⟶ *cinlha* (arch.), *cilha.* — Em *senhos* do port. arch. ao lado *senlhos*, bem como em *unha* (de *ungla*, que devera dar *unlha*) deu-se a assimilação do *lh* á nasal antecedente (Chr. Arch. LXXXVIII), e em *cilha* por *cinlha* dar-se-ia phenomeno contrario.

Obs. 2.ª — Em outras palavras, em periodo mais recente, deu-se, nos grupos *cl, gl* e *pl*, apenas a mudança do *l* em *r*: *reg(u)la* ⟶ *regla* ⟶ *regra; ecclesiam* ⟶ *eigreija* (arch.) ⟶ *igreja* ou *egreja; seculum* ⟶ *sigro* ou *segre* (arch.); *seculare* ⟶ *segrel* (arch.) ou *segral; cop(u)lam* ⟶ *copla* ⟶ *cobra* (arch.); *duplare* ⟶ *dobrar; implere* ⟶ *emprir* (arch. — cf. *encher*). Em outros ainda, em periodo posterior, conserva-se a vogal postonica, e cae o *l* intervocativo: *regulam* ⟶ *regua; macula* ⟶ *magua; periculu* ⟶ *perigoo* ⟶ *perigo; articulu* ⟶ *artigoo* ⟶ *artigo, vinculu* ⟶ *vinco.* — Por ultimo, ainda mais recentemente, a influencia erudita, conserva algumas vezes a fórma latina: *macula, vinculo, regular* (cf. regrar).

f) O grupo *bl* transformou-se em *br* e *vr*. Exs.:

Nobilem ⟶ *noble* ⟶ *nobre, obligare* ⟶ *obrigar, oblationem* ⟶ *oblação* (arch.), **oblitare* ⟶ *olvidar, *sableu* (por *sabulosum*) ⟶ *saibro, amb(u)lare* ⟶ *ambrar* (arch.); *parabolam* ⟶ *paravra* ⟶ *palavra* (por *dissimilação*).

Obs. Em época posterior, a conservação da vogal postonica impediu a formação do grupo *bl*, e formou-se um outro typo derivativo, pela quéda do *l* intervocalico: *parabolam* ⟶ *paravoa* (arch.), *regulam* ⟶ *regoa* (cf. *regra*), *tabulam* ⟶ *taboa* (arch. *tavola*), *nebulam* ⟶ *nevoa, maculam* ⟶ *magoa* (cf. *mallha* e *mancha*). Em *fabulari* ⟶ *fab'lare* ⟶ *fallar* deu-se a assimilação do *b* ao *l* (cf. hesp. — fablar arch. e hablar). — Na palavra *Diabo* (que na Escriptura Sagrada é um dos nomes proprios do chefe dos demonios, Satan ou Satanaz) de *Diabulum* houve syncope do *l*, donde a fórma archaica *Diaboo. Diabrura*, porém, deriva-se da fórma regular *Diabro* ⟶ *diablo*).

g) Nos grupos *gn, gm*, deu-se a vocalização do g. Exs.:

Regnum ⟶ *reino, signalem* ⟶ *sinal* ⟶ ***sinal, Ignacio*** ⟶ ***Inacio*** ⟶ *Inacio, Agnês* ⟶ *Inês* ⟶ ***Inez*** (e ***Enês*** arch.), *malignum* ⟶ *malino* ⟶ *malino, dignum* ⟶ *diino* ⟶ ***dino, benignum*** ⟶ *benino* ⟶ *benino, phlegman* ⟶ ***fleuma*** ⟶ (*freuma* ou *freima*, e, por confusão, *fleugma* ou *phleugma*), ***phlegmonem*** ⟶ *fleimão* (fórma erud. *phlegmão*), *phlegmaticum* ⟶ ***phleumatico*** ou *fleumatico* (por confusão *phleugmatico*), *pigmentam* ⟶ ***piimenta*** ⟶ *pimenta*.

O grupo *gn* deu em muitas palavras *nh* : *lignam* ⟶ ***lenha, signam*** ⟶ *senha, cognatum* ⟶ *cunhado, agnum* ⟶ ***anho, cognoscere*** ⟶ *conhocer* ⟶ *conhecer, tam magnum* ⟶ *tamanho, quam magnum* ⟶ *quamanho ou camanhe* (*arch.*), *tagnum* (por *estannum*) ⟶ *estanho, magnum* ⟶ *manho* (*arch.*), *pugnare* ⟶ *punhar* (arch.).

Em Heitor Pinto (sec. XVI) encontramos *insinhe* (⟵ *insignem*). As fórmas e pronuncia — *magno, digno, maligno, insigne*, etc., pertencem ao dialecto das pessoas cultas.

b) O grupo *tr* teve sorte vária.

1. Dá-se, ás vezes, apenas o abrandamento da prepositiva, quando precedida de vogal. Exs.:

Atrium ⟶ *adro, putrem* ⟶ *podre, arbitrium* (= **albitrium*) ⟶ *arbitrio* ⟶ *alvedrio* (arc. alvidro), *latronem* ⟶ ***ladrão, vitreum*** ⟶ *vidro*.

2.ª Outras vezes cae a subjunctiva, além do abrandamento da prepositiva, quando ha um outro *r* na palavra; é um caso de dissimilação. Exs.:

Fratrem ⟶ *frade, aratrum* ⟶ *arado, t'ratrum* ⟶ ***trado,*** **matrastram* ⟶ *madrasta, de retrarium* ⟶ *derradeiro*.

3.ª Em *pae* e *mãe* deu-se a syncope successiva de ambos do grupo. Exs.:

Patrem ⟶ *padre* ⟶ **pare* ⟶ *pae, matrem* ⟶ ***madre*** ⟶ *mae* ⟶ *mãe*.

4.a Mantem-se o grupo inalteravel quando precedido de consoante. Exs.:

Ostream ⟶ *ostra, monstrare* ⟶ *motrar, litteram* ⟶ ***letra,*** *quatluor,* ⟶ *quatlro* ⟶ *quatro, nostrum* ⟶ *nostro* ⟶ (por assimillação progressiva) *nosso, vostrum* (= *vestrum*) ⟶ *vostro* ⟶ (por assimilação progressiva) *vosso, rostrum* ⟶ *rostro* ⟶ *rosto* (dissimil.) *rastrum* ⟶ *rastro* e *rasto* (dissimil.)

Obs. *Fratrem* dá *frade, fraire, freire, frei;* no 1.º typo deu-se a syncope da subjunctiva, e no 2.º a vocalização da prepositiva; o 3.º é uma variante do 2.º, e o 4.º é a fórma proclitica do 3.º. — Na fórma archaica de *Pero* por *Pedro*, houve syncope da prepositiva (*d*), devida á proclise — *Pero Annes*. O mesmo se observa no locativo *perafita* ⟶ *petram ficta* (=*pedra fixa*).

i) Os grupos *cr, fr, pr, tr* soffrem abrandamento na prepositiva quando precedidos de vogal, e passam sem alteração quando precedidos de consoantes. Exs.:

Lacrimam ⟶ *iagrima, macrum* ⟶ *magro, socrum* ⟶ *sogro, vinum acrem* ⟶ *vinagre, sacrum* ⟶ *sagro* (arch. cf. *sacro*), *escribere* ⟶ *escrever, escriptum* ⟶ *escripto, scrupulum* ⟶ *escrupulo, escrutinium* ⟶ *escrutinio, africum* ⟶ *ábrego* ou *ávrego, suff'ro* ⟶ *soffro; capram* ⟶ *cabra, aprile* ⟶ *abril, op'ram* ⟶ *obra scalprum* ⟶ *escôpro, approbare* ⟶ *approvar.*

Obs. A conservação inalterada da prepositiva precedida de vogal, accusa em geral, corrente erudita: — *acre, acro, lacrimal, acrimonia, necroterio, acridio, africano.*

j) *Dr, br, gr.* Nestes grupos latinos vocaliza-se, por vezes, a prepositiva, excepto *br*, cuja prepositiva passa, ás vezes, para *v*. Exs.:

a) *Catédra* (por *cáthedra* lat. clas.) ⟶ *cadeira, quadrella* ⟶ *quairella* (arch.), *coirella* ou *courella*; — *b*) *colúbram* (por *cólubra*, lat. class.) ⟶ *coobra* ⟶ *cobra, febren* ⟶ *febre, lab'rare* ⟶ *lavrar, librum* ⟶ *livro, lib'rare* ⟶ *livrar, tenébras* (por *ténebras* lat. class.) ⟶ *têevras* ⟶ *trevas, fabruarium* ⟶ *fevereiro*; — *c*) *integrum* (por *integrum*) ⟶ *inteiro, flagrare* ⟶ *cheirar, nigrum* ⟶ *negro.*

Obs. *Sombra* veio de *su*(b il)*la umbra* ⟶ *soombra* ⟶ *sombra* (*so l'ombra*, arch.), *Quadraginta* ⟶ *quarenta, quadragesima* ⟶ *quaresma*, formaram-se, segundo Cornu, conforme o typo archaico *cinquaenta.*

k) *Sc.* O grupo *sc* perde a prepositiva antes de *e* e *i*, e fica inalterado antes de outra vogal. Exs.:

a) *Cognoscere* ⟶ *conhocer* ⟶ *conhecer, ascendere* ⟶ *acender* (*ascender*), *gratescere* ⟶ *agradecer, offerescere* (por *offerre*) ⟶ *offerecer, patescere* (por *pati*) ⟶ *padecer, cadescere* ⟶ *acaecer* (arch.), **nascere* ⟶ *nacer* (*nascer*), *exclarescere* ⟶ *esclarecer, roscivum* ⟶ *rocio*; — *b*) *scienciam* ⟶ *sciencia, scenam* ⟶ *scena, piscare* (por *piscari*) ⟶ *pescar, muscam* ⟶ *mosca, cinisculum* ⟶

ciscoo ⟹ *cisco, nascam* ⟹ *nasca* (arch.) ⟹ *naça.* — A graphia — *nascer, crescer, florescer, descer, sciencia,* etc., é meramente etymologica, na pronuncia corrente ha muito soffreu syncope a prepositiva.

Obs. I. — Em algumas palavras o grupo *sc*+*e* ou + *i* transforma-se em *x*: *fascia* ⟹ *faixa, vascella* ⟹ *baixel, pisce* ⟹ *peixe, muscere* ⟹ *mexer.*

Obs. II. — O *s* impuro da syllaba inicial de palavras latinas toma em portuguez um *e* prosthetico, excepto *sc*+*e ou* + *i*: *scribere* ⟹ *escrever, stylum* ⟹ *estylo, scutum* ⟹ *escudo, spata* (por *spatha* ⟹ *espada, *smeralda* (por *smaragdum*) *esmeralda, spicam* ⟹ *espiga, spec'lum* ⟹ *espelho, scalpum* ⟹ *escopro* — *scena, sciencia.*

l) *Rs, ps.* Nos grupos *rs* e *ps* dá-se a assimilação regressiva. Exs.:

a) *Persicum* ⟹ *pessego, personam* ⟹ *pessoa, ursum* ⟹ *usso* (arch. reacc. erud. *urso*), *corsario* ⟹ *cossario* (arch. reacc. erud. *corsario*), *dorsum* ⟹ *dosso* (arch.), *adversum* ⟹ *avesso, versum* ⟹ *vesso* (arch.), *versare* ⟹ *avessar, T*(h)*yrsu* ⟹ *Tisso* (arch.); — *b*) *ipse* ⟹ *esse, gypsum* ⟹ *gesso.*

m) *Ns.* O grupo *ns* perde a prepositiva. Exs.:

Mensam ⟹ *mesa, defensa* ⟹ *defesa, mensem* ⟹ *mês* (mez) *monstrare* ⟹ *mostrar, sponsum* ⟹ *esposo, tensum* ⟹ *teso, portucalense,* ⟹ *portugalense* ⟹ **portuguaes* ⟹ *português* (portuguez), *instrumentum* ⟹ *estromento* (arch. reacc. erud. *instrumento*).

Obs. Revelam as inscripções que a syncope do *n* antes de *s* remonta ao latim vulgar.

n) *Mr, ml.* Estes grupos romanicos *m'r* e *m'l*, reforçam-se pela intercalação de um *b*, e, além disso, o *l* muda-se em *r*. Exs.:

a) *Hum'run* ⟹ *hombro, mem'rare* ⟹ *membrar* ⟹ *lembrar cam'ra* ⟹ *cambra* (pop.), *num'rum* ⟹ *nombro* (arch.), *cucum'rum* ⟹ *cogombro*; — *b*) *cum'lum* ⟹ *combro* (a par de *cômoro*), *tum'lantem* ⟹ *sembrante, *insimul* ⟹ *ensembra* (arch.).

o) *Ln, nl.* Nestes grupos romanicos *l'n* e *n'l* opera-se a assimilação do *n* ou *l*. Exs.:

Sal nitrum ⟹ *sallitre* (salitre), *mol'narium* ⟹ *molleiro* (moleiro), *lun'la* —— *lula.*

Obs. Já no latim se dava tal assimilação: *con*+*lega* ⟹ *collega, non*(u)*lum* ⟹ *nullum* ⟹ *nullo.*

p) ***Mn.*** O grupo *mn*, quer latino, quer romanico, reduz-se por assimilação a *n*. Exs.:

Somnium ⟶ *sonio* ⟶ *sonho, somnum* ⟶ *sono* (somno), *autumnum* ⟶ *outono, damnatum* ⟶ *danado, dom'nu* ⟶ *dono, dom'na* ⟶ *dona.*

Obs. Nas palavras — *gymnasio, gymnastica, omnipotente, omnimodo, omnicolor, omniforme, omnisciencia, omnivoro, omnivomo,* o grupo *mn* = *n* no Brasil, em geral, omitte-se o *m* ; porém em Portugal a pronuncia mais generalizada dessas palavras do dialecto literario guarda o valor primitivo do grupo, isto é, fazem soar levemente o *m.*

CAPITULO XII

OBSERVAÇÕES SOBRE A EVOLUÇÃO PHONETICA

143. A mesma palavra latina, sob o influxo das alterações phoneticas, que acabamos de estudar, assumem fórmas varias, simultaneas e successivas. Essas fórmas podem ser de trez categorias — *divergentes, syncreticas* e *intermediarias.*

Fórmas divergentes

144. De um mesmo vocabulo latino procedem ás vezes fórmas *duplas, triplas, quadruplas* e, até, *quintuplas,* como de *maculam* procedeu — *malha, magoa, mancha, mangra* e *macula.*

Estas fórmas, que são geralmente chamadas *duplas,* em francez *doublets,* pois na maioria dos casos são duas, denominam-se fórmas *divergentes* ou *allotropicas,* porque, partindo de um typo latino, separam-se na estructura morphologica, e, em regra, no valor *semantologico* ou na significação.

145. As causas productoras das fórmas divergentes reduzem-se a trez: *corrente popular, corrente erudita,* e *corrente extrangeira.*

146. Corrente popular. A corrente ou influxo popular na evolução phonetica é a tendencia genial da trans-

formação da lingua, a causa natural das alterações dos phonemas. Esta corrente dominou incontrastada desde a origem da lingua até o sec. XIV. Obedecendo muito embora ás leis glotticas já estudadas, ella variava, não raro, em differentes épocas, o typo de suas alterações phoneticas, bifurcando-se em fórmas divergentes, que vieram a coexistir na lingua, taes como — *coronam* ⟿ *coroa* e *coronha, maculam* ⟿ *magoa, malha* e *mancha.*

Como se vê, a cada uma destas fórmas populares corresponde sentido diverso, repellindo o genio da lingua a synonymia, que pareceria dever ser provocada pela origem commum.

147. Corrente erudita. Ao lado da corrente popular, apparece nos sec. XIV e XV, a corrente erudita, latinista ou literaria. Nestes seculos desenvolve-se a cultura do latim e as traducções de obras ecclesiasticas. Começa a reacção erudita contra a corrente popular na evolução da lingua, reacção que recebeu forte impulso com o movimento literario da Renascença no sec. XVI.

A intervenção desta corrente, que buscava approximar artificialmente o portuguez de sua fonte latina, importou do latim fórmas novas, ou, antes, transportou integralmente, apenas com leve modificação na desinencia, palavras latinas, que vieram figurar ao lado de outras que dellas se derivaram por via popular, tal como *macula* ao lado de *magua, malha* e *mancha, palacio* (⟵ *palatium*), ao lado *de paço, frigido* (⟿ *frigidum*) ao lado de *frio.*

As fórmas eruditas caracterizam-se por uma maior approximação do typo latino, ao passo que as populares por maior afastamento. Além das eruditas, existem fórmas *semi-eruditas,* onde as duas correntes se revelam, tolhendo a influencia erudita á plena expansão do influxo popular, taes as palavras — *botica* (⟵ *apothecam*), *semana* (⟵ *septimana*), *Madalena* (⟵ *Magdalena*), onde a permanencia de consoantes fortes intervocalicas e do **n** na mesma condição accusa a influencia erudita, ao lado do abrandamento do *p* em *b*, das syncopes do grupo *pt*, e da consoante *g*, que nos suggerem o influxo popular.

148. Corrente extrangeira. Do sec. XIII em deante, com a invasão do lyrismo provençalesco em Portugal, com o movimento europeu das cruzadas, e com as correntes literarias oriundas do influxo da Renascença, o portuguez poz-se em contacto mais intimo com as outras linguas romanicas, e por ellas recebeu novas fórmas de palavras latinas já evoluidas em seu proprio seio; assim deu-nos o francez *chefe* de *caput*, que nos havia dado *cabo*, e o hespanhol *llano* e o italiano *piano*, de *planum*, que nos havia dado *chão*.

149. O seguinte eschema dá-nos as fórmas divergentes populares, eruditas e extrangeiras:

Maculam	magoa malha	fórm. pop.	
	mancha		
	mangra macula	fórm. erud.	
Planum	chão	fórm. pop.	
	plano	fórm. erud.	
	llano	fórm. extr. hesp.	
	piano	fórm. extr. ital.	
Claviculam	chavelha cravelha	fórm. pop.	
	clavicula	fórm. erud.	
Articulum	artelho artigo	fórm. pop.	
	articulo	fórm. erud.	
Regulam	regoa relha regra	fórm. pop.	
Capitalem	cabedal caudal	fórm. pop.	
	capital	fórm. erud.	
Insulam	ilha insoa	fórm. pop.	
	insula	fórm. erud.	

Vinculum ⟹	vinco brinco	}	fórm. pop.
	vinculo		fórm. erud.
Hospitalem ⟹	esprital		fórm. pop. arch
	hotel		fór). extr. franc.
	hospital		fórm. erud.
Frontem ⟹	fronte		fórm. pop.
	frente		fórm. extr. hesp.
Plubum ⟹	chumbo prumo	}	fórm. pop.
Nitidum ⟹	nedio		fórm. pop.
	nitido		fórm. erud.
Vigilare ⟹	vigiar velar	}	fórm. pop.

Fórmas syncrêticas

150. Fórmas syncreticas. Na evolução phonetica coexistem muitas vezes, em um momento dado da lingua, fórmas parallelas de uma mesma palavra, que são o resultado da incerteza ou vacillação na fixação da fórma definitiva. Estas variações morphologicas de uma mesma palavra chamam-se *fórmas syncreticas*, como *dois* e *dous*, *albergue* e *alvergue*, *esplendor* e *esplandor*.

Obs. Variada era a população da ilha de Creta na antiguidade, e os gregos exprimiam esta variedade na unidade insular do povo pelo termo *syncretismo* (=syn+cret+ismo). Dahi o aproveitar-se o termo em philologia para se exprimir a variedade da fórma na unidade de sentido.

151. O que distingue as fórmas *syncreticas* das fórmas *divergentes* é o parallelismo do sentido: a differença de significação das fórmas divergentes faz dellas palavras distinctas, se bem que *cognatas;* ao passo que a identidade de sentido das fórmas syncreticas mostra que são apenas variação morphica de uma mesma palavra. O que caracteriza a palavra é o sentido proprio, e a synonymia perfeita

só se póde dar em palavras não cognatas; pois nestas a equivalencia de sentido produz o *syncretismo.*

152. O *syncretismo vocabular* caracteriza o periodo archaico da lingua, que vae do sec. XII ao sec. XVI, época em que a disciplina grammatical começou a diminuir as incertezas morphicas e dar estabilidade a certas fórmas em detrimento de outras, que se archaizaram. Nos primeiros documentos da lingua pollulam as fórmas syncreticas, indicando na variedade da graphia a incerteza da prosodia do velho portuguez. No mesmo documento, na mesma pagina e, não raro, na mesma linha, encontramos: *sa* e *sua, duos* e *dous, li, le, lhi, lhe, super* e *sobre, fece* e *fez, qui* e *que, abate* e *abade, casales* e *casaes, quome* e *como, antre* e *entre, fice* e *vice, furum* e *forom.*

153. No sec. XVI, já sob o dominio da disciplina grammatical, nos *Lusiadas,* observam-se os seguintes syncretismos: *agardecer* e *agradecer, nacer* e *nascer, decer e descer, apousento* e *aposento, contrairo* e *contrario, fruito* e *fructo, enxuito* e *enxuto, imigo* e *inimigo, piadoso* e *piedoso, antão* e *então, antre* e *entre.*

154. No sec. XVIII, Francisco José Freire, em suas *Reflexões sobre a lingua portugueza,* II, 12, dá-nos uma longa lista de fórmas syncreticas de seu tempo, entre as quaes lemos as seguintes:

Aluguer	ealuguel
Ametade	e metade
Anegaça	e negaça
Anteado	e enteado
Avelutado	e aveludado
Bautismo	e baptismo
Bilhafre	e milhafre
Blazão	e brazão
Boroa	e broa
Brindes	e brinde
Cavalheiramente	e cavalheirosamente
Cavalleiro	e cavalheiro
Ccleusiro	e ccleuma
Chuema	e chusma
Formosear	e aformosear
Fortum	e fartum
Frauta	e flauta
Fundura	e profundeza
Gasnate	e gasnete
Gira	e giria
Golotão	e glotão
Infallivelidade	e infallibilidade
Intrepideza	e intrepidez
Jesu	e Jesus
Lanço	e lance
Locotenente	e logartenente
Madurecer	e amadurecer
Manjadoura	e mangedoura
Maroma	e maromba

Complice	e cumplice	Masto	e mestro
Cossario	e corsario	Menagem	e homenagem
Contia	e quantia	Miude	e miudo
Curvidade	e curvatura	Mostra	e amostra
Dearticular	e articular (verbo)	Nudeza	e nudez
		Paniguado	e apaniguado
Desaprazer	e desprazer	Rapazia	e rapaziada
Desgraciado	e desgraçado	Reção	e ração
Devação	e devoção	Reposta	e resposta
Diecese	e diocese	Resabio	e resaibo
Emprender	e emprehender	Resoluto	e resolvido
Epitéto	e epíteto	Revindicação	e reivindicação
Eremitão	e hermitão		
Escuridade	e escuridão	Ruinar	e arruinar
Espertador	e despertador	Sezudo	e sizudo
Esposorios	e desposorios	Theriaga	e triaga
Estamago	e estomago	Zanolho	e zarolho
Filhação	e filiação	Zizania	e sizania
Fleima	e fleuma	Zoragne	e azorragne

O curioso desta lista é que Francisco José Freire, recommenda de preferencia as fórmas da primeira columna, que teem sido exactamente as postergadas, umas por menos usadas, outras por inusitadas hoje.

155. Actualmente subsistem ainda, na linguagem literaria, fórmas syncreticas, se bem que em numero reduzido. Exs.:

Coisa	e cousa	Resplendor	e resplandor
Dois	e dous	Relé	e ralé
Ouro	e oiro	Albergue	e alvergue
Vindouro	e vindoiro	Absurdo	e absurdidade
Mouro	e moiro	Segurança	e seguridade
Loura	e loira	Escuridão	e escuridade
Doido	e doudo	Altivez	e altiveza
Açoite	e açoute	Deslocação	e deslocamento
Thesouro	e thesoiro	Fereza	e feridade
Desdouro	e desdoiro	Renascimento	e renascença
Covarde	e cobarde		
Boda	e voda	Rebelde	e revél

Como se vê, o maior numero de fórmas syncreticas nos vem da equivalencia dos diphthongos *oi* e *ou* e das consoantes *b* e *v*. No Brasil damos, em geral, preferencia ás fórmas da 1.ª columna.

Fórmas intermediarias

156. Chamam-se FÓRMAS INTERMEDIARIAS as fórmas de transição, por que, em regra, passam as palavras latinas no decurso de sua evolução. A palavra latina é o *typo originario* ou latino, que, através de *fórmas intermediarias*, vem a constituir a fórma actual. Nem sempre registram os documentos escriptos as fórmas intermedias e nem mesmo as originaes. Neste caso, a inducção póde restabelecer a fórma desconhecida, marcando com um asterisco (*), no seu inicio, a fórma conjectural. Exs.:

FÓRMA LATINA						FÓRMA ACTUAL
Dolorem	⟶	dolore	⟶	dolor ⟶ dôor	⟶	dor
Veritatem	⟶	veritate	⟶	veridade	⟶	verdade
Amavi	⟶	amaï	⟶	amai	⟶	amei
Terribilem	⟶	terribile	⟶	terribil	⟶	terrivel
Amatis	⟶	amades	⟶	amaës	⟶	amaes
Portucalense	⟶	portugalense			⟶	português
Ferocem	⟶	feroce			⟶	feroz
Calicem	⟶	calice			⟶	calix (caliz)

FÓRMA LATINA						FÓRMA ACTUAL
Palatium	⟶	palatium	⟶	paaço	⟶	paço
*Panatariu	⟶	*pãadeiro	⟶	paadeiro	⟶	padeiro
*Sanativu	⟶	*sãadio	⟶	*saadio	⟶	sadio
*Vagativu	⟶	*vaadio			⟶	vadio
Medicinam	⟶	medicina	⟶	*mede-		
		zina	⟶	*meezina		
		⟶ meeziã			⟶	mezinha
Maiordomus	⟶	maiordomo	⟶	maordomo		
			⟶	moordomo	⟶	mordomo

Obs. As fórmas intermediarias são archaicas ou antiquadas. As fórmas estabelecidas por inducção são *conjecturaes*. Muitas fórmas archaicas são empregadas na poesia — *felice, fugace, atroce, rapace, fluviatile*.

Calice e *calix* são fórmas *syncreticas*; *medicina* e *mezinha*, *macula* e *magoa* são *divergentes*.

CAPITULO I

A GRAPHICA

157. A **Graphica** ou a arte de representar aos olhos o pensamento por meio de figuras desenhadas ou gravadas no papel, madeira ou metal, é anterior á invenção do Alphabeto, que assignala a ultima phase do seu desenvolvimento, e, como elle, perde-se na noite dos tempos.

Tacito, em seus *Annaes* (XI. 14), escreve que os egypcios foram os primeiros a representar o pensamento por meio de figuras de animaes. *Primi per figuras animalium Ægyptii sensus mentis effingebant.* Elles se davam, accrescenta Tacito, por inventores das letras, que os phenicios transportaram á Grecia, pois é tradição que Cadmus, chegado em uma frota phenica, foi o primeiro a ensinar a escripta aos povos gregos, ainda barbaros. Dizem outros que o atheniense Cecrops (1550 antes de Christo), ou o thebano Lino, ou, no tempo da guerra de Troia (1200), Palamedes de Argos, inventaram dezeseis letras, e que outros, especialmente Simonides, inventaram o resto. Na Italia, continúa o mesmo historiador romano, os etruscos receberam o Alphabeto do corinthio Demarate (cerca de 650 antes de Christo), e os aborigenes, do archadio Evandro.

Ao Alphabeto assim recebido da Grecia, o imperador Claudio accrescentou trez letras, que, depois de sua morte, cahiram em desuso. A este testemunho de Tacito, temos de ajunctar o de Plinio em sua *Historia Natural*, onde elle declara que acredita que as letras foram conhecidas dos assyrios em todos os tempos.

Estes historiadores romanos reproduzem o que sobre o assumpto escreveram Herodoto e Platão (427). Este ultimo, no seu dialogo de *Phedro*, narra a tradição que attribue ao deus *Theulk* a invenção do Alphabeto, a qual elle confiou a *Thamus*, rei do Egypto.

*

Obs. Observa Heródoto, citado por Burggraff, que os jonios chamam os livros *diptheres* (ou pelles), porque outr'ora, no tempo em que o *biblos* era raro, escrevia-se em pelles de cabra ou de carneiro. "O que se chama *byblos* (feminino) é uma planta que cresce principalmente nos logares pantanosos do Egypto. A haste tem a grossura do braço de um homem

é triangular e eleva-se a alguns metros acima da agua. A mesma planta se chama tambem em grego *papyros* e em latim *papyrus*. Distingue, porém, Theophraste entre os dois nomes e emprega a palavra βύβλος para designar a planta, πάπυρος a pellicula de sob a casca, que em latim se chama *liber*. O papel que se fabrica com o *liber* chama-se χάρτης *charta*. (Mem. de l'Acad. des Inscrip., apud Burggraff.).

CAPITULO II

EVOLUÇÃO DA ARTE DE ESCREVER

158. Segundo Burggraff, a graphica ou a arte de escrever, tem passado por quatro phases evolutivas, que são as seguintes: *figurativa, symbolica, ideologica* e *phonetica*.

I. ESCRIPTA FIGURATIVA.

Os povos primitivos desenhavam ou gravavam a *figura* do objecto, que *queriam representar*. Sobre o tumulo de seus avós e nos logares que tinham sido o theatro de acções importantes, deixavam os signaes visiveis e singelos de suas impressões, memorias duradouras de suas idéas e sentimentos. Jacob, o patriarcha hebreu, dezesete seculos antes de Christo, ergue em Bethel a columna de pedra, que consagrava os seus votos ao Deus de Abrahão, que lhe appareceu em sonhos (Gen. XVIII, 22), e em Galaad levanta um monte de pedras, que era o *Miçpah*, ou a torre de vigilancia de Jehovah entre elle e seu sogro Labão (Gen. XXXI. 46). A estes meios de transmissão visivel do pensamento, junctavam naturalmente as gerações primitivas o desenho, pintura ou gravura, dos objectos. Era esta a graphica figurativa, que constitue a primeira phase no desenvolvimento da arte de escrever.

II. ESCRIPTA SYMBOLICA OU HIEROGLYPHICA.

A escripta *symbolica* ou *hieroglyphica* é um desenvolvimento natural da anterior. Pouco a pouco as figuras representativas dos objectos deixaram de representar os objectos para representar alguma qualidade inherente: operou-se a metonymia, e as figuras tornaram-se *symbolos* de coisas abstractas suggeridas pela figura do objecto. Assim

a figura do leão não suggeria mais o animal, porém a *coragem*, a *magnanimidade*, qualidades que se lhe attribuiam como rei dos animaes; a do cordeiro indicava a *innocencia*, a da flecha a *direcção*, a do braço o *poder*, a de duas mãos unidas o *pacto*, a *alliança*, a do olho a *vigilancia*, etc. O fundamento do symbolismo é uma certa relação natural entre a figura graphica e a idéa. Os egypcios, segundo Tacito, foram os primeiros a usar da escriptura symbolica, que enchia as paredes dos seus templos, e que é especialmente denominada *hieroglyphica* (gr. *hiero* = *sagrado*, *glypho* = *escrevo*), ou *escripta sagrada*. Ella continuou, por certo, a ser a escripta sacerdotal ou da religião, ao lado da iedeologia e da phonetica que posteriormente se desenvolveram.

Ao sabio francez J. F. Champolion († 1831), compete a gloria de ter descoberto a chave para a interpretação dos hieroglyphos egypcios.

III. Escripta ideographica.

Na escripta ideographica a relação entre a figura e a idéa por aquella expressa não é natural, porém meramente convencional. Demasiado tempo e espaço reclama o desenho dos symbolos; por isso foi elle sendo pouco a pouco abreviado, de modo que, no decorrer do tempo, perdeu-se a noção da relação symbolica, e o symbolo abreviado tornou-se mero signal convencional da idéa. A principio a cabeça representava o homem, as garras ou a cauda, o leão, os cornos, o touro, etc. Emquanto a parte despertava a idéa do todo, a escripta era *figurativa* ou *symbolica;* perdido, porém, o conceito da relação com o objecto ou com a qualidade nelle inherente pelo resumido dos traços da figura, a escripta tornou-se ideologica, os traços ou o resquicio da figura ligava-se convencional e immediatamente á idéa; tal é hoje o caracter da escripta chineza. Os numeros arabicos e romanos (1, 2, 3 e I, II, III etc.), os signaes algebricos e musicaes, pertencem á categoria das escriptas ideologicas, pois, os numeros, as notas de musica, etc., não são symbolos propriamente, porém signaes directos da idéa, que representam.

IV. Escripta phonetica.

A escripta phonetica representa a ultima phase da evolução graphica. Ella nasceu com a invenção admiravel do Alphabeto, que a antiguidade é quasi unanime em attribuir ao Egypto, como vimos. Consiste ella na figuração graphica dos sons elementares da voz humana, cujo agrupamento constitue a palavra. O conjuncto dessas figurações graphicas ou letras fórma o Alphabeto, que é, portanto, o resultado da analyse, embora deficiente, dos elementos phonicos da linguagem.

O estudo da escripta phonetica é o que se chama orthographia.

CAPITULO III

ORTHOGRAPHIA

159. **Orthographia** (gr. *orthos* = *correcta, graphi* = *escripta*) de uma lingua é a transcripção de seus vocabulos geralmente acceita pelos seus bons escriptores.

A Orthographia prende-se á Phonetica, como a linguagem fallada á escripta, pois é ella a transliteração correcta dos vocabulos.

Difficultosa coisa, entretanto, é estabelecer-se um padrão uniforme de correcção orthographica. De um lado a variedade quasi infinita na prolação de nossos phonemas vocabulares pela vastissima área, em que é fallado o portuguez; de outro, a deficiencia e imperfeição do alphabeto tradicional para fixar na escripta esses variadissimos matizes, no tempo e no espaço, dos valores quantitativos e qualitativos de nossos phonemas agrupados em vocabulos, tornam um aspero problema o ideal de uma orthographia uniforme. A estas difficuldades accresce a inercia do espirito conservador, que naturalmente offerece tenaz resistencia qualquer innovação no sentido da desejavel transliteração uniforme dos vocabulos de nossa lingua.

Estudemos, entretanto, a natureza, origem e historia dos diversos systemas orthographicos do portuguez, e as reformas, que ultimamente teem sido propostas.

SYSTEMAS ORTHOGRAPHICOS

160. Chamam-se *systemas orthographicos* os diversos modos de transcripção ou transliteração dos phonemas vocabulares.

Dois, em rigor, são esses systemas — o PHONETICO e o ETYMOLOGICO, que, na impossibilidade practica de uso exclusivo, deram origem a um terceiro denominado *mixto* ou *usual*. Os dois systemas differentes, que tendem a conciliar-se em nosso actual systema mixto, ou phonetico-etymologico, são duas correntes historicas na arte da representação graphica da linguagem fallada. O italiano e o hespanhol, na systematização desta arte, penderam para o lado do phonetismo, ao passo que o portuguez e o francez para o lado do etymologismo. E' evidente que hoje, com o desenvolvimento e generalização da arte de ler e escrever, torna-se mais difficultosa a reforma da orthographia.

161. SYSTEMA PHONETICO.

O primeiro systema que se offerece á nossa consideração é o *phonetico, phonico* ou *sonico*.

O SYSTEMA PHONETICO (*phonê* = *som*) consiste em se transcrever cada phonema vocabular pelo signal graphico correspondente, isto é, escrever-se como se pronuncia, de modo que a palavra escripta seja a imagem exacta da palavra fallada.

E', como se póde conjecturar, o systema primitivo, e que, de facto, corresponde aos primeiros documentos de nossa lingua.

E' elle espontaneo, obedece ao movimento natural da representação exclusiva dos sons percebidos e aos intuitos originaes da invenção do alphabeto. Chamam-lhe por isso *systema philosophico*.

Através das incertezas orthographicas, determinadas quasi sempre pelas incertezas phoneticas, através do syncretismo das fórmas vocabulares, revelam os primeiros documentos de nossa lingua o predominio do systema phonetico, se bem que, aqui e ali, transpareçam tendencias etymologicas, o que é natural em escribas que deviam ter algum conhecimento do latim medieval. No primeiro desses documentos (*Noticias de torto*, 1189), encontramos as seguintes graphias caracteristicas: — *aver, overum, ove, abade, erdade, anos, omem, ome, desonras, onra, eygreyja, eles, otros, etc.* — Nos cancioneiros do sec. XIII, são constantes as graphias que revelam a continuação da mesma corrente phonetica; taes como — *oje, ey* (hei), *ome, ela, avia, donzelas;* em Fernam Lopez (sec. XIV) — *averdes, ele, onra, Afonso, estoria.*

Este systema, tão preconizado pelos phoneticistas, não offerece, comtudo, base uniforme para uma reforma orthographica, vista a grande variedade da pronuncia, de região para região e de seculo para seculo. Sendo nelle a palavra escripta a imagem exacta da palavra fallada, a mudança constante da pronuncia determinaria a constante mudança de sua representação.

162. Systema etymologico.

A orthographia etymologica é mais um principio ou tendencia do que um systema. Já nos primeiros documentos da lingua descobre-se vagamente esta tendencia por parte de escribas que não podiam ser extranhos ao latim medieval, que era a lingua official. Esta tendencia accentuou-se com os latinistas do sec. XV, e firmou-se preponderantemente com a erudição classica do sec. XVI e XVII.

Consiste o chamado *systema etymologico* em se approximar, quanto possivel, a fórma graphica actual da fórma graphica original conhecida. Tal tendencia se manifesta na conservação de *consoantes* cujos valores phoneticos primitivos se acham actualmente atrophiados ou obliterados (*attenção, acto, afflicto*), e na conservação de *vogaes* cujos valores phoneticos primitivos se acham alterados na pro-

nuncia actual (*suberbo* por *soberbo, similhante, por semelhante*).

De accordo com esta tendencia, trez elementos caracterizam o systema etymologico:

a) Conservação da prepositiva *insonora* dos grupos consoantes, p. ex.: *affirmar, adduzir, acto, escripto,* e do *h etymologico — homem, honra, attrahir.*

b) Conservação dos digrammas gregos — *ch, th, ph, rh — character, charidade, theatro, philosophia, rhetorica.*

c) Preferencia ás vogaes originaes em certas palavras, a despeito da pronuncia, como p. ex.: *edade* (⟵ *ætatem*) *egual* (⟵ *æqualem*), *egreja* (⟶ *ecclesiam*), *testimunho* (⟵ *testimonium*), *assimilhar* (⟵ *similare*), *suberba* (⟵ *superbia*), *logar* (⟵ *locare*).

163. O SYSTEMA ETYMOLOGICO procura guardar o elemento tradicional primitivo na historia das palavras, e dar á orthographia uma base immovel na fixidez morta da lingua original, embora para isso tenha de reagir, ás vezes, até certo ponto, contra a evolução phonetica das palavras latinas.

Para Gonçalvez Viana a "orthographia etimologica é uma superstição herdada, um erro scientifico, filho do pedantismo que na época da resurreição dos estudos classicos, a que se chamou Renascimento, assoberbou os deslumbrados adoradores da antiguidade classica e das letras romanas e gregas, e pôde vingar, porque a leitura e a consequente instrucção das classes pensadoras e dirijentes só eram possíveis a pequeno círculo de pessoas, cujos ditames se acceitavam quasi sem protesto. E' ella uma tradição postiça e presunçosa de orthographia helenizada e alatinada" (O Nac. 9, 12).

Apaixonadas nos parecem as censuras do illustre romanista: a corrente etymologica foi um movimento que abrangeu toda a literatura da Europa occidental, e deve ter tido um outro fundamento que não o mero pedantismo da época. Demais, anterior "ao pedantismo do sec. XVI e XVII", começa, com os latinistas do sec. XV, a reacção etymologica.

No *Leal Conselheiro* de Dom Duarte (1415), ao lado de muitas cacographias, taes como *lex, regno, escripvão, husar, fortalleza, occiosidade, malles, myllagre, escandallo,* descobre-se, entretanto, a corrente *etymologica* latinista, que deve preponderar no seculo seguinte. De facto, nesse interessante trabalho do rei-escriptor encontra-se — *scripto, dicto, homem, haver, sancta, ella, aquelle, circonspecto, fallecimento, contradicto.*

No seculo XVI com os escriptores quinhentistas e no seguinte, a corrente etymologica se alarga e se impõe definitivamente na lingua. Apesar das vacillações e incongruencia da orthographia dos escriptores classicos, manifesta-se, por toda a parte, a tendencia etymologica de eruditismo latinista. Em Camões, apesar da irregularidade orthographica e das frequentes reacções phoneticas, assignaladas por E. Dias, "o desejo de seguir a etymologia chega a passar das marcas (por exemplo em "doctrina").

164. O ETYMOLOGISMO RIGOROSO encontrou sempre grave obstaculo não só na ignorancia da origem de muitas palavras, o que dá a cada passo origem á graphia ultra-etymologica; mas tambem na prosodia e na tendencia simplificadora. Dahi a impossibilidade de fornecer elle um typo uniforme de orthographia, e de evitar frequentes incoherencias. Os que procuram fugir á pecha de incoherentes, seguindo com rigor os principios de sua eschola, são constrangidos a certas graphias, que desagradam por inusitadas, taes como — *inceptar* (encetar), *mactar, exempto, mulctar, poncto, hispanhol, phtysica, prancto, incanto, commadre.*

165. E' frequente neste systema a introducção de *cacographias* ou erros orthographicos, determinados por falsas etymologias. Damos em seguida os mais frequentes:

ERROS	CORRECÇÕES	ERROS	CORRECÇÕES
Alemquer	Alenquer	Despeza	despesa
Author	auctor	Ellypse	ellipse
Authoridade	auctoridade	Eclypse	eclipse
Authorizar	auctorizar	Enygma	enigma
Ascenção	ascensão	Esphynge	esphinge

ERROS	CORRECÇÕES	ERROS	CORRECÇÕES
Barbaria	Berberia	Exhuberante	exuberante
Cathegoria	categoria	Explendor	esplendor
Condicção	condição	Exforço	esforço
Cathecismo	catechismo	Hypodromo	hippodromo
Cathecumeno	catechumeno	Pecego	pessego
Collyseu	colyseu	Rethorica	rhetorica
Collosso	colosso	Sachristão	sacristão
Contheudo	conteudo	Sachristia	sacristia
Contricção	contrição	Satyra	satira
Chrispim	Crispim	Sepulchro	sepulcro
Contricto	contrito	Systhema	systema
Culterano	culturano	Tradicção	tradição
Chrystal	crystal	Thonico	tonico
Dacta	data	Thiágo	Tiago
Defeza	defesa	Themudo	Temudo
Docel	dossel	Thesoura	tesoura

Obs. Erros ha, entretanto, que uma vez universalmentea doptados, recebem fóros de cidade, taes como — *hontem, hombro, humido.*

166. O SYSTEMA MIXTO ou usual é o resultado da introducção do principio etymologico no sec. XV, e desenvolvido nos seculos posteriores. E' um systema *eccletico, phonetico-etymologico,* pois nasceu da combinação das duas tendencias, e procura no principio etymologico, modificado pela orthoepia da lingua, o padrão de uniformidade orthographica. Porém no seio traz o systema os germes da propria variação, ora impõe-se o rigorismo etymologico, conforme o temperamento do escriptor e se grapham; *mulcta, poncto, mactar, charidade, diphthongo, dicto, egreja, logar, etc.;* ora, a simplificação phonetica: *multar, ponto, matar, caridade, ditongo, dito, igreja, lugar,* etc. Outros, menos exclusivistas, fazem larga selecção entre as duas correntes: *multa, ponto, matar, diphthongo, dicto, egreja, logar.*

167. Em tal systema não se póde esperar uma coherencia impeccavel, pois o uso vário é o seu criterio. A intervenção, porém, de uma auctoridade reconhecida, que fixasse, em um *vocabulario orthographico,* a graphia mais generalizada e consentanea com a indole eccletica do systema, seguindo-lhe a propria evolução graphica, conseguiria, em breve tempo, sem inuteis abalos, o desejado escopo de unidade orthographica do idioma nacional.

Já em nosso *Curso Superior de Grammatica Expositiva* (§§ 102 — 116), expendemos os preceitos sobre a orthographia usual, que tendem ao almejado fim; aqui apenas daremos uma amostra do largo syncretismo orthographico determinado pela dupla corrente incorporada em nosso systema usual.

ORTH. ETYMOL.	ORTH. PHONET.	ORTH. ETYMOL.	ORTH. PHONET.
apprender	aprender	dicto	dito
approximar	aproximar	charo	caro
aggravar	agravar	charidade	caridade
abbreviar	abreviar	epocha	epoca
character	caracter	echo	eco
exgottar	esgotar	logar	lugar
extender	estender	mactar	matar
extrangeiro	estrangeiro	mulcta	multa
exemptar	isentar	poncto	ponto
inceptar	encetar	practica	pratica
edade	idade	bocca	boca
egreja	igreja	similhante	semelhante
egual	igual	suberbo	soberbo
esculptura	escultura	diphthongo	ditongo
escripto	escrito	subjeito	sujeito
eschola	escola	si	se

REFÓRMAS DA ORTHOGRAPHIA

168. O largo syncretismo orthographico, de que acima tractámos tem produzido, tanto no Brasil como em Portugal, movimentos de refórmas com o intuito de conseguir um modo uniforme de se escrever a lingua nacional. Porém todas essas tentativas tem abortado por exclusivas e revolucionarias. Tem ellas sido, em geral, uma insurreição demagogica de phoneticismo contra a preponderancia aristocratica do etymologismo.

Actualmente, duas tentativas sérias se estão fazendo, uma no Brasil e outra em Portugal, para se levar a cabo tão desejavel quão difficultosa empresa.

Destas duas refórmas vamos nos occupar.

Refórma brasileira

169. A *Academia Brasileira de Letras* approvou, em 1907, um projecto de refórma orthographica, que, altera-

do posteriormente, consigna as seguintes modificações das *consoantes* e das *vogaes* na transliteração dos vocabulos da lingua:

I. Consoantes:

1.º Proscripção do **k,** substituido pelo **c** antes de *a, o, u,* e por **qu** antes de *e, i*: *cágado* (kágado), *quermes* (kermes).

2.º Substituição do **s** pelo **z,** sempre que tiver o valor desta letra: *caza, roza, cheiroza, meza, defeza,* por — *casa rosa, cheirosa, mesa, defesa.*

3.º Substituição do **g** pelo **j,** sempre que tiver o valor desta, excepto quando *inicial*: *imajem, orijem, carruajem, mensajem,* por *imagem, origem, carruagem, mensagem, homenagem;* porém *genio, geral, gente.*

4.º Proscripção da consoante *insonora* dos grupos consonantaes, bem como dc **h,** excepto o **h** inicial, que é conservado nos compostos: *afirmar, colegio, atender, ano, aumento, ato, ação, aflito, atraír, compreender,* por *affirmar, attender, anno, augmento, acto, acção, afflicto, attrahir, comprehender;* porém, *honra* e *deshonra, humanidade* e *deshumanidade, habil* e *inhabil.*

Nota. Conservam-se por necessidade os grupos geminados **rr** e **ss** para lhes conservar o som forte em *carro, jarro, cassa, passa,* etc., e por transigencia provisoria **ll** nas palavras — *elle, aquelle, aquella, aquillo.* — Os digrammas *lh, nh, ch=x* são naturalmente conservados em — *pilha, pinha, pecha,* etc.

5.º Proscripção dos grupos gregos — **ph, th, ch, rh,** substituidos pela letra simples correspondente: *filozofia, ortografia, orquestra, coro, retorica,* por *philosophia, orthographia, orchestra, choro, rhetorica.*

6.º Graphar-se-ão com **z** e nunca com **s** as syllabas finaes tonicas, que tiverem este som: *ananaz, Goyaz, portuguez, marquez, Luiz, matiz, nóz* (subst.), *voz, capuz, cuscuz.*

Excepções:

a) Os pluraes: *alvarás, mercês, quatís, urubús.*
b) Os pronomes: *nós, nos, vós, vos.*

c) As fórmas verbaes: *farás, dirás, vês, dês, dás, rís, preferís.*

d) Os nomes proprios — Moisés, Jesús.

II. Vogaes:

1.º Proscripção do **y** substituido por **i** : *misterio tipo, pira, Curitiba,* por *mysterio, typo, pyra, Curityba.*

2.º Representação das finaes nasaes *tonicas* por **ão** e **ã,** e das átonas por **am** e **an;** *pão, irmão, dirão, farão, correrão, irmã, manhã, orfam, diriam fizeram, correram, órfan, irman.*

3.º Representação dos diphthongos oraes por **ai, au, eu, iu, oi, ui** : *pai, sai, pau, céu, seu, fugiu, viu, heroi, boi, dilui — jornais, sais* (pl. de *sal*), *sóis, crizois, nacionais.*

O *hiato* e o *semidiphthongo* por **io** : *tio, rio, frio, vario, colirio.*

Reforma portugueza

170. Em maio de 1900, o Snr. Aniceto dos Reis Gonçálvez Viana apresentou á Academia Real de Sciencias de Lisboa um plano de "simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas", que publicou e defendeu, com larga copia de erudição, em seu excellente livro — *Ortografia Nacional,* sahido á luz em 1904. Já em 1885 havia elle com o Snr. Guilherme de Vasconcellos Abreu tractado do assumpto em um opusculo intitulado — Bases da Ortografia Portuguesa.

Sua theoria reformadora synthetiza-a elle nos quatro artigos seguintes:

I. Proscripção absoluta e incondicional de todos os simbolos de etimologia grega, *th, ph, ch* (= *k*), *rh* e *y.*

II. Redução das consoantes dobradas a singelas, com excepção de *rr* e *ss mediaes,* que teem valores peculiares.

III. Eliminação de consoantes nulas, quando não influam na pronúncia da vogal que as preceda.

IV. Regularização da acentuação gráfica.

Estes quatro artigos são por elle reunidos em trez preceitos geraes, a saber:

I. Tudo o que se diferença na fala tem de ser diferençado na escrita.

II. Todas as pronunciações lejitimas devem ser representadas na ortografia commum, para que a lingua escrita seja uma só.

III. Todos os artificios etimolójicos inúteis, ou que se não expliquem pela evolução da língua falada, serão desterrados da escrita portuguesa, como contrarios á sua expressão gráfica.

No sentido desta refórma tem largamente escripto o illustre Snr. Candido de Figueiredo, e importantes adhesões tem ella obtido em Portugal e mesmo no Brasil.

Em setembro de 1911, o governo portuguez adoptou um plano de refórma orthographica elaborado por uma commissão de homens proeminentes nas letras portuguezas. O plano era, com algumas modificações, o mesmo apresentado e brilhantemente defendido em sua *Ortografia Nacional*, por *Gonçalvez Viana*, distincto philologo e eximio romanista. A commissão que o apresentou e que já de si o recommenda era composta de Francisco Adolpho Coelho, José Leite de Vasconcellos, Candido de Figueiredo, Manuel Borges Grainha, Aniceto dos Reis Gonçálvez Viana, José Joaquim Nunes, D. Carolina Michäelis, Dr. Antonio José Gonçalves Guimarães, Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, Julio Moreira.

A refórma portugueza, ampla e completa, não só procura uniformizar o emprego das *consoantes* e *vogaes* na transliteração dos vocabulos, mas ainda regularizar o uso das notações orthographicas, concorrendo desta maneira para facilitar e uniformizar a prosodia da lingua.

A refórma consigna em synthese o seguinte sobre os trez pontos:

I. Consoantes:

1. Proscripção do **k** e **w,** substituidos, em palavras portuguezas ou aportuguezadas, por —**c, qu** e **v, u.** *Camchatca, quermes,* por *Kamtchatka, kermes,* assim — *cágado, quisto, caleidoscópio, doca, coque, niquel, niquelar, quiosque, querosene, quepe, quermesse,* e não, sem razão etymologica, — *kágado, kysto, kaleidoscopio, docka, coke, nickel, nickelar, kiosque, kerosene, kepi, kermesse; — valsa, daruinismo,* por *walsa, darwinismo,* assim — *vagon, Venceslau, Vamba, Hedvijes, visigodo, Vestefália, sanduíche.*

Nota. E' fácultativa a conservação dessas letras (*k, w*) em nomes extrangeiros — *Kant, Darwin, Estokolmo, Byron, Newton.* O *K* fica apenas conservado como abreviatura de *quilo* (*kilo,* erradamente por *chilo*) : *Kg = quilogramma, Kl = quilólitro, Km. = quilometro ;* o *W* abreviatura de *oeste* (inglez *west*), assim como *E* é abreviatura de *este* ou *Este* (ingl. *east*). Neste emprego deixam *K. W. E.* de ser signaes phoneticos para se tornarem symbolos ideographicos, v. gr. — *W = oeste. NW = noroeste, SW = sud-oeste, KL = quilolitro, KG = quilogramma.*

2. Proscripção dos grupos gregos — **ph, th, ch** (= k), **rh,** substituidos pela consoante simples correspondente: *filosofia, ortografia, teatro, hipoteca, biblioteca, orquestra, orquídeas, retórica, Teófilo, afta, ditongo,* e não — *philosophia, orthographia, theatro, hypotheca, bibliotheca, orchestra, orchideas, rhetorica, Theophilo, aphta, diphthongo.*

3. Proscripção do **h** *medial* e do *não etymologico*: *inabil* (e habil), *inumano* (e humano), *desoura* (e honra), *inerente, filarmonico, compreensão, reaver, Tiago, Temudo, Teresa, ontem, ombro úmido, pedra-ume,* e não — *inhabil, inhumano, deshonra, inherente, philarmonica,* etc.

Nota.

a) O **h** inicial, quando etymologico, é conservado : *habil, humano, honra, homem, Hortensia, hoje, heróe, ha-de-haver, haste, harpa, hamburguês, huguenote.*

b) No digramma *ch = x* é conservado : *chá, chacara, chegar, achar, cheio, encher.* Porém orthographar-se-á — *xá* (soberano persa), *xácara,* (poesia), *xeque* (cheik), *xeque* (cheque), *xará, xaruto, xingar, xué, xuxu, xucro.*

c) No fut. do indic., no caso de *tmese,* escreve-se o verbo *haver* separadamente : *amar-te hei, amar-me has, amá-lo hei, amar-vos hemos amar-nos heis, amar-se hão, far-te hei, dá-lo hão, etc.* Fóra deste caso

desapparece o **h**: *amarei, amarás, amar-te-ia, amar-vos-iamos.* No condicional, como se vê, continua a graphar-se *amar-te-ia, amar-me-ias,* etc.

d) O **h** final só é mantido nas interjeições: *ah! oh! hui! hum! hou! houlá!* Porém — *Judá, rajá,* ou *raja, Iná, Rute* (Ruth), *Judite* (Judith).

4. Proscripção das consoantes *insonoras* dos grupos consoantes homogeneos ou geminados e heterogeneos: *aliança, colega, opor, supor, atenção, afirmar, ofício, acusar, pronto, aumentar, sinal, cômodo, Inês, Inácio, ditongo, aprovar, aparecer, dito, ano, Ana, diferença.*

Excepções:

a) São conservadas as prepositivas desses grupos quando facultativamente pronunciadas ou quando influem na vogal antecedente, abrindo-a, extendendo-se a conservação da prepositiva, em ambos estes casos, a todos os termos *cognatos* respectivos: *selecção — selecto, seleccionar, selectar; fracção — fraccionar, fraccionamento; reacção — reaccionario, acção, accionar, contracção, acto, contracto, contractor, distracto; direcção — directo; rectidão — recto, rectangulo, rectificar, rectiforme; excepção — excepto, exceptuar; adopção — adopto, adoptar; afectivo — afectuoso, afecto, afectividade; efectivo — efectividade, efectuar, efectuoso; abstracção — abstracto, tracção, distracção; facção, faccionar, faccioso, faccionario, facto, factura; dialéctica — dialectar, dialecto, dialectologia; colecção — coleccionar, colecta, colectivo, colectar, colectaneo, colector; objecção — objectar, objectivo, objecto, objectivar; leccionar — leccionario, lectivo; redacção — redactor; projectil — projecto, projectar, projecticio; egypcio — Egypto; didactologia — didactico; espectaculo — espectaculoso; Octavio, Octaviano; gymnasio, gymnastica, omnipotente, omnibus,* (pois é facultativa a pronuncia do *m* no grupo *mn*).

b) São conservadas as geminadas *rr* e *ss* por necessidade prosodica: *carro jarro, amarro* (cf. *caro, amaro*), *passo, cassa* (f. *casa*). — Pelo mesmo motivo dobram-se essas consoantes: *prorrogar, prorrogação, prorromper, derrogar, prerrogativa, — prosseguir, prossecução, pressupor, pressentir, monossilabo.*

c) São conservados os grupos *mn* e *nn*, quando o exige a pronuncia: *emmalar, ennervar,* cuja primeira syllaba se distingue prosodicamente de *emanar, enervar, imortal, imirgir, imigrar, iminente, emmagrecer, emmaranhar, emmolldurar, emmassar, comummente — ennobrecer, ennoitecer, ennervar, ennovelar, ennuviar, ennodoar, ennesgar, innovar, innovação, innenarravel, innato = congenito* (cf. *inato = não nascido*). Tambem é conservado *mn* quando ás vezes pronunciado: *gimnástico, gimnastica, amnésia, gimnocéfalo, amnistia.*

d) E' conservado o grupo **sc** : *sciencia, consciencia, presciencia, scena, cetro, scisão, sciatica, scisão scisma, scentelha, scelerado, sceptico, scintilação, scindir.*

e) E' conservado, como vimos, o grupc **ch=x** : *chave, chefe, cacho* (Vide 3.º Nota b).

5. O emprego de **g** ou **j**, de **ç** ou **ss**, de **s** ou **z** é regulado pela *etymologia*: *genio* e *jerarquia, magistral* e *majestade, caça* e *cassa moça* e *mossa, maça* e *massa, mês,* e *vez, três* e *fez, ananás* e *vivaz, português* e *viuvez, marquês* e *xadrez, defesa* e *beleza, país* e *nariz, retrós* e *veloz, vós* e *voz, nós* e *noz, mesinha* e *mezinha* (*medicina*), *asa* e *azo, Ásia* e *azia, precisar* e *batizar, pessego* e *açucar, sossêgo, ansia, dossel, cansar, dançar, cetim, brasa, celamim, cediço, Sintra, hortensia, gôso, gás.*

EXCEPÇÕES:

a) Apesar na etymologia, escrevem-se sempre com **es** ou **is** as syllabas *átonas*: *Rodrigues, Marques, Gonçalves, Fernandes, ourives, simples, visconde, mesquinho.*

b) Continúa a escrever-se **m** antes de *b, p* e *m*, **n** antes das outras consoantes: *imperio, embate, âmbito, impio, immortal, infeliz, entre, ingrato, lembrar.*

Porém não se guarda o **m** nos compostos fóra desta regra: *contigo, consigo, contudo, conquanto, circundar, circustancia* (cf. *bemdizer, bemfazejo, bemfeitor, bemfalante* (*bem = bei*), *emquanto, emtanto* (*em ei*), *homemzarrão, bomzinho, capimzinho, homemzinho*).

6.º No fim de palavra não se escreve **n** mas **m** excepto *quando o* **n,** soa: *panteom* (ou *panteão*), *jovem, tom, chiton* (ou *chitão*), e *regimen* (ou *regime*), *gérmen* (ou *germe*), *hifen, eden, certamen, dólmen, alumen, líquen, cerúmen,* (ou *cerume*), *Prócion.*

Nota. O plural destes ultimos formam-se **es** : regimenes (*regimes*), *gérmenes, hifenes, édenes, certamenes, dólmenes, alúmenes, líquenes, canones,* etc.

II. VOGAES:

1.º Representação uniforme dos **diphthongos.**

a) Os **oraes** por **i** e **u** na subjunctiva: — **ai, au, éu, iu, ói, oi; uis,** *pai, vai, sai, cantai, amais, sais* (verb.), *sais* (pl. de *sal*), *quais, jornais, fatais, mau, vau, céu, seu, viu, sóis, sais, móis* (cf. *moi*), *móis, soi* (*sôe* — de *soar*), *sói* (*sóe,* de *soer*), *voi* (*voe* de *voar*), *sui* (*sue* de *suar*), *contribui* (cf. *contribuí*).

Nota. O SEMIDIPHTHONGO e O HIATO por **io** : *vário* e *vario, dominio* e *senhorío, pátio* e *partío, rio, tio.*

b) Os **nasaes** por — **ãe, ão, em, ens, õe** : *mãe, pães, órgão, órfão, Estêvão, Sebastião, bem* (= bei), *emquanto,* (= eiquanto), *bens* (= beis), *imagens* (= *imageis*). — Nos verbos conservam *am* para os diphthongos finaes *átonos,* e *ão* para os *tónicos*: *amam, amaram* e *amarão, falam, falaram* e *falarão.*

2. Representação uniforme do *ã* nasal *final* por **ã** *irmã, manhã, órfã, irmã, vã.* — Os *diminutivos* e os *adverbios* guardam o *til* da fórma primitiva: *irmãozinha, orfãzinha, vãmente, cristãmente.* — Fóra deste caso, o *a* nasal *medial represnta-se an*: *vangloria, irmandade, cristandade, manto.*

3.º Graphar-se com **i** ou **e,** com o **o** e não **u** , de accordo com a evolução da vogal latina, os seguintes vocabulos e outros semelhantes: *idade, igual, igreja, Ifigenia, testemunho, semelhante, se* (conjunc.), *vezinho, Vergilio, tejolo, artelheria, crânio, pátio, pior, milhor* (ou *melhor*), *lial* (ou *leal*), *Manuel, soberbo, logar, logarejo.* — Pela mesma ra-

zão orthographar-se-á *dezaseis, dezasete, dezanove, quere* (3.ª pess. do pres. do indic. de *querer*).

Nota.

a) *Criar* e não *crear*, a despeito de *creare*, por exigir o **i** a syllaba tonica dos tempos verbaes — *crio, crias, cria, crie*, etc., e dahi *criança, criado, criação, criatura*, e não *creado, creança, creação, creatura*, e, pela mesma razão, — *procriar, procriação, procriador, recriar, recriação, recriado*. — Porém *recrear* no sentido de divertir-se guarda o **e** etymologico por conservá-lo na syllaba tonica — *recreio, recreias, recreia*, etc.; donde *recreação, recreativo*.

b) Discrimina-se entre *real* de *res*, e *rial* de *rei* e dahi — *realidade, realização* e *rialeza, rialengo*.

c) *Poder* e *pôr* teem **u** no pret. perf. do indic. e nos tempos que delle se derivam: *pude, pudeste* (*pôde*), *pudemos, pudestes, puderam; pudera, pudesse, puder*, etc.; *pus, puseste*, (*pôs*), *pusemos, pusestes, puseram; pusera, pusesse, puser*, etc.

d) *Querer* grapha-se na 3.ª pess. do pres. do indic. — *quere*, e no preterito perf. e seus derivados — *quis, quiseste, quis, quisemos...; quisera, quisesse, quiser*.

III. Accentos:

1.º Marcar-se-á com **agudo** ou **circumflexo** a syllaba *tonica* dos seguintes vocabulos:

a) Dos **proparoxytonos**: *sábado, câmara, cédula, pêssego, fôlego, pólvora, máximo, íntimo, belíssimo, ótimo, rápido, lúgubre, fímbria, núncio, légua, régua, água, desinência, sequência, ânsia, êxito, êxodo, farmacêutico, Venâncio, António, áugure, arúspice, contínua* (cf. *continua*, verb.), *míngua* (cf. *mingua*, verb.), *séria* (cf. *seria*), *público* (cf. *publico*), *génio, género, gémeo, nónio, fénico, académico, génese, cómodo, cónego, espécimen*.

b) Dos **oxytonos** terminados em **—a, e, o** (seguidos ou não de **s, m, ns**: *Tomás, alvará* e *alvarás, fará* e *farás, rapé, ipê, avó* e *avós, armazém* e *armazéns, contêm* (cf. *contem, imagem*). — Ficam inaccentuados os oxytonos em **i, u** e **consoante**: *juriti, tupi, coati, peru, urubu, fatal, anel, perfil, azul* (cfr. *fácil, cônsul*), *tapar, falar, vender, prazer, poder, puder, tapir, opor*.

Nota.

1.ª Os monosyllabos tonicos em **a, e, o** levarão *accentos*, porém ficam *inaccentuados* os em **i** e **u** e **consoante :** *pé, já, lá, pó, si* (pron.), *nu, dor, flor, ver, crer, pôr* (ao lado de *por*), *côr* (ao lado de *cor, de cor*, donde *decorar*). Egualmente ficam inaccentuados os monosyllabos em **em** e **ens :** *bem* e *bens, tem* e *tens, cem, vem* (3.ª pess. do sing. e do plur. do indic. pres. de *vir*).

2.ª O **til** suppre o **accento:** *irmã, cristã, manhã, lã, irmão, varão, Sebastião* (cf. *órfã, orfão, sótão, Estêvão, Cristóvão*).

c) Dos **paroxytonos** terminados em **i, u, vogal nasal, diphthongos** seguido ou não de *s*) e **consoantes:** *quási, júri, tribu, Vénus, Páris* (cf. *Paris*, cidade), *Estêvão, Christóvam, órfão, órgão, amáveis, fósseis, téxtis, fáceis, pênseis, fóssil, téxtil, fácil, pênsil, cônsul, cadáver, açúcar, alcáçar, mártir, sóror, âmbar, aljôfar, Madagáscar, córtex, sílex, índex, Félix, bórax, tórax, féniz, pólux.*

d) Dos **homographos,** nas vogaes **fechadas** (**e** ou **o**) : *rôgo* e *rogo, sôbre* e *sobre, cômo* e *como, jôgo* e *jogo, govêrno* e *governo, pêco* e *peco, pêso* e *peso, mêdo* e *medo* (*povo*), *sêde* e *sede, vêde* e *vede, colhêr* e *colher, côr* e *cor* (de *cor*), *côres* e *cores, porêm* e *porem, dêmos* (pres. subj.) e *demos, dôres* e *dôres* (*dorar*), *fôrma* e *forma, fôra* e *fora, dêste* e *deste, dêsse* e *desse, êle* e *ele* (letra), *êsse* e *esse, êste* e *este, lêmos* e *lemos*, (*pólo* e *polo* = *pelo*).

Quando ha mais de duas dicções homographicas accentuam-se duas: *avó, avô, avo, sé, sê, se, pêlo, pelo.*

Nota. Quando os homographos são *proparoxytono* e *paroxytono*, opera-se a discriminação pela accentuação daquelle (III, s. a.) : *contínua* e *continua* (=continúa), *pública* e *publica, líquido* e *liquido, amálgama* e *amalgama, número* e *numero*. Entre *paroxytono* e *oxytono* a discriminação se faz pela regra **b** e **c** : *vencerá* e *vencera, unirás* e *uniras, porêm* e *porem.*

e) A vogal tónica do **hiato :** *aí, saí, saúde, contribuí* (cf. *contribui*), *faísca, baú, Jaú, Taígeto, Piauí, conteúdo, doído* (cf. *doido*), *viúvo, veículo, proibir, ruína, ruído, roído.*

Nota. Quando o *hiato* é átono póde usar-se do acc. *grave* pelo *agudo : saímento, paísagem, saùdar, abaùlado, faíscar.* — Póde dispensar-se o acc. *agudo*, no *hiato* tonico *final*, quando este não termina por **s** : *raiz* (cf. *raízes*), *juiz* (cf. *juízes, juízo*). Compare-se *Luís, Saul, paul, ruim, rainha, Coimbra, moinho* (pop. múinho), *transeunte, triunfo, coinchar, reinadio, adail.*

f) A vogal *aberta* dos **diphthongos ei, eu, oi :** *réis* e *reis, batéis* e *bateis, papéis* e *papeis, céu* e *seu, sóis* e *sois, apôio* e *apoio, véu* e *meu, chapéu* e *europeu, ilhéu* e *perdeu, labéu* e *lambeu.*

2.° Marcar-se-á com accento **grave :**

a) A *subtonica* nos **derivados :** *màzona* (má), *pèzinho, cafèzinho, sòzinho, saùdoso, enraìzar, arruìnar, ruìnoso.*

O accento *agudo* do *primitivo* transforma-se no *grave* do *derivado,* para indicar vogal *aberta.*

Nota. Nos *adverbios derivados dos adjectivos* **guarda-se o** accento destes : *fácil—fácilmente, só—sómente, cortês—cortêsmente, português—portuguêsmente, rápido—rápidamente, ábil—ábilmente* (cf. *ricamente, loucamente, ferozmente, caladamente*).

b) A vogal *aberta* átona de **homographos :** *prégar* e *pregar, pègada* e *pegada, mòlhada* e *molhada, àquelle* e *aquelle, àparte* e *aparte,* (*á* = *a*+*a*), *còração* (de còrar), e *coração.*

c) O **u sonoro** dos digrammas **gu** e **qu :** *argùir, argùente, agùentar, agùeiro, freqùência, eloqùência, eloqùente, eqùivaler, eqüiângulo, eqùideo, eqùidistante* (cfr. *seguir, distinguir, quente*).

Escreve-se — *catorze, cota, cotizar,* e não *quartorze, quota, quotizar.*

IV. Hyphen:

Prende-se com **hyphen :**

a) O pronome **enclitico** e os prefixos **bem** e **mal,** do seguinte modo: *amá-lo, devê-lo, sê-lo, tenho-o, tem-no, tem-lo* (= tens-lo), *temo-lo, tende-lo* (indic. e imper.), *dizê-lo, dize-lo, vê-mo, vê-to, vê-lho, vê-no-lo, dai-lhe — bem-aventurado, bem-aventurança, bem-estar, mallogrado* (e tambem *malogrado,* como *malogro, malograr*).

b) A preposição **de** ao verbo nas conjugações periphrasticas: *hei-de* (falar), *has-de, ha-de, hão-de.*

c) O fragmento da palavra no fim da linha ao outro fragmento: *pas-* | *ta, subs-* | *tantivo, direc-* | *ção, adop-* | *tar des-* | *astre, de-* | *satar, bi-* | *savô, fac-* | *to, corrup-* | *tela.*

Nota.

1.ª Não se separa **ex**: *ex-*|*emplo, ex-*|*ercito, ex-*|*ceder, ex-*|*hortar, ex-*|*orbitar.*

2.ª Não se separam GRUPOS VOCALICOS: *cau-*|*sa, rai-*|*zes, sau-*|*de, rea-*|*leza, poei-*|*ra, die-*|*ta, ensaia-*|*ram, rio-*|*zinho.*

3.ª Não se separa o grupo, **sc**, quando o **s** não se lê separado do **c**: *en-*|*scenação, in-*|*sciente, pre-*|*sciencia*; porém — *cons-*|*ciencia, pros-*|*cenio, pros-*|*crito, trans*|*cender.*

4.ª Repet-se o *hyphen* na linha inferior, quando este separa elementos de um composto já presos por elle: *obra-*|*-prima, porta-*|*-voz, amá-*|*-lo, deu-*|*-te, pé-*|*-de-*|*-vento.*

5.ª Emprega-se o *hyphen* uniformemente nos compostos espurios e *locuções: bom-bocado, obra-prima, bons-dias, meia-noite, meio-dia, meia-cara, bom-tom, boa-nova, mãe-d'agua, pé-de-galinha, pé-de-vento, alma-de-gato, pedra-de-cevar, bota-fora, ganha-perde, cabeça-de-casal, oculo-de-ver-ao-longe, a-troche-e-moche, de-déu-em-déu, de-arrancada, de-chofre, de-certo, a-pesar-de, além-de, ao-redor-de, sem-fim.*

V. APOSTROPHO:

E' aqui abolida esta notação. Serve apenas para indicar, quando necessaria, a suppressão accidental da vogal, principalmente na poesia: *p'ra, esp'rança, c'roa, 'stão,* e em *compostos,* como *mãe-d'agua.*

Sem *apostropho* escrevem-se as *contracções*: *dele, dêste, dêsse, dali, daí, daquele, mo, to, lho, donde, dacolá, dalém, dum, duma.* Fóra destas particulas não se opera contracção.

VI. TIL:

O **til** continúa a indicar nasalidade, e na syllaba final o accento *tónico,* quando este não é indicado em outra syllaba: *irmã* e *órfã, Sebastião* e *Estêvão, côvão* e *covão.*

VII. PONTOS DE INTERROGAÇÃO E EXCLAMAÇÃO:

Suggere-se apenas a conveniencia de se imitarem os hespanhoes, collocando-se estes pontos invertidos no principio da phrase, quando esta excede a quatro ou cinco palavras: ¿ Quando soubeste que a tua familia chegava de fóra hoje ? — ¡ Bello e esplendido o dia de hoje !

CRITICA

171. Antes de entrar na critica das reformas exposta e de ampliar o que dissemos em nossa *Grammatica Expositiva, Curso Superior*, cumpre-nos lamentar que o zelo pela reforma de nossa orthographia, o qual, de tempos a tempos, explode com certa intensidade, não se volte para o estudo e *reforma* de nossa syntaxe, cuja importancia substancial está pedindo, em muitos pontos, a elucidação auctorizada de nossos literatos. E' realmente lastimavel que a *fórma* e não a *substancia* apaixone os nossos homens. E nem se dirá que a razão disto é serem os herdeiros de Camões mais artistas que scientistas, porquanto é na estructura syntactica da phrase e não no aspecto material do vocabulo que se revela o genio esthetico de um povo. Em segundo logar, é deploravel o espirito revolucionario dos que querem democratizar a orthographia portugueza.

A nossa orthographia actual, com todos os seus defeitos, é já um legado secular de nossos antepassados, accumulado no decurso de gerações, uma como urna sagrada, que encerra todo o thesouro de seu genio. E' a lingua escripta o laço mais forte e genuino, que nos prende ao passado; o elemento mais vivo de solidariedade com as gerações, que por nós luctaram e soffreram; em summa, é a tradição patrimonial, que a todos nós pertence, *res communis*. Claro é, portanto, que qualquer reforma desamorosa e irreverente desse patrimonio geral deve encontrar rigida opposição não só na inercia natural ao espirito conservador, mas tambem nesse elemento affectivo e legitimo de apego ás tradições dos que foram. Os nossos reformadores, para conseguirem algum resultado, deveriam traçar os seus planos de harmonia com o proprio movimento evolutivo do idioma escripto, e imitar a moderação e prudencia da Academia Franceza. Reformas desta natureza não se decretam, e só se impõem pelo proprio prestigio.

A orthographia de um povo, como a propria lingua, é um facto, systematico ou asystematico, logico ou incongruente, mas um facto sempre respeitavel em seus fundamentos e intuitos. Desconhecê-lo, deturpá-lo, feri-lo na pro-

pria substancia, invectivar as gerações, que, seguindo o natural instincto, foram, ás apalpadellas, por assim dizer, accumulando, a pouco e pouco, os elementos a cujo acervo chamamos orthographia usual, é realmente seguir caminho errado e anarchizar ainda mais a herança paterna, que representa o esforço secular de nossos avós.

Demais, esse *facto* não é tão asystematico, arbitrario ou absurdo, como quererem os folliculares das reformas radicaes. Como na lingua fallada, assim na lingua escripta ha o instincto da ordem, ha principios que tendem a dominar a variedade incongruente dos phenomenos, a corrigir o syncretismo graphico, fructo muitas vezes da ignorancia dos escriptores. Ora, na apreciação de um systema, não é razoavel torná-lo responsavel pelas falhas de seus adeptos e increpá-lo pelas phantasias de seus cultores.

Não queremos dizer com isto, que não se façam reformas ou que não se tente melhorar, uniformizando-a, nossa actual orthographia; julgamos, porém, que essa empresa deve obedecer a esses principios de ordem dentro da indole eccletica do proprio systema.

As reformas brasileira e portugueza, que acabamos de expor, trazem, por certo, valiosos subsidios para uma futura uniformização de nosso padrão orthographico; mas não cremos que consigam a adhesão geral, pelo menos no Brasil.

A Academia Brasileira, tomando por base o phoneticismo exclusivo, procura a uniformidade graphica, rompendo de modo revolucionario com habitos tradicionaes, e deturpando, dest'arte, largamente as fórmas vocabulares, embora se visse obrigada a transigir aqui e ali com o etymologismo, e fixasse acertadamente certas graphias oscillantes.

A substituição do **g** medial etymologico pelo **j** (*orijem*), e de **s** intervocalico pelo **z** (*caza, formozo*), quebra sem razão sufficiente, uma respeitavel tradição da lingua escripta, e altera de chofre a esthetica de milhares de vocabulos. A transigencia na conservação do **g** e do **h** iniciaes (*genio* e *homem*) enfraqueceu-lhe o principio adoptado. A fixação, porém, das syllabas tónicas finaes em **z** (*portuguez, marquez, Pariz, Goyaz*), com as excepções indicadas

(regra 6.ª), bem como das nasaes finaes (*irmã* e *orfan*) e dos diphthongos (*irmão* e *orfam*), foram medidas acertadas, que correspondiam a bem pronunciadas correntes orthographicas. A despeito, porém, destas boas disposições, o radicalismo e exclusivismo sonico, que a constrangeu a deturpações e incoherencias, o seu caracter incompleto e a falta de um vocabulario orthographico, condemnam, parece-nos, irremediavelmente a bem intencionada tentativa da Academia Brasileira de Letras.

A refórma portugueza tem o mesmo intuito simplificador que a brasileira, e com ella coincide em muitos pontos; leva-lhe, porém, vantagem em ser mais comprehensiva, systematica e conservadora.

Mais cauta e reflectida que a Academia, a Commissão Portugueza, declarando evitar processos revolucionarios, procurou no caminho da evolução phonetica um criterio scientifico, que lhe deparasse base segura, onde pudesse firmar um padrão de uniformidade graphica para a extrema variedade phonica da lingua. Julgou achá-lo no processo phonetico-historico, pelo qual procura estabelecer a possivel conciliação entre a orthographia e a evolução dos phonemas vocabulares, respeitando em alguns pontos o principio etymologico, e com elle transigindo em alguns outros.

Com este criterio historico e opportunas concessões ao uso, logrou amortecer a opposição dos etymologistas, captando ao mesmo tempo a adhesão dos phonetistas, cujos principios predominam na refórma. Accresce que esta attitude, até certo ponto conciliadora, é amplamente favorecida pelo *Vocabulario Alfabético e Remissivo*, publicado pelo douto romanista A. R. Gonçálvez Viana. Além disso, o caracter completo da refórma, que tudo previu, a regulamentação judiciosa do emprego dos accentos, são titulos meritorios, que lhe dão certa plausibilidade de adopção geral.

O que ha de original na refórma portugueza, além de pequenas distincções (*real* e *rial, criar* e *recrear*), e da regulamentação dos accentos, é o elemento phonetico-historico. E como a evolução phonetica é continua, necessario se torna buscar-se nos classicos, mormente quinhentistas,

o typo graphico recommendavel, e assim se prescrevem graphias taes como estas: *veẓinho, artelharia, Ifigenia, teẓolo, milhor, pior, quere, desanove.* A razão para taes graphias archaicas é illusoria. A evolução phonetica é base movediça; ella não se faz rectilinea: oscilla, e, além disso, não pára. Com que criterio, pois, se vae buscar um typo classico movel, e, quasi sempre, syncretico pela incerteza da pronuncia, como a fórma orthographica typica de preferencia a uma outra actual, que lhe leva vantagem em trez ou mais seculos de evolução ? Julgamos que esse criterio phonetico-historico é acceitavel como principio dirimente de fórmas graphicas syncreticas actuaes (*similhante* e *semelhante, suberbo* e *soberbo, logar* e *lugar, testimunho* e *testemunho*); porém é arbitrario quando nos impõe novidades orthographicas, em archaismos graphicos, taes como: — *artelharia, veẓinho, milhor, mester, lial, deẓanove, quere.*

A refórma, apesar de simplificadora, encerra francas feições etymologicas. Transige com o grupo etymologico **sc** (*sciencia*), e escreve **g ou j, s ou z, ss ou ç,** conforme a etymologia. Além disso, faz á orthographia etymologica uma concessão especial: conserva a prepositiva insonora de certos grupos consonantes (*cç, ct, pc, pt,* etc.), quando for facultativamente pronunciada ou quando influir na pronunciação da vogal átona precedente, abrindo-a (*reácção, dirécção, eféctivo, excépção, adópção, espéctaculo, réctidão, caracter,* etc.). Nestes dois casos, guarda-se a insonora em todos os membros da respectiva familia philologica, isto é, em todas as palavras *cognatas.*

Ora, no Brasil, já se apagou essa influencia prosodica do grupo sobre a vogal átona antecedente, pois entre nós essa vogal é geralmente surda, e deixa por isso de nos annunciar o grupo. A concessão, pois, em nada nos facilita. Sobre isto, o conhecer a pronuncia facultativa de todas as respectivas palavras cognatas, para não confundir essa concessão com os outros grupos etymologicos, que devem ser simplificados, offerece difficuldades practicas reaes.

Rompendo desnecessariamente com habitos fixos, mandanos a refórma escrever á antiga — *amar-te hei,* porém á moderna — *amar-te-ia.* Não se percebe de prompto a ne-

cessidade desta incoherente innovação. Em outro logar, transigindo com habitos graphicos generalizados, abre mão do principio etymologico, e escreve **s** por **z** nas syllabas átonas (*Marques, ourives, simples*). Parece que esta transigencia judiciosa devera levá-la a escrever **z** por **s** nas syllabas tonicas finaes, como faz a Academia Brasileira, por ahi tambem existe uma corrente bem generalizada (*mez, trez, marquez, giz, paiz, Luiz, atraz, retroz, portuguez, cortez, Diniz, Satanaz, rez, tez, quiz, puz*, etc.).

Parece-nos ainda que a Commissão leva longe demais o emprego do hyphen em locuções adverbiaes (*oculo-de-ver-ao-longe*).

Nossa orthographia usual é *phonetico-etymologica*, a reforma portugueza nos apresenta um systema *phonetico-etymologico-historico*. Ella se condemna por complicada, e a brasileira por demasiado simplificada. A lingua escripta, como a fallada, não se reforma; melhora-se. A reforma da douta commissão portugueza tem o effeito de remendo de panno novo em vestido velho, e, afinal, melhor é serzir roturas que pregar fundilhos.

MORPHOLOGIA

172. **Morphologia** (*morphê= fórma, logos+ia=tractado*) historica é o estudo da origem e formação do lexico. Tem por objecto as *fórmas significantes* dos vocabulos em sua evolução morphica e ideologica, bem como a importação de elementos extrangeiros accrescidos ao lexico. Ella é, em summa, o estudo do lexico em seu desenvolvimento historico interno e externo.

173. Chamam alguns a esta parte da Grammatica *Organographia* e aos elementos significantes da palavra *organs*. Taes denominações vêm de uma comparação, mui commum desde Schleicher, da palavra com um *organismo*.

Observa, entretanto, Bréal que chamar a lingua um *organismo* é erro grave e origem de outros erros. A lin-

guistica, diz Dauzat, não é a biologia. E com estes illustres philologos, impugnam a conveniencia de um tal termo applicado á lingua, Gaston de Paris, Antoine Thomas, Bourciez e outros.

A lingua, como ensina Max Müller, não nasce e cresce como os seres organizados, isto é, as plantas e os animaes, mas antes como os mineraes, por camadas superpostas. As designações, pois, de *organismo, orgams* e *organographia,* applicadas ao estudo das linguas, são metaphoras apenas, baseadas em uma analogia remota.

174. Estuda a Morphologia, como vimos, a estructura das palavras em sua formação e evolução, bem como o desenvolvimento do lexico por importação de linguas extranhas.

A estructura vocabular é constituida dos elementos morphicos ou morphologicos da palavra. Esses elementos são — a *raiz* ou *radical,* o *thema,* os *affixos* e a *desinencia.*

CAPITULO I

ELEMENTOS MORPHOLOGICOS

I. Raiz ou radical.

A analyse glottologica revela nas palavras um elemento irreductivel e primordial, que é, segundo ensinam alguns, o ponto de partida da formação das linguas aryanas; chama-se este elemento *raiz* ou *radical.* Encerra elle o sentido fundamental da palavra. Assim em *amor, amar, amante,* a *raiz* é o elemento *am,* que contem o sentido geral e indeterminado, commum a todos os membros dessa familia philologica. Acreditam os philologos, a que acima alludimos, que esse elemento primacial das palavras aryanas é *monosyllabico.*

II. Affixos.

176. A' *raiz* vêm aggregar-se elementos secundarios com o intuito de lhe precisar e modificar o sentido funda-

mental e vago. São esses elementos secundarios chamados — *affixos*.

Se o affixo precede á raiz, chama-se **prefixo**; se vem depois, denomina-se **suffixo.** Assim em *desamor* a analyse morphologica descobre trez elementos — *des* + *am* + *or*: *am* = *raiz, des=prefixo, or= suffixo.*

A *raiz am é* portadora da idéa geral e indeterminada da palavra; os *affixos* — **des** e **or** são portadores de idéas especificas, que determinam ou positivam a idéa geral ou generica. E' esta a importante funcção desses elementos accessorios.

III. THEMA.

177. Succede frequentemente que a palavra assim formada se torna a base de um novo desenvolvimento, e um novo affixo vem modificar o sentido do termo; *desamoroso*, por exemplo, desenvolve (com a agglutinação do suffixo — **oso**) *um* novo sentido, desdobra-se um novo termo, e o vocabulo, ou parte do vocabulo, que serviu de base ao novo desdobramento, é o *thema*. Assim o conceito de *thema*, na grammatica historica, é diverso do de *raiz*. Esta, entretanto, póde coincidir com aquelle no primeiro grau de desenvolvimento da palavra, como, por exemplo, em *amor* e *ferreiro*, onde os elementos *am* e *ferr* se apresentam com o caracter de *raiz* e *thema* ao mesmo tempo, modificados pelos suffixos — *or* e *eiro*. Não raro, porém, uma investigação historica mais profunda vae descobrir em uma letra a raiz primitiva e descriminá-la do *thema*. Tomemos, v. gr., a palavra *coser* (*cos*+*er*), onde o thema *cos* parece dar-nos egualmente a *raiz;* entretanto, a palavra vem do latim *consuere* = *con*+*su*+*ere*, por onde se vê que a letra **s** (= *su*) é realmente a *raiz*, *co* (= *cum*), o prefixo, e **er** (= *ere*) o suffixo verbal.

Max Müller dá-nos instructivo exemplo da analyse historica, tomando a palavra — *historicamente*. Separa primeiro o suffixo adverbial — *mente;* em seguida, do *thema historico* tira o suffixo adjectival — *ca* (lat. *cus*), com a vogal de ligação *i;* finalmente, do elemento thematico *histor*, aparta o suffixo nominal — *tor* (= *dor*), e chega ao

elemento radical ou raiz *his* = *id*, que encerra a noção geral de conhecer.

Vê-se, por esse processo, que o *thema* é, muitas vezes, uma expansão ou alongamento da *raiz*. Constitue um elemento movel, se assim nos podemos expressar, que abrange, nos diversos grupos de expansão, elementos accessorios da palavra; assim na palavra *in* + *decompos* + *ição* (= *in* + *de* + *com* + *pos* + *ição*), o thema *decompos* — encerra dois prefixos (*de* e *com*), que são por isso chamados suffixos *thematicos;* em *ferruginoso* (= ferr + ugin + oso), o thema *ferrugin* — encerra um suffixo *thematico* (— *ugin* = — *ugem*).

IV. Desinencia.

178. *Desinencia* é a terminação das palavras constituida por uma vogal ou consoante, ou, ainda, por vogal e consoante, e que nas palavras flexivas varia para indicar os accidentes de *genero, numero, tempo* e *pessoa*. Em *menin-o, menin-a, menin-os, leitor, leitores,* — *o, a, os, r, es,* são desinencias genericas e numericas respectivamente; em *am-o, am-as, am-ei,* — *o, as, ei,* são desinencias pessoaes e temporaes simultaneamente.

As palavras genuinamente portuguezas só pódem terminar em vogal pura ou nasal (*a, e, i, o, u, ã, an, im, om, um*), e nas *consoantes l, n, r, s*.

Repelle a lingua a terminação em **e** nasal (*en* = *ê*); em *abdomen, especimen, lichen,* etc., soa o *n;* em *regimen, joven* (melhor *jovem*), a desinencia realmente é o diphthongo *eĩ*, o mesmo phenomeno se dá com todos os terminados por *em* (*imagem, folhagem,* etc.). — O *m* e *n*, que terminam muitos vocabulos de nossa lingua, ahi apenas figuram como signal nasalador: — *amam* (*âmão*), *viagem* (= *viageĩ*), *fim* (=*fĩ*) *som* = *sõ*), *orphan* (=*órphã*), *jejum* (=*jejũ*). — O *n* desinencial de alguns vocabulos de nosso lexico não se adapta bem ao genio da lingua, mesmo por que elle ahi figura como mero *ruido consonantal*, e esses vocabulos conservam um caracter alatinado na lingua vernacula, taes são: *abdomen, especimen, lichen, canon, velamen, dolmen, alumen, ceru-*

men, tentamen, certamen. Só temos uma palavra terminada em b, é a prep. *sob*, do lat. *sub*, porém o **b** ahi se mantem em virtude de reacção erudita, pois no velho portuguez apparece com o B apocopado — **sô**, como se vê ainda na phrase feita *a socapa* (= sob + capa). Na fórma erudita, *sob* é rejeitado pelo dialecto popular, e, na fórma popular, *sô* é archaico.

Nota. São de importação hebraica por intermedio da Biblia os nomes terminados em **b** : *Job, Achab, Abib, Jacob, Nadab, Negeb, Argob, Caleb.*

CAPITULO II

ESTRUCTURA DAS PALAVRAS

179. PALAVRA, em gr. *logos*, em lat. *verbum, vox, dicto, locutio, sermo*, é um *phonema* ou *grupo* de phonemas com que representamos uma *idéa*. São, pois, as palavras signaes convencionaes das *idéas*.

A estructura das palavras, determinada pelos seus elementos morphologicos, que acabamos de estudar, varia no tempo e no espaço, sob o influxo constante das leis glotticas. Na passagem do latim para o portuguez, os vocabulos vão-se modificando e contrahindo, ora pelas alterações phoneticas, ora pela influencia analogica.

180. FÓRMAS TYPICAS. Nesta evolução vocabular devemos considerar trez fórmas typicas successivas: a fórma *original*, a *intermediaria* e a *actual*.

A fórma ou o *typo original* é a palavra latina, que, através das fórmas *intermediarias* ou de *transição*, apresenta na fórma *actual* o ultimo estadio de suas metamorphoses historicas, p. ex.: *amatis* ⟶ *amades* ⟶ *amaës* ⟶ *amaes*.

181. FÓRMAS HYPOTHETICAS. Succede não raro que das fórmas intermediarias apenas conhecemos directamente aquellas que se fixaram nos documentos da lingua, e que constituem as *fórmas archaicas* da palavra. Ora, os documentos da lingua portugueza só começam a apparecer no sec. XII, em raros vocabulos vernaculos correntes entre o povo.

Parco subsidio, entretanto, poderão fornecer esses vocabulos esparsos em taes documentos para o conhecimento das fórmas intermediarias.

Na falta, porém, da documentação escripta, o glottologo, guiado pelas leis phoneticas, serve-se da inducção para reconstruir a fórma que deveria ter existido no uso popular antecedente á fórma conhecida, a qual demanda esse élo para se prender ao *typo original.* Essa fórma vocabular assim induzida é o que se chama fórma *hypothetica* ou *conjectural.* Por esse processo inductivo ascende-se muitas vezes á fórma original ignorada.

Essa fórma *hypothetica,* quer original, quer intermediaria, é assignalada, nos tractados especiaes, com um *asterisco* (*), p. ex.: *Augustu* ⟶ **Agustu* ⟶ *Agosto, cómedo* ⟶ **comeo* ⟶ *coimo* ⟶ *como; *manip'lu* (lat. *manipulus*) ⟶ **mãolho* ⟶ **maolho* ⟶ *moolho* ⟶ *mólho* (ap. Dr. J. Leite de Vasconcellos).

A's vezes acontece que o vocabulo latino passa intacto para o portuguez, sem fórma ou fórmas *intermediarias,* como — *Cicero, Cesar, drago, consules, servos.*

CAPITULO III

THEORIA DAS CATEGORIAS GRAMMATICAES

182. *Categorias grammaticaes, partes da oração* ou *do discurso* são as diversas classes de palavras, que constituem o lexico.

São oito essas categorias, segundo a opinião mais geralmente adoptada, convem saber: *substantivo, adjectivo, pronome, verbo, adverbio, preposição, conjuncção* e *interjeição.* Outros as fazem dez, considerando como categoria á parte o *artigo* e o *participio,* incluidos na classe dos adjectivos pelos que seguem a classificação supra.

183. ORIGEM DAS CATEGORIAS. As categorias grammaticaes recebemo-las dos grammaticos dos sec. XVI e XVII, que

as receberam dos grammaticos da edade-média, e estes dos latinos, que, por sua vez, as receberam dos gregos.

A Aristoteles e mormente aos grammaticos de Alexandria devemos os primeiros ensaios sobre a theoria das categorias grammaticaes.

Reconhecia aquelle illustre philosopho grego, segundo Mason, quatro partes do discurso: *nomes* (*substantivo* e *adjectivo*), *verbos* (ou *predicados*), *conjuncção* (incluindo apparentemente *preposições* e *adverbios*), e *artigos* (*pronomes* e o *artigo definido*).

Posteriormente os grammaticos gregos da escola de Alexandria, no Egypto, dividiram em oito as partes do discurso: *nome, verbo, participio, artigo, pronome, preposição, adverbio* e *conjuncção.*

Os grammaticos romanos excluiram o *artigo,* que o latim não possuia, incorporaram o *participio* no *verbo,* dividiram o *nome* em *nomen substantivum* e *nomen adjectivum,* e accrescentaram a *interjeição,* de modo que puderam guardar o numero mystico de oito: *substantivo, adjectivo, pronome, verbo, adverbio, preposição, conjuncção* e *interjeição.*

Como se vê, coincide esta divisão com a que é hoje geralmente adoptada.

O estudo da Grammatica era o primeiro das *sete artes liberaes,* que constituiam o *trivium* e o *quadrivium* das universidades da edade-média, onde se continuaram a expor as theorias grammaticaes dos gregos e dos latinos. Dessas universidades medievaes passou aos nossos tempos a theoria sobre as categorias grammaticaes, por intermedio dos humanistas, que, nos sec. XVI, XVII e XVIII, obedeceram ao grande impulso literario da Renascença.

Correspondem as categorias grammaticaes ás idéas *geraes* de que tracta a philosophia. E por que as idéas *geraes* são fórmas necessarias do pensamento, são categorias mentaes, que a logica impõe ao raciocinio, ensinavam erroneamente as grammaticas philosophicas do sec. XVIII que todas as linguas deviam possuir as mesmas categorias grammaticaes. Sendo uma a logica, uma devia ser a grammatica em sua essencia; o pensamento e a sua expressão deviam guardar as mesmas relações em todas as linguas. E nem podiam de

outro modo esses grammaticos-philosophos comprehender a unidade do espirito humano na variedade das raças. Court de Gebelin, em sua *Histoire Naturelle de la Parole*, encara as categorias grammaticaes como parte da *Grammatica Universal*.

A Glottologia, porém, que nasceu do estudo practico e scientifico das linguas, veio demonstrar o erro dessas concepções aprioristicas das categorias grammaticaes e dessa confusão da logica philosophica com a grammatica.

O estudo das linguas revelou a existencia de um grupo numeroso de linguas radicaes ou monosyllabicas, que não possuem propriamente categorias grammaticaes, e o estudo da grammatica historica mostra que a formação das categorias grammaticaes nas linguas indo-européas deve-se a um processo lento da evolução linguistica.

O estudo das categorias grammaticaes póde fazer-se relativamente á *funcção*, á *evolução* e á *flexão*.

Ás categorias grammaticaes quanto á funcção

184. Sob diversos aspectos podemos estudar a funcção das categorias grammaticaes; primeiramente em seu caracter fundamental e especifico, e depois em certas analogias, que determinam divisão mais ampla.

185. Funcção taxeonomica e syntactica. As categorias grammaticaes discriminam-se entre si pelas suas funcções lexicas ou taxeonomicas, isto é, pelas noções ou idéas geraes que expressam e determinam a sua classificação na taxeonomia grammatical. A estas funcções lexicas correspondem funcções logicas ou syntacticas, que são o papel que na trama da phrase lhes permitte representr a sua indole.

Examinemos perfunctoriamente essas funcções em cada uma das categorias.

Substantivo

186. Funcção taxeonomica. O *substantivo* tem por funcção taxeonomica indicar os seres *reaes* ou *ficticios*, que subsistem por si, como — *homem, alma, anjo, sereia*, e são,

neste caso, *concretos;* e, por *extensão,* os seres *imaginarios* ou *abstractos* que não subsistem por si, mas existem como qualidades nos seres reaes, como *brancura, amizade, rapidez.* O subst. *ficticio,* como *sereia, duende,* suscita no espirito a realidade ficticia de um ser *fabuloso.* Não pertence á classe dos *imaginarios-abstractos,* mas á dos *imaginarios-reaes* ou *concretos.* Do ponto de vista de sua natureza temos, pois, trez classes de substantivos: *concretos, abstractos* e *concretos-ficticios.*

187. GENERO E ESPECIE. Nas idéas geraes expressas pelos substantivos devemos distinguir as *classes* e as *subclasses,* isto é, o *genero* e a *especie.* O *genero* é uma classe maior e a *especie* é uma classe menor, incluida na maior, é uma *subclasse* ou *subgenero;* assim *arvore, larangeira, tangerina,* são trez substantivos, que indicam trez classes de seres; *arvore* é a classe maior, é o *genero; larangeira* é a classe menor e está incluida na primeira, é *subgenero* ou *subclasse,* isto é, a *especie tangerina* está na mesma relação para com larangeira, que larangeira para com arvore; é uma *especie* de larangeira, como larangeira é uma *especie* de arvore; logo larangeira é uma *especie* em relação á *arvore,* e *genero* em relação á *tangerina.* Os termos *genero* e *especie* são, pois, correlativos, e por isso podemos dizer *genero* humano ou *especie* humana, conforme o ponto de vista em que nos collocamos.

188. COMPREHENSÃO E EXTENSÃO DO SUBSTANTIVO. A discriminação entre *genero* e *especie* fornece os elementos para se discriminar entre *comprehensão* e *extensão* do substantivo.

189. *Comprehensão* de um substantivo são os caracteres distinctivos da classe de seres designada por elle, e *extensão* são os individuos abrangidos nessa classe. O genero tem menos *comprehensão* que a especie e mais *extensão;* a especie tem mais *comprehensão* que o genero, e menos *extensão. Larangeira* tem todos os caracteres genericos de *arvore,* e mais os especificos, que constituem a sua classe, por isso tem mais comprehensão, e menos extensão, porquanto as *larangeiras* são uma parte das *arvores.* Do mesmo modo, *tangerina* tem

todos os caracteristicos de *arvore* e de *larangeira* e mais os especificos, que constituem a sua classe, por isso tem mais *comprehensão* e menos *extensão* que larangeira. E assim descendo a escala dos seres, vae crescendo a *comprehensão* e diminuindo a *extensão*, que estão, portanto, em razão inversa uma para com a outra. Assim, como observa Burggraff, *homem, forte, corajoso* formam a *comprehensão* da idéa ou do substantivo *heroe*, e todos os seres a que se podem applicar estes trez caracteristicos simultaneamente formam a sua *extensão*.

100. SUBSTANTIVO APPELLATIVO E PROPRIO. Substantivo *appellativo* ou *commum* é o que se applica a todos os individuos da classe, e o *proprio* é o que se applica a um ou mais individuos da classe, mas não a todos. O appellativo, como *homem, paiz, cidade*, é nome de *classe*, e o proprio, como *Pedro, Brasil, Lisboa*, é nome de *individuo*.

Nem sempre, porém, é facil traçarem-se os limites que separam um do outro.

Grammaticos ha, como *Condillac* e *Beauzée*, que affirmam que os nomes de materias inorganicas como *ouro, prata, chumbo, cobre*, são substantivos proprios (*Princ. de Gr. Générale*, por P. Burggraff, p. 212). A mesma difficuldade de discriminação encontram outros em nomes *abstractos*, como *prudencia, sabedoria, amor*, etc., em nomes de *systemas religiosos* e *philosophicos*, como *christianismo, maçonaria, positivismo*, em nome de *povos* e *linguas*, como *romanos, persas, aryas, latim, portuguez, francez*, etc., que egualmente consideram como proprios e, por isso, apparecem frequentemente escriptos com letra maiuscula no meio da phrase.

A duvida na classificação de taes substantivos nasce com certeza da difficuldade de se discriminarem os individuos ou aspectos individuaes de taes classes. Ha ahi uma como coincidencia do individuo com a classe; em um aspecto geral, a classe se apresenta ao espirito como constituindo uma só individualidade ampla. Desta fusão do conceito de individuo com o conceito de classe, origina-se a confusão do nome substantivo *proprio*, isto é, nome de indi-

viduo, com o *appellativo*, isto é, nome de classe. Predomina, porém, em taes nomes o aspecto geral de classe, não somente porque podemos conceber em taes nomes *aspectos individuaes*, já no tempo, já no espaço, como tambem o seu designio é assignalar uma classe ou ordem, dar expressão a uma idéa geral. São, pois, todos esses nomes appellativos ou communs.

O substantivo proprio não é hoje mais que um expediente arbitrario da linguagem para a discriminação dos individuos de uma classe, é um mero artificio, sem valor grammatical em si mesmo; o que a analyse grammatical lhe dá, recebe-o de emprestimo do appellativo, que elle individualiza.

191. O movimento analytico da linguagem, que outra coisa não é senão o desenvolvimento do espirito humano, nos habilita a fazer hoje nitida distincção entre trez elementos simultaneos, que se apresentam á analyse no proferir de uma palavra, são elles — a *palavra*, a *idéa* e o *objecto*.

192. A PALAVRA é o signal da *idéa*; a IDÉA é o typo ou a copia do *objecto;* o OBJECTO é o ser *concreto* ou *abstracto* figurado na idéa e designado pela palavra. Primitivamente, porém, estes trez elementos se fundiam no *objecto*.

Nesta synthese primitiva, o substantivo proprio como que se encarnava no seu objecto, no ser nomeado, e operava-se, no uso da linguagem, uma identificação mental entre a palavra e o seu objecto: o nome era a pessoa.

Na Biblia, precioso repositorio do genio da antiga linguagem, escripta entre 1400 annos antes de Christo e 100 da E. C., temos frisantes exemplos deste phenomeno.

Ahi os nomes proprios da Divindade são revelações de sua pessoa, e caracterizam periodos na manifestação progressiva de seus attributos.

No primeiro periodo seu nome proprio é *Elohim, o terrivel*, o Deus creador, que se revela nas forças tremendas da natureza. (Gen. I. 1).

No periodo abrahamico, o seu nome proprio é *El Schaddai*, o Deus poderoso, o Deus da Providencia, que realiza,

através do jogo livre dos acontecimentos humanos, os seus designios (Gen. XVII, 11).

No periodo mosaico, o nome proprio assignalado na sarça ardente é *Jehovah*, o *eterno*, o *sum qui sum* da Vulgata, o Deus do Pacto (Exod. III, 14).

Na dispensação christã, ultimo periodo, o seu nome proprio é o *Pae* (*Pae nosso*), o Deus de misericordia e de amor.

Na primeira petição da oração dominical: "Pae nosso... sanctificado seja o teu *Nome*", o nome é a pessoa da Divindade.

Quando, perante Moysés, é apregoado "o nome do Senhor", são descriptos os attributos de sua pessoa (Exod. XXXIV. 5—7). O mesmo acontece quando o Propheta annuncia o "nome" do *Messias* (Is. IX. 6).

193. De accordo com esta corrente synthetica, que caracteriza a linguagem antiga, os nomes proprios primitivos eram oriundos de substantivos communs ou appellativos, que traziam o manifesto intuito de assignalar algum elemento caracteristico do ser nomeado.

Adão, *o homem*, é o nome proprio do cabeça da humanidade, e Eva, *a vida*, o nome apropriado da mãe primeira de nossa raça. Abel, *vaidade*, é o segundo filho do primeiro casal, cujo cadaver revela, pela primeira vez, a contingencia ou nada da vida na terra do exilio. Abrahão, *pae de uma grande multidão*, e sua mulher Sarah, *princeza*, caracterizam o tronco da raça judaica, depositario das promessas de Jehovah, e cuja descendencia seria como as estrellas do céo e a areia do mar. Isaac, o *riso*, Jacob, *supplantador*, Esaú, *pelludo*, Moysés, *salvo das aguas*, João *dom de Deus*, Emmanuel, *Deus comnosco*, Josué e Jesus, *Salvador*, Gabriel, *varão de Deus*, Miguel, *semelhante a Deus*, Bethel, *casa de Deus*, Bethlehem, *casa de pão*, Gólgotha, *caveira*, Jerusalem, *habitação da paz*, são, como se vê pelo sentido, nomes communs, que passam para a categoria de nomes proprios. E o mesmo phenomeno se observa em todas as linguas primitivas.

Traz o mesmo cunho o lexico indigena de nomes proprios incorporados largamente no portuguez do Brasil, como, p. ex.:

Curityba, *pinhal;* Pará, *rio volumoso;* Paranã, *rio immenso, mar;* Paranaguá, *golfo;* Paranapanema, *rio grande imprestavel;* Paraty, *peixe branco;* Paraguaçu, *mar ou rio grande;* Paracatu, *rio bom;* Pirapóra, *peixe salta;* Pirassununga, *ronca-peixe;* Piratininga, *secca-peixe;* Pindamonhangaba, *fabrica de anzoes;* Sergipe, *rio de siris;* Sorocaba, *rasgão;* Tupã, *pae alto;* Ypiranga, *rio vermelho;* Yporanga, *rio bonito;* Ytu, *quéda d'agua;* Caramuru, *homem branco molhado;* Itapeteninga, *lage secca;* Itatiaia, *pedra dentada;* Goyaz (Guayaz), *povo da mesma raça.*

194. FUNCÇÃO SYNTACTICA. A funcção taxeonomica ou lexica habilita o substantivo a exercer na phrase certas funcções syntacticas ou logicas, de que tractaremos na Syntaxe. Estas funcções consistem no papel que, nas relações dos termos da proposição, póde representar o substantivo. São ellas, como veremos, a de *sujeito* e *objecto, predicado* e *complemento.*

Adjectivo

195. FUNCÇÃO TAXEONOMICA. A funcção taxeonomica ou lexica do adjectivo, como de qualquer outra parte da oração, é determinada pela sua propria definição, que lhe dá um logar entre as categorias grammaticaes. E desde que elle se define como a palavra destinada a modificar o substantivo, ampliando e restringindo a sua comprehensão e extensão, segue-se que a sua funcção lexica é indicar as qualidades e as circumstancias, isto é, as determinações intrinsecas e extrinsecas do substantivo. Já o proprio nome (*ad + jectivo = o que se lança*) lhe assignala o destino de representar as qualidades inherentes ou accidentaes á *comprehensão* do substantivo, bem como as circumstancias externas, que se relacionam com sua *extensão.*

196. CLASSIFICAÇÃO DO ADJECTIVO. Em virtude dessa dupla indole do adjectivo, é elle distribuido em duas grandes classes: o *qualificativo* e o *determinativo* ou *limitativo.*

197. O QUALIFICATIVO tem uma referencia especial á *comprehensão* do substantivo. Quando dizemos *homem bom,* o

adjectivo *bom* accrescenta mais um caracter ou nota ao conjuncto dos caractéres ou notas, que constitue a *comprehensão* de *homem*. E assim cada novo qualificativo augmenta a *comprehensão*, e diminue a *extensão*. Póde acontecer, porém, que o qualificativo accrescentado não accrescente idéa ou caracter novo, mas apenas explane ou dê emphase a um caracter inherente á comprehensão, tal como — *homem mortal, branca neve*. Neste caso o adjectivo é mero *explicativo*, e não altera em nada a comprehensão e extensão do substantivo; em quanto no primeiro caso elle se diz *restrictivo*, porque de facto restringe a sua extensão.

198. O DETERMINATIVO OU LIMITATIVO relaciona-se directamente com a *extensão* do substantivo, indicando alguma circumstancia externa, que determina ou limita os individuos da classe expressa pelo appellativo, v. gr. *este homem, alguns homens, dois paizes, meu livro, etc.*

199. O PARTICIPIO, tanto o participio *passado* ou *passivo* (*fervido*), como o chamado *participio presente* ou *activo* (*fervendo*), é geralmente classificados entre os adjectivos. Porém tem elle, de ordinario, um caracter *mixto*, dahi a sua designação de participio, por participar da natureza do verbo e do adjectivo. Na syntaxe estudaremos a sua natureza; aqui diremos apenas que casos ha em que domina exclusivamente o seu caracter de adjectivo, p. ex., quando dizemos — *trem expresso, casa deshabitada, mente entenebrecida, noite escura*, etc.; e outros ha em que só se apprehende o caracter verbal, como em — *tenho escripto cartas, elles teem habitado estas casas*. Na conjugação passiva apparece franco o seu caracter de participio, isto é, de verbo e adjectivo: *as cartas são escriptas pelos secretarios*.

200. AFFINIDADES ENTRE O ADJECTIVO E O SUBSTANTIVO. Entre os grammaticos romanos, como já vimos, o adjectivo não formava classe distincta da do substantivo; porém ambos eram reunidos em uma só, sob a designação de *nome* (*nomen substantivum et adjectivum*).

Não ha, de facto, distincção absoluta, como observa Darmesteter, entre um e outro, visto que um representa o *ser*,

a *substancia*, o *substratum*, e o outro as *qualidades* ou *propriedades* em que o *ser* se revela a nossos sentidos. Ora, as qualidades são as apparencias dos seres, e só por ellas são estes conhecidos, uma vez que nos fallecem faculdades para apprehendermos directamente a substancia das cousas. O substantivo, pois, em rigor, é para nosso espirito uma como synthese adjectiva ou adjectivo collectivo, um conjuncto de qualidades apprehendidas pelos nossos sentidos, através das quaes tão somente, por uma inducção racional, attingimos a substancia, que o substantivo tem por funcção nomear. Devido a esta intima relação entre a representação do ser e de suas apparencias, houve natural confusão entre essas duas especies de palavras. Com o progresso, porém, das theorias grammaticaes, embora as duas especies guardem a designação generica de *nome*, comtudo as suas funcções são clara e justamente discriminadas hoje em duas *categorias* distinctas. Podemos talvez estabelecer o caracter differencial entre uma e outra categoria, dizendo que o adjectivo indica uma qualidade simples da substancia, e o substantivo uma qualidade complexa na substancia. Quando dizemos *corporal, nacional, mortal*, exprimimos trez qualidades de seres ou substancias particulares: são trez adjectivos. Quando, porém, dizemos *homem*, exprimimos essas trez qualidades em um ser ou substancia determinada, um *ser corporal, racional* e *mortal*: *homem* é um substantivo.

200. Factos grammaticaes decorrentes das affinidades entre as duas categorias. Destas affinidades entre o adjectivo e substantivo decorrem os seguintes factos grammaticaes:

1.° Muitas palavras catalogadas entre os substantivos apresentam, na realidade, um caracter *mixto*, e sua funcção na phrase como substantivo ou adjectivo, é determinada pela sua posição, taes são os substantivos chamados *moraes*, como — *amador, director, guerreiro, costureira, poeta, philosopho, egoista, militarista, moço, etc.* Se pospostas, são, em geral, *adjectivos;* se antepostas, *substantivos*: *homens*

amadores da arte e os *amadores ardentes da arte, forças directoras* e *directores intelligentes, guerreiro moço* e *moço guerreiro, costureira moça* e *moça costureira, rei soldado* e *soldado rei.* Este phenomeno se dá tambem com outras classes de substantivos, se bem que menos frequentemente: *menino prodigio, chapéo monstro, arvore gigante — Verde ramo de uma arvore gigante* (G. D., Poes, 1. 117).

2.º Grande numero de substantivos tem sua origem em adjectivos, como: *capital, jornal, decretal, pastoral, negociante, estudante, os negros.* Além destes, qualquer adjectivo qualificativo passa facilmente para a categoria de substantivo, na ausencia deste, e, de ordinario, sob a acção de um determinativo: *dar a vista a cegos, curar doentes, resuscitar mortos, dar em secco, o pobre, o rico,* etc. — O v. port. empregava *cão* m., *cã f.* (branco e branca) como adj.: *Vinham muitos velhos cãos fazendo grande chanto* (pranto) *por don Tello e fazendo dizer missa* (Chrs. Arch. 108). Do adj. fem. arch. temos o subst. fem. plur. — *cãs*: *as cãs* ou *cans* da velhice.

3.º Muitos substantivos eram usados como adjectivos no v. port., alguns dos quaes apparecem como taes no dialecto literario. Exs.:

Era o descobrimento do Oriente por este mar *oceano* (Dec. 1. 268). — Navegamos com tempos *bonanças* (Peregr. 1. 120) —O vento era galerno e o mar *bonança.* (A V. S. 2. 33). — Acabada esta batalha os cavalleiros *mancebos* se despediram (Palm. I, 185). —Cavalgava eu hũ cavallo ruço *pombo,* manchado de sangue (Ib. 139).

202. *Funcção syntactica.* Dada a sua destinação de exprimir a qualidade physica ou circumstancial do substantivo, outra não póde ser a sua funcção syntactica senão a de *adjuncto attributivo* e *predicativo* do substantivo, que modifica, como na Syntaxe veremos.

Pronome

203. Funcção do pronome substantivo. O *pronome* (pessoal), como o substantivo, indica os seres; porém o substantivo os indica *objectivamente,* e o *pronome, subjetivamente* e em relação ao acto da palavra ou á pessoa

grammatical. O pronome pessoal, pois, é substantivo subjectivo. A sua funcção principal não é, como querem as velhas grammaticas, substituir um nome para lhe evitar a repetição. E' esta uma funcção secundaria, como observa Mason; a sua funcção caracteristica é indicar uma coisa em relação á pessoa grammatical.

204. FUNCÇÃO DO PRONOME ADJECTIVO. Os pronomes adjectivos reunem em uma só expressão duas idéas — a do *ser* e sua determinação, quer isto dizer que elle exprime syntheticamente a idéa do substantivo e a do adjectivo, p. ex.: *Ninguem = nenhuma pessoa; isto = esta coisa; quem = homem que* ou *que homem*, etc.

205. FUNCÇÃO SYNTACTICA. Sendo o pronome um substantivo especial, é de ver que elle exerce na phrase as mesmas funcções syntacticas ou logicas que essa categoria, isto é, as de *sujeito, predicado* e *complemento*, como em seu logar veremos.

Verbo

206. FUNCÇÃO TAXEONOMICA. O verbo tem por funcção, no dominio da taxeonomia, expressar, em geral, a *acção*, a actividade dos seres. Esta acção verbal, attribuida na phrase a um agente, que é seu sujeito, caracteriza-se de dois modos — pela *consciencia* ou pela *inconsciencia* do agente. Quando a acção verbal é clara e, por isso, conscientemente exercida pelo sujeito, o verbo se diz *activo, — eu corro, tu escreves cartas, elle ama o estudo.* Quando, porém, a acção é obscura e como que latente no sujeito, que a exerce espontanea e inconscientemente, o verbo se diz *neutro — eu vivo, tu ficas, elle morre.*

Como entre o pronome e o substantivo, assim entre o verbo e o adjectivo existe analogia de funcções. Semelhantemente ao adj., tem o verbo por funcção modificar os seres, expressar idéas de acção e attributo do substantivo ou pronome, mas com a seguinte differença: o verbo *affirma* ou *declara* formalmente a connexão entre o ser e sua acção ou attributo, v. gr.: *o homem ama a patria;* ao passo que o adjectivo *assume* apenas essa connexão, v. gr., *o homem*

amante de sua patria. Tomando-se da mechanica uma metaphora, póde-se dizer que o verbo é um *attributivo dynamico* e o adjectivo um *attributivo estatico* (Mason). A justeza desta comparação do illustre grammatico inglez vê-se nos seguintes exemplos — *o sol brilha* e *o sol brilhante.*

207. FUNCÇÃO SYNTACTICA. Desta analogia de funcções entre o verbo e o adjectivo, decorre a sua funcção syntactica de *predicado,* que é, como acima se demonstrou, um *attributo dynamico.*

Adverbio

208. FUNCÇÃO TAXEONOMICA. O adverbio é, como o adjectivo e o verbo, palavra modificadora; distingue-se, porém, dessas duas categorias em modificar não os seres, mas suas qualidades e acções, e, ainda, as circumstancias modificadora dessa qualidade e acção; em outros termos, a funcção de adverbio é modificar o adjectivo, o verbo e o proprio adverbio.

O nome adverbio (*lat. ad+verbum*) que veio da circumstancia de vir mais commummente na phrase juncto ao verbo, para lhe determinar a significação.

Em vista da intima relação entre o ser e as suas qualidades, assume por vezes o adverbio juncto aos substantivos, na falta eventual de um adjectivo, a funcção deste, p. ex.:

A SUA RESIDENCIA LÁ *é sabida.* — *A* NÃO EXISTENCIA *da alma não se póde provar.* — SOMENTE O MESTRE *resolve a difficuldade.* — *Desceu* RIO ABAIXO *e chegou* DIAS DEPOIS. — *Fallamos do* HOMEM D'ALÉM ERAS (*A. C., Os Fast* 1, *308*).

209. FUNCÇÃO SYNTACTICA. A funcção lexica determina-lhe claramente a funcção logica ou syntactica de *adjuncto adverbial* ou *complemento circumstancial.*

Preposição

210. FUNCÇÃO TAXEONOMICA. A preposição (lat. *pre* + *positionem*) assim se chama por vir sempre na phrase preposta a um termo por ella regido, chamado por isso *consequente,* que liga a um outro que vem antes, denominado *antecedente,* p. ex.: *mesa de marmore, vir para a cidade, contractar com alguem.*

As preposições são adverbios, que, pouco a pouco, com o enfraquecimento de seu valor adverbial, foram adquirindo feição connectiva, até se destacarem francamente como particulas de ligação, exigindo sempre o seu consequente para lhe completar o sentido. Embora, pois, sejam ainda sensiveis as circumstancias adverbiaes de *logar, tempo, companhia,* etc., que exprimem, todavia, differençam-se do *adverbio* em serem connectivas.

211. FUNCÇÃO SYNTACTICA. Attenuado ou obliterado o seu conteudo adverbial, a preposição assumiu o caracter abstracto de particula relacional, e, neste caso, a sua funcção taxeonomica ou lexica identifica-se com a sua funcção syntactica ou logica.

Conjuncção

212. FUNCÇÃO TAXEONOMICA. A *conjuncção* (lat. *conjunctionem = com + juncção*) é, como a preposição, uma particula connectiva, o que o proprio nome dá a entender. Como a preposição ainda, tem ella um conteudo, adverbial, que nos faz sentir ter sido um adverbio primitivamente, que se foi esvasiando em sua marcha paulatina para o seu caracter abstracto de ligação. E assim, embora seja ainda perceptivel, em muitas, o conteudo adverbial de *tempo* (*quando, emquanto*), de *modo* (*como*), de *fim* (*que, para que*) etc., dá-lhe categoria á parte o caracter connectivo.

Possuindo, porém, este caracter em commum com a preposição, della se differença em ser connectivo de proposições, emquanto aquella o é de palavras, de modo que a conjuncção é connectiva *interproposicional,* e a preposição *intervocabular.*

213. FUNCÇÃO SYNTACTICA. Abstracção feita do conteudo adverbial, mui sensivel, aliaz, em algumas conjuncções, podemos encará-las, em geral, como particulas de relação, e, como taes a sua funcção lexica confunde-se com a syntactica ou logica.

Interjeição

214. A INTERJEIÇÃO, que é uma exclamação espontanea e subita, apresenta um caracter anormal entre as categorias

grammaticaes. Ella não se caracteriza, como as outras, por uma funcção determinada, quer no dominio da Lexeologia, quer no dominio da Syntaxe. O seu papel é traduzir um estado complexo e tumultuario do espirito, sem se relacionar grammaticalmente com o resto da proposição.

Desta sua attitude na phrase lhe veio o nome de *interjeição* (de *interjicere* = *lançar entre*).

Incorporada com as categorias grammaticaes pelos grammaticos romanos. dahi a querem excluir muitos grammaticos modernos, classificando-a de mero grito animal.

Entretanto, não somente a tradição lhe tem dado um logar na grammatica, mas ainda lhe dá certo direito o ser ella um grito de animal racional, que, com ser espontaneo, não deixa de ser portador de idéa. Ella não expressa, de facto, como as outras categorias, uma noção concreta ou abstracta, mas encerra uma noção collectiva ou synthetica, que photographa, em momento dado, um estado psychologico intelligivel. Tem ella, pois, uma missão grammatical, como parte integrante da linguagem humana.

Analogia de funcções

215. Attendendo-se á *analogia* de suas funcções, as palavras, que constituem as categorias grammaticaes, podem ser agrupadas em trez classes, excluida a *interjeição*, pelo seu caracter anormal, a saber:

1.ª NOMINATIVA, a que tem por funcção nomear seres: *substantivo* e *pronome*.

2.ª MODIFICATIVA, a que tem por funcção modificar os seres, suas acções e qualidades: *adjectivo, verbo* e *adverbio*.

3.ª CONNECTIVA OU RELACIONAL, a que tem por funcção ligar ou relacionar os termos na phrase: *preposição, conjuncção, verbo de ligação, pronome* e *adverbio conjunctivos*.

Palavras objectivas e subjectivas

216. A dois grandes grupos reduz ainda Bourciez as palavras de nosso lexico, a saber:

1.º PALAVRAS OBJECTIVAS, as que correspondem a uma idéa de representação bem definida, e teem um conteudo positivo, taes são os *substantivos*, os *adjectivos* e os *verbos*.

2.º PALAVRAS SUBJECTIVAS, as que correspondem a uma idéa vaga e variavel, como o *pronome*, que designa por substituição seres "infinitamente variaveis, as *preposições* e as *conjuncções*, que indicam idéas de relação, trazem mera visão do espirito".

O adverbio, accrescenta o douto romanista, fórma uma categoria mixta, pois se uma palavra como *vehementemente* (*vehementer*) pela idéa de qualificação, que contem, muito se avizinha do *adjectivo*, por outro lado, uma palavra como *ahi* (*ibi*), que designa um logar variavel, approxima-se por isso da categoria dos pronomes.

As palavras *objectivas* são pelo mesmo auctor chamadas *lexicographicas*, por que constituem a quasi totalidade de nosso lexico; e as *subjectivas*, que são poucas e de que as grammaticas nos dão a lista, denomina-as *grammaticaes*.

As categorias grammaticaes quanto á sua evolução

217. Já estudámos a classificação historica das categorias grammaticaes, desde os grammaticos gregos até nossos dias. Cumpre-nos, agora, lançar um olhar sobre a propria genese evolutiva dessas categorias, isto é, sobre como os conceitos geraes por ellas expressos se foram formando e fixando na evolução secular da linguagem.

Sobre o desenvolvimento genetico das categorias grammaticaes alguma coisa se poderá affirmar e outras conjecturar.

Para os que, como Whitney, vão buscar a origem da linguagem no primeiro grito de dor ou de raiva, que echoou no primitivo agrupamento de seres humanos, a *interjeição* (se a considerarmos palavra) deve ser a mais antiga das categorias grammaticaes.

Pondo de lado esta hypothese por inverificavel, e admittida a formação evolutiva da linguagem, é natural suppor

que o *substantivo*, como noção dos seres, apparecesse primeiro na lingua com o caracter de *adjectivo-substantivo*.

De facto, não podendo as nossas faculdades intellectivas apprehender a substancia ou *substratum* dos seres, mas somente as suas qualidades, que nos são dadas pela percepção externa localizada nos cinco sentidos corporaes, segue-se que só por meio dessas qualidades temos o conhecimento desses objectos ou seres. A percepção interna e a reflexão tão pouco nos fornecem o conhecimento directo da substancia. Ainda hoje os seres não são para nós mais do que a synthese das qualidades, que ferem os nossos sentidos ou o nosso senso intimo, e, consequentemente, o *substantivo* que nomeia os seres, é, em ultima analyse, a synthese dos adjectivos, que o constituem.

A distancia, diz Darmesteter, entre o substantivo e o adjectivo não é absoluta. Os substantivos, de que conhecemos a significação etymologica, reduzem-se, em ultima analyse, a adjectivos, pois não se póde nomear uma coisa senão por suas qualidades; assim *um negro*, isto é, *um homem negro* (*africano*), *uma capital*, isto é, *uma cidade capital*. Inversamente, o substantivo torna-se adjectivo, quando, fazendo-se abstracção do resto, delles nos servimos para designar uma só qualidade: *escarlate*, isto é, uma *fita escarlate*.

Convem, pois, conclue o distincto romanista, distinguir uma primeira parte do discurso — o *nome*, que se subdivide em *substantivo* e *adjectivo*. Esse caracter commum entre essas duas categorias grammaticaes expressavam-no os grammaticos romanos chamando-lhe *nomen substantivum* e *nomen adjectivum*. Devem, portanto, ter sido gemeas estas duas categorias em sua genese historica.

Conjectura M. Bréal que o *pronome* foi a peça do mechanismo grammatical que primeiro surgiu. Julga ser essa categoria mais primitiva que o proprio substantivo, "porque ella exige menos invenção, porque é mais instinctiva, mais facilmente commentada pelo gesto". O pronome, segundo o mesmo illustre professor do Collegio de França, acha-se na base e origem das linguas, e é por ter elle vindo oppor-se ás outras especies de palavras, que começou a operar-se a dis-

tincção das categorias grammaticaes (*Samantica*, 207, 208). Opinião é esta valiosa, por certo, porém discutivel.

O *verbo* é a palavra que exprime a acção, o movimento, a vida dos seres. Com toda a probabilidade, teve essa categoria grammatical sua origem historica logo após a intuição dos objectos, na observação do facto de se moverem elles no espaço e no tempo, nos phenomenos que férem nossos sentidos, apparecendo e desapparecendo em aspecto infinitamente variado. Estes *modos* de actividade, attribuidos aos seres, que se tornam seus *sujeitos*, "são por nós concebidos tanto em relação a nós mesmos, como em relação aos outros, sendo observada sua realização no tempo. Para assignalarem estas distincções nossos verbos possuem certas flexões particulares de *modo*, de *tempo* e de *pessoa*".

Estas flexões verbaes não se formaram de um jacto, mas pouco a pouco, no desenvolvimento progressivo da linguagem. A ultima a formar-se foi, segundo Bréal, a do infinitivo presente.

As mais antigas categorias grammaticaes são, pois, o *nome* (subst. e adject.) o *pronome* e o *verbo*. O *adverbio*, a *preposição* e a *conjuncção* são de data relativamente moderna. Entre estas categorias, como ainda declara Darmesteter, não existe distincção absoluta.

218. O ADVERBIO é, no dizer de Bréal, um antigo adjectivo ou substantivo sahido do quadro regular da declinação. O adverbio — *primum, ceterum, potius*, são antigos accusativos, e *crebro, subito, vulgo*, são antigos ablativos. A este caso tambem se reduzem os adverbios em **e**, taes como — *pulchre, recte, firme*. Desde o port. arch. tem-se generalizado este processo latino de se converter o adjectivo ou substantivo em adverbio, sem modificação em sua morphologia:

O remo compassado fere frio (C.). — *Certas, vos lhe dades a cabeça* (Chrest. Arch. 72) — *Seguiu via Lisboa — O louvor ergueria sua voz pondo ouro fio a balança dos bens duradouros e erros transitorios* (C. C. B., Lit. Port. 1.20).

Muitos adverbios teem sua origem relativamente recente na agglutinação de termos de um grupo de expressão —

hoje ⟵ *hoc die* (neste dia), *agora* ⟵ *hac hora* (nesta hora), *quiça* ⟵ *quis sapit* (atrav. h. *quiçá*), *jamais* ⟵ *jam magis* (já mais). Ao mesmo processo veem filiar-se os adverbios de *modo* em — *mente*, formados no dominio do romance pela juxtaposição do adjectivo ao substantivo feminino *mente* = *maneira, modo*: *sabiamente, francamente*. (cf. *de boa mente, fera mente* — arch.)

219. A PREPOSIÇÃO não passa originariamente de adverbio, que, para maior clareza, se foi antepondo a certos casos latinos, como ao accusativo — *ad, in, per*, e ao ablativo — *ab, de, in, cum, sine*. Este habito se alargou na b. latinidade, e se tornou uma necessidade com a perda das desinencias casuaes. Com tal uso esses adverbios primitivos foram a pouco e pouco attenuando o seu sentido independente, indicativo de varias circumstancias, e foi assumindo a funcção quasi exclusiva de particula prepositiva relacional.

Tornando-se um termo abstracto, um mero connectivo intervocabular, assumiu o caracter de uma nova categoria com funcção especial.

220. A CONJUNCÇÃO, como a preposição, é uma transmutação do adverbio em particula connectiva. O habito fez de certos adverbios connectivos interproposicionaes, p. ex.: *como* ⟵ *quomodo* (quo modo), *que* pronome deu-nos *que* conjuncção, *porém* ⟵ *por en* (pro inde); *logo, ora, mal, apenas, embora, tambem, consequentemente*, são adverbios, que assumem a cada passo na phrase funcção conjunctiva.

As categorias grammaticaes quanto á flexão

221. Sob o aspecto da flexão, as categorias grammaticaes separam-se em dois grupos:

a) As *flexivas* ou *variaveis*: substantivo, adjectivo, pronome e verbo.

b) As *inflexivas* ou *invariaveis*: adverbio, preposição, conjuncção e interjeição.

O *adverbio*, apesar de incluido geralmente no grupo das inflexivas, apresenta, comtudo, um caracter mixto, pois algumas de suas classes são susceptiveis de grau de significação, como adeante veremos. — As proprias particulas adverbiaes, que denominamos *preposições*, recebiam originariamente flexões gradativas, como ainda attestam as palavras — intimo, superl. de *in; prior*, compar. de *pro* (antes), e *primo*, superlativo.

A este capitulo da Morphologia denomina-se *flexionismo*, termo de origem latina; preferem outros dar-lhe nomes gregos, taes como — *campenomia, camptologia.*

CAPITULO IV

FLEXIONISMO

222. Flexionismo (lat. *flectere* = *dobrar*) é o *estudo das flexões* das palavras, phenomeno glottico, que caracteriza as linguas aryanas e semiticas, por isso chamadas *flexivas* ou *de flexão.*

Flexão ou *inflexão* é a variação ou mudança de desinencia, que soffrem o substantivo, o adjectivo, o pronome, o verbo, e, em grau restricto, o proprio adverbio, para indicarem os accidentes de — *numero, genero, grau, caso, modo, tempo* e *pessoa.*

O caracter flexivo das linguas aryanas e semiticas abrange tambem as *flexões internas*, chamadas *deflexões* ou *apophonias*, que consiste na mudança da vogal da raiz sob a influencia de prefixos, p. ex.:

Amicum = *amigo, inimicum* = *inimigo* (*in* + *amicum*), *facere* = *fazer, perficere* = *perfazer* (*per* + *facere*). *aptum* = *apto, ineptum* = *inepto* (*in* + *aptum*).

O port. foi refractario a estas apophonias determinadas pelo prefixo, e reagiu contra algumas dellas, p. ex.: *Perfazer* (cf. *perficere*), *inapto* ao lado de *inepto, refazer* (cf. *reficere*).

Declinação latina

223. Possuia o latim para os nomes e pronomes um systema de flexões chamadas *casos*, que tinham por intuito indicar as funcções syntacticas dessas palavras ou as suas relações na phrase. O conjuncto desses casos no singular e no plural constitue o que se chama a *declinação* latina. Havia *cinco* declinações, e cada uma tinha *seis casos*, a saber: *nominativo, genitivo, dativo, accusativo, vocativo, ablativo.* E ha ainda vestigios de ter havido, anterior ao periodo classico, mais dois casos, o *locativo* e o *instrumental.*

Cada um desses casos se caracterizava, no singular e no plural, em cada declinação, por flexões ou desinencias especiaes. Esta riqueza flexional dos nomes obliterou-se nas linguas romanicas, deixando-nos apenas vestigios. Sendo o *accusativo* o *caso etymologico,* como o demonstra Diez, delle procedem as palavras de nosso lexico, oriundas do latim. Não obstante isso, encontramos dos outros casos vestigios, não fallando do caso obliquo do pronome pessoal, que estudaremos na Syntaxe. Assim temos, oriundos do —

a) NOMINATIVO : Cicero, Luiz (Ludovicus), Carlos, Plato (cf. Platão), Thomaz, Moysés, Jupiter, Juno, Apollo, Pallas — serpe, drago (cf. dragão), cabo, cancer (cf. cancro), ladro (cf. ladrão), jus, cór (de cór), sangue, tredo, virgo (cf. virgem), leo (cf. leão) — andar com a cabeça ao leo (=descoberta), elle, este, esse, aquelle.

b) GENITIVO : aqueducto (aquae ductus), terremoto (terraemotus), cabisbaixo (capitis bassus), cabiscol (caput scholae), condestavel (comes stabuli), jurisconsulto (jurisconsultus), jurisdicção, jurisprudencia, legislação (legis lationem), mappamundi, filho-familias, mordomo (major domus), petroleo (petroe oleum), pimpolho (pampani oculus), senatusconsulto, ourives (aurifex), ouropel (auri pellum b. lat.), triumviro, duumviro.

c) DATIVO : crucifixo (cruci fixum), fideicomisso, fideicommissario.

d) VOCATIVO : avemaria (Ave, Maria).

e) ABLATIVO : bofé (arch. bofá, bofás — bona fide), hoje (hoc die), agora (hac horâ), como (arch. coma — quomodo), doravante (de+ora+in+ab+ante), boa mente (de boa mente — bona mente — bona mente factum, Quint. V. 10, 52), amanuense, usufructo, e os advs. — *raro manifesto, subito,* etc.

Flexão do substantivo

224. Os substantivos em portuguez, como em latim, flexionam-se em *genero* e *grau.*

225. GENERO. Ha em latim trez generos grammaticaes — *masculino, feminino* e *neutro.*

O *neutro* (lat. *neutrum* = *nem um, nem outro*) é o genero ou classe de nomes que não são incluidos nem na classe dos masculinos nem na classe dos femininos. O neutro foi rejeitado pelo portuguez e por suas co-irmãs.

De ordinario os substantivos conservam em portuguez o *genero etymologico,* isto é, o genero que a palavra tinha em latim. Porém, como observa Chassang, já havia no seio do proprio latim classico grande oscillação generica, oscillação aggravada pela confusão, que sobre o ponto lavrava no latim popular. Não podia, pois, o portuguez escapar, como veremos na Syntaxe, á incerteza ou variação generica em sua evolução. No v. port., eram masculinos e hoje femininos — *coragem, homenagem, linhagem, bagagem, origem, pyramide, safira, epigraphe, anecdota, tribu.* E *vice-versa,* eram femininos e são hoje masculinos — *fim, planeta, cometa, mappa, epiphonema, enthimema, echo, estratagema, synodo, grude, chisma.*

S'eu zombo. inda em dano vejais vos mui cedo a fim (C., Obrs I, 67, 68)... sua scisma babylonica (J. de B., Dec. Prol.).

226. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O GENERO LATINO. Sobre o genero grammatical dos substantivos vêm a ponto as seguintes considerações:

1. A desinencia **o** dos nomes tornou-se em portuguez a caracteristica ou o expoente do genero masculino, por uma extensão analoga com os nomes da 2.ª declinação latina, que eram em geral masculinos e vieram a terminar em **os**: *servum* ⟶ *servo, librum* ⟶ *livro.*

2. Por motivo semelhante, a desinencia **a** caracteristica da 1.ª declinação, cujos nomes eram, em geral, femininos, tornou-se o expoente do genero feminino: *horam* ⟶ *hora, mensam* ⟶ *mesa.*

3. Generalizadas estas duas desinencias — *o* e *a,* como expoentes respectivamente do masculino e do feminino, a ellas se assimilaram, por analogia, os nomes neutros latinos.

Assim os neutros da 2.ª e 3.ª declinação latina, que vieram a terminar em **o** incorporaram-se com os mascculinos, como — *periculum* ⟶ *perigo, templum* ⟶ *templo, regnum* ⟶ *reino, corpus* ⟶ *corpo.* Alguns neutros no plural, terminados em **a** confundidos com o singular dos nomes femininos da 1.ª declinação, passaram a ser considerados singular femininos: *folha* ⟶ *folia* (pl. de *folium*); *obra* ⟶ *opera* (plural de *opus*), *vestimenta* ⟶ *vestimenta* (pl. de *vestimentum*); *maravilha* ⟶ *mirabilia* (pl. de *mirabilium*). De sorte que nomes neutros latinos do plural, deram, por uma *falsa analogia,* nomes femininos do singular.

4. Além dos neutros, outros substantivos mudaram de genero ao passarem para o portuguez, taes como — *florem* ⟶ *flor, dolorem* ⟶ *dor, colorem* ⟶ *cor,* que, sendo masculinos em latim, se tornam *femininos* em portuguez.

5. Os nomes das letras do alphabeto eram femininos em latim, como o são ainda em hespanhol e italiano; são masculinos em portuguez: o *a,* o *be,* o *ce,* etc.

6. E nomes ha cujo genero é duplo ou duvidoso, como — *personagem, sentinella, trama, cholera* (*morbo*), *cascavel, larynge, phalange, genesis, phantasmas, phenix* (ap. Bluteau). Exs.:

Uma porta abre-se lentamente e um novo personagem apparece (A. H. L. e N. 17) — E' para elles uma especie de genesis historico (A. H. Hist de Port. 2) — Sim, com esta phantasma, ingenua, amavel, bella, é que eu fujo (A. C., Mis. 161) — Um só empacho havia quem esse cascavel iria atalhar-lhe? (F. Elys. Fab. 57).

7. Os nomes em — *or,* — *ol,* — *ez* eram no v. port. *uniformes* em genero: — *o pastor* e *a pastor,* o *senhor* e *a senhor, mulher peccador, minha ajudador, lingua hespanhol* e *portuguez.*

Senhor tremosa, eu vo'-lo direi (Crest. Arch. 303) — Ai mui tremosa mia Senhor (Ib. 304) — Amercea-te de mim que molher pecador sõo (Ib. 104)... duas cartas uma escrita em Arabigo e outra em lingua Portuguez (J. de Barros, Dec. I. 335) — Oy (ouvi) oj'eu hua pastor cantar; eu cavalgava por hua ribeira e pastor senlheira (S. de Almeida O. Vern.).

227. NUMERO. Ha em latim dois numeros — o *singular* e o *plural*.

Cedo perdeu o latim o *dual*, que subsiste em grego e hebraico, e que se extendeu largamente do dominio aryano. Parece ter sido o *dual*, no sentir de alguns glottologos, a concepção primitiva e rudimentar da pluralidade. Do *dual* só conservou o latim *ambo* e *duo*, que forneceram os unicos vestigios desse numero em portuguez — *ambos* e *dois*.

228. ORIGEM DO **S** COMO EXPOENTE DO PLURAL EM PORTUGUEZ. — O plural de um substantivo em latim era multiplo: cada *caso* tinha sua fórma especial de pluralidade. Obliterados os casos pelo ensurdecimento da syllaba final, sobreviveu, entretanto, o *accusativo*, como o *caso etymologico*, que nos deu o typo da fórma plural, a flexão do plural dos nomes. Esta flexão é o **s** da desinencia, que caracterizava os accusativos pluraes das cinco declinações latinas: 1.ª decl. — *horas;* 2.ª decl. — *servos;* 3.ª decl. — *consules;* 4.ª decl. — *manus;* 5.ª decl. — *dies*.

Deste facto historico veio-nos o **S** como *expoente* do plural em portuguez.

229. HISTORIA DO PLURAL EM PORTUGUEZ. Na evolução do accusativo plural dos nomes para o portuguez soffreram os vocabulos alterações morphologicas, que convem examinar.

1.º Os nomes que actualmente terminam em — *al*, — *ol*, — *ul*, faziam o plural no v. port. de accordo com a tradição latina, em — *ales*, — *oles*, *ules*: *capital* — *capitales*, *sol* — *soles*, *paul* — *paules*. Do sec. XVI em diante, pela quéda do *l* intervocalico, fixaram-se os pluraes — *capitaes*, *soes*, *paues*. O *l*, entretanto, resistiu nas seguintes palavras, que constituem actualmente excepções: *males*, *reales* (moeda hespanhola) *cales* (cano), *consules*.

2.º Os nomes terminados em — *el*, *il*, faziam semelhantemente o seu plural no v. port. de accordo com a tradição latina, em — *elles*, — *iles*: *papel* — *papeles*, *facil* — *faciles*, *fusil* — *fusiles*. Dada a quéda do *l* intervocalico do sec. XVI em deante, devia ter-se produzido o hiato pelo conta-

cto de duas vogaes semelhantes — *eles-ees* — ĩ *les-ies* — ĩ*les*-ĩ*es*. Nos dois primeiros casos a lingua destruiu o *hiato*, que lhe repugna, pela diphthongação euphonica (ees = eis ies=*eis*); no ultimo, pela *crase* (ĩ*es*=*is*), pois a preposi-tiva accentuada assimila e absorve a subjunctiva átona. Exs.:

Amabiles	⟶	amabies	⟶	amaveis
Revel(l)es	⟶	revees	⟶	reveis
Imbeci(l)es	⟶	imbecies	⟶	imbecis

3.º Os nomes que hoje terminam em *ão*, tinham no v. port. até o sec. XVI, trez terminações respectivamente correspondentes cada uma a seu typo morphologico latino, tanto no singular como no plural; desse seculo para cá uniformizaram-se por analogia sob a fórma *ão*, no sing.; porém conservaram-se differenciadas no plur., como se vê do seguinte quadro moldado sobre o que nos apresenta o eminente romanista Dr. J. Leite de Vasconcellos em suas *Lições de Philologia Portugueza*:

germanum	⟶	ermano	⟶	irmão
germanos	⟶	ermanos	⟶	irmãos
manum	⟶	mano	⟶	mão
manus	⟶	manos	⟶	mãos
panem	⟶	pane	⟶	pãe ⟶ pão
panes	⟶	pães		
rationem	⟶	razões	⟶	razom (razõ) ⟶ razão
rationes	⟶	razões		
multitudinem	⟶	multidõe	⟶	multidom (multidõ) ⟶ multidão
multitudines	⟶	multidões		

Algumas das fórmas intermediarias são *conjecturaes*. Houve nesta classe de nome, tanto no sing., como no plur., a quéda uniforme do *n* intervocalico com nasalização da vogal antecedente. Na orthographia archaica essa attenuação do *n* era indicada por uma fórma menor do *n*, superposto á vogal nasalada; do afastamento das extremidades deste *n*, convertido em signal diacritico, nasceu o til (~). Por influencia analogica, uniformizaram, no sing., sob o primeiro typo morphologico em *-ão*, por mais euphonico; porém, guardaram no plur. differenciadas as fórmas primi-

tivas. Ainda hoje no fallar do povo ouvimos *bão* por *bom*, *bões* por *bons*, *dão* por *dom*, *dões* por *dons*. — As fórmas archaicas em *-om* continuam a viver no gallego e no Minho, e na Beira evolucionou em *õu*, segundo nos informa o Dr. Leite de Vasconcellos.

4.° Os nomes que hoje terminam em — *em*, — *im*, — *om*, —*um*, tinham em latim o plur. em — *ines* (⟹ *enes*), —*ines* — *onos*, — *unos*, deu-se nelles syncope da vogal átona da syllaba final: — *enes* ⟹ *ens*, *ines* ⟹ *ins*, *onos* ⟹ *ons* Exs.:

Homem	⟹ homines	⟹ (homenes)	⟹	homens
Imagem	⟹ imagines	⟹ (imagenes)	⟹	imagens
Fim	⟹ fines		⟹	fins
Tom	⟹ tonos		⟹	tons
Som	⟹ sonos		⟹	sons
Jejum	⟹ jejunos		⟹	jejuns

5.° Os nomes terminados em *n* com valor literal (*abdomen*), e os em *r* e *z*, guardam a fórma latina do plur. em — *es*:

Abdomen	⟹	abdómenes
Lichen	⟹	líchenes
Dolmen	⟹	dólmenes
Certamen	⟹	certámenes
Espécimen	⟹	especímenes
Germen	⟹	gérmenes
Regular	⟹	regulares
Exemplar	⟹	exemplares
Raiz	⟹	raizes

Quando, na pronuncia o *en* = *em*, como *regimen*, *amen* (pop. *amém*), *joven* (melhor *jovem*), o plur. identifica-se com o paragrapho antecedente — *regimens*, *amens*, *jovens* G. Viana prescreve *regimens* ou *regimes*. E' corrente entre os escriptores brasileiros extender a pluralização analogica do paragrapho antecedente aos nomes desta classe, taes como — *especimens*, *certamens*, *germens*, *regimens*, com excepção de *canones*, *ademanes*. Esta pluralização brasileira obedece a uma corrente natural da evolução da lingua, que repelle o *n* final com valor proprio, de sorte que as palavras em que elle se conserva são *eruditas* (*lichen*, *canon*, *alumen*, *certamen*, *velamen*), e é natural que taes palavras se plura

lizem á hespanhola, como querem G. Viana, Cortezão e outros, em — *enes* (*lichenes, canones*). Porém, nas que vão cahindo no uso geral o *n* vae perdendo o seu valor literal, e, talvez, melhor se pluralizem, como entre nós, por uma contracção das fórmas archaicas — *regimens, germens, especimens, abdomens, amens* e *jovens*, que já se vae graphando no sing. *jovem*. Gil Vicente pluraliza — *jovenes*:

Se os jovenes amores,
Os mais tem fins desastrados
Que farão as cans lançadas
No couto dos amadores.

Obrs. 3—88

6.º Os nomes em — *s*, equiparados no v. port. aos em — *ȝ*, formavam na lingua archaica o plural em — *es*: *alferes* ou *alferez* — *alferez, simples* ou *simplez* — *simpleȝes*. Hoje taes nomes são uniformes em numero: *o alferes* e *os alferes, o pires* e *os pires, o lapis* e *os lapis, o onus* e *os onus*. A palavra *simples* (b. lat. *simplice*) tem actualmente o plural *simplices*, em se tractando de drogas ou ingredientes de um composto. Como adj., é facultativo o plural *simples* ou *simplices*, sendo preferivel a primeira fórma.

Estes som chamados boos homeês, symprezes e de boa sympresa (L. Cons. 55) — Ha rasgos simplices que bastam para caracterizar um retrato (A. C.) — Sêde simplices como as pombas e prudentes como as serpentes (A. P.) — Alferezes (alfereses) volteiam as bandeiras, que variadas são de muitas cores (Lus. 4—27).

7.º Os nomes em *x* = *ce*, como *calix* ou *calice, index* ou *indice*, teem o plural alatinados em — *ces*: *calices, indices*. — *Phenix* ou *Phénis* é uniforme: *as aguias, os griphos, as phenix* (ap. Moraes).

Os em *x* = *cs* são uniformes: *o thorax, os thorax, o ónix, os onix*. *Silex*, entretanto, tem o plural *silices*. — *Flux* (= *fluȝ* ⟵ *fluxum*) só é usado na locuç. adv. — *a flux*.

Obs. Ao subst. *proximo* repugna hoje o plural, tal não acontecia com os antigos escriptores: "Aquelle se póde chamar bom que usa de bondade nam somente pera si, mas pera os *proximos* (H. P., Imag. I. 308). — "O que importa é salvar a alma propria e a dos *proximos* (A. V. C. 49). — A palavra *familias* na expressão *filho familias*, não é plural, mas um genitivo archaico do lat.

GRAU.

230. *Grau* dos substantivos é a propriedade de se graduar pela sua flexão a proporção das idéas por elles expressadas.

São dois os graus em que a flexão altera, para mais ou para menos a proporção normal da idéa: o *augmentativo* e o *diminutivo*: *livro — livrão* e *livrinho.*

231. ORIGEM DAS FLEXÕES GRADATIVAS. Pauperrimo era o latim de flexões gradativas, e riquissimo é o portuguez. Esta sua riqueza flexional desenvolveu-se, através do latim popular, de suffixos latinos, muitos dos quaes foram adquirindo ora sentido *augmentativo,* a que se ligava frequentes vezes idéa *pejorativa* ou *depreciativa;* ora sentido *diminutivo,* a que não raro se prendia idéa *affectiva* ou de *carinho.*

232. AUGMENTATIVO. Para a idéa augmentativa não possuia o lat. flexão ou suffixo proprio, e era constrangido a ajunctar ao subst. um adj. apropriado, se queria dar aos objectos proporções acima da normal, formando como muitas vezes fazemos, o augmentativo *analytico*: *premit* ALTUM *corde* DOLOREM (Verg.) *N'alma inferma suffoca a* DOR PROFUNDA (O. M.); *dorsum immane* = *dorso immano* (immenso).

Desenvolveu-se, todavia, de certos suffixos a idéa augmentativa.

a) O suff. augmentativo *-ão* desenvolveu-se do latim — *onem,* que em latim se unia aos themas verbaes e nominaes para individualizar e designar uma pessoa, que executa uma acção (M. Lübke); dahi — *chorão, brigão, comilão, beberrão, chapeirão, casarão, fradalhão, portão, garrafão, mulherão, meninão, Gonçalão, Manecão.* Como se póde ver dos exemplos, apparecem muitas vezes como consoantes de ligação, entre o thema e o suffixo, as liquidas *r* e *l,* e, ás vezes, *g*: fradegão, rapagão, narigão.

Une-se frequentemente a este suff. o sentido *pejorativo* (*chorão, comilão, beberrão, casarão, mulherão, Manecão*). — Nem sempre ao suff. *-ão* liga-se a idéa de augmento, co-

mo se vê em *cordão, cartão, carretão, violão;* ha mesmo em *cordão, cartão,* sentido diminutivo.

b) Os suff. augmentativos — *aço,* — *aça* e — *az* originaram-se do lat. — *aceum* (*arenaceus*), que traz a idéa de semelhança, designando substantivamente objectos que são maiores que os indicados pelo primitivo, e a que aggrega, a miudo, a idéa secundaria de *grosseria, deformidade, má qualidade* (M. Lübke). Assim, pois, os nossos suff. — *aço,* e — *az* trazem da propria origem a idéa *pejorativa* ou *depreciativa*: *mulheraça, ministraço, bichaço, peccadoraço, mestraço, calhamaço, barcaça, ladravaz, fatacaz* (fatia), *truanaz, linguaraz, rufianaz, canaz, lobaz.*

c) Os suff. augmentativos — *arro,* — *arra,* — *orra,* hispano-portuguez, é de origem *iberica* ou *basca* (M. Lübke), e encerra a idéa *depreciativa*: *chibarro, naviarra, bocarra, cabeçorra.*

Ao suff. — *arra* aggrega-se, ás vezes, — *ão*: *homemzarrão, canzarrão, gatarrão.*

233. Diminutivo. Para o grau diminutivo possuia o lat. algumas flexões proprias, que foram largamente ampliadas pelo romance.

a) O suff. — *mbo,* — *inha,* desenvolveu-se do lat. *inum* — *inam,* que era um suff. adjectivo (*asinino, canino, purpurino, argentino, levantino;* porém, na fórma popular — *inho* adquiriu valor *diminutivo,* e, frequentemente, *affectivo* ou *carinhoso*: *passarinho, tiozinho, casinha, florinha, padrinho, madrinha, bonitinho, queridinho, sanctinho, meninninho, Ernestinho, Carlinho, Antoninho, Francisquinho.* — E', em geral, facultativo intercalar-se um *z* entre o suff. e a palavra: *livrozinho, hervazinha, folhazinha, nomezinho, peixezinho.* Quando, porém, a palavra termina por vogal *accentuada,* ou por *diphthongo perfeito* ou *imperfeito,* é de rigor a intercalação do *z* como consoante de ligação: *pézinho, mãozinha, cafezinho, pazinha, enxozinha, paezinho, avôzinho, tiozinho, gloriazinha, idéazinha, véozinho.* Se a prepositiva do diphthongo imperfeito ou do hiato for *o* ou *u,*

póde-se dispensar a ligação: *taboinha, aguinha, canoinha, puinha.*

b) O suff. diminutivo — *ico, — ica,* veio de *iccus-a,* de origem não latina, mas que já apparece na época imperial, em inscripções africanas, unido a nomes proprios de mulher, e posteriormente generalizado (M. Lübke): *burrico, amoricos, pellica, Marica, Tonico, barbica.*

c) O suff. — *ito, — ita,* de *ittus,* tambem extranho ao latim, porém já existente em inscripções romanas da época imperial, e, como o antecedente, ligado a nomes proprios de mulheres (*Julitta, Bonitta, Caritta*). Tal suff. teve largo desenvolvimento em hespanhol. Em port., temos: *rapazito, senhorita, pequenito, florita, Annita, Chiquita, Chiquito, Luizita, Manuelito, Carlito.*

Obs. Os suff. diminutivos do lat. classico ficaram relegados a palavras eruditas ; taes são : — *lus, — la, — lum* (*spatula* ⟹ *espatula, globulo*) ; — *ellus, — ella, — ellum* (*tabellam* ⟹ *tabella*) ; — *culus, — cula, — culum* (*particulam* ⟹ *particula, radicula*) ; — *ola* (*aldeola, criançola, cachola*).

Flexão do adjectivo

234. GENERO E NUMERO. As flexões genericas e numericas do adjectivo são determinadas pelo genero e numero do substantivo a que se refere na phrase. E' o phenomeno da concordancia do adjectivo, ou attracção do substantivo, de que tractaremos na Syntaxe.

O processo flexional sobre o numero e o genero do adjectivo é, em geral, o mesmo que o do substantivo, e aqui só estudaremos algumas particularidades.

235. PARTICULARIDADES FLEXIONAES DO ADJECTIVO. Sobre a variação flexional generica notam-se as seguintes particularidades:

1.ª Alguns adjectivos determinativos, que possuem trez fórmas genericas do lat. (*masc., femin., neut.*), passaram, pela obliteração do neutro em port., a funccionar ordinariamente na 3.ª fórma como pronomes neutros. Taes são os seguintes:

LATIM	PORTUGUEZ
Iste, ista, istud	Este, esta, isto
Ipse, ipsa, ipsum	Esse, essa, isso
Ecu+ille, ecu+illa, ecu+illum	Aquelle, aquella, aquillo
Totus, tota, totum	Todo, toda, tudo

2.º Os adjectivos em — *or*, — *al*, — *z* eram *uniformes* em genero no port, arch., e só do sec. XVI em deante, por analogia, tornaram-se *biformes*: *dona entendedor, linguagem hespanhol, gente portuguez, minha senhor, minha pastor.*

Resistiram, porém, a esta flexão analogica do periodo classico:

a) Os comparativos syntheticos latinos: *melhor, peor, maior, menor, interior, exterior, superior, interior, ulterior, citerior, anterior, posterior.*

As fórmas femininas — *melhora, peiora, superiora,* substantivaram-se.

b) Alguns adj. formados de subst.: *incolor, bicolor, tricolor, semsabor, reinol.*

c) Alguns em — *ez*: *cortez, socz, pedrez, montez.*

Nota. *Commum* no v. port. tinha o femin. — *commua*, que se obliterou, e é hoje uniforme como — *vaccum*. — *Montez* tinha flexão feminina entre nossos classicos até o sec. XVIII: "Onde ha variedade de caça monteza (Agiol. Port., ap. R. Bluteau) — "Comi dessa fruta, amargosa, monteza" (G. V. I. 317) — "Eu vos conjuro, filhas de Jerusalem, pelas cabras montezas" (A. P.).

236. Grau. O processo formador dos comparativos e superlativos latinos modificou-se profundamente: o analytismo vernaculo eliminou as fórmas syntheticas latinas desses dois graus de significação do adjectivo. Na Syntaxe o veremos mais detidamente.

237. Comparativos. O comparativo organico ou synthetico latino de superioridade em *-or*, foi substituido por uma fórma periphrastica com o adv. *mais* (⟵ magis): *justior* = mais justo.

O typo desta fórma periphrastica já o encontramos no lat. class. (*magis pius*) e mais largamente no b. lat. (*magis egregie, plus sapium, plus clarum*).

Para este comparativo tomou o port. o adv. *magis* ⇛→ *mais;* o fr. e o it. tomaram o adv. *plus* ⇛→ *plus* e *piu.* No v. port. existe este adv. na fórma *chus*: *chus negros que Satanaz* (T. Port. 127).

Resistiram á corrente analytica os comparativos synthetico latinos de — *bom, mau, grande* e *pequeno* — *melhor, peor, maior* e *menor* (lat. *meliorem, pejorem, maiorem, minorem*).

238. SUPERLATIVO. O superlativo organico ou synthetico latino em—*issimus, errimus* e *limus* (*justissimus, nigerrimus, humillimus*) foi substituido na lingua popular por uma fórma analytica ou periphrastica com o adv. *muito* ou outro semelhante, de que já encontramos o typo no proprio latim classico, p. ex.: *muito pio* = *maxime pius.* As fórmas syntheticas do lat. class. (*justissimo, miserrimo, facillimo*) pertencem ao dialecto literario, e foram introduzidas pelos eruditos do sec. XVI.

Flexão do pronome

239. PRONOMES SUBSTANTIVOS. As flexões dos pronomes substantivos ou pessoaes são as variações de suas fórmas indicativas de — *caso, pessoa, numero,* e (na 3.ª pess.) genero. Essas variações nos vieram dos casos latinos do pronome pessoal, e constituem no port. as reliquias das perdidas declinações da lingua mãe.

Quadro da declinação dos pronomes

1.ª pessoa

	Singular		*Plural*	
	LAT.	PORT.	LAT.	PORT.
Nominativo	ego	eu	nos	nós
Accusativo	me	me, mi (archaico)	nos	nos
Dativo	mihi	mi, mim, me	nobis	nos
Ablativo	mecum	migo	nobiscum	nosco

2.ª pessoa

	Singular		*Plural*	
	LAT.	PORT.	LAT.	PORT.
Nominativo	tu	tu	vos	vós
Accusativo	te	te, ti (arch.)	vos	vos
Dativo	tibi	ti, te	vobis	vos
Ablativo	tecum	tigo	vobiscum	vosco

3.ª pessoa

	Singular		*Plural*	
	LAT.	PORT.	LAT.	PORT.
Nominativo	ille, illa	elle, ella	(illi, illae)	elles, ellas,
Accusativo	illum, illam	lo ⇒ o, la ⇒ a	illos, illas	los ⇒ os, las ⇒ as
Dativo	illi	lhe	illis ⇒ lhes	
Ablativo	—	—	—	

3.ª pessoa, pron. reflexivo

	Singular	*Plural*
	LAT.	PORT.
Nominativo	—	—
Accusativo	se	se (arch). si
Dativo	sibi	si, se
Ablativo	secum	sigo

240. Sobre as declinações do pronome pessoal cumpre notar:

1.º As fórmas — *mim, ti, si,* são hoje preposicionaes, e representam syntactica e morphologicamente tanto o dativo como o accusativo; não admittem, porém, a regencia da prepos. *com,* que rege exclusiva e pleonasticamente os ablativos — *migo, tigo, sigo, nosco, vosco,* que já encerram na ultima syllaba essa preposição. No port. arch. a lingua não havia ainda perdido o sentimento da presença dessa preposição (*fallar migo*).

2.º Não possuindo o lat. pronome da 3.ª pess., o *romance* desenvolveu esse pron. do demonstrativo *ille.* O nominativo

plur. formou-se, por analogia, das fórmas do sing.: *ille* e *illa* — *elles* e *ellas*. As fórmas ablativas não passaram para o portuguez.

3.º O reflexivo não possue nominativo em lat., nem tão pouco em port., e, conseguintemente, não póde exercer a funcção de sujeito do modo finito, como querem alguns.

Flexão do verbo

241. As flexões verbaes são variações designativas de — *modos, tempos, numeros* e *pessoas*. O conjuncto dessas variações ou flexões constitue a *conjugação*, como o conjuncto das flexões nominaes e pronominaes constitue a *declinação*.

As flexões verbaes nos vieram das conjugações latinas, que passaram, com algumas alterações, para o portuguez. Estas alterações são de ordem morphologica e semantologica, como passamos a estudar.

242. CONJUGAÇÕES. O lat. possuia quatro systemas de flexões verbaes ou *conjugações*, que se caracterizavam pela ultima vogal do thema ou *vogal caracteristica*, com excepção da 3.ª (4.ª, segundo outros), cujo thema termina em consoante. Passaram para o port. as trez primeiras com suas respectivas vogaes caracteristicas — **a, e, i.**

MODO INDICATIVO

Tempo presente

1.ª Conjugação		2.ª Conjugação	
LAT.	PORT.	LAT.	PORT.
Cant—o	Cant—o	Deb—eo	Dev—o
Cant—as	Cant—as	Deb—es	Dev—es
Cant—at	Cant—a	Deb—et	Dev—e
Cant—amus	Cant—amos	Deb—emus	Dev—emos
Cant—atis	Cant—aes	Deb—etis	Dev—eis
Cant—ant	Cant—am	Deb—ent	Dev—em

3.ª Conjugação		4.ª Conjugação	
LAT.	PORT.	LAT.	PORT.
Part—io	Part—o	Pon—o	Ponh—o
Part—is	Part—es	Pon—is	Põ—es
Part—it	Part—e	Pon—it	Põ—e
Part—imus	Part—imos	Pon—imus	Põ—mos
Part—itis	Part—is	Pon—itis	Põn—des
Part—iunt	Part—em	Pon—unt	Põ—em

Imperfeito

LAT.	PORT.	LAT.	PORT.
Cant—abam	Cant—ava	Deb—ebam	Dev—ia
Cant—abas	Cant—avas	Deb—ebas	Dev—ias
Cant—abat	Cant—ava	Deb—eat	Dev—ia
Cant—abamus	Cant—avamos	Deb—ebamus	Dev—iamos
Cant—abatis	Cant—aveis	Deb—ebatis	Dev—ieis
Cant—abant	Cant—avam	Deb—ebunt	Dev—iam
Part—iebam	Part—ia	Pon—ebam	Punh—a
Part—iebas	Part—ias	Pon—ebas	Punh—as
Part—iebat	Part—ia	Pon—ebat	Punh—a
Part—iebamus	Part—iamos	Pon—ebamus	Punh—amos
Part—iebatis	Part—ieis	Pon—ebatis	Punh—eis
Part—iebant	Part—iam	Pon—ebant	Punh—am

Perfeito

Cant—avi	Cant—ei	Deb—ui	Dev—i
Cant—avisti	Cant—aste	Deb—uiste	Dev—este
Cant—avit	Cant—ou	Deb—uit	Dev—eu
Cant—avimus	Cant—ámos	Deb—uimos	Dev—émos
Cant—avistis	Cant—astes	Deb—uistis	Dev—estes
Cant—averunt	Cant—aram	Deb—uerunt	Dev—eram
Part—ivi	Part—i	Pos—ui	Puz—
Part—ivisti	Part—iste	Pos—uiste	Poz—este
Part—ivit	Part—iu	Pos—uit	Poz—
Part—ivimus	Part—imos	Pos—uimus	Puz—emos
Part—ivistis	Part—istes	Pos—uistis	Puz—estes
Part—iverunt	Part—iram	Pos—uerunt	Puz—eram

Mais-que-perfeito

Cant—averam	Cant—ara	Deb—ueram	Dev—era
Cant—averas	Cant—aras	Deb—ueras	Dev—eras
Cant—averat	Cant—ara	Deb—uerat	Dev—era
Cant—averamus	Cant—aramos	Deb—ueramus	Dev—eramos
Cant—averitis	Cant—areis	Deb—ueratis	Dev—ereis
Cant—averunt	Cant—aram	Deb—uerant	Dev—eram

Futuro

Cantare—habeo	Cantar—ei
Cantare—habes	Cantar—ás
Cantare—habet	Cantar—á
Cantare—habemus	Cantar—emos
Cantare—habetis	Cantar—eis
Cantare—habent	Cantar—ão
Debere—habeo	Dever—ei
Debere—habes	Dever—ás
Debere—habet	Dever—á
Debere—habemus	Dever—emos
Debere—habetis	Dever—eis
Debere—habent	Dever—ão
Partire—habeo	Partir—ei
Partire—habes	Partir—ás
Partire—habet	Partir—á
Partire—habemus	Partir—emos
Partire—habetis	Partir—eis
Partire—habent	Partir—ão
Ponere—habeo	Por—ei
Ponere—habes	Por—ás
Ponere—habet	Por—á
Ponere—habemus	Por—emos
Ponere—habetis	Por—eis
Ponere—habent	Por—ão

CONDICIONAL

Imperfeito

Cantare—habebam	Cantar—ia
Cantare—habebas	Cantar—ias
Cantare—habebat	Cantar—ia
Cantare—habebamus	Cantar—iamos
Cantare—habebatis	Cantar—ieis
Cantare—habebant	Cantar—iam
Debere—habebam	Dever—ia
Debere—habebas	Dever—ias
Debere—habebat	Dever—ia
Debere—habebamus	Dever—iamos
Debere—habebatis	Dever—ieis
Debere—habebant	Dever—iam
Partire—habebam	Partir—ia
Partire—habebas	Partir—ias
Partire—habebat	Partir—ia
Partire—habebamus	Partir—iamos
Partire—habebatis	Partir—ieis
Partire—habebant	Partir—iam

Ponere—habebam	Por—ia
Ponere—habebas	Por—ias
Ponere—habebat	Por—ia
Ponere—habebamus	Por—iamos
Ponere—habebatis	Por—ieis
Ponere—habebant	Por—iam

IMPERATIVO

Presente

Cant—a	Cant—a	Deb—e	Dev—e
Cant—ate	Cant—ae	Deb—ete	Dev—ei
Part—i	Part—e	Pon—e	Põ—e
Part—ite	Part—i	Pon—ite	Pon—de

SUBJUNCTIVO

Presente

Cant—em	Cant—e	Deb—eam	Dev—a
Cant—es	Cant—es	Deb—eas	Dev—as
Cant—et	Cant—e	Deb—eat	Dev—a
Cant—emus	Cant—emos	Deb—eamus	Dev—amos
Cant—etis	Cant—eis	Deb—eatis	Dev—aes
Cant—ent	Cant—em	Deb—eant	Dev—am
Part—iam	Part—a	Pon—am	Ponh—a
Part—ias	Part—as	Pon—as	Ponh—as
Part—iat	Part—a.	Pon—at	Ponh—a
Part—iamus	Part—amos	Pon—amus	Ponh—amos
Part—iatis	Part—aes	Pon—atis	Ponh—aes
Part—iant	Part—am	Pon—ant	Ponh—am

Imperfeito

Cant—avissem	Cant—asse
Cant—avisses	Cant—ásses
Cant—avisset	Cant—asse
Cant—avissemus	Cant—assemos
Cant—avissetis	Cant—asseis
Cant—avissent	Cant—assem
Deb—uissem	Dev—esse
Deb—uisses	Dev—esses
Deb—uisset	Dev—esse
Deb—uiessemus	Dev—essemos
Deb—uissetis	Dev—esseis
Deb—uissent	Dev—essem
Part—ivissem	Part—isse
Part—ivisses	Part—isses
Part—ivisset	Part—isse
Part—ivissemus	Part—issemos

Part—ivissetis	Part—isseis
Part—ivissent	Part—issem
Pos—uissem	Puz—esse
Pos—uisses	Puz—esses
Pos—uisset	Puz—esse
Pos—uissemus	Puz—essemos
Pos—uissetis	Puz—esseis
Pos—uissent	Puz—essem

Futuro

Cant—averim	Cant—ar
Cant—averis	Cant—ares
Cant—averit	Cant—ar
Cant—averimus	Cant—armos
Cant—averitis	Cant—ardes
Cant—averint	Cant—arem
Deb—uerim	Dev—er
Deb—ueris	Dev—eres
Deb—uerit	Dev—er
Deb—uerimus	Dev—ermos
Deb—ueritis	Dev—erdes
Deb—uerint	Dev—erem

Part—iverim	Part—ir	Pos—uerim	Puz—er
Part—iveris	Part—ires	Pos—ueris	Puz—eres
Part—iverit	Part—ir	Pos—uerit	Puz—er
Part—iverimus	Part—irmos	Pos—uerimus	Puz—ermos
Part—iveritis	Part—irdes	Pos—ueritis	Puz—erdes
Part—iverint	Part—irem	Pos—uerint	Puz—erem

INFINITIVO

Presente

Cant—are	Cant—ar	Deb—ere	Dev—er
Part—ire	Part—ir	Pon—ere	P—ôr

Gerundio

Cant—ando	Cant—ando	Deb—endo	Dev—endo
Part—indo	Part—indo	Pon—endo	P—ondo

Participio passado

Cant—atum	Cant—ado	Deb—itum	Dev—ido
Part—itum	Part—ido	Pos—itum	Pos—to

CAPITULO V

ETYMOLOGIA

243. Dominio grammatical da etymologia. O estudo da Etymologia nas grammaticas antigas comprehendia a *natureza* e *classificação* das palavras, isto é, o estudo das *categorias grammaticaes*. E é este ainda o dominio que lhe dão muitos grammaticos em seus compendios.

Modernamente, porém, com o desenvolvimento e aspecto scientifico, que assumiu o estudo da origem do lexico, a Etymologia tende, no dominio grammatical, a cingir-se á sua accepção lexicologica no estudo da genese e formação historica dos vocabulos.

Para o dominio da Etymologia das velhas grammaticas, temos hoje outro termo tomado á Historia Natural, que é — *Taxeonomia*, que outros preferem graphar — *Taxinomia* ou *Taxonomia*.

244. *Etymologia* (gr. *etymo* = *verdadeiro*, *logos* + *ia* = *palavra*), é, pois, no dominio da Grammatica historica, o estudo da origem do lexico em sua triplice fonte — *latina*, *vernacula* e *extrangeira*.

De facto, o nosso actual vocabulario prende-se historicamente a trez origens diversas:

1.ª Ao *lexico latino*, por *alteração phonetica* e *influencia analogica*;
2.ª Ao fundo vernaculo, por *derivação* e *composição*;
3.ª A's *linguas extrangeiras*, por *importação*.

245. Principios em que se baseia a etymologia. O estudo etymologico do lexico offerece o duplo aspecto da *fórma* e do *sentido* das palavras.

Antes de fundar-se a Glottologia pelo estudo scientifico das linguas, a Etymologia tinha por base a mera semelhança de fórma e de sentido. Assim sabiam que a palavra *bondade* tinha o seu etymo no vocabulo lat. *bonitas*, porque delle se approxima pela estructura e significação, do mesmo modo que *horror*, *ouvir*, *conceição*, dos vocab. lat. — *horror*, *audire*, *conceptio*; porém não inquiriam as leis phoneticas e seman-

ticas da evolução vocabular, e suppriam a falta de conhecimento dessas leis com extravagantes phantasias.

Ménage, celebre etymologista dessa eschola, chegou a tirar o vocab. *rato* do lat. *mus*, através de uma fórma intermediaria phantastica — *muratus*. Com tal processo, observa Hovelacque, não é de espantar que se haja extrahido *cadaver* de — *caro data vermibus* = *carne dada aos vermes* = *ca*(ro) *da*(ta) *ver*(mibus).

Os principios basicos da etymologia antiga eram arbitrarios e illusorios, pois se firmavam apenas em meras apparencias enganadoras. Prova Max Müller o caracter inscientifico de tal criterio, mostrando que o mesmo vocabulo assume fórmas e sentidos differentes, não só em differentes linguas, mas até na mesma lingua; assim *maculam* dá *magoa, malha, mancha* e *mangra; regulam* dá *regoa, regra* e *relha.*

Cita Hovelacque as seguintes palavras, que, não obstante as differenças de fórma e de sentido, procedem primitivamente de um mesmo tronco: a) *solido, soldado, soldar, só, servo;* — *b*) *bispo, auspicio, sceptico;* — *c*) *assistir, custar, obstaculo, estabulo.*

E, ao invés deste phenomeno, não raro palavras ha, de mui diversa procedencia, que assumem, entretanto, a mesma fórma ou fórma approximada. Todos os *homonymos* da lingua attestam este facto; assim *banho, pregão de casamento,* e *banho* de agua; *prato* e *prata, lêste* e *léste, pêgo* e *pégo,* etc.

O criterio scientifico na pesquiza da origem historica das palavras, independe, portanto, das apparencias de fórma e significação. Ensinam todos os linguistas que os principios em que se baseia a Etymologia são — as *alterações phoneticas* e a *analogia.*

Servem de fio conductor ao etymologista as leis glotticas, que regem a evolução dos phonemas e determinam a estructura vocabular; quer isto dizer que lhe fornecem criterio seguro a phonetica historica e o principio de analogia.

A analyse acompanha a *historia* do vocabulo, através das fórmas intermediarias, até filiá-lo no vocabulo original. Nesta *filiação historica* entra como elemento importante a *comparação* das fórmas parallelas do mesmo vocabulo nas linguas congeneres, como contraprova das conclusões etymologicas.

A etymologia de uma palavra, observa Brunot, encontra um meio precioso de verificação na etymologia das linguas-irmãs: o portuguez, p. ex., na lingua franceza, provençal, hespanhola e italiana. *Selvagem*, v. gr., vem do lat. *selvaticum*, que deu no fr. *sauvage*, no it. *selvaggio*, no prov. *selvatge*. A etymologia, prosegue o mesmo grammatico, explica a transformação do typo originario de accordo com as leis phoneticas de cada idioma parallelo, e corrobora, pela comparação, a fonte commum ou o typo original em que se filia o vocabulo actual.

E' este o processo seguro da *grammatica historico-comparativa*, que fornece ás investigações etymologicas dois elementos de incontestavel solidez scientifica — a *historia* e a *comparação*.

Cumpre, porém, observar, para melhor esclarecer esse methodo de investigação, que o lado historico apresenta dois aspectos — a *historia interna* e a *externa* do vocabulo.

A *historia interna* é a filiação do vocabulo através das fórmas de transição ou intermediarias, ao typo original ou *protótypo*, sob a influencia das leis phoneticas e analogicas.

A *historia externa* diz respeito á importação do vocabulo ou ás circumstancias historicas, que explicam o apparecimento de certos vocabulos em regiões que lhes eram primitivamente extranhas.

Assim o vocabulo *palavra* se filia, em sua evolução phonetica, ao termo gr. *parabola*, e as *parabolas* do Evangelho com a disseminação do Christianismo do Oriente para o Occidente, dão-nos a razão historica externa da incorporação desse vocabulo em nosso lexico, superpondo-se aos termos lat. *verbum* e *sermo*.

Etymologia das palavras variaveis e das invariaveis

246. A origem do nosso lexico temo-la no latim, maximamente no latim popular.

Todavia, no decurso de dois mil annos da historia de nossa lingua, muitas outras linguas vieram, em tempos e

circumstancias diversas, trazer a nosso vocabulario valiosos subsidios.

Essa contribuição, porém, de linguas extrangeiras quasi se restringe ás palavras variaveis ou flexivas, e, entre estas, ao substantivo predominantemente.

Em adjectivos e verbos parco é o subsidio extranho; em pronomes é elle nullo. Nas particulas mantem-se exclusivo o etymo latino, com excepção apenas de um ou outro adverbio e interjeição.

Estudemos a origem e processos etymologicos das diversas categorias grammaticaes.

Substantivos

247. ORIGEM ETYMOLOGICA DOS APPELLATIVOS. Do *accusativo latino*, que, segundo Diez e a maioria dos glottologos, é o *caso etymologico*, procederam a quasi totalidade de nossos *appellativos*: Exs.:

terrorem	⟹	terror	errorem	⟹	error
serpentem	⟹	serpente	virginem	⟹	virgem
latronem	⟹	ladrão	corpus	⟹	corpo
amorem	⟹	amor	hominem	⟹	homem
draconem	⟹	dragão	prudentem	⟹	prudente

A posição da tonica desses vocabulos, em portuguez, está indicando a sua procedencia do accusativo latino.

Do *nominativo* procedem poucos *appellativos*. Exs.:

demo	⟹	demo	junior	⟹	junior
cor	⟹	cór (de cór)	draco	⟹	drago
latro	⟹	ladro	serpens	⟹	serpe
phantasma	⟹	abentesma	soror	⟹	sóror
senior	⟹	senhor	presbyter	⟹	preste

248. ORIGEM ETYMOLOGICA DOS SUBSTANTIVOS PROPRIOS. Do *latim, grego, hebraico* e *germanico*, por intermedio do Christianismo, nos vieram a maior parte de nossos nomes proprios. Acontece, ás vezes, que de um nome proprio oriundo desses idiomas se desdobram outros, p. ex.: de *Antonio Antonino*, de *Paulo Paulino*, de *Bernardo Bernardino*.

Do *nominativo* procedem muitos nomes proprios latinos: *Cicero, Dido, Nero, Jupiter, Juno, Cupido, Cesar, Marte.*

a) *Latim:* Antonio, Antonino, Clemente, Clementino, Paulo, Paula, Paulino, Paulina, Bento, Benedicto, Claudio, Claudiano, Claudino, Lucio, Luciano, Luciana, Marcos, Cesar, Cicero, Vergilio, Juvenal, Mario, Julio, Juliano.

b) *Grego*: Pedro, Jeronymo, André, Hippolyto, Philippe, (Felipe), Tito, Timotheo, Ambrosio, Theodoro, Theodora, Theodureto, Nicolau, Chrysostomo, Dionisio, Dinis Alexandre.

c) *Hebraico*: José, Josephina, João, Joanna, Jacob, Tiago (Sant' Iago), Daniel, Gabriel, Israel, Salathiel, Manoel, Miguel, Misael, Lazaro, Matheus, Bartholomeu, Salomão, Benjamin, Josué, Abrahão, Isaac, Ruth, Maria, Mariana, Anna, Dorcas, Esther, Rachel, Sara.

d) *Germanico*: Luiz, Luiza, Guilherme, Guilhermina, Alberto, Albertino, Carlos, Carolina, Henrique, Henriqueta, Eduardo, Duarte, Roberto, Fernando, Bernardo, Bernardina, Arnaldo, Affonso, Astolfo, Rodrigo, Theodorico, Guimarães.

249. PATRONYMICOS. Era costume, na edade-média, indicar a filiação agglutinando-se ao nome do pae a desinencia — *ci*, deste modo: *Gonçalo Fernandici = Gonçalo filho de Fernando.* Esta desinencia que Diez suppõe genitiva, abrandou-se em — *z*, que hoje é geralmente — *s*: *Rodriguici* ⟹ *Rodrigues;* donde as abreviaturas ⟹ *Rodriguez* Roiz. = *Rodriguez, Glz.* = *Gonçalvez.*

Taes nomes se chamam *patronymicos*, e tinham valor de adjectivo. Hoje, tendo perdido este valor, são empregados, em geral, como *agnomes*: *José Rodrigues, Manuel Lopes, Pedro Fernandes, Antonio Gonçalves, Francisco Martins, João Henriques, Pedro Alvares.*

250. EVOLUÇÃO DOS PATRONYMICOS. Damos a seguir uma amostra da evolução de alguns patronymicos:

Fernando (Fernão) — Fernándici ⟹ Fernándiz ⟹ Fernández = Fernandes (fórmas divergentes — Ferraz e Fernão).

Henrico e *Henriques* — Henriquici ⟶ Henriquiz ⟶ Henriquez = Henriques.

Antonio (arch. Antun ⟶ Antão) ⟶ Antunici ⟶ Antúniz ⟶ Antunez = Antunes.

Lobo e *Lopo* — Lúpici ⟶ Lôpiz ⟶ Lopez = Lopes.

Pedro e *Pero* — Petrici ⟶ Périz ⟶ Perez e Pires = Peres e Pires

Pelagio e *Paio* — Pelagici ⟶ Paáiz ⟶ Páiz ⟶ Paez = Paes

Martinho e *Martim* — Martinici ⟶ Martiniz ⟶ Martiiz ⟶ Martinz = Martins.

Mendo e *Mem* — Menéndici ⟶ Meêndiz ⟶ Mendez = Mendes.

Velasco e *Vasco* — Velasquici ⟶ Velasquiz ⟶ Velasquez ⟶ Vasquez = Vasques.

Sueiro (Suairo ⟶ Suario) ⟶ Suarici ⟶ Suariz ⟶ Suarez = Soares.

Nuno — Nunici ⟶ Nuniz ⟶ Nunez = Nunes.

Gonçalo — Gundisálvici ⟶ Gonçalviz ⟶ Gonçalvez = Gonçalves.

Gueda (=Geda) Guedici ⟶ Guediz ⟶ Guédez = Guedes

Diogo (⟶ Didacus) — Didaci ⟶ Diaz = Dias.
Alvaro e *Alvo* — Alvárici ⟶ Alváres e Alvarez = Alvares e Alves

Rodrigo e *Roderico* — Rodriguici ⟶ Rodriguiz ⟶ Rodriguez = Rodrigues.

Godinho — Gotinici ⟶ Godiniz ⟶ Godiiz ⟶ Godins (Gr. Hist., Vasconc., 103).

251. COGNOMES OU APPELLIDOS. Nos velhos documentos da lingua, e mesmo nos documentos do lat. barbaro, apparecem cognomes ou appellidos de familias que, como os patronymicos, se aggregavam aos nomes proprios com o fim de assignalar qualquer circumstancia, que se prendia ao individuo nomeado, p. ex.: *D. Rodrigo o Velloso, D. Gon-*

çalo o Bom, Lourenço Annez Redondo, Mem Muniz Honrado, Sueiro Correia, Sancho Vasques Pimentel, Lourenço Martins Ganço, D.º Mor Pirez Velha (Gr. Hist., Vasc. 105)

A estes appellidos prendem-se naturalmente nomes designativos de logar, que, regidos da preposição *de*, indicavam a origem ou o dominio da pessoa, a cujo nome se aggregavam, p. ex.: *D. Egas Gomes de Souza, D. Gontinha Soarez de Mello, D. Abril Pires de Lumiares, D. Egas Táfez de Lanhoso.*

Em geral, essa prepos. *de*, seguida de nome de logar, designava o dominio dos senhores feudaes, e, portanto, a nobreza medieval, mormente na Italia, França, Allemanha e Inglaterra, onde imperou largamente o regimen feudal. E' esta a razão por que ainda hoje nesses paizes dão especial apreço ás locuções de nomes proprios, quando estes veem acompanhados da prepos. *de*: *Dr. Couto de Magalhães, Dr. Ignacio de Mesquita, Dr. Fernando de Albuquerque*, etc.

Adjectivos

252. QUALIFICATIVOS. Os nomes adjectivos qualificativos, como os substantivos, veem, em sua quasi totalidade, do accusativo dos respectivos adj. latinos, através das alterações metaplasticas já estudadas. Damos alguns exemplos:

Bonum ⟶ bono ⟶ bõo ⟶ bõ ⟶ bom. — Malum ⟶ malo ⟶ mao. — Meliorem ⟶ melhor. — Pejorem ⟶ peior ⟶ peor. — Facilem ⟶ facil. — Regularem ⟶ regular. — Amabilem ⟶ amabil ⟶ amavel. — Legalem ⟶ legale ⟶ legal ⟶ leal. — Fidelem ⟶ fidele ⟶ fiel. — Felicem ⟶ felice ⟶ feliz. — Ferocem ⟶ feroce ⟶ feroz. — Cartaginensem ⟶ carthaginense ⟶ cartaginês = carthaginez. — Christianum ⟶ christiano ⟶ christão.

253. ADJECTIVOS E PRONOMES DETERMINATIVOS. Muitos de nossos pronomes são oriundos de fórmas neutras de adjectivos latinos, como em seu logar mostraremos.

254. ARTIGOS DEFINIDOS. Nos primeiros documentos da lingua o artigo definido — *o, a, os, as*, apparece nas fórmas

syncreticas — *o, a, os, as, lo, la, los, las ilo, ila, ilos, ilas.* Esta ultima fórma mostra claramente que sua origem etymologica é, como opina Diez, o demonstrativo latino—*illum, illam, illud, illos, illas.* E' rejeitada, por carecedora de fundamento, a opinião de Leoni e Constancio, que julgam ter elle sua origem no ablativo sing. — *hoc, hac, hoc,* e do accusativo plur. — *hos, has;* e de outros, que o prendem ao art. grego — ὁ, ἡ, το.

Em suas diversas phases historicas, temos — *illum* ⟶ ***illo*** ⟶ *ello* ⟶ *lo* ⟶ *o* — *illos* ⟶ *ellos* ⟶ *los* ⟶ *os.*

A esta etymologia, entretanto, ha duas objecções: *a*) a *quéda* da syllaba latina inicial tonica, e *b*) a *quéda* do *l* inicial do typo intermediario — *lo.*

a) A syllaba tónica lat. persiste, mas o dissyllabo lat. *illum,* é realmente um dissyllabo fraco, de sorte que a voz ora se apoia na primeira, como é de regra, ora na segunda syllaba, conforme as circumstancias. Dahi o ter ficado no ital., hesp. e v. port. a primeira syll. *il* e ***el,*** e no fr. e no port. actual, a ultima — *le, la, o, a.*

b) A consoante inicial resiste, em regra, mas o *l* inicial da fórma arch. *lo* soffreu apherese. A explicação desta anomalia está talvez no facto de o *l* inicial ter sido confundido com o *l* medial intervocalico, em expressões como estas: — *de lo, de la = delo, dela; a lo, a la = alo, ala, âma-lo = âmalo.* Ora o *l* medial intervocalico cae geralmente, como em *mortales* ⟶ mortaes, *fatales* ⟶ fataes. Tendo cahido o *l* nestes casos, generalizar-se-ia o phenomeno.

255. ARTIGO INDEFINIDO. O artig. indefinido—***um, uma,*** tem seu etymo em o numeral — *unum, unam.*

Unum	⟶	uno	⟶	ũo	⟶	um
Unam	⟶	una	⟶	ũa	⟶	uma

A pronuncia *uma,* dando-se valor literal ao *m,* é um caso curioso da influencia da orthographia sobre a prosodia: *ũa* era a graphia archaica, que representava fielmente a pronuncia ainda hoje conservada pelo povo; a mudança da graphia para *uma* determinou, entre as pessoas cultas, a mudança da pronuncia. Por analogia formaram-se os pluraes —*uns, umas,* que faltavam ao lat.

256. DEMONSTRATIVOS. Do lat. nos vieram nossos adjectivos e pronomes demonstrativos, como se vê abaixo:

Este ←	iste			Esse ←	ipse		
Esta ←	ista			Essa ←	ipsa		
Isto ←	esto ←	istud		Isso ←	esso ←	ipsum	
O	←	lo		←	illo ←	illum	
A	←	la		←	illa ←	illam	
O (neutro)	←	lo		←	ello ←	illud	

Fornecem estes demonstrativos vestigios da derivação do *nominativo*, e do genero neutro latino, das 3.as fórmas, que se conservam em port. (*isto, isso, aquillo, o*) como pronomes.

A fórma composta *aquelle* ⇒ *eccu+ille* pertence ao lat. pop., que deixou no v. port, *aqueste, aquesta, aquesto* (*eccu+iste, eccu+ista, eccu+istud*).

Mesmo ← meesmo ← medesimo ← metipsimum ← metipsissimum. Tal ← talem.

No L. Cons. (sec. XV) temos a fórma *medês* = *mesmo*.

257. CONJUNCTIVOS E INTERROGATIVOS.

Que ← *qui* (nom.) — *Quem* ← *quem* (accus.) — *Cujo* ← *cujus* (genit.) — *Qual* ← *qualem* — *Quanto* ← *quanto*.

Era corrente na linguagem forense do lat. class. o adj. *cujus, -a, -um*, donde querem alguns derivar o nosso *cujo*.

258. POSSESSIVOS:

Meu ← *meum*; *minha* ← *meam* (arch. *mia, mha*); *teu* ← *tuo* ← *tuum* (p. analogia com o da 1ª pess. *meu*), *tua* ← *tuam*; *seu* ← *suam* ← *suum* (p. analogia — *meu*); *sua* ← *suam*; *nosso* ← *nostu* ← *nostrum*, *nossa* ← *nosta* ← *nostram*; *vosso* ← *vosto* ← *vostrum* (f. pop. de *vestrum*); *vossa* ← *vosta* ← *vostram*.

259. NUMERAES. Do lat. pop nos vieram os numeraes *cardinaes, ordinaes, multiplicativos* e os *fracionarios*, como se segue.

a) *Cardinaes*:

PORT.	LAT. POP.	LAT. CLASS.
Um	unu	unum
Uma	una	unam
Dois ou dous	doos	duos
Duas	doas	duas
Trez	tres	tres
Quatro	quator	quattuor
Cinco (arch. cinque)	cinco (kinco)	quinque
Seis	sex (secs)	sex
Sete	septe	septem
Oito	octo	octo
Nove	nove	novem
Dez	dece	decem
Onze	undece	undecim
Doze	dodece	duodecim
Treze	tredece	tredecim
Quatorze	quatordece	quattuordecim
Quinze	quindece	quindecim

De 16 a 19, as fórmas syntheticas do lat. class. foram substituidas no gallo-romano e no hispano-romano pelas fórmas analyticas, como se vê em seguida:

PORT.	LAT. POP.	LAT. CLASS.
Dezeseis	decem et sex	sexdecim
Dezesete	decem et septem	septemdecim
Dezoito	decem et octo	octodecim
Dezenove	decem et novem	novemdecim

As fórmas quinhentistas e populares — *dezaseis, dezasete, dezanove,* podem explicar-se por uma dissimilação. Querem outros que ellas representem, como no italiano, uma formação pop. parallela — de *decem ad sex, decem ad novem.*

Vinte	viginte (arch. viinte)	Setenta	septuaginta
Trinta	triginta (arch. triinta)	Oitenta	octoginta
Quarenta	quadraginta	Noventa	nonaginta
Cincoenta	quinquaginta	Cem e cento	centum
Sessenta	sexaginta	Duzentos	ducentos
		Trezentos	trecentos
		Mil	mille

Em geral as fórmas latinas originaes soffrem contracção regular em sua passagem para o port. De 16 a 19, como

vimos, os typos syntheticos do lat. class. são substituidos pelo typo analytico, que já apparece em T. Livio, Cicero e Cesar. O gallo-romano tomou por padrão este typo segundo Darmesteter, e o mesmo aconteceu com o hispano-romano. De *mille* com suffixo italiano *-one* fez-se *milhão*, donde evoluem *bilhão, trilhão*, etc. *Milhenta* é f. pop. analogica.

b) *Ordinaes*:

PORT.	LAT.	PORT.	LAT.
Primeiro	primarium (arch. primairo)	Quinto	quintum
		Sexto	sextum
		Septimo	septimum
Primo	primum	Oitavo	octavum
Segundo	secundum	Nono	nonum
Terceiro	terciarium	Decimo	decimum
Terço	terçuum	Undecimo	undecimum
Quarto	quartum	Duodecimo	duodecimum

De 13 em deante desapparecem as fórmas syntheticas substituidas pelas analyticas: *decimo terceiro, decimo quarto, decimo quinto*, etc. Guardam, todavia, as fórmas syntheticas os seguintes:

PORTUGUEZ	LATIM
Vigesimo	vicesimum
Trigesimo	tricesimum
Quadragesimo	quadragesimum
Quinquagesimo	quinquagesimum
Sexagesimo	sexagesimum
Septuagesimo	septuagesimum
Octogesimo	octagesimum
Nonagesimo	nonagesimum
Centesimo	centesimum
Ducentesimo	ducentesimum
Tricentesimo	tricentesimum
Quadringentesimo	quadringentesimum
Quingentesimo	quinquagentesimum
Sexcentesimo	sexcentesimum
Septingentesimo	septingentesimum
Octingentesimo	octingentesimum
Nongentesimo	nongentesimum
Millesimo	millesimum

c) *Multiplicativas*:

PORT.	LAT	PORT.	LAT.
Simples	Simplicem	Octuplo	Octuplum
Duplice	Duplicem	Nónuplo	Nonuplum
Duplo	Duplum	Decuplo	Decuplum
Triplice	Triplicem	Undecuplo	Undecuplum
Triplo	Triplum	Duodecuplo	Duodecuplum
Quadruplo	Quadruplum	Centuplo	Centuplum
Quintuplo	Quintuplum	Mutltiiplo-multiplice	Multiplum — multiplicem
Sextuplo	Sextuplo		
Séptuplo — septemplice	Septuplum — septemplicem		

d) *Fraccionarios*. Era imperfeita entre os latinos a numeração fraccionaria; os numeros ordinaes, com a palavra *pars* subentendida era o systema adoptado. O port. adoptou egualmente os ordinaes até o numero 10, com alteração nos dois primeiros, e dahi por deante aggregou aos numeros cardinaes a expressão *avos*, separada de *oitavos*, e considerada como nome plural designativo de fracção, simplificando deste modo o systema fraccionario, que recebeu da lingua-mãe. Exs.:

1/2 = um meio = dimidia (pars)
1/3 = um terço = tertia (pars)

1/4 = um quarto = quarta (pars)
3/5 = trez quintos = tres quintae (partes)

260. INDEFINIDOS:

Algum	←	alig' unum ← aliquum unum
Alguem	←	aliquem
Algo	←	aliquod
Nenhum	←	nem um ← nec unum
Ninguem	←	nec quem
Nada	←	nata (da phrase — *nulla re nata*)
Outro	←	alterum
Outrem	←	(formação analogiea — *alguem, ning*
Al	←	aliud
Todo, toda, tudo	←	totum, totam, totum (arch. todo)
Muito, muita	←	multum, multam
Pouco, pouca	←	paucum, paucam
Tanto, tanta	←	tantum, tantam
Certo	←	certum, certam
Cada	←	gr. kata, segundo outros — lat, quemdam

Pronomes pessoaes

261. Tractando da flexão, já assignalámos a origem latina dos pronomes pessoaes:

Eu	←	eo	←	ego
Tu	←	tu		
Elle, ella	←	ille, illa		
Nós	←	nos		
Vós	←	vos		
Elles, ellas	←	formação analogica		
Me	←	me		
Mim	←	mihi		
Migo	←	migo	←	mecum
Te	←	te		
Ti	←	tibi		
Tigo	←	tego	←	tecum
Se	←	se		
Si	←	sibi		
Sigo	←	sego	←	secum
O, a	←	lo, la	←	illum, illam
Lhe	←	illi		
Nos	←	nos		
Vos	←	vos		
Os, as	←	los, las	←	illos, illas
Lhes	←	illis		

VERBOS

262. Uma comparação entre a conjugação portugueza e a latina revela para logo a etymologia latina de todas as nossas fórmas verbaes, apesar das transformações nellas operadas pelas alterações phoneticas e analogicas.

Conserva o portuguez da conjugação latina — *vozes, modos, tempos, numeros* e *pessoas*.

263. Vozes. São estas em portuguez como em latim, a *activa*, a *passiva* e a *medio-passiva* ou *reflexa*. Possuia o latim fórmas syntheticas ou organicas para a *activa*, que transmittiu ao portuguez, como *amare* = *amar;* para a *passiva* só possuia o latim fórma organica ou simples, para os tempos da 1.ª série, que se prendiam ao thema do presente, como — *amari* = *ser amado, amor* = *sou amado*, etc.; para os tempos, porém, da 2.ª série, que se prendiam ao thema do perfeito, o latim só possuia fórmas complexas ou periphrasticas, como

— *amatus sum, eram, fui* = *sou, era, fui amado.* O portuguez (como as outras linguas romanticas) rejeitou aquellas, e generalizou estas para todos os tempos da *passiva.* A voz *medio-passiva* ou *reflexa* não possuia em latim, como possue em grego, fórmas simples; era formada com o auxilio de pronomes obliquos em relação de identidade pessoal com o sujeito. O portuguez emprega egualmente este processo: *eu me amo, elle se ama,* etc.

264. VERBOS DEPOENTES. Verbos depoentes latinos eram os que, tendo fórma passiva, tinham significação activa, como — *admirari* = *admirar, sequi* = *seguir, nasci* = *nascer.* Taes verbos, no b. lat. e nas linguas romanicas, assumiram fórma activa: *admirare, sequere, nascere.* — Em portuguez dá-se egual phenomeno, com alguns participios passivos, p. ex.: *homem lido, acreditado, viajado, confiado, atrevido.*

265. MODOS, TEMPOS, NUMERO E PESSOAS. Estudando atraz o quadro systematico das flexões verbaes da conjugação latina e da vernacula, já tivemos opportunidade de assignalar o etymo latino dos *modos, tempos, numeros* e *pessoas* dos verbos portuguezes.

266. Dá-se o nome de verbos *regulares* aos verbos cujas flexões se moldam pelos *paradigmas* dos quatro typos geraes já estudados, e *irregulares* ou *anomalos* aos que se apartam, nas flexões ou no thema, desses paradigmas ou modelos.

Tal divisão, porém, mais se accommoda ás conveniencias practicas da grammatica expositiva, que ao criterio scientifico da grammatica historica.

As transformações phoneticas regulares e as leis da analogia formaram paulatinamente esses typos geraes dos verbos regulares; o mesmo processo historico deu origem a esses typos particulares e individuaes dos chamados verbos irregulares. Do ponto de vista, pois, da grammatica historica não ha propriamente verbos irregulares, porquanto todos obedecem, na sua variedade flexional e conjugativa, ás leis das alterações phoneticas e analogicas.

De facto, tanto, na formação dos typos geraes, como na dos especificos de flexão verbal, concorreram essas duas for-

,as transformadoras, porém é notavel o papel saliente da analogia nesse concurso para a uniformização das fórmas divergentes. Por conseguinte, o conhecimento das leis da phonetica historica e dos principios de analogia explana todas as fórmas verbaes, tanto as chamadas regulares, como as chamadas irregulares.

No estudo do processo formativo desses typos de conjugação, importa distinguir entre os verbos de *flexão forte* ou *rhizotonicos* e os de *flexão fraca*. Os primeiros são aquelles nos quaes a tónica incide sobre o thema no preterito perfeito, como: *fiz, pude, trouxe;* e os segundos os que, no preterito perfeito, recebem a tónica na terminação, como — *louvei, vendi, subi.*

No estudo das flexões verbaes, já mostrámos o étymo latino das fórmas regulares das quatro conjugações; vejamos agora a origem etymologica de alguns verbos irregulares em suas fórmas conjugativas.

1.ª CONJUGAÇÃO

DAR

Dou ←— (por alongamento de) do, **dás** ←— das, **dá** ←— dat, damos ←— damus, daes ←— dades ←— datis, **dão** ←— dant.
Dava ←— dabam, davas ←— dabas, **dava** ←— dabat, etc.
Dei ←— dedi, déste ←— dediste, deu ←— (por analogia com a 3.ª pess., p. perf.. 2.ª conj.) dedit, demos ←— deemos ←— dedimus, déstes ←— deestes dedistes, deram ←— dederunt.
Dera ←— deera ←— dederam, deras ←— deeras ←— dederas, dera ←— dederat, etc.
Darei ←— (l. romanica) dare+habeo, darás ←— dare + habes, etc.
Daria (l. romanica) dare + habebam, darás ←— dare + habebas, etc.
Dá ←— da, dae ←— dade ←— date.
Dê ←— dem, dê ←— det, demos ←— demus, etc.
Désse ←— dedissem, desses ←— dedisses, désse ←— dedisset, etc.
Der ←— dederim, deres ←— dederis, der ←— dederit, etc.
Dar ←— dare, dado ←— datum, dando ←— dando.

Obs. O phenomeno de alongamento da 1.ª pess. (do ←« dou) dá-se egualmente com — *sum* ←« *sô* ←« *sou*, *sto* ←« *estou*. Porém no v. port. encontra-se *dao* = *dou*, onde a vogal thematica (a) apparece por influencia das outras pess., e por isso, o Dr. A. R. Vasconcellos prefere o seguinte etymo: *do* ←« *dao* ←« *dau* ←« *dou*.

ESTARE

Estou ←« stou ←« sto, estás ←« stas, está ←« stat, estamos ←« stamus, estaes ←« stades ←« statis, etc. estão ←« stant.

Estava ←« stabam, estavas ←« stabas, estava ←« stabat. etc.

Estive (lat. steti) formou-se por analogia com — tive, tiveste, teve, etc.

Estivera — (lat. steteram) formou-se analogicamente do thema temporal *estiv*. cf. *tivera*).

Estarei ←« (f. romanica) stare+habeo, estarás ←« stare+habes, etc.

Estaria (f. romanica) stare+habebam, estarias ←« stare+habebas, etc.

Esteja (lat. stem. stes, stet, etc. que deu no v. port. estê, estês, estê, etc.) formou-se por analogia com seja, sejas, seja, etc.).

Estivesse (lat. stetissem) desenvolveu-se, sob a acção analogica, do thema temporal do p. perf. *estiv*.

Estiver — obedeceu á mesma influencia analogica que a do antecedente.

Estar ←« stare, estado ←« statum, estando ←« stando.

2.ª CONJUGAÇÃO — themas em *e*

SER

Sou ←« (por alongamento de) sõ ←« som ←« sum, és ←« es, é ←« est, somos, (pop. semos), ←« sumus, sois ←« sões ←« sodes (tirado analogicamente da 1.ª pess. plur. *somos*), são ←« sunt.

Era ←« eram, eras ←« eras, era ←« erat, éramos ←« erâmus, éreis ←« eráis ←« eradis ←« eratis.

Fui ←« fui, foste ←« fuiste, foi ←« fuit, etc.

Fôra ←« fueram, fôras ←« fueras, fôra ←« fuerat, etc.

Serei (f. romanica) essere+habeo, serás ←« essere +habes.

Seria ←« (f. romanica) essere+habebam, serias ←« essere+habebas.

Sê e **Sêde,** deduzidos analogicamente, das 2.as pess. do pres. do indic. pop. *semos* e *sedes*, como *vê* e *vêde* de *vês* e *vêdes*.

Seja — (lat. sim) ←« seia ←« sêa ←« sia ←« siam (lat. pop.).

Fosse ← fuissem, fosses ← fuisses, fosse ← fuisset, fóssemos ← fuissemus, fosseis ← fuissedes ← fuissetis, fossem → fuissent.

For ← fuere ← fuerim, fores ← fueris, for ← fuerit, etc.

Ser ← (lat. class. **esse**) **essere b. lat.**, sido (f. analogica — vendido, sabido, etc.), sendo (f. analogica — vendendo sabendo).

HAVER

Hei ← hái ← haio ← haveo ← habeo, has ← hais ← **haves** ← **habes, ha** ← hai ← have ← habet, havemos → habemus, haveis → havedes ← habetis, hão → (sob á acção de dão, são) habent.

Havia ← haveva ← habebam, havias ← havevas ← habebas, havia ← haveva, ← habebat, etc.

Houve ← (hauvi) ← habui, houveste ← (hauvisti) — habuisti, houve ← hauve ← habuit, etc.

Houvera ← hauvera ← habueram, houveras ← hauveras ← habueras houvera ← hauvera ← habuerat, etc.

Haverei (f. roman.) habere+habeo, haverá ← habere+habes, etc.

Haveria (f. roman.) habere+habebam, etc.

Haja ← habiam (lat. pop. ← habeam, hajas ← habias (lat. pop.) ← habeas, etc.

Houvesse ← hauvesse ← habuissem, houvesses ← hauvesses ← habuisses, etc.

Houver ← hauvere ← **habuerim**, houveres ← hauveris ← **habueris**, etc.

Haver ← habere, havido ← habi**tum**, **havendo** ← habendo.

PODER

Posso ← possum, podes ← potes, **póde** ← potest, podemos (**lat. possumus, f. analogica**), podeis ← podees ← podedes (**lat. potestis**) ← potetis (f. pop.), podem (lat. possunt, f. analogica).

Podia (**lat.** class. poteram) ← poteva ← potebam (**lat. pop.**) podias ← potebas (lat. pop.), podia ← potebat (lat. pop.), etc.

Pude ← poude ← potui, pudeste ← poudeste ← potuisti, pôde ← poude ← potuit, pudemos ← poudemos ← potuimus ← pudestes ← poudestes ← potuistis, puderam ← pouderam ← potuerunt.

Pudera ← poudera ← potuéra (lat. pop.) potuĕram (lat. class.), puderas ← pouderas ← potueras (**lat. pop.**) ← potueras (lat. class.), pudera ← poudera ← potuéra pop. ← potuerat, etc.

Poderei (f. roman.) ← potere+habeo poderás ← potere +habes, etc.
Poderia (f. roman.) ← potere+habebam, etc.
Pudesse ← poudesse ← potuissem, pudesses ← poudesses ← potuisses, etc.
Puder ← poudere ← potuéri (lat. pop.), ← potuĕrim puderes ← pouderes ← potuérislat. (pop.) ← potuĕris, puder ← pouder ← potuéri ← potuĕrit, etc.
Poder ← (lat. posse, arch. potesse), potére (lat. pop.), podido (f. analogica), podendo (f. analogica).

TER

Tenho ← tenio (lat. pop.) ← teneo, tens ← tees ← tenes, tem ← tẽe ← tenet, temos ← tẽmos, ← tenemus, tendes ← tẽedes ← tenentis, teem ← tẽem ← tenent.
Tinha ← tiinha ← teinha ← teinia ← tenĭa ← teneva ← tenebam, tinhas (através das fórmas interm. egual ás da 1.ª pess.) ← tenebas, tinha (id.) ← tenebat, etc.
Tive ← teive ← tẽve ← tenui, tiveste ← tẽveste ← tenuisti, teve ← tẽve ← tenuit, tivemos ← tẽvemos ← tenuimus, tivestes ← tẽvestes ← tenuistis, tiveram ← tẽveron ← tenuerunt.
Tivera ← tenuéra (lat. pop.) ← tenuĕram, etc.
Terei (f. roman.) tenere+habeo, etc.
Teria (f. roman.) tenere+habebam, etc.
Tenha ← tenia (lat. pop.), ← teneam, tenhas ← tenias (lat. pop.) ← teneas, tenha ← tenia (lat. pop.), ← teneat, etc.
Tivesse ← teivesse ← tẽvesse ← tenuissem.
Tiver ← teiver ← tenuére ← tenuerim.
Ter ← teer ← tẽer ← tenere, tido (lat. tentum, v. port. teudo) f. analogica — *vendido, sahido.*

DIZER

Digo ← dico, dizes, ← dicis, diz ← dize ← dicit etc.
Dizia ← dicebam, dizias ← dicebas, dizia ← dicebat, etc.
Disse ← dixi (=dicsi), disseste ← dixisti, etc.
Dissera ← dixeram (=dicseram), disseras ← dixeras, etc.
Direi ← (f. roman.) dicere+habeo, dizerei (arch. e pop.).
Diria ← (f. roman. dicere+habebam), dizeria (arch. e pop.)
Diga ← dicam, digas ← dicas, diga ← dicat.
Dissesse ← dixissem, dissesses ← dixisses, etc.
Disser ← dixer ← dixerim, disseres ← dixeris, etc.
Dizer ← dicere ← dicere, dicto ← dictum, dizendo ← dicendo.

3.ª CONJUGAÇÃO — themas em *i*

PEDIR

Peço ← (lat. peto → pido, arch. e pop.) petio (lat. pop.) petis, pede ← petit, etc.
Pedia ← petebam, pedias ← petebas, pedia ← petebat, etc.
Pedi ← petii ← petivi, pediste ← petuiste ← petivisti, pediu ← petivit, etc.
Pedira ← petiveram, pediras ← petiveras, etc.
Pedirei ← (f. roman.) petire+habeo.
Pediria ← (f. roman.) petire+habebam, etc.
Pede ← pete, pedi ← petite, etc.
Peça ← (lat. petam → pida, arch.) petiam (lat. pop.), peças ← (lat. petas ← pidas) petias (lat. pop.), peça (lat. petat ← pida), petiat, etc.
Pedisse ← petiisse ← petivissem, pedisses ← petiisses ← petivisses.
Pedir ← petiiri ← petiverim, pedires ← petiires ← petiveris, etc.
Pedir (lat. class. petĕre) ← petire (l. pop.), pedido ← petitum, pedindo (lat. petendo) ← petiendo (lat. pop.).

VIR

Venho ← venio, vens ← vẽes ← venis, vem ← vẽe ← venit. vimos ← vīmos ← vẽimos ← *venimus*, vindes (=vīdes) ← vīindes → vẽides ← venitis, veem (lat. veniunt) f. analogica sob a influencia de — *teem, sentem*, etc.).
Vinha ← viinha ← vinhia ← veniia ← venieva ← veniebam, vinhas ← através das f. intermedias eguaes ás da 1.ª pess.) veniebas, etc.
Vim ← vīi ← vẽi ← veni, vieste ← vẽeste ← venisti, veio ou veiu ← lat. venit (f. analogica *partiu, ouviu*), viemos ← vẽemos ← venimus, viestes ← vẽestes ← venistis, vieram ← vẽeron ← venerunt.
Viera ← venieram, vieras ← venieras, etc.
Virei ← (f. roman.) (venire+habeo) (arch. verrei, vynra e vinra).
Viria ← (f. roman.) venire+habebam, etc.
Vem ← vẽi ← veni, vinde ← venite.
Venha ← veniam, venhas ← venias, venha ← veniat. etc.
Viesse ← veniessem, viesses ← veniesses, viesse ← veniesset, etc.
Vier ← viere ← venierim, vieres ← venieris, vier ← venierit (arch. viinr, veniere, viere, veenir).
Vir ← viir ← vīir ← venire, vindo ← venitum. vindo ← veniendo.

I R

Contem a conjugação do v. **ir** trez verbos morphologicamente differentes, porém ideologicamente semelhantes —— *ire, vadere* e *fugere*. Este ultimo perde o *g* intervocalico (*fuere*), e vem confundir-se com sua fórma, com o perf. de *sum* (fui). Ha, pois, trez themas distinctos na formação dos tempos deste verbo.

Vou ← vâu ← vao ← vado, vaes ← vades ← vadis, vae ← vadit, vamos ← vadimus, ou imos ← imus, ides ← itis, vão ← vadunt.

Ia → iva ← ibam, ias ← ibas, ia ← ibat, iamos ← ibamus, ieis ← iaes ← iades ← ibatis, iam ← ibant.

Fui ← fui (lat. pop.) ← fugi, foste ← fuiste ← fugiste, foi ← fui ← fugit fomos ← fuimus ← fugimus, fostes ← fuistis ← fugistis, foram ← fuerunt ← fugerunt.

Fôra ← fueram ← fugeram, foras ← fueras ← fugeras, fôra ← fuera ← fugerat, foramos ← fueramus ← fugeramus, fôreis ← forais ← forades ← fugeratis, foram ← fuerant ← fugerant.

Irei ← (f. roman.) ire+habeo, etc.

Iria ← (f. roman.) ire+habebam, etc.

Vae ← vade, ide → ite.

Vá ← vaa ← vadam, vás ← vades, vá ← vadat, vamos ← vaamus, ← vadamus, vades ← vaadis ← vadis, vão ← vaam ← vadant.

Fosse ← fuissem ← fugissem, fosses ← fuisses ← fugisses, fosse ← fuisset ← fugisset, fossemos ← fuissemus ← fugissemus, fosseis ← fossees fossedes ← fuissetis ← fugissetis, fossem ← fuissent ← fugissent.

For ← fore ← fuerim ← fugerim, fores ← fuĕris ← fugeris, for ← fuerit ← fugerit formos ← fuerimus ← fugerimus, fordes ← foredes ← fueritis ← fugeritis, forem ← fuerint ← fugerint.

Ir ← ire (vadere e fugere), ido ← itum, indo ← (lat. eundo), f. analogica.

Etymologia do adverbio

267. O latim formava adverbios de adjectivos dando a estes, conforme a sua classe, as desinencias *-e, -er, iter* = *misere, misserrime, prudenter, fortiter, pariter.*

Além deste processo, possuia o latim outro, que consistia em dar valor adverbial a certos adjectivos no *accusativo* e *ablativo*: *multum* = *muito, paucum* = *pouco, manifes-*

to = *manifestamente, raro* = *raramente, fortuito* = *casualmente, subito* = *subitamente.* Conservou o portuguez este processo: *fallar alto, não raro, trabalhar pouco.*

268. Um processo novo, porém, desenvolveu-se em portuguez e nas outras linguas romanicas do Occidente, na formação do adv. de modo, o qual consiste em agglutinar-se o subst. feminino *mente* (← *mentem*) = *maneira, intenção,* aos adj. qualificativos, que assumem por concordancia flexão feminina — *justamente, honradamente, agradavelmente, cruamente.*

Serviu de typo a esta formação a locução adverbial latina: *bona mente* = *de boa mente, intrepida mente respondeo* (Hier.)

No v. port., como nestas expressões latinas, guardava o subst. *mente* a sua plena autonomia, escrevendo-se separadamente de seu respectivo adject. — *fera mente.*

Ainda hoje guarda essa attitude na locuç. adverbial — *de boa mente*: *fazer alguma coisa de boa mente.*

Pouco a pouco o habito foi englobando na pronuncia os dois elementos desse grupo nominal e o subst. agglutinado ao adject., ou, melhor, este áquelle, deu ao subst. *mente* o caracter de um mero suffixo adverbial, não obstante a concordancia do adject. Entretanto, dizemos, sem esta concordancia — *portugueʒmente, franceʒmente, hespanholmente,* por terem sido invariaveis estes adjectivos em *-eʒ* e *-ol,* na época dessa formação.

269. De muitos outros adverbios temos a etymologia latina, que se vê em seguida:

Bem	←	bene	Mais	←	magis
Mal	←	male	Menos	←	minus
Aqui	←	a + qui	Muito	←	multo
Ahi	←	a + i (i ← ibi)	Sempre	←	semper
Ali	←	a + li (l ← ← illic)	Nada	←	nata (nulla re nata,)
Lá	←	illac (arch. ala)	Traz	←	trans (atraz ← ad + trans)
Além	←	ali + ende (← ad + illic + inde)	Não	←	non
			Nunca	←	nunquam
			Sim	←	sic

Aquem	←	eccu' inde
Antes	←	ante
Avante	←	abante (lat-popular)
Já	←	jam
Cá	←	ecce + hac (arch. acá)
Acolá	←	eccu' illac
Após	←	a+post
Alhures	←	aliorsum
Dentro	←	de+intro
Fóra	←	foras
Cerca	←	circa
Onde	←	unde
Hoje	←	hoc+die
Amanhã	←	a+*maniana
Ora	←	hora
Agora	←	hac+hora
Tambem	←	tam+bene
Eis	←	ecce
Quiçá	←	quizá (hesp.) =quien sabe
Cedo	←	cito
Acinte	←	ad + scientem
Assim	←	ad+sic
Adiante	←	ad+in+ante
Ainda	←	ad+inde
Assaz	←	ad+satiem
Acima	←	ad+cimam
Adrede	←	ad+directe
Acaso	←	ad+casum
Aliaz	←	alias
Arriba	←	ad+ripam
Talvez	←	tali+vice
Depois	←	(despois) de+ex+pont
Então	←	in+tunc (archaico enton).
Longe	←	longe
Tarde	←	tarde
Tanto	←	tantum
Hontem	←	ad+noctem
Embora	←	em + boa + hora
Quasi	←	quasi

Etymologia das preposições

270. O latim é a fonte etymologica da quasi totalidade de nossas preposições, algumas, porém, nos vieram do grego ordinariamente através do latim.

A	←	ad
Ante	←	ante
Após	←	a+post
Até	←	ad+tenus (outros arab. atah)
Com	←	cum
Contra	←	contra
De	←	de
Desde	←	de + ex + de (arch. des = de+ex)
Em	←	in
Per	←	per
Por	←	pro
Para	←	per+ad
Sem	←	sine
Sobre	←	super
Sob	←	sub
Traz	←	trans

Etymologia das conjuncções

271. As conjuncções vieram das conjuncções latinas, bem como de adv. e subst.:

E	←—	et	Entretanto	←—	inter+tanto
Nem	←—	nec	Logo	←—	loco
Ou	←—	aut	Quando	←—	quando
Mas	←—	magis	Como	←—	quomodo (arch. comoo)
Porém	←—	por+en (en =inde)	Que	←—	quid
Todavia	←—	tota+via	Se	←—	si
Pois	←—	post (—→ pôs + pous —→ pois)	Senão	←—	si+non

Etymologia das interjeições

272. Mero sinal de uma exclamação instinctiva, a interjeição brota espontanea da organização physiologica e psychologica de cada povo, e não possue, em regra, genealogia grammatical. Bem poucas são, por isso, aquellas a que se possa traçar origem etymologica.

Ai	←—	væ (arch. guai)
Eis	←—	ecce (G. Viana : *haveis*)
Eia	←—	eia gr. (através do lat.)
Sus	←—	sus lat.
Apage	←—	apage gr. (atrav. do lat.)
Oxalá	←—	ojálá, hesp. ←— in+xa Aláh = queira Deus (ár.).

CAPITULO I

CONSTITUIÇÃO DO LEXICO PORTUGUEZ

273. TRIPLICE ORIGEM DO LEXICO PORTUGUEZ. O lexico portuguez é constituido de vocabulos oriundos de trez origens historicas:

1.ª LATINA. O latim é a origem primaria de nossos vocabulos e a mais importante.

2.ª VERNACULA. A propria lingua vernacula fornece, por meio de processos internos de derivação e composição, novos vocabulos, que augmentam constantemente o lexico.

3.ª EXTRANGEIRA. Em todas as épocas, as linguas extrangeiras, já por meio do latim, já directamente, contribuiram com larga cópia de dicções, que se vão incorporando no nosso vocabulario.

Já estudámos a origem latina do lexico portuguez, primeiro demonstrada por Frederico Diez (1824—1834), por meio de transformações phoneticas e morphologicas, tendo subido, através do *romance* ao etymo latino de nossos vocabulos.

Resta-nos agora, antes de entrar no estudo da Syntaxe, encarar o aspecto *movel* de nosso lexico, analysar os *elementos* diversos, que entram em sua constituição, e, finalmente, estudar a sua evolução semantologica.

CAPITULO II

MOBILIDADE DO LEXICO

274. O lexico de todas as linguas vivas é essencialmente movel: palavras surgem e palavras desapparecem, perdem significações antigas e adquirem novas. Filha do homem, a palavra reflecte-lhe o destino: como elle, nasce, vive, transforma-se, adoece, morre e, até, resuscita.

Essa extrema mobilidade do lexico não se realiza tão sómente no dominio da lexicologia e da semantica, mas extende-se a todos os dominios grammaticaes: á Phonetica, á Morphologia, bem como á Syntaxe.

Estudemo-la, porém, em seu aspecto geral, quanto ao *neologismo* e *archaismo, fórmas syncreticas, divergentes,* e *dialectos.*

I. Neologismo e archaismo.

275. O *neologismo* e o *archaismo* assignalam o duplo phenomeno caracteristico da vida da linguagem, no apparecimento e desapparecimento de palavras.

Já o poeta romano comparava este duplo phenomeno com o cahir das folhas e o repontar de outras. Como na

estação hybernosa deixam as arvores cahir as folhas amarellecidas, para que outras novas e vigorosas lhes preencham o logar; assim a lingua, em seu continuo evolver, vae perdendo palavras, que ficam nos archivos do passado, emquanto outras vão surgindo aptas e euphonicas para as novas necessidades, na expressão cada vez mais ampla e precisa do pensamento

1.º NEOLOGISMO. O *neologismo* corresponde ao apparecimento, ou á transformação de sentido de um termo, que vem satisfazer uma necessidade nova de expressão.

Diversas são as causas que podem determinar um *neologismo*: a necessidade de nomear um novo objecto, a gyria popular, e a propria ignorancia dos recursos vernaculos.

Póde-se dividir o neologismo em duas categorias ··· o *intrinseco* e o *extrinseco*.

a) Neologismo intrinseco é o formado no seio da propria lingua por uma derivação ou composição analogica, e que em época recente, sob o influxo de uma causa eventual, se introduz na lingua, taes os seguintes termos relativamente modernos — *cartista, septembrista, abrilada, bernada, mundial, evoluir, aprioristico, estadual, parrecista, ferrovia, ferroviario.*

Dando certa extensão ao termo, podemos incluir nesta classe os numerosos vocabulos de elementos latinos e gregos, cunhados pelos poetas e pelos homens de sciencia desde o sec. XVI, taes como: *grandiloquo, undivago, belligero, aligero, prono, lepido, sapido, telepathia, glottologia, cinematographo, altruismo, aero-plano.*

b) Neologismo extrinseco é o termo importado de lingua extrangeira, em periodo relativamente moderno, e que toma o nome de sua procedencia, taes como:

1.º *Francezismo*, do *fr.*: *bouquet, chalet, soirée.*
2.º *Hespanholismo*, do *hesp.*: *fandango, caramba.*
3.º *Italianismo*, do *ital.*: *piano, pasquim, violoncello.*
4.º *Anglicanismo*, do *ingl.*: *beef, sport, high-life, club.*
5.º *Germanismo*, do *allem.*: *vagão, quartz, zinco.*

2.° ARCHAISMO. O *archaismo* corresponde á morte ou desapparecimento de uma palavra, ou ainda á obliteração de um sentido supplantado por outro, operando-se então mera archaização de sentido ou archaismo semantico.

A causa geral determinante deste phenomeno glottico, que caracteriza uma feição importante da mobilidade do lexico, é ordinariamente o desapparecimento do objecto nomeado, com a mudança continua da vida e costumes sociaes. Não raro, porém, origina-se o archaismo na ignorancia e pedantismo de certa época, no esquecimento dos escriptores, que deste modo concorrem para a perda de termos de bom cunho vernaculo, muitos dos quaes felizmente reapparecem, sob o influxo de bons escriptores, numa como resurreição vindicativa, produzindo, no dialecto literario um neologismo por archaismo.

276. Duarte Nunes de Leão (1606), em sua *Origem da lingua*, menciona 128 palavras já archaizadas em seu tempo, algumas das quaes resurgiram na linguagem culta, como — *confortar, acoimar, aleive, arrefecer, estugar, sanha, lidimo, ufano.*

277. O archaismo não se restringe tão sómente ao lexico da lingua, mas invade largamente a esphera grammatical. No movimento evolutivo do portuguez, vão-se archaizando, não só *pronuncia, fórmas* e *sentidos*, mas ainda *processos syntacticos.*

Muitos *archaismos orthographicos* pullulam nos velhos textos: *rey, lex, onrras.*

Egualmente superabundam os *archaismos morphologicos*, nos velhos documentos da lingua, muitos dos quaes foram substituidos por fórmas *cognatas*, oriundas, em geral, ou da evolução phonetica, ou de reacção erudita, que modifica o vocabulo segundo o typo etymologico. Exs.:

Soffrença	soffrimento
Perdoança	perdão
Geolho	joelho
Creança	creação
Sabudo	sabido
Auto	acto
Aspeito	aspecto
Bautizar	baptizar
Dada	data
Degredo	decreto
Cossario	corsario
Usso	urso
Egicião	egypcio
Romão	romano
Romã	romana
Oscuro	obscuro
Leçon	lição
Leixar	deixar
Fruito	fructo
Colleitor	collector
Luyta	lucta
Sô	sob
Loar	louvar
Jurdição	jurisdicção
Contino	continuo
Nuve	nuvem
Noa	nona
Consirar	considerar
Regerar	regenerar
Segre	seculo
Cobra	copla
Fremoso	formoso

II. Fórmas syncreticas.

278. Não devemos confundir as fórmas *syncreticas* com as fórmas *divergentes*. O phenomeno do *syncretismo* vocabular, que caracteriza o periodo archaico da lingua, é differente do da *divergencia* de fórmas, que caracteriza a evolução de muitos termos latinos, como já mostrámos nos §§ 145 - 156.

279. SYNCRETISMO VOCABULAR E DISCIPLINA GRAMMATICAL. O apparecimento das primeiras grammaticas no sec. XV, a de Fernão de Oliveira em 1536 e a de João de Barros em 1539, e o de outros trabalhos sobre a lingua, como o de Jeronymo Cardoso em 1570, o de Duarte Nunes de Leão em 1576, o de Amaro Roboredo em 1613, o de Alvaro Ferreira de Vera em 1631, o de Bento Pereira em 1634, etc., abriram o periodo da *disciplina grammatical* do portuguez, em que a lingua se foi fixando, e restringindo o circulo de suas oscillações, diminuindo progressivamente o *syncretismo vocabular*.

Para o estudo das *fórmas syncreticas*, remettemos o alumno aos §§ 151 a 156.

III. Fórmas divergentes ou duplas.

280. O phenomeno da divergencia ou duplicidade de fórma de um vocabulo, não consiste, como o syncretismo

vocabular, na vacillação ou incerteza da pronuncia, porém ordinariamente na direcção *dupla, tripla*, e, ás vezes, *quadrupla* de sua evolução phonetica, como — *coronam* ⟶ *coroa* e *coronha, regulam* ⟶ *regua, regra* e *relha, maculam, magua, malha, mancha* e *macula*. Nos §§ 145 a 150 tractámos destas *fórmas*, que representam papel importante na mobilidade evolutiva de nosso lexico. Para lá remettemos o alumno.

Obs. O nosso termo *feitiço* e o *fetiche* do fr. são fórmas divergentes, sendo esta mera deturpação daquella, que nos foi recambiada. O mesmo aconteceu com o *commodore* do ingl., que é o nosso *commendador*, deturpado e recambiado. — Em nomes proprios temos fórmas divergentes: *Eduardo* e *Duarte, Isidoro* e *Isidro, Roderico* e *Rodrigo, Tiago* e *Jacob, Diogo* e *Diar*.

IV. O dialecto.

281. Em geral chama-se *dialecto* a differenciação regional de uma lingua, e ao processo lento dessa differenciação dá-se o nome de *dialectação*. Assim no decurso de 2.000 annos operou-se, na região occidental da peninsula Iberica, a dialectação do latim em portuguez. O portuguez, pois, como o hespanhol, o francez e o italiano, são *dialectos* do latim. No seio, porém, do portuguez, tanto em Portugal como no Brasil, operam-se differenciações dialectaes, que são tanto mais rapidas, quanto menos intensa fôr a acção conservadora da literatura.

O conceito, porém, do *dialecto* é vago, pois difficil, senão impossivel, é determinar-se o *quantum satis* dessas differenciações lexicas e grammaticaes para se constituir o dialecto. Qualquer desvio do typo normal da lingua, por insignificante que seja, ensina Whitney, é uma differenciação dialectal. Nesta linha geral, lançada por este illustre glottologo, ha uma concepção ampla e mais definida de dialecto, que consiste em chamar-se dialecto qualquer differenciação de linguagem no falar de uma região ou de uma classe social. Deste ponto de vista, temos não só os dialectos *continental, insulano* e *ultramarino*, no seio do portuguez, mas ainda o dialecto *literario*, o dialecto *popular*, etc.

Seja, porém, qual fôr o modo por que encaremos o conceito de *dialecto*, o movimento dialectal apresenta-se como a actividade ingenita da lingua, e o dialecto como o ponto

de confluencia da extrema mobilidade do lexico e das fórmas grammaticaes.

O latim, transportado para a faixa occidental da Peninsula, no 2.º sec. antes da éra christã, separa-se paulatinamente do hispano-romano, no *dialecto portugalense*, que com a nacionalidade portugueza, constituida em 1143, adquiriu os fóros de lingua, sem perder por isso o caracter de dialecto latino.

Na Galliza, situada ao norte do Minho, mas cujos limites variaveis na edade-média, se extenderam, no sec. XI, até as margens septentrionaes do Tejo, cobrindo a região portugalense, desenvolveu-se anteriormente o *dialecto gallezíano*, denominado *romanço* ou *rymance*, *paladino* ou *tadino*, que attingira notavel preeminencia entre os dialectos hispano-romanos nos tempos medievicos.

Ao sul dessa faixa occidental da Peninsula, onde predominava o elemento neo-arabe, julgam alguns que um outro dialecto se constituira com o nome de *aravio*. F. M. Pacheco Junior chega mesmo a conjecturar que o portuguez nasceu da fusão do *dialecto gallego* com o *aravio* (Introd. Gr. Hist., 44). O que, porém, é mais provavel, é que o *aravio* fosse o proprio arabe das populações mourescas do sul, e que o gallego fosse identico ou quasi identico ao dialecto portugalense, que daquelle se desaggregou para se constituir em lingua com a creação do reino de Portugal, ao passo que o gallego se immobilizou pela falta de estimulo de nacionalidade. Além do elemento *politico* para a ascendencia do dialecto portugalense, havia, como observa Theophilo Braga, um elemento *ethnico*. Os suevos, povo barbaro, rechassados pelos visigodos, a quem tinham precedido na invasão da Peninsula, vieram estabelecer-se na Lusitania no sec. V, e, de mistura com as populações celticas, lançaram os germens da resistencia *ethnico-politica*, que deviam mais tarde desabrochar na nacionalidade e na lingua.

282. Codialectos. Quatro *codialectos* existem do portuguez, segundo o eminente romanista Dr. J. Leite de Vasconcellos, os quaes, por circumstancias historicas, se estacionaram em seus apertados territorios, emquanto o portuguez se elevou e desenvolveu como lingua de um povo

independente; são elles: o *gallego* ou *gallezíano*, o *mirandez*, o *riodonorez*, e o *guadramilez*. Todos estes, com excepção do primeiro, são fallados em pequenas regiões da provincia de Traz-os-Montes, na fronteira da Hespanha (*Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*).

283. Dialectos. O movimento dialectal continúa, no seio do portuguez, e de seus *actuaes dialectos*, dá-nos o mesmo abalisado auctor acima referido, a seguinte classificação, a saber: *a*) *o continental*, *b*) *o insulano*, e *c*) *o ultramarino*.

a) O *continental* abrange quatro dialectos do continente: o *interamnense*, o *transmontano*, o *beirão* e o *meridional*.

b) O *insulano* comprehende dois dialectos: o *açoriano* e o *madeirense*.

c) O *ultramarino* consiste do dialecto *brasileiro* e do *creolo* da Asia e da Africa, etc.

O portuguez no Brasil e em Portugal

284. A lingua, como a corrente dos grandes rios, vive em perpetuo movimento. De seculo para seculo, de região para região, de individuo para individuo, e, até no mesmo individuo, nas diversas épocas de sua edade, e, mesmo, nos differentes momentos de sua existencia, ha uma continua variação, por vezes *infinitesimal*, na expressão de Whitney que constitue a dialectação das linguas vivas. Quer, pois, a consideremos no tempo, quer no espaço, é do genio da lingua o diversificar-se constantemente. A acção conservadora da literatura torna mais lenta, porém não annulla essa impulsão genial, essa dialectação incessante.

Ha quatrocentos annos que o portuguez do Brasil se segregou do de Portugal. Foi na época de maior esplendor da lingua, no periodo aureo do quinhentismo, que delle se

transplantou para aqui uma vergontea forte e vigorosa, pelos donatarios e colonos, que vieram povoar nossas costas. Bifurcou-se o portuguez, e, sob o influxo de novos factores mesologicos, proseguiu elle aqui a sua evolução genial.

Quatro seculos são passados de uma dupla evolução, e, a esta hora, apresenta a lingua, na historia de sua dialectação divergente, o aspecto de um amplo triangulo cujo apice attinge o sec. XVI, e a cujos pontos extremos da base correspondem já apreciaveis differenciações dialectaes. Deste ponto de vista, apresentam-se o fallar brasileiro e o lusitano como um duplo aspecto da evolução divergente do portuguez quinhentista, e, não raro, se descobrem, como adeante mostraremos, em nossos habitos prosodicos, vestigios quinhentistas, que em Portugal se perderam.

No *lexico*, na *prosodia* e na *syntaxe* vão se accentuando as linhas divisorias entre o portuguez do Brasil e o de Portugal.

I. Lexico.

a) Palavras ha que teem, entre nós, sentido diverso do que se lhes dá em Portugal. Exs.:

		PORTUGAL	BRASIL
Borracho	—	filho de pombo	bebado
Babado	—	part. pass. de babar	id. e folhos de vestido
Botas	—	botinas	calçado de cano alto
Arrear	—	adornar	sellar animaes
Faceira	—	carne da face do boi	mulher casquilha
Fumo	—	fumaça	id. e planta narcotica
Moço	—	creado, empregado	jovem
Fazenda	—	bens, mercadorias	id. e propriedade rural

b) Além dessas differenciações semantologicas, o lexico no Brasil diversifica ainda do de Portugal por consideravel copia de vocabulos oriundos das linguas indigenas e africanas. Mais de 5.000 palavras, segundo Pacheco Junior, dão a nosso lexico decidida vantagem ao de Portugal.

II. Prosodia.

Na prosodia notam-se as seguintes divergencias:

a) As vogaes breves pretonicas são breves aqui e brevissimas, ou, antes, elididas no fallar commum de Portugal. No Brasil dizem — *vêrão, mênino (minimo), pêqueno (piqueno), pêlôtão, sôbrádo, inquilino, quêrer, rêformar.* Em Portugal no fallar corrente taes vocabulos soam — *v'rão, m'nino, p'queno, p'lutão, s'brádo, inqu'lino, qu'rer, r'furmare.*

Obs. Observa o Dr. Julio Cornu que o **e** e **o** átonos, enfraquecidos em Portugal de modo prejudicial á euphonia da lingua, não o eram em épocas anteriores ao sec. XVIII. "Só no Brasil, escreve G. Viana, se observa que aquellas vogaes teem, respectivamente, os valores de *é* (e tambem de *i*, note-se) e do *ó* mais ou menos fechado". (Pron. Norm. Port., pg. 94). De facto, pronunciamos claramente as vogaes átonas *e* e *o*. (*Mênino* e *minino, sôbrado*). Em Portugal, porém, são taes vogaes geralmente eliminadas na pronuncia corrente. "Mesmo no theatro, escreve ainda o illustre romanista acima citado, a não ser por um ou outro actor mais consciencioso e sabedor, estropiam-se por esse vicio de prosodia, versos de Camões, engulindo syllaba... Em um soneto de Camões, o mais afamado de todos, é usual errar-se o 1.º verso do 1.º terceto, pela elisão feita duas vezes do *e* surdo, tirando-lhe duas syllabas!

E se vires que póde merecer-te

que lêem:

E se vir's que póde mer'cer-te"

b) O *e* no diphthongo *ei* e ei (= *em*), e antes de *j, ç, ch, lh, nh*, soa *â* em Portugal: *peito* = *pâito, bem* = *bãi, pêjo* = *pâjo, fecho* = *fâcho, espelho* = *espâlho, tenho* — *tânho.*

c) O hiato *éa* soa lá *êia* (êa): *idéa idêia, platéa platêia.*

Obs. Escreve ainda G. Viana: "Esse valor dado ao *em* (de ei) é um dos poucos restos de archaismo portuguez que tem perdurado no Brasil" (Pron. Norm. Port., p. 95). — E assim neste ponto, como no mencionado na Nota anterior, guardamos com mais fidelidade no Brasil a orthoepia de Camões. — E' possivel ainda que na pronuncia brasileira de *senhóra* guardemos a pronuncia dos quinhentistas. E' pelo menos o que nos parece dos seguintes passos de Camões e Gil Vicente:

Quem póde livre ser, gentil Senhora,
Vendo-vos com juizo socegado,
Se o menino que de olhos he privado,
Na menina de vossos olhos mora?
Alli manda alli reina, alli namora,
Alli vive das gentes namorado
Que o vivo lume, e o rosto delicado
Imagens são adonde Amor se adora.

(Son. LX)

Brisidas, venhas embora:
Qu'he da outra companhia?
Beijo-vo-las mãos, senhora:
Ellas virão logo essora
E estaremos todo o dia.

(Gil Vic., Obrs. 2. 45)

c) O *s* e o *z* no fim das syllabas lá soa *x*, pronuncia recommendada por A. Castilho: *pires* = *pirex*, *paz* = *pax*, *basta* = *baxta*. — Entre nós nota-se esta prosodia em alguns centros de maior influencia lusitana.

III. Syntaxe.

Na syntaxe observam-se alguns factos divergentes, que accusam entre nós tendencias dialectaes.

a) Nas locuç. verbaes frequentativas, ha manifesta tendencia para as fórmas gerundiaes no Brasil — *andar lendo*, *estar escrevendo*, emquanto em Portugal se preferem as fórmas infinitas preposicionaes: *andar a ler*, *estar a escrever*.

b) Na synonymia das prepos. *a* e *em*, no Brasil prefere-se esta, e em Portugal ha uma tendencia para aquella: — *Entremos ao tanque* (C. C. B.), e... *que tinha entrado ao pateo* (id.). No Brasil de preferencia diriamos: *Entremos no tanque*,... *no pateo*.

c) Em Portugal é frequente e no Brasil rara a anteposição do pronome obliquo aos adverbios e ao sujeito: *As almas que lhe lá cahiam* (C. C. B.), — *... se Leonor as não agradecesse* (Id.). — *Se me elle fallar, lhe responderei — Elle me lá foi visitar.* — Taes construcções no Brasil só se encontram no dialecto literario, como imitação classica.

d) E' inusitado em Portugal certo emprego do adv. *mais* em phrases negativas, corrente no Brasil: *Não chove mais, não é mais usado.* Lá se diz exclusivamente: *Já não chove, já não é usado* (J. Moreira).

Seguindo a sua trajectoria dialectal, o portuguez, no Brasil, vae-se distanciando do de Portugal, como se vê, não só no lexico, mas ainda nos varios dominios da grammatica. Sendo a lingua o expoente moral de uma raça, a affirmação caracteristica de uma nacionalidade, é natural que essas differenciações lexicologicas e grammaticaes se vão reflectindo nas producções literarias. Apesar, porém, dessas evoluções divergentes, a lingua portugueza continuará a ser o vinculo moral entre os dois povos irmãos. No desenvolvimento de sua missão historica, ella continuará, em Portugal, fluente e energica, e no Brasil, clara e euphonica. São indoles diversas em um destino commum.

O dialecto indo-portuguez

285. O dialecto ultramarino *indo-portuguez*, classificado pelo Dr. Leite Vasconcellos de *creolo da Asia*, fallado nas possessões portuguezas da India, apresenta um curioso desenvolvimento em sua estructura grammatical e valor semantico. Restringiram-se as flexões verbaes, alterou-se largamente a regencia, desenvolveu-se exuberantemente o uso do adv. *já*, e o verbo *ter* assumiu curiosamente o valor do verbo *ser*. Tudo isso se póde ver na comparação do seguinte trecho do Evangelho de S. João XX. 24—31, traduzido da Vulgata pelo P.e A. Pereira de Figueiredo, e "em dialecto indo-portuguez pelo auctor de "O Livro de Oração Commum":

Dialecto indo-portuguez

Hum de os doze, Thomé, chomado Didymo, não tinha com ellotros quando Jesus já vi. Videaquel os outros discipulos já falla per elle, Nos já olha per o Senhor. Mas elle já falla, Forde eu te olha em suas mãos o sinal de os pregas, e bota meu dedo ne o lugar de os pregos e bota minha mão em seu lado, eu nada cré. E oito dias despois torna seus discipulos tinha dentro, e Thomé com ellotros ; e Jesus já vi, as portas sendo fichadas, e ja impe no meio e ja falla, Paz seja per vosotros. Aquelhora elle ja falla per Thomé. Chega vosso dedo aqui, e olha minhas maõs ; e chega vossa mão aqui, e bota em meu lado ; e não seja sem fé, mas cré. E Thomé ja reposta, e ja falla per elle, Meu Senhor, e meu Deos ! Jesus ja falla per elle, Thomé, videque vosse ja cré : bemaventurados tem ellotros, quem nunca ja olha, e ainda ja cré. E verdadeiramente muitos outros sinais tambem ja faze Jesus em presença de seus discipulos, que neste na tem escrevido : mas estes tem escrevidos, peraque vossotros pode cré que Jesus Christo tem o Filho de Deos ; e peraque crendo vossotros pode tem vida de seu Nome. (Pag. 147)

Portuguez (Pe. A. Figueiredo)

Porém Thomé, hum dos doze, que se chama Didymo, não estava com elles quando veio Jesus. Disserão-lhe pois os outros Discipulos : Nós vimos o Senhor. Mas elle lhes disse : Eu se não vir nas suas mãos a abertura dos cravos, e não metter o meu dedo no ugar dos cravos, e se não metter a minha mão em seu lado, não hei de crer. E oito dias depois, estavam os seus Discipulos, outra vez dentro ; e Thomé com elles. Veio Jesus ás portas fechadas, e poz-se em pé no meio, e disse : Paz seja comvosco. Logo disse a Thomé : Mette aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos, chega tambem a tua mão, e mette-a no meu lado : e não sejas incredulo, mas fiel. Respondeo Thomé, e disse-lhe : Senhor meu, e Deos meu. Disse-lhe Jesus : Tu creste, Thomé, porque me viste : bemaventurados os que não virão, e crêrão. Outros muitos prodigios ainda fez tambem Jesus em presença de seus Discipulos, que não forão escriptos neste Livro. Mas foram escriptos estes, a fim de que vós creais, que Jesus é o Christo Filho de Deos : e de que crendo-o assim, tenhais a vida em seu Nome.

OS ELEMENTOS DO LEXICO

286. Como já vimos, trez são os elementos constitutivos de nosso lexico: o elemento *latino*, o *vernaculo* e o *extrangeiro*.

I. Elemento latino

287. O elemento latino do lexico portuguez é o elemento basico e primordial.

Entre o 2.º e o 1.º sec. antes da éra chistã, os romanos conquistaram a peninsula Iberica, e extenderam o seu domi-

nio até a faixa occidental, que era a antiga Lusitania, e mais tarde Portugal. Para manter a conquista, ahi estabeleceram largos presidios ou quarteis de suas aguerridas legiões. Para lá affluiram colonos romanos e officiaes do governo. Foram estes os introductores do hispano-romano, de que se separou, seculos depois, o portuguez. Legionarios incultos e povos barbaros, possuiam, é bem de ver, acanhado circulo de idéas e necessidades, e, consequentemente, pobre e restricto vocabulario, que estava, entretanto, destinado a expandir-se prodigiosamente no correr dos seculos.

O anno 210 antes da éra christã foi o inicio da romanização da Peninsula. Publio Cornelio Scipião ahi desembarcou nessa data suas invictas legiões, e, após differentes vicissitudes, implantou definitivamente o dominio de Roma.

Os conquistadores impuzeram aos vencidos a propria lingua, que baniu, a pouco e pouco, as linguas nativas, não só pelo prestigio das armas, senão tambem porque era portadora de uma civilização superior. Assignala Darmesteter o anno de 133 para a introducção do latim na Hispania.

Embora o latim seja fundamentalmente um, convem, todavia, distinguir entre o latim *literario* e o *popular*, entre o latim *baixo* e o *barbaro*.

1.º O lat. *literario, classico*, o *sermo urbanus*, é a lingua culta dos tempos aureos da literatura romana; é a lingua de Cicero, Vergilio, Ovidio, Horacio, etc.

2.º O lat. *popular*, o *sermo plebeius*, chamado — *rustico, castrense* (de quarteis, *castra* = *quarteis*), *pedestre, quotidiano*, é o fallado pelo povo, pelos soldados nos longos aquartelamentos em paizes conquistados.

3.º O lat. *baixo* ou a *baixa latinidade*, é o lat. literario da edade-média, que, do sec. V em diante, procurava imitar o lat. classico, a despeito da multidão de neologismos e expressões barbaras, com que o escriptor procurava, a miudo, accommodar-se ao seu meio intellectual. St. Agostinho, assignalando, no sec. V, essa necessidade, escrevia: *Melius est reprehendant vos grammatici quam non intelligant populi. — Sepe enim et verba non latina dico, ut vos intelligatis.* E' o latim ecclesiastico, que serviu de orgam a toda a sciencia medieval e aos actos officiaes.

4.º O lat. *barbaro* é a corrupção do lat. *baixo*, é o lat. de numerosas inscripções e documentos de tabelliães e escrivães, que revelam completa ignorancia da grammatica.

288. Ao *lat. pop.* principalmente é que se prende o portuguez; no lat. do povo e dos quarteis é que temos a origem fecunda e genial de nossa lingua. E é, por isso, que muitos vocabulos latinos de nosso lexico, não se encontram no lexicon do lat. culto: pertenciam ao fundo popular. E' ainda, por esse motivo, que muitos termos do lat. classico foram rejeitados e substituidos por outros da linguagem pop., p ex.: *cavallo, casa, gato, fogo, semana, batalha*, etc., eliminaram os de origem classica: *equus, domus, felix, ignis, hebdomas, pugna.*

Além do elemento lexicologico, do latim recebeu o portuguez as fórmas grammaticaes, os pronomes, as particulas e a quasi totalidade de seus suffixos e prefixos.

Fóra esta camada primitiva e original, outros elementos latinos teem entrado, por via erudita, no lexico vernaculo, desde o sec. XVI até hoje, alguns dos quaes guardam ainda feição latina: *ultimatum, album, deficit, inclusive, maxime, veredictum, macula, dubitação*, etc.

II. Elemento vernaculo

289. Esse pequeno fundo original dos elementos latinos engrossou prodigiosamente, por um processo organico. No genio do proprio idioma encontrou o espirito humano intrinsecos recursos para a expressão de novas idéas, que iam brotando no incessante progresso social.

A este desdobramento indefinido dos elementos latinos em novos elementos vernaculos, por um processo de *derivação* e *composição*, herdado do proprio latim, dá-se o nome de *thematologia.*

CAPITULO IX

THEMATOLOGIA

290. **Thematologia** é o estudo da formação de novos vocabulos oriundos de um thema commum, por meio de dois processos chamados — *derivação* e *composição*.

Constituem estes processos um methodo geral das linguas romanicas, herdado do lat., que, por sua vez, com as linguas aryanas, o recebeu da lingua matriz.

Nelle se revela o genio da lingua vernacula, a sua grande plasticidade em augmentar os recursos do proprio lexico.

291. FAMILIA PHILOLOGICA. Com o thema de uma palavra primitiva e o auxilio de *suffixos* e *prefixos*, fórma a lingua uma *familia* de palavras *cognatas*, chamada *familia philologica*. Essas familias de palavras, que teem um thema commum, podem ser mais ou menos numerosas. Assim da palavra primitiva *ferro*, eliminando-se a *desinencia o*, temos o thema *ferr*, donde, por meio de *suffixação* e *prefixação*, forma a lingua a seguinte *familia*: *ferrar, aferrar, desferrar, desaferrar, ferreo, ferraria, ferragem, ferragista, ferradura, ferrador, ferrugem, ferruginoso, ferrugento, ferrolho, aferrolhar, ferramenta, ferrovia, ferroviario*.

Desta maneira, seguindo a analogia latina, a lingua pôde augmentar largamente o modesto fundo lexicologico, que herdara da lingua-mãe. Estudando, porém, o duplo processo da Thematologia, não discriminaremos entre vocabulos formados no seio do lat. e os que devem sua origem á evolução vernacula, por ser isso mais do dominio da lexicologia que da grammatica.

Convem, entretanto, para cabal intelligencia deste estudo, recorrer-se ao que já dissemos sobre os elementos morphologicos da palavra: *raiz, thema, affixos* (*suffixo* e *prefixo*) e a *desinencia* (Vid. p. 123 - 125).

Derivação

292. **Derivação** é o processo pelo qual de um thema commum se fórma uma serie de vocabulos pela adjuncção de certas syllabas finaes, denominadas *suffixos*, como de *tinta* se fórma — *tinteiro* = *tint* + *eiro*.

O *thema*, em geral, fórma-se com exclusão da *desinencia* (*tint-a*) da palavra chamada *primitiva* (*tinta*), e a adjuncção do suffixo ao thema (*tint* + *eiro*) dá origem á palavra derivada (tinteiro).

Este processo derivativo, por meio de suffixos, chama-se de *derivação propria;* um outro existe que se diz de *derivação impropria*, que consiste apenas na mudança de categoria grammatical, sem qualquer alteração morphica, como, p. ex., *durante*, que de participio activo do verbo *durar*, passou para a categoria de preposição, pois que neste caracter é que apparece na phrase.

São, pois, duas as especies de derivação — *propria* e *impropria*.

Derivação propria

293. SUFFIXOS.

1. A derivação propria opera-se por meio de suffixos agglutinados ao thema ou ao radical da palavra. Os suffixos não são palavras, não se empregam isoladamente, não exprimem só por si uma idéa, uma imagem, "são formulas geraes de noções abstractas, que a lingua separa das palavras em que as encontra, e as ajuncta a outras palavras de fórma analoga, de modo tal que se alarga mais ou menos o seu alcance" (Darmest.). Por ex., o suffixo *-eza* tinha em lat. a fórma *-itia*, em palavras como *largitia*, que deu em portuguez *largueza*, e as syllabas *-eza*, segregadas de palavras desta classe, ajunctaram-se analogicamente ao thema de muitos outros adjectivos, que em lat. tinham tal terminação, como — *rudeza, belleza, firmeza, clareza.* E assim *-eza* tornou-se em port. um suffixo productivo, para se formarem de adjectivos, substantivos abstractos. Do mesmo modo o *suff. -agem* encontrava-se em lat. sob a fórma *-aticum* em certo numero de palavras como *selvaticum* (⟿ *selvagem*), *viaticum* (⟿ *viagem*); a lingua segregou as syllabas *-agem* e, unindo-as ao thema de muitas outras palavras, fez dellas um *suffixo*, como em — *plumagem, folhagem, lavagem, cartonagem, braçagem, romagem*, etc.

"Assim se extenderam, accrescenta Darmesteter, o emprego dessas terminações, que se poderiam chamar pala-

vras, pois que exprimem idéas, porém que não o são realmente, visto que não vivem em estado isolado e se ajunctam sempre a outras palavras".

2. Insuladamente, o valor significativo do suffixo é vago, é uma noção geral abstracta, porém unido ao thema de uma palavra assume valor positivo, dando sentido especifico á idéa geral do thema: *ferr* + *eiro*, + *ar*, + *aria*. Nas palavras assim derivadas o *thema* encerra a idéa primaria, fundamental ou geral, e o *suffixo* a idéa secundaria ou especifica. Ha, pois, em todo o derivado uma idéa complexa.

3. A idéa secundaria expressa pelo suffixo póde ser de nome, verbo ou adverbio. Dahi a classificação dos suffixos em — *nominal, verbal* e *adverbial.*

a) SUFFIXO NOMITAL é o formativo de nome *substantivo* ou *adjectivo*, p. ex.: os suff. *-eiro, -eza, -agem*, etc., para subst.: *tinteiro, belleza, linhagem;* e os suff. *-oso, -ense, -ino*, etc., para adj.: *formoso, forense, bovino.*

b) SUFFIXO VERNAL é o que fórma verbos: os suff. *-ar, -ear, -ejar, -er, -ir* formam os verbos — *saltar, saltear, boquejar, temer, partir.*

c) SUFFIXO ADVERBIAL é o suff. *mente*, unico que fórma adverbio (de *modo*), como: *sabiamente, vivamente, portuguezmente.*

4. Não raro acontece que um suff. se sobrepõe a outro, que a uma palavra derivada se ajuncta 2.° e 3.° suff. tornando-a derivada em 2.° e 3.° grau: *bon* + *dade, bondad* + *oso, bondadosa* + *mente.*

5. Dá-se por vezes a synonymia de suff., quando estes communicam ao thema o mesmo valor especifico, como acontece com os suff. *-ano, -ense, -ez, -eiro: sergipano, sergipense, portuguez, brasileiro.*

6. Phenomeno contrario ao do paragrapho antecedente observa-se com frequencia: um mesmo suffixo com differentes valores significativos, como, p. ex.: *-eiro* em—

pedreiro, tinteiro, limoeiro; o suff. *-ada* em *carneirada* e *paulada,* o suff. *-al* em *cafezal* e *espiritual.*

7. Os suff. podem ser *populares* e *eruditos,* conforme fôr o voc. derivado de formação popular ou erudita, p. ex.: *-eiro* e *-ario* (ferreiro e estatuario), *-ado* e *-ato* (professorado e generalato). São, em geral, suff. pop.: *-ão, -inho, -eiro, -ado, -dura, — livrão, livrinho, livreiro, professorado, queimadura;* são eruditos: *-anzil, -eto, -ario, -ato, -tura— corpanzil, libreto, estatuario, generalato, formatura.*

8. Um mesmo suff. original assume, por vezes, fórmas *divergentes,* ordinariamente uma *popular* e outra *erudita,* p. ex.:

— arium ⟹ ario (⟹ airo) ⟹ eiro: escripturario, herbario, e sapateiro, arieiro.
— ensem ⟹ ense ⟹ ez : portuense e francez.
— atum ⟹ ato ⟹ ado : baronato e ducado.
— torem ⟹ tor ⟹ dor: leitor e ledor.
— turam ⟹ tura ⟹ dura : quadratura e dictadura.
— orium ⟹ orio ⟹ oiro ou ouro : escriptorio e bebedouro.

9. Os *suff. populares* são, em regra, *productivos,* e os *eruditos improductivos,* isto é, aquelles formam classe numerosa de palavras, e estes ou se limitam a um derivado (*casebre, corpanzil*), ou a um numero restricto (*corpusculo, particular, minusculo,* etc.)

10. A vogal átona da desinencia ou se elimina ou se altera ao ajunctar-se o *suff.*: *guerr-a — guerreiro, guerrilha, guerrilheiro; act-o — actual, espirit-o, espiritual.*

11. Ficam inalteradas as vogaes finaes tonicas e os diphthongos nas mesmas condições. Neste caso, para evitar o hiato com a vogal inicial do suffixo, insere a lingua uma consoante *euphonica* (*t, z,* ou *l*): *café — café-z-al, café-t-eira, café-z-inho, chá — cha-l-eira, cha-z-inho, pó — pó-z-inho, pae — pae-z-inho, mãe — mãe-z-inha, orpham — orpham-z-inho, homem — homem-z-inho.*

Entretanto temos: *pó — poeira, cipó — cipo-al, limão — limo-eiro, algodão — algodo-al.*

12. A fonte original de nossos suffixos é o latim; todavia contam-se alguns que, por intermedio da baixa latinidade, nos vieram de fonte extrangeira, taes são:

— **ismo, — ista, — izar, — ia** do grego, que, por intermedio do Christianismo, se generalizou nas linguas romanicas : *egoismo, egoista, baptismo, baptista, baptizar, clerezia, freguezia, penedia.*

— **engo,** do allemão, pela invasão dos visigodos na peninsula Iberica : *verdolengo, solarengo, judengo.*

— **orro,** do basco : *cachorro, cabeçorra, modorra.*

Origem e valor dos suffixos

294. SUFFIXOS NOMINAES.

— **ia** ←— **iam** suff. lat. átono, que serve para indicar nomes abstractos e de paizes e cidades : *angustia, insidia, iracundia, ansia, familia. — Italia, Grecia, Prussia, Russia, Christiania, Livonia, Valdivia, Bulgaria, Romania, Persia, Polonia, Varsovia, Moldavia, Lusitania, Iberia, Hispania, Bohemia, Gallicia, Syria, Babylonia.*

— **ia** ←— **ia,** suff. greg. tonico, que, como o seu homonymo lat. — *ia,* indica subst. abstracto e nome de povos e cidades. Devido a esta synonymia, na b. lat. substituiu em muitos casos o suff. átono lat.: *Necrologia, necropsia, philosophia, astrologia, phonologia, monarchia, mania, astronomia, litania, baronia, mercancia, cortezia, alegria, senhoria, bizarria, folia, burguezia, villania, soberania, maestria, companhia, curadoria, abbadia, melhoria, peoria, capatazia, valia, gritaria, correria, doutoria, algaravia, maioria. — Turquia, Normandia, Picardia, Pavia, Antiochia, Andaluzia.* Traz, ás vezes, sentido collectivo : *penedia, rapazia.*

Obs. Do seculo VI da E.C.,, com o progresso, no Occidente, do Christianismo, cujo, livro sagrado, o Novo Testamento, era originalmente escripto em grego, é que o suff. grego — *ia,* tonico, começou o supplantar o suff, latino *ia,* átono. Devido a esta circumstancia historica, em geral, receberam o suff. gr. tonico (—*ia*) os nomes que se incorporaram no lexico romanico depois do sec. VII e XI : — *Lombardia, Normandia, Turquia. Picardia, Andaluzia, Hungria.* Obedecem ao suff. átono latino (—*ia*) os vocabulos de camada anterior :—*Italia, Grecia, Asia, Russia. Prussia, Persia, Helvecia.* Além deste phenomeno geral, o suff. gr. por ser tonico, foi dominando os proprios voc. latinos, p. ex. : *alegria, cortezia, valentia, soberania, Pavia.* Em alguns nota-se ainda **lucta** entre os dois suffixos : *Oceania Oceania, Tartaria* e *Tartária, synonimia* e *synonimia, autopoia* e *autopsia,*

— **ario, arium,** prende-se a *thema nominal* e fórma substantivo e adjectivo.

SUBST.: — Nos substantivos indica duas idéas fundamentaes: a de *agente* e a de *logar* em relação á significação do thema: *estatuario, lapidario, bibliothecario-a, antiquario, caudatario, operario-a, secretario-a, boticario-a, argentario-a, locatario, mandatario, notario, lapidario, depositario, — armario, herbario, bibliario, campanario, sacrario, — diccionario, vocabulario, erario, ossario, aquario.*

ADJECT.: — *Plenario, semanario, contrario, arbitrario, balneario, pecuniario, asinario, referendario, solitario, imaginario, originario, ordinario, argentario, monetario, frascario.*

— **eiro** (fem. *eira*) ←«« **airo** ←«« **arium**, é a fórma popular do suff. antecedente, que é a fórma *erudita*, e guarda com este o mesmo valor fundamental, a que ajuncta um terceiro, o de arvore que produz o fructo suggerido pelo thema.

SUBST.: — *ferreiro, sapateiro, costureira, doceiro, cavalleiro,-a, romeiro,-a, mineiro, lenheiro, coveiro, estancieiro, sendeiro. — Tinteiro, sementeira, areeiro, braseiro, rotineiro, formigueiro, polypeiro, chaleira, pedreira, carneiro, cabeceira, cancioneiro, viveiro.* — Da idéa de *logar* passa-se facilmente á idéa *collectiva* da multidão dos seres que ahi se encontram, como: *formigueiro, braseiro, pedreira. — Larangeira, pessegueiro, pinheiro, figueira, limeira.*

ADJECT.: — *grosseiro,-a, useiro* e *veseiro, menineiro.*

— **aria** é, segundo Mayer Lübke, o suff. lat. — *aria*, modificado pelo suff. gr. — *ia*, tornando-se tónico o **i**, como *cavallaria, escadaria, livraria, pedraria, judearia, infantaria, gritaria, fancaria, vaccaria, ossaria, padaria, pirataria, alfaiataria, vigararia, ourivesaria, velhacaria.*

O suff. assim modificado ou composto, adquiriu sentido abstracto e collectivo. — *Porcaria* perdeu o sentido collectivo, e adquiriu sentido abstracto — pejorativo.

— **eria**, suff. composto de *eiro*+*ia* =*eiria*=*eria*, por condensação do diphthongo *ei* na prepositiva **e**. O suff. — *eiro* veio por sua vez de — *arium*, que, por apocope e hyperthese, deu *airo* »»→ *eiro*, como já vimos. Tendo — *eria*, o mesmo valor funccional que o antecedente — *aria*, une-se tambem a themas nominaes, Exs.:

Leiteria, parceria, soteria, lavanderia, baleria (A. C., Fast. 26) *bufoneria* (A. V., S., I. 2 e A. H.), *grosseria, vozeria, monteria* (cf. *montaria* e *monteria*), *artilheria* ao lado de *artilharia, infanteria, sobranceria, selvageria* ao lado de *selvajaria.*

Obs. Entre os suff. — *aria* e — *eria* existe intima relação, como se vê, morphologica e funccional, e o emprego alternado de ambas, em todas as épocas da lingua, attesta por egual a vernaculidade de ambos esses suffixos. E', porém, fortemente contestada a vernaculidade do suff. *-eria* pelo Dr. A. G. R. de Vasconcelloz, e pelo Dr. Candido de Figueiredo.

Mayer Lübke (Gr. des L. Romanes II, 428) quer que — *aria* seja um novo suffixo oriundo de —*ária*, a que se uniu (muito particularmente aos subst.) o suffixo gr. tónico — *ía*, dando em ital. —*eria*, em fr. —*erie*. De accordo com esta opinião do illustre romanista viennense, acham os dois philologos portuguezes, acima citados, que o nosso — *eria* é mero gallicismo (fr. —*erie*) e que correctamente devemos dizer — *grossaria, leitaria, lavandaria, selvajaria, sobrançaria*, etc. Os factos da lingua, porém, põem graves embargos a tal conclusão. Vejamos. Doutrina A. Coelho que o suff —*eria* é composto de — *eiro*+*ia*=*eiria* (Dicc. Ety., *correria*), como de facto o attesta a fórma *peliteiria*, do port. arch., citada por A. Cortesão (*De toda peliteiria da carrerga hũu maravide*. Ined. de h. p. .°, p. 536).

O suff. — *eiro*, oriundo, por hyperthese, de —*ario* (⟶ *airo* ⟶ *eiro*) condensa o diphthongo — *ei* em *e*, desde que se desloca delle a tónica pela adjuncção do — *ía* tónico : *parceiro*=*parceiria*=*parceria*. Contra essa condensação são fracos os exs. de *Einês—Inês, eigreja—igreja*, onde a condensação parece fazer-se em *i* e não em *e*; pois, de um lado encontramos em textos arch. *Enez* e *egreja*, e de outro a prosodia popular faz, em geral soar *i* o *e* átono (*egreja*=*igreja*) ; assim teriamos — ei ⟶ e ⟶ i : *correiria* ⟶ *correria* ⟶ *corriria* (pop.). E não seria absurda a propria condensação prosodica na prepositiva— e, que, aliaz, é a predominante do diphthongo, pois o nosso povo actualmente assim procede pronunciando — *manêra, bichêra, carnerada*, por *maneira, bicheira, carneirada*. Adquirido o suff. —*eria* pela adjuncção do gr. —*ía* aos subst. concretos em —*eiro* para formar-se *subst. abstractos* e *collectivos* (parceria, vozeria), a analogia encarregou-se de generalizá-lo, como suff. simples : — *loteria, selvageria, ninheria* (*ninharia*), *vesteria, tonteria*. Como, porém, na prosodia lusitana o *e* seguido de *r*, por influencia deste, se transforma em *a* : *pera* ⟶ *para, verrere* ⟶ *varrer*, e, ainda hoje, entre lusitanos, — *amaricano*, por *americano*, *numaro* por *numero* (Vid. G. Viana, Apost. I, 438), segue-se que nada ha de improvavel que —*eria* se transformasse em *aria*. Donde se deve concluir, como plausivel, que — *aria* se originou de — *eria*, e que este tem foros de vernaculo, pelo menos tão legitimos como aquelle ; e isto sem embargo da hypothese de Mayer Lübke, que é mais ou menos a de Diez. O que vem corroborar esta conjectura é a oscillação ou alternação no emprego dos dois suffixos em muitos vocabulos, através de todos os periodos historicos da lingua, podemos dizê-lo. O Dr. Heraclito Graça, membro da Academia Brasileira, em seu livro *Factos da Linguagem*, pg. 31—67, prova isso mesmo com larga copia de exemplos e citações, desde o sec. XV até hoje. Elle menciona os seguintes abonados por auctores acima de suspeita de gallicistas :

Lavanderia	e	lavandaria	Feiticeria	e	feitiçaria
Artilheria	e	artilharia	Fronteria	e	frontaria
Cavalleria	e	cavallaria	Galanteria	e	galantaria
Infanteria	e	infantaria	Glotoneria	e	glotonaria
Paneria	e	panaria	Monteria	e	montaria
Grosseria	e	grossaria	Ninheria	e	ninharia
Alcaideria	e	alcaidaria	Oleria	e	olaria
Almoteceria	e	almoteçaria	Parceria	e	parçaria

Altaneria	e	altanaria	Poltroneria	e	poltronaria
Arcabuzeria	e	arcabuzaria	Selvageria	e	selvajaria
Berberia	e	barbaria	Sophisteria	e	sophistaria
Barganteria	e	bargantaria	Tapeceria	e	tapaçaria
Bateria	e	bataria	Terceria	e	terçaria
Canteria	e	cantaria	Voleteria	e	volataria
Carniceria	e	carniçaria	Vozeria	e	vozaria
Chaperia	e	chaparia	Lisonjeria	e	lisonjaria
Espicieria	e	especiaria	Mesquinheria	e	mesquinharia

— **ouro** e **—oiro** ←— **orio** ←— **órium**, suff. que se prende ao part. pass. dos verbos lat., dahi a sua fórma mais commum — *torio* e — *doiro* ou *douro*. A fórma intermediaria — — *orio* (t' orio) é erudita, e a formação — *oiro* ou — *ouro* (d—oiro ou d—ouro) accusa, na hyperthese do *t* e no abrandamento do *t* em sua homorganica *d*, a influencia popular. Ambas formam adj. e subst., que designa, em geral, o *logar* ou o *instrumento* em relação á significação do thema :

SUBST. : *matadouro, bebedouro, ancoradouro, mangedouro, logradouro, sangradouro, babadouro, estendedouro, lavadouro — lavatorio, purgatorio, oratorio, diversorio, suspensorio, moratoria, directorio, locutorio.*

ADJECT. : *vindouro, casadoura* (cf. *casadeira*), *duradouro, immorredouro — transitorio, declamatorio, diffamatorio, dilatorio, obrigatorio, meritorio, expiatorio, propiciatorio, illusorio, venatorio.*

Obs. Prefere-se em Portugal a fórma *—doiro — matadouro, immorredoiro ;* no Brasil dá-se preferencia a *—douro.*

— **or** ←— **orem**, suff. que se prende ao participio lat., e indica o AGENTE : *factor* (*factus*), *leitor* (*lectus*), *escriptor* (*scriptus*), *imperador* (*imperatus*), *director, ledor, traidor, amador, fallador.* O femin. deste suff. é — *ix* —→ *tce* —→ *iz ; imperatriz* (*imperatrix*), *directriz* (*directrix*) — *ora : leitora, escriptora, amadora.*

— **ão** ←— **onem** : *carvão, falcão, sabão, sermão ;* adquiriu em port. sentido *augmentativo : garrafão, facão, portão* Frequentemente o augmentativo assume sentido *pejorativo : mulherão* (masc.), *homemzarrão, canzarrão, chapeirão, narigão, moçalhão, paspathão.*

Obs. Sobre este suff. — *ão*, fr. *on*, nota Diez que é augmentativo a éste e sudoeste, e diminutivo a nordeste do dominio romanico.

— **ura** —→ **uram**, suff. lat., que se prende a *themas verbaes* (part. pass.) para formar subst. femin. abstractos : *factura*, de *factus, natura*, de *natus, scriptura*, de *scriptus, tinctura* de *tinctus, junctum* de *junctus, estructura* de *structus.* — A' fórma *t-ura* erudita corresponde a *d-ura* popular pelo

abrandamento do *t* em *d* : *queimadura, catadura, semeadura, rapadura.*

Prende-se tambem a *themas nominaes adjectivos* para formar egualmente subst. abstr. femin. : *altura, direitura, brancura, brandura, tristura* (cf. *tristeza*), *longura, grossura, formosura.* Ao lado de algumas destas fórmas, apresentam-se outras em — *or* equivalentes : *alvura* e *alvor, fervura* e *fervor, amargura* e *amargor, candura* e *candor, verdura* e *verdor.*

— **edo,** ←«« **atum,** suff. *collectivo,* indica, em geral, reunião de arvores, cuja especie é indicada pelo thema : *arvoredo, vinhedo, alameda, figueiredo* (cf. *figueiral*), e tambem — *rochedo, penedo, lapedo.*

— **al,** ←«« **alem,** prende-se a *thema nominal,* para formar :

a) SUBST. CONCRETO : *canal, jornal lodaçal, lamaçal, signal, caporal.*

b) SUBST. COLLECTIVO, quando o thema designa vegetal : *laranjal, cannavial, figueiral, cafezal, algodoal, capimzal, sapezal, feijoal.*

c) ADJECT. : *actual, espiritual, ponctual, estadual, fatal, final, mensal, semanal, capital.*

— **il,** ←«« **ilem,** suff. de themas nominaes, formativos de :

a) SUBST. CONCRETOS : *funil, barril, fusil, quadril, pernil, peitoril.*

b) AJECT. : *senil, juvenil, varonil, pastoril, senhoril, mercantil*

— **ado,** a, ←«« **atum, am,** suff. que fórma .

a) PART. PASS. *da* 1.ª *conjug.* : *amado,-a, fallado,-a,* muitos adj. : *alaranjado, azulado, nacarado, apalermado.* Em *sensato* guarda fórma erudita — Com a vogal *i* fórma o part. pass. da 2.ª e 3.ª conjug. : *vendido, partido.* A 2.ª conjugação formava no port. arch. o part. pass. em — *udo* : *sabudo, movudo, conheçudo — Teudo, manteudo, con teudo,* são vestigios desse archaismo.

b) SUBST. COLLECTIVO : *boiada, rapaziada, risada, manada.*

c) SUBST. com a idéa de um *conteúdo* : *colherada, punhado, braçada, carrada.*

d) SUBST. que exprime *resultado de uma acção* : *paulada, punhada, cacetada, bofetada, dentada, cabeçada, pitada.*

— **ado,** ←«« **atum,** suff. de origem diversa da do antecedente, que indica *dignidade, profissão,* cuja fórma *erudita* — *ato* apparece em certos derivados : *condado, professorado, mestrado, juizado, diaconado, bispado, bacharelado, presbyterado, — baronato, canonicato.*

— **dade,** ←«« **—tatem,** suff. de *themas nominaes* para a formação de subst. abstractos : *bondade, maldade, crueldade, lealdade, fealdade* (cf. feiura), *beldade* (cf. belleza). — Na maior parte dos derivados desta classe a influencia eru

dita faz apparecer o *i* do voc. lat., a que dão o nome de vogal de ligação : *facilidade* (⟵ *facilitatem*), *auctoridade* ⟵ *auctoritatem*), *actividade*, *seguridade* (cf. *segurança*), *puridade* (cf. *pureza*), *actualidade*, *operosidade*, *grandiosidade*, *absurdidade*, *caridade* (cf. *careza*), *claridade* (cf. *clareza*), *vitalidade*, *immensidade* (cf. *immensidão*), *pouquidade* (cf. *pouquidão*).

— **eza, iça,** ⟵ *icia, itiam — ice, — icie* e—*ez* ⟵ *itiem:* Ao lado do suff. *itia* apparece no hispano-romano a fórma — *itie*, para formar de themas nominaes subst. abstractos. Ambos os suff., como se vê, produzem fórmas derivativas *divergentes*, ás vezes, no mesmo vocabulo : *justeza* e *justiça*, *nudeza* e *nudez*, *malvadez* e (pop.) *malvadeza*, *viuvez* e *viuveza*, *frieza* e *frigidez*, *limpeza* e *limpidez*, *morbidez* e *morbideza*, *largueza*, *fortaleza* (com intercalação de *al*), *belleza* (cf. *beldade*), *peqyuenez — estultice* e *estulticia*, *immundicie* e *immundicia*, *calvicie*, *malicia*, *caricias*, *blandicias*, *milicia*, *preguiça*, *justiça*, *velhice*, *doudice*, *tontice*, *pieguice*, *pequice* (de *peco*), *doutorice*, *bernadice*, *meninice* e *meninez*, *gabolice*, *fanfarronice*, *gulodice*, *garridice*, *faceirice*, *momice*, *caturrice*. — A fórma —*ice* é geralmente pejorativa.

— **iço** e **icio** ⟵ *itium*, suff. que serve para formar :

a) ADJECT., de themas do part. pass. : *levadiço*, *movediço*, *feitiço*, (*flores feiticas*), *espantadiço*, *alagadiço*, *sumiço*, *corrediço*, *agastadiço*, *vindiço*, *quebradiço*, *esquecediço*, *lembradiço*. *abafadiço*, *metlediço*, *assombradiço*, *arrufadiço*, *chegadiço*, *tomadiço*, *encontradiço*, *postiço*, *passadiço*, *mestiço*, e, por influencia erudita, — *factucio*, *ficticio*, *meretricio*, *patricio*, *adventicio*.

b) SUBST. : *porcariço* (cf. *porqueiro*), *toutiço*, *chouriço*, *palhiço*, *pelliça*, *linquiça*, *rabiça*, *cavallariça*.

— **ivo** e **io** ⟵ **irum,** suff. que fórma :

a) ADJECT., de *themas verbaes* (part. pass.) : *attractivo* (de *attractus*), *descriptivo* (de *descriptas*), *relativo*, *pensativo*, *defensivo* (de *defensus*), *activo*, *fugitivo*, *nativo* (de *natus*), *accusativo*, *adhesivo*, *abusivo*, — *escorregadio*, *regadio*, *erradio*, *lavradio*, *cotio* (de *coctus*).

b) ADJECT., de themas *nominaes*, com a fórma contracta—*io : vazio*, *correntio*, *baldio*, *bravio*, *tardio*, *sombrio*, *fugidio*, *sadio*, *cotio* (de *cote* ⟵ *quotidie*).

c) SUBST., com a fórma contracta—*io : baixio*, *feitio*, *cunhadio*, *poderio*, *estio*, *morgadio*. Com valor *collectivo : rapazio* (cf. *rapazia*), *mulherio*, *pastio*.

— **mento** ⟵ *mentum*, suff. formativo de subst. abstractos com *themas verbaes : armamento*, (cf. *armação*), *esbanjamento*, *contentamento*, *adormecimento*, *andamento*, *estremecimentoto* (cf. *estremeção*), *deslumbramento*, *passamento*, *enterramen.*

Collidiu este suff. com o suff. —*ção*, que tem o mesmo valor funccional, donde algumas fórmas *duplas* : — *expedimento* e *expedição*, *pronunciamento* e *pronunciação*, arch.

— *fazimento* e *facção, deslocamento* e *deslocação, agrupamento* e *agrupação.*

Este suffixo — *mento* era mais productivo no v. port., e vae perdendo terreno deante de —*ção.*

— **menta,** ←«« *menta,* fórma, com *themas nominaes,* subst. com tendencia *collectiva,* como *vestimenta, ferramenta.*

— **arro,**— **orro,**—**urro,** suff. essencialmente hispano-romano, que se crê oriundo do basco, com sentido de ordinario *depreciativo,* e, ás vezes, *augmentativo : chibarro, bebarro, chaparro, naviarra, bocarra, cachorro, mazorro, cabeçorra, casmurro, bezerro.*

— **ico,**—**a,** ←«« *iccus,* — *a,* suff. que apparece na pen. Iberica na época lat. romana, (e que não se encontra em lat.) com valor *diminutivo : burrico, barbica, pellica, florica, Marica, Tonico.*

Provavelmente, como suppõe H. Schuchardt, ap. M. Lübke, creou o romance com este modelo : os suff. — *éco,* — *óca,* — *uco : Maneco, Mineco, Zeca, boneco, soneca, Finoca, Ritoca, abelharuco, abejaruco, Tuca.*

— **ico,** — **a,** ←«« **icum,** suff. atono, e, por isso, só apparece no dialecto literario, prende-se a *themas nominaes* e fórma *adjectivo : saxonico, romanico, brasilico, italico, especifico, scientifico, famélico, ferrico, sympathico, egoistico* (cf. *egoista*), *atheistico* (cf. *atheista*), *cáprico.*

— **ático** e **agem.** ←«« *aticum,* fórma erudita, composta de *at* +*ico : selvatico, viatico, erratico.* No dialecto popular, — *aticum* deu — *agem : selvagem* (»→ *selvaticum*), *viagem* (»→ *viaticum*), *ramagem, romagem* (cf. *romaria*), *menagem, dosagem.*

— **éolo.** — **íolo** ←«« **eolum,** ←«« **iolum,** (lat. *areŏla, faseŏlum foliolum, gloriolam* suff. erudito, com valor *diminutivo,* proparoxytono : *capréolo, nucléolo, vitriolo, alvéolo, glorióla.*

Na b. lat. desloca-se o accento de alguns vocabulos, como — *linteólum* »→ *lençol, tusciniólum* »→ *rouxinol, foliolus* »→ *filhó, aviolus* »→ *avó, tertiólus* »→ *terço.* Sob a fórma feminina — *eola* é geral a deslocação : *aldeóla, gaióla, creançóla, graçóla, passaróla, gabóla, farçóla, rapazóla.*

— O suff. nestas palavras é antes depreciativo que diminutivo

— **vel,** ←«« **bil,** ←«« **bilem** (— *avel,* — *ivel,* — *ovel,*—*uvel,*— *amavel, punivel, movel, soluvel*), suff. adject., que commummente se prende a *themas verbaes,* precedido das vogaes *a, i, o, u,* que, em regra, correspondem á vogal thematica da conjugação latina :

— *avel :* amavel, prestavel, palpavel.
— *ivel :* vendivel, temivel, punivel, passivel
— *ovel :* movel, immovel.
— *uvel :* soluvel, voluvel.

A fórma — *avel*, que no francez (—*able*) invadiu as outras conjugações, teve em portuguez semelhante tendencia, dahi — *vendavel* ao lado de *vendivel*, *solvavel* ao lado de *solutivel*, e *solvivel*. — Em fr. o suff. —*able* póde-se prender a themas nominaes, como — *charitable*, *veritable*, *viable*. Deste ultimo nos veio *viavel*, que A. Coelho imagina oriundo de *vivable* ou de *vitae habilis*.

Em lat. o suff. —*bilis* forma adj. que exprime uma possibilidade *activa* ou *passiva*; assim *formidabilis* significa o que é apto para amedrontar ou ser amedrontado, *favorabilis*, o que póde favorecer ou ser favorecido.

O portuguez guarda os dois aspectos significativos, p. ex.: *pessoa responsavel*, pess. que responde, sentido *activo*; *homem temivel*, hom. que é temido, sentido *passivo*. Em geral tem sentido *activo* os oriundos de verbos intransitivos — *perecivel*, *cabivel*, *sensivel*, *possivel*. O sentido *passivo* é a regra nos derivados de verbos transitivos: *amavel*, *estimavel*, *tractavel*, *punivel*, *vendavel* e *vendivel*.

— **oso, a,** ⟶ — *osum*, — *am*, suff. que de themas substantivos forma adj., que exprime posse ou abundancia da *idéa* do thema: *famoso*, *amoroso*, *estudioso* (*studium*), *bonançoso*, *perigoso*, *difficultoso* (*difficultas*), *caridoso* (*fórma contracta de caridadoso*), *bondoso* (*bondadoso*), (*temeroso*), *medroso* (=*medoroso*, fórma analogica de *temeroso*) *asqueroso* (por ascoso), fórma analogica, como a antecedente.

— **udo, a,** ⟶ **uto, a,** ⟶ **utum,** —**am,** suff. do lat pop. formativo de adj., que exprime desenvolvimento particular de uma qualidade expressa pelo thema: a fórma —*uto* é erudita, e a —*udo* popular: *astuto*, *cornuto*, *hirsuto*, *maluto*, — *narigudo* (nasutus), *orelhudo*, *cabeçudo*, *pelludo*, *campanudo*, *carnudo*, *barrigudo*, *carrancudo*, *façanhudo*, *beiçudo*, *trombudo*, *cabelludo*, *topetudo*, *gordalhudo*, *gordanchudo*. Tem, em geral, sentido pejorativo.

— **ão,** — **ã,** — **ano,** — **ana** ⟶ — *anum*, — *anam*. Suff. que fórma:

a) ADJECT., que indica relação de *locatidade*, *pessoa*, etc.: as fórmas divergentes — *ão* e — *ano*, esta erudita e aquella popular, formam adj. gentilicos e patrios: *romão* e *romã* (arch.), hoje *romano* e *romana*, *egypcião* (archa. por egyptano, egypcio), *allemão*,-*ã*, *bretão*,-*ã*, *pagão*,-*ã*, *vilão*,-*ã*, *beirão*,-*oa*, *italiano*-,*a*, *prussiano*,-*a*, *alagoano*,-*a*, *alemtejano*,-*a*, *herodiano*, *lutherano*, *agostiniano*, *vergiliano*, *horaciano*, *herculano*, —*leviano*, *ufano*, *serrano*, *humano*. *mundano*.

b) SUBST.: *cidadão*, *capellão*, *castellão*, *decano*, *paisano*, *pantano* (de *palta*=charco).

— **ão,** — **ião,** — **ionem,** suff. subst. que não se deve confundir com —*ão* de —*onem*, nem com —*ão* de *anum*. No masculino assume a fórma —*ião*: *campião*, *lampião*, (cf. *união*), e no feminino —*ão* (ç—*ão*): *lição* (*lectionem*, de *lectus*), *facção* (*factionem* de *factus*), *tradição* (*traditionem*, de *traditus*), *nutrição* *nutritionem*) de *nutritus*), *oração*

orationnem, oratus), **punição, commoção solução, perdição** (cf. *percussão*, de *percussionem*), *traducção*.

Dest'arte formou-se o suff. vernaculo — *ção* (*ç—ão*), que, unido a themas verbaes, forma subst. abstracto, precedido das vogaes *a, i, o, u*, correspondentes aos respectivos verbos latinos — *acção, transacção, formação, partição, vendição, promoção, revolução, evolução*.

— **ez,** (=*ês*) ⟵ *ese* ⟵ *ense* ⟶ *ensem*, suff. que se prende, em geral, a nomes de cidades e paizes, ou localidades, para indicar seus habitantes; na dupla fórma—*ez* (pop.) e—*ense* (erud.): *portuguez* (=*ês*), *francez, javanez, chinez, — athentense, braguez* e *bracarense, parisiense, brasiliense* e *brasilense, montez, cortez*, e os subst. *burguez, marquez, arnez* (*harnez*).

— **ilho, — a** ⟵ *iculum, — am*, com *i* e *e* deu-nos subst. *diminutivo* em — *ilho* e *elho*, além da fórma erudita em — *icula*: *cabecilha, cintilho, cartilha, mantilha, pentilho — tolhelho, fedelho, rapazelho*, — *pellicula, particula*.

— **eo, io** ⟵ **ium, — eum,** suff. adj.; o suff. — *eo* indica a materia de que alguma cousa é feita, e só subsistiu no dialecto literario: *aureo, argenteo, plumbeo, marmoreo, ferreo, eburneo, arboreo, gramineo, vitreo*.

Com o suff. — *ium* ⟶ *io*, temos do lat. muitos subst.: *naufragio, estipendio, convenio, assassinio, adulterio, demonio, vestigio*.

— **el** ⟵ *ello, — a* ⟵ *ellum, — am*, suff. que apresenta, ás vezes, a fórma — *illum* ⟶ *illo*, e que tem frequentemente valor *diminutivo*: *cordel, portello, tabella mamillo, codicillo*.

Muitos, porém, desses derivados deixaram a significação *diminutiva*: *martello* ou *martelo, vitello* ou *vitelo, sello, stapillo*.

— **inho,** e **im,** ⟵ *ino, — a,* ⟵ *inum,—am*, suff. que, unido a themas nominaes, dá-nos subst. e adj.: *rotina, percalina, brilhantina, morphina, aconitina, collarinho, — alabastrino, diamantino, argentino, levantino, bovino, mofino*.

DIMINUTIVOS: *pequenino, pequenininho, meninninho, garrafinha, — espadinha* e *espadim, festinha* e *festim, padrinho, delgadinho, bonitinho, tor-z-inha*.

— **ito, — a — ete** ⟵ *itum*, suff. *diminutivo* da b. latinidade que, modificando a vogal inicial, nos deu — *ato* e *ote*: *rapazito, rapazete, rapazote, rapagote, tobato, mulato, chibato, senhorita, joguete, libreto, lembrete, diabrete, Tote, Jovita, Chiquito, Carlito*.

— **simo** ⟵ *timum*, suff. adj. superlativo, cuja fórma original (—timo) ainda se mostra em *intimo, legitimo*, as fórmas—*simo, — timo, — rimo*, são *assimiladas: justissimo, facillimo, integerrimo, humillimo, nigerrimo, saluberrimo, miserrimo*.

— **nte** (—*ante, — ente, — inte — amante, movente, partinte*), é o suff. do part. presente latino, que, pela obliteração deste

em port., tornou-se commummente suff. subst., que, unido a themas verbaes, indica o agente do facto verbal do thema : *negociante, tractante, traficante, filante, vidente, agente, poente, depoente, intendente, presidente.* Não raro, porém, guarda seu valor de adj. : *fervente; commovente, vulnerante, paciente, constante, valente, percuciente.*

— **ndo** (—ando. — endo, — indo) *amando, movendo, partindo,* suff. que tem sua origem no *gerundio lat.* (*amandum*) e no *gerundivo* ou part. do futuro da passiva (*amandus, — a, —um*). Obliterado na conjug. portugueza o gerundivo latino, ficaram-nos delle alguns adject. e subst. com significação passiva : *venerando* (que deve ser venerado), *reverendo, despiciendo, execrando, colendo, miserando, doutorando* (que deve ser doutorado), *examinando, bacharelando, propaganda, offerenda, prebenda. fazenda* (acto, o que deve ser feito arch.), *vivenda.*

— **engo** ⟵ *ing.* (germ.). Entre os germanos tal suff. (—ing) formava especialmente os patronymicos, segundo nos informa M. Lübke, mas o hispano-portuguez delle derivou adjectivos : *flamengo, mulherengo, solarengo, monstrengo, avoengo, perrengue, judengo.*

Obs O germanico deu-nos ainda o suff. *aldo* e *ardo* de nome proprio de pessoas : — *Reinaldo, Reginaldo, Menaldo, Oswaldo, Bernardo, Ricardo, Eduardo, Eberardo* (Eberhart). Este ultimo é o adj. *hart* = *duro,* que encontramos em alguns subst. appellativos : *bastardo, goliardo, galhardo, covarde, petardo.*

— **az, — azio, — aço, — a, — aceo** ⟵ *aceum, — am ;* deu-nos este suff. lat. uma fórma quádrupla ; a fórma — *aceo* é erudita e só apparece no dialecto literario, como *adjectivo : sebaceo, gallinaceo, vinaceo, vinhaceo, setaceo, violaceo* (*chumaço* ⟵ *plumaceo*).

As outras fórmas são *augmentativas :*

— *az : canaz, ladravaz, beberraz* (cf. beberrão), *capataz* (b. lat. *capitaceus* de *capito* = *capitão*), *machacaz, roaz, doudaz, linguaraz.*

— *azio : balazio, copazio, demonazio.*

— *aço,-a : cartapaço, mestraço, poetaço, bagaço, barcaça, barbacas, vidraça. carnaça. mulheraça. vinhaça. estardalhaço.*

— **ismo,** suff. grego, incorporado no lexico romanico por influencia do Christianismo e largamente productivo ; encerra a idéa abstracta de estado, frequentemente de systema religioso, philosophico, scientifico, artistico e politico, com tendencia depreciativa em alguns casos, como — *commodismo, philosophismo, theologismo, egoismo, militarismo, brasileirismo, lusitanismo, gallicismo — brilhantismo, baptismo, preciosismo, quietismo, caiporismo, pessimismo, mentalismo, ophidismo, christianismo, paganismo, semantismo, calvinismo, islamismo, theismo, confucianismo, epicurismo, sybaritismo, espinosismo, occultismo, esoterismo,*

estoicismo, monismo, dualismo, darwinismo; romanismo, indianismo, parnasianismo, monarchismo, republicanismo, liberalismo. conservatismo, capitalismo, communismo.

— **ista**, suff. grego, que penetrou, como o antecedente, no dominio romanico, por intermedio do Christianismo, e egualmente tornou-se mui productivo. Elle designa substantivos *concretos*, traz a idéa de *agente*, e corresponde, em geral, ao suff. — *ismo : egoismo* e *egoista, deismo* e *deista, epicurismo* e *epicurista*. Este parallelismo, porém, nem sempre se dá, p. ex. : *Christianismo* e *christão, arianismo* e *ariano, caiporismo* e *caipora*. — E, *vice-versa : cambista* e *cambio, dentista* e *odontologia, jurista* e *jurisprudencia*. Em *naturalismo* e *naturalista*, a correspondencia é meramente morphologica.

Commodista, separatista, comtista, scientista, artista, mutualista, romanista, theista, fumista, fatalista, cartista, militarista, phantasista, espiritista, monista, dualista, duellista, bonapartista, apologista, oculista, epicurista, monarchista, capitalista, occultista, communista, diarista.

295. II. SUFFIXOS VERBAES. A derivação póde ser *simples* ou *complexa*.

a) *Simples* é a derivação que se faz exclusivamente por meio do suff. da respectiva conjugação, como de *fumo, fumar*, de *ronco, roncar*, de *gralha, gralhar*, de *baixo, baixar*.

b) *Complexa* é a derivação em que entre o thema e a desinencia se intercala suff., que dá ao verbo sentido particular, como *forc-ej-ar, flor-esc-er, bapt-iz-ar, salt-it-ar, salt-e-ar*.

— **ejar,** (*ej*+*ar*) ⟶ **ear,** = (*e*+*ar*) : suff. augmentativo, de *espanar espanejar*, de *viço vicejar*, de *cabra cabrejar*, de *corvo corvejar*, de *bravo bravejar*, de *mouro mourejar*, de *pestana pestanejar*, de *estalo estalejar*, de *estrondo estrondear*, de *serpente serpentear*, de *claro clarear*.

— **escer,** (*sc*+*er*) — **ecer,** (*ec*+*er*) suf., *inchoativo : florescer, envelhecer, alvorecer, embravecer, esclarecer, enraivecer, endoudecer*.

— **icar,** (*ic*+*ar*), — **inhar,** (*inh*+*ar*), — **itar,**(*il*+*ar*),—suff. *diminutivos : adocicar, beberricar, depennicar, namoricar, tremelicar, — choviscar, lambiscar, namoriscar, saborinhar, cuspinhar, escoucinhar, — saltitar, dormitar*.

— **izar,** (*iz*+*ar*), suff. gr. frequentat : *baptizar, organizar, civilizar, amenizar, latinizar, grecizar, hellenizar, judaizar, germanizar, tantalizar, catechizar, patrizar* (cf. patrissar), *escravizar, electrizar*, (cf. *pecisar*, de *preciso, divisar*, de *divisa, electrolysar*, de *electrolyse*).

296. III. SUFFIXO ADVERBIAL. Só existe o suff. — *mente*, que de subst. femin. com a significação de *mente, maneira*, como ainda se vê na locuç. adverbial — *de boa mente*, passou a suff. adv. pela juxtaposição a seu adj.: *justa mente = justamente, sabia mente = sabiamente, dignamente = dignamente.* Na concordancia primitiva do adj. apposto a seu subst., temos o motivo por que se toma a flexão feminina na formação desses adv. de modo. Dos adject., porém, em *eẓ* e *ol*, toma-se a fórma masculina, por terem sido genericamente uniformes na época da formação desses adv.: — *portugueẓmente, franceẓmente, ingleẓmente, hespanholmente.*

Derivação impropria

297. O processo da *derivação impropria* consiste na mudança de sentido de uma palavra pela mudança de sua categoria grammatical, sem qualquer alteração morphica.

As categorias grammaticaes estão sujeitas a estas permutas, que accidentaes ou permanentes, facilitam sobremaneira a expressão das idéas.

E' assim que por *derivação impropria*, se formam:

1.° SUBSTANTIVOS:

a) De SUBSTANTIVOS APPELLATIVOS derivam-se subst. PROPRIOS; é o que Whitney chama a *particulariẓação do geral*: *Carvalho, Innocencia, Raposo, Prado, Porto, Bahia, Estados-Unidos.*

Deste processo nasceram primitivamente os nomes proprios: *Adão = homem; Eva = vida; Abrahão = pae de grande multidão; Isaac = riso; Jacob = supplantador; Esther = estrella; Debora = abelha.*

b) De PROPRIOS derivam-se APPELLATIVOS; é o que Whitney denomina a *generaliẓação* do *particular*: *havana* (de Havana, cidade), *damasco* (panno, de Damasco, cidade), *porto* (vinho, do Porto, cidade), *laẓaro* (Lazaro, nome do doente da Parabola), *bengala* (Bengala, prov. da India), *hercules* (Hercules, heroe fabuloso) *os Vergilios* (poetas como Vergilio), *os Vieiras* (escriptores como Vieira).

E' este um processo semantico de larga applicação.

c) De ADJECTIVO deriva-se SUBSTANTIVO APPELLATIVO, é o que se chama a *substantivação* do adjectivo, processo frequente na evolução da lingua, como no uso actual: *o negociante, o presidente, a corrente, o mancebo* (frequentemente adject. no v. port. — a gente manceba), *o jornal, os moveis, o substantivo* (nomen substantivum), *o adjectivo* (nomen adjectivum), *o seu* e *o meu, o caudal, o radical, o capital, o moral.*

Esta substantivação do adject. opera-se, em regra, no masculino. Todavia, quando o uso suggere claramente o subst. feminino subentendido, guarda-se esse genero: *a capital* (cidade), *a pastoral* (carta), *a cathedral* (sé), *a decretal* (carta), *a moral* (philosophia).

d) De PRONOMES: *o eu* (em mim ha dois *eus*), *o tudo, o nada, um quê* (*um quê* que não me agrada), *o nós e o vós substituiram* o *eu* e o *tu.*

e) De VERBOS: *o fallar, o poder, os haveres, os comes e bebes, o recibo, o accordo, a venda, o combate, o feito, o producto, os considerandos, os provarás, a fazenda, o doutorando, o examinando.*

f) De ADVERBIOS: o *sim,* o *não,* o *além,* o *talvez.*

g) De PREPOSIÇÃO: *os prós* e *os contras, o por* e *o para, o com* e *o sem.*

h) De CONJUNCÇÃO: *os porquês, o mas* e *o porém, o quando, o senão, os senões.*

i) De INTERJEIÇÃO: *os ais, os vivas* e *os bravos, o aqui-del-rei.*

2.º ADJECTIVOS:

a) De SUBSTANTIVOS derivam-se ADJECTIVOS: *sengo* (archaico= sabio) *de Seneca,* mar *oceano* (v. port.), tempo *bonança,* homem *prodigio,* menino *homem,* arvore *gigante,* moço *guerreiro,* guerreiro *moço,* chapéo *monstro.*

b) De ADVERBIOS: a vida *além,* a existencia *aqui,* a vida *assim.* São adv. com funcção de adject.

3.º Adverbios de adjectivos: fallar *baixo*, cantar *alto*, ver *claro*, amar *muito*, comer *pouco*.

4.º Preposições de adjectivos: *conforme, segundo, durante, consoante, excepto.*

5.º Conjuncções:

a) De adjectivos: *conforme, segundo, consoante;*

b) De verbos: *quer... quer, seja que... seja que;*

c) De adverbios: *apenas, mal, logo, ora, agora.*

6.º Interjeição de substantivo, adjectivo, pronome, verbo e adverbio: *piedade! bravo! qual! qual o quê! avante!*

Composição

298. Composição e os elementos componentes.

Composição é o processo pelo qual se formam palavras novas pela união de dois ou mais elementos, que se fundem na representação de uma imagem unica, como *couve-flor*. A analyse, porém, discrimina dois elementos, um dos quaes contém a idéa principal ou modificada, e o outro ou outros, a idéa secundaria ou modificadora, p. ex.: *refazer* (re + fazer), *couve-flor, aguardente* (agua + ardente).

Ha, pois, em todo o composto um elemento principal, que contém, a idéa *generica*, e se chama o *determinado*, e um ou mais elementos accessorios, secundarios ou modificadores, que contem a idéa *especifica*, e se chama o *determinante;* assim em — *refazer, couve-flor, aguardente*, os elementos — *fazer, couve, agua*, são os elementos principaes ou *determinados*, e os elementos — *re, flor, ardente*, são os elementos modificadores ou *determinantes*. Os primeiros encerram o conceito de *genero*, a idéa *geral* ou *generica*, que é restringida ou determinada pelos ultimos, que encerram o conceito de *especie*, a idéa *particular* ou *especifica*.

No processo *compositivo*, como no *derivativo*, revela-se o caracter genial da lingua portugueza, o seu mechanismo intimo, sua riqueza e plasticidade, com que leva vantagem á propria lingua-mãe.

299. Posição do determinado e do determinante. A posição do elemento determinado em relação ao determinante dá logar a dois typos de palavras compostas: o typo *synthetico* e o typo *analytico*.

No typo synthetico o determinante precede ao determinado, a ordem dos termos é inversa, é o typo classico, das linguas antigas, p. ex.: *mãe-patria*, onde *patria* é o determinado e *mãe* o determinante.

No typo analytico succede o contrario, o determinado precede ao determinante, a ordem dos termos é directa, pois segue a ordem logica das idéas, é o typo das modernas linguas neo-latinas, p. ex.: *escola-modelo*, onde *escola* é o determinado e *modelo* é o determinante.

O primeiro typo está de harmonia com o synthetismo das linguas antigas — o *latim* e o *grego;* e o segundo obedece ao analytismo das linguas romanicas.

Assim nos compostos gregos é geral a precedencia de determinante: — *acropolis* (Acro = alto, polis = cidade), *ichthyophago* (ichthy = *peixe*, *phag* = *comer*), *architecto*.

O mesmo acontece nos compostos latinos: *senatus-consultus*, *plebiscito*, *jurisprudencia*.

O inglez e o allemão seguem esta corrente synthetica na composição de suas palavras.

São estes os typos geraes, que extremam o genio das linguas modernas. Entretanto, se bem que raros, existem typos syntheticos na composição vernacula, como p. ex.: *preamar*, *livre-pensador*, *mãe-patria*, *varapau*. Egualmente existem typos analyticos nos compostos classicos do grego e do latim.

300. Relação do determinante com o determinado. O determinante póde estar para com o determinado em relação de *coordenação* ou de *subordinação*, que são os dois modos geraes por que as palavras se combinam na phrase; assim os compostos, quanto á relação dos elementos com-

ponentes, são de duas especies: COMPOSTOS por ***coordenação*** E COMPOSTOS por *subordinação.*

301. COMPOSTOS POR COORDENAÇÃO. Os termos compostos por *coordenação ou concordancia* são os em que o elemento determinante ou secundario se acha coordenado ou apposto ao determinado ou principal, sendo um adjectivo ou substantivo apposto. Exs.:

a) *Determinante adjectivo*:

Amor—perfeito	Baixa—mar	Senso—commum
Livre—pensador	Banca—rota	Fogo—fatuo
Canto—chão	Clara—boia	Gata—borralheira
Sangue—frio	Bom—senso	Cabra—cega

b) *Determinante substantivo*:

Papel—moeda	Madre—silva	Lingua—mãe
Couve—flor	Vara—pau	Redactor—chefe
Mãe—patria	Lobis—homem	Ferro—via
Madre—perola	Gomma—lacca	Carta—bilhete

Estes ultimos são compostos *ellipticos,* pois se formam de uma *ellipse espontanea,* e encerram mais idéas do que as expressas pelas palavras: *papel-moeda = papel que tem o valor de moeda, couve-flor = couve que tem a fórma de uma flor.*

302. COMPOSTOS POR SUBORDINAÇÃO. Os termos compostos por *subordinação* ou *dependencia* são os em que o elemento determinante está subordinado ao determinado, em relação complementar, regido de ordinario da prep. *de* clara ou latente. Exs.:

Terremoto = moto de terra, beira-mar = beira do mar, quartel-mestre = mestre de quartel, mestre-sala = mestre de sala, mappa mundi = mappa do mundo, agricultura = cultura do campo, apicultura = cultura da abelha, cleptomania = mania de furto, fidedigno = digno de fé, semoventes = movente por si, mestre-de-obra, bico-de-papagaio, pé-de-gallinha, alma-de-gato.

303. Os compostos por *particulas adverbiaes* ou *prefixos* e os compostos por *locução verbal,* que mais adeante estudaremos, são compostos por *subordinação,* visto que

essas particulas e os elementos aggregados aos verbos são elementos subordinados ou modificadores, como: *bemfeitor, bota-fóra, papa-jantares.*

304. Genero do composto. O *genero* do composto é regulado pelo determinado, que é o elemento principal, cujo conceito proeminente absorve a idéa secundaria ou modificadora, e se esse elemento principal é um verbo, dá-se-lhe o genero masculino, p. ex.: o *mestre-escola*, o *terremoto* (o *terramoto*, A. V.), a *cosmographia*, o *varapau*, o *pontapé* (o *ponta-pé* = *o pé em ponta?*) o *colera-morbo*, o *pisa-mansinho.*

305. Numero do composto. O plural do composto depende da natureza dos elementos componentes (Vid. Gr. Ex., C. Sup., 157).

306. Processos de composição. Trez são os processos de composição: *prefixação, juxtaposição, agglutinação.*

I. Prefixação

307. Prefixos são particulas adverbiaes, que se antepõem ao *thema*, ajunctando-lhe uma idéa accessoria ou modificadora. Sendo particulas adverbiaes, isto é, adverbios e preposições, os *prefixos* teem sentido mais definido que os *suffixos*, e constituem sempre o elemento *determinante* do composto; de sorte que os compostos por *prefixação* pertencem ao typo *synthetico* ou á composição classica das linguas antigas. Além disso, sendo essas particulas prefixas modificadores adverbiaes, pertence o composto ao typo de *subordinação.*

308. A uma palavra já composta por prefixação póde-se ainda accrescentar segundo e terceiro prefixo, resultando dahi um composto em 1.º, 2.º e 3.º grau, p. ex.: *com* + *pôr*, *de* + *com* + *pôr*, *in* + *de* + *con* + *pôr.*

309. A maior parte dos compostos por prefixos recebemo-los do lat., e de muitos não recebeu o portuguez a fórma simples, p. ex.: *coser* ⟵ *com* + *suere*, *re* + *pellir* (lat. *re* + *pellere*), *impellir*, *compellir*, *propellir*, *con* = *ver-*

gir (*con* + *vergere*), *immergir, emergir, re* + *trahir* (lat. *re* + *trahere*), *contrahir, detrahir, resumir* (lat. *sumere* = *tomar*); *im* + *plicar* (lat. *plicare* = *dobrar*), *replicar, duplicar, treplicar, quadruplicar.*

310. Dá-se, por vezes, a synonymia de prefixos, phenomeno analogo ao que observámos com os suffixos: *sobpor* e *sotopor, exorbitar* e *seduzir, degredar* e *exilar, inquieto* e *descuidado.*

311. De vez em quando se observa a *polyonymia*, phenomeno opposto ao antecedente, em que o mesmo prefixo apresenta significações varias, p. ex.: *desfazer* e *desmudar, imprudente, immigrante, incorporante.*

312. O mesmo prefixo, como acontece com os suffixos, apresenta a miudo fórmas *divergentes* ou *duplas*, ordinariamente uma *erudita* e outra *popular*: *sobpor, suppor* e *socapa, superpor* e *sobrepor, beneficencia* e *bemfazer.*

313. Alguns desses prefixos são meramente de uso erudito e outros de uso popular. Os prefixos gregos e os latinos não modificados são de uso erudito, e só empregados nos compostos do dialecto literario: *gr. acephalo, analphabeto, epigraphe;* lat. *superpor, sotopor, supradicto.*

314. Classificação dos prefixos. Os prefixos podem-se classificar quanto ao *valor, uso* e *origem.*

1. Quanto ao seu *valor* significativo o prefixo póde ser *expletivo* e *inexpletivo.*

a) Expletivo é o prefixo que não traz ao thema nenhuma idéa, como o pref. *a, em,* nos seguintes vocabulos: *alevantar* = *levantar, acurvar* e *encurvar* = *curvar.*

b) Inexpletivo é o prefixo que traz ao thema ou á palavra simples uma idéa accessoria, como *a, em* e *re* em — *aversão, entornar, reformar.*

2. Quanto ao *uso*, o prefixo póde ser *separavel* e *inseparavel.*

a) SEPARAVEL é o prefixo que tambem se emprega como particula separavel ou independente na phrase, como os prefixos *com, em, bem* (*compor, embarcar, bemdizer*).

b) INSEPARAVEL é o prefixo que só apparece em composição, como, p. ex.: *in, re, circum, soto* (*impor, repor, circumdar, sotopor*).

315. Quanto á *origem,* os prefixos são *latinos* e *gregos.*

316. LATINOS. *Latinos* de origem são todos os prefixos, que pertencem realmente ao fundo da lingua, pois os prefixos gregos, sobre serem de uso literario, só se ajunctam, em regra, a palavras gregas.

Porém grande numero de prefixos latinos apresentam, ao lado da fórma latina, fórmas *vernaculas,* que são as latinas modificadas. A seguinte lista nos dá os pref. lat. com as respectivas fórmas *vernaculas,* advertindo-se que as não modificadas são simultaneamente latinas e vernaculas.

F. LAT.	F. VERN.	F. LAT.	F. VERN.
ad	a	pene	pene
ab	a	per	per
abs	abs	pre	pre
ante	ante	pro	pro
ambi	ambi	preter	preter
bene	bem	post	pos
bis	bis	re	re
circum, circu	circum, circu	retro	retro
cum (com)	com (cum)	se	se
de	de	sine	sem
dis, di	dis, di	semi	semi
des	des	sub	sob, so
ex, es, e	ex, es, e	super	sobre
extra	extra	supra	supra
in	em	subtus	soto
inter	entre	sursum	sussum
intro	intro	trans	tras, tra
juxta	juxta	tris, tri	tres
male	mal	ultra	ultra
ob	ob	vice	vice (vizo, arch.)

317. GREGOS. *Gregos* são os prefixos que, em geral, nos vieram, por via erudita, da lingua grega, restringindo-se o seu emprego ás palavras dessa origem. Damos a seguir a lista delles:

a, an	dia	ambi	para
amphi	dys	hemi	peri
ana	epi	hyper	pro
anti	eu, ev	hypo	pros
apo, ap.	en	meta	syn
cata (kata)			

318. Os PREFIXOS são particulas adverbiaes, cuja funcção original é, na sua maioria, determinar a posição e o movimento no espaço. Deste sentido original evolveram muitas outras relações. Estudá-las em grupos ideologicos, segundo a analogia de suas funcções, é fazer delles um estudo comparativo muito mais fecundo, que o seu estudo insulado em lista alphabetica, como se faz geralmente

1. PREFIXOS que encerram a idéa de *apartamento, separação, procedencia*:

a ⟿ **ab — abs** —: aversão, abjurar, abster.

de —: depor, deposição, depoimento, deportar, deportação, demittir, demissão, demissoria, demissivel, degradar, degradação.

dis —: discordar, discordancia, dissolver, dissolução, dissoluvel, discriminar, discriminação, discrimen, discriminal, dispensar, dispensatorio, dispensativo, difficil, (dis+facil), differente (dis+ferente), diffundir (dis+fundir), diffusão, diffusivo, divergir (dis+vergir), divergencia, diversão.

ex —, es —, e —: exorbitar, exonerar, exoneração, expatriar, expandir, expansão, êxito, expectorar, expectoração, expor, exposição, expropriar, expugnação, expulsar, expurgir, extorquir ,extorsão, extirpar, extinguir, extender (estender), ex-presidente, ex-deputado — escorrer, espalmar, estirar, esbater, esbandalhar, esbandulhar, esbarrigar, esbagoar, esbarbar — emigrar, emanar, emergir, emancipar, emittir, emissão, emissario, emissivo, emissor.

se —: seduzir, seducção, seductor, segregar, selecção, selecto, selectar, seccessão, separar, separação.

apo —, ap — (grego): apogeu, apostolo, apostasia, apostropho, apostrophe, apocalypse, aphelio, apherese.

2. PREFIXOS que encerram a idéa de *approximação, proximidade* ou *tendencia*:

a: —: avocar ⟿ advocare, (cf. advogar), averbar, averbação, alinhar, avizinhar, abordar, abordagem, acercar (cercar), acurvar (curvar), ajunctar (junctar).

ad — (latino) : advogar (⟿ advocare), advogado (arch. avogado), adherir, adhesão, adjuncto, adjectivo, adquerir, (acquerir, acquisição), addição, addicionar, admirar, aggravar (ad+gravare), approximar (ad+proximare), aggregar (ad+gregare), apprender (ad+prendere), accusar, affeito, affecto, affirmar, alludir, annexo, approvar, arrimar, attender.

justa — (latino) : juxtapor, juxtaposição, juxtalinear, juxtafluvial.

quasi — quasi-contracto, quasi-delicto, quasímodo.

pene — (latino) : peninsula (quasi-ilha), peninsular, penumbra, penultimo.

para — (grego) paranympho, paracléto, paráclito, paraphraste, paraphrastico, paradigma, paraphernaes.

3. Prefixos que encerram a idéa de *movimento para fóra*:

extra — (latino) : extraordinario, extravagante, extravagar, extravasar, extraviar, extravio, extranumeral, extranormal-extramuros, extramundano, extrajudiciario.

x—, ec— (grego) : êxodo, êxtase, exegése, exophthalmia,—eclipse, eclectico.

exo — (grego) : exoterico, exoterismo, exosmóse, exostemma, exotheca, exorrhizo.

4. Prefixos que encerram a idéa de *tendencia, movimento para dentro*:

en —, em — (vernaculo): enthronizar, engarrafar, entapetar, entapizar (tapizar), entalar-se, entaliscar-se, entancar, entalhar, ensopar, ensilvar — embainhar, emmalar, emmalhar, empoçar, empossar, emparedar.

in —, im (latino) : inundar, injectar, incorrer, infiltrar, infiltração, — immergir, immigrar, immigrante, immigração, imprimir, impressão, imprensa.

intro —, intra — (latino) intrometter, introducção, intromissão, introito, introspectivo introversão, — intrafolio, intramarginal, intramedullar, intramuros, intramuscular.

en —, em — (grego) : encyclica, enthusiasmo, energúmeno, energia,—emphase, emphatico, emphatismo, embryão, emblema.

endo — (grego) : endocephalo, endosmóse, endoscopio, endocranio, endocarpo, endocardio.

5. Prefixos que encerram a idéa de um *movimento através*:

per — : percorrer, perfurar, perpassar, permear, perdurar, pernoitar, perambular, perlustrar, perscrutar, perenne (per + annum), perfumar. (cf. perfazer, perjurar)

dia — (grego) : diagonal, diametro, diaphano, diagnostico, diaphragma, diáphora, diástase, diástole, diaphoése, diáphonia, diapnoico.

Obs. Per tem ainda, em composição dois valores : *a)* de *perfeição, augmento, intensidade — perfazer, perfeito, perdurar, perseguir, perturbar ; b) pejorativo — perder* (=*per*+*dar*), *perverter, perverso, perfido, perjurar.* — Conjectura Bréal, para explicar sentidos tão diversos, ter havido amálgama de duas ou mais particulas latinas neste prefixo.

6. Prefixos que encerram a idéa de um *movimento para deante*:

pro — (latino) : progredir, progresso, profluir, prover, providencia. protrahir, prosternar, prolongar, procrastinar, produzir, procurar (cf. proconsul, pronome, pro = vice), proeminencia,

pros — (grego) : prosélyto (o que vem para, um converso), prosodia, prosthese, prosthetico.

7. Prefixos que encerram a idéa de *posição anterior*:

ante — (vernaculo) : antepor, anteposição, anteceder, antecedencia, antedata, antediluviano, antesala.

pre — (latino) : preposição, prever, previdencia, predizer, predominar, preambulo preponderar, preeminencia, prepotencia.

pro — (grego) : prólogo, pródromo, programma, prolegómenos, prognotho. prophylactico, problema. prothese, próstata.

8. Prefixos que encerram a idéa de *posição posterior*:

post — pos, — (latino) : posthumo, posteridade, pospor, posposição, posponto, (vulg. pesponto), pospontar, (vulg. pespontar), postergar, posterio (arch.), postumeiro (arch.).

meta — (grego) : metaphysica, metamorphose, metaphraste, methodo (meta+hodo), metonymia.

9. Prefixos que encerram a idéa de *posição fronteira, opposição, proximidade*:

contra —, **contro** — : contrapor, contrabalançar, contradizer, contradansa, contracosta, contrafazer, contrafeitiço, contradicta, contramarca, contrabaixo, contra-almirante — controversia, controversista, controverter, controverso.

ob — (latino) : objecto, objectar, objecção, oppor (ob=por), opposição, obstar, obstaculo, opprimir, objurgar, objurgatorio, offerecer (ob+ferecer), oblação, occorrer (ob+correr), obsidiar, observar, oppugnar, occasião (ob+casião), occaso (ob+caso), occidente (ob+cidente, — de occidere).

anti —, ant — (grego) : antidoto, antipathia, antinomia, antipoda, antithese, anti-papa, antichristo (anti+christo), anticlerical, antagonista, antarctica (polo antarctico = opposto ao arctico), antiphrase.

10. Prefixos que encerram a idéa de *posição intermedia*:

entre — (vernaculo) : entrelaçar, entrelinhar, entrever, entrevistar, entrechocar, entresachar, entreabrir, entreacto, entrecasca, entrecosto, entretanto, entreduvida.

inter — (latino) — interpor, interposição, interromper, interrupção, interpollar, interpellar, interrogar, interrogação, intervallar, intervenção, intervertebral.

11. Prefixos que encerram a idéa de *anterioridade em relação a um logar*:

aquém — (vernaculo) : aquem-tumulo, aquem-Téjo.

çis — (latino) : cisalpino, cisplatino, cisgangetico, cisjurano, cismontano, cispadano, cisatlantico.

12. Prefixos que encerram a idéa de *posterioridade* ou *excesso*:

além — (vernaculo) : além-tumulo, além-eras, além-mar, além-mundo, além-Tejo, alémtejano, alemtejão (arch.).

ultra — (latino) : ultramar, ultramarino, ultramontano, ultramontanismo, ultraliberal, ultramonarchico, ultramundano, ultrapassar, ultrarealista, ultrasensivel, ultrazodiacal, ultraparadoxal, ultraexistencia.

preter — (latim) : preterir, pretérito, preterivel, pretermittir, pretermissão, preternatural.

trans —, tras —, tra —, tres — (latino) : transitar, transitivo transir, transido, transito, transfuga, transfiguração, transhumar, transhumanar, transhumancia, transigivel, transgredir, transmalhar e tresmalhar, transmontano, trasmontano, transbordar e trasbordar, transformação, trasnoitar e tresnoitar, trasfegar e tresfegar, traspassar e trespassar, transpasso, trespasse e trespasso, trasladar, transmudar e trasmudar, tramontar, tramontana (=estrella polar, rumo, perder a tramontana), traduzir, traducção, tradição, tradicional, trajecto trajectoria, tresvariar, tresvario, tresler, tressuar, tresloucar, tresfolegar e tresfolgar.

13. Prefixos que encerram a idéa de *movimento de retrogradação* ou *afastamento para traz*:

re — (latino) : refugiar, refugio, retrahir, reprimir, repellir, refutar, refutação, refutavel, refundir, renunciar, reduzir, revolver, refrear, revogação, refluxo, repercutir, remanescer, regressar, regresso, regressão, reacção, reaccionario, reagir, reverter, reversivo, revelar (afastar o véo).

retro —, (reta—retaguarda—latino) : retroagir, retroactivo, retroceder, retrocessar, retrogradar, retrogradação, retrógrado, retroverter, retroversão, retroseguir.

14. Prefixos que encerram a idéa de *repetição* e *reforço*:

re — : refazer, reler, reformar, realçar, rebramar, recontar, rebuscar, recolher, rebater, reatar, rebaixar, re-sim e re-não (A. C.), revestir, revolução, revolver.

bis —, **bi** — (lat. = dualidade : bisavó, bisneto, bissecção, biscoito, bissexual, bissexto, bisannual (que succede de dois em dois annos), bimensal (de dois em dois mezes), bisemanal ou bissemanal, (que se publica duas vezes por semana), biennio, bimestre, bisulco, bipede, bimano, binomio, binérvio, bimembre, bigorna, bioxydo, bipari, bipartido, bipenne, bireme, bilingoe, bimar.

tris —, **tri** —, **tres** —, **tre**— (latino = triplicação) : trisavô e tresavô, trisannual (que se realiza de trez em trez annos), trisecular, trisector, trisecção, tresdobrar, tresdobro, tresjurar e trejurar (*juro, rejuro* e *trejuro*, A. C.), treplicar (*replica* e *treplica*).

dis — (grego = dualidade : dissyllabo, dilemma, distico.

tris —, tri — (grego = triplicação) : trismegisto, trisarchia, trisyllabo, trilogia, tripode, trigonometria, tristicho, tristoma.

15. Prefixos que encerram a idéa de *movimento circular*:

circum — (latino) : circumferencia, circumloquio, circumscrever, circumdar, circumvallar, circumpolar, circumscripção, circuito (circum + ito).

ambi — (lat. = dualidade) : ambiente, ambidextro, ambiguo, ambiguidade.

peri — (grego) : peripheria, periphrase, perihelio, pericardio, perigeu, peripatetico, pericarpo, periodo.

amphi — (grego) : amphitheatro, amphibio, amphibologia, amphisicios, amphibolia, amphidromia, amphithalamo.

16. Prefixos que encerram a idéa de *movimento para cima*:

sus — (latino — sussum, sursum ←— sub + versum) : sustar, susster, suspender, suspeitar, suspirar, sustentar.

ana — (grego) : analeptico, anasarca, aneurisma, anaphonése, anagramma.

17. Prefixos que encerram a idéa de *posição superior*:

sobre — (vernaculo): sobrepor, sobremesa, sobreviver, sobrehumano, sobretudo, sobrestar, sobrepujar, sobresalto, sobrenatural.

super — (latino): superpor, superlativo, superintendente, superintender, superambundar, superexcitar, supernatural, supercilio, supercilioso, supererogação, superfrivolo, superfluo, superfino, superproducção.

supra — (latino): supranatural, suprasummo, supraterraneo, suprarenal, supranumerario, supradicto, supralapsario, suprajurassico

hyper — (grego): hyperbólico, hyperbolismo, hypérbato, hyperbibasmo, hyperboreo, hyperchroma, hypercatalectico, hyperchlorato, hyperacidez, hyperacusía, hyperacusico, hyperalgesia, hypercritico, hypercrise, hyperdulía, hypermetria, hyperemia, hypermnesia, hyperthese, hypersthenia.

epi — (grego): epigraphe, epitaphio, epithese, epistola, epistrophe, epistáxe (cs), epilogo, epiphrase, epiphonema, epiphania, epigramma, epiglotte, epigastro, epigenesia, epidemia, ephemero (epi+hemero), epicyclo.

archi —, **arci** — (grego): architecto, architriclino, archanjo, archipropheta, arcipreste, arcebispo, arcediágo.

18. Prefixos que encerram a idéa de *posição inferior*:

sob —, **so** — (vernaculo): sobpor, sobestar, sobgrave, sobnegar e sonegar, sobraçar (sob+braçar), soccorrer (sob+correr), socapa (sob+capa), sopé (sob+pé), sorrir (sob+rir), soborda, soborralhar.

soto —, **sota** — (vernaculo): sotopor, sotocapita, soto-almirante, sotomestre, sotavento, sotaventar, sotapatrão, sotapiloto e sotopiloto.

sub — (latino): subchefe, subdelegado, subalterno, subjunctivo, subcutaneo, subsolo, subjacente, subjugar, subtracção, subtender, subentender, subterraneo, suburbio, suburbano, subversão, suppor (sub+por), supplantar (sub+plantar).

subter — (latino): subterfugio, subterfugioso, subterfugir, subterfluente.

hypo — (grego): hypogeu, hypothese, hypocrita, hypostase, hypocarpo, hypoalgesia, hypoacusia, hypocraniano, hypodermico, hypocondría.

19. Prefixos que encerram a idéa de *mediação*:

meio — (vernaculo): meio-dia, meio-busto, meio-corpo.

semi — (latino): semicirculo, semicupio, semidouto, semitom, semifusa, semicolcheia, semilunio, semilunar, semideus, semivogal, semimorto, semivivo.

hemi — (grego): hemispherio, hemicranea, hemicyclo, hemistichio, hemiplegía.

20. Prefixos que encerram a idéa de *reunião, ajunctamento*:

com —, con — : combater, comparar, commemorar, commungar, communhão, communidade, commover, commoção, contender, compadre, confrade, confraternizar, connexo, conferencia, convocar, convocação, cooperar (com+operar), coordenar, collaborar (com+laborar), corromper (com+romper).

syn —, sym —, syl —, sy — (grego) : syntaxe, synodo, synthese, synthetizar, synchronismo, sympathia, symphonia, symbolo, symbolizar, syllaba, syllepse, syllogismo, syllogistico, systema.

21. Prefixos que encerram a idéa de *privação* ou *negação*:

menos — (vernaculo) : menosprezo, menosprezar, menoscabo, menoscabar, menospreço, menospreciar.

in —, im (latino, anteposto a nomes) : injusto, injustiça, inveridico, inverdade, inhabil, inhabilidade, innegavel, inhospito, independente, independencia, (cf. independer), inimigo, inimizade (cf. inimistar), incapaz, incapacidade (cf. incapacitar), impertinente, immundo, inverosimil, invio, inviavel, impio, illegal, in+legal, illegitimo (in+legitimo), irregular (in+regular)..

des —, de — : desfazer, desengano, desenganar, desculpa, desculpar, desviar, despovoamento, despejar, desancar, descommunal, deshonesto, desleal, deslealdade, desagradavel, destruir (des+struir), dessimilar (des+similar), desavir, desunir, desunião, desmiolar, desmarcar. desordem, desmemoriar.

a —, an — (grego) : acatholico, apétala, aphonia, aphonico, aphasia, acephalo, acephalia, apepsia, ápyro, áptero, átono, atónico, anervia, anesia, anarchia, anhydro (a—n+hydro), analphabeto, apathico.

22. Prefixos que encerram a idéa de *bom exito*:

bem — (vernaculo) : bemdizer, bemquerer, bemquisto, bemaventurado, bento (← benedictum), bençam (← benedictionem), benzer (← benedicere).

bene — (latino) : benevolencia, benemerencia, benemerito, beneplacito.

cu —, ev — (grego) : euphonia, euphono, euphoria, euphonismo, eurythmia, eucharistia, eupepsia, evangelho, evangelizar.

23. Prefixos que encerram a idéa de *mau exito*:

mal — (vernaculo) : maldizer, maldizente, malquerer, malquisto, malfazer, malfazejo, malfeitor, maldicção, malavindo, malferir, malferido, maltractar, maltractado (cf. mau tracto) malcrear, malcreado (cf. malcreação).

dys — (grego) : dyspepsia, dyspeptico, dysphonia, dystalia, dyspnéa, dyspnesico, dyssuria, dyscrasia, dyslexia, dysenteria, dysphagia, dysphoria, dysopia.

Juxtaposição

319. A composição por *juxtaposição* consiste na união de duas ou mais palavras para expressar uma só idéa ou objecto, conservando os elementos componentes sua integridade graphica e prosodica, p. ex.: *madresilva, mestre-escola, pé-de-vento, Carlos Magno, Ricardo Coração de Leão.*

Vê-se, por estes exemplos, que os elementos do composto por juxtaposição se unem de trez maneiras: *a*) por *contacto* (madresilva); *b*) por *hyphen* (mestre-escola); *c*) por mero agrupamento (pé-de-vento, Ricardo Coração de Leão).

320. Orthographia dos compostos. Ha uma certa indecisão orthographica quanto a esses modos de se prenderem os elementos componentes. Em geral, nos compostos de uso frequente, onde os elementos tendem a fundir-se num composto perfeito, dispensa-se o hyphen, p. ex.: *madresilva, pontapé, varapau, vaevem, guardanapo.*

Aquelles, porém, em que os dois elementos, já na pronuncia, já no espirito do povo, se conservam distinctos, são ligados por um hyphen, como — *guarda-chuva, couve-flor, amor-perfeito, escola-modelo, papel-moeda, papa-figos.* Os que se formam por grupos nominaes relacionados pela preposição *de* ordinariamente, são com frequencia escriptos sem qualquer indicação orthographica: *chefe de secção, pé de vento, alma de gato, cabo de esquadra, bacharel em letras*, etc. Ha, porém, toda a conveniencia para a clareza, que taes compostos sejam ligados pelo hyphen: *chefe-de-secção, pé-de-vento, cabo-de-esquadra, bacharel-em-letras.*

Exceptuar-se-ão as locuções substantivas proprias: *Vasco Pires de Camões, Ricardo Coração de Leão, Mem de Sá, Estados Unidos da America do Norte* (cf. Estados-Unidos).

Egualmente é commum exceptuar os compostos eventuaes: *menino prodigio, nariz monstro, homem pedra,* e as *locuções adverbiaes* (*de quando em quando*), as *prepositivas* (*além de*), as *conjunctivas* (*além de que*), as *interjectivas* (*ai de mim,* cf. *aqui-d'el-rei*), e as *adjectivas* (*vinte e quatro* (cf. *dezeseis, dezenove*). A reforma orthographica portugueza, entretanto, reclama o hyphen para todos esses casos, com excepção das locuções de nomes proprios de pessoas (*Pedro Alvares Cabral*).

321. NATUREZA DOS COMPOSTOS. Os compostos por juxtaposição podem ser de formação *popular* ou *erudita.*

Os *compostos populares* seguem, em regra, a corrente analytica, que, como já observamos, é o genio das linguas neo-latinas, e pospõe o elemento *determinante* ao *determinado,* como: *couve-flor, amor-perfeito, bico-de-papagaio.* Apparecem, entretanto, esporadicamente reincidencias ao typo antigo ou synthetico, como — *mãe-patria, clara-boia, varapau,* e, provavelmente, *ponta-pé* (*o pé em ponta*).

Os *compostos eruditos,* que, em regra, só apparecem na linguagem culta, seguem a corrente synthetica, que é o genio das linguas antigas, e antepõe o *determinante* ao *determinado,* como: *agricola, agricultura, photographia, telegramma.* Estes *compostos eruditos* pertencem a duas camadas: os tomados ao latim e ao grego classicos, e outros formados segundo o modelo daquelles.

Grande é a lista, no dialecto literario e na technologia scientifica e artistica, desses *neologismos,* que desde o seculo da Renascença tem avolumado consideravelmente o nosso lexico.

322. ORIGEM DOS COMPOSTOS POR JUXTAPOSIÇÃO. Quanto á origem podem os compostos por juxtaposição ser — *vernaculos* (varapau), *latinos* (plebiscito), e *gregos* (philosophia).

No seu processo formativo, em geral, o latim tem o primeiro elemento em *i* (*agri* + *cultura*), ás vezes em *u* (*usu* + *fructo*), e o grego em *o* (*photo* + *graphia*), e o mesmo acontece com alguns compostos vernaculos de fonte erudita (*luso* + *brasileiro, medico* + *cirurgico, novo* + *latino* ou *novi* + *latino* e ainda *neo* + *latino*).

323. Composição vernacula. Os compostos vernaculos juxtapostos poderão ser distribuidos em duas grandes classes: os compostos por simples *agrupamento* e por *locuções*.

1. Agrupamento. Os compostos por simples agrupamento nominal formam-se de:

Subst.+subst. : pontapé, varapau, terremoto (A. V. terramoto), maremoto, guardanapo, lengalenga, madresilva, ribatejo, madreperola, mãe-patria, mestre-escola, escola-modelo, mestre-sala, banho-maria, cirurgião-dentista, beira-mar, herva-mate, hortelã-pimenta, café-concerto, quartel-mestre, paletó-sacco, caxeiro-viajante, arco-iris, peixe-espada, socó-boi, abelha-mestra.

Subst.+adject. : vangloria, cantochão, claraboia, gentilhomem, bom-senso, senso-commum, amor-perfeito, obra-prima, padre-nosso ou padrenosso, salvo-conducto, guarda-marinha, baixamar, preamar, baixo-relevo, herva-cidreira, sangue-frio, café-cantante, estado-maior, joão-bobo.

Adject.+adject. : surdo+mudo, medico-cirurgico, novo-latino, luso-brasileiro, dezoito, verde-negro, azul-claro.

Verbo+verbo : vaevem e vae-vem, ruge-ruge (pl. ruges-ruges), luze-luze (pyrilampo, pl. luzes-luzes), leva-traz, ganha-perde és-não-és, ouvi-dizer.

324. 2. Locução. Os compostos por *locução* são formados por palavras que se agrupam em phrases, segundo as leis ordinarias da syntaxe, para expressarem uma idéa. São compostos por: *a*) *locução nominal; b*) *verbal; c*) *adverbial; d*) *prepositiva; e*) *conjunctiva; f*) *interjectiva.*

a) Locução nominal : pé-de-vento, pé-de-gallinha, pé-de-moleque, pé-de-boi, pé-de-cabra, pé-de-chumbo, pé-de-alferes, cabeça-de-prego, cabeça-de-negro, unhas-de-fome (m. e f.), arco-da-velha, alma-de-gato, alma-de-mestre (Garrett, Cam. 254), alma-de-canto (Lus. I. 91, vid. Figueiredo), Martim Affonso de Souza, America do Sul, joão-de-barro, vinte e quatro, duzendo e cincoenta e seis mil.

b) Locução verbal : Os compostos por *locuções* ou *phrases verbaes*, dão-nos numerosos substantivos :

Busca-pé, bota-fóra, beija-flor, beija-mão, bota-abaixo, pica-pau, pinta-monos, pisa-mansinho, papa-jantares, papa-moscas, papa-figos, papa-terra, lambe-pratos, traga-mouros, cheira-dinheiro, esfola-gatos, escacha-pecegueiros, porta-voz, porta-bandeira, para-raios, para-quedas, para-peito, para-choque, tapa-vento, tapa-olhos tapa, bocca, talha-mar, frege-moscas, tira-teimas, chupa-mel, ata-vento, salva-vidas, gyra-sol, saca-rolha, saca-trapo,

espirra-canivetes, escalda-favaes, saltimbanco (it. saltare =in-banco), bemtevi (bem-te-vi), valhacouto, viracasacas, vira-volta, guarda-mão, guarda-roupa (m. e f.), guarda-portão, guarda-livros, guarda-louça, guarda-porta, guarda-voz, guarda-vista (=pantalha=quebra-luz), guarda-chuva, guarda-sol, guarda-vento (cf. guarda-marinha), ganha-pão, quebra-voz, malmequer e malmequeres (mal-me-quer).

c) Locuções adverbiaes: de vez em quando, de quando em quando, de tempos a tempos, de hora em hora, cada vez mais, ás claras, ás rebatinhas, á tripa forra, de longe em longe, de onde em onde; tim-tim por tim-tim, de cocaras, de gatinhas.

d) Locuções prepositivas: além de, longe de, dentro de, dentro em, a ponto de, conforme a, por cima de, por entre, por sobre, para com, em vista de.

e) Locuções conjunctivas: de modo que, além de que, no emtanto, visto que, por quanto, com quanto, com tanto que, já que.

f) Locuções interjectivas: ai de mim! aqui d'el rei! eia sus!

Obs. De phrases inteiras formam-se compostos, como, p. ex.: Ella é uma — *Maria-vae-com-as-outras*, e elle um — *Sancto Antoninho, onde te porei* — *O bem-te-vi* (bemtevi), um *mal-me-quer* (malmequer).

Agglutinação

325. Os compostos por *agglutinação* são aquelles em que a juxtaposição é mais intima, e o primeiro elemento perde a sua autonomia prosodica, fundindo-se com o elemento seguinte pela modificação de sua desinencia, como se vê nos vocabulos seguintes:

Aguardente (=agua+ardente), vinagre (=vinu+agre), fidalgo (=filho de algo), manobrar (=manu+obrar), puxo-avante (=puxa+avante), petroleo (=petra+oleo), amaria (=amar+havia), manter (=manu+ter), manumittir, manutenir, manufacturar, manutenção, gastralgia, cycloide, hemorrhagia.

Alguns destes já nos vieram da época romana, como:

Ourives (=auri+fex), republica (=re+publica), agricola, manutergio, manustergio ou manistergio, cabisbaixo, agricultura, ouropel, usufructo.

326. Estes compostos são chamados *proprios* ou *perfeitos*, pois os elementos componentes se fundem de tal modo na pronuncia, que o todo composto se subordina a um só *accento tónico*, embora em muitos seja sensivel, no primei-

ro elemento, a *subtónica* ou *accento secundario*, que é a sua tónica enfraquecida pela fusão: *púxavante, pintalegrête.*

327. Em opposição a estes os outros são *imperfeitos, espurios* ou *improprios*, pois cada elemento guarda sua integridade vocabular na pronuncia e graphia (*mestre-escola, varapau, mestre-de-cerimonia*), com excepção dos compostos por prefixação, que se incluem nos *perfeitos.*

Hybridismo

328. Devemos distinguir entre os compostos os *hybridos*, que são os compostos heterogeneos, cujos elementos procedem de linguas differentes, taes como — *monoculo*, que se compõe de *mon* (*monos*) grego, e *oculo* latino; *cipó-chumbo*, que se compõe de *cipó*, guarani, e *chumbo*, portuguez.

329. O HYBRIDISMO (do gr. pelo lat. *hybridus* = *mestiço*) oppõe-se ás normas regulares de composição, que se deve effectuar com elementos homogeneos, tomados a uma mesma lingua; todavia muitos compostos *hybridos* já estão incorporados no lexico vernaculo. A's vezes, as composições hybridas servem de typo a formações grotescas e *depreciativas*, p. ex.: *verborrhagia, verborrhéa, bestialogia.*

Quando os elementos componentes são de largo uso na lingua, não repugna a sua combinação, embora heterogeneos: *centimetro, antisocial.*

330. Já pela razão acima dada, já pela necessidade, são correntes na literatura e na nomenclatura scientifica os seguintes *hybridos*:

Bigamo (*bi* lat., *gamo* greg.), areometro (*arco* lat., *metro* grego), decimetro (*deci* lat., *metro* grego), millimetro (*milli* lat.), pluviometro (*pluvi* lat.), spectroscopio (*spectro* lat., *scopio* grego), terminologia (*termino*, lat. *logia*, grego), mineralogia (*minera* lat.), alcoometro (*alcool* arabe), sociologia (*socio* lat., *logia* grego), sociocracia (*cracia* grego), burocracia (*bureau* fr.), galvanotypia (*galvano* it., *typia* grego), oleographia (*oleo*, lat., *graphia* grego), zincographia (*zinco* allem.).

Parasynthetismo

331. Na formação das palavras distinguem-se entre os *derivados* e *compostos* os PARASYNTHETICOS, que são as palavras formadas pela synthese de prefixos e suffixos appostos a uma palavra radical, como — *enlaçar* = *en* + *laço* + *ar*, *adoçar* = *a* + *doce* + *ar*, *embarcar* = *em* + *barca* + *ar*.

332. O phenomeno de *parasynthetismo* (gr. *para*, perto de, apposto + *synthese*) fórma verbos e nomes, donde temos *parasyntheticos verbaes* e *nominaes*.

a) PARASYNTHETICOS VERBAES. Em regra, formam-se de subst. e adj. os parasyntheticos verbaes da 1.ª conjugação. Exs.:

Embarcar (em + barca + ar), avelhacar (a + velhaco + ar), abraçar (a + braço + ar), enricar (en + rico + ar), pernoitar (per + noite + ar), enfumaçar (en + fumaça + ar), repatriar (re + patria + ar), transbordar (trans + bordo + ar), envernizar (en + verniz + ar), esfriar (es + frio + ar), empoçar (em + poço + ar), exorbitar (ex + orbita + ar), empregar (em + pego + ar).

b) PARASYNTHETICOS NOMINAES. Formam-se os parasyntheticos nominaes pela synthese ou juncção, a um subst. ou adj., de prefixo e de suffixo nominal. Exs.:

Submarino (sub + mar + ino), subterraneo (sub + terra + aneo), embarcação (em + barca + ção), sobrenatural (sobre + natura + al), sobrehumano (sobre + hum(= homem) + ano, interoceanico (inter + oceano + ico).

"Os parasyntheticos nominaes adjectivos apresentam antes uma composição logica de idéa que uma composição material de palavra". E' isto visivel em palavras taes como *sobrehumano*, onde a palavra *homem* não se acha formalmente em *humano*, mas o espirito apprehende o subst. *homem*, regimen da prepos. *sobre*, e um dos suff. *-ano*, determinante do composto *sobrehumano*. (Darmest.).

Compostos latinos

Agricultura, apicultura, avicultura, puricultura, pedicuro, agricola, centrifugo, vermifugo, febrifugo, centripeto, armigero, lanigero, lucifero, prolifero, pestifero, mamifero, carbonifero, estellifero, ensifero, ignivoro, flammivoro, carnivoro, frugivoro, altivolo, noctivago, undivago, oviparo, viviparo, scissiparo, fructificar, clarificar, liquificar, liquidar, equivocar, mundificar, equivaler, equiangulo, equidistante, unipessoal, unigenito, unisono, unilateral, boquiaberto, manivella, maniatar, maniroto, torcicollo, manufactura, manuscripto, maniluvio, manuductor, usufructo, quadrupede, quadrumano. viaducto. iurisprudencia, senatus-consulto, plebiscito

Compostos gregos

Orthographia, phonographia, astronomia, hydrocephalo, bibliophilo, encyclopedia, autognosia, geographia, lexicologia, philosophia, photographia. necromancia, sarcophago, megalomania, biologia.

Lista dos compostos gregos

333. Sendo de largo uso nas sciencias e nas artes os compostos de elementos gregos, damos em seguida uma lista delles com a significação do primeiro elemento, e com o valor geral do segundo elemento de alguns:

Acro — *tôpo, extremidade :* acropole (polê = cidade), acrobata, acroterio, acrostico.

Anemo — *vento :* anemometro (metro = medida), anemoscopio (scopio = ver).

Anthropo — *homem:* anthropophago (phago = comer), anthropologia (logia = tractado), anthropomorphismo (morpho = fórma).

Auto — *mesmo, proprio :* autographo (grapho = escrever), autopsia, autobiologia (bio = vida), autochthone.

Baro — *peso :* barometro, barometrographia, baroscopio.

Biblio — *livro :* bibliotheca, bibliomania, bibliographia. bibliophilo (philo = amigo).

Bio — *vida :* biographia, biologia, biogénesis, biometro.

Caco — *mau :* cacophaton, cacophonia, cacographia cacologia.

Cephalo — *cabeça :* cephalalgia, cephaloide.

Chiro — *mão :* chiromancia, chirographario. chirographia, cirurgia (chiro+urgia).

Chromo — *cor :* chromolithographia, chromophoro.

Chronos — *tempo :* chronometro, chronologico, chronologia, chronogramma.

Chryso — *ouro :* Chrysostomo (bocca de ouro), chrysolitho, chrysologia, chrysanthemo, chrysópraso.

Cosmo — *mundo .* cosmographia, cosmologia, cosmopolita, cosmopolitano, cosmorama.

Crypto — *occulto :* cryptógamo, cryptogamia, cryptographia.

Cyano (cyan) — *azul :* cyanhydrico, cyanogenio, cyanóse.

Cyclo — *circulo :* cycloide, cycloptero, cyclópes, cyclótomo.

Cyno — *cão :* cynegetica, cynocephalo, cynoglóssa, cynorrhodo.

Cysto (cyst.) — *bexiga :* cystocéle, cystotomia, cystalgia.

Demo — *povo :* democracia, democrata, democratizar, demagogo.

Electro — *electricidade :* electroscopio, electrólyse, electrodynamico.

Entomo — *insecto :* entomologia, entomozoario, entomostraceos.

Etho — *costumes, moral :* ethopéa, ethographia, ethologia, ethognosia, ethocracia, ethogenia.

Ethno — *povo :* ethnographia, ethnologia, ethnologista.

Galacto — *leite :* galactometro, galactographia, galactophoro.

Gastro — *ventre, estomago :* gastro-enterite, gasterópodes, gastronomia, gastrónomo, gastralgia.

Geo — *terra :* geographia, geographo, geologia, geognósia, geodésia, geometria, geomancia, geophagia, geogenia, georâma.

Gymno — *nu :* gymnosophista, gymnosperma.

Gyn, gyneco — *mulher :* gynandria, gynecocracia, gyneceu.

Heli, helio — *sol :* heliocentrico, helioscopio, heliotropio, heliometria, heliographia.

Hema, hemo, hemato — *sangue :* hematuria, hematocéle, hemorrhagia, hemoptyse.

Hetero — *outro :* heterogeneo, heterorganico, heterodoxo, heterodermes.

Hiero (hier.) — *sacerdote, sagrado :* hierophante, hieroglypho, hierarchia (jerarchia).

Hippo — *cavallo :* hippódromo, hippopótamo, hippomania.

Homo, home — *o mesmo :* homogeneo, homorganico, homographo, homonymia, homeopathia.

Hydro — *agua :* hydrostatica, hydrographia, hydromel.

Hygro — *humido :* hygrometro, hygroscopio.

Ichtyo — *peixe :* ichtyophago, ichtyologia.

Icono — *imagem :* iconoclasta, iconographia.

Idolo (ido) — *imagem :* idolatria, idólatra.

Ideo — *idéa* : ideologia, ideographia.

Idio — *proprio :* idiogathia, idiosyncrasia.

Litho — *pedra :* lithographia, lithologo.

Macro — *grande :* macrobio, macrocephalo, macropetalo.

Mega, megalo — *grande :* megatherio, megalithico, megametro, megascogio, megalomania, megalocephalo, megalophonia, megalosaurio.

Micro — *pequeno :* microbio, microcephalo, microcosmo, microscopio.

Meso — *meio :* mesologia, mesóclise, mesothorax.

Metro — (=metron) — *medida :* metrologia, metronomo.

Metro (=méter) — *mãe :* metropole, metropolitano.

Miso (mis) — *odio :* misanthrópo, misanthropia, misogamo.

Morpho — *fórma :* morphologia, morphogenia.

Mytho — *fabula :* mythologia, mythologista, mythographia.

Mono — *unico :* monarchia, monarcha, monarchista, monographia, monandria.

Necro — *cadaver :* necrologia, necromancia (nigromancia).

Neo — *novo :* neologia, neologismo, neophyto, neo-platonismo, neolatino (novo-latino e novi-latino).

Nevro — *nervo :* nevroptero, nevralgia, nevrotomia, nevropátha.

Noso — *doença :* nosologia, nosogenia, nosographia.

Odonto — *dente* : odontologia, odontalgia, odontoide.

Onoma — *nome :* onomancia, onomatopéa.

Ophi — *serpente :* ophicleide, ophiolitho.

Ophthalmo — *olho :* ophthalmographia. ophthalmoscopio, ophthalmotonia.

Ornitho — *passaro :* ornithologia, ornithomancia.

Ortho — *recto :* orthographia, orthologia, orthodoxia, orthopedia

Osteo — *osso :* osteologia, osteographia, osteophago.

Paleo — *antigo :* paleontologia, paleographia, paleozoologia.

Pan — *tudo :* pantheismo, pantheista, panorama, panslavismo.

Patho — *molestia :* pathologia, pathologista, pathogenia.

Philo — *amigo :* philantrôpo, philantropia, philologia, philologo.

Phlebo — *veia :* phleborrhagia, phlebotomia.

Phono — *voz :* phonographia, phonologia, phonographo.

Photo (phos) — *luz :* photographia, photographo, photo-lithographia, phototypia, photometro, photophoro, photosphera, phosphoro.

Physio — *natureza :* physiologia, physiognomia, physionomia.

Podo — *pé :* podoptero, podocarpo, podagro, podómetro.

Pseudo — *falso :* pseudonymo, pseudopropheta, pseudópodos, pseudelminthos.

Psycho — *alma :* psychologia, psychologo, psychognose.

Ptero — *aza :* pterópodos pterodactilo.

Pyro — *fogo :* pyrotechnia, pyrotechnico, pyrophoro, pyrometro.

Rhino (rhin) — *nariz :* rhinoceronte, rhinoplastia, rhinalgia.

Stero — *solido :* stereoscopio, stereometria, stereotypo.

Strate — *exercito :* estratagema, estratégia, estratocracia.

Tele — *longe :* telegraphia, telegramma, telepathia, telephone.

Theo — *Deus :* theologia, theosophia, theocracia, theodicéa.

Thermo — *calor :* thermometro, thermo-electrico, thermologia.

Topo — *logar :* topologia, topographia, toporáma, toponymia.

Typo — *modelo :* typologia, typographia typochromia, typomania.

Zoo — *animal :* zoologia, zoographia, zoophoro, zoophyto, zoolatra, zoolitho.

Mono — mon — *um, unico :* monosyllabo, monomio, monopolio, monotheismo, monotonia, monographia, monoptéro, monarchia, monandro.

Dis — di — *dois :* distico, dissyllabo, diandria, dilemma, diphthongo, diedro, dioico.

Tri — *tres :* trisyllabo, triandria, triedro, trigonometria, trilogia, triphthongo.

Tetra — *quatro :* tetraedro, tetracordio, tetrasyllabo, tetragramma, tetrámetro.

Penta — pent — *cinco :* pentagono, pentandria, pentápole, pentametro.

Hex ⟶ *seis :* **hexametro**, hexagono, hexaedro.

Hepta — hebd — *sete :* heptagono, heptaedro, heptarchia, hebdomadario.

Octo — oct — *oito :* octogono, octaedro, octosyllabo.

Ennea — *nove :* enneágono, enneapétalo, enneacordio.

Deca — *dez :* decágono, decálogo, decâmetro, decalitro, decaedro.

Endeca — *onze :* endecagono, endecasyllabo, endecandria.

Dodeca — *doze :* dodecagono, dodecaedro, dodecardio.

Ico — *vinte :* icosaedro, icosandria.

Hecaton — hecato — hecto — *cem :* hecatombe, hecatonstylo, hectolitro, hectare.

Kilo (*chilo* é a graphia grega) — *mil :* kilogramma, kilolitro, kilometro.

Myria — *dez mil :* myriametro, myriantho, myriapodo.

Poly — *muito :* polysyllabo, polyandria, polygamia, polyglotta, polygono, polytheismo, polythechnico, polygrapho.

Proto — prot — *primeiro :* protomartyr, protocanonico, protótypo, protocóllo, protóxydo, protagonista.

III. Elementos extrangeiros

334. O lexico primitivo latino, ampliado pelos processos vernaculos de derivação e composição, alargou-se ainda com os subsidios fornecidos por linguas extrangeiras, com as quaes veio o portuguez em contacto no decurso de sua historia.

Como um rio, humilde em seu inicio, se vae engrossando, em longo trajecto, com o tributo hydrographico de ampla bacia; assim o nosso lexico, humillimo em seu ponto de partida, se foi opulentando, não só com o processo organico de sua evolução genial, mas ainda com os bastos subsidios do elemento extrangeiro fornecido, por diversas causas historicas, no transcurso dos seculos.

A acquisição do elemento extrangeiro para o nosso lexico constitue o que se chama *importação* ou *emprestimo* de linguas extrangeiras, que, com a *formação popular* e a *formação erudita* de palavras, nos dá a conhecer o triplice processo que enriqueceu progressivamente o lexico primitivo, insufficiente para a expressão das idéas no progredir incessante da humanidade.

O nosso lexico actual consta, pois, de trez camadas distinctas de palavras: as de cunho *popular, erudito* e *extrangeiro.*

1.º Linguas peninsulares.

335. Duas migrações pre-historicas tinham invadido a peninsula Iberica; eram ellas as dos *ibéros* e dos *celtas,* povos que se prendiam ao tronco *aryano,* cuja união posterior produziu os *celtibéros.*

Além destes, lá pelos annos 2.000 antes da E. C., mercadores *phenicios* de origem *semitica,* e, posteriormente, os *carthaginezes,* seus descendentes do norte da Africa, vieram estabelecer-se no litoral. No VII ou IX seculo antes da E. C., os *gregos* seguiram-lhes a esteira no afan mercantil dos tempos primitivos.

Quando os romanos, no segundo seculo antes de Christo, penetraram na Peninsula, ahi encontraram varios dialectos *celticos* e *ibericos.* Dos dialectos *celticos*. notavam-se, ao norte, o *cantábrico,* e, ao occidente, o *callaico* e o *lusitano.* Dos dialectos *ibericos,* notava-se principalmente, na região pyrenaica, o *vasconço, basco* ou *euskaro.*

Deixando o estudo do elemento grego para o paragrapho seguinte, registramos em nosso lexico os seguintes vocabulos das linguas peninsulares:

a) Do BASCO, EUSKARO ou VASCONÇO : aba, bolsa, bezerro, bizarro, charco, charro, garra, esquerdo, mandrião, morro.

Nota : Segundo A. Coelho, não se limitou ao lexico a influencia de *basco*, mas extendeu-se á grammatica, dando-nos os suffixos : — *arro*, — *arra* (bizarro, bizarra, homemzarrão), — *orro*, — *urro* (cachorro, modorra, pachorra, casmurro).

b) Do CELTA : bacia, bico, bojo, bragas, carpinteiro, carro, cavallo, cerveja, legua, lança, sabão. — Dos dialectos *celticos* modernos temos : — dolmen, menhir, cromelech, druida, bardo.

c) Do PHENICIO : atum, barca, mamona, mappa.

2.º GREGO.

336. Em quatro épocas differentes tem o *grego* influido no lexico portuguez, chegando sua influencia a attingir o terreno grammatical.

a) Quando os romanos desembarcaram na Hespanha (212 A. C.), havia já uns quinhentos ou setecentos annos que os gregos, á semelhança dos phenicios e carthaginezes, tinham estabelecido no litoral colonias mercantis. Mais chegado ao latim e ás linguas nativas por affinidade genealogica do que o phenicio e o carthaginez, linguas semiticas, deixou o grego dessa época, mais que estas, vestigios em nosso lexico. Pertencem a essa camada primitiva os seguintes termos de origem grega: *ermo, sumo, tio* (thio), *calma, chato.*

b) A diffusão do Christianismo no Occidente, do sec. I, principalmente até o sec. V. da E. C., veio pôr novamente o grego em contacto com a evolução do latim.

A fonte immediata do Christianismo é o *Novo Testamento*, escripto originalmente no grego da decadencia chamado *hellenista*. O proprio *Velho Testamento*, fonte do judaismo, escripto originalmente em hebraico, que incorporado com o *Novo*, constitue a *Biblia*, livro sagrado da religião christã, era, nessa época, mais lido em grego pela traducção dos *Setenta*, effectuada no sec. III antes de E. C., do que o proprio original. Além dessa influencia da Biblia, uma circumstancia historica vem explicar a larga in-

fluencia do grego na evolução das linguas romanicas em geral, é o facto de ser nesse periodo o grego a lingua official da Egreja, mesmo no Occidente. Do sec. V. em diante, é que se opera, nesta região, o advento do latim como lingua official da Egreja, com Tertuliano, S. Agostinho e com a *Vulgata* latina, traducção da Biblia effectuada por São Jeronymo.

Devido a estas circumstancias historicas, o grego chegou a influir na propria grammatica fornecendo-nos elementos no processo de *derivação*, taes são os suffixos: — *-ismo, -ista, -ia, -izar* (*militarismo, militarista, baronia, civilizar*).

A literatura ecclesiastica legou grande copia de vocabulos a nosso lexico. Exs.:

Christo (=ungido), apostolo (=enviado), anjo (=mensageiro) bispo (=vigia), presbytero (=mais velho, official ecclesiastico), arcediago, archanjo, eucharestia, chrisma, latria, dulia, hyperdulia, idolo, idolatria (por idolatria), iconoclasta, encyclica, chrysópraso, chrysolitho (=pedra de ouro), Chrysostomo (bocca de ouro), Chrysologo (palavra de ouro), egreja, mosteiro, diocese, diocesano, metropolita, párocho, parochia, parochiano, monotheismo, polytheismo, pantheismo, atheismo, epiphania, Timotheo (=temente a Deus), Dorothéa, Philippe ou Felippe.

c) O imperio grego bysantino dominou o sul da Hespanha no sec. VI e VII da E. C., não deixando por certo de reforçar a influencia da religião no lexico romanico.

d) Modernamente, por via erudita, incorporaram-se em nosso lexico numerosos vocabulos formados com elementos do grego classico e pertencentes á nomenclatura scientifica e artistica, de que já demos larga lista.

Telegramma, telegrapho, telegraphia, telepathia, telescopio, microscopio, cinematographo, glottologia, glossologia, philologia, taxeonomia, lexicologia, lexeologia, morphologia, phonologia, phonographo, phonographia, polyglotta, polytechnico, kilometro, (por chilometro), kilolitro (por chilolitro), decalitro.

3.º HEBRAICO.

337. Dois factos historicos explicam a presença do elemento hebraico no lexico portuguez:

a) O V. T., parte integrante da Biblia, foi escripto em hebraico, e embora fosse mais largamente usada pela

Egreja a traducção grega dos Setenta e, posteriormente, a traducção latina da Vulgata, comtudo muitas palavras e locuções hebraicas subsistiram nas traducções, e passaram para o portuguez por via ecclesiastica.

b) A *diaspora* ou dispersão dos judeus por todas as nações, aggravada pela conquista da Judéa e destruição do Templo de Jerusalem, por Tito em 70 da E. C., veio dar mais intensidade á influencia do hebreu na formação do lexico romanico.

São dicções hebraicas incorporadas em nosso lexico as seguintes:

Messias (=ungido), messianico, messianismo, rabbino, rabboni, sabbado, alleluia, amen, hosanna, pascoa (=passagem), manná, ghenna, malsim, Golgotha, Jesus (=salvador), Josué, Job, João, José, David, Salomão, Gabriel, Sara, Abrahão, Isaac, Judas, Jacob, Israel, Rachel, Ruth, Maria, Martha, Saul, Jonathas, Ezechiel, Isaias, Daniel, Miguel, Moysés, Satan, Satanaz, Beelzebut e Belzebu.

Além destes *hebraismos* lexicos, temos os seguintes hebraismos *phraseologicos*:

Cantico dos canticos, rei dos reis, senhor dos senhores, filho da perdição, filho do peccado, filho da desobediencia, filhos de Belial (=impios).

4.º Germanico.

338. O elemento germanico de nosso lexico pertence a duas camadas distinctas:

a) Os *visigodos* ou *godos* do Occidente, povo de origem germanica ou teutonica, invadiram a peninsula Iberica em 419 da E. C., descendo, sob o commando de Ataulfo, como uma poderosa avalanche, as escarpas meridionaes dos Pyrineus, e, varrendo, deante de si, alanos, suevos e vandalos, barbaros, que os haviam precedidos, ahi se estabeleceram mesclando-se com as populações nativas e acceitando a lingua dos vencidos.

Apesar de não ser tão intensa a sua acção na Lusitania, extremo occidental da Peninsula, todavia o lexico e até a grammatica conteem traços de ter elle exercido larga influencia.

Conta A. Coelho não menos que 295 vocabulos de origem gothica certa ou provavel.

Além dessa influencia lexicologica, attribue-se-lhe ainda, na prosodia, a mudança do *v* lat. na guttural *g*, em certas palavras, p. ex.: *vœ* deu *ai*, e por influencia gothica *guai* no v. port., *vomitare* deu *gomitare* no dial. pop., *Wilhelm* deu *Guilherme*.

Na morphologia deu-nos o elemento germanico o suff. *-engo-camarlengo, verdolengo, realengo, judengo.*

Albergue, arcabuz, arreio, arauto, bandeira, abandonar, bahu, balcão, banco, barão, baluarte, brandir, bordo, bragas, banhos (de casamento), brasa, brida, canivete, escuma, elmo, espora, guerra, guisa, feudo, feudal, feudatario, franco, norte, sul, éste, oeste, sala, tira, tregua, trapo, luva, orgulho, ufano, trabuco, trica, roubar, vaga, pelourinho, piloto, droga, toear, marchar, tomar, quilha, rato, rocim, guardar, guarir, (arch.), ganhar, facha, farpa, camisa, Carlos, Astolfo. Ataulfo, Eduardo, Eberardo.

b) Modernamente, a importação é, em geral, feita por intermedio do francez, e são poucos os vocabulos:

Vagão, nickel, talvegue, (talweg), quartz, zinco, manganez, cobalto, bismutho, valsa (walsa), talco, gaz (palav. inventada por Von Helmont).

5.º ARABE.

339. Quasi 300 annos depois da invasão visigothica, appareceram os arabes das bandas da Africa. "Ao furacão do Norte, segue-se o vendaval do Sul", e os visigodos tiveram de, por sua vez, recuar ante as hordas arabes e mourescas, que, transpondo o Gibraltar, venceram Roderico, rei godo, ás margens do Chryssos, em 711, e invadiram a Peninsula como um bando de gafanhotos.

Por mais de 700 annos, em porfiada lucta, Pelagio, que se retirara para as Asturias com o resto dos godos, e seus successores, foram, a pouco e pouco, abatendo o crescente de Islam ante o lábaro do Christianismo, até que, em 1492, as armas victoriosas de Fernando e Isabel varreram do solo da Hespanha os filhos do deserto.

O arabe, lingua semitica, de indole mui differente da da familia aryana, influiu apenas em nosso lexico, apesar do seu longo dominio peninsular, deixando-nos cerca de

300 vocabulos, quasi todos substantivos referentes á administração, agricultura, artes, industrias, cozinha, guerra, jogo, pesca, etc., grande numero delles precedidos do artigo *al* juxtaposto. Exs.:

Alfandega, alcorão (korão), **alarido**, alambique, alfazema, alfeloa, alfenim, alcatifa, alcouce, algalia, **alarde** ou alardo, alarve, arabe, albarda, alface, alfaiate, alfaia, alcool, algarismo, alfange, algebra, algoz, almoxarife, almondega, alqueire, alviçaras, almenara, alfombra, almocreve, arroba, arratel, armazem, arsenal, atalaia, ataúde, azar, azeite, açucar, azul, azinhavre, andaime, arrais, annexim, bácoro, baraço, borzeguim, cáfila, escabeche, fatia, fulano, garrafa, gengivre, julepo, jarra, macio, matraca, mesquinho, oxalá, sáfaro, tarimba, xadrez, xarope, zagal, zero, cifra, zenith, nadir, setim, aldraba, assassino, mandil.

6.º FRANCEZ.

340. O elemento francez em trez differentes épocas penetrou em nosso idioma:

a) Do sec. XI ao sec. XIII, dois factos historicos concorreram para que se fizesse sentir largamente o influxo francez.

Em primeiro logar, o casamento do conde D. Henrique de Borgonha com D. Tareja, filha natural de D. Affonso VI, rei de Castella. Recebeu D. Henrique em dote o condado portugalense, na faixa occidental da Peninsula, e para lá attrahiu numerosos fidalgos e guerreiros francezes, que, naquelles tempos de heroismo cavalheiresco, enxameavam á cata de aventuras.

Em segundo logar, o lyrismo provençal do sul da França, que, nesse periodo, se diffundia por toda a Europa, veio, através da Galliza, cujo dialecto era identico ao fallado na região portugalense, exercer largo influxo no desenvolvimento do portuguez. Além da corrente lyrica do sul da França, temos ainda, nesse periodo, a corrente épica do cyclo heroico carlovingiano e arthuriano do norte da França, que veio dar maior intensidade á influencia da lingua franceza sobre o nosso idioma, que apenas sahia da chrysalida medieval com a nacionalidade portugueza, fundada pelo filho de D. Henrique. O vocabulario do portuguez arch. contem fundos traços dessa influencia.

b) No sec. XVIII, a corrente literaria do classicismo francez veio em Portugal reagir contra o gongorismo da eschola hespanhola, e assim o francez se poz novamente em contacto mais intimo com o portuguez.

c) Finalmente, em nossos dias, o francez, por meio de sua exuberante literatura e obras didacticas, exerce amplamente a sua influencia tradicional sobre o vernaculo, logrando extendê-la além do lexico, á propria syntaxe, e provocando justificados clamores de nossos puristas contra as francezias, que vão mareando cada vez mais o brilho da lingua nacional.

Na *Gr. Expositiva, Curso Superior*, mostrámos essas francezias ou gallicismos viciosos (§§ 506—513); aqui só indicaremos o elemento francez já incorporado em nosso lexico. Exs.:

Paletó, boné, chalet, enveloppe, jornal, embecil, bonhomia ou bonomia, crachá, chicana, garantia, massacrar, isolado, (insulado), pret, aguerrido, pretencioso, emoção, bandido, constatar, installar, rotina tartuffo, brochura, tiragem, sangue-frio, rosicler, etiqueta, mediações, susceptivel, voluptuosidade, tocante (pathetico), regressar, complacente, domestico (subst.), degelar, felicitar, felicitações, vendaval, comboio, tostão, claraboia, tambor, toesa, framboeza, passamanes, avenida (=alameda), viavel (=exequivel), viveres (=mantimento, comestiveis, victualhas), interessante (=curioso).

Muitos desses francezismos, frequentemente usados entre nós, guardam a orthographia franceza : *chalet, pret, boudoir, bouquet, elite, avalanche, rendez-vous, mis-en-scena, passe-partout, tête-á-tête, blasé, croquis* (= esboço), *cache-nez, cognac.*

7.º Hespanhol.

341. O elemento genuinamente hespanhol em nossa lingua é relativamente diminuto, devido ao facto de ser quasi commum o vocabulario de Portugal e de Hespanha, por causa da contiguidade historica e geographica das duas nações.

São manifestamente de origem hespanhola os seguintes vocabulos:

Abanico, espadilha, el-dorado, fandango, frente, lhano manilha, muchacho, quixote, sarabanda, seguidilha, caramba, zarzuela, castanhola, cachucha, patuléa, bolero, savanna, trecho.

8.º ITALIANO

342. O elemento italiano se fez sentir primeiro no sec. XVI pela corrente humanista da Renascença ou o renascimento da literatura classica greco-latina, que teve por fóco a Italia, e dahi, irradiando-se por toda a Europa, veio influir fortemente nos escriptores quinhentistas e determinar o periodo aureo do portuguez. De então para cá, quer directamente, quer através do francez, tem o italiano contribuido para o lexico com muitos termos concernentes á literatura, á musica e ao commercio. Essa contribuição tende a crescer modernamente com a larga immigração italiana para o sul do Brasil.

Já se acham incorporados no lexico:

Adagio, agio, bancarrota, bussola, arlequim, pasquim, barcarola, gondola, bufo, burlesco, grotesco, cantata, cavatina, cascata, charlatão, cicerone, lazarone, dilettante, macarrão, pastel, doge, allegro, arpejo, contralto, soprano, tenor, piano, crescendo, violão, violino violoncello, duello, tercetto, dueto, aquarella, madrigal, carnaval, gazeta, paladino, banquete, regata, terra-cotta ; caricatura, fanfreluche, alerta, concerto, fiasco, soneto, opereta, serralho.

9.º INGLEZ.

343. O elemento inglez nos vem não só da Inglaterra, mas tambem dos Estados Unidos da America do Norte. Tem favorecido essa communicação as antigas relações politicas da Inglaterra com Portugal, sua riquissima literatura, e, sobre tudo, a largueza de seu commercio. Os anglicanismos de nossa lingua referem-se, em geral, ao commercio, á estrada de ferro, a diversões e á cozinha, como se vê na seguinte lista:

Cheque, dollar, shelling, penny (pl. pence), bill, meeting, club, leader, jury, tilbury, coke, breque, tunnel, tender, tramway, railway, drenagem, jockey, sport, clown, record, foot-ball, cricket, bife (beef), lanche (lunch), croquet, pudim, spleen, dandy, flirt, high-life (=hai-laif), crup, pamphleto, roast-beef, lord, gentleman, fashionable, water-proof, water-closet, great-attraction, confortavel (confortable—confortabilis), doido, redingote (ridingcoat), yacht, bolina (boline), rhum, gin, grog, pick-pockte sandwich.

10.º Russo.

344. E' raro o elemento russo. Conta-se: — *caleche, cosaco, cigano.*

11.º Hungaro.

345. Como o antecedente, é raro o elemento hungaro: — *coche, cocheiro, sutache, hussardo.*

12.º Asiatico.

346. O elemento asiatico nos veio de varias linguas da Asia, por meio das conquistas e commercio dos portuguezes no Oriente, desde o sec. XVI, época do descobrimento do caminho das Indias, por Vasco da Gama, o heroe dos Lusiadas. Os nossos *asiaticismos* são de origem diversas:

Da India : brahmane, fakir, pagode, nababo, rajah, chatim, cachemira, pariah, saraça, corja, canja.
Da China : chá, chavena, mandarim, nankim, leque.
Da Persia : bazar, balcão, caravana, divan, damasco, satrapa, turbante, taboleiro, tafetá, paraiso, xá.
Da Turquia : tulipa, janizaro, odalisca, pachá, padichá, bey, bergamota, caftã, kiosque.

13.º Africano.

347. O elemento procedente de linguas africanas nos veio egualmente desde o sec. XVI, com o estabelecimento de colonias portuguezas na costa da Africa e das relações commerciaes. Posteriormente, com a introducção da escravidão negra no Brasil, avolumaram-se os *africanismos* no vocabulario brasileiro. Damos a lista de alguns:

Azagaia, banzar, banza, banzé, bugio, cacimba, cangica, carimbo, chafariz, calunga, empatar, inhame, lundu, macaco, mono, mulambo, maromba, malungo, mandinga, moxinga, mocama, moleque, maxim, mazombo (?), papagaio, quejila e quesilia, senzala, tanga, orucungo, zanga, zebra, zuavo, candongas, matungo, camondongo, quiabo, quibebe, fula, giló, vatapá, aluá, quingombô, batuque, birimbau, caçula, caruru, marimba, banguê, zambi, mocotó, tarimba, gambá.

14.º Americano.

348. O elemento americano nos veio principalmente do tupi-guarani, e data do sec. XVI com o descobrimento e

colonização do Brasil. Grande é a copia de *americanismos* no lexico brasileiro, os quaes designam, em geral, logares, rios, vegetaes, animaes, objectos domesticos. Damos alguns exemplos:

Pernambuco (=quebra-mar), Pará (=mar, rio grande), Paraná (=rio enorme), Paraguay (=rio do papagaio), Parahyba (=rio ruivo), Pindorama (=paiz das palmeiras), Sergipe (=rio dos siris), Goyaz (=gente da mesma raça), Piratininga (=o secca-peixe), Itapetininga (=lageado enxuto), Cambucy (=pote), Itu (=cachoeira), Curityba (=pinhal), Mogy (=rio das cobras), Mococa (=plantação), Yporanga (=agua bonita), (=poranga=bonito) moranga, taba, jaguar, jararacussu, tapera, capoeira, cipó, abacate, abacaxi, araçá, jaboticaba, gabiroba, capim, catinga, coivara, coera, sapé, mandioca, cará, arara, urubu, sabiá, marimbondo, carioca (=descendente de branco), pipoca, sapiroca, arapuca, cuia, cuietê, pampas, cochilas, jalapa, alpaca, condor, caimão, caburé, cabreuva, caiçara (trincheira), caipira, caipora, cambuquira, capão (de mato), caraguatá, catapora, catête, tamanduá, tijuco, paçoca, pampa, noitibó, jararaca, jatobá, congonha, chué, perebas, typity, tangará, embira.

SEMANTICA

DO SENTIDO DAS PALAVRAS E DA MUDANÇA DO SENTIDO

CAPITULO I

349. **Semantica** (gr. *semainô= significar*) tambem *semasiologia* (M. Lübke), *sematologia* e *semiotica*, é o estudo das leis que presidem á mudança de sentido das palavras.

A evolução linguistica attinge a palavra não só em seus elementos *phonicos* e *morphologicos*, mas tambem em seu elemento *psychologico, ideologico* ou *significativo*.

Como acontece com os phonemas, é instavel o sentido das palavras; como aquelle, este evolve. E, se para a evolução phonetica ha leis, para a evolução ideologica vocabular, devem ellas egualmente existir; se, pois a *Phonetica* é uma sciencia constituida, deveria sê-lo semelhantemente a *Semantica*.

Porém, como observa A. Dauzat, os factos dos phenomenos psychologicos são mais fluctuantes, e ainda mais com-

plexos, e, sobretudo, sujeitos a influencia e acções mais diversas, do que o que acontece com os da Phonetica. Por isso, apesar dos trabalhos de sabios eminentes, não está ainda constituida a *Semantica* como sciencia.

350. Evolução semantica. A analogia está na base de toda a evolução semaantica, e a *associação das idéas* é o seu principio dirigente (A. Dauzat).

O sentido da palavra nos é dado pelo elemento morphologico, isto é, pela *raiz*, pela *desinencia* e pelos *affixos*.

Raiz ou *radical* é a parte central da palavra, que encerra a idéa matriz, idéa vaga, indefinida, sem categoria grammatical.

A *flexão* ou a *desinencia* determina a idéa ou sentido, dando-lhe categoria grammatical.

Os *affixos* (*prefixo e suffixo*) teem a mesma funcção determinativa em relação á *raiz*.

Assim desses elementos morphicos se póde deduzir o sentido da palavra, p. ex.: o sentido vago da raiz *am* é determinado pelo suffixo nominal *-or* = *amor;* a palavra assim formada póde ainda ser determinada ou modificada pelo suffixo nominal *-oso* = *amoroso;* esta, por sua vez, póde ser modificada pela flexão do plural — *s* = *amorosos;* ainda póde trazer-lhe mais uma modificação ou determinação o prefixo — *des* = *desamorosos.*

O sentido original de uma palavra é a sua significação *etymologica.*

Raramente se mantem inalteravel a significação etymologica. Mas do que os elementos *physiologicos* ou *objectivos* da linguagem, são instaveis, como dissemos, os elementos *psychologicos* ou *subjectivos.*

351. Estudando a constante variação de sentido das palavras, attribue Whitney este phenomeno a dois processos: a *especialização* do geral, e a *generalização* do particular. De facto, em regra, o sentido ora se contrae do geral para o particular, ora se expande do particular para o geral. E' o fluxo e o refluxo da idéa na mobilidade do lexico.

Estudemos, pois, este movimento de contracção e expansão na translação de sentido das palavras.

I. GENERALIZAÇÃO DO PARTICULAR.

352. A lei da generalização do sentido ou *expansão* da idéa é vulgarissima e constante na evolução de qualquer lingua. Examinemos alguns exemplos:

Templum, (contracção de *tempulum*, diminutivo de *tempus*= tempo) ⟶ *templo*, significava primitivamente "o quadrado traçado no céo pelo augur ou agoureiro, e no interior do qual se observavam os presagios (Bréal)". Generalizou-se posteriormente a qualquer edificio consagrado ao culto da Divindade.

Contemplare, ⟶ *contemplar*, significava originariamente a observação do *templum* ou espaço celeste delimitado pelo agoureiro romano. Passou depois a significar qualquer observação objectiva ou subjectiva.

Considerare, (com+sidera+are) ⟶ *considerar*, tinha em sua origem o sentido especifico do uso religioso dos astrologos, que liam nos astros (*sidera*) o destino dos homens. Hoje perdeu a lingua a consciencia deste sentido primitivo especial, e dá-lhe o sentido geral de qualquer acto de attenção ou observação.

Palatium, ⟶ *palacio*, era a principio o nome proprio do monte Palatino em Roma. Nero ahi construiu sua residencia, que assumiu o appellido do monte, e esse appellido generalizou-se a todas as residencias reaes ou nobres. Em Ovidio já se encontra o sentido geral.

Cesar, nome proprio do primeiro imperador romano, ampliou-se como nome appellativo de todos os imperadores ou reis. Delle deriva-se *cesar* e *cesarismo*, bem como *kaiser* do allemão, e *tzar* ou *czar* do russo,

Assassino, (ár. *haschichin*), "nome de salteadores arabes, famosos no Oriente nos tempos das Cruzadas, que traiçoeiramente tiravam a vida aos que lhes indicava o *Velho da Montanha*, seu chefe". O termo generalizou-se a todos os que criminosamente tiram a vida a seu proximo.

Carrasco, nome proprio de um algoz em Lisboa (Belchior Nunes Carrasco), que se generalizou a todos os algozes.

Tartufo, nome proprio de uma das personagens das comedias de Moliére, ampliado a todos os que, como esse typo comico, se mostram de insigne hypocrisia. Dahi *tartufismo*.

Amphitryão, personagem de uma comedia de Plauto, cujo nome se expandiu a todos os que a sua mesa reunem amigos.

II. Especialização do geral.

353. Em sua origem primitiva os nomes proprios foram uma especialização ou antes uma individualização do geral, isto é, de nomes appellativos. Assim no hebraico:

Moysés = salvo das aguas, Jacob = o supplantador, Eva = vida, João = o favorecido, Manoel = Emmanuel = Deus comnosco, Bethlehem (Belém) = casa de pão, Bethel = casa de Deus, Bethaven = casa da vaidade, Boanerges = filho do trovão, Gabriel = homem de Deus, David = o amado, Daniel = juiz divino.

O mesmo phenomeno observa-se em outras linguas antigas:

Carlos = o forte, Frederico = o governador pacifico, Edmundo = o defensor da propriedade, Eduardo = o guarda da propriedade, Erasmo = o amavel, Gilberto = o famoso, Bernardo = arrojado como o urso, Alfredo = bom conselheiro, Affonso (Alphonso) = Alonso = todo prompto, Alberto = illustre, Calvino = o calvo, Eusebio = o pio, Alexandre = o defensor dos homens, Athanasio = o immortal, Basilio = o real.

O mesmo processo natural denunciam as linguas de nossos indigenas:

Itá = cachoeira, Tieté = curso d'agua verdadeiro, caudal, Itatiaia = pedra dentada, Itajubá = metal amarello = ouro, Jabaquara = quilombo, Tupi = pae, progenitor, Guarani = guerreiro, Botucatu, = bons ares.

Muitos de nossos nomes accusam flagrantemente este processo:

Innocencia, Constancia, Lobo, Pereira, Porto, Bahia, etc.

Pertence ainda a este processo da especialização do geral a restricção que certas palavras tem soffrido na evolução da lingua, como, p. ex.:

Charta = carta, tinha em latim sentido generico de *papel, escripto, livro*; especializou-se em port. no sentido de *epistola.*

Britar, no v. port., tinha a accepção generica de quebrar; actualmente restringe-se á accepção especial de *quebrar pedras.*

Guizado, part. de *guizar,* tinha no v. port. o sentido generico de *preparar*; hoje restringe-se em geral a um *preparado* com molho ou refogado.

Divisar, tinha antigamente o sentido amplo de *separar, delimitar, assignalar, aprazar, descrever.* Modernamente restringe-se a sua significação no uso corrente a *delimitar a olho, discriminar, distinguir a distancia.*

CAPITULO II

TROPOS

354. Evolução tropologica.

Dentro e fóra dos dois processos, que acabamos de estudar, opera-se, em larga escala, a translação de sentido que obedece ás figuras de pensamento ou *tropos*, que são — *metaphora, metonymia, synédoche e catachrese.*

I. Metaphora.

355. Metaphora (gr. *translação*) é a figura de pensamento que consiste na mudança de sentido das palavras por *analogia* ou *semelhança.* A larga influencia da metaphora na mudança do sentido das palavras faz-se sentir não só no movimento historico do lexico, mas ainda no movimento estylistico.

a) No estylo imaginoso, a translação metaphorica do sentido das palavras representa papel de bello effeito esthetico. E' commum nesse estylo empregar-se, p. ex.: — *anjo* por pessoa bondosa, *leão* por pessoa corajosa, *ferro* por espada, *raio* por grande rapidez, *vibora* por pessoa maligna e traiçoeira, *foguete* por pessoa irrequieta.

b) Na *metaphora* ainda temos a causa da significação de muitas palavras simples e compostas, p. ex.: *serra* (montanha), *lagarto* (do braço), *pé* (de mesa), *perna* (do compasso), *pé-de-gallinha, unha-de-gato, olho-da-enxada, cabeça-de-prego, raiz* (de monte), *garganta* (de serra), *organismo* (da linguagem), *vida* (das palavras), *ceder* (a razões).

c) A' *metaphora*, finalmente, devemos o actual sentido de muitas palavras, que originariamente tinham sentido diverso, porém, *analogo*:

Espirito	←««	spiritum	=	vento, sopro
Senhor	←««	seniorem	=	mais velho
Major	←««	majorem	=	maior
Bispo	←««	episcopum	=	vigilante
Presbytero	←««	presbytero	=	mais velho
Diacono	←««	diaconum	=	servo
Ministro	←««	ministrum	=	servo
Padre	←««	patrem	=	pae
Pensar	←««	pensare	=	pesar
Sargento	←««	servientem	=	servo
Cardeal	←««	cardinalem	=	importante
Saber	←««	sapere	=	provar, gostar

II. Metonymia.

356. Metonymia (gr. = *mudança de nome*) é a figura de pensamento que consiste na mudança de sentido de uma palavra pelo de outra com que está em connexão *constante*. Ella tem por fundamento a *continuidade* ou e *coexistencia* de duas noções.

E' frequente essa translação metonymica determinada pelas seguintes relações:

1.ª *A causa pelo effeito*. Quando empregamos a palavra *trabalho* na accepção de *obra*, de resultado do acto de trabalhar, damos-lhe um sentido tropologico, ao *effeito* applicamos o nome da causa. Assim *engenho*, machinismo, resultado de *engenho* humano ou intelligencia; *caridade* em — *practicar caridade*, isto é, *actos de caridade*.

2.ª *O effeito pela causa*. Phenomeno contrario ao antecedente, é egualmente commum. Camões dá sentido metonymico á palavra *trovões*, usando-a pela causa que os produz, no seguinte verso (Lus. 9.7):

> Diz-lhe, que vem de gente carregadas,
> E dos *trovões* horrendos de Vulcano.

3.ª *O continente pelo conteudo*. E' frequente esta metonymia não só na poesia, porém no fallar corrente. Quando dizemos — "beber um *copo* d'agua, uma *garrafa* de vinho, os applausos da *platéa*, *Roma* dominou o mundo e

a *Grecia* foi celebre na literartura", as palavras — *copo, garrafa, Roma, Grecia,* indicam o *continente,* que é usado tropologicamente pelo *conteudo.*

4.ª *O conteudo pelo continente.* O phenomeno contrario ao do paragrapho antecedente é de egual frequencia. Quando se diz — "sahir do *correio,* da *escola,* do *Ministerio* da guerra", *correio, escola, Ministerio,* são empregados figuradamente pelos edificios, onde funccionam essas repartições. Assim em Camões (Lus. 6.75):

> Não menos gritos vãos ao ar derrama
> *Toda a nao* de Coelho com receio.

5.ª *O logar pelo producto.* Muitos productos são chamados metonymicamente pelo nome do logar que os produz, taes como: *cognac, paraty, champanha, porto, havana, cachemira, damasco.*

6.ª *O producto pelo logar.* Não menos frequente é a metonymia em sentido contrario ao do paragrapho antecedente, como p. ex.: *Agua Virtuosa, Caldas* (*aguas thermaes*), *Minas Geraes.*

7.ª *O signal pela coisa significada.* Nas expressões — "depender o *throno* e o *altar, obedecer* ao *sceptro* real, dar as *chaves* do reino dos Céus, "contra ella não prevalecerão as *portas* do inferno", — *throno* e *sceptro* designam a realeza, *altar* a religião; *chaves* a auctoridade ou o poder de introduzir no Reino dos Céos; *porta,* o poder ou o governo, que no Oriente se exercia na *porta* da cidade, dahi a *Sublime Porta,* pelo Governo da Turquia. Todas essas palavras são signaes ou symbolos das idéas, que indicam.

8.ª *O nome abstracto pelo concreto.* A *realeza* pelo *rei, vossa senhoria* (V. S.ª), *vossa excellencia* (V. Exc.ª), *sua sanctidade* (S. S.), *vossa alteza* (V. A.), *vossa majestade* (V. M.), pelos individuos a que se referem; *honras, liberdades, infamias,* por *actos* de honra, liberdade, infamia, são frequentes exemplos desta classe de metonymia.

9.ª *O nome concreto pelo abstracto.* Quando S. Paulo ordena que nos despojemos do *homem velho,* e nos revista-

mos do *homem novo*, elle emprega o concreto *homem velho* e *homem novo*, pelo abstracto — *natureza humana* velha, corrompida, porém renovada e sanctificada. Empregamos ainda a mesma figura, quando fallamos de *cultura* pela coisa cultivada, de *divertimento* pela coisa que nos diverte, de *agrupamento* por pessoas ou coisas agrupadas, de *entrada* ou *sahida* pelo logar por onde se entra ou se sae, de *offerta* por coisa offertada, etc.

10.ª *O possuidor pela coisa possuida*, e *vice-versa*. *Neptuno* pelo mar: "*Neptuno* procelloso, todo tremeu medroso". *Baionetas*, pelos que as trazem: "Um milhão de *baionetas* apoiavam suas pretenções".

11.ª *O auctor pela obra*. Em *ler Virgilio*, *Homero*, estudar *Platão*, analysar *Camões*, os nomes proprios estão pelas suas obras.

> Lia Alexandre a Homero de maneira,
> Que sempre se lhe sabe á cabeceira.
> Lus. 5. 96.

Obs. "Na metonymia, escreve A. Darmesteter em *La vie des mots*, o espirito abarca de um relance os dois termos, em seguida o primeiro é logo esquecido pela lingua, que delle só retem o nome para applicá-lo ao segundo, que elle tem em vista unicamente". A metonymia é uma figura de largo uso tanto na linguagem corrente, como na poesia.

III. Synédoche.

357. Synédoche (gr. = *comprehensão*) é o tropo "que toma um pelo outro entre dois termos de extensão desegual", o mais pelo menos, ou o menos pelo mais, como, p. ex.:

1. *O genero pela especie*. Assim quando nomeamos a *Ceia* pela ultima refeição de Christo, a *confissão* pela confissão auricular, a *estação das rosas*, pela estação das flores, damos ás palavras gryphadas um sentido especializado.

2. *A especie pelo genero*. Uma translação de sentido inverso ao do paragrapho antecedente é usual: o *homem* pelo genero humano, o *boi* pela raça bovina, a *raposa*, o *elephante*, o *cão*, pela especie inteira.

Por isso, e não por falta de natura,
Não ha tambem *Vergilios*, nem *Homeros*.
Lus. 5. 98.

3. *O plural pelo singular e vice-versa.* Nas expressões *"dizem as Sanctas Escripturas"*, isto é, um passo ou versiculo das S. Escripturas, "durar *eternidades"*, os pluraes estão pelo singular. Em "proteger o *orpham* e a *viuva"*, o singular está pelo plural.

4. *O todo pela parte e vice-versa.* Se dissermos que a *humanidade* se suicida na conflagração européa, empregamos tropologicamente *humanidade* por uma parte da humanidade. O inverso se dá quando empregamos — *vela* pelo navio, *fogos* pelas casas, os *pelles-vermelhas* pelos indios assim denominados; aqui a parte funcciona pelo todo.

5. *O nome commum pelo proprio e vice-versa.* O *Poeta* por Camões, o *Philosopho* por Aristoteles, o *Imperador* por Napoleão, e, inversamente, um *Creso* por homem muito rico, um *Tartufo* por um hypocrita, um *Amphytrião* por um homem que banqueteia convidados.

Obs. "Tem esta figura o nome barbaro de *antonomasia"*. Para indicar a especialização ou individualização de um appellativo, é elle frequentemente escripto com letra maiuscula. — o *Poeta*, o *Sabio*. Quanto á generalização de um nome proprio, é este ás vezes escripto com letra minuscula, quando essa generalização é habitual — um *hercules*, um *havana*.

IV. Catachrese.

358. Catachrese (gr. = *abuso, esquecimento*) é a figura que consiste no esquecimento do primeiro termo por parte do espirito para considerar exclusivamente o segundo, p. ex.; *folha* de livro veio da extensão metaphorica de folha de arvore; ao enunciar, porém, o sentido metaphorico o espirito não se lembra mais do sentido originario. Assim quando dizemos: um *Creso*, um *Tartufo*, *cognac*, *caldas*, *embarcar*, *divertimento*, *pé-de-vento*, não nos lembramos, em geral, do termo originario donde tomamos o sentido tropologico dessas palavras, e a este esquecimento é que, segundo Darmesteter, se deve dar o nome de *catachrese*. Não é, pois, essa figura um *tropo;* é, antes, "a lei que diri-

ge todas as mudanças de sentido. Sem este esquecimento, a designação nova fica sempre dupla, encadeada á sua raiz; a catachrese só é que a destaca... Ella é o acto emancipador da palavra, e, no desenvolvimento do ser por geminação, a força que separa o gomo ou rebento do organismo primitivo. Assim comprehendida é a catachrese uma das forças vivas da linguagem". (Darmest.)

CAPITULO III

OUTROS PROCESSOS SEMANTICOS

359. Notam-se ainda, na translação de sentido das palavras, outros processos particulares, que passamos a enumerar.

I. Polysemia ou radiação.

360. *Polysemia* (gr. *poly* = numeroso, muito, *semeion* = significação) ou *radiação* se produz quando um objecto dá o seu nome a uma série de outros, por haver um caracter commum. Exs.:

Raiz. A palavra *raiz* (de uma planta) multiplica seu sentido extendendo-se metaphoricamente a *raiz* de uma palavra, *raiz* de um mal (cortar o mal pela raiz), *raiz* algebrica, etc.

Chave. Do sentido proprio passa extensivamente para *chave* na musica, na estrada de ferro, na mathematica, etc.

Flor. Dos jardins o sentido da palavra irradia-se para *flôr* da mocidade, do exercito, da virtude, das aguas (á flôr das aguas). E assim innumeras outras.

II. Encadeamento.

361. No *encadeamento* a palavra, ensina o supracitado philologo, esquece seu sentido primitivo, passando a um segundo objecto; depois passa a um terceiro por meio de um caracter commum, que por sua vez é esquecido, e assim por deante. Exs.:

a) **Romance.** Esta palavra designava na edade-média a lingua vulgar oriunda do latim : depois applicou-se a qualquer composição em lingua vulgar (francez, italiano, etc.), e, mormente, aos poemas narrativos. "No fim da edade-

média significava successivamente antigo poema narrativo em prosa (romance de cavallaria). historia em prosa de grandes aventuras imaginarias, finalmente narrações inventadas com o fim de agradar. — Em philologia ainda hoje — *romance, rymance* ou *romanço* designa a lingua vulgar da época medieval, fallada na França, Italia e peninsula Iberica.

b) **Rubrica.** Esta palavra significava primitivamente *terra vermelha;* depois *tinta vermelha;* em seguida *titulo* de capitulo com tinta vermelha; finalmente *assignatura.*

c) **Esposo.** Etymologica e primitivamente era o noivo, o contractado; passou depois a significar o marido.

d) **Tutaméa.** *Tutaméa* ou *tuta e meia* é, segundo Julio Moreira a corrupção de *macuta* e *meia.* "Macuta é o nome de uma moeda do cobre, que tem curso na Africa Occidental Portugueza, com o valor de 50 réis. Ha tambem *meia macuta.* Assim dar e comprar uma coisa por uma *macuta e meia,* seria uma phrase equivalente a outras em que tambem entram designações de moeda, como: é um ovo por um *real;* "dar uma coisa por *dez réis* de mel coado"; "não dar por uma coisa um *chavo gallego*"... De *macuta* proveiu *matuta* por assimilação do *c* ao *t* seguinte. Depois *uma matuta* transformou-se em *uma tuta,* reduzindo-se a uma só as duas syllabas *ma,* que estavam juntas", De *tuta e meia,* por contracção, temos, pois, *tutaméa.* (Est. de L. Port., I, p. 214.)

III. Contagio.

362. O contagio se produz no desenvolvimento de um sentido novo em um dos termos de uma expressão consagrada, por influencia de outro termo da mesma expressão, p. ex.: *nada* é hoje pronome ou adverbio negativo por influencia da negativa *nulla* na phrase feita — *nulla re nata* = *nenhuma coisa nascida;* resumida a phrase no participio *nata* ⟿ *nada,* herdou este por *contagio* o seu valor negativo. — Semelhantemente *algum* posposto ao nome adquiriu valor negativo — *de maneira alguma* = *de maneira nenhuma,* em razão de frequentes phrases negativas como esta: *não fazer coisa alguma.* No sec. XVI não havia ainda adquirido este valor negativo, como se póde ver em Camões. Pela lei do contagio ainda temos: *a capital* = *a cidade capital, a pastoral* = *a carta pastoral, o Sena* = *o rio Sena.*

á portugueza = á moda portugueza, a diagonal = a linha diagonal, o defunto = defunctus vitæ.

IV. CONDIÇÕES HISTORICAS.

363. Certas condições historiças determinaram o sentido de muitas palavras. Exs.:

a) **Palavra** nos veio de *parabola* por influencia do Christianismo. Em lat. essa idéa era expressa pelo termo *verbum* (=palavra), que foi adoptado no sec. IX por S. Jeronymo, auctor da Vulgata, para traduzir o *Logos* do texto grego do Evangelho de S. João, applicado á 2.ª Pessoa da SS. Trindade: *In principio erat Verbum, et Verbum erat apud Deum, et Deus erat Verbum* (S. J., I. 1). — Especializado, desta maneira, o termo latino para esse uso sagrado, foi a lingua buscar o seu substituto no termo de origem grega *parabolam*, que designava, nos Evangelhos, as sentenças ou pequenos quadros narrativos, em que Christo expunha frequentemente ao povo sua doutrina. A corrente erudita, porém, guardou em *parabola* a fórma e o sentido original do termo.

b) **Testamento** ← *testamentum*, por influencia da Vulgata, assume, além da sua significação propria, o sentido religioso de *pacto, alliança, concerto* entre a Divindade e o homem. Assim *Velho Testamento* e *Novo Testamento* indicam a *velha* e a *nova alliança*, ou dispensação da divina graça no mosaismo ou judaismo e no christianismo. Dahi, veio por *metonymia* a significar as duas partes da Biblia, que contém as duas Dispensações

E como esta e a antecedente, innumeras outras palavras latinas receberam, por intermedio da religião christã, propagada no occidente da Europa sob o influxo da Vulgata, sensiveis modificações em sua significação original, p. ex.: *creatio, creator, salvator, redemptor, convenio, gloria, devotio, praedicatio, sermo, tentatio, vocatio, indigentia, oratio, peregrinus, remissio, virtutes, signa, peccatum, minister*, etc., são palavras latinas de cunho pagão, que passaram para as linguas neo-latinas, tendo recebido o baptismo da concepção christã.

c) **Côrte** nos veio de *cohortem*, que designava o terreiro ou cercado onde os antigos romanos creavam suas gallinhas ou ovelhas; depois a área occupada por uma legião romana recebeu tropologicamente o nome de corte, e tambem a decima parte da legião. Mais tarde a realeza antiga e guerreira dos merovingios apparece na *curtem* ou *cortem*, contracção de *cohortem*. E assim todo o brilho de uma *côrte* real vae-se prender historicamente a um humilde galli-

nheiro. O francez ainda guarda o sentido original no composto *basse—cour.*

d) **Condestavel,** nos veio de *comitem+stabuli* ⟶ *condestabulu* ⟶ *condestavel,* que significa originalmente *conde* ou *chefe da estrebaria* (=stabulus). De chefe das cavallariças reaes, o termo passou a designar o chefe superior do exercito nos tempos antigos.

e) **Marechal,** prende-se etymologicamente a *guarda de cavallos,* do antigo alto allemão *marscale* (*mar=cavallo, scale=creado*). Desta humilde significação primitiva passou o termo, como o antecedente, a significar a auctoridade superior do exercito.

f) **Escravo,** prende-se ao termo *slavo=brilhante,* com que se nomeiam os povos da Europa occidental. Vencidos estes e capturados pelos francos, o seu nome, alterado em *esclavons* ou *esclaves,* recebeu na lingua dos vencedores o sentido de *captivo,* que é a idéa que nos desperta o nosso vocabulo da mesma origem — *escravo.*

g) **Vandalos,** são membros de uma tribu germanica, que em 409 invadiu a peninsula Iberica, deixando como signal de sua passagem a assolação e a ruina. Desta circumstancia historica, originou-se o sentido hodierno de — *vandalo, vandalico, vandalismo.*

Obs. Semelhantes condições historicas nos deram: assassino, guilhotina, baioneta, calepino, dédalo, panico, homérico, hercules, epicurismo, phaetonte, jovial, emolumento (*molinum* ⟶ *moinho* =pagamento da moedura ao moleiro).

V. Degenerescencia semantica.

364. As palavras degeneram eventualmente, recebendo, no uso popular, sentido *pejorativo* ou *depreciativo,* Exs.:

a) **Tratante,** era no v. port. o que tractava de seus negocios hoje; o que o faz fraudulentamente. A degenerescencia não attingiu o verbo cognato *tractar.*

b) **Traficante,** só se emprega hoje em sentido depreciativo, de quem negocia com fraude. A molestia attingiu a familia: — *traficar, traficancia,* e mesmo *tráfico* já se resente da infecção evocando de prompto, em nosso meio, o *trafico de escravos.*

c) **Finta,** era antigamente (lançar *finta*) certo imposto ou tributo; modernamente *fintar* é deixar dolosamente de pagar as dividas.

d) **Libertino** era o escravo liberto na antiga Roma ; no correr dos tempos adquiriu o sentido de pessoa liberta de peias moraes, ou pessoa de costumes soltos.

e) **Corja** é palavra indiana, que significava etymologicamente uma collecção de vinte objectos : "sessenta e duas corjas de roupa de Bengala (Peregr. 1.160)" ; hoje é uma reunião de individuos libertinos : *corja de ladrões, de velhacos, de tractantes.*

f) **Mariola** significava *carregador, homem de fretes :* entre nós traz hoje a idéa de *brejeiro, biltre, maroto.*

g) **Muitos** augmentativos encerram idéa depreciativa, como : *grandalhão, beberrão, homemzarrão, mulherão, mulheraça, narigão,* e alguns diminutivos : *liberalote, um figurinha.* O mesmo acontece com os substantivos em — *udo : cabeçudo, orelhudo, narigudo.* — A *ironia* não raro aggrava o sentido pejorativo : *sanctinho, sanctarrão, sabichão, poetastro, ministraço.*

h) **Sujeito** significava no port. quinhentista *assumpto, individuo, pessoa :* "O padre Gaspar Fragoso, que leu este anno a nona, é sujeito de grande virtude... de maneira, que são os sugeitos de que se formou a missão" A. V., C. 41)—Castilho Antonio usa ainda a palavra neste sentido, porém modernamente entre nós *sujeito* tem, em geral, sentido *depreciativo.*

i) **Carroça** ainda no tempo do P.e A. Vieira servia para reis e patriarchas : *Ante hontem vindo em carroça o patriarcha...* (C. 1. 238) ; hoje *carroça* só leva materiaes e lixo.

Obs. Muitos outros casos ha de pathologia verbal, que teem desterrado do uso nobre da lingua termos, que se tornaram torpes ou obscenos pelo fallar da plebe.

Sobre este phenomeno das linguas vem a ponto o que escreve M. Bréal em seu *Essai de Sémantique,* p. 310 : "Grande e inestimavel beneficio, é para uma nação, ter em sua literatura um livro sagrado, e de todos conhecido ! Póde a lingua soffrer toda a especie de ataques : haverá para ella uma fonte de purificação. E' o serviço que *the holy Bible* de 1611 prestou ao inglez, e a traducção de Luthero ao allemão. Nossos grandes prégadores do XVII sec. prestaram á lingua franceza serviço analogo. Ha, ao contrario, recantos da literatura, que polluem tudo o que tocam, e que, se de uma expressão se apoderam, a restituem maculada e deshonrada".

VI. Euphemismo.

365. Euphemismo é a figura com que amenizamos ou disfarçamos a expressão de uma idéa desagradavel ou torpe por um termo ou termos que a dão a conhecer menos di-

rectamente, p. ex.: *passamento* por *parte, dormir* por ***morrer, verter agua, cheirar mal, dar á luz.***

VII. Posição dos termos.

366. A posição dos termos na phrase determina conhecidos phenomenos semanticos curiosos. Exs.:

Homem grande	grande homem
" verdadeiro	verdadeiro homem
" simples	simples homem
" bom	bom homem
" rico	rico—homem
" gentil	gentilhomem
Moço guerreiro	guerreiro moço
Escriptor philosopho	philosopho escriptor
Relogio certo	certo relogio
Meninos differentes	differentes meninos
Raças diversas	diversas raças
Flores varias	varias flores
Coisa alguma	alguma coisa

VIII. Genero.

367. A variação de genero é um outro recurso da lingua para a diversificação de sentido. Exs.:

O corneta	a corneta	O guarda	a guarda
O clarineta	a clarineta	O moral	a moral
O lingua	a lingua	O guia	a guia

IX. Numero.

368. Nota-se analogo processo com a variação de numero em certas palavras, p. ex.: *honra* e *honras, liberdade* e *liberdades, fumaça* e *fumaças, ferro* e *ferros.*

X. Differenciação morphologica.

369. As differenciações morphologicas, nas fórmas *duplas* ou *divergentes,* trazem de ordinario differenciações semantologicas, como se vê na lista abaixo:

Estimare	⟶	estimar	e	esmar
Recitare	⟶	recitar	e	rezar
Comparare	⟶	comparar	e	comprar
Apprehendere	⟶	apprehender	e	apprender
Maculare	⟶	macular	e	magoar
Ministerium	⟶	ministerio	e	mister
Coronam	⟶	coroa	e	coronha
Nitidum	⟶	nitido	e	nedio

XI. Differenciações regionaes.

370. Differenciações semanticas operam-se ainda em muitas palavras em diversas regiões de uma área linguistica. Já notámos que entre o Brasil e Portugal palavras ha que ostentam accepções differentes, taes as palavras — *moço, borracho, babado, botas, faceira, fumo, tabaco.* etc.

CAPITULO IV

ARCHAISMO E NEOLOGISMO

I. Archaismo semantico.

371. No decurso do tempo, por causas diversas, succede desapparecer uma palavra de uso vivo da lingua e tornar-se *archaica.* Dá-se então o archaismo de palavra, que já estudámos. Outras vezes, porém, não desapparece a palavra, mas apenas o seu sentido torna-se archaico, e opera-se um *archaismo semantico.*

372. O archaismo semantico póde ser *parcial,* como, p. ex., se deu com a palavra *torto,* que perdeu o sentido de *damno, prejuizo* do v. port. (*Noticia de torto* = nota ou escriptura de damno), que conserva ainda no francez *tort;* e póde ser *total,* como, p. ex., a palavra *padre* que no v. port. tinha o sentido de *pae,* e hoje só indica uma funcção ecclesiastica. Comtudo na oração dominical a expressão *Padre nosso,* conserva o sentido archaico de *pae.*

373. No archaismo semantico a palavra sobrevive a si propria, e, na sua contextura, como que guarda os detritos da época primitiva de sua formação. Assim *considerar* (*con* + *sidera* + *ar*) traz no seio *sidera* = *astros,* que é um como *detrito fossil* (para empregarmos a expressão metaphorica de distincto glottologo), que lembra a época primitiva de sua formação, em que o astrologo romano observava nos *astros* a sorte dos homens.

374. O esquecimento ou a translação de sentido das palavras, isto é, o archaismo semantico realiza-se em todos os periodos da lingua. Exs.:

a) **Tolher** perdeu modernamente o sentido de *tirar;* "E por esta Ley nom tolhemos a pena que posta per El Rey..." (Ord. Affons.)

A's ondas torna as ondas que tomou,
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe. Lus. 5. 22.

b) **Gesto,** do lat. *gestus*, tem frequentemente em Camões o sentido de *vulto, physionomia, semblante:* affeiçoada ao *gesto* bello e tenro" (Lus. 1. 16), "O' tu, que tens de humano o *gesto* e o peito (ib., 3, 127)".

"E por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteu" (Lus. 1, 77).

Tal accepção archaizou-se na linguagem corrente, onde retem o sentido de *aceno;* porém no dialecto literario com A. Herculano e A. Castilho vigora ainda a accepção camoneana.

c) **Manha** tem adquirido sentido depreciativo de *má qualidade,* defeito; no v. port., porém, trazia o sentido de *costumes, arte, habilidade;* dahi as *boas manhas* e as *más manhas* das expressões proverbiaes: "Dize-me com quem andas, dir-te-ei que manhas has".

Vendo varios costumes, varias *manhas*
Que cada região produze, e cria (Lus. 4. 65).

d) **Qualquer** traz em Camões sentido archaico de *cada um:*

Qualquer em terra salta tão ligeiro,
Que nenhum dizer póde que é primeiro (Lus. 1. 87).

A ancora solta logo a Capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina (Lus. 2. 28).

e) **Credo** tinha no v. port. a accepção de *breve espaço de tempo,* o sufficiente para se recitar o *Credo dos Apostolos* "Os Turcos... derão hua grande grita, e em menos de um *credo* se fizerão todos á vela" (M. P. Peregr. I, p. 18).

f) **Soma** valia por *quantidade* no v. port.: "grãde soma de sacerdote respondia com uma grãde grita" (Ib. I. 36). Tal valor não é hoje admissivel.

g) **Orelha** era de frequente uso no antigo vernaculo por ouvido: "Filho, ascuyta os preceptos do meestre e inclina a orelha do teu coraçon". (Regr. de S. B., Q. da L. Port., 81). — "Abri as orelhas, e não vos façaes mudos a minhas lagrimas (H. P., Imagem, 1. 243). Tal uso se conserva no proverbio: "Palavras loucas, orelhas moucas".

II. Neologismo semantico.

375. Devemos distinguir entre o neologismo de *palavra* e o neologismo de *sentido.* O apparecimento de uma pala-

vra nova na vida historica da lingua é phenomeno já estudado; estudemos agora a innovação de sentido ou a addição de sentido novo em palavras já existentes, que é o que denominaremos *neologismo semantico.*

"Quando cria *sentidos novos,* escreve distincto philologo, dá ás palavras já existentes funcções que antes lhes eram extranhas. Sem ter apparencia de influir no lexico, ella de facto faz dessa palavra uma palavra verdadeiramente nova, porquanto com uma economia de *som* dá a uma mesma fórma funcções differentes"... "Em todas as linguas falladas, a *palavra* é um som ou grupo de sons a que dão valor intellectual os que fallam. E' um signal sonoro que evoca, por uma associação regular de idéas, ora a imagem de objecto material, ora a idéa de uma noção abstracta. O espirito guarda a noção *constante* dessa relação, e quando apparece a palavra, ouvida ou lida, o espirito evoca a idéa de que ella é o signal, e, inversamente, quando o pensamento evoca a idéa esta surge sob o involucro da palavra, que a representa".

376. Opera-se com o elemento semantologico da palavra o mesmo que se dá com o elemento morphologico. A idéa se contrae ou se expande, o sentido se restringe ou se amplia, como vimos atraz. Não raro uma accepção do termo desapparece, e uma outra surge: a addição de uma idéa nova provoca, muitas vezes, o esquecimento completo da significação primitiva do vocabulo, e o *neologismo* semantico determina o *archaismo.* — EGREJA, que nos veio do grego por intermedio do latim, já não evoca a idéa primitiva das assembléas populares convocadas, nas cidades gregas, pelo som estridulo da corneta do arauto; mas a assembléa ideal dos *chamados* á voz do Evangelho de Christo. — APOSTOLO, de origem grega, já não mais desperta a idéa classica de um mensageiro e representante de qualquer personagem, ou a idéa posterior de "uma expedição naval, uma frota expedida a serviço extrangeiro"; mas a idéa dos propagandistas de um systema religioso, politico ou philosophico. — SACRAMENTO, do latim *sacramentum,* não lembra mais o *juramento sagrado* do antigo legionario romano ás aguias imperiaes; mas uma instituição religiosa do Christianismo.

SYNTAXE

CAPITULO I

OBJECTO E PROCESSOS DA SYNTAXE

377. Não começaram os homens a fallar, observa judiciosamente K. Brugmann, por palavras, mas por phrases. A constituição mental da raça humana revela-se na linguagem, e esta, em tempo nenhum, se constituiu propriamente de palavras insuladas ou desconnexas, mas de palavras relacionadas ou grupos logicos de expressão, a que damos o nome generico de *phrase*.

Syntaxe é, pois, o estudo da phrase, como Lexeologia é o estudo da palavra.

Syntaxe historica da lingua portugueza é o estudo da evolução da phrase latina nos actuaes dominios da lingua portugueza.

Coordenação e subordinação

378. Phrase é a expressão de um pensamento, isto é, de um agrupamento de idéas, ao passo que palavra é, em regra, a expressão de uma idéa simples ou elementar, quer geral, quer singular.

A phrase apresenta-se, em sua fórma completa, como um grupo logico de palavras, que se combinam de dois modos fundamentaes: ou por *coordenação* ou por *subordinação*. A estes dois processos logicos chama Brugmann — *parataxe*. (gr. *para* = *perto*, *taxis* = *arranjo*) e *hypotaxe* (*hypo* = *sob*, *taxis* = *arranjo*), e ao estudo dos dois processos dá-se o nome de *syntaxe* (gr. *syn* = *com*), que etymologicamente significa *construcção* (lat. *cum* + *structionem*).

Podemos, portanto, representar o estudo grammatical da expressão phraseologica do pensamento, em seu aspecto geral, do seguinte modo:

Phrase

Parataxe **Hypotaxe**

Syntaxe

Donde se vê que o estudo da Syntaxe é fundamentalmente o estudo da phrase nos dois processos *paratactico* e *hypotactico*, ou *coordenativo* e *subordinativo*, em que tão singelamente se resolve, em ultima analyse, a sua admiravel contextura.

CAPITULO II

PROCESSOS PHRASEOLOGICOS DO PORTUGUEZ E DO LATIM

379. A' parte as particularidades, que em seu logar estudaremos, notam-se na enunciação do pensamento em portuguez, como em latim, os mesmos processos fundamentaes de *coordenação* e *subordinação*, de que acabamos de fallar; bem como as mesmas leis geraes de *concordancia*, *regencia* e *ordem*. Ha, porém, dissemelhanças, ou differenciações, que importa notar mais adeante. Desde já diremos, entretanto, que para uma larga differenciação syntactica entre o latim e o portuguez concorreu o desapparecimento das fórmas syntheticas das *declinações* e *conjugações latinas*.

As relações logicas de coordenação e subordinação na contextura da phrase latina eram expressas por desinencias caracteristicas, que constituiam as declinações dos nomes e a conjugação dos verbos em latim. A quéda da consoante final, sobre que repousava a distincção dos *casos* e das *vozes* dos verbos latinos, produziu uma revolução na phrase e nos processos syntacticos. As relações logicas das palavras na constituição das sentenças deixaram de ser expressas pela propria desinencia, tornando-se necessario, para preencher essa lacuna, recorrer a palavras *auxiliares*, taes como as *preposições* e *verbos auxiliares*, e a outros meios.

Os membros das proposições, o *sujeito* e os *complementos*, que em latim se revelam pelo *caso*, como já vimos, tiveram de valer-se, para se revelar, da *posição* e das *preposições*. Aquillo que em latim era *syntheticamente* expresso por uma

só palavra, como, v. gr. (*corona*) *juventutis*, (*amor*) *Petro*, tornou-se *analyticamente* expresso por mais de uma — (*coroa*) *da juventude*, (*sou amado*) *por Pedro*.

O caracter *synthetico* do latim consiste, como se vê, em exprimir uma só palavra mais de uma idéa, como nas phrases acima — *juventutis*, que encerra a dupla idéa de *possuidor* e de *posse; amor*, que contem a idéa da *acção* de amar, e a do seu *paciente; Petro*, que não só indica o *individuo*, mas o *agente* da acção verbal.

Por sua vez, o caracter *analytico* do portuguez e das linguas neo-latinas consiste em corresponder cada palavra a uma só idéa, de sorte que a phrase encerra discriminadamente a analyse do pensamento, como se póde ver na traducção dos exemplos acima.

Assim, pois, ao *synthetismo* latino succedeu o *analytismo* neo-latino.

O caracter synthetico dava á phrase latina mais concisão e energia; ao passo que o caracter analytico communica á portugueza mais amplitude e clareza. Na força e belleza da expressão leva, pois, o latim vantagem ao portuguez e ás outras linguas neo-latinas; mas em clareza possuem estas decidida superioridade á latina.

380. As flexões casuaes lhe davam liberdade quasi illimitada na collocação de seus termos. Se bem que as linguas romanicas, não possam gosar da mesma liberdade, ellas teem, comtudo, uma construcção mais livre que as germanicas, como observa Diez. O mesmo romanista assignala, como causas historicas desta maior liberdade, o movimento poetico do lyrismo provençalesco, que presidiu ao nascimento das linguas romanicas, e a imitação do estylo latino provocado pelo Renascimento da literatura greco-romana no sec. XVI. Das romanicas, pondera o mesmo auctor, o italiano é a que mais se approxima da lingua-mãe neste ponto, se bem que na poesia o portuguez, o hespanhol e o provençal em nada sejam inferiores.

CAPITULO III

ESTRUCTURA ORACIONAL ROMANICA

PLANO DA PHRASE

381. A estructura oracional romanica refere-se ao plano da phrase novo-latina na expressão de um pensamento completo. O pensamento completo tem a sua expressão na *proposição, sentença* ou *oração.*

Na estructura oracional seguiram as linguas romanicas o plano geral da phrase latina, com restricção na *ordem* dos termos, e ampliação na *regencia* e *concordancia.*

O plano da phrase latina e das linguas congeneres consiste, em seu aspecto geral, na divisão binaria da proposição quanto aos termos essenciaes — *sujeito* e *predicado.*

382. *Sujeito* é o termo syntactico de que se declara alguma coisa, e *predicado* é a coisa declarada do sujeito. Estes termos essenciaes podem ser ampliados, restringidos ou explicados por termos accessorios ou secundarios, chamados *complementos.* Além destes, um outro, termo accessorio apparece nas particulas *connectivas.* E' este o arcabouço ou mechanismo da proposição grammatical, fornecido pelo aspecto completo da phrase latina e neo-latina.

383. Podemos definir a *proposição* como a phrase que contem uma declaração formal. A definição escholastica de que a proposição é "o enunciado de um juizo", e, consequentemente, é uma affirmação da conveniencia ou desconveniencia de uma qualidade ou attributo, em uma substancia ou sujeito, é justamente repellida por C. Ayer, por nem sempre adaptar-se ao conceito de uma proposição grammatical. As orações imperativas e optativas, por exemplo — *Trabalhae — Sejam felizes* — não conteem affirmação propriamente, porém mera declaração de desejo.

384. As proposições ou orações constituem os *periodos* grammaticaes, que podem ser *simples,* se conteem uma só proposição, e *complexo* e *composto,* se mais de uma.

Os periodos grammaticaes, divisões mais ou menos arbitrarias do discurso, assignalados na linguagem oral por uma pausa mais longa, e na escripta por um ponto-final, ou, ás vezes, por ponto-de-interrogação e exclamação, devem conter uma expressão cabal do pensamento, que não tenha com a subsequente, na sequencia do discurso, laço de intima relação. O *discurso* finalmente se apresenta como uma série de periodos na discussão desenvolvida de um assumpto. O limite e a extensão dos periodos são materia que obedece mais ao genio do orador ou do escriptor e da propria época, do que a regras. Distinguem-se os periodos de nossos classicos quinhentistas não só pela sua grande extensão, como, não raro, pelo absurdo de seus limites. Hoje os periodos são mais curtos, embora variem de accôrdo com o temperamento do escriptor, e os seus limites, no corpo do discurso, são mais racionaes, obedecendo com mais cuidado á ligação dos pensamentos.

De resto, é moderna a divisão rigorosa dessas diversas partes do discurso. Eram, na antiguidade, escassas as notações syntacticas ou signaes de pontuação. A pontuação dos monumentos escriptos da literatura antiga são manipulações modernas de sabios editores. Com a invenção da imprensa é que se foram inventando e applicando os variados signaes, com que hoje seccionamos o discurso e o periodo grammatical.

385. PHRASES VERBAL E NOMINAL. Comprehende a proposição dois typos — a *phrase verbal* e a *phrase nominal.*

a) O typo da *phrase verbal* consiste em ser o predicado enunciado por um *verbo* unicamente: *o homem vive = homo vivit.*

b) O typo da *phrase nominal* consiste em ser o predicado enunciado por um *verbo* e um *nome* referente ao sujeito: *o homem é bom = homo est bonus.*

Na phrase verbal o predicado é expresso concretamente por um verbo, que póde ser de *predicação completa,* quando *intransitivo,* como: *Os campos florescem;* ou de *predicação incompleta,* quando *transitivo, relativo* ou *de ligação,* como:

O homem ama a verdade, aspira ao ideal, e permanece incansavel na pesquisa do bem.

Na phrase nominal o predicado é analyticamente expresso por um verbo de ligação e mais um outro elemento ligado ao sujeito, ordinariamente um *nome* adjectivo ou substantivo, ás vezes *pronome, verbo* ou *adverbio,* que constituem *completivos subjectivos,* como se vê em seguida:

VERBO+NOME ADJECTIVO : *A vida* É PASSAGEIRA.
VERBO+NOME SUBSTANTIVO : *As cãs* SÃO A GLORIA *da velhice.*
VERBO+PRONOME : *O bem* É O *que desejamos* — QUEM É *elle?*
VERBO+VERBO : *Viver* É LUCTAR.
VERBO+ADVERBIO : *A salvação* ESTÁ PERTO — *Elle* ESTÁ BEM.

386. GRUPOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO. As palavras formam no seio da proposição grupos logicos, que são de duas categorias: *grupo de coordenação* e *grupo de subordinação.*

a) O *grupo de coordenação* é formado pela *juxtaposição* ou *apposição* de termos expressivos de idéas, que occupam a mesma posição no espirito. Esta equivalencia de posição é revelada na phrase pela concordancia grammatical e pelas particulas coordenativas. Exs.:

SUJEITO+SUJEITO : DAVID e SALOMÃO *foram reis d'Israel.*
SUJEITO+PREDICADO : OS ALUMNOS SÃO DEDICADOS *ao estudo.*
PREDICADO+PREDICADO : *O homem* NASCE e MORRE.
COMPLEMENTO+COMPLEMENTO : *Amamos a* PATRIA e A HUMANIDADE.
SUBSTANTIVO+ADJECTIVO : O HOMEM BOM *do* BOM THESOURO de SEU CORAÇÃO *tira* BOAS COUSAS.
SUBST. FUNDAMENTAL+SUBST. APPOSTO : PERNAMBUCO, LEÃO DO NORTE, *é uma das glorias do Brasil.*

A coordenação se diz *syndetica,* quando effectuada por conjuncção expressa, como — *Pedro e Paulo foram apostolos;* e *asyndetica,* quando ha suppressão da connectiva, e a coordenação se opera por mera juxtaposição ou collateralidade dos termos, como — *Pedro, Paulo, João, foram apostolos.*

b) O *grupo de subordinação* é formado pela reunião de termos expressivos de idéas, que occupam posições differentes no espirito. Esta differença de posição é grammatical-

mente revelada em latim pelos casos obliquos e nas linguas romanicas pelas particulas subordinativas, que são as *preposições*, as *conjuncções* de 2.ª classe, o *adjectivo*, *pronome* e *adverbio conjunctivos*, excepto o objecto *directo*, que se revela pela posição:

AS ESTRELLAS DO CÉU *brilham* — *Elle* ESTUDA PARA APPRENDER — QUERO QUE VIVAM *felizes* — E' *elle* QUEM PAGA — *Não* SEI O LOGAR ONDE ESTOU — *O bom filho* AMA A SEUS PAES *e os paes* AMAM O BOM FILHO.

Estes grupos logicos de coordenação e subordinação dizem-se *nominaes*, se formados de *nomes*, v. gr.: *homem bom*, *homem de paz*; e *verbaes*, se de verbos, v. gr.: *luctar e vencer*, *estar a luctar*.

O processo de *coordenação* e *subordinação* extende-se não somente aos membros da proposição, mas tambem ás proprias proposições entre si, que são *coordenadas* (*vim*, *vi* e *venci*), e *subordinadas* (*vim para que tenham vida*).

Da coordenação e subordinação das proposições, porém, tractaremos quando estudarmos o periodo composto e complexo.

Antes de passarmos ao estudo historico-comparativo dos termos desses *grupos logicos*, vejamos a maneira por que elles se formam em latim e nas linguas romanicas.

CAPITULO IV

PROCESSOS RELACIONAES DO LATIM E DAS LINGUAS ROMANICAS

RELAÇÕES SYNTACTICAS

387. Como vimos, as palavras combinam-se de certo modo, ou relacionam-se no discurso para a expressão do pensamento, formando *phrases verbaes* e *nominaes*, e *grupos logicos de coordenação* e *subordinação*. Na maneira, porém, de se relacionarem as palavras desses typos syntacticos, diverge o latim das linguas romanicas.

No latim as relações syntacticas são determinadas pelos *casos* de suas *declinações*, e nas linguas romanicas, não havendo casos, são essas relações indicadas por outros processos.

São trez as relações syntacticas fundamentaes das palavras no plano da phrase latina, de que já fallámos: a relação do *sujeito* ou *subjectiva*, a do *predicado* ou *predicativa*, e a do *complemento* ou *complementar*.

As relações complementares podem desdobrar-se em tantas relações quantos os complementos, a saber, em quatro: a *relação objectiva*, a *terminativa*, a *attributiva* e a *adverbial*. E se, a todas estas relações, reunirmos o *vocativo*, como relação á parte, e o *connectivo*, que tem funcção especial, chegaremos ao resultado de que toda palavra na phrase mantem uma ou outra destas oito relações — *subjectiva, predicativa, objectiva, terminativa, attributiva, adverbial, vocativa* e *connectiva*.

Ora, o latim classico expressava todas essas relações com os seis *casos* de sua *declinação*, exceptuando a relação *predicativa* verbal, que, tanto em latim como nas linguas neolatinas, se expressa pelas fórmas conjugativas do verbo, e a relação *connectiva*, que, em todo o grupo latino, é expressa por um pequeno numero de palavras indeclinaveis, *particulas* de *ligação* ou *connectivas*.

Além desses seis casos do latim literario, ha vestigios de ter tido o latim archaico mais dois, o *locativo* e o *instrumental*, herança do tronco primitivo aryano.

Esses casos já mencionados na Morphologia, eram constituidos por seis flexões ou desinencias especiaes, que indicavam syntheticamente a relação da palavra, isto é, o papel que ella representava no drama da phrase, como sujeito ou complemento.

388. Os CASOS LATINOS E SEUS EQUIVALENTES VERNACULOS. Os casos latinos com seus respectivos equivalentes vernaculos são os seguintes:

Nominativo	relação	subjectiva
Genitivo	"	attributiva
Dativo	"	terminativa
Accusativo	"	objectiva
Vocativo	"	vocativa
Ablativo	"	adverbial

289. NOMINATIVO (de *nominare* = *nomear*) é o caso do sujeito e do predicado nominal de modo finito: *Animus humanus immortalis est* = *a alma humana é immortal.*

E' chamado *caso recto* em relação aos outros, que se dizem *obliquos*, e serve para revelar o sujeito seja qual for a collocação deste na proposição.

Perdida a desinencia casual, recorreu o portuguez á *posição* antes do predicado, como expediente para revelar o sujeito, e, no caso de não haver perigo de ambiguidade, ao *sentido obvio*: *O exercito venceu o inimigo — O inimigo venceu o exercito — immortal é a alma, o mar cortava a armada.*

390. GENITIVO (de *gignere* = *gerar*), é o caso da relação attributiva, pois em regra modifica um substantivo regente, de *origem, posse*, etc.: *Rex romanorum* = *rei dos romanos, liber Petri* = *livro de Pedro, oratio Ciceronis* = *discurso de Cicero.*

A preposição *de* veio supprir no portuguez a falta da desinencia genitiva: *rei dos romanos, livro de Pedro.*

E' importante assignalar que o *genitivo*, dentro de sua funcção attributiva geral, continha funcções caracteristicas especiaes, que convem discriminar:

1.ª GENITIVO POSSESSIVO (*genitivus possessionis*), quando indica *posse*: *Liber Petri* = *livro de Pedro — Domus regis* = *casa do rei.*

Este genitivo possessivo é usado *predicativamente* nas seguintes phrases: *Miseros consolari humanitatis est* = *é da humanidade consolar os infelizes. — E' de cavalheiro usar de cortezia com as damas — O que for do pae é do filho.*

2.ª GENITIVO PARTITIVO, quando traz a idéa de parte de um todo qualquer: *Turma equitum* = *uma turma de cavalleiros ou de cavallaria — Modius tritici* = *modio de trigo — Tertius regum Romanorum* = *o terceiro dos reis romanos — Major fratrum* = *o maior dos irmãos — Maximum oratorum* = *o maior dos oradores — Nada de novo, assaz de gente.*

3ª Genitivo appositivo ou *explicativo*, quando tem o valor de um apposto, ou de mera explicação ao termo regente: *Vox libertatis = voz da liberdade, flos rosae = a flor da rosa (a flor rosa), virtus justitiæ = a virtude da justiça, titulo de eleitor, grau de approvação, posto de coronel, cidade de Lisboa.* Não raro, neste caso, se dispensa o genitivo, e se manifesta a apposição franca: *Urbs Roma* (cidade Roma), *flumen Rhenus = rio Rheno, rio Amazonas, fortaleza Santa Cruz, praça Concordia.*

4.ª Genitivo subjectivo (*genitivus auctoris*), quando indica o auctor ou o agente do facto expresso pelo substantivo regente: *Oratio Ciceronis = discurso de Cicero — Calamitas belli = calamidade da guerra, amor patris = amor de pae* (que o pae possue).

5.ª Genitivo objectivo, quando indica o objecto ou paciente de facto expresso pelo substantivo regente: *Amor virtutis = amor da virtude — Remedium doloris = remedio da dor — Metus hostium = medo dos inimigos* (que se tem dos inimigos) — *Poena sceleris = pena de crime — Demicatio vitae = peleja da vida.*

Como em latim, é facil a ambiguidade entre o genitivo *subjectivo* e o *objectivo*, toda a vez que a significação do termo no genitivo puder ser agente ou paciente do facto. Se dissermos *amor virtutis = amor da virtude*, não póde haver ambiguidade, pois o termo em genitivo *virtutis* só póde ser objecto do *amor*, e não sujeito ou agente. O mesmo não acontece, porém, se dissermos — *amor Petri*, onde o termo em genitivo *Petri*, tanto póde ser objecto como sujeito ou agente de *amor*.

391. Dativo (de *dare = dar*), é o caso da relação terminativa, do objecto indirecto, de attribuição, a que alguma coisa pertence ou tem relação. Seu valor relacional é geralmente indicado em portuguez pelas preposições *a* ou *para*: *Patria omnibus cara est = a patria é cara a todos — Panem pauperibus dedit puer = o menino deu pão aos pobres — Sapientis est naturae convenienter vivere = é do sabio viver convenientemente* (a) *com a natureza.*

Subsiste ainda o dativo organico nos casos obliquos pronominaes — *lhe* e *lhes*. As fórmas — *me, te, se, nos, vos, a mim, a ti, a si, a elles, a nós, a vós, a elles,* são frequentemente empregadas com o valor syntactico de dativo: *dar-me os parabens, entregar-nos as chaves, dar-se ares de innocente.*

Convem notar duas especies de DATIVOS:

1.° DATIVUS COMMODI ET INCOMMODI, que indica o interesse ou o desinteresse da pessoa ou coisa em relação a que se practica alguma acção: *Domus dominis aedificata, non muribus* = *a casa é construida para os donos e não para os ratos* — *Homo non sibi solus natus est, sed patriae, sed suis* = *o homem não nasce só para si, mas para a patria, mas para os seus.*

2.° DATIVUS ETHICUS (dativo ethico), que indica o interesse, na acção, de quem falla ou a quem se falla, e dá, como observa Diez, mais calor á phrase: *Quid sibi vult haec oratio?* = *que lhe significa este discurso?* — *Olhem-me* (dativo) *a cara daquelle rapaz.* — Em francez: *Regardez-moi la mine de ce garçon?*

E' tal dativo de frequente uso, mormente no v. port.:

> Quem m'ora quizesse cruzar
> bem assy poderia ir,
> bem como foy a Ultramar
> Pero d'Ambrosio Deus servir.
> O Ant. Vern. 89

Considerae-me o mundo desde seus principios, e vêl-o-eis sempre como figura no theatro apparecendo e desapparecendo juntamente, por que sempre passando (A. V., S. I. 142)—Vê-me esses animaes, suas bellezas compara-as com as tuas (F. Elys., Fab. 33).

392. ACCUSATIVO (de *accusare* = *accusar*) é o caso do objecto directo, do paciente da acção verbal, bem como do sujeito e do predicado nominal do modo infinito: *Scipio delevit Carthaginem* = *Scipião destruiu Carthago* — *Dicunt Petrum esse sapientem* = *dizem ser Pedro sabio.*

A funcção do accusativo em portuguez é indicada pela *posição* immediata ao predicado expresso por verbo transitivo. O nominativo ou o sujeito revela-se, em geral, como vimos,

pela sua posição *antes do predicado*, e o accusativo ou o objecto directo pela sua posição *depois*, isto é, o agente e o paciente da acção verbal occupam, de rigor, as posições extremas do predicado: *O exercito venceu o inimigo* e *o inimigo venceu o exercito.* Como se vê, o sentido é dado pela posição dos termos; qualquer outra collocação traria ambiguidade.

Todavia, casos ha em que o *sentido obvio* mostra qual o agente e o paciente, qual o nominativo e qual o accusativo:

> Mas já o planeta, que no céo primeiro
> Habita, cinco vezes apressada,
> Agora, meio rosto, agora inteiro
> Mostrára, emquanto *o mar cortava a armada* ;
> C. Lus. 5. 24

Além deste caso, tem a lingua a faculdade, recebida da b. latinidade, de assignalar o accusativo ou paciente com a preposição *a*, nas condições que mais adeante estudaremos.

As fórmas obliquas pronominaes — *o, a, os as* são vestigios do accusativo organico latino. As formas — *me, te, se, nos, vos*, ora funccionam como *accusativo*, ora como *dativo*, por ex.:

Aprecio-te e dou-te os parabens, dar-se ao estudo, dar-se ares de importancia, arroguei-me o direito, proporcionou-nos horas agradaveis.

O lat. admitte com certos verbos, como *celo* = *occulto, doceo* = *ensino, peto* = *peço*, etc., dois *accusativos*, um da *pessoa* e outro da *cousa;* o port. repelle esta syntaxe, e leva ordinariamente o *accus.* da pessoa para dativo:

Adolescentem litteras docere = *ensinar letras ao moço — Id te oro* = *peço-te* (dat.) *isto — Quotidie Coesar AEduos frumentum flagitabat* = *todos os dias Cesar pedia trigo aos eduos* (Chassang).

No port. arch. apparecem exemplos desse duplo accusativo.

393. Vocativo (de *vocare* = *chamar*), é o caso da interpellação, chamamento e exclamação: *Vincere scis, Hannibal; victoria uti nescis* = *sabes vencer, Annibal; não sabes da victoria utilizar-te. — Quousque tandem abutere, Catilina, patientia nostra* = *até quando abusarás, ó Catilina, de nossa paciencia.*

Em portuguez o *vocativo* se denuncia pela entoação da voz, pela interjeição *ó*, e, no caso de exclamação, *ah! oh!* Na linguagem escripta as virgulas indicam na phrase o *vocativo*: *Eu, Marilia, não sou nenhum vaqueiro, que viva de guardar alheio gado.*

394. Ablativo (de *ablatum* = *tirado*), é o caso dos complementos circumstanciaes, das circumstancias adverbiaes de *tempo, logar, instrumento, separação, origem, companhia, modo, cousa, medida, preço limitação*, etc.

Tempo : *in pace* = *na paz, in bello* = *na guerra, in tempore* = em tempo opportuno, *bis in die* = duas vezes no dia, *primo mense* = no primeiro mez, *nocte* = de noite.

Logar : *terra marique* = em terra e no mar, *humi* = no chão, *vesperi* = á tarde.

Instrumento : *Dolor lenitur tempore* = a dor abranda-se com o tempo, *pedibus ire* = ir com os proprios pés — *Themistocles divitiis ornavit Athenienses* = Themistocles encheu de riqueza os athenienses.

Separação : *Loco movere* = afastar-se do logar — *desistere conatu* = desistir da empresa — *liberare aliquem metu* = livrar alguem do medo.

Origem : *nobili genere natus* = nascido de familia nobre.

Medida : *Magnos homines virtute metimur, non fortuna* = medimos os grandes homens pela virtude, e não pela fortuna.

Limitação : *Nemo tibi par est eloquentia* = ninguem te é egual em eloquencia — *Avus materno genere* = avô pelo lado materno — *Homo natione Gallus* = homem gaulez de nação — *Sunt quidam homines non re, sed nomine* = alguns são homens não nos feitos, mas no nome.

Modo : *Cum virtute vivere* = viver (com virtude) virtuosamente — *aequo animo* = com animo tranquillo — *nudis pedibus* = com pés nus, *promino capillo* = com cabello crescido.

Colhe-se desses exemplos que o ablativo é supprido em portuguez por preposições adequadas ás diversas circumstancias. Porém, não faltam exemplos em portuguez de ser, como em latim, o *ablativo* circumstancial desacompanhado de preposição e ser accusado apenas pelo sentido do texto, p. ex.:

Partiu para Paris via Lisboa — Chegou segunda e partiu terça — Dormiu um dia inteiro — Passou a meditar horas e horas — Foi-se seu caminho — Andou duas horas.

Obs. Em alguns casos a ausencia habitual da preposição deu a esses complementos circumstanciaes a apparencia de *objectos directos*.

e a lingua chega a encará-los como taes, dando ao verbo uma accepção transitiva, que lhe era extranha, como prova a conversão passiva: *dormi duas horas = duas horas foram dormidas por mim.*

CAPITULO V

SUJEITO

395. SUJEITO, em grammatica, é a pessoa ou coisa de que se declara aquillo que é expresso pelo predicado. E como o predicado encerra a acção verbal, o sujeito é concebido como o *agente* ou *paciente* dessa predicação ou acção verbal. Quando o verbo é activo, isto é, quando a acção expressa pelo verbo é franca e manifesta, o sujeito é *sujeito-agente*, se o verbo está na voz activa, como: — *O menino escreveu o exercicio;* e *sujeito-paciente*, se na voz passiva, como: — *O exercicio foi escripto pelo menino.* De sorte que na voz activa o *sujeito* identifica-se com o *agente*, e na voz passiva delle se distingue, sendo o *agente* expresso por um complemento regido da prep. *por* ou *de*.

Succede frequentemente que a lingua estabelece, por meio de um pronome obliquo da mesma pessoa que o sujeito, uma relação de identidade entre o *agente* e o *paciente*, e, neste caso, o sujeito se diz *agente* e *paciente*, como: — *O menino levantou-se* — *Nós nos ferimos.*

Quando, porém, a *acção verbal* é velada ou tenue, como acontece com os verbos que explimem estado, p. ex., — *O homem nasce, vive e morre*, o verbo e o seu sujeito dizem-se *neutros* (lat. *neuter* = *nem um nem outro*), nem agente nem paciente, nem activo nem passivo.

396. OUTROS ASPECTOS DO SUJEITO. Além desses aspectos do sujeito em relação ao predicado, outros existem que convem aqui consignar.

O sujeito póde ser ainda *expresso* ou *claro*, quando enunciado, v. gr.: *Eu escrevo uma carta* — *Cesar veio a Roma.* — E' ainda commum entre os grammaticos appellidar-se o sujeito — *determinado*, quando é ou póde ser *expresso*, e *indeterminado*, quando não é nem póde ser *expresso*, é um mero sujeito psychologico, que a lingua sempre subenten-

deu, e nunca enunciou, a não ser por pronome. Dá-se este phenomeno, commum de todas as linguas aryanas, com os verbos chamados por isso mesmo *impessoaes*: *Chove* e (pop. e arch.) *elle chove — Faz calor — Dizem que elle morreu* (cf. *il pleut* fr., *it rains* ingl.). Estudaremos o ponto mais adeante.

397. SUJEITO EM NOMINATIVO, ACCUSATIVO E DATIVO. O sujeito do modo finito vae para *nominativo*, e em port. esse sujeito-nominativo se denuncia normalmente pela sua *posição* anterior ao *predicado*. O sujeito, porém, do modo infinito vae em lat. para *accusativo*, ao invés do port. que o leva egualmente para *nominativo*, p. ex.:

Dicunt *me* esse bonum = dizem ser *eu* bom, credo *illum erravisse* = creio ter *elle errado*, Caesar jussit *castra* moveri = Cesar ordenou serem *os abarracamentos* (elles) levantados.

Entretanto, seguem a tradição latina, tendo o seu sujeito no *accusativo*, os infinitivos regidos de *fazer, deixar, ver, ouvir, mandar*, e outros; com excepção deste ultimo, os outros quatro admittem, em certos casos, o sujeito tambem em *dativo*, p. ex.:

Fazê-lo ou fazer-lhe ir, deixá-lo ou deixar-lhe fallar, vê-lo ou ver-lhe sahir, ouvi-la ou ouvir-lhe cantar, mandá-lo prender — Fez-lhis jurar sobre los santos evangelhos (Chrest. Arch. 42) — Foi mui ledo contra elle, mas viu-lhe fazer mui má contenença (cara, cf. ingl. *countenance*) (Ib. 58) — E emfim mandou-os queimar (Ib. 156).

398. SUJEITO LATENTE. O pronome sujeito vinha em lat., ordinariamente, latente no verbo, e só era expressado quando o pedia a *emphase* ou o *contraste*. Segue o port. nesta parte o genio da lingua-mãe: *Laudas* = *louvas* (tu) — *Ego fleo, tu rides* = *eu choro, tu ris.* — Em *mandei-lhe que sahisse, ensinei-lhe que fizesse*, etc., o sujeito das clausulas subordinadas, logicamente incluido no objecto indirecto do verbo regente, não se póde enunciar grammaticalmente.

399. SUJEITO REGIDO DE PREPOSIÇÃO. O sujeito, representando o nominativo latino, não é em portuguez, como não era em latim, regido de preposição; por isso evitam os bons escriptores contrahir a preposição com o sujeito do infinito,

ou com qualquer palavra que a elle pertença, ou com o artigo, que modifica o sujeito, p. ex.:

E' tempo *de* elle levantar-se — E' hora *de* os brasileiros erguerem-se — Quando os inglezes se rirem *de* elles terem muito dinheiro e nós pouco, torçamos a orelha e choremos (A. H.).

Comtudo desenvolveu-se no v. port. a regencia preposicional do sujeito, quando este era constituido por uma oração infinitiva, e embora tal praxe anti-latina tenha, em geral, desapparecido do portuguez moderno, todavia escriptores, como A. de Castilho e Garrett, a teem perfilhado. Exs.:

Melhor é de seear traedor
ca morrer escomungado.

Chrest. Arch. 201

Pero he-lhe necessario de saber conhescer de que guisa pode melhor filhar aquelle porco (Tex. Arch. 56). — Seendo ele de idade, convem a saber de LX anos (Chrest. Arch. 108). — E por esto lhe cumpre de se trabalhar de saber bem conhecer todas estas cousas (T. Arch. 57 — sec. XV) — Era cousa singular de veer (Chr. Arch. 108) — E foi facil de possuir (A. V. — C. 6). — Desaire real seria de a deixar sem premio (G.) — Ainda agora nos não pesa de o havermos feito (A. C.).

400. INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO E DO AGENTE. Chama-se, em grammatica, sujeito indeterminado o sujeito dos verbos impessoaes, reclamado pela analogia syntactica dos outros verbos, e normalmente inexpresso na proposição; é um sujeito psychico, que se annuncia vagamente no dominio do espirito, mas que não faz sua apparição na esphera da linguagem ou no dominio da grammatica. Com certos verbos, empregados impessoalmente na 3.ª pessoa do plural, na voz activa, e na 3.ª pessoa do singular na voz passiva, podemos perceber mais claramente a existencia desse sujeito ou agente indeterminado.

De facto, ha um duplo processo em portuguez, herdado do latim, para quando queremos indicar a *indeterminação do sujeito* e do *agente*. Consiste elle em levarmos o verbo á 3.ª pess. do plur. da activa, e á 3.ª do sing. da passiva com a particula *se*, p. ex.: *Contam que fulano morreu* e *conta-se que fulano morreu*. Na primeira preposição está indeterminado o sujeito-agente de *contam;* na segunda apenas se

enuncia o sujeito-paciente de *conta-se*, que é a proposição — *que fulano morreu*. O *sujeito*, ou, melhor, o *agente* destas phrases é reclamado, como facilmente se vê, não só pela analogia syntactica, mas ainda pela propria actividade expressa no predicado, ou, podemos dizê-lo, pelo principio de casualidade. Este *sujeito* ou *agente*, que, embora francamente suspeitado, a lingua normalmente não enuncia, é o que se chama *sujeito* e *agente indeterminado*. E se, por esse motivo, é indeterminado, deve de ser grammaticalmente *indeterminavel*, pois qualquer determinação analytica é arbitraria e artificial. Portanto, procurar um termo que faça o papel de sujeito ou agente, como fazem Moraes, Sotero e os velhos grammaticos da escholastica, é desconhecer o phenomenò linguistico da indeterminação do sujeito ou do agente, os quaes nessas phrases verbaes se acham ausentes não por uma ellipse conveniente ao estylo, mas pela inconveniencia ou difficuldade de se achar um que possa bem caracterizar o seu objecto. Apparece, ás vezes, é facto, enunciado um sujeito-agente, como: *muitos, todos, os homens contam que fulano morreu*. Mas essa determinação não se faz espontanea, como o natural supprimento de um sujeito elliptico, e sim ordinariamente como o resultado de uma interpellação: *Quem conta? Todos contam;* ou, como é commum, reduzimos a phrase á forma pessoal no singular: — *o povo, toda a gente conta*. O genio da ling. ingl. reclama este processo pessoal: *people say, they say*.

Muitos são os verbos que admittem este processo de se deixar indeterminado o *agente-sujeito* na activa, e o *agente-complemento* na passiva, taes como — *dizer, julgar, crer, fallar, soar, etc.*

401. ORIGEM LATINA DO DUPLO PROCESSO DA INDETERMINAÇÃO DO AGENTE. O duplo processo activo e passivo em relação ao agente indeterminado, de que tracta o paragrapho antecedente, recebemo-lo do latim, como se deprehende dos seguintes exemplos:

Dicunt eum esse sapientem = dizem ser elle sabio ; *dicunt* = dizem *credunt* = crêem, *ferunt* = contam. — *Dicitum* = diz-se, *creditur* = crê-se, *ambulatur* = passeia-se, *vivitur* = vive-se, *fertur* = conta-se, *bibitur* = bebe-se, *pugnatur* = peleja-se, *pugnatum est* = pelejou-se, *pugnandum est* = deve-se pelejar, *invidetur potentibus* = inveja-se aos poderosos (ter-se

inveja aos poderosos), *sic itur ad astra* (Verg.) = assim se vae aos astros, *hic jam ter centum totos regnabitur annos gente sub Hectorea...* = por trezentos annos completos reinar-se-á aqui sob a geração hectorea (Os hectoreos aqui trezentos annos já reinarão — O. M.) — *Non potest beate vivere, nisi cum virtute vivitur* = não se póde viver feliz, se não se vive com a virtude (Não podemos viver felizes, se não vivemos virtuosamente).

402. O lat. possue um outro typo syntactico, em phrases analogas, em que o verbo regente assume fórma pessoal na voz passiva, como se vê no seguinte passo de Vergilio: *Quam Juno fertur terris magis omnibus unam posthobita coluisse Samo* = á qual, se conta, Juno até pospoz a predilecta Samos (O. M. Eneid. I. 23). A' letra diz o lat.: *Juno é contada ter posposto...* O ingl. adopta processo identico, p. ex.: *Peter is said to learn French* (á letra) = *Pedro é dicto apprender francez*. O port. repelle tal syntaxe com os verbos *contar, referir*, etc.; porém admitte com alguns outros verbos de construcção semelhante, em que o sujeito do verbo *regido* póde passar a sujeito do verbo *regente;* póde-se ver isto nos seguintes exemplos:

Via-se (era visto)... resplandecerem as cumiadas das montanhas (A. H., Eur. 84) = viam-se resplandecer as cumiadas das montanhas — Via-se vaguear ou vaguearem uns vultos negros = negros uns vultos vaguear se viam (Id.) — Via-se brilharem dois olhos reluzentes = Viam-se brilhar dois olhos reluzentes (Id. O. Bob. 31) — Ouvia-se sussurrarem as ribas ermas = as ribas ermas sussurrar se ouviam (Id.) — Sentiu-se então por toda a rua abrirem-se portas e janellas, e soarem vozes dos vizinhos = Sentiram-se então por toda a rua abrir portas e janellas, e soar vozes dos vizinhos (Souza, V. do Arc. 2. 36) — Os carmes do poeta parecem altear-se mais sonoros = Os carmes do poeta parece altearem-se mais sonoros (L. C.) Cf. lat. Tu mihi videris esse doctus = tu me pareces ser douto (M. Barreto, Noviss. Est. 221) — Ouviu-se, em seu vasconço, os cortezãos rugirem (Fab. 276).

403. A INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO-AGENTE COM OUTROS VERBOS. O conceito de sujeito indeterminado extende-se a todos os verbos impessoaes. Dos impessoaes essenciaes (*chover, anoitecer*) fallaremos no proximo paragrapho, Dos accidentaes é largo o uso que o portuguez recebeu da baixa latinidade. A cada passo apparecem na phrase com sujeito indeterminado, isto é, empregados impessoalmente os verbos — *haver, fazer, estar, ser, rir, soar, pesar*, etc.;

Ha homens, faz frio, faz quatro annos, está quente, é tarde, é cedo, é muito dia — Mal vae á casa onde a roca manda á espada — Mal vae á raposa quando anda aos grillos — Onde bem me vae, tenho mãe e pae — Se os apestos do inimigo, como por cá soa, forem tambem maritimos... (A. V.)

Felipa, como te vae?
Que me proveja
E saiba como me vae (G. V.)

404. Houve uma corrente medieval, que dava a estes verbos um sujeito *ficticio* no pron. da 3.ª pess. em nominativo. O v. port. registra larga copia dessa tendencia, que ainda apparece no dialecto popular e esporadicamente em certos escriptores modernos. Domina ainda no francez e no inglez: *il pleut, it rains.* Exs.:

Senhor, elle parece que aprende a cirurgião (C. Obr. 3, 14) — Elle é ainda muito dia (A. P.) — Elle é certo que muitos se envergonham de fazer oração e penitencia (M. B.) — Ella é coisa admiravel, que os conselheiros de Castella se conformam tanto com os nossos (A. V. ,Obrs. C. 1. 192).

405. Theoria do sujeito indeterminado. A theoria do sujeito-agente indeterminado, que acabamos de expender, tem sido criticada por abalisados philologos, mormente em relação aos verbos essencialmente impessoaes, que exprimem o estado da atmosphera ou phenomenos metereologicos, v. gr., *pluit = chove, tonat = troveja.* "O *pluit* latino é uma adhesão simples", diz Jac. van Ginneken em seus *Principes de Linguistique Psychologique.* Sobre o ponto escreve, entretanto, K. Brugmann, o prestigiado corypheu de uma nova eschola de glottologos: "Emfim veem os impessoaes, expressões verbaes concebidas como desprovidas de sujeito. Desde o indo-europeu apresentam-se com este caracter verbos, mormente verbos que exprimem phenomenos naturaes (lat. *pluit, tonat*). Psychologicamente *chove,* outra cousa não é senão a exclamação *a chuva! que contem uma observação* sobre o phenomeno atmospherico. Sem duvida estes verbos apresentam-se muitas vezes tambem com um sujeito expressado, p. ex.: *o céo, um deus (Zeus, Jupiter), a nuvem,* e muitas vezes póde um sujeito ter sido subentendido. Qual é o typo primitivo, o typo com sujeito ou o typo sem sujeito? E' o que não nos compete decidir; a presença de uma

desinencia pessoal nada prova quanto á prioridade do typo com o sujeito. Eventualmente, pois, as expressões simples chamadas impessoaes, ainda que já existentes em indo-europeus, podem ter sahido de expressões com dois membros" (*Abrég. de Grammaire Comparative*, p. 661).

Historicamente, portanto, desde os tempos primitivos das linguas pertencentes ao grupo indo-europeu, houve sempre uma tendencia para se dar um sujeito a taes verbos, a ponto de declarar Brugmann que é eventualmente possivel ter a expressão sem sujeito procedido da expressão com sujeito; donde se póde concluir que o genio das linguas aryanas, arrastado pela analogia syntactica, que offerecem outras categorias de verbos, e pela necessidade racional de se referir toda acção a um *agente*, não parou no facto observado, não se contentou com a simples adhesão ao phenomeno, mas suppoz uma causa. Espirito philosophico e indagador, buscou sempre o espirito aryano surprehender no facto o agente mysterioso.

Podemos applicar a esta classe de verbo, bem como a todos os outros verbos impessoaes, a theoria do sujeito indeterminado, o qual se apresenta como uma ellipse original, que a lingua, em seu movimento analytico, busca sempre determinar dando expressão grammatical a sujeitos hypotheticos.

Uma destas tentativas historicas, que actualmente caracterizam algumas linguas aryanas, como o francez, o inglez e o allemão, é a anteposição de um *pronome neutro* com o intuito de representar grammaticalmente esse sujeito tacito, psychico, debalde procurado: *il pleut* fr., *it rains* ingl. O velho portuguez e o portuguez popular, como já vimos, não é extranho a esta tentativa: *"Elle é ainda muito dia* (A. P.)

Caracterizam, pois todos os verbos impessoaes a indeterminação do sujeito ou do agente; qualquer determinação destes termos ou faz passar o verbo para a categoria dos pessoaes, desviando-o do seu sentido proprio, como — *o céo chove, as nuvens trovejam, chovem pedras, improperios;* ou dá em resultado uma analyse barbara e artificial, como — *ha iguarias* (na mesa) — *a mesa ha iguarias; ha homens bons — a sociedade ha homens bons.* E' esta a analyse de Moraes e dos velhos grammaticos, que mandam subentender

um substantivo adequado ao sentido, embora dê em resultado uma phrase barbara, artificial, inusitada. Sotero dos Reis requintou neste artificio analytico, propondo para sujeitos do verbo *haver*, empregado impessoalmente, os substantivos *numero, especie, quantidade,* seguidos da preposição *de,* deste modo: *numero, especie, quantidade de homens bons ha!*

Tal modo de conceber a missão da analyse grammatical, leva o alumno a uma gymnastica esteril e absurda.

406. Desenvolveu-se na b. latinidade um processo logicamente equivalente á indeterminação do sujeito. Consiste elle em dar por sujeito da acção verbal de certos verbos o substantivo *homo = homem,* com o valor de pronome indefinido, p. ex.:

Non in solo pane vivit homo = não só de pão vive o homem (Vulg. S. Math. 4. 4.) — *Ut inter tabulas aspicere homo non possit* (Gr. Tur. H. F. 4—12, ap. Bourciez).

Tal processo teve largo desenvolvimento no v. port. e no port. class. com o artigo e sem elle:

Não póde homem acabar hua oração em paz (S. de Mir., Obr. 2.225) — ...ou por segredo que homem não conhece (Lus. 3. 69) — Anda o homem a trote, por ganhar capote (Prov.) — Deita-se homem no chão, por ganhar gabão (Prov.).

Obs. Como se vê, *homem* usado pronominalmente ora vem precedido do artigo, ora não. Deste uso de *homo* na baixa latinidade veio o pronome indefinido francez — *on* = *homo*. Hoje nesta accepção emprega-se — *a gente: A' gente que lhe importa que a roubassem ou não... E' que a gente estava no quintal* (A. C., Doent., 5) — Já é velho na lingua o emprego de *uma pessoa* em accepção pronominal: *Não havia onde hũa pessoa se pudesse assentar* (F. M. P., Per. 1. 341).

CAPITULO VI

PREDICADO

407. O PREDICADO é o termo que expressa o facto ou a coisa que se declara do sujeito, com o qual se coordena pela concordancia grammatical. E' o segundo membro essencial no plano da phrase latina e novo-latina, e é uniformemente

expresso por um verbo ou por um verbo e mais um elemento integrante, como abaixo veremos:

408. A *predicação*, quer expressada syntheticamente por um verbo — *a estrella brilha*, quer por um verbo e mais um elemento — *a estrella é brilhante*, póde ser *completa* ou *incompleta*, conforme pede ou não um complemento para seu cabal sentido. A predicação expressa por verbos intransitivos é *completa*: — *a estrella* BRILHA, *a flor* MURCHOU; e *incompleta*, quando expressa por verbos *transitivos*, *relativos* e de *ligação*: *Elle disse...*, *tu irás...*, *vós sois... elles queixaram...* O mesmo acontece com o predicado na phrase nominal, quando o ultimo elemento tem significação *absoluta* ou *relativa*: *elle é bom*, e *elle é inclinado...*

409. O *predicado* apresenta dois typos geraes: o *typo verbal* e o *typo nominal*, que, como vimos, caracterizam a *phrase verbal* e a *phrase nominal* na enunciação de um pensamento completo.

410. O *typo verbal* do predicado é constituido por um verbo, e o *typo nominal* por um verbo e mais uma palavra, que se refere ao sujeito através do verbo, expressando alguma qualidade ou estado delle. No primeiro caso o predicado é *synthetico*, *concreto* ou *simples*; *o sol resplandece*; no segundo é *analytico*, *periphrastico* ou *complexo*: *o sol é resplendecente*.

411. O segundo elemento do predicado complexo ou de typo nominal se diz particularmente — predicado *nominal*, *pronominal*, *verbal* e *adverbial*, conforme for *nome*, *pronome*, *verbo* ou *adverbio* esse elemento, o qual modifica o sujeito através do *verbo*, que é o predicado *grammatical*. Exs.:

Predicado:

Nominal	—	Elle é *juiz* Elle é *justiceiro*
Pronominal	—	*Quem* é elle?
Verbal	—	Viver é *trabalhar*
Adverbial	—	Elle está *bem*.

412. No predicado de typo nominal o verbo assume a feição de um connectivo, tornando-se *verbo de ligação*, e a palavra ligada ao sujeito é o elemento principal da predi-

cação complexa. Todo o verbo de ligação (ainda que se apresente eventualmente com tal caracter na phrase) é sempre de predicação incompleta, pois exige para completá-la essa palavra ligada ao sujeito, v. gr.: *elle é, está, fica, permanece, parece, torna-se* BOM; *o homem viveu* FELIZ *e morreu* POBRE, *as aves voam* GARBOSAS.

Nestes trez exemplos ultimos os adjectivos *feliz, pobre* e *rapidas* estão pelos adverbios — *felizmente, pobremente* e *velozmente.* Ha, comtudo, uma differenciação de sentido entre o emprego do adjectivo e do adverbio nessas phrases, como se póde verificar; ha mais viveza no adjectivo, que modifica o agente, do que no adverbio que modifica a sua acção. Além disso, esses adjectivos, appostos aos sujeitos, sem a intermediação do verbo, dão outro sentido á phrase: — *o homem pobre morreu, as aves garbosas voam.* Sendo, pois, modificadores do sujeito através do predicado, são taes adjectivos *completivos subjectivos,* e como fazem parte integrante do predicado, são egualmente *completivos predicativos.* Dá-se o nome de *hypállage* (gr. *mudança*) a este emprego do adjectivo pelo adverbio.

Verbos ha que se apresentam frequentemente na phrase com um caracter connectivo, e outros esporadicamente. Entre aquelles sobresaem os verbos — *ser, estar, parecer, ficar, andar, tornar,* etc.

413. Todo o verbo de ligação tem, cada um, sua predicação propria, o que torna complexo o predicado total. O verbo **ser** porém, o mais simples, o que attribue ao sujeito a predicação de existencia, que é de todas a mais geral, vaga e subtil, é geralmente considerado como vasio de predicação, como mero connectivo ou *verbo abstracto,* na phrase nominal: *o céo é azul.* Guarda, porém, sua funcção primitiva de *verbo concreto* e de *predicação completa* na *phrase verbal,* como: *E' tarde, é cedo; fomos,* não *somos* já (G. Cam. 50).

414. O *predicado nominal* (completivo *subjectivo* e *predicativo*) é muitas vezes expresso por uma phrase, ou por um grupo logico de subordinação, equivalente a um adjectivo, p. ex.:

Noemi ficou SEM MARIDO (=desmaridada) — *Era* DE ADMIRAR (=admiravel) *tudo isto* — *Seu coração estava* DE LUCTO (=enluctado) — *O heroe era* DE ALTA LINHAGEM (=nobre) — *Elle está* DE CAMA (=deitado) — *Isto parece* DE BOM PROVEITO.

415. A passiva de certos verbos, como —*chamar, appellidar, nomear, eleger, considerar,* etc., dá-nos um predicado *nominal duplo,* isto é, expresso por dois termos:

Elle foi CHAMADO SABIO — *O heroe da Inconfidencia foi* APPELLIDADO TIRA-DENTES — *Elle foi* ELEITO DEPUTADO, NOMEADO LEADER *da camara,* CONSIDERADO DIGNO *de respeito.*

O segundo termo, que está *apposto* ao primeiro, póde ser reduzido a um grupo logico de subordinação:

Elle foi chamado DE SABIO, *appellidado de* TIRA-DENTES, *eleito* COMO DEPUTADO, *nomeado* POR OU PARA LEADER, *considerado* POR DIGNO *de respeito*

Obs. Na enunciação destes grupos logicos de subordinação, convem evitar a confusão com o agente da passiva que é sempre regido da prep. POR ou DE: Se dissermos — *elle foi reconhecido por um homem de bem,* ha ambiguidade de sentido, pois o grupo de subordinação — *por um homem de bem,* póde ser o *agente* ou *caso efficiente* da passiva. Para lhe dar o sentido de *apposto* sem amphibologia releva dizer — *reconhecido como homem de bem.*

Na voz activa esse *apposto* do participio, torna-se *apposto do objecto* (*completivo objectivo*): *Chamei-o sabio* (ou *de sabio*); *nomeou-o general, elegeu-o deputado, considero-o homem de bem, etc.* Assim, pois, o completivo *subjectivo* da passiva torna-se o completivo *objectivo* da activa.

416. PREDICADO INDIRECTO. Nas phrases — *vi a aguia voar, achei-o cahido, ouvi um passaro cantando, fez o jugo agradavel, fez-se velho, encontrei-a doente,* o *verbo* no infinito, o *participio* e o *adjectivo* constituem um *predicado indirecto* no systema analytico de Mason, pois entre estes termos e o substantivo ou pronome poder-se-ia inserir o connectivo verbal *ser* ou *estar*: *vi a aguia estar a voar, achei-o estar cahido, fez o jugo ser agradavel,* etc. Com outros verbos em construcção semelhante tal phenomeno não se dá, p. ex.: *chameio-o* e *chamei-lhe sabio, nomeio-o general, elegeram Pedro deputado.* Neste caso os adjectivos ou substantivos unidos aos *objectos,* não são *predicados indirectos,* mas *completivos objectivos;* pois não podemos prendê-los por um connectivo verbal.

417. CLASSIFICAÇÃO DO PREDICADO. Além da classificação do *predicado* em — *nominal, pronominal, verbal* e *adverbial, directo* e *indirecto*, póde ser elle ainda — *grammatical, total* ou *logico, ampliado, complexo, incomplexo, composto.*

a) *Grammatical* é o predicado expresso pelo verbo da oração: *O sol* BRILHA, *a luz* SURGE *no horizonte, a lealdade* É *uma nobre virtude.*

b) *Total* ou *logico* é o predicado expresso pelo verbo conjunctamente com todos os seus complementos, se o houver. Excluido o sujeito, o resto da proposição é o predicado *total*, que póde coincidir com o grammatical, como no primeiro dos exemplos acima.

c) *Ampliado* é o predicado desenvolvido por algum complemento, a que se costuma dar egualmente o nome de *complexo*: *a luz* SURGE NO HORIZONTE, *a lealdade é* UMA NOBRE VIRTUDE.

d) *Complexo*, propriamente, é o predicado expresso por uma phrase: O *sol* É BRILHANTE (predic. *grammatical* + predic. *nominal*), *elle* ESTÁ BEM (predic. *grammatical* + predic. *adverbial*), *a divisa da Belgica é* A UNIÃO FAZ A FORÇA.

e) *Incomplexo* é o predicado grammatical desacompanhado de complemento: *O sol brilha, surge a luz.*

f) *Composto* é o predicado *grammatical, nominal, pronominal, verbal* e *adverbial*, que com dois ou mais termos exprimem conceitos distinctos do sujeito: *O homem* NASCE, VIVE *e* MORRE, *a flor é* BELLA *e* ODORIFERA, *não sei* QUEM *e* QUAL *é elle, viver é* LUCTAR *e* VENCER.

CAPITULO VII

COMPLEMENTO

418. Dá-se o nome de *complemento* ao membro *accessorio* da proposição, que exerce a funcção de modificador de

outros termos. Este conceito geral de complemento nos é dado pelo proprio sentido da palavra, e é lançar desnecessaria confusão no espirito do alumno restringir-lhe o sentido. O complemento é um determinativo, que completa o sentido de outra palavra, ajunctando-lhe uma determinação.

Sob a designação generica de complementos, outras expressões existem com caracter ou tendencia especifica, taes são — *regimen, completivo, adjuncto.* Este ultimo termo nos veio por influencia do grammatico inglez C. P. Mason, cujo methodo analytico foi primeiro recommendado, cremos, por Julio Ribeiro em sua *Gr. Portugueza.*

Classificação dos Complementos

419. Grande divergencia e confusão lavram nas grammaticas quanto á classificação dos complementos. Confusão e divergencia advindas não sómente pela variedade das relações por elles indicadas, mas ainda pela variedade arbitraria e consequente baralhamento de sua nomenclatura.

A classificação simples e analogica de E. Bourciez, em sua excellente obra *Eléments de Linguistique Romane,* veio dar-nos a chave de uma systematização clara e discriminativa no estudo grammatical dos complementos.

Classificam-se elles, em primeiro logar, em dois grupos — *essenciaes* e *accidentaes.*

Complemento essencial

420. Complemento essencial é o complemento exigido pela significação do termo completado.

São esses complementos de duas categorias — *objectivo* e *terminativo.*

1. Complemento objectivo.

421. Complemento objectivo, tambem chamado *objecto directo, complemento* ou *regimen directo,* é o que recebe directamente, isto é, sem intervenção de preposição, a acção expressa pelo verbo transitivo: *Pedro escreveu uma carta.* O objecto directo é o *paciente* ou *recipiente* da acção verbal de que o sujeito é o *agente;* estes dois termos se contrapõem,

occupando, na ordem regular, as extremidades do predicado. Em latim o objecto se reconhece pelo *accusativo;* em portuguez, em regra, pela sua posição á direita do predicado: *A mãe respeita a filha, a filha respeita a mãe.* A's vezes pelo *sentido obvio*: *Toma a cabra a silva, e a porca a pocilga* (Prov.) — *O mar cortava a armada* (C.)

422. O *objecto-directo* admitte em certos casos a regencia da preposição *a*. Mais tarde estudaremos esta anomalia, que tanta vantagem trouxe á phrase vernacula (469, 783). Vejamos agora os casos desta regencia.

423. Regras para o emprego da preposição deante do objecto. Como em hespanhol (Gramática de la Lengua Castellana por la Real Academia Española, p. 223), podemos estabelecer as seguintes regras para o emprego da propos. *a* antes do objecto directo.

1.° Geralmente se emprega a prepos. quando o objecto directo é nome de pessoa ou de seres vivos:

Eu amo a Deus (hesp. yo amo a Dios) — soccorrei aos necessitados (h. soccorred a los necessitados) — Cesar venceu a Pompeu (h. Cesar venció a Pompeyo) — já temos a Adão eleito (A. V., Obrs. S. 1. 178).

a) Esta regra torna-se rigorosa, quando a clareza o exige, para evitar a confusão de *objecto* com o *sujeito*:

Vio Alexandre a Apelles namorado (Lus. 10. 48. 1852): Lia Alexandre a Homero, de maneira que sempre se lhe sabe á cabeceira (Ib. 5. 96).

Segundo a *Academia Española* é preferivel dizer-se — convidé a *Lucas* = *convidei a Lucas, desconoço a Mariano* = *desconheço a Mariano,* do que — *convidé Lucas* = *convidei Lucas, desconoço Mariano* = *desconheço Mariano.* Com alguma reserva, podemos adoptar para o port. a opinião da Academia.

b) Casos ha em que a omissão da preposição é de regra não obstante tractar-se de seres vivos, e é quando ha na proposição um *dativo* ou complemento terminativo que reclama a mesma preposição p. ex.: *Recommende meu sobrinho ao senhor director,* e não: *Recommende ao meu sobrinho ao senhor director* (h. *recomiende usted a mi sobriño*

al señor director), pois neste caso haveria confusão entre o *dativo* e o *accusativo, entre* o *objecto directo* e o *objecto indirecto,* e ficaria duvidoso qual o recommendado. Do mesmo modo não se dirá: *Foi forçoso deixar ao inimigo em refens ao Conde,* porém: *Foi forçoso deixar ao inimigo em refens o Conde,* ou — *o inimigo ao Conde.* Por isso escreveu A. Vieira: *S. Matheus antepõe David a Abrahão* (Obrs. S. I. 103). — Independentemente, porém, do conflicto entre o *accusativo* e o *dativo,* entre o *objecto directo* e o *indirecto,* sempre que na preposição houver um termo que reclame a regencia da preposição **a,** é de bom aviso que o accusativo abra mão de qualquer direito que tenha a essa preposição, p. ex.: *pôr o menino ao sol,* e não — *pôr ao menino ao sol; conduzir o preso ao carcere,* e não — *conduzir ao preso ao carcere.*

c) E' ainda de regra a omissão da preposição, quando a significação verbal reclama, de ordinario, um *accusativo de cousa,* p. ex.: *procurar creado, buscar colonos, grangear amigos, angariar soldados, descobrir conspiradores, formar doutores.* — "A escola da guerra é a que forma os grandes capitães (h. la escuela de la guerra es la que forma los grandes capitanes)".

2.ª Omitte-se, em regra, a prepos. **a,** quando o objecto directo é nome de cousa: *Colombo descobriu um novo mundo* (h. *Colón descobrió un nuevo mundo*); *Cervantes compoz a Galatéa* (h. *Cervantes compuso la Galatea*); *toma a cabra a silva, e a porca a pocilga.*

a) Deixa-se de observar esta regra, quando o exige a clareza, o que acontece quando o objecto, deslocado, só póde ser denunciado pela preposição **a,** p. ex.:

Somente *ao tronco,* que devassa os ares, o raio offende (G. D.); *á* patria honrou o soldado ; *ao* dia segue-se a noite ; *á* luz a treva vence.

b) Uma outra excepção póde dar-se, quando a significação de verbo reclama, de ordinario, *accusativo de pessoa,* p. ex.:

Saudar á aurora, reger ao verbo, suster ao corpo, vencer ao mundo. — "O nome rege ao verbo (h. el nombre rige al verbo) — "A noite segue ao dia" (h. la noche sigue al dia) —"As aves saudam á aurora" (h. las aves saludan á la aurora)—"Chamam ao ouro vil metal" (h. llaman al oro vil metal).

c) Os nomes proprios de logar são nomes de cousa, porém podem levar facultativamente a preposição, desde que não admitta o artigo; em hespanhol a regencia da preposição é de regra neste caso:

Ver a Roma, a Cadiz, a Pariz, a Londres, a Portugual — "O propheta Habacuc, quando Deus lhe mandou que fosse a Babylonia... se escusou dizendo que nunca vira a Babylonia" (A. V., S. 2. 238).

Obs. Meyer Lübke, expondo, em sua excellente *Grammaire des Langues Romanes*, o emprego em hespanhol da prepos. **a** na regencia do objecto, nota a influencia no sentido de certas phrases: *Ese hombre ha perdido sus hijos*, e *ese hombre ha perdido* (gaté) *a sus hijos*. Em portuguez apenas se esboça a differenciação de sentido entre — *Este homem perdeu seus filhos e esse homem perdeu a seus filhos* (estragou-os). — Deante do exposto não se recommenda a preposição no exemplo seguinte "Elle póde suster *a* todo o corpo" (A. P.).

424. A preposição **de** assumiu no latim medieval o valor de adjectivo determinativo partitivo, e, com este valor, rege ao objecto, quando se quer indicar a parte de um todo ou generalidade: *beber da agua, comer do pão.* Este phenomeno, que se fixou em francez com seu *partitivo — du, de la, des*, era de larga frequencia no v. port., como mais adeante veremos (466)

425. Classificação do objecto directo. O objecto subordina-se ao verbo transitivo pela posição, ou pelas preposições **a** e **de,** nos casos já indicados. Elle póde ser *simples, complexo* e *composto.*

1.º *Simples,* quando representado por um substantivo ou pronome desacompanhado de qualquer modificação:

Pedra movediça não cria bolor — Não bebas cousa, que não vejas, nem assignes carta, que não leias — De gota em gota o mar se esgota — Ao bem buscá-lo; e ao mal, estorvá-lo.

2.º *Complexo,* quando é acompanhado de modificadores ou complementos:

Homem, que madruga, de algo tem cura — Fi-lo pedaços — Se queres ter boa fama, não te tome o sol na cama — Quando vires arder as barbas de teu visinho, deita as tuas em remolho.

3.º *Composto,* quando dois ou mais substantivos ou pronomes coordenados indicam mais de um paciente da acção verbal:

O ruim barbeiro não deixa couro nem cabello (Prov.) — Deita-te a enfermar, saberás quem te quer bem, e quem te quer mal (Prov.).

Obs. Além destas noções de *simples, complexo* e *composto,* póde-se ainda applicar ao objecto as noções de *grammatical* e de *total* ou *logico,* que geralmente se applicam ao *sujeito* e ao *predicado.* Na verdade, todas essas classificações, que se fazem do *sujeito* e do *predicado,* são applicaveis não só ao objecto-directo, mas a todos os complementos, como membros que são egualmente da proposição.

II. COMPLEMENTO TERMINATIVO.

426. *Complemento terminativo,* tambem chamado objecto ou regimen indirecto, é o termo de relação das palavras de significação relativa — *verbo, substantivo, adjectivo, adverbio* — cujo sentido exija um complemento, que indirectamente, isto é, por meio de preposição, lhe venha inteirar o valor significativo.

427. Os complementos terminativos podem agrupar-se em quatro classes: terminativo de *attribuição,* de *direcção,* de *origem,* de *relação.*

428. 1.º *Complemento de attribuição* é o que indica o termo de relação dos verbos transitivos-relativos, e de outras palavras de significação relativa, regidos da prep. *a* ou *para,* salvo se expressos pelos pron. obliquos — *me, te se, nos, vos;* é o que mais commummente se chama *objecto indirecto.*

Dar o seu a seu dono, consagrar-se ao bem da humanidade, grande dedicação ao serviço da patria, inclinado ás letras, obedecer aos paes, escrever artigos para o publico, arrogar-se o direito, obedecer-vos, pertencer-lhe, dar-me parabens.

Nota. Em latim taes complementos iam para *dativo :* Patria omnibus cara est — Cives legibus parent,—Sapientis est naturae convenienter vivere.

429. 2.º *Complemento terminativo de direcção* é o que indica a direcção pedida pelo termo completado, regido em

portuguez pela preposição *a, para,* e, mais raramente, por ← *contra, em*:

Ir á cidade, partir para a Europa, ida á cidade, partida para a Europa, traduzir em portuguez, ou a e para portuguez; viajar contra o sul. — Besteiro torto atira aos pés, e dá no rosto. — Em boca cerrada, não entra mosca — Mereceram entrar ás vodas (A. V., S. I. 19) — Vós viraes os olhos para os matos e para o sertão? (A. V., Ib. 44).

Nota. Em latim eram taes complementos expressos, em geral, pelo *accusativo* regido de *ad* (⟶ *a*) e *in* (⟶ *em*): *ire ad urbem, venire in castra.*

A prep. *in* (=*em*) tinha em latim duas applicações: com os verbos de *quietação* regia *ablativo*, e indicava logar *onde: in terra ponere* = *pôr em terra, in herba accumbere* = *recostar-se na grama;* e com os verbos de *movimento* regia *accusativo*, e indicava logar *para onde:* Ex.: *Asia in AEgiptum proficici* = *da Asia partir para* (*em*) *o Egypto.*

O portuguez adoptou a primeira applicação e regeitou a segunda, para a qual adoptou *a* (=*ad*) e *para* (=*per*+*ad*). Porém, esta selecção da lingua foi paulatina, e dahi trez factos:

a) *Primeiro*, o velho portuguez contem muitas phrases em que se descobre o latinismo da preposição *em* com verbos de movimento, hoje inadmissivel, como mostraremos mais abaixo.

b) *Segundo*, no dialecto popular descobrem-se a cada passo os vestigios desse latinismo: *vou na cidade, cheguei na janella.*

c) *Terceiro*, ha ainda oscillação na lingua entre *a* e *em* com palavras, geralmente verbos, que, indicando movimento, suggere immediatamente a idéa de um logar *onde*, como:

Lançar-se no mar ou ao mar, precipitar-se no abysmo ou ao abysmo, entrar no theatro ou ao theatro, traduzir em portuguez ou a portuguez, passar de mão em mão ou de mão á mão, ir de casa em casa ou de casa a casa. — Anda a cabra de roça em roça, como o bocejo de boca em boca (Prov.).

430. 3.º *Terminativo de origem* é o que indica o *ponto de partida*, reclamado pelo termo completado, regido da prep. *de*:

Vir da cidade, partir do Rio, oriundo de familia illustre, nascido de paes honrados, extrahido da terra, salvo das aguas, receber de Santos noticia. — Quem cabritos vende e cabras não tem, donde lhe vem? (Prov.).

Nota. Em latim eram taes complementos expressos por ablativo, regidos quasi sempre de *ab*, ex.:

Accepi a patre epistolam = recebi de meu pae uma carta, *expatria cedere* = retirar-se da patria, *loco movere* = apartar-se do logar, ex: *Asia in AEgyptum* = da Asia para o Egypto, *serva natus* = de serva nascido.

431. 4.º *Terminativo de relação* indica as relações não comprehendidas nas dos trez paragraphos antecedentes, e reclamadas pela significação *relativa* do *verbo, substantivo,*

adjectivo e *adverbio*, ordinariamente regido das prepos. *de, com, por*:

Depender de preparo, tractar de negocio, queixar-se da sorte, descontente com o mundo, condemnado pelo juiz, desejoso de viver, suspeitas de desgraça. — Não te fies em villão, nem bebas aguas de charqueirão — Se queres bem casar, casa com teu egual — A estatua pintada de varias cores cheira ao pinho, e o religioso, inda que ornado de virtudes, não deixa de cheirar a homem (Arraiz, Dial., 100).

Nota. Em latim taes complementos eram variamente expressos, em *ablativo, genitivo* ou *accusativo*:

Multi deorum beneficio perverse utuntur — Dolor lenitur tempore — Solus homo rationis est particeps — Memento maiorum fortium — Olere piscem = cheirar a peixe — Sapere vinum = saber a vinho.

Complemento accidental

432. *Complemento accidental* é o que apparece accidentalmente na proposição para mais esclarecer o sentido, sem que seja, em absoluto, reclamado pela significação do termo completado.

São taes complementos egualmente de duas categorias: *attributivo* e *circumstancial*.

I. COMPLEMENTO ATTRIBUTIVO.

433. *Complemento attributivo* é o que modifica o substantivo ou pronome, exercendo a funcção de um adjectivo *explicativo* ou *restrictivo*. Dahi duas especies: — o *explicativo* e o *restrictivo*:

434. 1.ª *Attributivo explicativo* é o complemento accidental, que apenas explana um elemento *inherente* ao termo completado, e é ordinariamente constituido por um *adjectivo, substantivo apposto*, e *substantivo regido de prepoção*, v. gr.: branda VIRAÇÃO, BRANCA *neve, Alexandre Magno*, FILHO *de Phelippe*, REI *da Macedonia, este relogio* DE OURO.

435. 2.ª *Attributivo restrictivo* é o complemento accidental que restringe ou determina o termo completado, enunciando um elemento, que lhe é *eventual*, e é constituido pelos mesmos termos que o antecedente. QUENTE *viração; os homens*, GLORIA *da humanidade, são raros; relogio* DE OURO.

II. COMPLEMENTO CIRCUMSTANCIAL.

436. *Complemento circumstancial* ou *adverbial* é o complemento accidental que, exercendo a funcção de um adverbio, modifica o *nome* (*subst.* e *adj.*), o *verbo* e o proprio *adverbio*, para indicar alguma circumstancia de *tempo, logar, instrumento, meio, modo, causa, companhia,* etc., que em latim ia em regra para *ablativo*:

De tempo : *Quando não chove em fevereiro,* não ha bom prado, nem bom centeio — Canta Martha *depois de farta* — Homem nescio dá *ás vezes* bom conselho — Nem carvão, nem lenha compres *quando gea* — *Longo tempo* memoraram — viverá dez annos.

De logar : O mel, que de tua boca sae, *em teu seio* cae — *Na bocca do discreto,* o publico é secreto — *Da mão á bocca* se perde a sopa — *Na almoeda,* tem á bolsa queda — *Em mesa redonda* não ha cabeceira.

De instrumento : Bem cego é quem vê *por aro de peneira* — *Com o vento* alimpão o trigo, e os vicios *com castigos* — Bento é o varão que *pro* si se castiga, e *por outrem* não.

De modo : Na casa cheia, *asinha* se faz a ceia — Quem a mão alheia espera, *mal* janta e *peor ceia* — Aprende *chorando,* rirás *ganhando* — Vende *publico,* e compra *secreto.* — Vi correr pela tona da agua, de quando em quando, *a saltos,* um cardume de peixinhos (A. V., Obrs. S. 1. 41).

De causa : *Por cobiça de florim,* não te cases com mulher ruim — Morrer *por ter,* soffrer *por valer.*

De companhia : Cada qual *com seu egual* — Cresce o ouro bem batido, como a mulher *com bom marido* — Amigo de bom tempo muda-se *com o vento.*

De preço : Melciades foi multado em dinheiro e a sua causa foi avaliada *em cincoenta talentos* (*Melliades pecunia multatus est eaque lis quinquaginta talentis stimata est*).

De materia : *De bons propositos* está o Inferno cheio, e o Céo *de boas obras* — *De ruges-ruges* se fazem os cascaveis (Prov.).

De distancia : Cada um extenda a perna *até onde tem coberta* — O campo marathonio distava da cidade cerca de *dez mil passos* (*Campus Marathonius aberat ab oppido circiter millia passuum decem*).

De opposição : *Ir contra a lei* (*contra legem facere*), discurso *contra Catilina* (*oratio in Catilinam*).

De affirmação : *Em verdade* te digo (*amen dico vobis*).

De negação : Cavallo dado, *não* olhes os dentes — A carne *para nada* aproveita (*caro non prodest quidquam.*).

De duvida : *Talvez vá, com toda a probabilidade irei.*

De limitação : Ninguem te eguala *em eloquencia* (*nemo tibi par est eloquentia*) — *Na apparencia* é livre, *na realidade* escravo (*specie urbs libera est*), *re vera omnia ad nutum Romanorum fiunt*) — Elle é francez *de nascimento* (*homo natione Gallus*)—Avô *pelo lado materno* (*avus materno genere*).

CAPITULO VIII

PROCESSOS FUNDAMENTAES DA SYNTAXE

437. Tendo estudado os termos logicos da oração e suas relações na proposição simples, cumpre-nos agora, em breve estudo historico-comparativo, passar em revista os processos fundamentaes da syntaxe em relação a elles.

Consistem esses processos nos diversos aspectos fundamentaes por que se combinam as palavras para conseguirem o seu intuito, que é a expressão intelligivel do pensamento. São elles trez: ORDEM, REGENCIA e CONCORDANCIA.

CAPITULO IX

I. ORDEM

438. ORDEM, tambem chamada *collocação* ou *construcção* dos termos da proposição, é a disposição desses termos, reclamada pelo genio da lingua, de modo qûe possamos communicar intelligivelmente o nosso pensamento.

Pouco o nenhum valor syntactico tinha a ordem em latim; o mesmo, porém, não acontece em portuguez e nas linguas romanicas. Havia, na phrase latina, ampla liberdade na ordem ou collocação dos termos. Indifferente era para a funcção syntactica dos termos a sua posição, pois a desinencia casual lhe determinava a relação, e clareava o papel, que representavam na enunciação do pensamento. A ordem, pois, em latim, não influia em geral, na syntaxe da phrase; o seu valor era apenas esthetico ou estylistico.

O mesmo, como dissemos, não se dá com as linguas ro-

manicas, onde a intelligencia da phrase exige uma ordem determinada. A perda das desinencias casuaes forçou-as a recorrer, como já vimos, á posição dos termos para indicar as funcções de *sujeito* e *objecto*.

No latim o sentido será sempre claro e o mesmo, qualquer que seja a posição dos termos da proposição: o *nominativo* revela o sujeito da acção verbal, e o *accusativo* o paciente ou objecto, como se póde ver nas seguintes construcções:

Brutus occidit Caesarem
Occidit Brutus Caesarem
Caesarem occidit Brutus
Occidit Caesarem Brutus
Brutus Caesarem occidit
Caesarem Brutus occidit

439. Esta ampla liberdade na disposição dos termos não a possue o portuguez certamente, por lhe faltarem os casos que em latim designam as funcções logicas dos termos, e por ser elle, por isso, forçado a fixar o sujeito e o objecto respectivamente *antes* e *depois* do predicado, dando dest'arte valor syntactico á posição dos termos. Porém, um phenomeno, que se desenvolveu na baixa latinidade, na peninsula Iberica, veio dar ao portuguez e ao hespanhol, mormente na poesia, a mesma liberdade que havia em latim, quanto á posição do sujeito e objecto.

Consiste este phenomeno, já estudado em preceder o objecto da prepos. *a*. Tal expediente habilita o portuguez a deslocar o sujeito, sem ambiguidade, visto como o accusativo ou o paciente da acção verbal, que no latim se denunciava pela desinencia, em portuguez póde denunciar-se pela preposição, p. ex.:

Bruto matou a Cesar
Matou Bruto a Cesar
A Cesar matou Bruto
Matou a Cesar Bruto
Bruto a Cesar matou
A Cesar Bruto matou

440. Graças a este recurso da lingua, não ficamos adstrictos, como ficou o francez, á unica construcção admissivel — *Bruto matou Cesar* (*Brutus tua César*).

441. Não obstante referir-se de ordinario tal recurso

ao *accusativo de pessoas* ou de seres vivos, todavia póde elle generalizar-se aos nomes de cousas, desde que haja uma exigencia positiva de clareza (*ao papel estraga a penna* ou *á penna estraga o papel*), e quando a significação do predicado mais frequentemente exija pessoa como *objecto* (*a noite segue ao dia, o verbo rege ao substantivo*). Porém este ponto já ficou amplamente estudado, quando tractamos do *objecto-directo*.

442. Embora não influisse para a clareza da expressão a posição dos termos o caracter synthetico da lingua latina dava preferencia á inversão dos mesmos. Quanto aos membros da proposição, observa *Chassang*, que o sujeito vinha no principio e o verbo no fim, e entre elles os complementos. Estes, em regra, precedem ao termo completado, como em geral os determinantes aos determinados. Exemplifica isto o seguinte trecho de Tito Livio:

Jam mitigati animi raptis erant; ac raptarum tum maxime parentes, sordida veste, lacrimisque et querilis civitates concitabant.

Metaphrasticamente se traduz:

Já apaziguados os animos ás raptadas estavam; mas das raptadas principalmente os paes, com sordida vestimenta, e com lagrimas e queixas as cidades concitavam.

Tal construcção só na poesia é possivel em portuguez moderno; porém o portuguez archaico approxima-se della mesmo na prosa, como se vê do seguinte extracto:

Aquel que casa fezer ou vinha ou sa erdade onrar per I ano en ella sever se depois en outra terra morar quiser, serva a el toda sa erdade u quer morar (Chrest. Arhc. 24 — sec. XII, 1199) — ... poer em caronyca as estorias dos reis que antygamente em Portugal forom (F. Lopes, sec. XV) — A maneira em que se as mensagens dão (G. de Rezende. Chr. de D. João, sec. XV) — . quando se della houve de despedir (F. Lopes).

442. VALOR GRAMMATICAL DETERMINADO PELA POSIÇÃO. Outros casos ha, fóra do *agente* e *paciente*, em que a posição determina o valor *grammatical* e *semantico* dos termos em portuguez, como se póde ver na lista que se segue:

Moço guerreiro	guerreiro moço
Rico avarento	avarento rico
Soldado philosopho	philosopho soldado
Hora certa	certa hora

Flores diversas	diversas flores
Livros differentes	differentes livros
Fructos varios	varios fructos

444. Mostram os exemplos acima que, quando dois substantivos juxtapostos formam um grupo logico de expressão, o ultimo assume a funcção de um adjectivo qualificativo, o que ainda se vê nos seguintes exemplos:

Menino prodigio, chapéo monstro, arvore gigante, ruço-pombo, povo-rã, povo-rato (F. Elys.).

445. Quando o grupo é formado de um *subs.* + *adjectivo qualificativo*, a posposição do adjectivo, que é a ordem analytica, conserva-lhe o sentido proprio, e a anteposição dá-lhe sentido translato, p. ex.: *homem bom* e *bom homem*. Se o adjectivo é determinativo, o contrario é o que succede, por ser a anteposição a sua posição normal. Assim, *algum homem* e *homem algum; homem algum* equivale a *h. nenhum;* em *homem tal,* o determinativo *tal* passa para a categoria do qualificativo; o mesmo succede com *motivo outro, muito outro, homem qualquer.* A anteposição de *certo* dá-lhe o valor de *quidam; um só homem* (*unus*) e *um homem só* (*singulus*); *uma andorinha só não faz verão.*

Desta valorização grammatical da posição dos termos nas linguas romanicas, nascem grandes recursos para a enunciação do pensamento, como, p. ex., se pode notar na seguinte sentença:

1.º Só Colombo descobriu a America
2.º Colombo, só, descobriu a America
3.º Colombo só descobriu a America
4.º Colombo descobriu só, a America
5.º Colombo descobriu só a America.

A anteposição ou posposição de *só* ao *sujeito* fá-lo mudar de categoria grammatical, e variar o sentido: e a sua posposição ao *predicado* dá mais energia á expressão.

446. Cumpre observar que esta larga valorização grammatical da ordem das palavras na phrase portugueza foi o resultado de uma evolução paulatina, de um movimento analytico, que só modernamente se tem fixado.

Ao v. port. e mesmo ao quinhentismo, a evolução analytica da lingua não havia ainda fornecido os valiosos re-

cursos de que ora dispomos para a expressão dos variados matizes do pensamento. Em Camões *algum* e *certo* não haviam ainda adquirido accepção differente, quando *pospostos*:

Desta gente refresco algum (=algum refresco) tomamos, e de rio fresca agua (Lus. 5. 79) — Com estas novas torna á patria cara certos signaes levando (signaes certos) do que achara (Lus. 7. 13).

Esta Ilha pequena, que habitamos,
He em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos
De Quiloa, de Mombaça, e de Sofala (Lus. 1. 54).

447. Posição do attributo. A posição de *attributo*, isto é, do adj. *qualificativo* e *determinativo* em relação a seu substantivo, como observa Diez, é em geral determinada pelo accento oratorio e rythmo da expressão, bem que haja no *romance* tendencia para collocá-lo depois do substantivo. No grupo nominal de *subs.* + *adj.*, o accento principal recae sobre o segundo termo — *homem bóm, bom hómem, bello cámpo, campo béllo.* Por isso, quando o attributo exprime qualidade inherente ou pouco caracteristica a tendencia é collocar o adjectivo em primeiro logar, v. gr.: *branca neve, crua linguagem* (cf. *linguagem crua*).

448. Regras para a collocação do adjectivo, adverbio, preposição e pronome.

I. Posição do adjectivo.

1.ª Precede ao subst. o adj. *explicativo*, isto é, que exprime qualidade inherente ou pouco caracteristica:

Negro corvo, branca neve, doce mel, fresca rosa, timidas ovelhinhas, mansos cordeiros.

Em proverbios e contrastes não se observa este principio:

Agua molle em pedra dura tanto dá, até que fura.

2.ª Precede ainda ao subst., quando este é nome proprio, pela mesma razão da regra antecedente:

O grande Camões, o velho Portugal, o sabio Pasteur, a bella Paris, celebrè Cleopatra.

Pospõe-se, comtudo, quando, querendo salientar o *attributo*, o collocamos como *epitheto*, ordinariamente precedido do artigo:

Alexandre, o Grande ; Philippe, o Bello ; Carlos Magno.

3.ª Pospõe-se o adj. quando exprime *qualidades materiaes*, como *fórma, cor, sabor*:

Mesa redonda, céo azul, gravata vermelha, vestido branco, vinho moscatel, café amargo, agua quente.

4.ª Pospõe-se o adj. que exprime *relações externas* ou *estados corporaes*:

Opinião commum, genero humano, defeitos naturaes, codigo civil, guerras religiosas, lingua vulgar, homem doente, menino gordo. — Adj. oriundos de *nomes proprios* : leis manoelinas, bibliotheca camoneana, navio hespanhol, patria brasileira, egreja lutherana, ordem benedictina.

5.ª Pospõe-se o adj., quando *ampliado*:

Menino desejoso de apprender, pessoa inclinada a bem viver, homem consagrado a sua patria.

Obs. Na poesia e no estylo elevado póde-se deixar de observar estas regras : *Viva a gente que sulca a azul campina* (Fab. 60) — *Soltaste pela azul immensidade* (A. C., Os Fast. 3. 7) — *A consul novo vai o curul marfim ser nobre assento* (Ib. 1. 11).

6.ª Dois adj. referentes a um subst. admittem a intercalação do subst., quando um delles fórma com o subst. um grupo nominal, sobre que recae ou póde recahir a modificação do outro, p. ex.:

Illustre escriptor portuguez (=illustre+escriptor portuguez), formoso cavallo tordilho (=formoso+cavallo tordilho), valentes soldados brasileiros, bella musica italiana, sabias leis manuelinas.

A este grupo, póde-se ainda antepor qualquer adj. determinativo:

A bella lingua latina, este difficil problema arithmetico.

A intercalação nessas phrases é de rigor, e só deixa de ser quando a modificação do outro adj. póde deixar de recahir sobre o grupo:

A larga senda dolorosa ou a senda larga e dolorosa, a bella canção popular, ou a canção bella e popular.

7.ª Os *numeraes cardiaes* precedem ao subst., excepto quando tem *valor ordinal*:

Vinte e duas paginas, e pagina vinte e dois, quarenta numeros numero quarenta

No estylo elevado póde-se ainda pospor — *venturas mil.* *Ambos* póde-se antepor ou pospor — *ambas as petições* ou *as petições ambas*:

Mui conformes são estas petições ambas ao logar e ao tempo (A. V., Obrs. S. I, 9).

8.ª Os *ordinaes* pospõem-se ao subst., excepto quando se quer salientar a ordem expressa pelo numeral. Exs.:

Pedro I (primeiro), Leão X (decimo), capitulo primeiro, livro segundo (cf. o primeiro e segundo Affonsos, primeiro capitulo, o segundo livro), Chronica do Principe Dom Ioam Rei que foi destes Regnos segundo do nome (Damião de Goes) — El Rei Dom Ioam primeiro do nome (Id.) — Nascimento do muito alto e excellente Principe Dom João, o terceiro em Portugal deste nome (Gil Vicente).

9.ª Os outros adj. *determinativos* antepõem-se, em regra ao subst.:

Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso, muita parra e pouca uva, tantas cabeças quantas sentenças.

Muitos delles permittem a posposição, determinando esta inversão da ordem usual a emphase, e, até, mudança de sentido:

Este menino e menino este, aquelle negocio e negocio aquelle, meu filho e filho meu, algum perigo e perigo algum, o homem todo e todo o homem, outro assumpto e assumpto outro, a propria casa e a casa propria.

10.ª Na concorrencia de um *determinativo* e de um qualificativo, aquelle precede a este: *este bello livro, meu grande cavallo.*

Esta ordem era frequentemente transgredida no v. port., e mesmo entre os nossos classicos. Exs.:

E pera maior seu contentamento chegaram outros dous navios (Dec. I. 462) — Veio a elle hum cossario, que depois foi grande nosso amigo (Ib. 363) — O padre frei Isidoro da Luz que é grande meu amigo (A. V., C. 107) ...liberdade a todos os christãos e grandes outras esperanças de florescer aquella egreja (Ib. 213).

II. Posição do adverbio. O logar do *adv.* não é fixo, excepto o negativo *não*, que se antepõe á palavra modificada: *não fazer, não bom, não bem, não-existencia.* — Todavia, concorrendo com um pronome obliquo, póde este in-

terpor-se entre elle e o verbo: — *elle não me fez* ou *me não fez*. A primeira construcção é a mais corrente no Brasil.

Ver-se-hão ermas, e solitarias e que as não pisa a devação dos fieis (A. V., S. I. 22).

III. Posição da preposição. Entre as *preposições* e seus consequentes interpõem-se, ás vezes, outros termos. Exs.:

Isto é para elle guardar, é tempo de a nação se erguer (de erguer-a nação) Depois de os filhos de Israel passarem ás terras ultramarinas do Jordão, avançou parte do exercito... (A. V., S. I. 16) — Em vez de os ladrões levarem os reis ao inferno, os reis levarão os ladrões ao paraiso (Ib. 91).

IV. Posição do pronome. No portuguez archaico e no classico era commum a anteposição dos pronomes obliquos átonos ao sujeito e a outros complementos do verbo. Exs.:

Tanto que lh'eu este cantar oi
Logo lh'eu foy na cima da razon
Por que foy feit'e ben sey por que non
(O. Nibiling, D. J. Guilhade, 51—Cec. XIII)

Antes lh'o eu disse (F. Lopes, Chr. de D. Fern., sec. xv) — ...quando se della houve de despedir (Ib.) — A maneira em que se as mensagens dão (G. de Rezende, Chr. de D. João, sec. xv). — Querendo satisfazer aos serviços, e ajudas, que lhe o Conde D. Henrique nesta guerra dos Mouros tinha feito, e dado, não achou cousa mais digna de sua pessoa, nem de maior galardão, que aceitallo por filho (J. de Barros, Dec. I, liv. I, 81) — Boca, que erra, nunca lhe pão falleça (Prov.) — E tendo eu na memoria como Vasco da Gama, que está presente em todalas cousas, que lhe de meu serviço foram entregues, deo boa conta de si (J. de Barros, Dec. I. 273).

— Ah si Catilina? Ora bem
Se xe m'eu isso soubera
Nunca t'eu a roca dera
Que trougue de Santarem (G. Vicente, Obrs. I, 134)

Taes construcções são extranhas ao fallar no Brasil e aos nossos escriptores, e, mesmo em Portugal, segundo o testemunho do dr. Leite de Vasconcellos, se vão archaizando. Todavia, no dialecto popular lusitano é frequente a seguinte construcção: *Lá se elle vae*. No Brasil se diz: *Lá se vae elle*. Em A. Castilho e Camillo é ella commum:

Como lhes elles chamavam (A. C., Os F. 171) — Se nos não enganamos (Ib. F. 101) — Conjuro-te que a não tenhas (C. C. B., O. Jud

2.132) — Nem queiras que a sociedade as dê, se tu as não deres (Ib. 79) — Alguns termos populares do judeu (Antonio José da Silva), se os eu trasladasse, fariam que o livro cahisse da mão enluvada e melindrosa que o abriu (Ib. 66).

Topologia Pronominal

449. A TOPOLOGIA (gr. *topos* = *logar*, *logos* + *ia* = *tractado*) pronominal estuda o logar que o pronome pessoal deve occupar na proposição, e como o pronome tem, na phrase, a funcção de sujeito ou complemento do verbo, o seu logar deve, em geral, ser respectivamente antes ou depois do verbo.

Os pronomes pessoaes, casos rectos, e os obliquos tónicos (*mim, ti, si migo, tigo, sigo*) guardam no seio da proposição a autonomia de um substantivo, e resistem facilmente á attracção do predicado, podendo delle ser separado por outros termos, por ex.: *Eu, se quizesse, poderia sahir — A mim, emquanto é tempo, reunam-se os bons elementos.* Quanto ás fórmas átonas (*me, te, se, nos vos*), não succede o mesmo; são ellas, em geral, attrahidas para juncto do predicado ao qual se incorporam na pronuncia, como *proclíticas* ou *encliticas* (*elle me contou, disse-me elle*), e a sua acertada collocação tem sido objecto de longos debates. O v. port. a este respeito tinha mais liberdade; porém a lingua evolveu, e convem fazer do assumpto breve estudo.

450. HISTORICO DA DISCUSSÃO SOBRE A TOPOLOGIA PRONOMINAL. A collocação do pronome obliquo, em suas fórmas átonas, na ordem dos termos da proposição, tem sido objecto de larga controversia desde 1842 (22 de agosto), época em que sobre tal assumpto escreveu o Snr. Gama e Castro, no *Jornal do Commercio*, segundo nos informa o illustre escriptor José Verissimo. Em 1871, José Feliciano de Castilho, irmão de A. de Castilho, em suas *Questões do dia*, e, em 1847, Teixeira de Mello, na *Lux!* de Campos, occuparam-se da mesma questão. Em 1880, renovou-a Arthur Barreiros na *Revista Brasileira* (C. V., p. 71). A proposito da redacção do *Projecto do Codigo Civil*, travou-se, sobre o mesmo assumpto, fecunda polemica entre dois vultos proeminentes de nossas letras — o Dr. Ruy Barbosa e o Dr.

Ernesto Carneiro Ribeiro (1904 — 1905). Finalmente, o Sr. Candido de Figueiredo, tendo-se já occupado da materia em suas *Lições Praticas*, publicou, em Lisboa, 1909, um livro intitulado *O Problema da collocação dos pronomes*. Em 1907 e 1908, publicou o illustrado professor paranaense Paulino de Brito dois bem elaborados opusculos com o titulo de *Collocação dos pronomes* e *Brasileirismo de collocação de pronomes*, em que se oppõe ás theorias do Sr. Candido de Figueiredo. Responde-lhe o escriptor portuguez, nesse seu trabalho acima citado, com larga copia de exemplos colhidos pacientemente de abalisados escriptores modernos, portuguezes e brasileiros. — Deu interesse ao debate a visivel differença que entre escriptores portuguezes e brasileiros havia sobre o ponto. Tractando-se mais de uma questão de ouvido do que de syntaxe, deixavam-se os escriptores respectivamente levar pelas influencias orthoepicas do seu meio glottico. A discussão, porém, provocou o estudo dos classicos, e uma reacção se operou largamente em nosso meio grammatical e literario, no sentido de nos approximar, quanto á topologia pronominal, dos modelos classicos portuguezes. (Gr. Exposit., § 482 — 487).

451. FUNDAMENTO HISTORICO DA TOPOLOGIA PRONOMINAL. No latim medieval encontramos o fundamento historico de certas regras, que sobre esta materia trazem algumas grammaticas modernas.

A questão realmente é uma questão de ouvido ou de rythmo da linguagem, que, em ultima analyse, póde dar logar a regras de syntaxe, determinadas pelos habitos musicaes da lingua. E sendo a orthoepia brasileira francamente divergente da lusitana, explica-se naturalmente a profunda divergencia, no modo de se collocarem na phrase os pronomes obliquos, entre escriptores brasileiros e portuguezes. Travada viva discussão, era ainda natural que os escriptores brasileiros, abrindo mão, nesta parte, da interpretação, que davam ao genio musical da lingua, herança de nossos avós, buscassem afinar os seus ouvidos ao diapasão dos classicos portuguezes. E' o que se tem dado, a despeito dos protestos de alguns patriotas, aliaz bem intencionados. Comtudo, não convém levar a reacção longe demais,

e reduzir as nobres leis da harmonia da linguagem a apertadas regras de uma syntaxe imaginaria.

A enclise, isto é, a posposição de pronome átono ao predicado devera ser a regra reclamada pelo caracter analytico das linguas neo-latinas. Porém exigencias, que sobrevieram, de euphonia determinaram, em certos casos, uma construcção synthetica, pela anteposição ou próclise da fórma complementar do pronome.

Realiza-se essa infracção da ordem analytica, e tende a fixar-se a ordem synthetica na collocação do pronome átono, quando, em virtude de sua atonicidade, se incorpora o pronome na pronuncia de certas particulas, como adverbios, conjuncção, etc., que precedem normalmente ao predicado (*não-me fallou, quando-o viu, se-te portas bem, ninguem-lhe disse*, etc.). Esta incorporação euphonica é o que se chama attracção da particula. Por outro lado, a mesma atonicidade do pronome difficulta, na orthoepia lusitana, pela rapidez ou brevidade da pronuncia das syllabas átonas, iniciar-se phrases com os referidos pronomes (*me parece = m'parece, me contam = m'contam*). Tal difficuldade não existe na orthoepia brasileira, onde a pronuncia vagarosa e demorada dá ao pronome átono um certo valor tónico, que encontramos nos textos archaicos do portuguez (*me parece = mi parece, me contam = mi contam, ca mi mostrou quen oj' eu vi, ũa ren ti direy* (*D. Juan de Guilhade*, sec. XIII). Essa difficuldade lusitana requer a enclise obrigatoria, quando a phrase se inicia pelo predicado.

Ora, vamos encontrar a razão de ser dessa dupla exigencia de *proclise* e *enclise* do pronome átono, na pronuncia medieval do latim. Logo nos primeiros tempos da baixa latinidade, como nos ensina o eminente romanista E. Bourciez, estabeleceu-se distincção entre as fórmas pronominaes accentuadas e as átonas. Não podiam estas, "em virtude do rythmo da lingua, que era descendente", começar a phrase, e se uniam por enclise á palavra precedente. Eram, pois, forçados a dizer em latim: *Tot-me impediunt curae* (Ter. Andr. 260), *sustuli-me de negociatione* (Petr. 76); ou, ainda, intercalando-se varios nomes entre o pronome complemento e o verbo: *Ad hanc-me fortunam frugalitas mea perduxit* (Petr. 75, *Eléments de Linguistique Romane*, p. 116).

Havia no latim classico, segundo o mesmo insigne romanista, um accento secundario de intensidade, que recahia uniformemente na primeira syllaba da palavra inicial da phrase, e um accento de altura, nota mais aguda, que incidia na antepenultima, se a penultima era breve, e sobre a propria penultima se longa.

Este accento secundario da orthoepia latina determinou o rythmo descendente da lingua, que impediu estarem os pronomes átonos soltos no inicio ou no corpo da phrase, e os constrangia a tornarem-se encliticos, incorporando-se na prolação do vocabulo antecedente.

Temos neste rythmo da lingua a explanação historica da *attracção* que certas palavras, que se antepõem ao predicado, exercem sobre o pronome obliquo átono, tornando-o *proclitico*, bem assim como da *enclise* do pronome, quando a phrase se inicia pelo predicado.

O rythmo tradicional affirma-se no portuguez archaico e no classico, bem como nos escriptores modernos de Portugal, e, hodiernamente, em geral, nos do Brasil.

452. Regras da topologia pronominal. Devido a esse principio de euphonia phraseologica, que acabamos de expor, a topologia pronominal ou a collocação do pronome obliquo átono em relação ao verbo, de que é sempre complemento, sujeita-se, em geral, ás seguintes regras, que ordinariamente determinam a *enclise* (posposição do pronome ao verbo), ou a *próclise* (anteposição), ou, ainda a *mesóclise* (intercalação). De sorte que, segundo essas regras, que vamos succintamente expender, taes pronomes são sempre em relação ao seu verbo — *encliticos, procliticos, mesocliticos.*

I. Enclise.

453. São *encliticos*:

1.º Quando o predicado *inicia* o periodo, pois não se deve iniciar periodo com o pronome átono: *Parece-me que vae chover*, e não *Me parece que vae chover — Dizem-me*, e não — *Me dizem.*

No hespanhol, bem como no fallar do povo no Brasil, não se observa esta regra, por lh'o permittir a respectiva or-

thoepia. Comtudo, transgressões della apparecem, embora eventualmente, em escriptores portuguezes:

Me avisaram em muito secreto, que Hespanha tem resoluto romper a guerra com França, primeiro que ella o faça (A. V., Obrs. Cart. 3. 170) — Me mellem se entendo o doutor (A. H., Monast.) — Me mellem se eu percebo o tal conluio (A. C., Obrs. Comp. XXXIV 42) — Te vejo, te procuro, teus mudos passos sigo (G. D., Poes. 1. 148).

2.º Quando o pronome se refere a um *gerundio* não regido da prepos. *em*:

O polvo, escurecendo-se a si, tira a vista aos outros (A. V.). Porém — *o polvo, em se escurecendo a si*, tira, etc. — Pois, Senhor, em lhe passando o furor, dir-lhe-hei o que me trazia (A. C., O Doent. 142).

3.º Quando o verbo está no *imperativo*:

"Vae, lava-te no tanque de Siloé (A. P.)". — Notam-se nos classicos constantes violações a esta regra: "Tu, Calliope, me ensina" (C.) — "Em castigar os feitos inhumanos vos gloriae de peito forte e astuto (Lus. 7. 13)" — "Quem he, me dize, est'outro que me espanta (Lus. 8. 10)" — "Musas, vós me inspirae, que é vossa a fonte de Hippocrania Aganippe (A. C., Os Fast. 3.5)".

4.º Quando o verbo está no *infinito* regido da prepos. *a*:

Attentos só a alcança-los (A. H. Eur. 220) — O meu tinha sido a Primavera, e continuava a sel-o (A. C.) — Acostumados a soffrel-a (M. B.) — Cf. — ...para que não continue a o ser (A. V.) — ... muitas vezes chegam a os açoitar (M. B.) — Cessando a possibilidade do *hiato*, cessa esta regra: "...dando logar a te fazerem discursos" (Souza).

II. PROCLISE.

454. São *proclíticos*:

1.º Quando a proposição é *negativa*, pois o pronome incorpora-se prosodicamente á negativa, que precede sempre ao verbo:

Não-me contou, nem-me faltou, nenhum-te offendeu, ninguem-se mexeu, nunca-vos vi — Não me confiei de vós (M. B.) — Nenhuma cousa se exclue (A. V.).

Não te esqueção meus duros pezares,
Não te esqueças por ellas de mim,
Não te esqueças de mim pelos mares,
Não me esqueças na terra por fim.

(G. D., Poes., Poes. 1. 115).

2.º Quando outros *adverbios* se antepõem ao verbo, nota-se tendencia para a proclise:

Já lhe fallo, hoje se dorme, aqui se canta — bem o tem visto (A. F.), bem te parece (Id.) — Agora me dizem... (A. V.) — Já se sabe (Id.) — Assim me sentia eu levado (A. C.) — Tarde vos comecei amar (M. B.) — São frequentes as transgressões: Antigamente convertia-se o mundo, porque hoje prégam-se palavras (A. V.) — Hoje usa-se outra coisa (A. H.) — Aqui vê-se a luz do céo, e tudo isto vê-se para se ter mais fome (Id.) — Agora estava-as fixando... (A. C.) — Mas ahi resa-se em voz sumida pela Patria (A. C., Q. Hist. 1. 87) — Depois anoiteceu-se ainda mais o siso (A. C.) — Então põe-se em logar de uma vinaria gamelão de madeira (A. C., Os Fast. 2.191) — Hoje usa-se outra cous· (A. V., C. I. 88).

3.º Quando estão nas clausulas subordinadas pelos pronomes conjunctivos ou conjuncções subordinativas (*que, quem, o qual, cujo, onde, quanto, quando, emquanto, porque, se, embora*, etc.):

No velho é a primeira treva da noite, de que, minuto para minuto, se engrossa, se esfria, se povoa de medos e phantasmas (A. C.) — Amores menos entendidos das turbas a quem se referiam (Id.) ... quando se tem por mestra uma mulher a que se ama (Id.) — Leva-me para onde te aprouver (A. H.) — Quando a vires (G. D.) — Emquanto a teve (C. C. B.) — Perdoae se vos offendi (G.) — ...segundo se admitte (L. C.) — Como se chama (G.) — Cf. — Porque hoje prégam-se palavras (A. V.) — Sejam liberaes porque o povo paga-se muito desta virtude (A. de F.) — Notae que os dois primeiros excusaram-se com fazenda (A. V.) — Fiquem com o Senhor, que eu vou-me (A. C.) — E' verdade que V. Ex.ª pede-me apenas reflexões (A. H.) — Porque D. Thereza ergueu-se immediatamente (Id.) — Porque mestre João mostrava-se assaz cioso (Id.) — Vae, que eu logo procuro-te (C. C. B.) — ...porque eu voltava-me para o céo (A. H., Eur. 48).

4.º Quando precedem ao verbo pronomes ou adjectivos indefinidos — *tudo, todo, isto, este, isso, aquillo, muito, pouco*, etc.:

Isto se explica bem (M. B.) — De todos lhe resultam harmonia (A. C.) — Poucos se lembram hoje (L. C.).

E' frequente a inobservancia deste principio: Isso póde-se fazer lá mesmo (A. H., Cart. 182) — Aqui vê-se a luz do céo, e tudo isso vê-se para se ter mais fome (A H.).

5.º Quando a proposição é *optativa*:

Bom proveito lhe faça (A. H.) — Bons olhos o vejam! — Ventos fagueiros te levem!

III. Mesóclise.

455. São *mesocliticos*:

Quando, estando o verbo no futuro do indic. e no imperfeito do condicional, não for obrigatoria a *próclise*:

Far-te-ei, far-te-ia, amar-vos-emos, amar-vos-iamos, dir-vo-lo-ei, dir-vo-lo-ia — Pois, Senhor, em lhe passando o furor, dir-lhe-hei o que me trazia (A. C., O Doent., 142).

Obs. Seria perder de vista os intuitos orthoepicos das regras sobre a topologia pronominal, convertê-las em cânones semelhantes ás leis dos medas e persas. Não se tracta de uma questão de syntaxe, mas de euphonia, e esta é relativa aos habitos da pronuncia, que differem de época para época, de região para região. Muitas dessas regras accusam apenas tendencias, mais ou menos accentuadas, como mostrámos citando exemplos em contrario em bons escriptores.

Posição dos membros da proposição

456. No latim, como já observamos, a ordem typica dos membros da proposição era — o sujeito no *principio* e o predicado grammatical (verbo) no *fim* da proposição, e *entre elles* os complementos: *Brutus Cæsarem occidit* — *Labor omnia vincit.*

Em portuguez a construcção typica deve ser a ordem directa ou analytica — *sujeito + predicado + complementos* (do predicado): — *Bruto matou a Cesar — O trabalho vence tudo.* E' esta a ordem logica, que obedece á sequencia natural das idéas. O uso, porém, de tal modo rompeu com a regulamentação logica na collocação dos membros da proposição, que difficilmente, como observa Diez, se póde distinguir entre uma ordem regular e uma inversa ou irregular. Vejamos, entretanto, o que exige a lingua, em casos determinados, sobre a collocação do *sujeito, predicado* e *complemento.*

I. Predicado.

457. Quando queremos dar proeminencia ao predicado, collocamo-lo no topo da phrase, e lhe pospomos o sujeito. Observa-se este principio:

1.º Nas phrases *narrativas*:

Neste momento, por uma das pontes já desertas lançadas na noite entecedente sobre o Chryssus, soava um correr de cavallos á redea solta... Pandia-lhe da direita da sella uma grossa maça ferrada de muitas púas". (A. H., Eur. 261).

2.º Nas proposições *intercaladas*:

Sou, disse elle, um homem pobre (M. B.) — Aparae o chapéo, disse logo o duque (Id.) — Impossivel é — interrompeu o duque de Cantabria com gesto severo — que haja guerreiros christãos que recusem obedecer-me (A. H., Eur. 261).

3.º Nas proposições *hypotheticas*:

Fôra elle vivo, eu aqui não estaria.

4.º Em phrases *nominaes*:

Bemaventurados (são) os misericordiosos, porque elles alcançarão misericordia (A. P.) — Coroa de dignidade é a velhice (Id.) — Mais preciosa é (a sabedoria) que todas as riquezas — Obra é de villão atirar a pedra e esconder a mão (Prov.) — Muitos são os chamados, poucos os aproveitados (Prov.)

5.º Nas proposições *interrogativas directas* ou *indirectas*:

Sabes tu, Hermengarda, o que é passar dez annos amarrado ao proprio cadaver?... (A. H., Eur. 281) — Orgulho humano, que és tu mais — feroz, estupido ou ridiculo? (Ib. 27) — Que fôra a vida, se nella não houvera lagrimas? (Ib. 33) — Imperio d'Hespanha, imperio d'Hespanha, por que foram os teus dias contados? (A. H. Eur. 39) — Pergunto que é isso — Ignoro quem seja elle.

Obs. Succede, ás vezes, nas proposições interrogativas, querermos dar emphase ao sujeito, que, neste caso, é collocado antes do predicado, ou no topo da oração, v. gr. — Estes, que estão cobertos de vestiduras brancas, quem são e donde vieram? (A. P.) — Teu irmão onde está? — Isso que é? (b. lat. — Aesdines ubi est?) — Tu não viste dos bosques a coma sem aragem vergar-se e gemer? (G. D.) — Elle morreu? (R. da Silva, Odio Velh. 75) — Elles não saberão? (Ib. 112)— Eu falava?! (A. H., Eur. 255) — Tu, virgem, porque suspiras? (G. D., Poes. I. 111).

Quando o sujeito é representado por um pronome relativo, não se desloca do topo da phrase: Quem é hoje christão e godo nesta terra d'Hespanha? (A. H., Eur. 37).

6.º Nas proposições *imperativas*:

Olha tu! (A. H., Eur. 282).

Obs. Não raro entre os classicos transgride-se a regra, chamando-se emphaticamente o sujeito para antes do predicado: Agora tu, Calliope,

me ensina (C.) — Tu acompanha nossa avó, tu consola esse infeliz (G., Viag. 2.297) — E tu vae-te com Allah (A. H. Mon. 1. 69).

7.º Nas orações *apassivadas* pela particula SE:

Cortam-se arvores — Alugam-se quartos — Abaixam-se as cadeiras, levantam-se as tripeças (Prov.).

Obs. A emphase póde chamar o sujeito para a frente nestas phrases verbaes: O amor vende-se? A alma vende se? (A. C.) — O dia certo ignora-se ainda (Julio de Castilho) — Os burlões e os enliçadores unem-se (A. H.) — As consciencias esclarecem-se, e não se forçam (Id.) — Assim, as queixas esqueceram-se (A. H., Mon. 11,132).

Dá-se ás vezes, por emphase, uma deslocação do predicado, e mesmo do sujeito para antes do relativo ou conjunctivo QUE: Damião e Pythias, discipulos que foram do grande Pythagoras, abalisaram-se tanto na amizade... (A. V.) por — que foram discipulos; chegados que foram os mensageiros — por — logo que foram chegados os mensageiros; elles que fujam — por — que elles fujam.

II. SUJEITO.

458. Além dos casos anteriores, que determinam a deslocação do sujeito para se dar saliencia ao predicado, existem ainda os seguintes em que o genio da lingua requer de ordinario a posposição do sujeito ao predicado:

1.º Nas orações *infinitivas*:

E' tempo de se erguerem os patriotas — E quando viram alevantarem-se os cavalleiros e injuriarem e ameaçarem os procuradores dos conselhos de Portugal, não houve uma voz popular... (A. H., Mon. 1, 67) — Observou timidamente o primo de Fr. Isidoro, que já sentia arrepiarem-se-lhe os cabellos (A. H., Mon. 1, 126).

2.º Nas orações *participiaes*:

Terminada a batalha, recolheram-se os trophéos — feitas estas philosophicas reflexões, a tia Domingas partiu (A. H., Mon., 2. 107) — Feito isto, voltou para dentro (Ib. 302).

No v. port. e mesmo no port. quinhentista, a posposição do sujeito nestas orações do part. passado, que é hoje de rigor, não era uma regra geral, como mostram os seguintes exemplos:

Isto acabado, tornou-se el-rei D. Fernando para dentro do reino (F. Lopes, Chron. de D. Fern. 131) — Isto acabado, elle e a imperatris comerão na sala imperial (Palm. I. 68) — Isto dito, veloces mais que gamos, se lançõa a correr pelas ribeiras (Lus. 9. 70, 8. 51. 64. 5. 74, 9. 21, 70).

Cumpre observar que taes participios, quando attribuem do sujeito da oração, vem *apposto* a elle:

Alle, sobresaltado pelo subitaneo apparecimento de seu antigo vizinho, ficara pasmado para elle (A. H., O Mon., 103) — Poderia ser: Sobresaltado Alle... ficara pasmado, ou — Sobresaltado, Alle... ficara...

3.º Nas orações *gerundiaes*, a que muitos chamam do participio presente:

E seendo eles comendo, viron gentes que chamavam esmaelitas (Chr. Ar., 85) — Ouvindo Tobias, que era cego, a voz de um animalzinho balando, advertiu que acaso não fosse furto (A. V., S. I. 201).

Obs. 1.ª Critica A. de Castilho ao P.e Manuel Bernardes pela anteposição do sujeito na seguinte construcção: *Frei Domingos, vindo de Fortosa... se lhe ajunctou no caminho um moço muito confiado* —, que elle tacha de gallicismo. Devera ter construido: *Vindo Frei Domingos...*

Esta posposição, que é hoje de rigor, não o era no v. port.:

E elles assi fazendo, appareceu-lhe o dito cavaleyro em avito de palmeiro (Chrest. Arch. 110).

2.ª Não se tratando do chamado participio absoluto, o gerundio ou o part. presente póde ser *apposto*, como acontece com o part. passado: *Ouvindo Tobias a voz de um animalzinho, advertiu...* ou: *Tobias, ouvindo a voz de um animalzinho, advertiu...* e, ainda, anteposto o *apposto*: *Ouvindo a voz de um animalzinho, Tobias advertiu... Elle em se prostrando, me dizia chorando* (A. F., Castro, 45) — *Vollando ao refeitorio abbacial, D. João d'Ornellas, parecia meditabundo* (A. H., Mon. 200) — *Filando a vista no mancebo, o abbade ficou quedo e mudo* (Ib. 209).

4.º Com certos verbos de *sujeitos oracionaes*:

Convem estudarem elles, ou — convem que estudem — Importa relevar faltas, ou — que se relevem faltas — Conta-se viver elle, ou — que elle vive.

5.º E' costume transpor para a clausula subordinante á guisa de objecto o sujeito da clausula substantiva: "Depois foi ver as mós se tinham grãos" (R. S., Acas. dos fant., ap. M. Barreto — "...cada hun deve a resguardar o cavallo se he boquimolle" (Gir. Alv. 12, ap. Epiph.).

EVOLUÇÃO TOPOLOGICA.

459. O portuguez tem manifestamente evolucionado para o analytismo na construcção da phrase; muitos hão attribuido este phenomeno á influencia da literatura franceza, onde domina, em regra, a ordem directa ou analytica da collocação dos termos. Independentemente, porém, desse

influencia, o portuguez obedece com suas co-irmãs a corrente analytica, que assignala a evolução das linguas modernas para a clareza na expressão verbal do pensamento. Nesta evolução, que accusa o progresso do espirito humano, os termos tendem a fixar-se e a desenvolver sentidos novos pelas posições, que podem occupar na sentença. Apesar, porém, desta tendencia genial das linguas neo-latinas, o portuguez, todavia, guarda, para o genio dos estylistas, os recursos preciosos de sua nativa liberdade.

CAPITULO X

II. REGENCIA

460. As palavras combinam-se na formação da sentença em grupos logicos de *coordenação* e de *subordinação*, como já vimos.

Nos grupos de subordinação dá-se a *regencia grammatical*, que é a propriedade de terem certas palavras outras sob sua dependencia, que lhes explanam o sentido. Donde se vê que as palavras *regidas* são complementos das *regentes*, estas se dizem *subordinantes*, e aquellas *subordinadas*. A subordinação ou regencia expressa-se pela *preposição*, p. ex.: *a flor do campo*, onde *flor* (regente) rege *campo* (regido), por meio da prepos. *de*, sendo, portanto, *do campo* complemento de *flor*, antecedente da preposição. Por sua vez a propria prepos. *de* rege o subst. *campo*, que é, por isso, o seu complemento. — O verbo transitivo, na regencia do objecto, dispensa a preposição, e rege-o directamente, como já temos estudado (*amo o estudo*).

461. As relações regenciaes ou de subordinação, em portuguez, são logicamente as mesmas que em latim, porém a sua expressão verbal varía grandemente. A obliteração dos *casos* trouxe grande alteração no aspecto estructural da phrase. A funcção de regencia ou complementar dos termos accessorios da sentença, tendo deixado de ser *syntheticamente* expressa pelas desinencias casuaes, passou a sê-lo *analyticamente* pelas preposições. Ampliou-se desta sorte

o parco uso que destas particulas subordinativas já fazia o latim.

462. Uma das alterações mais curiosas no processo regencial latino está no emprego da preposição *de* para substituir o *genitivo*. A idéa de *posse* era uma das relações principaes, indicada por este caso latino: *Petri galerus* = *o chapéu de Pedro*.

Desenvolveu-se, no latim medieval, esta *idéa* na prep. *de* (que a ella era extranha em seu uso classico), como passamos a explanar.

O *genitivo* latino expressava a idéa de *posse* sob aspectos differentes — o *subjectivo* e o *objectivo*. No genitivo *subjectivo* (*Petri galerus*), o substantivo no genitivo (*Petri*) era o *sujeito* ou *agente* da posse; no genitivo *objectivo* (*legis timor* = *o temor da lei*), o substantivo no genitivo (*legis*) era o *objecto* ou o *paciente* da posse. Neste ultimo caso, o genitivo expressa uma causa em relação a certo effeito, uma origem em relação a uma certa consequencia. "Ora, observa Bourciez, já no latim classico, para se extrahir de um todo uma parte, ao lado do genitivo (*pars militum*), poder-se-ia empregar — *ex, ab, de* (*pauci de nostris* = *poucos dos nossos*, Cœs). Foi este ponto de partida, que permittiu levar mais longe as extensões analogicas".

O movimento psychologico veio auxiliar a evolução da phrase. Uma das idéas classicas da preposição *de* era — *procedencia, origem,* que facilmente se relaciona com a idéa de *posse*, pois a coisa possuida se prende ao possuidor como a sua origem ou procedencia. Na phrase — *de tauro corium protulit* (Hyg. fab. 195, ap. Bourciez), o *couro que provêm do touro* póde ser considerado como parte integrante delle ou como por elle possuido. "Dahi resulta que *corium de tauro* substituiu progressivamente o *tauri corium*".

Mais: a preposição *de* tem ainda no latim classico o sentido de — *em relação a, em respeito de*. Assim da phrase — *De triumpho autem nulla me cupiditas tenuit* (= *a respeito de triumpho nenhum desejo se apoderou de mim*, Cic. ep. ad Att. 7, 2, 6), onde *de triumpho* significa — *a respeito de, em relação a,* póde-se facilmente extrahir um gru-

po nominal — *cupiditas de triumpho* equivalente a — *triumphi cupiditas* (= desejo de triumpho) com genitivo objectivo.

Por esse duplo movimento psychologico, crearam-se, e pouco a pouco se implantaram nas linguas romanicas esses grupos nominaes de subordinação, que expressam, de modo analytico, as diversas relações do genitivo.

Ao mesmo tempo que se ia evolvendo a phase, a ordem synthetica — *Petri galerus* ia sendo substituida pela ordem analytica — *galerus Petri* e *galerus de Petro* (Bourciez).

463. Um outro emprego da prepos. *de*, como mera *particula de realce*, desenvolveu-se, e se fixou em portuguez, em grupos como este: *o pobre do homem*. Consiste elle, como se vê, em se interpor entre o adjectivo e o seu substantivo ou pronome, a prepos. *de*, com o intuito de dar *emphase* áquelle, p. ex.: *o pobre do homem, infeliz de mim, coitado della*. Deste modo o grupo de coordenação (*o pobre homem*) torna-se grupo de subordinação (*o pobre do homem*), não deixando, entretanto, o substantivo de exercer attracção sobre o adjectivo, que com elle concorda em genero e numero.

Em hespanhol tal processo existe — *el bueno del arriero*, e no velho francez temos delle vestigio — *ma lasse d'âme, sa vieille de mère* (Bourciez).

Pois, Senhor, a pura da verdade... é... que a Pulcheria... (A. C.)— Ah! velho parvo de mim (A. Ferr., Cast. 204) — Oh! o cachorro do vizinho (por — o vizinho cachorro) me fez isso? — O diacho do boi não apparece — Coitadinhos de vós! (Fab. 35)

Que doudo pensamento he o que sigo?
Após que vão cuidado vou correndo?
Sem ventura de mim! que não me entendo;
Nem o que calo sei, nem o que digo!
(C., Obrs. 2. 61)

464. Phenomenos semelhantes observam-se com certos nomes que designam *quantidade indeterminada*, taes como: — *Pouco, algo, nada, que* (*quid*). Estes nomes ao lado do *grupo de coordenação*, comportam *grupo de subordinação*: — *pouca agua* e *pouco d'agua, algo bom* e *algo de bom, nada novo* e *nada de novo, que povo* e *que de povo, o que ha novo* e *o que ha de novo*.

Este processo filia-se ao latim, onde os adjectivos qualificativos neutros substantivados e adverbios de quantidade — *nihil, multum, paulum, minus, quid, aliquid, quod, parum, id, satis* — regem *genitivo partitivo*: *Homo sum: humani nil* (*nihil*) *a me alienum puto* (Ter.), *multum copiarum, plurimum auri, parum frondis, plus auri, id temporis*: — *Quod auri, quod argenti, quod ornamentorum in urbibus Siciliæ fuit id Verro abstulit.* — A este processo latino podemos ainda filiar nossa expressão familiar: *isto de lucros são conversas fiadas, isto de andar daqui para alli não me agrada.*

Dá-se *o cruzamento syntactico* entre o grupo de coordenação (*pouca agua*) e o de subordinação (*pouco de agua*), produzindo — *uma pouca de agua, uma pouca de farinha.* No portuguez archaico eram muito mais communs estes grupos de subordinação.

Sen muita de bõa maña
que deu a un seu prelado,
que primade foi despaña
e affonso era chamado
(Q. da L. Port. 98, sec. XIII)

Per muitas de maneiras (Q. da L. Port. Ib. 113)— Assaz é de pouco saber, quem se mata pelo que não póde haver (Prov.).

165. O objecto ou o regimen directo, como já vimos, expresso pelo accusativo latino, é regido, em portuguez como em latim, directamente pelo verbo transitivo, isto é, sem intervenção de preposição, p. ex.: *Labor omnia vincit* = *o esforço vence tudo.*

Entretanto na peninsula Iberica, já desde o seculo XI, desenvolvia-se um processo novo, inteiramente extranho ao latim classico, de se reger o objecto com a preposição *ad*, processo que se fixou em portuguez com grande vantagem para a clareza e variedade da phrase.

A preposição só se antepunha quando o objecto designava um *ente animado* (*decepit ad suo germano*), e levava o intuito de lhe dar proeminencia, mostrando o seu interesse na acção, verbal, "como o ponto a que ella se dirige, ao passo que as cousas e os seres inanimados apenas a recebem pura e simplesmente".

Subordinando-se a esse processo medieval, o portuguez rege com a prepos. *a* o seu objecto, quando nome de *pessoa* ou de *seres vivos*, tornando-se de rigor a regencia toda vez que o *objecto* ou o *sujeito* deslocados poder-se-iam reciprocamente confundir: *Ao caçador matou o leão.* No caso de confusão ou ambiguidade, é de rigor a regencia da prepos. *a*, mesmo com objecto de seres inanimados: *Ao braço move a machina.*

E ainda com o mesmo objecto de seres inanimados apparece não raro em bons escriptores a regencia da prepos. *a*, toda vez que o verbo exprime acção ordinariamente practicada por seres animados, pois que, neste caso, ha uma influencia psychologica, isto é, o espirito, por habitual suggestão, communica certa vida ao objecto, interessando-o na acção verbal: *Não ameis ao mundo* (A. P.), *vence ao mundo* (Id.), *a noite segue ao dia, a preposição rege ao substantivo.*

Desapparece a regencia da preposição, quando ha na phrase um *dativo* ou complemento terminativo, que evoca para si caracteristicamente a prepos. *a*, pois haveria então confusão entre o accusativo (*objecto*) e o dativo (*compl. terminativo*). Dá-se isto com os verbos transitivos-relativos: *elle entregou o filho ao pae, e deu Pedro a Paulo,* e não — *elle entregou ao filho ao pae, e deu a Pedro a Paulo.*

A regencia da prepos. *a* é indispensavel quando o objecto é representado pelas fórmas tónicas dos pronomes: *amar a mim, a ti, a elle, a nós, a vós, a elles.* O dativo, porém, tem preferencia a taes fórmas, e lhe é vedado fazer de accusativo desde que haja na oração algumas dellas que representem aquelle caso, pois haveria baralhamento de relações, como — *entregar a mim a ella;* dir-se-á — *entregar-me a ella* ou *entregá-lh'a mim.*

466. Uma outra regencia em relação ao *objecto* desenvolveu-se na baixa latinidade, e passou para o portuguez, francez e italiano. Consistia ella em reger o objecto, que designava coisa ou seres inanimados, com a prepos. *de* com valor *partitivo*, para indicar que não se tractava da totalidade, mas de uma parte da coisa indicada pelo *objectivo directo*:

Da mihi de draps sancto Caesari ; transmissus tibi de illo pane ; probato si inde potis manducare (Form. Sen. add I, 21, ap. Bourciez).

Já no latim classico se encontram exemplos deste processo: *De præda parcus dederat* (Liv. 45. 35).

No latim da decadencia encontram-se delle exemplos mais frequentes, p. ex., na *Vulgata*:

Afferte de piscibus (Joan 21.10) ; catelli edunt de micis (Matth. 15.27 = trazei dos peixes, os cachorrinhos comem das migalhas.

Tal processo syntactico fixou-se largamente em francez, onde a prepos. *de* combinada geralmente com o artigo (*de, la, les*), constituem um adjectivo *partitivo* (artigo partitivo): *je veux du pain, on mange de la viande, j'ai des choses à te dire.*

Mais largo era o uso que deste processo fazia o v. port. (564).

467. O infinitivo regido de preposição, tão commum em portuguez, é regencia extranha ao latim classico (*cogitar de resistir = cogitare resistere*). Segundo Bourciez, esta syntaxe neo-latina nasceu do *cruzamento* de dois typos latinos. O gerundio latino podia ser regido de preposição: — *Syriam ad diripiendum tradisses* (Cic.). Entre — *aggredior dicere* e *aggredior ad dicendum,* dar-se-ia um cruzamento syntactico, cujo producto seria um terceiro typo de phrase — *aggredior ad dicere.* Assim, pondera o já citado auctor, *entre cogitabat resistere* e *de resistendo cogitabat* (Cæs. B. B. 2. 34), a fusão podia em principio operar-se e dar em resultado — *cogitabat de resistere.* Taes typos syntacticos, se bem que raros, apparecem, todavia, no latim da decadencia: *carnem dare ad manducare* (J. C. 52. Itala).

Desenvolveu-se exuberantemente no portuguez archaico e até entre os classicos quinhentistas e seiscentistas o infinito preposicional, e só modernamente, apesar de A. Castilho, Garrett e Filinto, vae a lingua reagindo contra a regencia da preposição após certos verbos transitivos, como — *desejar, prometter, determinar, esperar, ordenar, caber, jurar, ousar,* etc. Exs.:

Senhor, a mim não cabe de fallar en esto (Q. L. Port. 225)

E depois que foi esperto
Logo de comer pedia — (Ib. 108)

Não cuidei eu a desejar
Vosso ben, a vosso pesar — (Ib. 161)

Senhor que grav oj'a mi é
De me aver de vós a partir — (Ib. 162)

Non avedes muito a viver (Chrest. Arch. 51) — Que avias a veer? (Ib. 51) — Nos, as meninhas, punhemos d'andar con vossas madres (Chrest. Arch.. 347).

Si, tome-me lá Florença,
E cumpramos a sentença;
Ordenemos de partir (G. V.)

468. Vestigios deste largo uso da prepos. *de* temo-l na dupla regencia de muitos verbos seguidos do infinit *dever sahir* ou *de sahir, precisar fazer* ou *de fazer, folga ver* ou *de ver, carecer ir* ou *de ir, escusar fingir* ou *de fingir*. Porém, se seguirmos a auctoridade de A. F. de Castilho, neste ponto se ateem ao uso classico, a lista dos verbos que podem reger facultativamente o infinitivo puro ou prepositional em relação objectiva, alarga-se indefinidamente, como se póde ver das seguintes amostras:

Não merecia de ter morrido (A. C.) — Usa de sustentar-se com facil rebusco de artigos periodicos (Id.) — Determina de se casar com a princeza Julieta (Id.) — Continuarem de consentir (Id.) — Escusa de esfalfar-se (Id.) — Juro de o proscrever (Id.) — Aos que desejarem de o saber (Id.) — Receio de não responder como deves (F. Elys.) — E vos prometto de estar pelo que elle diga (Id.) — Tenho proposto de o traduzir (Id.) — Affecto de o tractar de egual a egual (Id.) — Não receio de saltar por cima do cadaver do monge (A. H.) — O tracto mercantil principiou de rasgar mais largo vôo (L. C.)—Succedendo de passar pela rua de St. Antão, dois mascaras a cavallo o investiram com zombarias e motejos... (L. C., C. 137) — Que fé merecem homens que não duvidam de quebrar as promessas solemnes feitas ao kalifa (A. H., L. e N. I. 5).

E' frequente a suppressão da prepos. *de* antes de *que*: Eu forgaria muyto... que nos assentassemos (H. P., ap. Epiphanio).

469. *Fazer, deixar, ver, ouvir.* Seguidos do infinitivo, podem estes verbos reclamar no *accusativo* ou no *dativo* o sujeito desses infinitivos, como já vimos: *fazê-lo* ou *fazer-*

lhe sentar, deixá-lo ou *deixar-lhe fallar, vê-lo* ou *ver-lhe sahir, ouvi-lo* ou *ouvir-lhe dizer*. Em taes construcções, o *dativo* não vem do lat. class., onde o sujeito do infinit, ia para *accusativo*. O *dativo* é um processo oriundo da b. latinidade, como se vê no seguinte exemplo citado por Diez: *Hæc comitibus scire faciant*. Porém, o *dativo* apresenta-se ahi, como pondera Diez, com certo caracter de actividade, e por isso é elle repellido toda vez que o verbo no infinit. não comporta este caracter por ser *neutro* ou *passivo*: *faze-lo prender* (*ser preso*) e não *fazer-lhe prender; deixá-lo morrer*, e não *deixar-lhe morrer; vê-lo soffrer*, e não — *ver-lhe soffrer*. "Nenhumas outras os façam adoecer (A. V., C., 1. 203).

470. *Mandar*, como os antecedentes, rege o infinitivo puro com o sujeito deste em *accusativo*: *Mandou-os o Senhor prégar pelo mundo* (A. V., S. 5. 248). Porém, differentemente delles, passa para *dativo*, isto é, para objecto-indirecto esse sujeito, desde que a clausula infinitiva se converta em clausula do modo finito, que neste caso fica com sujeito grammatical latente, inexpresso: *Mandou-lhes o Senhor que prégassem pelo mundo — mandou-lhes que levassem dinheiro* (A. V., S. 5 248). Em *a*) *mandá-lo enforcar = mandar que elle fosse enforcado* e *b*) *mandar enforcá-lo = mandar que o enforcassem*, ha, na coincidencia de sentido logico, a divergencia analytica da voz passiva e da voz activa, sendo no 1.º exemplo *indeterminado o agente* e no 2.º o *sujeito-agente*.

A' porta do passo achei o mestre do navio do Maranhão, que me disse o mandara chamar **el-rei** para lhe dizer, que o havia de mandar enforcar, se em seu navio fosse o padre Antonio Vieira (A. V., C. 143) — Mandou-os o Senhor prégar pelo mundo e prohibiu-lhes nomeadamente que não tivessem oiro nem prata (cf. prohibiu-os ter ouro ou prata) — Metteu me na mão um decreto... no qual lhe mandava me dissesse... que lhe fosse **fallar** (A. V., C. 1., 45).

Cumpre observar que esse *accusativo* (o), sujeito do infinito, passa para *dativo* (*lhe*), desde que esse infinito reclame a presença de *accusativo-objecto;* mostra esse phenomeno curioso o seguinte exemplo:

Vossa Magestade... tem mandado o governador e os padres a differentes indios das mesmas nações, para que lhes refiram o novo trato *que* vossa majestade *lhes* mandou fazer (A. V., C. 1. 66).

Obs. Este *dativo* no logar do *accusativo*, tanto neste caso da clausula infinita, como no da clausula correspondente do modo finito acima estudado, corrobora a doutrina de que o portuguez não tolera, como o lat., dois accusativos diversos a um mesmo verbo; por isso diremos — *mandei-o sahir*, porém — *mandei-lhe que sahisse, mandei-lhe fazer o trabalho, eu lh'o mandei fazer.*

Frequentemente succede que o dativo *lhe* juncto ao verbo *mandar* é reclamado como objecto-indirecto pelo infinito que o segue, p. ex:

Emquanto Affonso de Albuquerque não rompeo de todo com elle, secretamente mandou-lhe pedir seguro pera sua pessoa, filhos e genros cõ sua familia (Barros, ap. D. Vieira) — E por este Coge Amir ser homem tão conhecido, lhe mandou dar alguma fazenda d'elRey (Damião de Goes, ib.).

471. *Fazer com que.* Quando convertemos a oração infinitiva do verbo *fazer* (*fê-lo sahir*) em oração do modo finito (*fez que elle sahisse*), póde o verbo *fazer* reger a prepos. *com* (*fez com que elle sahisse*). Este ultimo typo de regencia nasceu de um *cruzamento syntactico*. O v. port. dava a esta phrase um torneio já hoje archaizado, como se vê do seguinte passo das Décadas de João de Barros: *"Pera executar este proposito fizeram com o Catual que os retivesse"*. (Dec. I. Liv. IV, p. 351). Ao lado desta, desenvolveu-se esta outra,, que é hoje vigente — *fizeram que o Catual os retivesse;* e da fusão das duas resultou o seguinte typo, em pleno vigor: — *fizeram com que o Catual os retivesse.*

Nota. Era corrente entre os quinhentistas esta syntaxe do verbo *fazer:* "E porque ho Rey de Ormuz ja dantes pagava parcas ao dito Sufy, *fez com ho governador Afonso dalbuquerque lhe mandasse embaixador*" (Itinerario de Antonio Tenrreyro, p. 37, Perigr. de M. Pinto, vol. 4, p. 37). — Já no sec. anterior escrevia Ruy de Pina: "Onde o Ifante com pallavras muy honestas e virtuosas lhe apontou, que por assessego de tantos alvoroços e onyões, *fyzesse* com elles que lhe entregassem o Castelo (Ined. de Hist. Port. I, p. 263, Chr. de D. Aff. V.) — Embora archaica, imitou A. Herculano a syntaxe de João de Barros no seguinte passo: *"Hixam fez com o amir que acceitasse estas propposições"* (H. de Port. I. 85).

Faz, Senhor d'altos prodigios,
Com que a mente empedernida
Não se aparte desta vida
Sem sentir a sancta fé (G. D., Poes. 2. 11)

472. SUJEITO REGIDO DE PROPOSIÇÃO. Por analogia com o *objecto*, regia o v. port. ao *sujeito*, com a preposição (*a*, *de*), quando este era expresso pelo infinitivo: *custa a crer*, *convem a saber*.

> Ca, se verdade quiserdes achar
> outro caminho convem *a buscar*,
> ca non saben aqui d'ela mandado (Chrest Arch. 191)

Compre *de conhescer* as cousas... e por esto lhe compre *de se trabalhar* de saber bem conhescer todas estas cousas (T. Arch. 56, 57 — D. Duarte, sec. XV) — Pero he-lhe necessario *de saber* conhescer de que guisa pode melhor filhar aquelle porco (T. Arch., 56) — Era cousa singular *de veer* que en derredor do leito estavam moços pequenos mui fortemente chorando (Chrest. Arch.. 108) — Sendo ele de idade, conven a saber, LX anos (Chrest. Arch. 108) — Sua alteza estava doente... e foi mais facil de persuadir... muito mais facil de conceder (A. V., Cart. 46, 203).

> Melhor é de seer traedor
> ca (=que) morrer escommungado (Chrest. Arch., 201).

Obs. Tal syntaxe, já hoje archaica, tem sido reproduzida por alguns notaveis escriptores modernos, acerrimos imitadores do fallar antigo, como A. Castilho, Garrett.

Desaire real seria de a deixar sem premio (G.) — E' proposito de mor gloria lhe dar no ignoto oriente (Id.) — A mãe já lhe custa a andar (A. C.) — Ainda agora nos não pesa de o haver-mos feito (A. C.) — Com certeza ; até me custa a fallar (A. C., Doc. O. de sc. 141).

473. CRUZAMENTO SYNTACTICO. Em um cruzamento syntactico temos a explicação do seguinte typo anormal de regencia — *quando foi da guerra dos franceẓes*. Tal construcção, segundo Julio Moreira, nasceu do baralhamento de duas construcções normaes equivalentes — *quando foi a guerra dos franceẓes;* a prepos. *de*, da ultima phrase, attrahida pela equivalencia dos grupos — *quando foi* e *no tempo*, fixou-se definitivamente depois de *foi*, tomando a primeira phrase pela segunda. A phrase é evidentemente uma contracção de — *quando foi o tempo da guerra dos franceẓes*. Escriptores ha que ainda a abreviam elidindo o verbo — *quando da guerra dos franceẓes*.

Aristoteles mal teria a barba russa quando foi d'aquelle seu ultimo namoro (G., Viag. I. 69).

474. Entre os verbos, que admittem mais de uma regencia para complementos reclamados pela sua significação, mencionamos os seguintes:

1. **Assistir** — RELATIVO — *ao enterro, ao doente,* ou *em algum logar.*

Vierão assistir ao enterramento (apud. Moraes) — Embarcou para Tanger onde assistiu nove annos (Ib.)

Dá-lhe Moraes valor *transitivo* no sentido de servir, e de facto elle se presta á conversão passiva:

Fazer competencia de quem mais ha de assistir o principe (A V., ap. Moraes).

2. **Attender** — TRANSITIVO — *as partes, o requerimento, a pretenção* (Moraes), e RELATIVO — *ao perigo, aos negocios, aos rogos* (Bluteau).

He necessario attender aos negocios domesticos (Bluteau) — Attenda-o (ao herdeiro) donde quer que seja (Ord. Aff. 4. 107, 8, ap. Moraes).

No v. port. era transitivo no sentido de esperar, que ainda conserva em fr. *attendre*: "Vim atendeu meu amigo" (O Ant. Vern 61).

3. **Chamar** — TRANSITIVO OU RELATIVO — *chamá-lo tolo* ou *chamar-lhe tolo.* Esta ultima regencia é mais usual entre os classicos, e a outra se justifica com a conversão passiva — *ser elle chamado tolo.*

Novidades lhe chamais (C. Obrs. 3. 17) — Como hoje lhes chamariam (A. C., Os Fast. 1. 323) — Com maduros varões por isso elege Romulo entre o mais povo, os chama Padres, e da nascente Roma os encarrega (A. C., Os Fast., 3. 11) — Antes lhe chamarás refugio de todos os males (L. C., Cam. 55).

4. **Filiar** TRANSITIVO-RELATIVO — *filiar-se alguem em alguma sociedade,* e, mais raramente, *a alguma sociedade.*

"O comico portuguez, como o hespanhol, filiam a sua eschola dramatica e a sua fórma literaria nas mesmas tradições e nas mesmas origens (L. C.) — Filiar-se na associação catholica (Aulete) — Filiou-se no partido republicano ou ao partido republicano (E. Carneiro)

5. **Forrar-se** — rege *a* e *de* — *forrar-se aos trabalhos* e *dos trabalhos.*

Os mais por se forrarem ao descommodo e trabalhos do seculo (L. C., ap. Aulete).

6. **Incorporar** — rege *em, com* e, menos frequentemente, *a,* além do *accusativo,* que possa ter.

Incorporou-se na fazenda real o rendimento das terças dos bens dos Concelhos (Art. de Furt., ap. E. Carneiro) — Incorporar no meu dominio uma porção do seu valor (A. H., Hist. de Port. 237) — E incorporaram aquellas pobres mulheres com as recemvindas (A. H., Op. II. 303) — Incorporar uma provincia a um reino, á Egreja de Jesus Christo todos os povos da terra (Dicc. Vieira).

7. **Investir** — TRANSITIVO, ou RELATIVO com a prepos. *com* no sentido de *accommetter, — investi-lo* ou *investir com elle.*

O touro arremette contra elle. Uma e muitas vezes o investe cego e irado (R. da Silva) — Investiram com os bésteiros que desordenadamente recuaram (R. da S., O. Velh. 65) — Investindo com elle a braços, o feriram no rosto (Aulete) — Succedendo de passar pela rua de St. Antão, dois mascaras a cavallo o investiram com zombarias e motejos... leva da espada e fere a Gonçalo Borges na refrega (L. C., Cam. 137) — Eis que o investe um grande peixe (A. V.) — Invistamos esta noite com os Felistheus, e desthronemo-los (A. P., 4 Reis XIV 36).

E' corrente, como attesta o Dr. E. Carneiro, se bem que não abonado em nossos diccionarios, o dizer-se — *investir ao, contra* e *para* (o touro).

8. **Responder** — rege *accusativo* daquillo que se responde, e *dativo* daquillo ou daquelle a que se responde — *responder isto* ou *a isto.*

O mouro responde estas palavras (Fr. Gaspar) — Ponho em papel o que de palavra lhe respondi (A. V., C. 2, 1) — Respondo ao restante da carta (Ib. 2. 88) — Acho-me com duas de vossa mercê a que responderei brevemente (Ib. 146) — E depois de lhe responder a certas perguntas... lhe mostrou a carta (F. M. P., Per. I. 163) — Então te responderemos a tuas perguntas (Ib.) — Ao que elle respondeu que era verdade (J. de B., Doc. II liv. 6. c. 5) — Respondendo ao officio de V. Exc., não pude responder á carta (A. H., C. 1.259, 234).

9. **Presidir** — rege de preferencia *dativo,* e raramente *accusativo,* embora se preste á inversão passiva.

requiria aqui o crescimento de uma planta, a cujos principios presidia (L. C.) — Afigura-se-lhe que leis immutaveis e harmonicas presidiam á revolução da humanidade (Id.) — O que presidia o congresso, respondeu (Ap. Moraes) — Aos aditos presido (A. C., Os Fast. 1. 19) — Póde tambem reger a prepos. *em*: Presidindo na igreja o papa Leão X (L. de S., V. do Arch. 1. 3. ap. E. Carneiro) —Sendo este o officio e obrigação do tribunal em que vossa senhoria preside (A. V., C. I. 179) — Sua dupla regencia já vem do lat.: *ut urbi praesiderent* (Liv.), *praesidere littus* (Tac.).

10. Satisfazer — TRANSITIVO E RELATIVO — *satisfazer o desejo* e *ao desejo, satisfazê-lo* ou *satisfazer-lhe*.

Esta preza o não satisfez (J. de B., Dec. 1. 93) —... o qual querendo satisfazer aos serviços, e ajudas que lhe o Conde D. Henrique tinha feito, não achou cousa mais digna... (Id., ib. 8) — Soube bem satisfazer sua tenção (Palm. I. 3) — Bastam os frios de Coimbra para satisfazerem á vontade de nossos amigos (A. V., C. I. 108) —El-rei viera satisfazer os odios de D. Leonor (A. H., J. e N. I. 227).

11. **Deparar,** do lat. *de* + *parare*. Moraes, seguindo a Bluteau, e Silva Tullio (em seus *Estudinhos*) a Moraes, e o Snr. Candido de Figueiredo a estes auctores, acham incorrecto dar a este verbo a accepção relativa de *deparar com*. Em seu Novo Dicc. diz C. de Figueiredo "*Deparar* — fazer apparecer. Apresentar inesperadamente: *deparou-me o acaso um amigo*. — Tem-se usado com a significação de *encontrar alguem* ou *alguma coisa, topar*, mas não é correcto". Mostra, entretanto, Heraclito Graça, em sua obra *Factos da Linguagem*, p. 141—153, que esse verbo admitte não só a accepção transitivo-relativo de Bluteau (*deparou-me a fortuna este homem*), perfilhada pelo Novo Dicc., mas ainda a accepção transitiva, e a relativa com a preposição *com*. Aulete e Domingos Vieira registram estas accepções.

Qual no mundo o santo que depara as coisas perdidas? (A. V., ap. Dicc. Contemp.) — Pedia ao padre Santo Antonio que lhe deparasse a cabra perdida (A. V., ib.) — Depara-nos a caça umas feras (Bluteau) — Oh! que se então meus olhos deparassem com o roubador (A. C., N. do Castello, c. 3, ap. F. da Ling.) — Deparou com uma perla o gallo um dia (Fab. liv. 1, fab. 20) — Deparamos por ventura ainda com algum Viriato...? (G., Catão, c. 5, sc. 7.ª) — Deparara co'esses paços da fada Altina (G. Ib. 4, 18) — Deparam com centos de homens cevados na leitura da antiguidade (C. C. B., Os Martyres, t. 1, p. 4. ap. Fact. da Ling.)

12. **Perdoar,** TRANSITIVO-RELATIVO, com accusativo da *coisa* e dativo da *pessoa*: *perdoar alguma coisa a alguem*.

perdoar-lh'a. No v. port. ia ás vezes a pessoa para accusativo, como acontece ainda hoje no fallar do povo — *perdoar o criminoso* por — *ao criminoso.* Na inversão passiva, tanto o accusativo como o dativo passam para o nóminativo-sujeito: *o criminoso* ou *o crime foi perdoado.*

Queria perdoar-lhe o rei benino (C.) — Quem lhe perdoará ? (C. C. B.) — Perdôo-te o mal que me fazes pelo bem que me sabes. (Prov.).

13. **Pagar,** egualmente TRANSITIVO-RELATIVO com *accusativo* da *coisa* e *dativo* da *pessoa*: *pagar a divida ao credor, pagar-lh'a.* — Na inversão passiva, tanto o objecto directo como o indirecto podem ir para sujeito: *a divida* ou *o credor foi pago.*

Invente-os você, se quizer, que para isso lhe pagam (C. C. B.) — Os gallegos ficaram em terra, para lhes pagar (C C. B., Noviss. Est., 325).

475. MUDANÇA DE REGENCIA. Nesta instabilidade regencial dá-se a frequente archaização de uma regencia e fixação de outra, do que damos em seguida algumas amostras.

1. **Perguntar** — só admitte hoje *accusativo* da coisa e *dativo* da pessoa: *perguntar alguma cousa a alguem.* No v. port. regia *accusativo* da pessoa:

En Santiago seendo albergado,
em minha pousada chegarom romeos,
perguntei-os e disserom (Vern. 98).

2. **Replicar** — dá-se com este v. o mesmo phenomeno que com o antecedente:

No figueiral figueiredo, a no figueiral entrei
eu la repricara : a mi fee nom irey (Ib. 34).

3. **Agradar** e seu composto *desagradar* eram usualmente, até o sec. XVII, transitivos *directos* e *indirectos,* regiam accusativo ou dativo da pessoa:

Aos que mais o seriam e o agradavam, pagava-lhe com a sua graça (A. V., S. 2. 81, ap. E. Carneiro) — Todos os outros titulos que damos a esta Senhora, lhe agradam muito (Id. II. 199, ib.).

Predomina hoje nos modernos escriptores de nota o *dativo*:

Muito lhe agradeço aspirar ir á egreja com quem a ama e lhe agrada (A. C., O Doent. 199).

4. **Haver** e **começar,** seguidos do infinito, admittiam no v. port. trez regencias: *haver* ou *começar, fazer, a fazer* e *de fazer*. Archaizou-se a primeira, e só o verbo *haver* esporadicamente apparece nos modernos escriptores seguido do infinitivo puro: "Como havia resistir-lhe, se ella pedia chorando (G. D.)" — Vingou a terceira em ambos (*haver* ou *começar de fazer*), e a segunda em *começar* (*começar a fazer*).

5. **Obedecer** e seu composto *desobedecer* regiam *dativo* e *accusativo* até Vieira:

Mas esta carta me encontrou de maneira que não pude deixar de a obedecer (A. V.) — Não fui eu o que a desobedeci (A. V., C. I. 18) — Contei este caso pollo meudo, porque se veja com quanto concerto (accordo) e recado (recato) fazem suas cousas e com quanta diligencia obedecem os seus mandados (Fr. Gaspar, ap. D. Vieira) — Hia outro Indio vestido de huma roupa douro, e seda, a palavra do qual o Elephante obedecia (D. de Goes, ib.) — Logo neste conselho lhe obedece (Franc. de Andrade, ib.) — Lugares montanhosos habitados de mouros que lhe não obedecem (D. de Goes, ib.) — Quem é este que o vento e o mar lhe obedecem? (qualis est hic, quia venti et mare obediunt ei?) (A. P., Math. VIII. 27).

Hoje emprega-se o *dativo* e é geralmente rejeitado o *accusativo*, apesar de admittir conversão passiva: *ser obedecido* ou *desobedecido.*

6. **Soccorrer** — era, ás vezes, seguido de *dativo* (*soccorrer-lhe*) com os nossos classicos, hoje domina o *accusativo* (*soccorrê-lo*).

As Virgens quero chamar que lhe queriam soccorrer (G. V.., ap. D. Vieira) —...quem pudesse não perder ponto de lhes soccorrer (A. Prestes, Autos 83, ib.) — Neste tempo vendo o gigante que os seus eram destroçados de todo, começou concertar na sella com tenção de os soccorrer e satisfazer sua ira (Palm., cap. 117) — Quasi tinham desamparado os postos por soccorrer o baluarte (J. F. de Andr. ap. D. Vieira) — Este que soccorrer-lhe não queria (Lus. 6. 48) — Hoje dizemos *soccorrel-os*, e *soccorrer-lhe as necessidades*, ou antes *soccorrel-o nas necessidades* (Dicc. de Moraes).

7. **Succeder** — Ao invés do antecedente regia este *accusativo* (*succedê-lo*) frequentemente, hoje prevalece o *dativo* (*succeder-lhe*).

Dom Theodorico que o succedeu (D. de Goes. ap. D. Vieira) — Succede-o outro Joaquim (A. P., IV R. XXIV) — Succede-lhe Joaccaz, e a Joaccaz succede Joaquim (Id., ib. XXIII) — Abulhasses succedera a seu pae no vasto imperio da Mauritania (A H., ap. Aulete).

8. **Resistir** — rege *accusativo* e *dativo*, porém, este vae predominando:

E' bom que eu ceda ao meu impulso actual, ou que o resista? (A. C., Faust. 43) — Crês tu que já não foram levantados contra seu capitão, se os resistira (C., ap. Aulete) — Será justo que lhes resistam os seus (A. V., S. 7. 84) — Como havia resistir-lhe, se ella pedia chorando? (G. D. ap. Aulete) — Resistir aos encantos da sereia não era facil (G., ib.).

CAPITULO XI

III. CONCORDANCIA

476. O processo syntactico de concordancia consiste na accommodação flexional do adjectivo, pronome e verbo com o genero, numero e pessoa grammatical do substantivo ou pronome, com que se coordenam.

477. Do latim herdaram o portuguez e as suas irmãs este processo syntactico; porém, como os outros processos, evolucionou este, desenvolvendo-se com o progresso analytico da lingua. No portuguez archaico a concordancia grammatical era, como no latim, simples; não tinha as subtis exigencias da lingua actual, o mechanismo complicado da grammatica hodierna (Vide Gr. Expos. C. Superior pag. 216—232).

478. SYLLEPSE. A certas anomalias deste processo dão os grammaticos o nome de *syllepse* (gr. *comprehensão*), quando a concordancia se opera não com o termo expresso, mas com um termo mental, diverso em genero ou numero, suggerido, aliaz, pelo expresso, p. ex.:

Vossa Excellencia é bondoso (homem bondoso). — gente... padeçam (Lus. 1. 38).

A concordancia sylleptica é, pois, o que se chama uma concordancia *ad sensum, latente* ou *semiotica*.

479. E' regra da grammatica expositiva que o predicado concorde em numero e pessoa com o sujeito, e que, portanto, o sujeito determine o numero e a pessoa do predicado.

Soffre esta regra duas violações: casos ha em que o sujeito no *singular* tem o predicado no *plural*, e outros em que o sujeito no *plural* tem o predicado no *singular*.

I. SUJEITO NO SINGULAR COM PREDICADO NO PLURAL.

480. 1.º Dá-se o primeiro caso com o sujeito *collectivo*. Não raro um sujeito representado por um substantivo collectivo no singular leva o predicado ao plural, visto que o collectivo é um *plural logico*, e isto se realiza, principalmente, quando a acção predicativa se apresenta ao espirito practicada por cada um dos individuos da collecção, antes que pela collectividade como um todo. Exs.:

Aqui dos Scythas grande quantidade vivem (Lus. 3. 9)
Se esta *gente* que busca outro Hemispherio
Cuja valia e obra tanto amaste,
Não queres que *padeçam* vituperio (Lus. 1. 38)

Povoam os degraus muita sorte de gente (Souza) — Estavam pegados com elle uma infinidade de gente (Id.) — Simão Mago appellidou um dia o povo para o verem subir aos céos (A. V.) — Grande parte, porém, dos membros d'aquella assembléa estavam longe destas idéas (A. H.) — A maxima parte dos homens morrem aos cincoenta annos (Dr. R. Vasconcellos) — Grande numero de insectos têm vida curtissima (Id.) — Dos cavallos que estavão na dianteyra, mais da metade vierão logo ao chão (F. M. P., Per. 1. 257) — Uma parte dos tributos despendiam-se nestas festas dissolutas (A. H., H. de Port., 7. 21).

O latim e o portuguez archaico eram mais sensiveis á acção logica do sujeito collectivo, do que o é a lingua actualmente:

Magna multitudo convenerant, turba ruunt, o povo traziam (M. Pinto) ; povoavam os degraus toda a sorte de gente.

Este phenomeno grammatical explica-se pelo facto que o povo antigo, no inicio, digamos assim, de sua evolução, naturalmente mais se impressionava com a realidade das coisas, do que com a subjectividade representativa das palavras. A concordancia, que assim se opera com a idéa plu-

ral, suscitada pela palavra no singular, se diz *logica* ou *mental;* todavia, percebe-se que a idéa se objectiva, ou reflecte directamente a realidade externa. Hoje não diremos mais com os nossos classicos — *o povo traziam.* O inglez, porém, que em muitos respeitos conserva o genio das linguas antigas, diz normalmente — *people say,* com o predicado (*say*) no plural e com o sujeito (*people*) no singular.

2.º Observa-se ainda esta anomalia nas phrases nominaes, quando o sujeito é representado por nome de coisa ou pelos pronomes neutros — *isto, isso, aquillo, tudo,* e o predicado nominal por um substantivo ou pronome no plural: — *O mundo são homens* (M. B.), *isso são ossos do officio.* Dá-se, como se vê, a attracção do predicado *nominal* sobre o predicado *grammatical,* e esta concordancia é mais commum, quando o sujeito é um pronome neutro, do que a regular (*isso são ossos do officio*). Sendo, porém, o sujeito um nome de pessoa ou ser vivo, não abdica o direito de evocar a si a concordancia verbal: *Ovidio é muitos poetas ao mesmo tempo.* (A. C.).

E tudo eram escusas (J. de B. Dec. I. 401) — Eram tudo memorias de alegria (Lus.) — Tudo isso sois vós ou é vós tudo isso, senhora minha? (A. C.) — A humanidade inteira são elles (A. C. Os Fast. I. 208) — Não são isto herdamentos de coração de trinta annos (A. C. Q. Hist. II. 6) — Tudo neste mundo parecem espinhos e dores (A. G. Dec. I. 108) — E' tudo flores (A. C. Os Fast. I., 7) — A sua carne de hoje era ainda vegetaes (A. C.) — O maior trabalho que tenho, é os pastores com quem trabalho (F. R. Lobo).

3.º Em port., como em lat., um sujeito no singular seguido de um complemento de companhia regido de *com,* leva frequentemente o verbo ao plural, quando exprime o complemento uma cooperação ou coordenação logica com o agente:

A Nancaa com todos os seus *ficaram* assaz espantados (F. M. P., Per. 2. 7) — Que eu co'o grão Macedonio e com o Romano *demos* logar ao nome lusitano (Lus. 1. 75) — Logo se poderão unir o seu grande cavalleiro com o seu christão (M. B., apud. M. Barreto) — O vingados de Felippe Osorio com o carcereiro chegaram sãos e salvos a Segóvir (C. C. B., ib) — Demosthenes cum coeteris in exilium erant expulsai (C. Nepos, ap. E. Carneiro).

II. SUJEITO NO PLURAL COM PREDICADO NO SINGULAR.

481. A segunda anomalia é a de estar o sujeito no plural e o predicado no singular; offerece ella varios typos syntacticos.

1.º O *primeiro* typo dá-se quando o sujeito plural, indicando quantidade ou tempo, é considerado em seu todo, e não em suas partes, como judiciosamente observa A. Tobler (Mélanges de Gr. Française, p. 298), p ex.:

Cinco mil libras é muito (A. H., Monasticon) ; dois capitulos é pouco ; quatro oitavos é a metade de um inteiro ; quanto é dois terços de um meio? é dois sextos ; falta muitos dias para os exames (Julio Ribeiro) basta os dictos que elle atira aos filhos e aos creados (Id.) ; dois annos em seu sexo é espaço de tempo apreciavel ; quatro ou cinco mil contos é somma consideravel.

Em todos esses exemplos o sujeito se apresenta ao espirito em seu todo, como uma unidade, e, por isso, queda-se o predicado no singular; desde que, porém, o espirito os encare em suas partes componentes, o predicado deve ir para o plural, p. ex.:

Cinco mil libras não foram pagas, dois capitulos não foram estudados, quatro oitavos foram contados, dois terços foram separados, faltam muitos dias para se concluir o praso, bastam as quotas com que elle tem entrado, dois annos são passados.

E' este um principio que domina em muitas linguas aryanas. Em grego o sujeito neutro do plural deixa o verbo no singular.

Em francez se diz: *Et deux ans dans son sexe est une grande avance* (Mél., ap. A. Tobler, p. 297); *quatre ou cinque mil écus est un dénier considérable* (Ib.). Do mesmo modo em inglez: *In Scandinavia, where, on an average, five years is devoted to French by young students preparing for the University* (Ib.).

O nosso dialecto popular leva esta corrente aryana mais longe do que o literario ; pois, como em francez e inglez, é frequente dizer-se em linguagem familiar : *Quanto é hoje? Hoje é sete — Que hora é? E' dez horas* (*il est dix heurs, it is ten o'clock*). Encontra-se por vezes reacção contra esses principios :

Obs. Chichelo de Judeo, assi como foste pantufo, que te custava ver uma bolsa com hum par de reales, que são bons para Escudeiro hypocrita : que *são* pouco e *valem* muito. (C. Obrs. 3. 7.).

2.º O *segundo typo* syntactico é-nos fornecido pelo sujeito composto de substantivos no singular, que, muitas vezes, quer anteposto, quer posposto ao predicado, deixa-o no singular concordando com o mais proximo. Este phenomeno ainda se observa em bons escriptores hoje, quando o sujeito é posposto e é nome de coisa:

Cantando espalharei por toda a parte, se a tanto me *ajudar* engenho e arte (C.) — Passará o céo e a terra (A. P.) — E' muda a dor e o goso (A. H.) — *Foge-me* a cor e a voz (A. C.) — Nasceu Jacob e Esau (A. V.) — Na estatuaria passou Phidias e Lysippe ; na pintura Timantes e Apelles ; na architectura passou Meliagones e Democrates ; na musica passou Orpheu e Amphion (Id.) — Deste modo entende S. Gregorio e outros muitos Padres aquillo do Salmista (M. B., N. Flor. 4. 347), ap. M. Barreto) — Por este signal saberá minha mulher e filhos o estado em que vim parar (Id., ib.) — Faltou-me o animo e a falla (C. C. B., N. de Lam. p. 26, ib.) — David, e a sua gente se retirou a lugares mais seguros (A. P. I Reis XXIV, 23)

3.º O *terceiro typo* nos é apresentado pelos pronomes pessoaes *nós* e *vós*, quando estão por *eu* e *tu*, os quaes, embora levem o predicado grammatical para o plural, podem, todavia, nas phrases *nominaes*, deixar no singular o predicado *nominal*: — Antes *sejamos breve que prolixo* (J. de B.). A *Gramatica de la Lengua Castellana, da Academia*, requer sempre no singular esse predicado nominal: *vos, D. Pablo, sois docto; vos, Clara, sois virtuosa.* Em portuguez egualmente, desde que se ponha claro, em vocativo, juncto ao verbo, o nome a que se refere o sujeito pronominal, o singular se impõe: — *vós, Clara, sois virtuosa*, e não *virtuosas*. Quando, porém, apenas se enuncia o pronome-sujeito, não repugna a muitos de nossos bons escriptores levar o predicado nominal para o *plural*.

Somos chegados com a historia aos annos do Senhor (Souza) — Somos chegados ao ultimo sonho de Xavier (A. V.) — Mui felizes nós (seremos) se fizermos numa ou noutra nota reconhecer a divina toada dessas canções inimitaveis (A. C.) — Estamos persuadidos de que, ao menos em grande numero destes, a conversa era fingida (A. H.) — A este digno official somos devedores pelo que nos tem auxiliado (L. C.)

III. Disconcordancia generica do predicado nominal com o sujeito.

482. Constitue ainda uma anomalia syntactica a discon-

cordancia generica entre o predicado *nominal* de certas phrases e o *sujeito*:

Cerveja não é bom para a saude — Pimenta é usado como estimulante — E' preciso cautela com semelhantes doutrinas (C. C. B., A filha do Dr. N., c. I. 27, ap. M. Barreto) — E' necessario uma licença para ella entrar (Id. A cav. do martyr, c. 13, 127) — E' necessario uma determinação invencivel (R. da S., A moc de D. J. V., t. III, 315).

Este phenomeno, como nos ensina K. Brugmann (Abr. de Gr. Comparée, p. 681) é aryano, ou das linguas indo-européas. E' elle observado tanto em grego como em latim: lat. *mors omnium rerum extremum.* Como se vê deste exemplo latino, o que em portuguez parece terminação masculina do adjectivo (*é preciso paciencia*), é realmente terminação neutra, e este adj. neutro transforma-se em substantivo, segundo Brugmann, e é empregado para indicar a categoria do conceito a que pertence o sujeito. Ao tractarmos mais adeante do genero do substantivo, daremos mais desenvolvimento a este ponto. (521, 4.°).

483. Outros typos de concordancia. O verbo *parecer,* seguido de outro no infinito, dá logar a uma dupla syntaxe de concordancia: *elles parecem estar doentes* e *elles parece estarem doentes;* no 1.° caso o verbo é pessoal e concorda com o pronome ou substantivo, que faz de sujeito, tornando-se o verbo infinito um predicado verbal ou completivo subjectivo; no 2.° caso é elle unipessoal, tendo por sujeito a clausula ou o verbo infinito. O 1.° caso filia-se no lat. (*videris mihi esse doctus*).

Syntaxe identica observa-se com o verbo *ver* e *ouvir* em phrases analogas: *Viam-se vagar negros vultos* e *via-se vagarem negros vultos, — ouviam-se soar vozes medonhas* e *ouvia-se soarem vozes medonhas.*

Viam-se *brilhar* dous olhos reluzentes e desvairados, n'um rosto disforme (A. H., Bob. 31) — Um dia ao romper do sol via-se ao longe.. *resplandecerem* as cumiadas das montanhas (A. H., Eur. 84) — Viam-se *negrejar* na sua cincta de estreitas cellas as vestiduras severas das monjas (A. H., Eur., 126) — Não é cousa de pasmar quando se ouvem *patrar* burros (A. C., ap. M. Barreto, Noviss. Est. 223) — Ouviu-se, a exemplo delle, em seu vasconço, os cortesãos *rugirem* (F. Elys.. ib.) — Sentiram-se então por toda a rua *abrir* portas e janellas, e soar vozes dos vizinhos (Souza, ib.) — Ouviam-se de noite umas vezes *soar* nella vozes medonhas e sentidas (Souza, ap. M Barreto).

CAPITULO I

PERIODO GRAMMATICAL

484. O conceito de *periodo, proposição, oração, sentença*, bem como de *phrase* e *discurso*, é vago em grammatica. A sua determinação e discriminação practica offerecem, por isso, serios embaraços. Todos esses termos teem um conteudo commum: são todos expressões verbaes do pensamento, e, digamo-lo mesmo, de pensamento completo.

A etymologia de cada um delles, nada nos diz que nos possa levar a determinar, com rigor, o seu valor significativo.

485. Periodo (gr. *peri* = *em torno, odos* = *caminho*) dá-nos etymologicamente a idéa de um caminho ao redor de um pensamento, e, provavelmente por isso, é que Chassang, procurando interpretar a vaga idéa fornecida pelo etymo, desconhece o *periodo simples*, e define o periodo grammatical como "uma phrase composta de varios membros ou proposições, cuja reunião fórma um sentido completo".

486. Proposição (lat. *pro* = *deante, positionem* = *posição*) traz-nos a idéa etymologica de alguma coisa que se põe deante do espirito para se analysar e discutir. E' termo importado da logica philosophica, e, ainda mal, como pondera Mason e Ayer, que se tenha importado com elle o seu valor philosophico, que não se ajusta ao conceito grammatical, como abaixo veremos.

Oração (lat. *orationem*) transmitte-nos apenas do latim a idéa de discurso — *oratio Ciceronis*, discurso de Cicero. E' usado na technologia grammatical como synonymo de proposição.

487. Sentença (lat. *sententia* = *decisão*) apenas nos suggere, no seu uso grammatical, a idéa vaga de uma declaração. E' uma expressão ordinariamente empregada, no dominio da grammatica, como synonymo de proposição e oração.

488. Quanto á PHRASE (gr. *phrasis* = *dicção, elocução*), luctam os glottologos por lhe fixar o valor significativo, e esta incerteza reflecte-se naturalmente em toda a literatura grammatical.

489. Em relação a DISCURSO (lat. *discursus* = *conversação, practica*), tão pouco podemos colher em seu etymo elementos para precisar o seu valor technico grammatical.

490. A difficuldade, porém, de se fixar, com rigor e precisão, o valor significativo desses termos, não está na impericia dos grammaticos, mas na propria natureza do objecto, que é a determinação dos diversos aspectos ou modalidades do pensamento estampado na phrase. Ora, o pensamento, na incessante actividade do espirito, é vário, movel, irrequieto, como as ondas do mar. Photographá-lo, pois, na palavra é necessariamente tirar delle uma imagem indistincta, nebulosa, embaçada. Demais, são estreitos os moldes da linguagem humana para conter o impeto e a amplitude do pensamento. Força, pois, nos é contentar-nos com definições approximadas, e acceitar o *usus loquendi*, procurando apenas evitar desnecessarias confusões.

CAPITULO II

DEFINIÇÕES E DISCUSSÃO

491. DEFINIÇÕES E DISCUSSÃO. Desses diversos aspectos da expressão verbal do pensamento, daremos em seguida definições, mencionando as difficuldades acerca de cada uma dellas.

492. PERIODO GRAMMATICAL é a expressão de um pensamento completo, considerada como o *continente* das proposições. Se o conteudo do periodo é uma proposição simples, o periodo é *simples;* se é composta, o periodo é *composto;* se complexa, é *complexo.* EXS.:

a) **Periodo simples :** Pela bocca se aquece o forno.
b) **Periodo composto :** Morrem barbas, apparecem cartas.

c) **Periodo complexo :** Quando vires arder as barbas do teu visinho, deita as tuas em remolho.

d) **Periodo composto e complexo :** Quem bem está e mal escolhe, por mal que lhe venha, não se anoje

Como se vê, cada uma dessas designações se applica egualmente á proposição, e muitos grammaticos deixam de mencionar, por inutil, o periodo grammatical. Todavia, ha vantagem, para clareza na exposição dos factos grammaticaes, de conservarmos tal denominação, pois ella nos apresenta um aspecto particular da phrase, uma secção especifica do discurso.

Porém, a delimitação dessa secção especifica no seio do discurso é vária, não só quanto ás épocas da lingua, senão tambem quanto aos escriptores ou oradores. Em nossos classicos antigos são geralmente longos e cheios de circumstancias os periodos grammaticaes; modernamente são mais curtos ou breves, e a sua extensão maior ou menor depende do estylo do escriptor.

Materialmente, sua divisão no seio do discurso se faz por uma pausa mais longa na linguagem fallada, e, na escripta, pelo *ponto-final*, e, ás vezes, pelo *ponto-de-interrogação* ou *exclamação*.

Syntacticamente não se póde estabelecer regra segura, senão apenas dizer que não se separam em periodos diversos proposições, que exprimem pensamentos intimamente relacionados, ou que reciprocamente se reclamam, maximamente as proposições subordinadas em relação ás principaes. Assim, embora independentes, não se podiam constituir em periodos grammaticaes distinctos as seguintes proposições:

Vim, vi, venci — Come caldo, vive em alto, anda quente, viverás longamente — O mundo moderno depende do Calvario ; a sua origem foi na raiz da cruz ; mais tarde ou mais cedo os povos, que se formaram, vieram ali fundir-se e regenerar-se (R. da S.).

Estas noções comesinhas não as possuiam, em geral, os nossos classicos quinhentistas, pois encontramos em alguns delles, a miudo, divisões absurdas deante de nossa actual concepção do periodo grammatical.

493. PROPOSIÇÃO, ORAÇÃO OU SENTENÇA, é a expressão de

um pensamento, a enunciação de um facto, cujo sentido é ou não completo, (conforme for a proposição independente ou subordinada, total ou parcial). Em outros termos, proposição é uma ou mais palavras que contem uma declaração qualquer.

494. A definição, geralmente adoptada pelos nossos grammaticos, de que — *a proposição é um enunciado do juizo,* é tomada á logica escholastica, e justamente criticada por C. Ayer, como defeituosa por deficiente. De facto essa definição philosophica não se ajusta ao conceito grammatical, porquanto muitas proposições grammaticaes existem que não são propriamente a enunciação de um juizo, p. ex.: as *imperativas* (*trabalhae*), as *optativas* (*seja feliz*), e as *subordinadas* (desejo — *que elle vá*). Tal definição, pois, encerra uma confusão mui frequente entre a logica philosophica e a syntaxe grammatical. A logica da lingua, como pondera Bréal, não é propriamente a da philosophia.

495. Clareado este ponto, ficam ainda de pé certas difficuldades analyticas quanto á discriminação das orações no periodo, quanto a saber-se até que ponto a palavra isolada ou agrupada constitue propriamente uma oração.

Ha, por certo, um criterio geralmente adoptado — a existencia dos termos, chamados por isso essenciaes, *sujeito* e *predicado.* Porém, este criterio não resolve, em absoluto, o problema, pelas seguintes razões:

a) Em primeiro logar, as fórmas nominaes dos verbos pelo seu caracter duplo de nomes e de verbos, trazem duvidas na discriminação analytica das orações, p. ex.: *posso estudar, devo ir, acertamos de chegar, estão trabalhando, estive a fallar; tendo o orador acabado o discurso, desceu da tribuna; Cesar, passando o Rubicon, marchou sobre Roma.* Existem nessas phrases uma ou duas orações? As opiniões por vezes divergem: a analyse vacilla.

b) Em segundo logar, negam muitos ás orações dos verbos impessoaes (*chove, troveja, amanhece*) a existencia de qualquer sujeito; são orações *sem sujeito,* são factos em si completos, que não reclamam agente. E os que assim opinam são, muitas vezes, auctoridades na materia.

Porém, com a mesma razão e identicos raciocinios poderiamos negar que o predicado fosse, em absoluto, elemento essencial, pois que existem muitas orações *sem predicado.* Quem ousa, por exemplo, desconhecer que no parallelismo de nossos proverbios, nas expressões syntheticas de nossos anexins, a ausencia do verbo não impede que haja nelles uma *declaração formal,* que é, em ultima analyse, a essencia de uma proposição grammatical? Exs.:

Muito riso, pouco siso — Nem tanto ao mar, nem tanto a terra — Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso — Do bom tudo, do ruim nada — A cavallo roedor, cabresto curto.

Independentemente das phrases proverbiaes, a lingua se presta a estas construcções de *predicado latente ou indeterminado.* Exs.:

Vós por outrem, e eu por vós.
Vós contente, e eu penado;
Vós casada, e eu cansado,
Polos santos de minha dona. (C., Obrs. 3. 65).

No mar tanta tormenta, e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra e tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida! (C.)

Discursos inteiros se teem composto sem a presença de um só verbo ou predicado. Sirvam de exemplo os primeiros periodos de um engenhoso discurso, feito neste proposito, pelo illustre bispo do Pará, D. Antonio Macedo Costa:

"Primeira regra de estylo, uma das principaes e por ventura mais esquecida de todas: naturalidade, por opposição a affectações ridiculas.

Quanto auctor no galarim da fama, réo deste grande delicto; e quantos oradores, aliás dignos de encomios pelos dotes singulares de seus engenhos e imaginação, responsaveis, perante a critica sisuda, por falta de uma nobre simplicidade no estylo e boleio de suas phrases?

Muita attenção, orador noviço, para este ponto capital.

Nada de ornatos superfluos, nada de epithetos tão frequentes, apegados, como parasitas, a cada palavra; miseravel ouropel, por cima de pensamentos muitas vezes ôcos e sem solidez alguma, só para engano da vista de espiritos superficiaes ou de mau gosto.

Um brilho phosphorescente, e um deslumbramento passageiro, como de um fogo de artificio, tal o unico merito desses campanudos oraculos do pulpito christão..."

Destes phenomenos da lingua concluimos que não existe um criterio seguro, uma regra uniforme para a divisão das orações no seio do periodo, assim como nos fallece o mesmo elemento para a divisão dos periodos no seio do discurso (Vide *Gr. Expos., C. Superior,* sobre o periodo grammatical, p. 267).

496. PHRASE é a expressão do pensamento em sua generalidade, sem qualquer limitação de sentido completo ou incompleto; vae desde os grupos logicos de expressão até o agrupamento das proposições no periodo grammatical.

Este é o sentido mais commummente recebido no dominio da grammatica.

497. DISCURSO é, na esphera grammatical, a expressão ampla e total do pensamento, que encerra as expressões contidas nos periodos.

CAPITULO III

PERIODO COMPOSTO E COMPLEXO

498. As PROPOSIÇÕES, no seio do periodo composto e complexo, formam agrupamentos logicos de *coordenação* e *subordinação,* semelhantes aos termos logicos (*sujeito, predicado* e *complemento*), no seio da propria proposição. Ellas, portanto, representam, *mutatis mutandis,* o mesmo papel syntactico com relação umas ás outras, que os seus respectivos membros em suas correlações, e deste modo se caracterizam quanto a suas funcções, como abaixo veremos.

499. Como os seus membros, ellas ainda se coordenam e subordinam:

a) A *coordenação* das proposições opera-se do mesmo modo que a de seus membros, *syndetica* e *asyndeticamente,* segundo se acha expresso ou não o connectivo, isto é, a conjuncção, p. ex.: *vim, vi e venci — desejo que estudes, apprendas e sejas feliz.* Nestes dois exemplos a segunda se coordena asyndeticamente á primeira, e a terceira syndeticamente á segunda.

b) A *subordinação* opera-se, em geral, por meio de particulas especiaes, que são as *conjuncções subordinativas*, e os *adverbios, pronomes* e *adjectivos* chamados *conjunctivos*, pela funcção especial de conjunctar proposições, p. ex.: quero *que vás*, dize-me *quando vens*, sei *onde estás*, sempre apprende o menino *que estuda*, não conheço o assumpto *do qual tractas*.

A *subordinação* dos membros da proposição isto é, dos nomes que se acham em relação complementar, opera-se por meio das *preposições*, salvo o caso do objecto-directo; e, como as fórmas do infinito, são *nominaes*, segue-se que as *orações infinitivas* podem ser subordinadas por meio de *preposição*, p. ex.: *Educa teus filhos para serem felizes — Em amanhecendo o dia, levanta-te.*

CAPITULO IV

CLASSIFICAÇÃO DAS PROPOSIÇÕES

500. As proposições do periodo grammatical, dividem-se, quanto a suas funcções, em *independentes, principaes* e *subordinadas*.

I. Independentes.

501. *Independentes* são as que, ou isoladas no periodo simples, ou coordenadas no composto, exprimem pensamento em si completo, embora possa haver, muitas vezes, no conjuncto da phrase, certa relação ou dependencia logica, como se póde ver nas seguintes orações coordenadas: *vim, vi, venci — estudou, logo sabe.* A independencia grammatical, porém, de orações coordenadas, se caracteriza pela *juxtaposição* ou *collateralidade* da proposição (asyndeton), como em — *vim, vi, venci — veni, vidi, vici,* ou pelas *conjuncções coordenativas* (syndeton), como em — *eu entrei e elle sahiu, ou elle vem ou elle vae.*

Ha trez casos especiaes das orações independentes, que mostram frisantemente a differença que ha, amiudadas vezes, entre as relações logicas e as relações syntacticas, entre a logica e a grammatica.

1.º O primeiro caso dá-se nas *citações*: *Elle declarou*: *"Estou prompto"*, e — *Elle declarou que estava prompto.* E' evidente que o sentido das duas phrases é o mesmo, e que as relações logicas do duplo pensamento nellas contido são as mesmas. Syntacticamente, porém, temos uma *coordenação* na primeira phrase, e uma *subordinação* na segunda, por intermedio da subordinativa *que*. Na primeira phrase temos um periodo *composto*, e na segunda um periodo *complexo*.

2.º O segundo caso, semelhante a este, dá-se com as orações *intercaladas*: — *Faze, disse elle, este favor.* Esta phrase se reduz á primeira do paragrapho anterior — *Disse elle*: *"Faze este favor"*. Logo temos ahi um periodo composto com duas orações independentes.

3.º O terceiro caso realiza-se com certas orações em *apposição*, introduzidas pelo relativo composto (*o que*), p. ex.: *Elle portou-se mal, o que muito me entristeceu.* Considera Mason a segunda oração (*o que muito me entristeceu*) como uma independente coordenada pelo *o que* = *e isto;* discorda Ayer desta analyse, classificando-a de subordinada *relativa indirecta*. O que parece claro é que realmente aquelle *que* (*o que*) é um pronome relativo neutro, que tem por antecedente o pronome demonstrativo neutro — *o*, o qual se acha em apposição á oração antecedente, e se refere a todo o seu sentido. Levada a analyse a estes termos, e separados os dois elementos — *o* e *que*, a oração (*que muito me entristeceu*) apresenta-se com um caracter franco de *subordinada relativa*. Tomados os dois elementos conjunctamente, a *coordenação* da segunda proposição se offerece ao espirito pela equivalencia, no caso presente, de *o que* = *isto*. Todavia, parece-nos que o grammatico suisso, em sua analyse, cinge-se com mais rigor aos processos syntacticos da lingua, do que Mason.

II. Principaes.

502. As orações independentes, de que tractámos no paragrapho antecedente, assumem duas fórmas, — uma *simples* e outra *complexa*.

a) A independente simples é aquella em que existe um só verbo ou predicado, como: — *O habito não faz o monge.*

b) A independente *complexa* é a que tem mais de um verbo ou predicado, e, conseguintemente, é constituida por um agrupamento de orações, de modo tal que uma tenha o sentido principal, e a outra ou outras, um sentido secundario, subordinado áquelle, p. ex.: *Peço-te que venhas e me soccorras.* — *Eu sahia, quando elle chegava,* etc. — *Peço-te, eu sahia,* teem o sentido principal, e, por isso, são chamadas *orações principaes; que venhas e me soccorras, quando elle chegou,* teem sentido secundario, e são ligadas á principal por particulas subordinativas — *que* e *quando* sendo, por isso, chamadas *orações subordinadas, secundarias* ou *dependentes.*

Succede frequentemente que uma subordinada tem outra subordinada sob sua dependencia, p. ex.: *Peço-te que venhas, logo que puderes. Logo que puderes* — está subordinada, por meio da conjuncção subordinativa — *logo que,* á proposição antecedente — *que venhas,* e esta, por sua vez, está subordinada á principal, por meio da conjuncção subordinativa — *que.* E assim se poderão agrupar muitas orações subordinadas. Aquellas a que estas se subordinam, dizem-se *subordinantes*: *a principal* é a primeira subordinante.

A oração *complexa,* portanto, é uma oração *total* independente, constituida por orações *parciaes* ou *clausulas,* sendo uma principal e as outras subordinadas. A principal, porém, é evidente, não tem em si sentido cabal ou independente, este sentido se acha no todo complexo.

A oração complexa, que fórma um todo independente, póde coordenar-se syndetica e asyndeticamente com outra independente no periodo composto. A *coordenação* póde ainda dar-se com as principaes entre si, quando teem subordinada commum (*quero e ordeno que estudes*), ou com as subordinadas entre si (*quero que estudes e sejas feliz*).

III. Subordinadas.

503. As *subordinadas* são orações *parciaes* ou clausulas subordinadas, que desempenham, no seio da oração *total*

ou *complexa*, o papel de *sujeito*, *predicado* e *complemento*. E como o *substantivo*, o *adjectivo* e o *adverbio*, ou seus equivalentes, são os que exercem essas funcções no seio da proposição simples, segue-se que as subordinadas são na oração *total* equivalentes a um *substantivo*, *adjectivo* ou *adverbio*. Dahi a sua classificação fundamental em trez especies ou clausulas: *substantiva*, *adjectiva* e *adverbial*.

1.º CLAUSULA SUBSTANTIVA é a que, equivalendo a um substantivo, exerce na oração total ou complexa a funcção syntactica desta categoria grammatical, isto é, de — *sujeito*, *predicado* e *complemento objectivo*, *terminativo* e *attributivo*. Donde a sua subdivisão em — *subjectiva*, *predicativa*, *objectiva*, *terminativa* e *attributiva*.

a) CLAUSULA SUBSTANTIVA SUBJECTIVA: Convem *que* estudes — E' necessario *que trabalhes* — E' incerto *quando* virá — E' verdade *que elle está muito mudado* — Parece *que vae chover* — E' preciso *ter paciencia* — Custa *crer* — Convem *saber* — Parecia *serem felizes*.

Obs. O velho portuguez, como já temos visto, regia alguns desses sujeitos oracionaes do infinitivo com a preposição DE ou A, e alguns escriptores modernos ainda seguem esta regencia antigrammatical, como vimos, tractando da regencia. — Cumpre ainda observar que em muitas orações do verbo *ser* dá-se perfeita equivalencia entre o *sujeito* e o *predicado*, p. ex.: *A riqueza de um paiz é a uberdade do solo = a uberdade do solo é a riqueza de um paiz.*

b) CLAUSULA SUBSTANTIVA PREDICATIVA: Educar é *lançar no espirito a semente do bem* — Elles parecem *que estão doentes*.

Obs. Como se vê, a oração predicativa não faz de predicado *grammatical*, mas de *nominal* (*oracional*), e é *substantiva* e não *adjectiva*, porque o presente do infinitivo tem o valor de um nome substantivo e não de adjectivo

c) CLAUSULA SUBSTANTIVA OBJECTIVA: Quero *que estudes* — Não sei *quando virá* — Pergunto *se sabem a lição* — Indaga *como vae elle* — Creio *ir elle bem* — Julgo *estarem estudando* — Affirmam *correrem boatos desagradaveis* — Tenho medo *que elle venha* — Estou com esperança *que tudo vá bem* — Elle é de opinião *que fiques*.

Obs. São estas proposições tambem chamadas *completivas* ou *integrantes*, pois que ellas vem completar ou inteirar o sentido do verbo transitivo. Divide Bourciez em trez classes os verbos que em latim se fazem seguir dessas proposições: 1.ª v. *intellectivos* = *dizer*, *crer*, *saber*, *julgar* (*dico*, *credo*, *scio*, *puto*); 2.ª v. *affectivos* = *alegrar-se*, *sentir*, *admirar* (*gaudeo*, *doleo*, *miror*); 3.ª v. *volitivos* = *querer*, *rogar*, *ordenar*

(*volo, rogo, jubeo*). Todos esses verbos no latim classico podiam ser acompanhados de um infinitivo, que tivesse por sujeito um accusativo, que originalmente se relaciona como objecto directo do verbo principal: *Credo terram esse rotundam* = *creio a terra ser redonda* (creio ser redonda a terra). Já nesse periodo classico se construiam os v. *affectivos* com a particula *quod*, que indicava a causa (*gaudo quod valeo*); os verbos *volitivos* com *ut, ne, quominus* (*volo ut mihi respondeas* ou *volo mihi respondeas*). A grande mudança, como observou o mesmo auctor, no phrasear do povo, deu-se com os v. *intellectivos*, pela substituição da proposição infinita por uma outra do modo finito introduzida pelo conjunctivo *que* (*quod*), dando assim mais relevo á expressão (*credo quod terra est rotunda* = *creio que a terra é redonda*). Estudaremos este phenomeno, quando, mais adeante, tractarmos da evolução das proposições.

d) CLAUSULA SUBSTANTIVA TERMINATIVA: Elle se dispõe *a trabalhar* — Preciso *de que venhas* — Tenho precisão *de que me procures* — Estou com a esperança *de que tudo vá bem*.

e) CLAUSULA SUBSTANTIVA ATTRIBUTIVA: Compre pó *de limpar dentes*—Conheço á agulha *de marear* — E' elle homem *de causar medo*.

2.º CLAUSULA ADJECTIVA é a que, equivalendo a um adjectivo qualificativo, exerce a funcção syntactica desta categoria, isto é, de *attributo*, em relação a um substantivo ou pronome da oração subordinante. E' ella sempre ligada a esse termo *antecedente*, pelo pronome ou adjectivo conjunctivos, regidos ou não de preposição. Exs.:

Guarda-te d'homem *que não falla*, e de cão *que não ladra* — Não é pobre o *que tem pouco*, senão o *que cobiça muito* — Quem me quer bem, diz-me o *que sabe* e dá-me o *que tem*.

3.º CLAUSULA ADVERBIAL ou *circumstancial* é a que, valendo por um adverbio, exerce a funcção syntactica dessa categoria grammatical, isto é, a de complemento circumstancial de algum termo da clausula subordinante. E como são varias as circumstancias expressas pelos adverbios nas orações simples, assim são egualmente as circumstancias expressas pelas clausulas adverbiaes na oração complexa. Ellas se dividem, pois, em tantas classes quantas forem essas circumstancias, e se ligam ao termo modificado da clausula subordinante por *conjuncções subordinativas* e *particulas* equivalentes (pron., adj. e adv. conjunctivos), e, quando infinitivas, por preposição adequada.

a) CLAUSULA ADVERBIAL TEMPORAL: *Quando os doentes bradam*, os physicos ganham.

b) CLAUSULA ADVERBIAL LOCAL: *Onde força não ha,* direito se perde.

c) CLAUSULA ADVERBIAL CONDICIONAL: *Se queres ser bom juiz,* ouve o que cada um diz.

d) CLAUSULA ADVERBIAL CONCESSIVA: *Ainda que sou tosca,* bem vejo a mosca.

e) CLAUSULA ADVERBIAL CAUSAL: Não digas mal d'el-Rey, nem entre dentes, *porque em toda parte tem parentes.*

f) CLAUSULA ADVERBIAL FINAL: Anda o homem a trote, *por ganhar capote.*

g) CLAUSULA ADVERBIAL MODAL: *Como me cresceram favores,* me cresceram as dores.

CAPITULO V

DESENVOLVIMENTO HISTORICO DE ALGUMAS PROPOSIÇÕES

504. As orações subordinadas do infinito, com sujeito no accusativo, subjectivas e objectivas, do latim classico, como *Phœdrum servum fuisse dicitur* = *conta-se ter sido Phedro escravo,* e *Democritus dicit innumerabiles esse mundos* = *Democrito diz serem innumeraveis os mundos,* guardaram em portuguez este typo, e desenvolveram um outro do modo finito com a conjuncção *que*: *Conta-se que Phedro foi escravo — Democrito diz que são innumeraveis os mundos.*

O desenvolvimento desse typo conjunccional prende-se á b. latinidade, por influencia da Vulgata, segundo Diez. Nesse periodo apparecem taes orações ligadas pelas conjuncções — *quod, quia, quoniam.*

A Vulgata, que contem a traducção em latim do Novo Testamento grego, effectuada por S. Jeronymo no sec. IV da E. C., recebeu neste ponto influxo do original grego, onde, segundo o auctor supracitado, o accusativo com o infinitivo é já raro, sendo substituido pela particula connectiva ὅτι = *quod.* Lê-se na Vulgata, p. ex.: *audiret quod regnabat* = *ouvira que reinava* (ὁτι βασυλευει); *cœpit dicere ad illos quid hodie impleta este hæc scriptura* = *começou a dizer-*

...es que hoje se cumprira esta escriptura, — viderat quoniam illusus esset =*vira que estava enganado.* Nestas phrases o *quid* e *quoniam* latinos são traducções do ὅτι grego.

Este processo, accrescenta o illustre romanista citado, communicado ao latim, já se observa empregado com frequencia em escriptores como Petronio (*scio quod, vides quod, dico quod*), e nos mais antigos documentos. E', pois, um processo da baixa latinidade, que tem suas raizes na linguagem popular. A conversão da oração infinitiva em conjunccional deveu produzir-se mui facilmente em virtude da tendencia geral de decompor as expressões simples ou syntheticas em locuções periphrasticas ou analyticas (Gr. de L. Rom. III. 915). A partir de Cicero, como nos ensina Bourciez, era já frequente tal transformação em auctores tachados de vulgarismo: *Renuntiaverunt quod Pompeium in potesta te haberent* (Bell. Hisp. 36, ap. B).

505. Evolvida a proposição infinitiva latina em conjunccional, produziu-se, com certos verbos, uma construcção anômala, que consiste, segundo A. Tobler, na fusão entre uma oração *substantiva* e uma *adjectiva*, p. ex.: *São estas as leis — que elle ordenou — que fossem promulgadas.* A oração substantiva objectiva — *que fossem promulgadas* funde-se, de certo modo, com a relativa ou objectiva — *que elle ordenou*, cujo pronome relativo *que* é o que *logicamente* a introduz como seu connectivo e sujeito. O *que* da oração objectiva, que ahi apparece, é uma conjuncção, resultante de se haver convertido a oração infinitiva latina em cunjunccional, o que não impede a anomalia desse typo phraseologico, no qual o pronome relativo introduz de facto duas orações (cf. *são estas as leis que elle ordenou serem promulgadas*). Felizmente a lingua facil e frequentemente se desembaraça pela ellipse dessa conjuncção, que já de si fraca, o é ainda mais pela dupla funcção que evoca o pron. relativo: *são estas as leis que ordenou fossem promulgadas.*

506. As orações infinitivas não podem, em regra, ser ligadas á sua subordinante por conjuncção subordinativa, adverbio ou pronome conjunctivo, visto serem constituidas

por fórmas nominaes do verbo, equivalentes ao nome substantivo, e, portanto, só admittirem a regencia de preposições, particulas destinadas a reger o substantivo, v. gr.: *estuda para apprender, acabou de estudar a lição.*

Entretanto, apparecem certas orações infinitivas ligadas por conjuncções subordinativas, adverbios e pronomes conjunctivos (*que, quando, como, onde*): *não sei que dizer, tenho que fazer, guarda que comer, não guardes que fazer, ignoro por que estudar tanto, pergunto para que tanto afadigar-me, não sei quando partir, sei como principiar, ignoro onde encontrá-lo.* Desfazem alguns esta anomalia grammatical suppondo uma dupla ellipse — de um termo antes da particula subordinativa, e do verbo *poder* ou *dever* depois no modo finito: *não sei coisa que deva dizer, tenho coisa que possa fazer, guarda o que comer, não guardes o que fazer, ignoro a causa por que deva tanto estudar, não sei o tempo quando possa partir, sei o modo como devo principiar, ignoro o logar onde posso encontrá-lo.* Deste modo fica tudo normalizado. Porém, tal analyse inventada *ad hoc* não resolve historicamente o problema. A solução no-la dá Bourciez por um *cruzamento* syntactico entre a phrase latina *nescio quid dicam* (*não sei que diga*) mentalmente approximada de outra phrase latina *nescio dicere* (*não sei dizer*), resultando da fusão um typo syntactico novo **nescio quid dicere* (*não sei que dizer*). O *que* dessas phrases é, pois, historicamente o pronome interrogativo (*quid*), que apparece na interrogação indirecta — *não sei que dizer* (*nescio quid dicere*). Estabelecido o novo *typo phraseologico na interrogação indirecta,* diffundiu-se promptamente para as outras expressões (*tenho que fazer*), comprehendendo alguns adverbios conjunctivos (*sei quando, como e onde principiar*).

507. As proposições interrogativas indirectas apresentam-se sempre no periodo com sua subordinante expressa: *Dize-me se tu és romano* (*dic mihi si tu romanus est*). O mesmo, porém, não acontece com a interrogativa directa (*Que fazer? quem está ahi? onde está elle?*) E para pormos clara a subordinante torna-se mister convertê-la em *indirecta — dize-me* ou *pergunto quem está ahi.* Segue-se

que a interrogativa directa tem o caracter grammatical de independente no periodo.

Entre estas desenvolveu-se uma interrogativa directa dubitativa, que, se bem que rara, se encontra em alguns escriptores, e tem o seu typo no lat., p. ex.:

Se todos os homens serão assim? (G. Viag. 2.286) — Se viverá (o odio) além do tumulo? (R. da S., Od. Velh. III, 88) —Si ergo videritis Filium hominis ascendentem ubi erat prius? (Vulg. J. 6. 63). Sicut juravi in ira mea: Si introibunt in requiem meam.

508. A *clausula adverbial condicional* subordina-se, em regra, á clausula *principal hypothetica* pela conjuncção *se*, e de ordinario a ella precede: *se elle se movesse, morreria*. Em relação ao modo de se relacionarem, estas clausulas offerecem trez typos logicamente equivalentes.

1.º O primeiro typo é o regular, em que apparece a subordinativa condicional *se*, podendo a correlação dos tempos assumir varios aspectos:

Se a vira, não o mataram (C.), se a visse, não o matariam; se a tivesse visto, não o teriam matado; se a vir, não o matarão; se a vê, não o matam.

2.º No segundo typo a subordinação se faz pela mera posição das orações:

Houvera elle lido os modelos da antiguidade, fora mais correcto (ap. Diez); houvesse elle lido os modelos da antiguidade, teria sido mais correcto; lesse elle os modelos da antiguidade, seria mais correcto.

3.º O terceiro typo apresenta um certo caracter de anormalidade pelo apparecimento da coordenativa *e*, introduzindo a clausula *hypothetica*: *Lesse elle os modelos da antiguidade, e seria mais correcto.* A presença da conjuncção coordenativa embora não destrua a subordinação logica da clausula condicional, tira-lhe, todavia, o caracter de subordinação grammatical, impossibilitando o apparecimento da conjuncção subordinativa *se*.

Se houveras estado aqui, não morrera meu irmão (A. P., Joa. XI, 21) — si fuisses hic, frater meus non fuisset mortuus) — Se este não fôra criminoso, não t'o entregaramos nós (Id., ib. XVIII 30) —(si non esset hic malefactor, non tibi tradidissemus eum) — Fosse articulada por outrem, e a consciencia do magistrado... hesitaria em rejeitar — (Ruy Barbosa, C. á Nação) — Não fosse a minha campanha destes quatro annos contra ella, e... o que me estaria acontecendo era não poder conciliar o somno com as serenatas desta tuna (Ib.) — Chamasse-lhe eu poeta, e logo a tinha immensa (A. C., O Mis. 38).

Nota. Quando estudarmos as conjuncções subordinativas, examinaremos mais algumas clausulas subordinadas.

SYNTAXE HISTORICA DAS PALAVRAS VARIAVEIS E INVARIAVEIS

CAPITULO I

SUBSTANTIVO

509. O SUBSTANTIVO que é a primeira na ordem das categorias grammaticaes, origina-se da generalização dos attributos dos seres. A noção do appellativo não é mais do que a reunião mental de certas qualidades apprehendidas pelos nossos sentidos, e applicadas a todos os seres de uma classe. Fallece-nos, como já o dissemos, meios intellectuaes para apprehendermos directamente o *substratum* ou a substancia dos seres, e só os conhecemos pelas suas qualidades ou attributos phenomenaes. Póde, pois, o substantivo ser concebido como a synthese das qualidades sensiveis, que determinam a sua *comprehensão*. Uma dessas propriedades ou qualidades sensiveis mais proeminente e caracteristica, terá sido o ponto de partida ou a origem dos nomes substantivos com que designamos hoje as diversas classes de seres, que conhecemos. Assim, p. ex., *terra* (por **tersa*) é, segundo Bréal, o feminino de um antigo adjectivo, e significa literalmente — *o secco* (*la sèche*); é, pois, a qualidade proeminente que contrastava este elemento com o outro donde surgia — *o mar*. Por sua vez *mar*, segundo Corssen e Curtius, vem do sânskrito *maru*, que significa — *o deserto, o elemento morto, esteril* (E. Littré). Egualmente *oceano* tem origem adjectiva, é de origem vedica, e significa originariamente *o que rodeia* (*entourant, enserrant*), como ensina Littré. Deste valor adjectivo dá ainda testemunho o v. port.:

Em todo o mar oceano occidental está nossa Europa (Barros, Dec. 1, 3) — Valor este que lhe veio do latim: Cum legione setpima proximus mare Oceanum in Andibus hiemaret (Caes., D. B. C. 3. 72).

510. Do que ficou dicto, conclue-se, como pondera Dar-

mesteter, que a differença entre o substantivo e o adjectivo não é absoluta, e tanto assim é que os grammaticos romanos constituiam de ambos uma só categoria — *o nome* (*nomem substantivum et nomen adjectivum*). Este caracter attributivo inicial do substantivo torna-se proeminente nos substantivos *abstractos* (*brancura, belleza, rapidez*), que logicamente outra coisa não são que adjectivos em fórma de substantivo, isto é, qualidades abstrahidas dos seres, e consideradas mentalmente em separado. A propria formação de muitas dessas palavras já o estão indicando: *branco* + *ura, bello* + *eza, rapido* + *ez*.

Este facto fundamental determina uma consequencia syntactica, que é exercer na phrase frequentemente o substantivo a funcção de um adjectivo e, vice-versa, bastando, muitas vezes, para isso a mera posição da palavra nos grupos logicos de expressão, como: — *guerreiro moço* e *moço guerreiro, rei propheta* e *propheta rei, menino prodigio, arvore gigante, homens troncos*. O substantivo posposto nesses grupos assume o caracter de adjectivo. A este processo de adjectivação do substantivo não era extranho o latim:

Vitrix legio, exercitus victor (T. Liv.), tirones milites, motus artifex (Quintiliano), turba incola (Ovid.).

O mesmo acontece com o substantivo quando occupa o logar de predicado nominal: *elle é* JUIZ *e tornou-se* VERDUGO, *mona de seda,* MONA *se quêda, elle parece* HOMEM *e é* MONSTRO, *isto é* VERDADE, FORÇA *é crer*. Como se vê, a adjectivação do substantivo opera-se pela *apposição* e pela *predicação* nos grupos e phrases nominaes.

Por sua vez o adjectivo substantiva-se facilmente, bastando para isso precedê-lo de um determinativo ou collocá-lo no logar do sujeito: *o pobre, este sabio, alguns poderosos, muitos ricos, justo que não practica justiça, é hypocrita.*

Tal é, ás vezes, a affinidade ideologica entre estas duas categorias, que muitos collocam francamente certos substantivos appellativos, chamados *moraes,* entre os adjectivos, taes como — *juiz, amador, moço, philosopho, guerreiro.*

Os Magos reis vieram e reis tornaram (A. V., S. 2. 121) — O vento era galerno e o mar bonança (Ib. 35) — Dizem que é como a ave phenix que nasceu de nossos avós não saberem grego (G., V. Terr. 1. 78) — Ha-

viam de achar homens homens, haviam de achar homens brutos, haviam de achar homens troncos, haviam de achar homens pedras (A.V., S. I. 251) — A fortuna lhe sorria menos madrasta (L. C., C. 243).

Quando na phrase o substantivo se torna virtualmente adjectivo, a lingua tracta-o como tal, dando-lhe, por vezes, os mesmos graus dos adjectivos: — *isto é muito verdade, não és mais homem do que elle, não és coisissima nenhuma.*

Obs. Muitos substantivos eram frequentemente empregados como adjectivos na v. lingua, como — *mancebo, oceano, bonança:* — Era o descobrimento do Oriente por este nosso mar Oceano (J. B., Dec. I. 268(— Acabada esta batalha os cavalheiros mancebos se despediã (Palm. I. 185) — Navegamos com tempos bonanças (F. M. P., Per. I, 120).

511. O SUBSTANTIVO desempenha, na phrase portugueza, o mesmo papel que no latim, de *sujeito, objecto, predicado nominal, attributo, apposto, vocativo* e *complemento.*

Porém, em relação á ultima funcção, foi o seu emprego ampliado em portuguez. Certas idéas que o latim preferia expressar por adjectivos derivados de substantivos, o portuguez prefere expressá-las por substantivos regidos de preposição, p. ex.:

Dies festus = dia de festa, —pugna cannens = batalha de Cannes,— lac asininum = leite de jumenta.

512. O papel ou a funcção syntactica do substantivo era, na phrase latina, indicado pelas desinencias casuaes; com a perda, porém, dos casos, teve o portuguez de recorrer, para esse fim a outros processos, entre os quaes avulta a *posição* e a *preposição.*

a) O *substantivo-sujeito* revela-se normalmente pela sua *posição* ANTES do predicado, e o *substantivo-objectivo* DEPOIS (*o pae ama o filho*), salvo quando se póde recorrer á *preposição a* ou ao *sentido obvio* (*ao filho ama o pae, — emquanto o mar cortava a armada*). (C.).

b) A relação *complementar* do substantivo manifesta-se pela *apposição,* e pela *preposição,* que o rege (*rio Amazonas, cidade do Rio*).

c) A sua relação *predicativa* se denuncia, em regra, pela sua *posição* em seguida ao verbo de ligação (*isto é verdade*)

e sua relação *attributiva*, pela sua *posposição* a outro substantivo (*moço guerreiro*).

d) A sua relação *vocativa* conhece-se ou pela *interjeição ó*, ou por entoação propria (*alegra-te, Sião; vive, ó mocidade, para a gloria da patria*). Na linguagem escripta, a virgula discrimina o vocativo.

513. Em alguns substantivos compostos subsiste ainda o valor relacional dos casos latinos, p. ex.: *terremoto* = *moto de terra* (*terramoto* A. V., e C. Branco); *quartel-mestre* = *mestre de quartel; jurisprudencia*, onde o primeiro elemento representa o genitivo latino; *filho-familias*, cujo ultimo elemento é um genitivo lat. archaico; *usufructo, manufactura*, cujo primeiro elemento é um ablativo latino. Em Frei L. de Souza, P.e A. Vieira e outros encontramos *pae de familias* (*pater familias*, cf. *mater familias*).

Assi o disse no Evangelho por boca do Pay de familias, aos que trabalhavão na vinha (D. Bertolameu dos Mart. 1. 9) — Paes de familias... vede o desconcerto (A. V. Obrs., S. 3. 303) — Advertimos aos pays de familias (D. de Payva, C. Perf. p. 142) — Se o mandas, irei... onde quer que algum pae de familias se mostre clemente para comigo (A P. Ruth II, 2).

Tendo os substantivos perdido as flexões casuaes, guardaram, comtudo, as *genericas* e *numericas*, o genero e o numero do latim.

Genero dos substantivos

514. ORIGEM DOS GENEROS GRAMMATICAES. — *Genero* de *genus*, latino significa propriamente *classe*. No latim, como no grego, havia trez *generos* ou trez classes de nomes, que se discriminavam por flexões apropriadas, que eram — *o masculino, o feminino* e o *neutro*.

Genero grammatical é, pois, a coordenação das palavras e dos seres que ellas nomeiam, em classe, sob a noção natural do sexo. E como os sexos dos seres vivos são dois, masculino e feminino, dois são egualmente os generos das palavras, que indicam esses seres. As palavras, que nomeiam coisas ou seres *asexuados*, não deveriam ser nem masculinas nem femininas, mas deveriam constituir uma classe á parte ou *genero*

neutro (lat. *neutrum* = *nem um nem outro*). Foi talvez este o criterio, que presidiu á creação dos trez generos grammaticaes nas linguas antigas. Modernamente o inglez procura manter ainda esta classificação. Se foi este, de facto, o criterio que presidiu á creação da triplice noção do genero grammatical, bem cedo foi elle frustrado, pois nem o grego nem o latim guardaram a noção logica dessas distincções grammaticaes. Em latim era caprichoso o seu uso, variava de época para época, e do dialecto popular para o dialecto literario.

515. ORIGEM DO GENERO GRAMMATICAL EM PORTUGUEZ. Desappareceu o genero neutro latino na época da elaboração do *romance*, e o portuguez simplificando essas distincções genericas, extendeu a todos os substantivos a classificação dos generos em *masculinos* e *femininos*.

Nesta classificação serviu-lhe de principio regulador — a *significação* e a *tradição etymologica*.

I. SIGNIFICAÇÃO.

1.ª Pela *significação* regulou a lingua o genero dos nomes de seres vivos ou sexuados, reaes ou ficticios, e dos officios ou estados que lhes são proprios, de accordo com o sexo natural, p. ex.:

O homem, o rei, o moço, o lobishomem (masc.), e a mulher, a rainha, a moça, a sereia (femin.)

2.ª Pela *significação* regula-se ainda o genero de certos nomes proprios geographicos, que recebem, em regra, o genero do nome appellativo, que designa a sua classe, p. ex.:

O (monte) Itatiaya, o (rio) Sena, o (lago) Ládoga, o (vento) Boreas, a antiga (cidade) Carthago, a (ilha) Jamaica.

O corrente Moluca se congela (Lus. 3. 105) — Vereis a inexpugnavel Dio forte (Lus. 2. 50) — O ermo, que em belleza vence a propria Pariz (A. C., o Mis. 161).

Quando, porém, o nome de cidade vem de um appellativo *especializado*, guarda o seu genero, p. ex.:

O Porto, os Açores, o Rio de Janeiro, o Amparo, o Jahu.

Os nomes proprios de *paizes*, *nações* e *regiões* variam; são femininos quando terminam em *a*:

Grecia, França, Italia, Bahia, Bohemia, Siberia (cf. o Sahara).

Quanto aos nomes de cidade, eram masculinos entre os classicos *Jericó* e *Belem*:

Avemos de fazer guerra a Jericó, e vencermolo, sem delle querermos nada (H. P., Imag. 1, 76) — para que lhe não falassem naquelle Belém (A. V., Obrs. S. 28).

Obs. Contesta Andrés Bello qualquer influencia do genero do appellativo da classe para formação do genero dos nomes proprios geographicos em hespanhol. Embora não se possa negar essa influencia quanto a nomes de *cidades, rios, montes, lagos*, etc., todavia vê-se que essa influencia não foi uniforme, entre os nossos classicos, com os nomes de cidade, não só pelos exemplos acima, mas ainda pelo seguinte, que nos fornece Fernão Mendez Pinto:

Esta cidade de Pequim de que promety dar mais algũa informação da que tenho dada (=do que a que tenho dado), he de tal maneyra, e tais são todas as cousas della, que quasi me arrependo do que tenho prometido, porque não sei por onde comece a cumprir minha promessa, porque se não ha de imaginar que he ella hũa Roma, hũa Constintinopla, hũa Veneza, hum Paris, hum Londres, hũa Sevilha, hũa Lisboa... nem fóra da Europa se ha imaginar que é como o Cairo no Egypto... o Gouro em Bengal, o Avaa no Chaleu... porque... todas estas se não podem comparar com a mais pequena cousa deste grãde Pequim (Peregr. 2. 79. 80).

3.ª Pela *significação* são ainda masculinos os nomes das *letras* e das *notas* de musica: o *a*, o *b*, o *c*, o *ré*, o *fá*, etc.

II. Tradição etymologica.

Pela *tradição etymologica* fixou-se, em geral, o genero das outras classes de palavras. Estas guardaram, em geral, o genero etymologico ou genero da tradição latina, aliaz perturbada a cada passo pela *analogia* e por outros factores accidentaes.

1.º Os nomes da 1.ª *declinação latina* eram geralmente femininos e seu thema terminava em — *a*. Generalizou o portuguez esta terminação como expoente do feminino, para todos os nomes, cujo genero não se regulasse pela *significação*, como — *a hora, a mesa*, etc. (cf. *o incola, o agricola, o agiota*).

Abrem excepção alguns nomes, na sua maioria gregos:

Dia, tapa, thema, problema, theorema, telegramma, enigma, planeta, cometa, dilemma, drama, poema, systema, gramma (m. e f.), dia-

gramma, panorama, trama (m. e f.), decagramma, hectogramma, kilogramma, programma, monogramma, epigramma, trema, proclama, lama (animal), antipoda, clima, cholera (doença), plasma (cf. metaplasma, f., e metaplasmo m.), mappa, phantasma (m. e f.), trachoma, carcoma, aneurisma, carcinoma, estigma (cf. zeugma f.), fleuma (m. e f.), dogma, sophisma, epiphonema, enthymema, phonema, chrisma (m. ou f.).

Tapa tem em Portugal, mais commummente, o genero feminino.

Planeta era no ant. port. feminino, até o tempo de D. Manoel: *...segundo o dicto dos astrollogos, que as pranetas per ordenança de Nosso Senhor o dotarom.* (L. Conselh., 133).

Trama é feminino, porém no sentido de *enredo, ardil*, apparece, ás vezes, como masculino em bons escriptores: *Os meus tramas e ardis* (A. C.) —*Defendera suas conquistas contra os assaltos de fóra e os tramas internos* (R. da S.).

Gramma oscilla no fallar commum entre masculino e feminino; porém tem preferencia o masculino (cf. grama f.). A fórma *grammo* é erronea — por anti-etymologica.

Cholera, referindo-se á doença, é geralmente masculino no Brasil, e em Portugal ha uma forte corrente, a cuja frente se acha o illustre Snr. Candido de Figueiredo, que a faz feminina com o applauso do Dr. B. F. Ramiz Galvão, digno lente de grego no Gymnasio Nacional. A. Herculano, Garrett e outros lhe dão, de facto, o genero feminino, que é etymologico: *Com a rapidez da chólera ou da peste corre por todos os angulos de Portugal* (*A. H., O Monasticon*, 1.º volume, p. IX).

Entretanto, cremos que se deve dar preferencia ao genero masculino (*o cholera*), embora não seja este o genero etymologico da palavra, pelas seguintes razões:

a) *Cholera* recebe evidentemente o seu genero do composto erudito — *cholera-morbo*, e este deve ser masculuino (como é o hybrido latino — *cholera morbus*), pois nas palavras compostas predomina, em regra, o genero do elemento dominante ou do *determinado*, que nos compostos eruditos é o ultimo elemento, e no caso vertente é *morbo* (←«« *morbum*): além disto, o sentido mostra que *morbo* é o elemento principal e *cholera* o elemento modificador ou determinante; se, pois, por brevidade de expressão dizemos *cholera* por *cholera-morbo*, é natural que, pela *lei do contagio*, receba a parte representativa o genero do todo, donde o *cholera*, como o *cholera-morbo*.

b) Mais: a mudança do genero, neste termo, não é arbitraria e inutil, pois aproveita: *a*) á clareza, discrimina mais promptamente dois homonymos, *colera* ira de *cholera* doença; *b*) já está largamente acceita tanto no Brasil como até em Portugal (*Vid. Aulete, Moraes, Fr. Domingos Vieira*); *c*) está na linha da evolução generica de tantos outros termos, como *fim, linguagem, linhagem*, e segue o processo ainda vigente de differençar dois sentidos de uma mesma palavra pela differenciação

do genero : — a *cabeça* e o *cabeça*, a *lingua*, e o *lingua*, o *guarda* e a *guarda*.

Por todos estes motivos é preferivel o genero masculino — *o cholera*.

2.º Os nomes da 2.ª *declinação latina* eram na maioria dos casos, masculinos, e o seu thema terminado em *-o*, generalizado, deu-nos a desinencia *o* como o expoente do masculino, para as palavras cujo genero não se regule pela *significação*, como *banco*, *muro*, *vinho*, etc.

3.º Os nomes da 3.ª *declinação* latina tinham menos fixidez generica, e havia, por vezes, muita hesitação quanto a seu genero. Nomes como — *finis*, *collis*, *pulvis*, *cinis*, *rumex*, *serpens*, eram masculinos e femininos. Semelhante hesitação observa-se egualmente no genero de outras classes de nomes. Desde a época imperial os nomes de arvores em *-us* (*populus*, *almus*, *fraxinus*), que eram femininos, tornaram-se masculinos. O mesmo aconteceu com *arbor* que de feminina tornou-se masculina. Os nomes abstractos em *-ore* (*dolore*, *esplendore*) de masculinos tornaram-se femininos. *Dies* (= dia) é masculino e feminino. Uma tal hesitação generica passou para o portuguez, e, no decurso de sua historia, muitos substantivos teem mudado de genero, e outros ainda oscillam em sua ambiguidade generica.

516. Evolução generica em portuguez. Como em latim, o *genero* em portuguez tem variado no andar dos seculos. Exs.:

Mar, já foi feminino em portuguez, como se vê ainda nos compostos — *prea-mar*(*plena-mar*), *baixa-mar*.

Linhagem era masculino : *Mays o terceyro linagem muyto espantoso dos monges...* (Ined. de Alc. 1.º 253, ap. Cort.) — O mesmo acontece com *linguagem* : *Nem outro linguagem que eu sayba...* (L. Conselh., 151).

Fim, ao contrario, era feminino até o sec. XVI: *pequeno erro no principio se faz grande na fim* (H. P. Imag. 1. 3).

Tribu guardou o genero masculino até Vieira, sec. XVII: Elle sabia mui bem que era do tribu de Levi, e que o Messias havia de ser do tribu real de Judá (A. V., Obrs. S. 5. 119).

Gente, em F. M. Pinto lemos : "Antonio de Faria... trabalhou por saber deste gente que nações habitavâm o sertão daquella terra" (Perigr. 1. 38), e mais adeante : "Vimos tanta gente manceba em navios de veniaga" (Ib. 163).

517. AMBIGUIDADE GENERICA. Continúa ainda a hesitação da lingua em fixar o genero das seguintes palavras, que se conservam ambiguas quanto ao genero, isto é, podem ser masculinas ou femininas; taes são, além das que já mencionámos (*tapa, trama, gramma, phantasma, chólera, fleuma*):

Personagem, pharynge, larynge, phoca, aneurisma, aposthema, ceraste, aspide, tigre, atalaia, sentinella, cascavel, genesis ou genese, scisma, schema, avejão, ágape, phylloxera, reséda, alluvião, leiró, sevandija.

Com **fleugma** ou **phleugma** é mais commum o feminino, e por isso preferivel. O mesmo acontece com **personagem, pharynge, larynge, phoca.** Em **aneurisma** ou **aneurysma, aposthema, tigre,** é preferivel o masculino por mais generalizado.

Ceraste tem a fórma divergente cerasta (vibora) feminina, deve ser, portanto, este o genero preferido.

Cascavel é feminino no Brasil, e masculino em Portugal e na literatura portugueza.

Genesis é o primeiro livro do Pentateucho e é masculino; *genese*, origem, é de preferencia feminino.

Scisma no sentido de *preoccupação, desconfiança, meditação,* é feminino, e SCISMA ou SCHISMA, no sentido de divisão em uma agremiação religiosa, é geralmente masculino.

Schema é masculino, embora Moraes lhe dê o genero feminino. — A *ágape, phylloxera, reséda,* deve dar-se de preferencia o feminino. *Alluvião* tem o genero etymologico feminino, e como tal o dão os diccionaristas, excepto A. Coelho.

O heróe é sempre como nas lendas mythicas da Grecia, um personagem tragico (L. C., Camões, 11) — Como póde, porém, ser o Camões a personagem, cujas lastimas ali ficam memoradas (Ib. 28) — Uma porta abre-se lentamente, e um novo personagem apparece (A. H., L. e N. 2. 17) — O interlocutor é uma personagem que o leitor conhece (Ib. 38) — Amir, nestas negras tramas tenho-te servido lealmente (Ib. 5) — Defendera suas conquistas contra os assaltos de fóra e os tramas internos (R. da S., ap. Aulete) — Mas como elle era innocente desta trama... (Dec. 1. 428) — Criado ao peito de huma tigre Hircana (Cam. Eleg. apud Moraes) — Traidor! mamaste nas hircanas tigres (O. M.) — Até na relva a cascavel se esconde (G. D., Poes. 2. 172). De ruges ruges fazem-se os cascaveis (gallego: de roxe roxe fause os cascabeles, apud J. Moreira) —Que esse cascavel iria atalhar-lhe? (Fab. 57) — Sim, com esta phantasma ingenua, amavel, bella, é que eu fujo (A. C., O. Mis. 161) — O povo que devia substituir esta primeira alluvião... não tardou a transpor os Pyrineus (A. H., H. de Port., 1. 29) — Pec-

cado torpe e feio, mais que hircanos tigres (A. F., Cast. 40) — Um grito do atalaia o interrompeu (A. H., L. e N. 2. 7) — E' para elles uma especie de genesis historica (A. H., H. de Port., 1. 2) — ...por onde naça a variedade de scismas, com as quaes se perverta a fé, e se rompa a união (M. Lusit., ap. Dicc. Vieira) — Uma epidemia que póde considerar-se o phylloxera da vinha do Senhor (C. C. B., M. da Fonte, 300, ap. M. Barreto) — Patrulhas passavam vagarosas como os avejões de uma ballada (Id. A Corj. 228, ib.) — Ouvira o nome de Gil Eannes, como quem tinha antigo teiró (A. H., Monast. 1. 210) — O teiró que eu já tinha a tal sciencia, tresdobrou d'esta feita... (A. C., Faust., 137) — Tão monstruosa era aquella avejão, que me sentia a par della pygmeu (Id., ib. 42).

Mando mostrar-lhe peças mais somenos,
Contas de crystallino transparente,
Alguns soantes cascaveis pequenos,
Um barrete vermelho, côr contente (Lus. 5. 29).

518. GENERO DE ADJECTIVOS SUBSTANTIVADOS. O adjectivo, como qualquer outra parte do discurso, é, em regra, substantivado no genero masculino, que neste caso é realmente o genero. Por isso, substantivando os seguintes adjectivos, diremos: — *o caudal, o radical, o ritual, o temporal, o moral, o cerimonial* (*o caudal dos rios, o radical das palavras, o moral dos soldados*, etc.). Entretanto, por influencia do genero de certos nomes evocados, são femininos — *a pastoral* (carta), *a decretal* (carta), *a moral* (philosophia, sciencia, vida = moralidade), *a diagonal* (linha), *a directriz, a secante. Gigante* guarda a fórma masculina adjectivada.

Aureos caudaes do Tejo (G., Cam. I XVI) — Os Moraes de São Gregorio são as doutas e pias moralidades que este Santo tirou de algûs da Sagrada Escriptura (Bluteau) — Eil-a ahi nua e crua, tire o moral della leitor pio (F. Elys., Fab. 175) S. Gregorio nos moraes diz que ella é a que acende a luz do entendimento (H. P., Im. 1. 53) — O moral se vem nu, nos causa enojo (F. Elys., Fab. 175) — As memorias gigantes da historia do velho Portugal (A. H., Mon. X) — As memorias, os templos, os palacios da cidade gigante (G. D., Poes. 1. 117)— Verde ramo de uma arvore gigante, o raio no passar queimou-lhe o viço (Ib. 131).

519. O GENERO NEUTRO. Obliterou-se o genero *neutro* dos substantivos na época da elaboração do *romance*, absorvido em geral, pelo masculino. Assim do neutro passaram a masculinos os seguintes:

Coelum — o céo, donum — o dom, vinum — o vinho, tempus — o tempo, regnum — o reino, vitium — o vicio, latum — o lado, pectus

— o peito, granum — o grão, vulgus — o vulgo, pelagus — o pégo, animal — o animal, mare — o mar (arch. *a mar*), marmorem — o marmore, cadaver — o cadaver, e de origem grega — poema, estigma, enigma, etc.

520. FEMININOS DE NEUTROS. Na b. latinidade deu-se a confusão dos neutros da 2.ª e 3.ª declinação do plural em *-a*, com os nomes da 1.ª declinação, que no singular terminavam em *-a*, e assim de plural neutro passaram taes substantivos a singular feminino. Exs.:

festum	pl.	festa	⟶	festa
folium	"	folia	⟶	folha
vestimentum	"	vestimenta	⟶	vestimenta
pirum	"	pira	⟶	pera
ferramentum	"	ferramenta	⟶	ferramenta
mirabile	"	mirabilia	⟶	maravilha
insigne	"	insignia	⟶	insignia
—	"	arma	⟶	arma

521. VESTIGIOS DO NEUTRO EM PORTUGUEZ. Obliterando-se, o neutro lat. deixou largos vestigios em portuguez.

1.º As 3.as fórmas — *isto, isso, aquillo,* dos deter. demonstrativos — *este, esse, aquelle,* são manifestamente as fórmas neutras lat. que, na falta de subst. neutros em port., assumem a funcção de pronomes neutros. — Do mesmo modo são fórmas pronominaes neutras — *al, algo, nada, tudo,* dos indefinidos — *outro, algum, nenhum, todo.* A fórma *tudo* só do sec. XV é que começa a apparecer como differenciada de *todo.* No v. port., como no lat., a fórma masculina coincidia morphologicamente com a neutra: "esto certo sey eu, e cõ tod'esto (*tudo isto*) *sey*" (Tex. Port. 130). Em Vieira (sec. XVII) ha ainda incerteza nesta differenciação de categoria grammatical; ahi se lê *tudo o necessario* e *todo o creado.* Esta hesitação prolonga-se até os nossos dias nesses grupos, bem como ainda na locução adverbial *de todo* por *de tudo* do dialecto popular. Um motivo, porém, de clareza leva o dialecto literario a guardar a fórma archaica neutra (*todo*) na locução adverbial *de todo* (*totalmente*), para discriminá-la francamente da expressão *de tudo* = *de todas as coisas*: *comer de tudo* e *ser de todo comido.*

De outros determinativos taes como — o (⟿ *illum*), *mesmo* (⟿ *metepsissimum*), *tanto* (⟿ *tantum*), *quanto* (⟿ *quantum*), a fórma neutra identifica-se com a masculina.

Todas essas fórmas neutras pronominaes reassumem a sua funcção primitiva de adjectivos, desde que surja deante dellas uma outra fórma neutra com que possa grammaticalmente concordar, v. gr.: *tudo isso, isso tudo, tudo o que, isso mesmo, mesmo isso, tudo o al.*

2.º E' frequente em lat. a substantivação do adjectivo qualificativo na fórma neutra, tanto no singular como no plural, p. ex.: *bonum = o bom* (o bem), *bona = os bens, verum = o verdadeiro, vera = as coisas verdadeiras.* Como se vê, o neutro no singular coincide morphologicamente com o masculino. O portuguez adoptou este processo no singular, p. ex.: *o bom, o bello, o verdadeiro, o util* e *o agradavel.*

O port. archaico conservou estas substantivações neutras no plural: *quanto podessem aver de bona de seu pater* (O A. Vernac., p. 19).

3.º O infinito presente e o supino eram em latim substantivos, e, por isso, os adjectivos que os modificavam, assumiam a fórma neutra, p. ex.: *dulce est pro patria mori, mirabile dictu* (Verg.), *turpe est mentiri.*

Quando, pois, dizemos — *o trabalhar é bom,* o *supposto é verdadeiro,* temos, historicamente, sob as apparencias masculinas, o *genero neutro.* Póde ser isso demonstrado, como se segue.

Na phrase — *o trabalhar é bom,* o sujeito trabalhar não póde ser representado por um pronome masculino, e só por um pronome neutro, p. ex.: *o trabalhar é bom para os que* NISSO *se empenham honestamente;* não poderiamos dizer com pron. masc. — *para os que* NELLE *se empenham...* Mas se substituirmos *trabalhar* por *trabalho,* poderemos dizer: *o trabalho, é bom, para os que* NELLE *se empenham honestamente.* Semelhantemente, diremos: *o supposto é verdadeiro, porém nem sempre acontece ser* ISSO *assim,* e não = *ser* ELLE *assim.* Se, entretanto, substituirmos o participio substantivado pelo subs. *supposição,* diremos: *a supposição é*

verdadeira, porém nem sempre acontece ser ella tal, e não *— ser isso tal.* Donde se vê que a lingua encara esses substantivos virtuaes, como neutros, por isso que só podem ser representados na phrase por pronomes *neutros.* Todavia, o epitheto ou o determinativo anteposto assume fórma masculina, p. ex.: *este trabalhar insano, nenhum supposto,* etc.

4.º Descobre-se ainda vestigio do neutro em portuguez em um outro processo curioso da lingua, o qual podemos filiar no antecedente. Dá-se este nas phrases nominaes com a discordancia grammatical entre o predicado nominal e o sujeito, p. ex.: *E' preciso paciencia,* onde o predicado nominal *preciso* discorda do genero grammatical do sujeito *paciencia* (482).

a) Observa-se, em primeiro logar, este phenomeno com os sujeitos representados por subst. abstractos, que figuram na phrase sem determinação ou com determinação fraca. v. gr.: *E' preciso paciencia na vida — E' prohibido entrada nesta repartição.* Os substantivos abstractos sujeitos nestas phrases, tomados indeterminadamente em toda a sua extensão, assumem genero neutro, accusado pelos respectivos predicados nominaes — *preciso* e *prohibido.*

Podemos ainda approximar este processo do typo antecedente, se dermos a esses sujeitos força verbal latente, suppondo a ellipse do verbo *ter* no primeiro exemplo, como fazem alguns grammaticos, de sorte que teriamos: *E' preciso paciencia = é preciso ter paciencia, é prohibido entrada = é prohibido entrar.*

Em todo caso, o caracter neutro do sujeito nessas phrases evidencia-se pela substituição pronominal, como acontece egualmente com o typo do paragrapho antecedente, p. ex.: *E' preciso paciencia, porém* ISSO (e não ELLA) *não se obtem facilmente — E' prohibido entrada,* ISSO (*e não* ELLA), *porém, só, aos extranhos.* Donde se vê que a lingua recusa a dar a esses substantivos-sujeitos substituto pronominal feminino, e o pronome neutro *isso* denuncia o genero neutro nos sujeitos dessas phrases typicas.

b) Este curioso phenomeno grammatical é ainda observado ás vezes quando o sujeito é *concreto,* porém tomado em

toda a sua generalidade, sem qualquer determinação, e, conseguintemente, em uma accepção abstracta, p. ex.: *Cerveja não é bom para a saude — Pimenta é usado como estimulante — E' necessario agua para a vida dos seres organizados.*

Os sujeitos neste typo de phrase, tomados em toda a sua generalidade abstracta, são considerados egualmente do genero neutro.

Desde, porém, que nestes dois typos o sujeito receba qualquer determinação positiva, desfaz-se sua neutralidade generica, e o adjectivo-predicado accusa logo esse phenomeno assumindo flexão feminina, p. ex.: *E' precisa a paciencia na vida — E' prohibida a entrada — Esta cerveja não é boa para a saude — A pimenta é usada como estimulante — E' necessaria a agua pura á vida dos seres organizados.*

Em muitos de nossos escriptores a neutralidade latente do sujeito persiste a despeito da determinação, isto, porém, se dá quando esta é fraca. Exs.:

Bem, sabia eu, senhor Floramâ, que pera vos se guardava esta aventura : e na verdade pera eu o crer nã era necessario nenhua outra experiuncia, se nam a fé, q'ẽ vossas cousas tenho (Palm. de Ingl. 2. III) — E' necessario uma determinação invencivel (R. de S., ap. M. Barreto, N. Est. 285)— Tem-me sido preciso muita energia para domar o soffrimento (Id. ib.) — E' preciso a physica para explicar os movimentos das caras, onde não ha metaphysica nenhuma (Id. ib.) — E' preciso cautela com semelhantes doutrinas (Id. ib.) — Se for preciso alguma coisa, o Norberto está aqui (C. C. B. Ib.) — Sim, tu : é preciso coragem (Id. ib.) — E' necessario uma licença para ella poder entrar (Id. ib.) — O' monstro de ignorancia ! quando has de comprehender que para a concordancia dos termos entre si, foi sempre necessario a Grammatica (A. C., ap. M. Barreto, N. Est. 285).

> Vai ver, Luisa, vai, se da tua janella
> avistas novidade ; é bom toda a cautela (A. C., O Av.)

522. Filia-se historicamente este processo não só no latim, mas no aryano, segundo nos informa Brugmann (Gr. Comp. 680). E' frequente em latim um predicado *neutro* referir-se a um sujeito *masculino* ou *feminino*, p. ex.:

Eia, age, rumpe moras : VARIUM ET MUTABILE SEMPER FEMINA (Verg., Eneid. Lu. IV, 569) — TRISTE LUPUS *stabulis* (Verg., Egl. III. 80). DULCE *satis* HUMOR *depulsis arbustus hoedis* (Ib. 82) — TUR-

PITUDO PEJUS *est quam dolor* (Cic. ap. M. Barreto, N. Est., 280 — MORS *omnium rerum* EXTREMUM (Ap. Brugmann).

Esta anomalia das linguas aryanas, "repousa, diz Brugmann, na transformação dos adjectivos neutros em substantivos; empregava-se este neutro substantivado quando se tractava de indicar a categoria de conceito á qual pertencia o sujeito".

O eminente glottologo allemão vê, pois, no curioso phenomeno uma como immobilização do adjectivo-predicado na fórma neutra transformado em substantivo; a nós, porém, nos parece que a explicação devemo-la procurar numa como *neutralização* do substantivo-sujeito tomado em accepção abstracta e geral, em que a lingua perde de vista o objecto nomeado para indicar vagamente suas qualidades. E' possivel que ambas as explicações tenham sua realidade no movimento historico das linguas.

523. O GENERO DOS COMPOSTOS. O genero dos substantivos compostos é regulado pelo genero do elemento predominante, que é o *determinado*. Em relação á posição do determinado, dois typos de compostos se offerecem: *a*) typo *classico* ou *synthetico* das linguas antigas, em que o elemento *determinado* se pospõe ao *determinante* (*terremoto*); e *b*) o typo *neo-latino* ou *analytico*, em que o elemento *determinante* ou modificador é que se pospõe ao *determinado* (*carta-bilhete*). Assim temos:

a) **Typo synthetico:** o terremoto, a astronomia, o cholera-morbo (o *cholera-morbus*), a ferro-via, o ponta-pé, o vara-pau.

b) **Typo analytico:** o mestre-escola, a escola-modelo, o papel-moeda, a moeda-papel, a carta-bilhete, o mestre-sala, o povo-rã.

524. Abrem excepção á determinação generica do composto pelo *determinado*, os seguintes:

Ribatejo = *Riba do Tejo* onde o determinado *Riba* se deixa influir pelo determinante *Tejo*, que é masculino. Talvez concorresse para isso o genero de *Alemtejo*, como suspeita o Dr. L. de Vasconcellos, e, tambem, como declara o mesmo auctor, "o designar tal termo o nome de uma região, e poderem taes nomes ser já femininos, já masculinos."

Ponta-pé. Acha ainda o Dr. Vasconcellos que *ponta-pé* é outra excepção. Porém o que parece mais provavel é que *ponta-pé*, como

vara-pau, (cf. *mãe-patria*) sejam especimenes curiosos do typo synthetico, que se interpreta não *ponta de pé*, nem *vara de pau*, mas — *pé em ponta, pau em fórma de vara*. Neste presupposto, o ultimo elemento é o *determinado*, e dá regularmente o seu genero ao composto. E' o que succede com *cholera-morbo*.

Guarda-roupa é geralmente feminino entre os nossos classicos quando designa a camara ou armario: "a guarda-roupa de Sua Majestade" (Dic. V.), e masculino quando designa o homem encarregado da rouparia.

Guarda-louça é masculino, se bem que Aulete e D. Vieira auctorizem o feminino.

Guarda-prata é dos dois genero.

Guarda-linha é masculino, porém Figueiredo, D. Vieira e Moraes auctorizam o feminino. *Guardamoria* é femin. *Guarda-porta* é mascul., segundo Figueiredo e Aulete, e femin. segundo Moraes e D. Vieira (pl. *guarda-portas*). Os outros compostos de *guarda* são masculinos: — *o guarda-joias, o guarda-lama, o guarda-luz, o guarda-mão, o guarda-marinha*. — Os compostos por loc. verbal são masculinos: — *o porta-voz, o saca-rolha, o paraqueda*, etc.

Numero dos substantivos

525. O sânskrito, o grego e outras linguas antigas possuiam trez numeros grammaticaes: o *singular*, o *plural* e o *dual*. O latim possuia apenas dois numeros — o *singular* e o *plural*, que passaram para o portuguez.

Para indicar a pluralidade adoptou o portuguez o expoente *s*, tomado do accusativo plural dos nomes latinos, do qual essa letra ou phonema era a desinencia caracteristica nas cinco declinações, excepção feita dos neutros.

526. O CONCEITO DE PLURALIDADE. O conceito ou a noção logica de plural consiste na somma ou reunião dos seres, que se apresentam á nossa percepção externa como unidades discriminadas.

Em relação aos substantivos *concretos* é clara esta noção; não assim em relação aos *abstractos*. Estes, por sua propria natureza, repellem a noção de pluralidade. Impossivel é sommar *prudencias, justiças, odios*, a não figurarmos *actos* de *prudencia, justiça, odio*, etc. Coisa semelhante acontece com os substantivos que indicam certos productos

naturaes, como — *agua, vinho, leite, trigo, farinha, pó, café, ouro, prata*, que se apresentam ao espirito como uma massa informe, onde impossivel ou difficil é destacar individuos para reuni-los ou sommá-los no conceito de pluralidade, a menos que não encaremos as diversas porções ou qualidades, v. gr. — *as aguas, os vinhos, as farinhas, os cafés, os ouros*, quando queremos indicar as diversas porções ou qualidades desses productos.

Todavia, levados pela analogia, muitos abstractos tanto em latim como em portuguez são usados frequentemente no plural, taes como *vitæ, mortes, odia*, etc., e *odios, esperanças, fraquezas, embriagueżes, desesperos*, etc. E o mesmo acontece com alguns nomes de productos naturaes — *aguas, azeites, ferros*, etc.

527. PLURAL DOS CONCRETOS EM SENTIDO GENERICO E ESPECIFICO. Os appellativos concretos podem designar o *genero* ou a *especie*, conforme são empregados em sentido generico ou especifico. Se dissermos — "comer laranja", *laranja* designa o *genero;* se, porém, dissermos "comer algumas laranjas", *laranja* designa a *especie*. Com o singular indica a lingua o *genero* e com o plural a *especie*.

No grupo — "geléa de marmello" levanta-se a duvida se marmello designa o *genero* ou a *especie*, se deve ir para o singular ou para o plural.

Os dicc. da Academia Franceza, de 1798 e 1835, escrevem — *pâte d'amende ou d'amendes, geléa de pomme et marmellade de pommes, un pied d'œillets et d'œillet*.

Em geral o portuguez prefere o *genero*, e diz:

Geléa de marmello, pastel de camarão, bala de ovo, conserva de pimenta, cultura de batata, lavoura de canna, plantação de mandioca, viver de peixe, reuniões de oração, acções de graça.

Comtudo, quando o primeiro elemento está no plural, dá-se ás vezes a attracção para o plural; como, p. ex., em — *fios d'ovos, balas d'ovos*.

Na generalidade dos casos o sentido mostra se o *genero* ou a *especie*, se o singular ou plural, devem ser empregados, p. ex.:

Uma duzia de chicaras, um mólho de chaves, uma juncta de bois, um tiro de cavallos, uma parelha de garrotes, uma grosa de pregos, um rancho de prophetas, um grupo de rapazes, uma alcateia de lobos, um cardume de peixes, um bando de aves, uma vara de catetos, uma manada de porcos, uma récua de camellos, uma malta de velhacos, uma sucia de tractantes, — um molho de trigo, uma nuvem de pó, trez litros de feijão, um alqueire de farinha, um selamin de milho, cinco metros de panno, quatro peças de chita, duas garrafas de vinho, quatro litros de leite, duas latas de kerozene, um magote de povo, uma multidão de gente (cf. uma multidão de pessoas), duas bandas de musica, cinco arrobas de açucar. — Cafilas de alifantes, e de bois, e de cavallos (Per. 1.151) — Todas as sortes de caças e carnes (Ib. 2. 27).

528. O PLURAL DE ALGUNS SUBSTANTIVOS:

a) **Calças** e **ceroulas,** são usadas no plural por nossos classicos para designar um só objecto, devido isso á dualidade de suas fórmas. Exs.:

Hum Fidalgo de primeira nobreza... mandou fazer humas calças altas, no tempo que se usavão (A. de F., p. 336) — Trazia vestida uma saia de valenciana reforçada, calças de bifa, sapatos de pelle de gamo, chapeirão de rugres... (A. H., L. e N. I, 138) — Ceroulas são huma vestidura interior de panno de linho, que a modo de calçoens cobrem o corpo da cinta até os joelhos, ou mais abaixo (R. Bluteau).

b) **Bragas** e **alforges** são geralmente termos usados no plural: Não se apanhão trutas a bragas enxutas — Ida de João Gomes, foi em sella, e tornou em alforges (Adagios) — Encontram-se tambem no sing.: Lançou-se a gente na agua que lhe dava pela braga (Castanheda, Hist. da Ind. V. 59) — Fazer o alforge, ir de alforge (=a ligeira, escoteiro, Dicc. D. V.).

c) **Narizes** é empregado pelos classicos no plural, pelo motivo que nos leva a empregar no plural *ventas*, como attesta o seguinte passo de Camões, que tracta de Zopyro, cortezão de Dario, rei dos persas, que se cortou o nariz e orelhas, fingindo que assim o mutilara seu amo, para poder enganar os babylonios, que lhe entregaram a cidade, a qual elle franqueou a Dario.

Oh grão fidelidade Portugueza
De vassallo que a tanto se obrigava!
Que mais o Persa fez naquella empreza,
Onde rosto e narizes se cortava?

Do que ao grande Dario tanto peza,
Que mil vezes dizendo suspirava,
Que mais o seu Zopyro são prezára,
Que vinte Babylonias que tomára (Lus. 3. 41).

d) **Proximos,** palavra hoje ordinariamente empregada no sing. com sentido collectivo: *amar o proximo como a si mesmo*; entre os classicos é frequente o plural:

Aquelle se pode chamar bom que usa de bondade nam somente para si, mas para os proximos (H. P., Imag. 1. 309) — Compassivo por extremo nos trabalhos que via nos proximos (Souza) — O que importa é salvar a alma propria e a dos proximos (A. V., C. 49) — Quem habitará no seu tabernaculo? O que não fez mal a seu proximo, nem consentiu que se infamassem seus proximos (lat. Quis habitabit in tabernaculo tuo? Qui non fecit proximo suo malum, et opprobrium non accepit adversus proximos suos (Vulg. Salm. XIV. 1 3).

Cãs é substantivação do adjectivo archaico *cão = branco*, do lat. *canus, -a, -um*, como se vê da seguinte citação: Viinham muitos velhos cãos (de cabellos brancos) fazendo grande chanto (=pranto) por don Tello e fazendo dizer missas (Chrest. Arch. 108).

CAPITULO II

ADJECTIVO

529. O ADJECTIVO, como indica o seu etymo (lat. *ad* + *jicere* = *lançar para, ajunctar*), tem na phrase a funcção syntactica de se ajunctar a um substantivo parâ lhe restringir e determinar o sentido. Elle, pois, não se apresenta isolado na phrase, mas sempre como modificador de um substantivo, ampliando ou restringindo a sua *comprehensão* e *extensão*. De duas maneiras prende-se elle ao substantivo: ou immediatamente, por meio de mera apposição — *bonus homo = homem bom;* ou mediatamente, pelo verbo de ligação — *bonus est homo = o homem é bom*. Dahi uma dupla relação do adjectivo para com o seu substantivo na phrase:

1.ª RELAÇÃO ATTRIBUTIVA, é a que o adjectivo, modificando directamente o substantivo, se constitue o seu *attributo, adjuncto* ou *complemento attributivo*, e é o que alguns chamam o *epitheto* do substantivo: *homem bom, alto mar*, chamar-*lhe sabio*, considerá-*lo preso, meu pae*, (pater meus), *aquelle dia* (dies illa).

2.ª RELAÇÃO PREDICATIVA, é a que o adjectivo, modificando o substantivo-sujeito por intermedio dos verbos de ligação, se constitue seu *predicado nominal*, tambem chamado *completivo* ou *complemento subjectivo*: *a vida humana é*

breve (*brevis est humana vita*), *o homem é mortal, porém a sua alma* (é) *immortal.* E' egualmente *predicativo* em — vê-*lo prostado,* fazer-*se vermelho,* deixá-*lo doente* (416).

Obs. Em vez do substantivo apparece frequentemente na phrase o seu substituto — *o pronome;* isto em nada modifica a funcção do adjectivo, p. ex.: *nós, brasileiros, tudo supportamos, elle é paciente* Sómente devemos observar que, como *epitheto* ou *attributo,* o adjectivo não se prende com tanta liberdade ao pronome como ao substantivo. — Além dos verbos propriamente de ligação, é frequente em portuguez, encontrar-se pospostos a outros verbos o adjectivo em vez do adverbio, como referencia ao sujeito: *Os mensageiros partiram velozes* (=velozmente).

530. EMPREGO DO ADJECTIVO. Os adjectivos qualificativos podem ser substituidos: *a*) por um *substantivo* regido da preposição *de*: *banquete principesco*= *banquete de principe, palacio real*= *palacio de rei; b*) por uma *periphrase*: *talento sem rival, belleza sem egual; c*) por uma *proposição relativa*: *uma voz encantadora* =*uma voz que encanta, pessoas amantes* = *pessoas que amam.*

531. Fazia o latim mais largo uso do adjectivo do que o portuguez. Os adjectivos, que exprimem a ORIGEM (*aquaticus color*), MATERIA (*statua argentea*), ESPECIE ANIMAL *ou* VEGETAL (*lac. asininum, glandes quernæ*), TEMPO (*menses hiberni, dies festum*), LOGAR (*pugna Cannensis*), são, em portuguez, expressos por substantivos regidos da preposição *de*: *cor d'agua, estatua de prata, leite de jumenta, bolotas de carvalho, mezes de inverno, dia de festa, batalha de Cannes.* — A linguagem popular perdeu a grande variedade das terminações adjectivas latinas, que os eruditos do sec. XVI em deante teem procurado restaurar. Só no estylo poetico podemos, para taes expressões, valer-nos dos adjectivos, que tenha introduzido na lingua a reacção latinista. Exs.:

Fecit (Jeroboam) duos vitulos aureos=fez Joroboão dois bezerros de ouro (aureo) (Vulg. III Reg. XII. 28)— In arca autem non erat aliud nisiduæ tabulæ lapidæ = na arca porém não havia senão as duas taboas de pedra (lapidæ) (Ib.). V. II 9) —Sed et omnia vasa aurea, et argentea, et ænea consecravit David=consagrou tambem David todos os vasos de ouro (aureo), e de prata (argenteo). e de bronze (bronzeo) (ib., I Paral. XVIII. 11).

532. MUDANÇA DE CATEGORIA GRAMMATICAL. A intima relação grammatical entre o substantivo e o adjectivo, dá causa a frequentes permutas entre as duas categorias.

Não só é frequente a substantivação do adjectivo, por meio do artigo ou outro determinativo, mas tambem a adjectivação do substantivo, pela *apposição* de um substantivo a outro em relação *attributiva* ou *predicativa*. Exs.:

Havia de achar homens homens, haviam de achar homens pedras (A. V. S., 1. 251) — O povo-rã (povo asno, povo timido) nas aguas, entre juncos e caniços... (F. E., Fab. 91) — A fortuna lhe sorria menos madrasta (L. C., Cam. 243) — ...em todo o mar oceano occidental a esta nossa Europa (J. de B., Dec. 1. 130) — Era o descobrimento do Oriente per este nosso mar oceano (J. de B., Dec. I. 268) — E em nove dias de tempo bonança nos pusemos na altura de Massuaa (M. P., Per. 1. 10) — E vellejando desde hũa hora ante menhan, que saymos do porto, fomos com ventos bonanças ao longo da costa até quasi a vespora... (Ib. 1. 17) — Corremos a costa do mar Oceano em distancia de vinte e seis leguas (Ib. 63) — O vento era galerno e o mar bonança (A. V., S. 2. 33) — Acabada esta batalha, os cavalleiros mancebos se despedirã (Palm. 1. 185) —Cavalgava em hũ cavallo ruço pombo (Ib. 139) — Já de manceba gente me apparelho (Lus. 4. 82) — Sendo o lagosinho o mar oceano (A. V., S. 2. 309).

Concordancia do adjectivo

533. O ADJECTIVO concorda na phrase em *genero* e *numero* com o seu substantivo, ou pronome, que equivale a um substantivo. Chamam-se, pois, *genero* e *numero* do adjectivo as flexões que este assume para se pôr de accordo com o genero e numero do substantivo, com o qual se coordena, quer como *attributo*, quer como *predicado*: *uma boa idéa* e *esta idéa é boa*. No latim opera-se a concordancia do adjectivo com o substantivo em *genero*, *numero* e *caso*. Obliterado este, ficou-nos a concordancia apenas em *genero* e *numero*.

534. A concordancia do adjectivo com o substantivo apresenta duas difficuldades: *a*) concordancia de um adjectivo com mais de um substantivo, e *b*) a de mais de um adjectivo no singular com um substantivo no plural.

1.º CONCORDANCIA DE UM ADJECTIVO COM MAIS DE UM SUBSTANTIVO. Esta concordancia offerece dois typos, conforme o adjectivo se antepõe ou se pospõe aos substantivos:

a) Quando o adjectivo se antepõe aos substantivos, que modifica, é mais euphonico e commum que a concordancia se opere com o primeiro substantivo, que é o mais proximo, subentendendo-se em relação ao outro ou outros. Exs.:

E' este o logar e a occasião que el-Rey escolheu para declarar o segredo (A. C., Q. Hist. II. 6) — Escolhestes mau logar e hora para renovar a requesta (A. H.) — Mudo está o arraial, mudo o céo e o rio (A. C.) — Estava Moysés só de uma parte e da outra todos os magos do Egypto, presente o rei e a côrte, suspenso elle e toda ella na espectação do successo (A. V., S.) — A Fortuna guardava para dar descanso que a seu pae e mãe negava (C., Obrs. 3. 225).

No v. port., encontramos tendencia erudita para se operar neste caso a concordancia no plural com os substantivos stantivos. Exs.:

D. Beatriz, filha primogenita e herdeira dos ditos rei e rainha de Portugal (F. Lopes, Chr. de D. Fern., 158) — Então disse outra vez aos ditos senhores pae e mãe seus della (Ib. 145) — ...de consentimento dos ditos rei e rainha, pae e mãe meus, que presentes estão (Ib., 147) — ...assi pela situação desta entre as correntes dos notaveis Indo. e Ganges (J. de B., Dec. I, 323).

Imitaram alguns escriptores modernos esta concordancia semi-barbara: "A mão esquerda entre cujos indice e pollegar pendia o pergaminho" (A. H., Monasticon) "...pelas exigencias cada vez maiores destas devoradoras e insaciaveis fome e sede de leitura" (A. C., Os Fast. I. 315).

b) Quando o adjectivo se pospõe aos substantivos, a concordancia se opera ou no singular com o ultimo, ou no plural e no masculino, se forem diversos os generos dos substantivos. Exs.:

E então disse outra vez aos ditos senhores pae e mãe *seus* della (F. Lopes, Chr. de D. Fern. 145) — ...de consentimento dos ditos reis e rainha, pae e mãe *meus* (Ib. 147) — Preço e estimação *ordinaria* (A. V.) — Prodigios de bondade e omnipotencia divina (M B.) — Leitura e escripta *nova*... leitura e escripta *velha* (A. C.) ...cujo saio e cavallo *negros* (A. H., L. II, 83) — As calças e o jubão de ouro *lavrados* (C. Real).

2.º CONCORDANCIA DE MAIS DE UM ADJECTIVO NO SINGULAR COM UM SUBSTANTIVO NO PLURAL. Não raro na phrase um substantivo no plural vem modificado por adjectivos no

singular, que exprimem partes de que o substantivo é o todo. Exs.:

Nenhuma das invasões celta, phenicia, carthaginesa, pudera domar (A. H., Hist. de Port 21) — As literaturas grega e latina (Id.) — Os poderes temporal e espiritual (Id.) — As raças phenicia, grega e carthagineza (Ib. 2) — O primeiro e o quinto Affonsos (C.) — A 1.ª, 2.ª e 3.ª Brigadas formaram uma columna (Eucly. Cunha, Sert. 371) — Varios portos das costas setentrional e occidental (A. C., Q. Hist. III,37) — A's vezes vem no singular o substantivo e o artigo repetido ou não. Exs.: Emquanto passárão estes quatro imperios que foram a terceira, quarta, quinta e sexta idade do mundo (A. V., S. 145) — Sei eu que se a primeira, e a segunda, e a terceira parte do mundo tiveram reis, tambem o teve a quarta (Ib. S. 2. 88) — Na primeira e na segunda tentação tentou o demonio (Ib. 5. 185) — ...indagar o direito publico e privado (A. H., Hist. de Port. 1. 12) — ...no tempo dos celtas e do dominio carthaginês e romano (Ib. 11) — O pae da vossa D. Beatriz o desbaratou com a fidalguia portugueza e castelhana (A. H., Monast. 1. 239)

Obs. Um terceiro typo ainda mais anômalo encontra-se em alguns escriptores, em que o artigo e respectivo substantivo vão para o plural, e os numeraes, que exprimem as partes, ficam interpostos no singular. Exs.:

Ficou o quartel-general protegido pelos 14.º, 32.º e 34.º batalhões (E. Cunha, Sert. 466, 2.ª ed.) — Os 7.º, 14.º e 30º. batalhões de infantaria constituem a 1.ª Brigada. (Ib. 371). — ...o grosso da columna constituido pelas 1.ª e 3.ª brigadas (Ib. 382). Melhor se dirá — *pelos batalhões* 14.º, 32.º ... os batalhões 7.º, 14.º... *pelas brigadas* 1.ª e 3.ª.

535. OUTRAS DIFFICULDADES NA CONCORDANCIA DE ADJECTIVOS. Além das duas difficuldades atraz estudadas, outros factos curiosos existem no uso e concordancia do adjectivo, de que passamos a tractar:

1.º Como em latim, converte-se o adverbio em adjectivo, que passa a concordar com o sujeito, tornando-se o adjuncto predicativo em adjuncto subjectivo, e dando-se mais vivacidade á expressão: *Os navios singraram velozes* por *velozmente* — *Elle levantou-se jubiloso*, por *jubilosamente* (cf. lat. *tacita secum gaudet*, Diez). Exs.:

Commetterão *soberbos* os Gigantes
Com guerra vã o Olympo claro e puro (Lus. 2. 112)

E para que mais *certas* se conheção)
As partes tão remotas, onde estamos, Lus. 5. 52)

2.º O adjectivo *juncto* era mais frequentemente empregado como adverbio do que hoje, com o valor do lat. *junctum*. Exs.:

Rompem malhas primeiro, e peitos logo:
Assim recebem *junto* e dão feridas,
Como a quem já não dóe perder as vidas. (Lus. 4. 39)

Não esperam os ventos indignados
Que amainassem; mas *juntos*, dando nella,
Em pedaços a fazem, c'um ruido,
Que o mundo pareceu ser destruido. (Lus. 6. 71)

3.º Ao invés do que acontece com *juncto*, o adjectivo *só* é modernamente com mais frequencia empregado como adverbio, do que no v. port., p. ex.:

Em pouco mais de dous credos ficárão no cãpo quarenta e cinco mortos, dos quais *sós* os oito foram nossos (F. M. Pinto, Perigr. I.33) — O Hidalcão respõdera... que sós dois dias avia que a nao era partida (Ib. 23) — Durou a quietação desta paz por tempo de *sós* dous meses e meyo (Ib. 44) — Não tinha mais de meu que *sós* cem cruzados (Ib. 47) — E assaltando á escalla vista... a entrou sem perder dos seus mais que *sós* trinta e sete (Ib. 56).

Vês aqui as mãos, e a lingua delinquentes;
Nellas *sós* exp'rimenta toda a sorte
De tormentos, de mortes, pelo estylo
De Scinis, e de touro de Perillo (Lus. 3. 39).

4.º Os demonstrativos — *este, esse, aquelle*, em funcção pronominal como sujeitos, concordam, por attracção, com o predicado nominal quando substantivo: *Esta é a casa, estes são os homens, aquellas são as mulheres.* Do lat. nos veio este processo: *hæc est vita mea.*

Se, porém, o predicado é adjectivo ou substantivo abstracto, o demonstrativo assume a fórma neutra — *isto, isso, aquillo*: *isto é claro, isso é verdade, aquillo é coisa incrivel.*

Em sentido pejorativo apparece o neutro mesmo com predicado concreto: *isto não é um homem, aquillo não é a mulher que eu pensava, isso são difficuldades com que não contavamos, isto são os ossos do officio, isto não é sessão, não é nada.*

Este processo tambem se filia ao lat., onde o demonstrativo-sujeito assumia por vezes a fórma *neutra* a despeito

do genero masc. ou femin. do predicado: *Nec sopor illud erat* (Verg.) = *nem aquillo era somno.*

5.º O adjectivo regido de preposição (*ae, em, por*) em certas phrases, concorda, por attracção, com o substantivo, sujeito ou complemento, a que se refere, e conserva-se invariavel se modifica o predicado:

Ella, de esperta, não appareceu ; elles, de velhacos, não acceitaram ; a sociedade de alta só tem o nome (só tem o nome de alta sociedade) — Ella, de bonito, só tem os olhos ; este povo, de bom, só possue a fama ; elles por doentes não compareceram.

Por os raros extremos que mostrou
Em sabia Pallas, Venus em formosa,
Diana em casta, Juno em animosa,
Asta, Europa, e Asia as adorou (C. Obrs. 3. 27)

Está a gente maritima de Luso
Subida pela enxarcia, de admirada,
Notando o extrangeiro modo e uso (Lus. 1. 62)

Tentou Pirithoo e Théseo, de ignorantes
O reino de Plutão horrendo e escuro (Lus. 2. 112)

Posto que em todo o mundo, de affrontados,
Resuscitassem todos os passados (Lus. 2. 55)

Sabe que quantas náus esta viagem,
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem (Lus. 5. 43)

Perdidas e tracilhadas
As tuas ovelhas vejo,
Dellas morrem de cansadas,
E tu tens morto o desejo
D'acudires as coitadas (B. Rib., Men. e Moça, 270)

6.º Nota-se a mesma concordancia por *attracção* no grupo *a olhos vistos*, que sendo logicamente um grupo de *subordinação* (visto a olhos), tornou-se grammaticalmente de *coordenação*:

Todas e cada uma destas causas, a olhos vistos, hão mister (Lucena, VIII. 8) — Grande quebra na estatura dos corpos, que a olhos vistos(Ib. III 9).

Obs. Critica o Snr. José Feliciano de Castilho esta phrase de Lucena, ainda hoje geralmente empregada, pela razão obvia de não obe-

decer tal grupo nominal (*a olhos vistos*) aos principios da grammatica philosophica. E seu illustre irmão Antonio de Castilho, cedendo ás mesmas considerações, escreveu: *O tempo exhauria a olhos vista a por nenhum modo renovada substancia da cidade* (Q. Hist. III. 57). Em que pese a tão grandes auctoridades, a phrase de Lucena é vernacula e corrente, e se não obedece aos principios da grammatica philosophica, obedece aos da grammatica historica, isto é, á euphonia analogica. Tal phrase traz, por certo, o cunho da ordem synthetica do velho portuguez, antepondo o regimen (*a olhos*) ao termo regente (*visto*); porém a proximidade do substantivo plural (*olhos*) exerceu natural attracção sobre o adjectivo, que foi, por uma *confusão euphonica*, para que assim o digamos, considerado como seu attributo. A phrase assim estereotypada é intelligivel, homologada pelo uso geral, e preferivel á phrase reaccionaria do Sr. José de Castilho. Exs.:

Mayor bem vos quero eu a vós que a elle, e se o nam visse perdido por vós a olhos vistos, não mentaria tão sois (Euphr. 64). — A olhos vistos a nau se ia afundando (J. de B., ap. Serões 604) — Mas a olhos vistos cresceram nelle todas as virtudes (Souza, ib.) — Dissimulado á evidencia e encoberto a olhos vistos (A. V., ib.) — Os campos, cobertos aqui de relva, acolá de searas, que cresciam a olhos vistos, verdejavam ao longe (A. H., ib.).

7.º Entre os classicos é frequente flexionar-se *meio* e *todo*, em funcção adverbial, por *attracção;* hoje é menos generalizada a flexão de *meio* nesta accepção:

Convez cheio de corpos *meios* mortos (Lucena, II, 2) ...meios enterrados nas lapas ...meios comidos de bichos (Id.) — Uns caem meios mortos e outros vão a ajuda convocando do Alcorão (C.) — Estes rudes combatiam meios nus (A. H., Eur. 94) — Cadaveres meios enterrados nas ruinas (C. C. B.) — E assim eram meios fieis e meios gentios (A.V., S. 2. 126) — Que funebres alas são essas de homens todos lucto (G., Cam. C. II, I) — E era ella bella de uma belleza toda judaica, toda arabe (Ib. O Arc. de S. A. II. C. 28) — Agouravam a possibilidade de uma cura por meios todos moraes (Ib., ap. M. Barreto, N. Est., 262) — Elle é todo doçura, ella é toda ouvidos (A. C.) — Uma princeza, toda suavidade e virtude; um principe todo virtude e talento; um frade, todo talento e majestade (Id.) — Chegaram aos ouvidos as estrophes meio zombeteiras e meio graves de ousado reprehensor (L. C.).

Graus

536. O latim possuia, fóra o *positivo* ou *normal*, dois graus de significação do adjectivo qualificativo, que passaram para o portuguez, a saber — o *comparativo* e o *superlativo*.

537. COMPARATIVO. O comparativo latino de superioridade tinha a fórma *organica* ou *synthetica*, na desinencia *— ior, m* e *f* e *— ius n.*: *justus — justior, justius*. Quando, porém, o thema terminava em *i* ou *e*, como *pius, idoneus*, recorria o lat. a uma fórma *inorganica* ou *analytica*, por meio do adverbio *magis*: *pius — magis pius, idoneus — magis idoneus*. O latim pop. empregava tambem nos comparativos analyticos o adv. *plus*, preferido pelo fr. *plus* e pelo ital. *più*, e que apparece no v. port. na fórma de *chus*:

> E tres Mouros que entrarão
> Chus negro que Satanás (T. Port. 123)

O port. rejeitou o processo *synthetico* do lat., e generalizou com o lat. pop. a fórma *analytica — mais idoneo, mais justo*. Salvaram-se, entretanto, algumas fórmas syntheticas do lat. class.

538. AS FÓRMAS SYNTHETICAS COMPARATIVAS SUBSISTENTES. Subsistem ainda do synthetismo latino quatro fórmas comparativas, que são:

bonum	⟹		— meliorem	⟹	melhor
malum	⟹	magnum	— pejorem	⟹	peor
magnum	⟹	magno (grande)	— majorem	⟹	maior
parvum	⟹	parvo (pequeno)	— minorem	⟹	menor

Ao lado destas fórmas syntheticas, possue o portuguez as respectivas fórmas analyticas — *mais bom, mais mau, mais grande, mais pequeno*.

Além destas, subsistem muitas outras dos comparativos latinos em *-ior*, porém com o valor comparativo obliterado, taes são: *inferior* e *superior, interior* e *exterior, anterior* e *posterior, ulterior* e *citerior, júnior* e *sênior*. Perdida a noção comparativa destas palavras, a lingua tracta-as como fórmas positivas:

> Penetrae o mais interior e retirado daquellas soledades (A. V., S. 2. 1688) — Francisco Dias Gomes considerou o poema de Francisco de Sá de Menezes "a mais inferior de nossas epopeias regulares" (C. C. B., Lit. 1. 34)

Obs. *Tamanho* ⟹ *tam magnum* = tão grande, é uma fórma synthetica de comparativo de egualdade. A fórma paralella *camanho* ⟹ *quam magnum* archaizou-se — "Ah ! camanha graça ! (Euphr. 63)— Mãy minha, camanho testemunho ! (Ib. 112).

539. Emprego das fórmas comparativas synthetica. Quanto ao emprego das fórmas comparativas syntheticas, convem observar:

1.º As fórmas — *melhor, peor* e *maior* são preferidas, na linguagem culta, a — *mais bom, mais mau, mais grande;* egual repugnancia, porém, não existe para — *mais pequeno.* Comtudo, encontram-se exemplos auctorizados daquellas fórmas analyticas:

Não ha mais máo conselho, que ter um villão destes mimoso (C. Obrs. 3. 8) — He o mais máo hereje, que vomitárão neste mundo as Furias de Babylonia (A. de F., 205).

2.º As fórmas *syntheticas,* porém, são excluidas e sómente são admittidas as *analyticas,* quando a comparação recáe entre duas qualidades:

Pedro é mais bom do que sabio, mais grande na coragem do que nas forças — El-rei D. João era mais grande que pequeno (G. Rezende) — Duas canastras mais grandes que pequenas (A. de F., 368).

3.º *Melhor* e *peor* são egualmente adverbios comparativos de *bem* e *mal.* As linguas romanicas, de accordo com a tradição latina, servem-se dos adjectivos *bom* e *mau* para indicar o caracter das pessoas, e dos adverbios *bem* e *mal* para indicar o estado, p. ex.:

Fulano é bom e está bem, é mau e está mal. — Estar bem de saude =bene valere, bem rico =bene nummatus — Quem é bom de contentar menos tem que chorar.

Para designarem o estado de saude, empregam naturalmente os adverbios *bem* e *mal* e os comparativos — *melhor* e *peor,* p. ex.:

Os doentes estão bem ou estão mal, estão melhor ou estão peor — Aquelle que se vai achando melhor (de saude) ha de fazer exercicio = Qui meliusculus esse caepit, adjecere debet exercitationes (Bluteau).

Porém, a phrase — *fulano está bem* tem adquirido um sentido especial de *estar bem de cabedaes* ou *de posição social.* Dahi uma certa perturbação em portuguez quanto ao uso do adv. *bem* para indicar o estado de saude. Para obviar uma tal ou qual confusão, é corrente no fallar commum: — *o doente está bom, eu já estou bom* (*restabele-*

cido). Raramente se diz: *o doente está bem, eu já estou bem*, no sentido da recuperação da saude. Este desvio, por parte do portuguez, da tradição romanica é, pois, determinada pelo instincto da clareza. Mas esta intromissão do adj. *bom* na esphera do adv. *bem*, vae repercutir naturalmente no respectivo comparativo — *melhor;* e, por isso, não raro se diz no fallar quotidiano: *os doentes estão melhores, nós já estamos melhores*, ao lado de — *os doentes estão melhor, nós já estamos melhor.*

A analogia tende a communicar ao comparativo *peor* este novo sentido do seu antonymo (*melhor*), se bem que o positivo *mal* não tenha soffrido alteração no seu sentido generico, de sorte que se diz: *os doentes estão mal, estão peor*, e, vulgarmente, *estão peores.*

540. A LIGAÇÃO DOS TERMOS DO COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE. Dois eram os processos do latim na ligação do segundo termo de um comparativo de superioridade: ou ia o segundo termo, em geral, para o mesmo *caso* do primeiro, a que se ligava pela conjuncção *quam*, ou ia para *ablativo*, sem qualquer connectivo, p. ex.: *Paulus doctior est quam Petrus*, ou — *Paulus doctior est Petro* = *Paulo é mais sabio que* ou *do que Pedro.* — *Non est servus major domino suo.*

O v. port. empregava largamente em taes casos dois processos correspondentes a esses processos latinos:

a) Primeiro processo de ligação dos termos do comparativo. Este processo correspondia ao primeiro latino, que consiste em ligar o segundo termo com a conjuncção archaica *ca* (←⋘ quam), e mais tarde *que*. Exs.:

Quando vos amava mais ca si (Chres. Arch. 306) —Melhor o fez o ca o non disse (Ib. 271) — E que peor poss'aver ca seu desamor? (Ib. 231) — Ca lhe quero melhor ca mim (Ib. 221) — Mui maior mal avedes ca el, que morrer vedes (Ib. 305) — Quando vus el amava mais ca si, por que lhi non fezeste ben enton? (Ib. 306) — Quand'eu perdi aquela que amar sabia mais que min, nem outra ren (Ib. 228) — Sonhei que me veera dizer aquel que me milhor que a si quer: falade mig', ai meu lum'e meu ben!... o que me sabe mais que si amar (Ib. 286) — Cousas mais altas que ty não buscarás (L. Conselh. 314) — Porque mataste aquelle mouro que era melhor que ti (T. Port., Liv. de Linh.. 5) — Meus filhos que eram já melhores que mim (Ib. 246).

Obs. Este processo, com o connectivo *que*, ainda é vigente ; o que é archaico é o emprego do pronome *obliquo* tónico (*mim, ti, si*), onde hoje empregamos o caso *recto* : *eu, tu, elle*, ou os mesmos obliquos preposicionalmente, conforme funccionam, no segundo termo de comparação como sujeito ou como complemento do predicado elliptico.

b) *Segundo processo da ligação dos termos de comparativo.* Este processo correspondia ao segundo processo latino, e consistia em ligar o segundo termo de uma comparação por meio da preposição *de*. Era largamente usado no v. port. e, se bem que archaizado, temos delle muitos vestigios no uso actual da lingua, como abaixo veremos. Exs.:

Aquela por que trobado avedes e que amastes vos mais doutra ren (=de outra cousa=do que outra cousa) (Chrest. Arch., 261) — Amigo, nunca eu cuidei que vus perdesse, come vus perdi por quen non parece milhor de mi (=melhor do que eu) (Chrest. Arch. 275) — Pois mi dezedes, amigo, ca mi queredes vos melhor de quantas eno (=no) mundo son (me quereis mais do que quantas no mundo existem) (Chrest. Arch. 293) — Ouveran de vos peor resposta con obra da que ouveron esses outros del-rei don Affonso, vosso avoo (do que a que houveram) (Ib. 161) — E os cristãos pereceron melhor (=mais) da quarta parte (=do que a quarta parte) (Ib. 123) —Pero sõo certão (estou certo) que mi queredes peior d'outra ren (T. Arch. 22) — Eu, senhores, sam hũa dona senhora deste castello, que já em outro tempo vivi alegre, e com menos dor da que agora tenho (do que a que agora tenho — Palm. I. 238) — Com mais pressa da que trouxera (do que aquella que...) se tornou para elles (Lucena, 1, 98) — Maior espectaculo, ó Tibre, vês estes dias daquelle que viu antigamente o Jordão (=do que aquelle que viu... (A. V., Obrs. S. 3. 141) — Se o cabello tirar a amarello e estiver mais delgado do ordinario (*solito subtilior*=do que o ordinario), elle os declarará immundo (A. P., Lev. XIII. 30) —Porque razão está hoje o vosso semblante mais triste do costumado (do que o costumado) (A. P., Gen. XL. 7) — Não vos ha de valer mais d'aquillo que eu quizer (G. V., ap. J. Moreira).

Nota-se em alguns desses exemplos *melhor* valendo por *mais* : *Ca* MELHOR *poder teendes vós ca elle* (Cortesão).

Obs. Este segundo processo, archaizado em portuguez, manteve-se normalmente em italiano, e o exemplo de Vieira acima citado é de um sermão seu, escripto e prégado em italiano, e pelo mesmo vertido em portuguez. Largos vestigios temos ainda hoje desse processo comparativo nas seguintes expressões ainda vigentes : *maior de 20 annos, mais de 2 leguas, e notarão muito* MENOS *daquillo* (do que aquillo) *que querião* (Lus. 2. 9), *maior da marca*. E em Portugal ainda se ouve entre o povo : é melhor ca mim, é mais feio ca ti (Cortesão) E ainda, segundo J. Moreira, apparece hodiernamente a mesma preposição *de* introduzindo o segundo termo de comparação em phrases semelhantes a estas : *O que não significa que dahi lhe venha mais responsabilidade* DA *que* lhe pudesse advir do facto de pôr a sua assignatura nesses diplomas (Estudos, I. 56). Con-

firma o que diz J. Moreira o seguinte passo de Herculano : Desde então poderoso vassallo da coroa... ganhou na côrte de D. João I notavel importancia e valia, maior porventura da que tivera (do que a que tivera (como simples abbade de Alcobaça (Monasticon, 1. 111).

541. O processo mais usual para introduzir o segundo termo de uma comparação é hoje a locução conjunctiva — *do que.* Este connectivo nasceu seguramente do cruzamento syntactico dos dois processos acima exemplificados, do *de* regendo ao ablativo, e do *quæ* correspondente ao *quam*: a dupla expressão do velho portuguez — *melhor de Pedro* e *melhor que Pedro,* confundiram-se em — *melhor do que Pedro.* O demonstrativo *o,* que ahi apparece, explica-se, segundo a hypothese plausivel de Julio Moreira, por uma confusão do — *que* com a fórma composta *o que.*

Obs. Além desses processos normaes de comparação, tinha o lat. outro recurso para indicar o comparativo de superioridade, por meio da preposição *præter* (acima de), *ante* e *super : super ceteros claros* = illustres acima dos outros (Bruno).

Herdou o portuguez egual recurso : *elle é sobre todos excellente* = *excellente mais que todos.*

Superlativos

542. Consiste o grau *superlativo* no encarecimento da significação do adjectivo de modo absoluto ou relativo. Dahi duas especies de superlativo — o *absoluto* e o *relativo.*

543. Superlativo absoluto. O latim possuia para a formação do superlativo absoluto, um processo organico ou synthetico, largamente usado no latim literario, e um outro analytico ou periphrastico de uso mais restricto.

544. Superlativo absoluto synthetico. Para a formação do superlativo absoluto synthetico possuia o latim dois suffixos, que passaram com as respectivas palavras para o portuguez literario:

-mus :					
primus	⟹	primo	infimus	⟹	infimo
summus	⟹	summo	minimus	⟹	minimo
supremus	⟹	superrimo	proximus	⟹	proximo
superrimus	⟹	supremo	maximus	⟹	maximo
extremus	⟹	extremo	pessimus	⟹	pessimo

b) **- timus :**

intimus	⟿	intimo
optimus	⟿	optimo
ultimus	⟿	ultimo

545. Este suff. — *timus*, por assimilação regressiva, conforme a ultima consoante do thema, assumiu a fórma *-simus, -limus, -rimus*: *justis* + *timus* = *justissimo; facil* + *timus* = *facillimo; acer* + *timus* = *acerrimo.*

A lingua rejeitou este processo organico ou synthetico, e, só no sec. XVI, Camões e outros quinhentistas introduziram-n-o no dialecto literario. Na formação de taes superlativos toma-se, de ordinario, o *thema* do vocab. lat., que frequentemente corresponde ás fórmas archaicas da lingua:

Amabilissimo, terribilissimo, ferocissimo, efficacissimo, sacratissimo, beneficentissimo (de beneficente e benevolo), malevolentissimo, sapientissimo, felicissimo, pulcherrimo, humillimo.

Frequentes vezes, o thema lat. e o vernac. dão-nos *fórmas duplas*, e outras o superlativo é transportado do lat. sem correspondente positivo vernacul

Humillimo e humildissimo, dulcissimo e docissimo, crudelissimo e cruissimo, amicissimo e amiguissimo, antiquissimo e antiguissimo, integerrimo e integrissimo, saluberrimo e salubrissimo, nigerrimo e negrissimo, liberrimo e livrissimo, pauperrimo e pobrissimo, pessimo e mainssimo, optimo e bonissimo, minimo e pequenissimo, intimo e baixissimo, maximo e grandissimo, supremo e altissimo, simplicissimo e simplissimo (contracta) bellacissimo (do lat. *bellax*), uberrimo, nequissimo, generalissimo, pudicissimo, publicissimo, parcissimo (cf. riquissimo, rouquissimo). — De alguns determinativos : muitissimo, tantissimo, pouquissimo, mesmissimo.

Obs. Por analogia dizemos na ling. pop. — coisissima nenhuma, meninissimo, casaquissima. Já do lat. nos veio este processo : *Salve, oculissime homo* (Plaut., ap. Serões).

546. Um outro processo organico superlativo nos legou o lat., que consiste no encarecimento de certos adject. por meio de *prefixo*·

PER : — perfeito (cf. perfazer, perdurar, perlavar) permixto.

PRE (⟿ PRAE) : — preclaro, prelucido (cf. preluzir), prepotente

ULTRA : — ultraromantico, ultraliberal, ultrasensivel, ultramundano, ultrarealista.

HYPER (greg.) : — hypercritico, hypertrophiado.

ARCH (greg.) : — archi-sabio, archi-são (hybridismos depreciativos). RE : — re-são, re-tolo, re-seu

Quem assim resiste a morte é são, re-são e archi-são (A. C.)., Doent. 158) — Você lá, meu neto, é tolo e re-tolo (Id., ap. E. Carneiro) — Isto é seu e re-seu.

547. SUPERLATIVO ABSOLUTO ANALYTICO. Ao lado do superlativo organico em latim, havia um outro *inorganico, analytico* ou *periphrastico,* de uso restricto na linguagem culta., mas, com toda a probabilidade, de largo uso no lat. pop., onde o impulso analytico já ameaçava o synthetismo official do fallar da nobreza romana. Consistia este processo, empregado para evitar o hiato em certos adjectivos, em encarecer a significação de adjectivo por meio de um adverbio adequado, p. ex.: — *pius — maxime pius* (por *piisimus*) *moxius — maxime noxius, idoneus, — maxime idoneus.*

Esta syntaxe foi seguida em portuguez, e o adverbio *muito* e outros equivalentes foram aproveitados para a formação dos superlativos absolutos. — Generalizando este processo analytico, a lingua teve a vantagem de poder graduar o superlativo absoluto por meio da variedade de adverbios de que dispõe, v. gr.: *muito justo, muitissimo justo, extremamente justo, excessivamente justo,* etc.

No portuguez archaico a preposição *per* funccionava, ás vezes, como adverbio de encarecimento ou reforço: *Mays do que dixe gran favor per ey* (Nobiling. D. J. de Guilh., p. 34 = hei muito grande favor — *per gran*).

548. REDUPLICAÇÃO. O methodo de reduplicação na formação do superlativo nos veio do lat.: *multo formosissimus, longe nobilissimus, multo pulcherrimus.* O v. port. e mesmo os nossos classicos imitaram-n-o mais largamente do que hoje se faz. Exs.:

Dos mui muito ciumes nace o mui muito amor (G. V.) — Por muito minimo que fosse (F. M. P., Per. ap. E. Carneiro) — Muito reverendissimo padre Fr. Thomé (A. V., C., ib.) (cf. mui sapientissimo senhor) — Artifice mui primo neste genero (Serões 341) — Hoje ainda dizemos em linguagem familiar : — isto é muito muito difficil, é feio feio até onde póde ser ; processo parallelo aos dos subst. — *horas e horas, noites e noites,* e semelhante ao hebraismo — *senhor dos senhores, cantico dos canticos.*

E' corrente na mesma linguagem a reduplicação organica de *grande*: "No teu tempo, grandessissima alcaiota, não tinham os sêgraes mancebos mouros" (A. H., Mon. I. 75).

549. SUPERLATIVO RELATIVO. O latim não possuia fórma especial para o superlativo relativo; empregava para esse effeito o superlativo absoluto seguido de genitivo: *maximus oratorum* = *o maximo dos oradores.* — Quando o superlativo latino vinha desacompanhado do genitivo, o sentido absoluto confundia-se com o relativo: *carmina pulcherrima* = *bellissimos cantos.*

Desappareceu esta syntaxe, que só subsiste na linguagem culta, como um latinismo literario: *Brandão, o judiciosissimo de nossos historiadores, provou...* (A. C., P. Hist. I. 101).

550. A lingua vernacula substituiu esse processo latino por um outro, que evolveu do comparativo de superioridade e inferioridade com o desenvolvimento do artigo. Consiste elle na anteposição do artigo definido ao comparativo de superioridade ou inferioridade, e da prep. *de* ao termo de relação: *o mais eloquente dos oradores, a maior das virtudes, o menor sabio dos homens.*

Obs. A particula relacional *de* dos superlativos relativos é a ligação archaica do comparativo, de que ja tractámos. Esta particula sobrevive não só nos superlativos relativos, mas ainda, como vimos, em algumas phrases meramente comparativas, como — *mais de um metro, maior de vinte annos, menos de cinco leguas.* Póde esta particula nos superl. relativos ser substituida por — *entre* ou *d'entre os oradores*, como, aliaz, em lat. o genitivo podia ser substituido pelo ablativo ou accusativo, regidos respectivamente de *ex* e *inter*: *Altissima arborum*, ou *ex arboribus*, ou *inter arbores* (Chassang). — Não se repete em portuguez o artigo, como se faz em francez, quando o substantivo anteposto ao seu adjectivo no grau superlativo já vem acompanhado desse determinativo — *a flor mais bella de todas é a rosa*, e não : *a flor a mais bella de todas...* E' frequente a ellipse do termo de relação : *Não discordaram os mais intransigentes.*

551. Certos adjectivos, pela sua propria significação, não podem *logicamente* ter graus de significação, taes como:

Redondo, quadrado, circular, infinito, angular, immenso, enorme, infallivel, lateral, mortal, immortal, argenteo, aureo, plumbeo, ferreo, eburneo, cuprico, duplo, triplo, medio, maternal, filial, hybernal, morto, vivo, casado, solteiro, nocturno, diurno, diuturno, diario, nascido, fran-

cez, brasileiro, bahiano, americano, absurdo, eterno, illimitado, moral, divino, preferivel, principal, physico, arterial, perenne, latino, perfeito.

Porém *grammaticalmente* muitas dessas palavras, no caso de emphase, mormente no v. port., assumem flexão e fórma gradativa — *perfeitissimo, vivissimo, enormissimo; immensissimo, principalissimo, portuguezissimo, redondissimo.* — Commetteu o mais enorme de todos os erros (A. V., S. 5. 6) — Ao que Epirantes Delfim de França que era pessoa muy principal respondeo (Tav. Redond. 30) — Fica aqui a mais principal desta lição na Historia (J. B., Dec. ap. Serões 341) — Não desmerecia no mais minimo o conceito, que nestes pontos de heroica impavidez havia conquistado (L. C., ap. Serões 341) — E' o homem na pequenez da mais miserrima e limitada existencia (C. C. B.) — E o que á vontade se faz mais impossivel, mais deseja (A. Ferr.).

552. AUGMENTATIVOS E DIMINUTIVOS SUPERLATIVOS. A muitos adjectivos dá a lingua graus do subst. — *augmentativo* e *diminutitivo* equivalentes ao *superlativo*: *feanchão, pobretão, santarrão, soberbaço, toleirão, parceirão, seccarrão, grandalhão, ignorantão, fracalhão, velhacão, atrevidaço, bonitinho, bonitote, bomzinho, quietinho, quentinho, pequenito, pequerrucho, pequerruchinho, pobrete, sozinho, junctinho, chegadinho, agarradinho, socegadinho, caladinho, escondidinho, baixinho, deitadinho, dormindito, maiorzinho, menorzinho, peorzinho, melhorzinho, maiusculo, minusculo.* — Os diminutivos teem sentido *affectivo,* e os augmentativos são *depreciativos.* Com egual valor de encarecimento depreciativo dispõe a lingua do suffixo-*udo*: *orelhudo, cabeçudo, olhudo, ossudo, espadaudo, cabelludo, gordanchudo, testudo, barrigudo, façanhudo, sanhudo, narigudo, beiçudo, forçudo, peitudo.*

Adjectivo e pronome determinativos

553. Os adjectivos determinativos, que se discriminam dos qualificativos em terem por funcção modificar a *extensão* do substantivo, figuram frequentemente como pronomes, bastando a ausencia, na phrase, do substantivo. Muitos delles, além disso, teem fórmas especiaes, que com o desapparecimento dos substantivos neutros, assumiram funcções pronominaes exclusivas ou quasi exclusivas. Neste estudo especial, encará-los-emos no duplo aspecto *adjectivo* e *pronominal.*

Artigos

554. Não possuia o latim artigos; dahi a falta de precisão em certas phrases, como: *lego librum*, que póde ser — *leio livro, leio o livro* e *leio um livro*. O progresso de espirito critico, na evolução analytica das linguas romanicas, determinou o apparecimento dos *artigos* DEFINIDO e INDEFINIDO por uma attenuação no valor significativo dos determinativos latinos — *illum* e *unum*.

555. ARTIGO DEFINIDO. O artigo definido (*o, a, os, as*) desenvolveu-se do demonstrativo latino *illum* = *aquelle* (*illo* ⟶ *lo* ⟶ *o, illa* ⟶ *la* ⟶ *a, illos* ⟶ *los* ⟶ *os, illas* ⟶ *las* ⟶ *as*), com o enfraquecimento successivo de seu valor demonstrativo, a tal ponto que o julgam alguns *vasio* de sentido, como que tendo exgottado, em seu esvasiamento progressivo, todo seu conteudo significativo. Phenomeno este que se dá egualmente com o numeral *um*, quando funcciona como artigo indefinido. Provam, entretanto, os celebres grammaticos de Port-Royal, que elles conteem em si valor determinativo ou conteudo significativo, com as seguintes phrases: *Luiz, filho de Carlos; Luiz o filho de Carlos; Luiz, um filho de Carlos*. Evidentemente a presença dos artigos traz sentido novo: no primeiro caso, a ausencia do artigo deixa indeterminado o substantivo *filho*, que póde ser unico ou não; no segundo, a presença do artigo definido indica que o *filho* é unico; no terceiro, que é um dentre outros.

Como no hespanhol e no italiano, a primeira syllaba do original latino *illum*, deu no portuguez medieval, o artigo *el*, cujo emprego se restringiu á palavra rei (el-rei), *declarando todo esto el rey seu marido* (F. Lopes).

556. Originaram-se os artigos da necessidade de determinação e clareza na enunciação do pensamento; porém, só paulatina e gradualmente se foram elles generalizando ao largo uso que delles faz a lingua actual. No v. port. nota-se muitas vezes a ausencia de artigo, onde o reclama hoje a lingua. Exs.:

Trabalhade em quanto havedes lume de vida (Reg. de S. Bento) — Parte-te de mal e faze bem (aparta-te do mal e faze o bem (Ib.) — Deu-lhe hũa tal vestidura que trouxe de parayso (Aff. o Sabio) —...seguir de voõtade comprimento de maldade (D. Duarte, L. Cons.) — Adoeceo logo nesse dia e cayo em cama (F. Lopes, Chr. de D. Fern.).

557. Ante os nomes geographicos era frequente a ausencia do artigo. Exs.:

As terras viciosas de Africa e Asia andaram devastando (C. Lus.) — Victorias que Italia não nega (Ib.)— Sujeitos ao imperio de Alemanha (Ib.) — Longe de Macedonia estão as gentes.

558. Uso do artigo no v. portuguez. Nos proverbios, que são preciosos legados da antiga linguagem, e em certas *phrases feitas*, que resistiram ao desenvolvimento do artigo, temos authenticas amostras de seu emprego restricto no v. port.:

a) **Proverbios:** Mais val amigos na praça que dinheiro na arca (J. de Vasc., Eufrosina) —A máo capelão, máo sacristão ; a máo amo máo moço ; a má chaga, má herva, que avarento rico nam tem parente nẽm amigo (Ib.) — Comadres e vizinhas a vezes hão farinha (Ib.) — Mais val roim asno, que ser asno, e asno é quem asno tem, mas mais asno quem o nam tem (Ib.) — Guarte de homem que não falla, e de cão que não ladra (Adag. F. R. I. L. E. L.) — Deita-se homem pelo chão, por ganhar gibão. — Agua e pão de corrida se vão — Mais apaga boa palavra, que caldeira de agua — Asno com fome bugalhos come — Raposa, que muito tarda, caça aguarda.

b) **Phrases feitas :** Fallar verdade ; vir de casa, ir para casa, sahir de casa ; ter coragem, medo, vergonha, fome, sêde, tempo, razão ; pôr fim, pôr em duvida, estar em perigo, entrar de posse, fazer face, fazer frente, declarar guerra, tomar posse, dar licença, achar meio ; traduzir de francez em ou para portuguez ; pôr joelho em terra ; passar a nado (*a la nage*) ; vir a voga surda (Academia Real de Sciencia) — Esta omissão do artigo dá-se principalmente com os termos abstractos.

Mui cedo se começou a desenvolver o artigo nas linguas romanicas, pois já documentos do sec. VI offerecem numerosos exemplos, segundo Diez, em que o demonstrativo *ille* se apresenta com um valor articular, isto quer dizer, com sua força demonstrativa de logar ou posição no tempo e no espaço, attenuada ou enfraquecida.

559. Posição do artigo. O artigo precede sempre o nome, bem como qualquer adjectivo ou complemento ante-

posto ao nome modificado: *o rio, o grande rio, o das aguas gigante.*

Abrem excepção a esta regra os adjectivos *todo* e *ambos*, que reclamam a posposição do artigo: *todo o homem, todos os homens, ambas as mãos* (cf. *o homem todo, as mãos ambas*).

No v. port. apparece frequentemente omittido o artigo com o determinativo *todo*, quer no singular, quer no plural, e egualmente com *ambos*. Exs.:

Nella sós experimenta toda sorte de tormentos (Lus. 3. 39) ...e segura toda Hespanha da juliana má, e desleal manha (Lus. 4. 49) — ...e nunca faltaram huns aos outros em todo perigo (J. F. Vasconc. Tav. Redonda, 2) — ...guardada de toda conversação averá tres annos (Ib. 35) — ...caminhando com toda pressa (Ib. 36) — ...grandemente destro em todas armas (Palm. 1. 13) — O de salvage vendo que o outro vinha tras ella armado de todas peças sahio a recebello (Ib. 205) — Nos veemos aqui todo mundo jazer morto, a marteiro e a door (de martirio e de dor) (Chrest. Arch. 47) — Começa-se a travar a incerta guerra, de ambas partes se move a primeira ala (Lus. 4. 30) — E dizem que esta foy uma das perfiadas batalhas que se viram no mundo, em que dambas partes se pelejou igualmente (Tav. Red. 9).

Quando Roma a todas velas
Conquistava toda a terra,
Todas donas e donzellas,
Davam suas joias bellas
Para manter os da guerra
G. Vicente, Obrs. 2. 362.

Obs. Quando o v. port. interpunha o artigo no plural, havia assimilação e agglutinação — *todolos membros* (todos los m = todollos m = todolos m), *todalas partes, todalas cousas* (Palm. 1, 12, 20, 29). — O adjectivo *só* admitte em certos casos a posposição do artigo, como *todos* e *ambos*: *só o homem, quem de só o amor se pagava.*

560. Hoje a omissão do artigo no plural não mais se tolera por anti-euphonica, embora Fylintho e A. Castilho empreguem ás vezes esse archaismo.

Quanto á omissão no singular, só é admissivel quando *todo* tem o sentido distributivo de *cada*: *todo homem é mortal, mas todo o homem* (= *homem todo*) *não é mortal.* Não havendo sentido distributivo, é de rigor o artigo. Exs.:

De mais sciencia, tacto e agudeza não cremos que se ache em todo o mundo (no mundo inteiro), sem exceptuar o reino de Pegu, a Polynesia e a Cafraria (A. H., Mon. 1. 181) — Estes diziam respeito ás necessi-

dades... de cada concelho ; aquelles aos de todo o paiz (Ib. 184) — Uma pessoa como vós é sempre desejada e bem vinda em toda a parte (em cada parte) em que houver espiritos grandes... (A. H., Monast. I. 189).

561. Emprego de artigo definido. No meio da diversidade arbitraria, que reina no emprego de artigo definido, podemos comtudo, escudados muitas vezes em Diez, estabelecer os seguintes principios:

I. Os nomes *proprios* só admittem, em geral, artigo nos seguintes casos:

1.º Quando no plural em accepção appellativa: *os Albuquerques, os Prados, os Vieiras, os Scipiões, os Vergilios.*

2.º Quando modificados por adjectivo ou complemento: *o bom Ricardo, a infeliz Dido, o Homero de Portugal, a Galatéa de Cervantes, o Moysés de Miguel Angelo, a Beatriz de Dante, a Natercia de Camões, o divino Platão, o sabio Affonso.*

Quando o adjectivo se pospõe, leva comsigo o artigo: *Alexandre o grande, Affonso o sabio, Philippe o bello, Pedro o cruel.*

Exceptuam-se, entretanto: *Carlos Magno, Alexandre Magno, Pedro segundo* (II), *D. João terceiro* (III). *Pedro hespanhol, Manuel portuguez,* (Dom João o terceiro em Portugal deste nome, Gil Vicente), *o Camões, o Dante,* etc.

No estylo poetico omitte-se geralmente o artigo: *Roma sancta, Mavorte valoroso.*

Tem valor de adjectivo os *prenomes,* e, por isso, reclamam o artigo: *o Dr. Sylva, o duque Affonso, o rei Eduardo, o P.e Francisco, o Rev. Francisco de Paula.*

Abrem excepção alguns prenomes e o adjectivo apocopado *São* (= *sancto*) e *sancto*: *Frei Germano, Soror Maria, Dom Pedro, D. Luiza, S. Paulo, S. Pedro, Sancto Antonio.*

II. Os substantivos que designam *idéas genericas* em sentido collectivo, isto é, o *genero* ou a *especie* reclamam o artigo:

O homem é mortal, o cão é fiel, o insensato descobre sua ira (stulti in ipsa die cognocetur ira), a mulher diligente é a coroa de seu marido (mulier diligens) corona est viro suo) (Prov. XII, 4.6).

III. Os nomes *abstractos*, que exprimem qualidades intellectuaes, corporaes ou modo de ser, em sentido absoluto, recebem geralmente o artigo:

Melhor é a sabedoria que o ouro precioso, o somno é a imagem da morte, a justiça é o fundamento da sociedade.

Quando personificados nas ficções poeticas, os nomes abstractos muitas vezes dispensam o artigo. Exs.:

Despois que quiz Amor que eu só passasse
Quanto mal já por muitos repartio,
Entregou-me á Fortuna, porque vio
Que não tinha mais mal que em mi mostrasse
(C. Obs. 3. 7)

IV. Os nomes de *materia inorganica* levam o artigo definido, quando considerados em seu conjuncto: *a sabedoria é melhor do que o ouro, branca como a neve, duro como a pedra.*

Não raro apparece o artigo indefinido: *duro como uma pedra, estupido como uma porta.*

A's vezes, porém, não apparece nem um nem outro artigo: *claro como agua, negro como carvão.*

V. Omitte-se, em geral, o artigo ante os substantivos *abstractos* ou *concretos*, quando unidos a verbos formam com elles expressão, que contem uma idéa unica:

Correr perigo, dar resposta, ter compaixão (=compadecer) pôr peito, pôr nome, metter mão, ter paciencia, ter esperança (=esperar), ter medo (=temer), ganhar tempo (=contemporizar), pôr fim (=finalizar), prestar juramento (=jurar), fazer festa (=festejar), fazer face, tomar cuidado, sentir fome, causar damno (=damnificar), pedir perdão, travar combate.

O substantivo nestas locuções encerra a idéa principal, e frequentemente podem ser ellas expressas por um verbo que contem a idéa do substantivo como acima se vê. Todavia apparece ás vezes o artigo em phrases semelhantes a estas: *pôr o coração, pôr a mente, cingir a espada,* (ao lado de *cingir espada*), *brandir a lança.*

VI. Semelhantemente em *locuções adverbiaes*, mais que hoje, era, na antiga linguagem, commum a ausencia do artigo:

A pressa, a vozes, a vezes, a occultas, a certas, de joelhos, com espada feita, ouro e fio, de golpe, a corso, a compasso — E a vezes acordava, a vezes esmorecia (T. Port. 137) — D. Fernando, casado, segundo se dizia, a occultas com ella (A. H., L. e N. I. 66) — A certas, falar e ensinar convem ao mestre (Chrest. Arch. 27) — Ficou-se em joelhos ante ella (F. L. Chr. de D. F. 74) — Ao sahir do sol dá de golpe sobre a cidade (A. P. Juiz. IX. 33) — E quando andassem a corso os advertisse (Fab. 57) — A compasso com as glorias de sua gente, namora-o a natureza, o amor, a humanidade (L. C., Cam. 309).

VII. Omitte-se geralmente o artigo definido ante os substantivos *appostos*, e outros que servem de *attributo* ou *predicado*:

S. Paulo, capital do Estado ; elle é filho de fidalgo, mesa de marmore, barril de vinho, relogio de ouro, armazem de generos, juncta de bois, elle se mostra homem de coração, nasceu rei de Roma, e morreu coronel austriaco, sou brasileiro (cf. elle é um francez sem luxo, um israelita sem dolo) julgo-o homem de procedimento irreprehensivel.

Notam-se, entretanto, algumas excepções:

Rio das Pedras, lagoa dos Patos, largo da Liberdade, praça da Republica, a mulher do leite. — E para discriminar sentidos : Luiz, filho de Carlos, o filho de Carlos e um filho de Carlos.

VIII. Com os verbos *ter* e *haver* e outros formam-se dois typos de phrase equivalentes, conforme antepomos ou omittimos o artigo definido ao objecto:

A mãe hebréa teve (Lus. I. 53), e teve mãe hebréa, tem dura a cabeça, e tem cabeça dura, tem os olhos encovados, e tem olhos encovados, trazia longa a barba, e trazia barba longa, tem os olhos pretos, e tem olhos pretos, sereno o tempo tens (Lus. 2. 61), e sereno tempo tens, recebeu com os braços abertos, e com braços abertos (adhuc caecatum habetis cor vestrum).

IX. Desenvolveu-se no port., bem como no hesp. e ital., o uso do artigo antes do *possessivo* (*o meu chapéo*), como reforço de determinação. Tal uso, porém, é facultativo, salvo o caso de *emphase*, em que a presença do artigo se impõe (*este é meu livro, e aquelle é teu, este é o meu livro e aquelle o teu*), e o de nomes de *perentesco, titulo* ou *dignidade*, em que se impõe, em geral, a omissão, salva a *emphase*: *meu pae, meu senhor, sua senhoria*. Exs.:

Tanto quome uno de suos filios, de quanto podessem aver de bona (bens) de seu pater e filios seu pater e sua mater... foram fiadores de sua Irmana (Not. de Torto, sec. VII) — El-Rei meu senhor e padre... pensei

que Nosso Senhor me dava tanta pena (D. Duart. L. Conselh. sec. XV) — O nosso Ioseph, que até agora encobrio seu amor e represou seus desejos (Balthazar Paes) — Quasi que vosso pae não podia estar uma hora com D. Vivaldo... Ia ainda ver o meu pobre pae, rezar um *pater* juncto á lousa de minha mãe, abraçar Beatriz, minha irmã, tão linda! tão meiga! (A. H., Monasticon) — ... por que de vossas aguas Phebo ordene (Lus. 1. 4)—Fr. Bernardo de Brito... conversa o mesmo logar classico que lhe adquiriram as suas obras... e acham em seus versos o mesmo polimento... que admiram nos seus escriptos.. em qualquer das suas obras (F. J. Freire, Reflex.) — Cal-te, satanaz enganador e bulrão, que crêste comprar-me com as tuas promessas e com o teu ouro (A. H., Monast.)... sem respeitarem o bom nome de sua linhagem, o seu grau de cavallaria (Ib.) — Sim, são: são meus filhos, mas não são o meu filho; não o negara Jacob: mas o seu filho era Iosé. Vae muito de ser filho a ser o seu filho (A. V., S.).

X. O mesmo phenomeno de reforço de determinação se observa com outros *determinativos*: *o mesmo homem, o tal homem, o outro homem, o qual homem, os primeiros homens, os dois homens.*

O v. port., como actualmente o fr. e contrariamente ao port. moderno, admittia o artigo antes de *um, uma, uns, umas.* Exs.:

Ali cavam cavalleiros e cavalos mortos da huma e da outra parte... os huns partirom a huma parte, e os outros aa outra... os huns na deanteira e os outros na costaneira (Bat. de Salado) — O ũu ficou por lavrar... e o outro er ficou polo matar (Chrest. Arch. 101) — Os que tinham espritos de cavaleyros á huma, e os de piães á outra (Tav. Red. 39) — ...julgando as hũas per verdadeiras e duraveis e as outras per caducas e vãas (Ib. 271) — ...as demandas que se fazem os huns aos outros. (Portugalia Monumenta 1. 224).

Ficase porém, julgando
Entre a ũa e outra sorte
Se deis vida dando a morte
Que fareis a vida dando?

S. de M. 52, ed. Michaëlis

No sec. XVI foi-se archaizando o *artigo* antes de *um*, porém conservou deante de *outro* na expressão — *um... o outro*, como se vê em Camões:

Assi que hum pela infamia que arreceia
E o outro pelas honras que pretende,
Debatem e na porfia permanecem (C.)

Nem sempre, porém, apparecia o artigo em qualquer desses termos correlativos: *Ho prometerse huma a outro eterno amor* (Tav. Redonda, 95).

Obs. A esta época em que o artigo definido se combinava com o indefinido devemos attribuir a crase da locução adverbial *á uma*. — No fallar do povo descobre-se ainda hoje, aqui como em Portugal, o emprego do artigo antes de *um*, em phrases semelhantes á seguinte, dada por Julio Moreira: "Não escrevi ha mais tempo á uma porque tenho andado bastante adoentado, e á outra porque não tinha grandes novidades para dar. (Est. da Ling. Port. I. 2).

XI. O artigo suppre o *possessivo*, quando se falla das diversas partes de um ser ou de cousa que lhe pertença:

Elle perdeu a fortuna (a sua fortuna), o juizo, a saude e a vida; cortei o dedo (o meu dedo), quebraste a perna (a tua perna); o boi perdeu o chifre; a flor perdeu a viço; doe-me a cabeça, os olhos, os ouvidos; beijo-lhe as mãos; não lhe gabo o gosto; tomou-te a bengala; inflammou-lhe a coragem; esmagou-me o coração.

XII. O portuguez, como o hesp. e o ital., gozam da faculdade de desembaraçar-se tanto do artigo definido, como do indefinido, mormente no estylo poetico, dando á expressão mais concisão e elegancia, p. ex.:

Elle é extrangeiro e homem de experiencia, expõe principios sublimes de sã philosophia — Galas e mais galas para o corpo, sedas e mais sedas para o corpo, ouro e mais ouro, joias e mais joias, vaidades e mais vaidades para o corpo (A. V., ap. Serões 673).

562. ARTIGO INDEFINIDO. O artigo indefinido desenvolveu-se do numeral *um* (*unum* ⟶ *uno* ⟶ *ũo* ⟶ *un* ⟶ *ũ* ⟶ *um, unam* ⟶ *una* ⟶ *ũa* ⟶), com o enfraquecimento de seu valor numeral. Com o desenvolver-se do espirito analytico das linguas romanicas attenuou-se em certos casos a idéa numerica, e *um* passou a designar *uma certa coisa*, sem intenção de numero, como — *colhi uma flor, comi uma laranja.* Desde, porém, que na phrase transluza a intenção numerica, conserva *um* a sua categoria primitiva de adjectivo determinativo numeral, como p. ex.: *colhi uma só flôr, comi uma laranja e não duas.*

563. EMPREGO DO ARTIGO INDEFINIDO. O seu emprego, como o do definido, desenvolveu-se gradualmente na linguagem, e, como este, não se submette ainda hoje a regras seguras. Apenas observaremos o seguinte:

1.º Como o definido, o indefinido se antepõe aos outros adjectivos, e só se pospõe a *todo*: *um bom menino, um mesmo homem, todo um mundo.* Exs.:

O que a sua voz havia valido com toda uma Nação, o clamor de toda uma Nação não o pôde acabar com elle (A. C., Q. Hist. 2. 35).

2.º Os substantivos em relação attributiva e predicativa, só levam artigo indefinido, quando seguidos de um complemento, que restringe o seu sentido a uma classe determinada:

Este menino, um alumno do gymnasio, que sempre se distinguiu (cf. este menino, alumno do gymnasio, sempre se distinguiu) ; sou um francez expatriado (cf. sou francez, sou brasileiro), és um homem de responsabilidade, és um homem feito (cf. és doutor e deves saber, és doutor em Israel ou és um doutor em Israel, e não sabes estas coisas ?)

3.º Existia no v. port. o emprego *partitivo*, hoje archaico, do indefinido, como se lê em Camões:

Huns vão nas almadias carregadas,
Hum corta o mar a nado diligente ;
Quem se afoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar e o deita juntamente
(Lus. 1. 92)

564. Artigo partitivo. No v. port. a preposição *de* só ou combinada com o artigo definido ou com outro determinativo, regendo o objecto de um verbo transitivo, adquiriu o valor de um determinativo de quantidade indeterminada, a que os grammaticos francezes deram o nome de *artigo partitivo*, p. ex.:

Comerás do leite, ouvirás dos contos, e partirás quando quizeres (R. Lobo) — Desta agua não beberei (cf. *je veux du pain*).

565. Origem historica do partitivo. A syntaxe do paragrapho antecedente desenvolveu-se do latim popular, que ao lado de — *edere panem* (comer pão), creou a phrase *edere de pane* (comer do pão), com valor francamente partitivo (Darm.). St. Agostinho escrevia em seu latim medieval: *Sacrificare de animalibus* (Conf. III. 7). Tal phenomeno, aliaz, se explica facilmente, segundo Brunot, com a phrase ainda vigente— *dois de entre elles*, onde o valor partitivo da preposição *de* abre logicamente o caminho para vir a significar *uma certa quantidade de* (alg. coisa). (466).

Além disso, como observa Diez, em latim empregava-se a preposição *de* após alguns verbos para indicar a subtracção de uma parte de um todo material, como em grego ἀπο e em allemão *von*. O v. port. com o francez extendeu este uso ás idéas abstractas, dando amplo emprego á prep. *de*, acompanhada ou não do artigo, com valor partitivo.

Esta syntaxe, que se fixou em francez, foi-se restringindo em portuguez, de sorte que hoje não é tão corrente como na velha lingua. Exs.:

Tomade das melhores sementes desta terra e das outras especies (Chrest. Arch. 92) — E depois que foi esperto logo de comer lhe pedia (T. Port. 108) — E elle pedio-lhe per aravia da agua... ca sse nom podia d'alli levamtar (T. Port. 251, Liv. de Linhagens) — Ali poderia omen veer de bôos cavaleiros dũa parte e doutra (Chrest. Arch. 45, Morte do Rei Artur) — Acho do pão onde quer a troco ou doutra maneira (S. de M., Obrs. 397)— Comem trigo e nós d'avea (Ib. 389) — Desque me roubaste da alma do corpo, e da fazenda (Id. 2. 188). — E mandar-m'lheis das cebolas (G. V., Rubena).

Obs. Ao mesmo processo syntactico pertence o pronome partitivo *delles* tão commum no antigo portuguez. Exs.:

Saem todos juntamente deles em magotes e deles em aazes (em fileira) longas, e deles em aazes de coinha (cunha ou triangulo) e lidam com com o poder dos turcos (T. Port. 233-234, Liv. de Linhagens) — Deles levantaram pedras, e çambarcos e paaos (F. Lopes, Chron. de D. Fernando) — Delles mettidos até a cinta, delles até o pescoço (S. de M. Obrs. 2. 205).

Todalas cousas criadas
Tem seu fim determinado:
Dellas per tempo alongado,
Dellas mais abreviadas
Dellas per curso meado.

(G. V., Obrs. 2. 486)

Eu tenho muitos thesouros,
Que lhe poderão ser dado,
Mas ficárão encantados,
Delles de tempo de Mouros,
Delles dos antepassados.

(Ib. 484)

Demonstrativos

566. ORIGEM HISTORICA DOS DEMONSTRATIVOS *ESTE, ESSE, AQUELLE.* Possuia o latim trez demonstrativos, que se relacionavam respectivamente com as trez pessoas grammaticaes, a saber: *hic* = *este, aqui perto de mim; iste* = *esse, ahi perto de ti; ille* = *aquelle, lá perto delle.*

Rejeitou o portuguez *hic*, e *iste* assumiu o seu papel syntactico; e, para preencher o logar deste, tomou a lingua *ipse* (⟶ *esse*), que era demonstrativo de identidade (*ipse* = *o mesmo*).

Conservou *ille* o seu valor syntactico, porém passou para o portuguez na fórma reforçada *aquelle* ⟶ *accu* + *ille*. Além desta fórma reforçada, deu-nos ainda *ille*, em sua fórma simples accusativa (*illum, illam, illos, illas*), os demonstrativos attenuados — *o, a, os, as, o* (neutro).

Guardam, pois, os demonstrativos — *este, esse, aquelle* o valor locativo de — *hic, iste, ille.*

567. ESTE, ESTA, ISTO. Possuem estes demonstrativos trez fórmas genericas oriundas das fórmas genericas latinas: masculina — *iste* ⟶ *este*, feminina *ista* ⟶ *esta*, neutra — *istud* ⟶ *esto* ⟶ *isto*. Com o desapparecimento do neutro latino, esta terceira fórma assumiu em portuguez, funcção pronominal, e só readquire sua funcção original de adjectivo, quando anteposta a outras fórmas pronominaes neutras, legadas pela lingua-mãe, p. ex.: *isto tudo, isto mesmo* (cf. *tudo isto, mesmo isto*).

568. Guarda este demonstrativo, na evolução da lingua, o valor syntactico de demonstrativo da 1.ª pessoa grammatical, em contradistincção de *esse* e *aquelle* que respectivamente se relacionam á 1.ª e 2.ª pess. grammatical: *este livro* (perto de mim), *esse livro* (perto de ti), *aquelle livro* (perto delle ou afastado da 1.ª e 2.ª pessoa). Por analogia, na ordem dos termos no discurso, *este* se oppõe a *aquelle*, designando este um termo mais *proximo*, e aquelle mais distante:

Pedro e Paulo foram apostolos; este dos gentios e aquelle dos judeus

A quem trarão
Rosas a roxa Cloris,
Conchas a branca Doris
Estas flores do mar,
Da terra aquellas. (C. ap. Serões 351)

Obs. A fórma archaica *esto* = *isto* apparece nos documentos de nossa lingua até o sec. XV: Além desto este senhor se abstinha de todas las viandas e cheiros (Fr. J. Alvarez, Chron. do Infante Santo).

569. ESSE, ESSA, ISSO. A triplice fórma deste demonstrativo da 2.ª pess., tem a explicação e applicação, de que tractámos no paragrapho antecedente (*ipse* ⟶ *esse*, *ipsa* ⟶ *essa*, *ipsum* ⟶ *esso* ⟶ *isso*). Como *isto*, passou *isso* (arch. *esso*) para a categoria de pronome, e só readquire sua funcção adjectiva primitiva deante de um outro pronome neutro (*isso tudo, isso mesmo*).

570. Cumpre, porem, observar, com o eminente grammatico o Dr. Ernesto Carneiro, que em referencia a um pensamento que se vae enunciar emprega-se *este* e não *esse*, contrariamente ao que fez o P.e Antonio Vieira, no seguinte trecho (Serões 352), o que demonstra que a evolução analytica não havia completado o seu cyclo em relação a esses demonstrativos:

Essa era a obrigação de fiel ministro: adorar a seu Senhor e adoral-o sempre!! Porque *essa* era a bizarra natureza dos raios: ferir e executar primeiro!! *Essa* differença houve entre Christo e os outros homens: que os outros começam a vida pela idade de homem.

571. AQUELLE, AQUELLA, AQUILLO. No latim popular, como na baixa latinidade, era habito syntactico iniciar a phrase com a particula reforçativa *ecce* (= *eis*). Já na época de Plauto se encontra *eccille* (= *ecce* + *ille* = *ekille*), *ecciste*, *eccum* (= *ecce eum* = *ei-lo*). O mesmo valor reforçativo tinha em latim *atque*. Da fusão de *atque* e *eccum* teriamos, segundo Bourciez, *accu*, que do *romance* passou, combinado com *iste* e *ille*, para o v. port. nas fórmas de — *aqueste*, *aquesta*, *aquesto*, *aquille*, *aquella*, *aquello* = *aquillo*.

As fórmas *aqueste*, *aquesta*, *aquesto*, archaizaram-se, e desappareceram no sec. XV, porém, *aquelle*, *aquella*, *aquillo* vingaram. Quanto á syntaxe, dão-se com ellas os mesmos phenomenos já estudados nos paragraphos antecedentes.

Das fórmas reforçadas de *este* (*aqueste*) e hoje rejeitadas, damos os seguintes exemplos, extrahidos das *Regras de S. Bento*, um dos monumentos do portuguez archaico:

Quem ouve aquestas mhas paravras, e as faz, semelharey a el o barom sages, que eivigou (edificou) a ssa casa sobre a pedra, veerom os rrios, soprarom os veentos, e impetarom (fizeram impeto) naquela casa, e não caeou, a certas era fundada sobre pedra. E nostro Senhor complinte todas estas cousas esguarda (olha) de cada dia aquestes seus sanctos amoestamentos nós per feytos dever responder (T. Port. 84) — E por aquesto a loemos, mais (=mas) quem a non loará (C. Arch. 173).

572. ISTO, ISSO, AQUILLO, O, assumem, por attracção, a fórma adjectiva, quando na phrase ha substantivo, a que se possa referir, v. gr.: *Este é o motivo; censura deste que se chama costume.* (A. V., ap. E. Dias).

573. Percebe-se em certas phrases da v. lingua a attenuação de *aquelle*, que nos deu, da fórma simples — *ille*, o pronome *elle*, p. ex.:

Primaliã vio hũa estatua a maneira de home tã natural como Dom Duardos que por vezes o pos em duvida se poderia ser *aquelle* (=elle) (Palm. I. 33) — Depois de partido ficou a cidade de Constantinopla tã erma, que parecia não ser *aquella* (=ella) (Ib. 28).

574. O, A, O. Esta triplice fórma do pronome demonstrativo, tem a sua origem etymologica no mesmo termo latino, que o demonstrativo *aquelle*, excluido o reforço, isto é, no accusativo do demonstrativo *illum* (⟿ *ello* ⟿ *lo* → *a*), *illud* (⟿ *la* ⟿ *o*), *illam* (⟿ *ello* ⟿ *lo* ⟿ *o*). Tem, pois, syntacticamente o valor attenuado de — *aquelle, aquella, aquillo.* Além disso, a sua derivação etymologica coincide com a do *artigo definido*, com o qual morphologicamente se confunde, e do qual syntacticamente apenas se discrimina pela ausencia do substantivo a que se refere: elle não é mais, portanto, do que um *artigo pronominado.*

Do *artigo definido*, entretanto, elle se distingue facilmente não só evocando a si a funcção pronominal, mas podendo ser substituido por *isso* ou pelo seu cognato reforçado — *aquelle, aquella, aquillo*, p. ex.: *O (aquelle) que semeia espinhos, colhe abrolhos — O (aquillo) que eu te*

digo, o (isso) não sabes agora, sabê-lo-ás (saberás isso) depois.

Importa ainda não confundir este pronome demonstrativo com o pronome pessoal, caso obliquo da 3.ª pess.: — *o, a, os, as,* cuja origem etymologica é egualmente identica a delle.

O pronome pessoal (*o, a, os, as*) apresenta-se na proposição como accusativo de verbo transitivo, a que vem *enclitico* ou *proclitico,* ou ainda *mesoclitico,* tendo sempre referencia a um substantivo enunciado antecedentemente; e póde ser substituido por — *a elle, a ella, a elles, a ellas*: *amo-o = amo a elle, venero-as = venero a ellas.*

O pronome demonstrativo (*o, a, os, as, o*), porém, não se refere a nome antecedentemente expresso, póde funccionar como sujeito do modo finito, e é conversivel em *esse, isso, aquelle, aquillo.* Serve frequentemente de antecedente ao relativo *que,* e a fórma neutra tem sempre referencia a um attributo ou predicado ou sentido antecedente, p. ex.:

E porque os Reys são *os* a quem mais neste mundo se furta, porque tem mais de seu ; ou por que não se resguardão porisso tanto como *os* que tem menos : seja-me licito dar aqui huma palavra a El-Rey nosso Senhor (A. de F.) — Honrae as viuvas que o são verdadeiramente (A. C., ap. Serões 680) — Que doudo pensamento he o que sigo? (C.) — O espaço que estava por passar-lhe parecia mayor do que de seu natural o era (Palm. I. 135)

575. O demonstrativo *o* neutro póde referir-se a um substantivo concreto tomado em sentido generico, e, consequentemente, *abstracto*: *Sois mãe? Sou-o. — São ellas donas desta casa? São-n-o.*

Se, porém, estes substantivos forem tomados em sentido especifico e determinado, o pronome assume a fórma masculina ou feminina para os effeitos da concordancia: *Sois a mãe deste menino? Sou-a — São ellas as donas desta casa? São-n-as.* — A's vezes, porém, e apesar do artigo, o sentido é *abstracto*: *Sois a mãe dos pobres? Já o fomos. — Fostes os donos desta casa? — Não o somos, porém, sê-lo-emos.* — "Nós os homens costumamos dizer que as mulheres são curiosas. Nós é que o somos" (A. H., ap. Serões 679). — "Mas durarão por muito tempo esses restos das mais formosas de todas as artes? Não o esperamos" (Id. ib.).

576. O demonstrativo *o, a, os, as*, antepõe-se, muitas vezes, a um *genitivo*:

A grammatica de Pedro e a de Paulo, o trabalho do alumno e o do professor, a coragem do soldado e a do capitão, a morte da mãe e a do filho, as opiniões da imprensa e as da nação, a auctoridade do rei e a do imperador, amo o amigo da verdade e não o da popularidade.

Póde-se supprimir o demonstrativo, quando não ha contraste, e necessidade ou intenção de se discriminar os dois *genitivos*, mormente quando constituidos por substantivos abstractos, e assim dois *grupos de coordenação*, assignalando idéas distinctas, convertem-se em um *grupo de subordinação*, assignalando uma idéa complexa:

A morte da mãe e a do filho encheram de tristeza toda a familia, ou — a morte da mãe e do filho enche de tristeza toda a familia ; a proclamação do direito e da liberdade humana effectuou-se no Calvario ; o amigo da verdade e da caridade tem em si o espirito do christianismo ; a coragem do soldado e do capitão é admiravel ; o trabalho do alumno e do professor é grande — O furor de offender ou vencer o duro imigo, faz não sentir, que he perda grande e rara, (a) dos membros corporaes, da vida chara (Lus. 4. 39) — A esse ruido associava-se o do patear de mulas de pagens e de hecaneas de donas e donzellas e o de muitas vozes que se cruzavam (A. H., Mon. 2. 162) — As historias de duendes e espectros e almas penadas e possessos e diabretes constituiam na edade media um systema de doutrina (A. H., Mon. 2. 168).

577. Apparece ainda o demonstrativo *o, a, os, as* anteposto pleonasticamente a um genitivo: *José Bonifacio, o da independencia; Judas, o da traição; Pedro primeiro, o do Brasil.*

578. O demonstrativo *o, a*, indica a *ellipse* de um substantivo (em geral *homem*), deante de um complemento attributivo: *os de Luso, os de vossa nação; os que sabem, esperam; os que morrem, revivem.* — "O da fortuna o deixou, partindo-se delle alegre de o vencer, porque sabia camanho era o preço deste cavalleiro" (Palm. I. 148).

579. Mesmo. Anteposto, tem *mesmo* o valor de *idem*, indica identidade, e reclama o artigo ou outro demonstrativo: *o mesmo homem, este mesmo homem, as mesmas palavras;* posposto, corresponde a *ipse*, e tem o sentido de *proprio*: *o homem mesmo, este homem mesmo, eu mesmo, nós mesmos.*

Funcciona tambem como adverbio com o valor de *até*: *Convem mesmo não discutir, mesmo ella não pôde crer, chegaram mesmo a entrar.* Observa, entretanto, E. Dias que "os classicos não empregam *mesmo* adverbialmente, senão, por ventura, juncto de adverbios pronominaes: *aqui mesmo, já mesmo, agora mesmo* (*nunc ipsum*).

No *port. arch. esso mesmo, esse mêdês* = *isso mesmo* era empregado com o valor de — *tambem.*

Conjunctivo ou relativo

580. Chamam-se CONJUNCTIVOS OU RELATIVOS certos adjectivos (*o qual, cujo, quanto*), e pronomes (*que, quem*), que teem por funcção ligar uma proposição a um termo enunciado na proposição antecedente, representando-o como *sujeito* ou *complemento* da proposição ligada. Ao adjectivo e pronome, que assim serve de connectivo e se relaciona com um substantivo da proposição ligante ou subordinante, dá-se apropriadamente o nome de *conjunctivo* (de *conjungere* = *conjunctar, ligar*) e de *relativo* (de *relativum, que se refere ou relaciona*). Taes palavras, que desempenham na syntaxe o duplo papel de particula relacional e de membro da proposição relacionada, pedem dois termos, um chamado — *antecedente* e o outro *consequente*, que occupam respectivamente posição importante nas proposições ligadas: *o* HOMEM, *o qual* (HOMEM) *practica o bem, é bom* ou *quem practica o bem, é bom; o* HOMEM, *cuja* PRACTICA *é boa, não é hypocrita*, ou — *a practica do qual é boa, não é hypocrita.* Dos exemplos se vê que o *consequente* do adjectivo (o QUAL), é identico ao *antecedente* (HOMEM), e vem quasi sempre occulto, excepto quando queremos dar emphase; que o *pronome* (*que*) não admitte consequente claro, e é conversivel no adjectivo *o qual;* que o adjectivo *cujo* tem consequente (*practica*) diverso do antecedente (*homem*), e é equivalente a — *do qual.* Exs.:

Arremeteo contra ho gigante, o qual vinha cavalgado em uma besta fera (Tav. Redonda) — E d'aqui en diante vus direi en quaes cousas segundo razon (Chrest. Arch. 183) — Ouvia ao longe uns brados de feras espantosos, cujo medo me arrepiava toda (A. F., Castro 44).

Amor é um fogo que arde sem se ver ;
He ferida que doe e não se sente ;
He um contentamento descontente ;
He dôr que desatina sem doer. — (C., Sonetos)

581. QUE. Este pronome relativo, como já vimos, revela-se pela sua posição na phrase depois de um substantivo seu *antecedente* e pela sua conversibilidade na fórma composta do adjectivo seu equivalente (*o qual, a qual, os quaes, as quaes*). Elle se colloca sempre á testa da proposição por elle ligada, da qual é um membro (*sujeito* ou *complemento*).

Sendo *que* invariavel em genero e numero, póde muitas vezes haver duvida quanto a seu antecedente, desde que, haja dois ou mais substantivos antecedentes, em *grupo de coordenação* ou de *subordinação.*

1.º *Em grupos de coordenação* podem-se apresentar varios substantivos coordenados antes do *relativo,* e haver duvidas se a referencia deste diz respeito a todos ou só ao ultimo, p. ex.: *São sentimentos perigosos a ira, a impaciencia e a inveja, que todos detestam.* Neste exemplo, apesar da virgula antes de *que,* ou da pausa, que ella indica, poderia ainda haver alguma duvida sobre se o antecedente do relativo é apenas *inveja* ou egualmente os outros dois termos coordenados (*impaciencia* e *ira*), como a posição da mencionada virgula ou pausa parece indicar. Se puzessemos a virgula para antes da conjuncção *e*: *São sentimentos perigosos a ira, a impaciencia, a inveja que todos detestam,* o sentido determinado por essa virgulação ou entoação propria, indicaria *inveja* como o antecedente exclusivo e o unico objecto da detestação de todos. Porém, em ambas as pontuações, a construcção deixa a interpretação duvidosa, e mais seguro é mudar-se a ordem dos termos, e dizer-se, conforme o sentido que á phrase quizermos dar: *São sentimentos perigosos, que todos detestam, a ira, a impaciencia e a inveja,* ou — *São sentimentos perigosos a inveja, que todos detestam, a ira e a impaciencia.*

2.º *Em grupos de subordinação* póde dar-se a mesma confusão, quando os substantivos *subordinante* e *subordinado* forem ambos determinados, p. ex.: *Consignamos a glo-*

ria da virtude que é constante, onde ficamos em duvida sobre qual dos dois termos determinados (*gloria* e *virtude*) é o antecedente do relat. *que,* e, portanto, a qual delles attribuir o predicado *constante.* Se, porém, um delles for indeterminado, não haverá ambiguidade, pois o relativo se refere ao determinado, como se vê nas seguintes phrases: *Tenho o vestido de seda, que comprei,* e — *Tenho vestido da seda que comprei*: na primeira phrase é evidente que comprei o *vestido,* e no segundo a *seda.*

Quando o relativo *que* é sujeito, e os antecedentes são de diversos numeros ou generos, frequentemente o verbo ou o predicado nominal clareiam a referencia: *o orgulho* e *a inveja que é detestada, a inveja e o orgulho que são detestados; a gloria do homem, que é vã; os livros do alumno, que se perderam.*

Além desses expedientes para elucidar qual o antecedente do pron. *relativo,* possue a lingua um outro processo, que consiste em se empregar pelo pronome o adjectivo relativo seu equivalente (*o qual, a qual, os quaes, as quaes*), que pela concordancia póde revelar o antecedente em muitos casos embaraçosos.

No latim não se produz tal amphibologia, pois as flexões genericas e numericas do pron. relativo (*qui, quæ, quod*) accusam logo o antecedente: *Tumens inani Graculus superbia,* PENNAS, *Pavoni* QUAE *deciderat, sustulit.* (Phedro).

582. Quando o antecedente do pron. *que* é o demonstrativo *aquelle,* é corrente hoje a precedencia immediata deste, p. ex.: *E' justo aquelle que practica a justiça,* ou — *aquelle que practica a justiça, é justo.*

A v. ling. nem sempre assim se portava, e frequentemente distanciava o relativo do demonstrativo seu antecedente, p. ex.: *Aquelle é justo que practica justiça.* Desta construcção são abundantes os exemplos em escriptores quinhentistas, e nas maximas populares, que estereotypam as fórmas da antiga linguagem. Exs.:

Bias diz que aquelle he desventurado que não póde sofrer a desaventura. Diogenes diz: Aquelle he mais infelice q mays trabalha por ser mays felice (H. P., Imag. I. 35, 268) —Aquelle é guardado, que Deus guarda — Aquella é boa e honrada, que está viuva sepultada — Aquella é bem casada que não tem sogra nem cunhada — Aquelle é teu

amigo que te tira do arroido — Aquelles são ricos que teem amigos — Aquelle vae mais são, que anda pelo chão — Aquelle ha de chorar, que teve bem, e veio a mal.

583. QUEM. Este pronome relativo só póde ter antecedente expresso, quando regido de preposição: *o homem de quem fallei.*

Fóra deste caso, *quem* emprega-se em sentido *absoluto*, contendo em si o *relativo* e o seu *antecedente*, é uma *expressão synthetica* equivalente a — *o que, aquelle que, a que, aquella que, os que, aquelles que, as que, aquellas que*, p. ex.:

Quem semeia ventos, colhe tempestades=o que semeia ventos... aquelle que semeia ventos... a pessoa que semeia ventos... ; não sei quem irá=não sei aquelle que irá ; sou eu quem falla=sou eu aquelle que falla. E não saberem quem é por quem moiro (T. Arch. 20).

Pelejo com quem trata paz comigo ;
De quem guerra me faz não me defendo (C. Obrs. 2. 61)

Em sentido absoluto *quem* vale, pois, por — *homem que*, e interrogativamente vale por — *que homem* (ou *que pessoa*:

Ide-vos, varom, quem vos foy aqui trajer? (T. Arch. 24) — Quem de meu proprio mal me faz amigo? (C.)

584. EMPREGO DOS PRONOMES RELATIVOS. A fórma *quem* do relativo emprega-se hoje quando o antecedente é nome de *pessoa*, e *que* quando é nome de *coisa* ou *pessoa*: *o homem de quem se tracta, o negocio de que se tracta, a coisa* ou *a pessoa que vi.*

O v. port., porém, não se subordinava a estas regras, e o *que* preposicional referia-se mais vezes do que hoje a *pessoas*, e o *quem* a *coisas*. Exs.:

A bella dona por que eu trobava e que não dava nulha ren (nada) por mi (J. de Guilhade) — ...vivendo muito contente com sua mulher Drusianda a que queria muyto (Tav. Renonda) — Foi bem recebido dos irmãos e d'outros, a que prouve com sua vinda (F. Lopes, Chr. de D. Fernando) —

Andando, as lacteas tetas lhe tremião,
Com quem (=que) amor brincava e não se via
(Lus. 1. 49)

Eu sou aquelle occulto e grande Cabo
A quem (=que) chamais vós outros Tormentorio
(Ib. 174)

Obs. Modernamente escreveu A. Castilho imitando o uso archaico: "Não lhes basta para miseria o andarem quasi sempre malavindos com a fortuna? o duvidarem a miudo da gloria por quem se matam?"

585. Além da equivalencia entre *que e quem*, dava-se ainda no portuguez archaico a equivalencia entre — *que* e *qual, o que, o qual*:

Com dous mil homes se lhes pôs deante, pelo qual (=pelo que) a briga tornou ao primeiro estado (Peregr. 1. 54) — Tinhame grande inveja pelo qual (pelo que) mastigava (S. de M., Obrs. 2. 90) — Soube logo a danada tenção de Telorique da que (da qual) se rio muyto (T. Redonda, 2).

586. *QUE E QUEM* COMO INTERROGATIVOS. Empregam-se como interrogativos *que* e *quem*, tanto na interrogação *directa*, como: — *Que faze?* — *Quem está ahi?* — como na *indirecta*: *Pergunto que fazes* — *Quero saber quem está ahi* — *Dize-me quem és.* — Seguido de subst., *que* assume funcção de adject.: *Que homem é esse?*

Na interrogação *directa* são empregados em sentido absoluto, sem antecedente; porém na *indirecta* podem vir com antecedente expresso:

Vêde o que faria (A. V.) — Dize-me o que queres de mim, que será tudo feito a teu talante e vontade (A. H., L. e N. 1,36) — O Callidio, amigo da minha alma, que te direy? que te direy? que te farey? por taes novas e a tal tempo? (S. de M. Obrs. 2. 152) — Quem póde livre ser, gentil Senhora, vendo-vos com juizo socegado? (C. Obrs. 2. 35) — Quem he, que tão gentil louvor derrama? (Ib., p. 22).

Se pena por amar-vos se merece,
Quem della estará livre? quem isento?
E que alma, que razão, que entendimento
No instante em que vos vê não obedece?
(C. Obrs. 2. 46)

Que sonha a donzella
Tão vaga, tão linda,
Bemquista e bemvinda,
Na terra ou no céo?
Que faz? que medita,
Que scisma? que pensa?
Que o seio lhe agita
Tão bravo escarcéo
(G. D., Poes.)

Que doudo pensamento é o que sigo?
poz que vão cuidado vou correndo? (C. Obrs. 2. 61).

587. Existiu na lingua uma tendencia para se reforçar o interrogativo directo *que* pelo demonstrativo neutro (o que?), tendencia que é hoje um facto não só no fallar do povo, mas no uso frequente de abalisados escriptores modernos. A pequena extensão desse interrogativo e a sua atonicidade em posição proclitica reclamavam esse natural reforço, aliaz favorecido pela analogia da interrogação indirecta (*dize-me o que queres de mim* (A. H.).

Se bem que rarissima, encontra-se entre os nossos classicos a forma *o que* interrogativa, indicando, por ventura, esses exemplos esporadicos que não era tal fórma extranha a fallar do povo. Em Sá de Miranda lemos: *O que farey a estes rostos que tão asinha se mudam?* (Obrs. 2. 98), e em A. Vieira: *Cortam-se as amarras, embarcae-vos: e o que succede?*

Hodiernamente essas fórmas compostas interrogativas superabundam em bons escriptores. Exs.:

O que? o que? — perguntaram varias vozes (A. H., Monast. 1.216) — O que será feito de Frei Timotheo (Ib.) — O que é o direito de propriedade? (A. H.) — Castello de S. Angelo, castello de S. Angelo, o que dirias tu se fallasses? (Id. Cas. Civ. 122) — Logo se não é drama, o que é? (A. C.) — Sei. O que? O que tu não tens animo para me dizer, Carlos (G. Viag. 2.167) — Tudo o quê, Georgina? (Ib., 211) — O que vae por essa alma, ó Rei? (G.) O que será, padre? (Ib. 21, 122) — E' verdade. O que será? (R. da S. Odio 48) — E o que lhe póde fazer a gante? (Ib. 57) — Meu rico papázinho! — O que ha de responder-lhe (A. C., O Doente, 64) — Agora, com licença, pergunto-lhe uma coisa. — O que é (Ib. 26) — Vá, que malvado? — A Antonia. — O que te fez? (Ib. 40) — O que é isto? que temos? que foi Simpliciozinho? (Ib. 48) —

> O que te fez meu filho, o que os Troianos,
> Que após tragos lethaes, não só de Italia,
> Do universo os cancellos se lhes trancam?
> (O. Mendes, Eneid., 1. 245)

588. Frequentemente apparece no v. port. o relativo *que* com antecedente elliptico, e *que* = *o que*:

Ela disse aa donzela que lhe non désse que (=o que) com esse nem que bevesse (Chr. Arch. 67)—Mays cada que (=cada vez que) que quizerdes cavalgar... e cada que vós andardes senlheira J. de Guilh., 70. O. Nobiling) — Bofá não sei que cuide? (Euphr.) — ...seria necessario despovoarem-se todas as cidades, e irem-se todos aos desertos, que (=o que) seria grande inconveniente (H. P., II, 10, ap. E. Dias).

Vem tão ledo — sus cear!
Como se tivesse que;
E eu não tenho que (=o que) lhe dar
Nem elle tem que lh'eu dê. — (G. V. Obrs. 3. 8.).

Ella com tristes e piedosas vozes,
Sahidas só da magoa, e saudade
Do seu Principe e filhos, que deixava,
Que (o que) mais que a propria vida a magoava
(Lus. 6. 12).

589. *O QUE.* Na fórma composta *o que*, discrimina a analyse funcções distinctas, recahindo entre os dois pronomes os limites das duas proposições: *não sabes o | que dizes.* Sendo *que* complemento do 2.º verbo, a elle deve reger a preposição reclamada pelo seu verbo, p. ex.: *não sabes o de que tractei.* Entretanto, é commum, neste caso, recuar-se a preposição regente para o primeiro elemento — *não sabes de que tractei* — "Eis de que nos accusa o Sr. Visconde (A. H., Cas. civ., 8, ap. E. Dias), por — *Eis o de que nos accusa...*" — ..."replicar seriamente a homens, não só ignorantes e ineptos, do que elles não tem culpa, mas que falsificam, truncam, omittem as palavras do adversario (Id. ib.)".

590. Empregavam nossos classicos *quem* em sentido *partitivo*:

Quem lhe dava uma ovelha, quem um carneiro, quem um novilho (S. de Menezes, ap. Serões 354)

Huns vão nas almadias carregados
Hum corta o mar a nado diligente;
Quem se afoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar e o deita juntamente (Lus. 1. 31).

591. PESSOA, GENERO E NUMERO DE *QUE E QUEM.* O relativo *que* é sempre da pessoa, genero e numero do seu antecedente, para os effeitos da concordancia com o verbo e predicado nominal, quando sujeito: *A vida, que é rapida, foge; os instantes, que passam, voam.*

Esta attracção do sujeito, póde ainda operar-se no relativo através de um predicado, como se vê no exemplo de Camões: *Eu sou aquelle occulto e grande Cabo, que nunca... fui notorio,* onde *que* attrahido pela pessoa do su-

jeito *eu*, através do predicado-antecedente *aquelle Cabo*, leva o verbo *fui* para a 1.ª pess. No caso da suppressão desse predicado, a attracção é de regra: *sou eu que pago, és tu que pagas, é elle que paga, somos nós que pagamos, sois vós que pagaes;* expressões que analyticamente se resolvem em: — *eu sou o* (ou *aquelle*) *que pago, tu és o que pagas, elle é o que paga*, etc.

592. O relativo *quem* guarda, em regra, a sua autonomia de pronome da 3.ª pessoa, masculino, singular: *Mas eu sou quem me faz a maior guerra* (C., Obrs. 2. 65) e — *Quem não é com meu mal engrandecido* (Id. 80).

Entretanto, quando posposto immediatamente ao pronome pessoal, póde deixar-se attrahir por elle e impor ao verbo, de que é sujeito, o numero e a pessoa do pronome antecedente. Exs.:

Não foram elles só quem vos mataram (M. B.) — Sou eu quem fallo (J. S. Barbosa) — Na innocencia do infante és tu quem fallas (G. D. Poes. 2. 312). —

E' meu poder quem apura
Os vicios que a mente encerra
Ao fogo da minha dor,
Sou eu quem prende aos céus a terra,
Sou eu quem ligo a creatura
Ao ser do seu Creador. — (G. D. Poes. 2. 18)

Eu, porém, no peito amante
Sou quem fomento a paixão — (Ib. 238).

593. *QUAL. Qual* é a fórma primitiva, que é posteriormente reforçada e differenciada pelo artigo definido — *o qual.*

Nos primeiros documentos da lingua do sec. XII e XIII, apparece *qual* com o valor de *que* e de *o qual*:

E fezeles ajudas, quales aqui oviredes (Noticia de torto) — Qui a morador over a firmar ou jurar jure ou firme com moradores ó con vizinhos quaes over (T. Port., Tor. do Cast. de Rodrigo).

No sec. XIV já apparece a fórma composta:

E mandou viir comigo ua mui onrada dona... a qual, quando veo achou iazer aos pees do santo bispo Nono (Chrest. Arch. 105).

Até o seculo XVI encontra-se o *qual* = *o que*:

Pela grande mercê que lhes fizera em lhes restituir suas fazendas, *pelo qual* (=*pelo que*) todos lhe ficavam... por subditos e vassallos (Peregrin. 1. 273).

594. Emprego de *QUAL*. O relativo *qual* assume, no desenvolvimento da lingua, varios aspectos syntacticos, como passamos a mostrar:

1.º No periodo inicial da lingua escripta, *qual* assume o valor syntactico de *que* e *o qual*, isto é, exerce francamente as funcções de adjectivo relativo, como fizemos ver no paragrapho antecedente: *E fezeles ajudas, quales* (=quaes) *podedes saber; firme con vizinhos quaes over.* Do sec. XIV em deante esta funcção adjectiva começa a ser exercida pela fórma composta *o qual, a qual, os quaes* e *as quaes*:... *ũa mui onrada dona, a qual achou jazer aos pees do santo bispo Nono* (Vide § antecedente).

2.º Serve ainda *qual* para discriminar entre dois ou mais objectos, mormente em phrases interrogativas:

Quando estes souberam quaes eram as intenções dos arabes... a atrocidade do sacrilegio afugentou-lhes a meno· sombra d'hesitação (A. H., Eur. 139) — Qual é o teu nome? Qual dos dois? Qual delles? — Mas, em qual coração resta hoje virtude e esforço, no vasto imperio d'Hespanha? (A. H., ib. 29)

Não me lembra em que escriptura
Nem sei em *quaes* distincções
Nem a copia das razões — (G. V., Obrs. I. 99)

Onde porei meus olhos que não veja
A causa de que nasce o meu tormento?
A *qual* pa te me irei co'o pensamento,
Que para descansar parte me seja? (C., Obrs. 2. 60)

Oh! mar! oh ceo! oh minha escura sorte!
Qual vida perderei que valha tanto,
Se ainda tenho por pouco o viver triste? (Ib. 90).

3.º Em phrases parentheticas: "...os transes, qual mais doloroso, por que seccessivamente passava (A. H., Eur. 228).

4.º Desenvolveu-se largamente *qual* como correctivo de *tal*, maxime nos anexins populares e nas ampliações dos poetas. — Exs.:

Qualo rei, tal a grei — Quaes palavras te dizem, tal coração te fazem — Qual pergunta farás, tal resposta terás — Qual o tempo, tal o tento — Qual é o cão, tal é o dono — Qual é Maria, tal filha cria — Qual contra a linda moça Polyxena... o duro Pyrrho se apparelha... taes contra Ignez os brutos matadores... se encarniçavam (C).

5.° Entre os correlativos *tal* e *qual, tal* é o termo regente e a sua posição é na oração *subordinante,* e *qual* é o termo regido e a sua posição é na oração *subordinada;* entretanto, de accordo com o caracter synthetico da lingua archaica, nota-se nos exemplos acima a precedencia de *qual.* Esta inversão generalizou-se.

E' mui commum no v. port. a ellipse do correlativo *tal.* Exs.:

Senhor, não me matedes, ca eu farei qual preito (=tal preito qual...) — Des ali em diante fez el rei en toda sa terra arcebispos e bispos quaes el quis (=taes quaes el quis) (Chrest. Arch., 72, 73) — Soldados briosos, quaes (taes quaes) são os portuguezes, não usão cousa de fayança (A. de F.) —

Fui dos filhos asperrimos da terra
Qual (*tal qual*) Encelado, Egeo, e Centimano
Lus. Obrs. 171.

Alexandre, Marilia qual (*tal qual*) o rio
Que, engrossando no inverno, tudo arrasa,
Na frente das cohortes
Cerca vence, abrasa
As cidades mais fortes — Gonzaga.

Ah: não sabia. Estimo.
Se for qual m'o hão pintado, é um optimo arrimo
que te fica no mundo: e rapagão pe leito
(A. C., O Doente, 20)

6.° No port. arch. apparece ás vezes *qual* como termo de ligação do comparativo de egualdade:

Am (=hão) tam gram coita no seu coraçon, *qua* m'eu por mia (mia =minha) senhor vejo levar (T. Arch. 23).

7.° Como correlativo de *tal, qual* é adjectivo qualificativo, e conserva o valor do original latino *qualis.* Entretanto, quando a correlação não se refere a dois termos expressos na clausula subordinante e subordinada, mas ao sentido de ambas, *tal* e *qual* assumem as funcções de adverbio de modo, e ficam invariaveis: *Tal correm os annos, qual as aguas para o oceano.*

8.º E' de uso classico o emprego de *qual* como partitivo ou distributivo, quando, como *quem*, é repetido em phrases coordenadas, com o valor de — *este, esse, aquelle.* Exs.:

Qua mais, qual menos, toda a lã é pelos Prov.)

Qual vai dizendo : O' filho a quem eu tinha
(Lus., 6. 90)
Qual em cabello : O' doce e amado esposo
.. ..
(Lus. 4. 91)
A hum Cochim, e a out o Cananor
A qual Chalé, a qual a ilha da Pimenta,
A qual Coulão, a qual dà Cranganor,
E os mais, a quem o mais serve e contenta (Lus. 7. 35)

Dos cavallos o estrepito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme ;
O co ação no peito, que estremece
De quem os olha, se alvoroça e teme :
Qual do cavallo vôa, que não desce,
Qual co'o cavallo em terra dando, geme ;
Qual vermelhas as armas az de brancas ;
Qual co'os pennachos do elmo açouta as ancas.
(Lus. 6. 64)
Qual trementes no espeto enrosca os lombos,
Qual fogo atiça aos caldeirões na praia
O. M., Eneid. I. 226)

9.º Precedido de *cada,* fórma o pronome composto *cada qual*:

Bem como a cada qual coubera em sorte (C.) — Cada qual mais pasmado que medroso, se estranha a força que no outro encontra (G. D., Poes. 2. 158).

Com o mesmo valor de *cada qual,* emprega-se *qual* precedido da preposição *a* — *a qual.* Ex.:

Construi passarolas de Icaro, para andar a qual mais depressa, estas horas contadas de uma vida toda material (G. Viag. 1.22) — A qual mais prestes, os Gamos, os Veados, vão buscar outros climas (Fab. 154) —

Vinha um velho borracho, e uma borracha
Velha tambem com maternal carinho
a sustel-o, a guial-o, a qual mais tropego.

(A. C., Os Fast. 2. 61)

Est'outro manjar terceiro
Foi guizado
Em tres logares de dor,
A qual maior
Com lenha de madeiro
Mais prezado — (G. Vic. Obrs. 1. 208)

Alvoroçados, sofregos, regressão
a qual mais prestes se apresente em Roma
a qual nos maternaes saudosos labios
colhendo um beijo colherá um imperio.
(A. C., Os Fast. 16 1.1)

10.º *Qual a qual* é locução pronominal, que, como *cada qual* e *a qual*, tem valor distributivo. Exs.:

Que ellas só doze são : e descoberto
Qual a qual tem cahido das consortes,
Cada uma escreve ao seu por varios modos,
E todos a seu Rei, e o Duque a todos (C., Obrs. 1. 208)

11.º *Qual* une-se ainda com o verbo *querer* para formar o adjectivo — *qualquer* (pl. *quaesquer*).

No portuguez archaico os dois elementos apparecem separados. Exs.:

Por todo ome por que prindaren, de qual parte quer (de qualquer parte), vaya e saque prinda (T. Port. 79, Foros de Castello Rodrigo).

Podera Sancta Maria
grande os seus acorrer
em qual logar quer que seja
e os de mal defender (T. Port. 119)

Em Camões *qualquer* assume frequentemente o sentido distributivo de *cada um*:

Qualquer em terra salta tão ligeiro,
Que nenhum dizer póde que he primeiro (Lus. 1. 87)

Qualquer então comsigo cuida e nota
Na gente e na maneira desusada (Lus. 1. 57)

Assi que, um pela infamia, que arrecêa
E a outra pelas honras que pretende,
Debatem e na porfia permanecem :
A qualquer seus amigos favorecem — (Lus. 1. 34).

Mas por não darem no penedo immoto,
Onde percão a vida doce e chara
A âncora solta logo a Capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina. (Lus. 2. 28)

12. *Qual* emprega-se ainda como interjeição: *Qual! não acontecerá isso.*

595. *O qual.* Esta fórma composta com o artigo definido, que já apparece nos documentos do sec. XIII, assume desde logo o caracter de um adjectivo relativo equivalente ao pronome relativo *que*, com o qual alterna, no discurso, as suas funcções.

Não ha cousa a qual natural seja (que natural seja), que não queira perpetuo o seu estado (C.) — Cessem as navegações grandes que fizeram (as quaes fizeram) (Id.).

Este adjectivo relativo tem, em regra, no uso actual, o seu *antecedente* claro, e o *consequente* occulto, como se vê no exemplo supra de Camões, e, só no caso de emphase, torna-se expresso o consequente.

Mais commum que hoje era vir no v. port. expresso o consequente. Exs.:

El meteu um camafeo na boca, o qual camafeo avia partido com sua mulher (Chrest. Arch. 66) — Dou ao mõasterio de Santa Oufemea un casal pola alma de mia madre, dona Maria Rodriguiz, o qual casal ela avia en Meoma (Chrest. Arch. 18).

596. Emprego do relativo *O QUAL.* Sobre o emprego do relativo *o qual* importa observar:

1.º Até o sec. XVI encontra-se muitas vezes *o qual* empregado pela fórma neutra *o que*:

Pela grande mercê que lhe fizera em lhes restituir suas fazendas, *pelo qual* todos lhe ficavam por subditos e vassallos (Peregr. 1.273).

2.º Um outro uso mui frequente no port. arch. e hoje raro era empregar o relativo *o qual* com o consequente claro, sem antecedente expresso, ou talvez, melhor, o consequente pelo antecedente. Exs.:

Vimos surtas muitissima quantidade de vellas... *a qual vista* (vista a qual...) nos meteu em tamanho temor... que nos tornamos a sahyr muyto caladamente (Peregr. 2. 296) — Havia um homem poderoso chamado Abed Ramon, filho de Mauhyá, e neto de Doxon,e bisneto de Abbdelmelec, o qual avô e bisavô foram tambem Calyfast (Dec. 1. 6.) Sempre inquiria dos Mouros as cousas de drespondeo sertão da terra... A qual diligencia (diligencia a qual...) lhe respondeo com o premio... (Ib. 19)—

O testemunho da qual verdade se vio no que lhe fizeram em Moçambique... o qual engano e traição nunca achara (Ib. 348) — Não assim a maravilhosa historia da Senhora de Nazareth ; a qual lenda foi refutada (A. C., Q. Hist., 2. 78).

3.º Sendo *o qual* apenas uma variante syntactica do pron. relat. *que*, só é preferivel ao pronome nos seguintes casos:

a) Para evitar ambiguidade, e clarear a referencia do antecedente. Exs.:

Descobrimos... ha terra rasa, a modo de lizira, situada no meio do rio a qual podia ser de pouco mais de hũa legua (Peregr. 1. 300)— Os christãos veem descer... um rio de fogo que se precipita em turbilhões, contra o qual não valem armaduras de ferro (A. H., Tomada de Silves).

b) Para dar emphase ao antecedente avocado, e, neste caso, poder-se-á reforçar a emphase, expressando-o como consequente. Exs.:

Foi delle senhor ho gigante Aldemburque... filho de Burquedal... *o qual* Burquedal ouve este filho (T. Ded. 59) — Entramos dentro no porto, *o qual* era uma formosa angra... lizerão saber a Antonio de Faria, *o qual* co supito (subito) daquella nova ficou tão fora de sy que quasi perdeu de todo a paciencia, e por se temer de algum motim, *o qual* se começava já de yr ordenando (Peregr. 1 288) — Larga e memoravelmente se pugnou... com grande perda... particularmente dos Francos, *os quaes*, mais leões que soldados, corriam a esgrimir mais perto dos muros. (A. C., Q. Hist., 2. 45) — Ainda mais aterrada com esta apparição aerea, *a qual*, sem azas e suspensa no vacuo, a contempla absorta (Ib. 26).

c) Para amenizar o estylo, fugindo á monotonia da repetição de *ques*, os quaes por vezes sobrecarregam a phrase. Exs.:

E quanto a te dizerem que te faço agora esta viagem mais comprida do que em Liampos te promety, tu sabes a rezõ porque o fiz, a qual no tempo que te dey, te não pareceo mal (Peregr. 1 235).

4.º Quando preposicional, o *qual* póde substituir *quem*, dando mais variedade ao discurso:

Em minha vida avia de vingar a sua morte, pelo sangue do qual (de quem) juro diante de todos vosoutros (Peregr. 1 101).

597. *CUJO*. Este adjectivo relativo ou conjunctivo reclama, no uso vivo da lingua actualmente, *antecedente*, e

consequente, expressos e differentes, que tanto podem ser *pessoa* como *coisa*. Elle evoca a idéa do genitivo latino, e é conversivel analyticamente em — *ae que, de quem, do qual, dos quaes, das quaes*. A sua concordancia se opera com o seu consequente. Exs.:

> E tu nobre Lisboa, que no mundo
> Facilmente das outras és princeza,
> Que edificada foste do facundo
> Por cujo engano foi Dardania accesa (Luz. 3. 57)
>
> Entrando a boca já do Tejo ameno,
> Co'o arraial do grande Affonso unidos
> Cuja alta fama então subia aos céos,
> Foi posto cêrco aos muros Ulysses (Luz. 3. 58)
>
> Na dura Moçambique em fim surgimos,
> De cuja falsidade e má vileza
> Já serás sabedor... (Luz. 5. 84)

598. ORIGEM DE *CUJO*. Opinam alguns que o etymo deste adjectivo relativo devemos buscá-lo, não no genitivo *cujus* de *qui, quæ, quod*, mas no adjectivo cognato — *cujus, cuja, cujum*, que emprega Cicero no seguinte trecho:

> Ut optimam conditione sit is cuja res sit, cujum periculum (Verr. 2, 1. 54) = Esteja nas melhores condições aquelle cujaé a causa, cujo é o risco.

O que torna possivel esta origem é apparecer o mesmo adjectivo latino nas comedias de Plauto, denunciando este facto que tal vocabulo fazia parte do lexico popular (que, aliaz, é realmente a fonte historica de nosso vocabulario), como se vê no seguinte exemplo citado por A. Pimentel:

> Is Helenam abduxit, cuja causa nunca facio absidio Ilio Baech. 4. 9. 24) — Argentum pro istisce ambabus, cujoe erant domino dedi. (Id.)

599. EMPREGO DE *CUJO*. Fundamentando-se nesta origem, opina o sr. Adriano Pimentel que *cujo* deve restringir o seu emprego á idéa de posse. Assim, pois, na phrase latina: *Magnus Dominus, cujus timor initium est sapientiæ*, aquelle *cujus* não corresponde ao nosso *cujo*, e erro seria, segundo o abalisado latinista acima citado, traduzir-se — *O senhor altissimo, cujo temor é o principio da sabedoria*,

pois o Senhor não *possue* o temor, não é o *sujeito* de temor, mas o *objecto*.

Neste caso o emprego correcto de *cujo* deve preencher trez condições:

1.ª Importa que o *antecedente* e o *consequente* sejam diversos (*o homem, cujo caracter...*).

2.ª E' necessario que *cujo* seja conversivel em *do qual, da qual, dos quaes* e *das quaes* (*o homem o caracter do qual...*).

3.ª Importa egualmente que o antecedente seja o *possuidor* e o consequente a *cousa possuida;* assim em *homem cujo caracter,* está correcto o emprego, porque o antecedente *homem* é o possuidor e o consequente *caracter* é a cousa possuida; porém, já não se dá o mesmo em o *cholera cujo temor...*, pois que *cholera* não é possuidor ou sujeito de *temor,* mas a causa ou objecto de *temor.*

Entretanto, o uso classico e corrente da lingua não auctoriza esta 3.ª condição, mas sancciona as duas primeiras.

Cujo é syntacticamente um genitivo, e, como o genitivo latino, póde elle ser *subjectivo,* em que ao *antecedente* se liga a idéa de posse, é o *possuidor;* e póde tambem ser *objectivo,* em que o *antecedente* repelle a idéa de posse, e se apresenta como a causa ou *objecto* de facto expresso pelo consequente (*remedium doloris = o remedio da dor, a dor cujo remedio..., amor virtutis = o amor da virtude, a virtude cujo amor nos leva a lanços de heroismo*).

O que repugna, porém, no uso do genitivo objectivo em certas phrases, é a natural confusão, que já em latim, se dava, entre o *genitivo subjectivo* e o *genitivo objectivo,* confusão que convem obviar, nos casos particulares, sem comtudo proscrever da lingua o emprego do genitivo objectivo em relação ao *cujo.* Apparece sempre a ambiguidade de sentido, proveniente da confusão entre os dois *genitivos,* toda vez que o *consequente* for um termo de significação relativa e o antecedente puder ser razoavelmente *objecto* ou *sujeito* da significação desse termo, p. ex.: se dissermos — *o homem, cujo temor...*, ha ambiguidade de sen-

tido, pois o *homem* póde ser o *objecto* ou o *sujeito* do *temor*, póde ser a *causa* ou o *possuidor* do temor; a ambiguidade persiste, ainda que convertamos *cujo* em *do qual — o homem, o temor do qual*, ou *do qual o temor;* se, porém, dissermos *o cholera, cujo temor...*, não ha *ambiguidade*: *cholera*, não póde ser razoavelmente o possuidor, só póde ser o objecto de temor; o genitivo, no caso vertente, ha de ser forçosamente o genitivo objectivo.

Não ha, pois, erro em se empregar *cujo* como genitivo objectivo, desde que não haja perigo de confudi-lo com genitivo subjectivo. Esta é a theoria que resalta do uso classico e dos modernos escriptores abalisados. Exs.:

> Ouvia ao longe uns brados de feras
> espantoso, cujo medo me arripiava toda
> A. F. Castro 44
>
> Oh! quanto leneceo naquelle dia,
> Cuja triste lembrança arde em meu peito!
> Pois se a Fortuna o fez descontentar-me
> Aquelle gosto em cujo sentimento
> A memoria não fez senão matar-me (C. Obrs. 2. 90).
>
> Eis aqui se descobre a nobre Hespanha,
> Como cabeça alli da Europa toda;
> Em cujo senhorio, e gloria estranha
> Muitas voltas tem dado a fatal roda (Lus. 3. 17)
>
> Desta o pastor nasceo, que no seu nome
> Se vê, que de homem forte os feitos teve;
> Cuja fama ninguem virá que dome,
> Pois a grande de Roma não se atreve (Lus. 3. 22).

De repente desappareceu... sustentando outros que fôra chorar longe da terra natal a mulher, cujo amor valia para elle mais do que a luz e a vida (R. da S., Od. 1. 185) — Uma maravilha daquella noite cuja narração parece procedera da propria tenda do Principe (A. C., Hist. II. 40).

No polo extremo ao occupado pelo snr. Adriano Pimentel collocam-se Filinto Elysio e outros, que dispensam, para o uso correcto de *cujo*, não só a 3.ª condição, mas as duas outras, dando a *cujo* o duplo valor de *do qual* e *o qual* (*que*); é assim que escreve Filinto:

Tracta da batalha contra Philippe *cuja* (a qual) nós perdemos — Fez me o mais lisonjeiro cumprimento, *a cujo* respondi friamente (ap. Serões, 678) — Ahi tendes esse famoso Carlos, *de cujo* nos remetteram os signaes. (Ib.)

Tal emprego, porém, não se justifica nem perante a etymologia, nem perante o uso dos bons escriptores, se bem que o encontremos esporadicamente em nosso velhos escriptores:

...hua pedra, que sa de longe parecya gallee, por cuja razom (pela qual razão) d'alli adyante chamaram aquelle porto o de gal'ee (Azurara, ap. Dicc. Vieira) — Muito poderoso senhor, o cavalheiro da fortuna, cujo eu sam (o qual sou eu), beija vossas reaes mãos (Palm. 225).

Tal emprego nota-se ainda no povo inculto, em phrases como estas: *Devo uma quantia cuja pagarei, é meu conhecido o homem cujo eu vi.*

600. O emprego de *cujo* era muito mais amplo no v. port. do que o é hoje, se bem que A. Herculano, A. Castilho e outros escriptores conceituados se tenham esforçado por lançar na corrente moderna da linguagem literaria certos usos já obliterados desse adj. relativo. Vejamos alguns delles.

1.º Era commum na lingua antiga o emprego de *cujo* com o valor pronominal de — *de quem*, sem *consequente* expresso. Exs.:

Elle disse que vindo em companhia de hua donzella cujo era, tres cavalleiros a tomaram per força (Palm. I. 148) — Tive que nada fazia em emprehender esta jornada por serviço e mandado da formosa Arindelia cujo sou (=de quem sou) (T. Redonda, 35) — E pondo sua força teve maneira de lhe dar com a ponta da espada pella garganta que lhe fez render o infernal espirito, a cujo era per suas obras (Ib. 225) — Dar o seu a cujo é. (H. P., I. 157).

Nem o meu (coraçon), dixi-lh'eu, já,
Senhor, nom se par..rá
de vós, por cujo s'el tem
(por de quem se tem elle) (T. Arch., D. Diniz)

Ca voss'amor me forçou
Assy, que por vosso m'ey,
Cujo sempre eu já serey (T. Port. 136)

A dama cujo naci
O mor prazer que sente
He dizer-me mal de mi (G. V. Obrs. 2. 501)

Ireis ao porto de Guiné;
Perguntae-lhe cujo he,
Que o não póde negar (G. V. Obrs. 3. 61)

O' Alma bem aconselhada,
Que dais o seu cujo he ;
O da terra á terra :
Agora ireis despejada
Pela estrada
Porque venceste com fé
Forte guerra (Id. ib., I. 209).

2.º Era egualmente frequente o emprego de *cujo* sem antecedente expresso, modificando de ordinario o predicado nominal:

E perguntou-lhe cuja filha era (Chrest. Arch. 82) — Depois que soubessem cuja aquella povoação era, então responderia (Dec. I, 293) — Logo quis saber cujo era aquelle assento (Palm. I. 5) — A hu tempo cayram no chão... sem a victoria daquella differença (lucta) se conhecer cuja fosse (Palm. I. 100) — ...franqueasse á Santa Fé cujo era patrono as ferrenhas portas daquella barbarie (A. C., Q. Hist. II. 40) — Os frades benedictinos, cujo era o couto da Foz, pagaram as restantes despezas (C. C. B., Mosaico 13) — Bem sabe o asno, em cuja casa rosna (Prov.) — Bem sabe o gato, cujas barbas lambe (Prov.) — O sangue que ha de correr será dos vassallos e dos peões, cujo principe sois (A.H., Bobo, 215) — Sendo a memoria rapida como o pensamento, cuja ella se faz traductora (A. C. ap. Serões, 777) — O auctor cuja se diz uma obra (Ib.).

3.º Mui frequente era tambem o emprego interrogativo de *cujo*. Exs.:

Dize : Cujo filho és? (C. Obrs. 3. 11) — Cuja é esta caveira? (A. V., Serm.) — E cujo é esse nome? — insistiu com voz firme o Lidador (A. H., Bobo, 185) — Cujas serão estas tyrannias? (Ib., ap. Serões, 677).

Possessivo

601. Os ADJECTIVOS POSSESSIVOS — *meu, teu, seu, nosso, vosso,* prendem-se morphologica e syntheticamente aos pronomes obliquos — *me* (a mim), *te* (a ti), *se* (a elle, a si), *nos* (a nós), *vos* (a vós).

Em virtude desta relação, o possessivo *meu* corresponde na phrase ao pronome da 1.ª pess. sing. *eu; teu* ao da 2.ª pess. sing. *tu; seu* ao da 3.ª pess. sing. e plur. *elle* ou *elles; nosso* ao da 1.ª pess. plur. *nós; vosso* ao da 2.ª pess. plur. *vós*. Assim sendo, diremos: *Tracta de tua saude, de sua saude, de nossa saude, da vossa saude,* conforme a *pessoa* e o *numero* do *possuidor*.

602. A idéa de *posse*, reclamada pelo adjectivo possessivo, exige, pois, dois termos correlativos: o *possuidor* e a *coisa possuida*. Por isso, tem o possessivo, na phrase, dupla referencia syntactica, que resalta de seus mesmos elementos morphologico: refere-se ao possuidor pelo *thema*, e a coisa possuida pela *flexão*. O *thema*, ou, melhor, a consoante radical indica a pessoa e o numero do *possuidor*, e a *flexão* (*generica e numerica*), o genero e o numero da *coisa possuida*, p. ex.:

meu	livro	e meu	livros	que	pertencem	a mim
teu	"	e teus	"	"	"	a ti
seu	"	e seus	"	"	"	a elle ou ella / a elles ou ellas
nosso	"	e nossos	"	"	"	a nós
vosso	"	e vossos	"	"	"	a vós
seu	"	e seus	"	"	"	a elle ou ella / a elles ou ellas

Do exposto se collige que fallece á lingua, no possessivo da 3.ª pess. (*seu*), o meio de indicar pela consoante radical o numero grammatical do *possuidor*, pois *se* donde se deriva, é de ambos os numeros. Dahi para a clareza, grave inconveniente, que não raro surge na phrase: *seu pae* póde ser — pae *delle* ou *delles*, bem como *della* ou *dellas*. Para indicar a referencia e clarear o sentido a lingua archaica servia-se de dois expedientes pleonasticos: ou repetia o nome do possuidor (*seu pae de Pedro*), ou o pron. da 3.ª pess. regido da prepos. *de* (*seu pae delle, delles, della* ou *dellas*). Exs.:

Dom Alcorac, o turco, e o Infante Cazayne, seu filho d'el Rey, encalçaranno e filharono pela redea do cavallo (P. Port 242, B. de Salado) — Assi andaram ferindose... posto que o gigante andava pior; porque a sua ligeireza de Primaliam o defendia (Palm. I. 60) — ...bem certos eran que non demandaria senon todo aguisado e sua honra deles Chrest Arch. 122, A morte do Lid.) — E depois seu padre della filharom-lhe seus gemros a terra (T. Arch. 32, L. de Lear).

Deste ultimo recurso continuou a lingua a lançar mão para obviar confusões ou duvidas em relação ao *possuidor*. Exs.:

O' pois que musica a sua delles? (S. de Miranda, Obrs. 2, 78) — Antonio Faria se recusou com palavras de grandes cõprimentos ao seu modo delles (F. Mendes Pinto, Peregr.) — ... o seu amigo della (G. Viag. 1.62).

603. O possess. ***seu***, oriundo do reflexivo ***se***, encerra valor reflexo, que faz recambiar a *posse* para o sujeito da 3.ª pess., porém esse valor em port. se acha quasi obliterado; dahi a inevitavel ambiguidade toda vez que houver um complemento da 3.ª pess. a disputar com um sujeito de egual pessoa a idéa de posse, p. ex.: *David matou o gigante com sua espada*, onde se fica em duvida sobre o *possuidor* da *espada*. Póde ás vezes a ambiguidade ser desfeita por circumstancias extranhas á contextura grammatical da phrase, como no seguinte passo do P.e Antonio Pereira de Figueiredo:

E como David não tivesse espada á mão, correu e se lançou sobre o philisteu, e pegou da *sua* espada, e tirou-a da bainha; e acabou de lhe tirar a vida e lhe cortou a cabeça (I Reis, XXII. 50, 51).

Já o mesmo não occorre com o seguinte trecho do P.e Antonio Vieira:

Cortou Judith a cabeça a Holofernes com *sua* propria espada — ...Isto que fez Judith com Holofernes, fez David com o gigante, cortando-lhe com a sua propria espada a cabeça ...David dedica a espada no templo, por que matou o gigante com suas proprias armas (A. V., S. 5. 103).

Apesar do reforço do adj. *proprio* com que esse grande classico procura fugir á ambiguidade, esta persiste para os que ignoram a historia do facto mencionado.

Do lat. herdou o portuguez esta desvantagem. Porém na lingua-mãe, ensina Rieman, é de regra se empregar *suus, -a, -um*, quando o possessivo recambia a posse para o sujeito da oração; *canis in aqua imaginam suãm vidit* = um cão viu sua imagem na agua. Sendo o *possuidor* um outro que não o sujeito, recorre o lat. ao genitivo do demonstrativo — *is, ea, id* (*este, esta, isto*), para indicá-lo: *magister discipulos amat, at vitia eorum odit* = o mestre ama os discipulos, porém odeia os vicios destes (ou delles). Este recurso, bem como o do expediente pleonastico, servem egualmente para o portuguez.

Sobre este ponto observa judiciosamente Diez que o possessivo *suum*, como o pronome *se*, é reflexo em latim, e recambia a posse para o sujeito da oração: *bestiis homines ad utilitatem suum utuntur* = os homens empregam os animaes para utilidade sua (delles homens, sujeito). — Quando não ha reflexão, isto é, quando não ha recambio da posse para o sujeito, o latim classico empregava *ejus*: *Cleopatra sibi aspidum admisit, et veneno ejus extincta est* = Cleopatra applicou a si uma aspide, e com o veneno desta morreu.

Não havendo, porém, confusão, *suus* podia tomar o logar de *ejus*: *Scipio suas res Syracusanis restituit* = Scipião restituiu aos syracusanos seus bens. E' claro que esta suspensão logica do rigor grammatical devia trazer entre *suus* e *ejus* a hesitação que, segundo Diez, remonta aos mais antigos monumentos da baixa latinidade: *habeat casa* (*casam*) *cum adjacentia sua, vir autem suus* (*ejus*) *in grandem tributationem erat.*

O portuguez, como suas irmãs, herdou esta hesitação da latinidade, e o possessivo *seu* deixa quasi sempre ambiguo o sentido, quando além do sujeito da oração existe um regimen do verbo da mesma pessoa: *elle levou o menino para sua casa*, onde não se sabe se para a casa delle ou para a do menino. Temos, porém, neste como noutros casos semelhantes, a facilidade de lançar mão do expediente de que se servia o latim classico: *elle levou o menino para a casa deste.*

Além disso, o *sentido obvio* vem muitas vezes em soccorro da lingua para indicar logicamente o possuidor, p. ex.: *elle levou o filho a seu pae, o tigre lançou-se á presa e bebeu o seu sangue, o fogo devorou a cidade e seus habitantes.*

604. Emprego do possessivo. Resta-nos ainda mencionar alguns usos historicos do possessivo.

1.º Era muito usual entre os quinhentistas o emprego da expressão *de seu*, com o valor de — *de si*, emprego que aliaz não é extranho ao fallar hodierno. Exs.:

De seu está entendido (Ulys. 55) — Cheguey aquella porta... que tambem parecia que já me conhecia, e que se me abria *de seu* (S. de Miranda, Obrs. 2. 134) — Os trabalhos, sem os chamarem, *de seu* se vem seu pé, que seu nome é (C. Obrs. 3. 9).

2.º Usual egualmente era o emprego das expressões — *de meu, de seu,* com o valor de pronome possessivo. Exs.:

Nesta yda foy tambem necessario yr o pobre de mim por me ver sem um só vintem *de meu* (Peregr. 1.139) —

Eu não tenho mais *de meu,*
Somente ser comprador
Do Marichal meu senhor,
E sam escudeiro seu (G. V., Obrs. 3. 138)

Porque elle não tem *de seu*
Meu pae deu-me. e fugi (Ib.)

Tres cousas acho que fazem
Ao doudo ser sandeu
Hua ter pouco sizo *de seu,*
A outra, que esse que tem
Não lhe presta mal nem bem (G. V., Obrs. 1. 98)

Hua ter pouco siso *de seu,*
Sendo tantas as batalhas,
Nem recontros se perdeo!
Aquelles padres coitados,
Não tinham tempo *de seo;*
Louvavam todos cantando
Louvores ao pay do céo (G. D., Sex. de Frei Antão)

3.º Encontra-se ainda no v. port. a expressão *pelo meu. pelo vosso* no sentido de *por minha* e *por vossa causa.*

Santa Ursula não converteu
Tantas cachopas como eu;
Todas salvas *polo meu,*
Que nenhuma se perdeo (G. V., Obrs. 1. 233)

4.º Emprega-se familiarmente, segundo Julio Moreira a expressão elliptica *na sua* com o valor emphatico de — *na sua opinião, na sua idéa, no seu modo de ver,* frequentemente com ironia: LA *entendeu na sua que era* melhor assim (J. Moreira).

5.º Emprega-se ainda o possessivo no feminino plural, (*suas, vossas*) em accepção geralmente pejorativa, concor-

dando com algum substantivo latente adequado (*artes, proezas*, etc.) na phrase — *fazer das suas*. A preposição *de* tem valor partitivo.

> Lá ha indias mui fermosas ;
> Lá farieis vós *das vossas*
> E triste de mim cá,
> Encerrada nesta casa,
> Sem consentir que vizinha
> Entrasse por huma brasa,
> Por honestidade minha. (G. V., 3. 41)

6.º Como em latim, adquire o adj. possessivo, em certas phrases, o sentido de *apto, commodo, grato*:

A seu tempo o farei, Judas foi para *seu* logar, achei *minha* vocação, tiveste *tuas* duvidas. Vendo-o, o adoraram, ainda que alguns tiveram *sua* duvida (A. P.) — Em latim : vere suo ducent examina reges (Verg.) = os novos reis sahirão á frente dos enxames, nos primeiros dias da querida primavera (Chassang), Loco aequo, tempore tuo pugnasti (T. Liv.) = pelejaste em logar favoravel, no teu tempo, no tempo opportuno, proprio ; suo loco, em seu logar, que lhe convem ; suo tempore, em seu tempo conveniente ou opportuno. — O mais que nisto fez, se dirá a *seu tempo* (Palm. I. 254).

7.º Emprega-se ainda o possessivo para indicar numero approximado:

Teria seus quarenta annos, colheu suas duzentas arrobas, expressões equivalente a—uns quarenta annos, umas duzentas arrobas : — Entretanto passaram-se os seus tres annos (A. V., C. 34).

8.º Emprega-se ainda o possessivo, na linguagem familiar, nas seguintes e semelhantes phrases: *seu tractante, seu maroto, seu garoto, seu compadre, seu José* (confusão com *seõ* = *senhor* (cf. *sea comadre, sea Maria*).

9.º A posição dos termos na proposição foi, com o desenvolvimento analytico da lingua, diversificando sentido, e assim o possessivo, posposto ao substantivo, adquiriu matiz especial: *a*) posposto a certos nomes *concretos* exprime *posse carinhosa*: *filho meu, patria minha, penhores nossos; b*) posposto a certos nomes *abstractos*, tem valor de *genitivo objectivo*, ao passo que *anteposto* tem valor do *genitivo subjectivo*: *saudades minhas* e *minhas saudades, piedade sua* e *sua piedade, noticias nossas* e *nossas noticias*.

Saudades minhas, são saudades que se tem de mim; e *minhas saudades* são saudades que eu tenho de outrem.

Saudades minhas, noticias tuas, equivalem a *saudades de mim, noticias de ti*, porém o mesmo não acontece com *minhas saudades* e *tuas noticias*. Em grego os possessivos da 1.ª e 2.ª pess. são muitas vezes substituidos pelo genitivo dos pronomes pessoaes. Em latim se diz — *pater noster*, em portuguez — *pae nosso* ou *nosso pae*, porém em grego é corrente — *pater êmôn πατηρ ἡμῶν* literalmente — *pae de nós*. Seria, pois, um *hellenismo* inadmissivel o dizer-se em portuguez — *livro de mim, casa de ti, patria de nós, vida de vós;* dir-se-á: *meu livro, tua casa, nossa patria, vossa vida*. Todavia, tal construcção com o pronome pessoal no genitivo é admissivel na 3.ª pessoa: *seu livro* ou *livro delle*, e com pron. da 1.ª e 2.ª do plur. modificados: — *de nós — outros, de vós mesmos, de nós ambos*.

Em se tractando, como vimos, do genitivo *objectivo* e não *subjectivo*, isto é, não propriamente de *posse*, mas de *objecto* a que se dirige a significação relativa de certos substantivos abstractos, como — *saudade, piedade, lembrança, amor, noticia*, emprega-se o pronome obliquo regido da prep. *de* (*de mim, de ti, de nós, de vós*); porém desde que o portuguez admitte, como acima mostrámos, o pron. da 3.ª pess. — *delle*, para exprimir o *genitivo subjectivo*, segue-se que a expressão — *saudades delle, saudades do filho*, é ambigua pela confusão dos dois genitivos (*objectivo* e *subjectivo*), pois tanto podem ser *saudades* de que o filho é o *sujeito* (possuidor), como *saudades* de que o filho é o *objecto*.

Em regra, a anteposição do adj. possessivo a certos nomes de significação relativa determina sentido *subjectivo* e a posposição sentido *objectivo* (*sua lembrança* e *lembrança sua*). Entretanto, ás vezes, temos sentido *objectivo* com a anteposição,p. ex.: *nada dizer a meu respeito*, e, *vice versa*, sentido *subjectivo* com a posposição: *o amor meu é fiel*. Exs.:

Quero esquecer-me de meu odio por amor *de ti* (A. H., O Bobo, 251) — O filho ama a seu pae e o servo reverencia a seu senhor : se eu pois sou vosso Pae, onde está a minha honra ? e se eu sou vosso senhor, onde o *temor* (*meu*) que se me deve ? (A. P., Mal. I. 6) — Filius honorat patrem,

et servus dominum suum : si ergo Pater ego sum, ubi est honor meus et si Dominus ego sum, ubi est timor meus?

A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura della:
Mova-te a piedade, *sua* e *minha*,
Pois te não move a culpa, que não tinha (Lus. 3. 127)

10.º O dativo do pron. pessoal póde elegantemente substituir o adj. possessivo, quando não se quer insistir sobre a posse; o mesmo phenomeno observa-se em latim: *foi-lhe Sicheu esposo = huic conjux Sichœus erat* (Verg.) = *foi Sicheu seu esposo; foi-me elle poderoso auxilio; elle te foi pae = elle foi teu pae.* Com o dativo a idéa de posse attenua-se de modo que em certas phrases o sentido differencia-se, p. ex.: *elle me é pae* e *elle é meu pae*, a primeira indica apenas que *elle me serve de pae.*

E' largo o uso qu fazemos do dativo do pron. pessoal pelo possessivo, sempre que não queremos insistir sobre a idéa de posse: *levou-me a bengala, feriu-me a cabeça, o vento arrebatou-lhe o chapéo.*

11.º A anteposição do artigo definido ao adj. possessivo (*o meu, o teu, o seu, o nosso, o vosso*) é phenomeno que se foi generalizando desde o sec. XIII. Como, porém, esta anteposição era um reforço de determinação, repelliu-se, por excusado, este uso ante nomes que por sua natureza já trazem em si certa determinação, taes os nomes de *parentesco, titulos* e *dignidades.* A estes, em geral, só no caso de querermos dar emphase é que anteporemos o artigo ao possessivo (*este é meu filho, o meu filho é este*), como já explicamos tractando do artigo definido.

O emprego do artigo antes do possessivo, embora mais largamente observado pelos escriptores modernos que pelos antigos, comtudo não é de rigor, salvos os casos emphaticos, e os em que o possessivo é substantivado ou pronominado, p. ex.: *os meus e os teus vão bem, o direito do meu e do teu, este é o meu e aquelle é o vosso* (cf. *este é meu e aquelle é vosso*), *dar o seu a seu dono.*

Obs. O artigo definido é absolutamente necessario ao possessivo grego — *o sos doulos* (ὁ σός δοῦλος) = *o teu escravo.* O francez não admitte a anteposição do artigo ao adj. possessivo. Em portuguez não

só o definido, senão tambem o indefinido, o demonstrativo, e os quantitativos indefinidos : *um meu amigo, este nosso patricio, outros meus amigos.*

12.º Em G. Vicente (sec. XVI), encontramos frequentemente o possessivo, hoje archaico, — *enho, enha, enhos, enhas,* equivalentes a *meu, minha, meus, minhas:*

Digo agora que casei
Sem licença de meu pae
E d'enha mãe : eu herdarei,
Ou sabes como isto vae? (G. V., Obras. I. 126)

Entrará *enha* sobrinha
E Constança das Ortigas. (Id., ib. 127)

Compadre, *enha* mulher
He muito destemperada (Id., ib. 165)

13.º Em se tractando das partes do corpo ou qualidades de espirito ou, em geral, quando a idéa de posse é evidente, é de praxe supprimir-se o possessivo, excepto no caso de emphase, sendo tal suppressão de mais amplo uso no lat., p. ex.:

Elle cortou o braço, quebrou a perna e perdeu o juizo — Bole o rabo o cão, não por ti, senão pelo pão — Manus lavare = lavar as mãos (as proprias), patrem amisit = elle perdeu o pae, matrem deligo = amo (minha) mãe.

Numeraes

605. Prefere grande numero de conceituados grammaticos chamar aos adjectivos numeraes *nomes de numeros,* pois, de facto, o que chamamos adjectivos numeraes (*um, dois, trez,* etc.), são nomes substantivos de numeros, e, como, taes, os tracta a lingua fazendo-os preceder do artigo — *o um* (arch.), *o dois, o trez, o dez, o zero.* Porém, unidos a um substantivo, como frequentemente se acham na phrase, funccionam elles francamente como adjectivos (dois livros, dez dias), e, por isso, são usualmente denominados adjectivos numeraes.

606. Classificação dos numeraes. Oriundos do lat., desenvolveram-se em portuguez os numeraes — *cardinaes, ordinaes, fraccionarios e multiplicativos.*

I. Cardinaes

607. Emprego dos numeraes cardinaes. Sobre o emprego dos cardinaes na evolução da lingua, observamos:

1.º Era usual nos velhos textos apparecer o artigo definido com os cardinaes, em condições hoje inadmissiveis. Exs.:

Todo o chão ficou coberto do nosso sangue em tanta quantidade, que dos onze que eramos, milagrosamente escapamos os nove com vida, por que os dous com mais um moço morrerão daly a tres dias. (Peregr. 1,342) — E se acharam dos oitenta soldados, os quinze mortos, e cincoenta e quatro feridos, dos quaes os nove ficaram despois aleijados (Ib. 35) — Nesta cidade nos deu o Chifuu licença para que dos nove que eramos, fossem os tres pedir esmolla (Ib. 356) — E como a elles chegasse o Portugues, e visse q falavam ambos a lingoa Italiana, o hum por ser sua natural, o outro pola ter adquerida... saudou os cortesmente na mesma linguage (H. P., Imag. 1. 305) — Per maneyra que da batalha morreram da gente dos Gigantes cento e tantos homens : de que os trinta eram cavaleyros (T. Red. 226) — Hontem foram os 20 de setembro... o successo de Alemtejo foi aos nove (A. V., C. 189, 191).

2.º Nos documentos do portuguez archaico eram indicadas as datas como se vê abaixo:

E isto foi feito no mes d'oitubro en era de Mil e cccª e VIIIº (1308) (Chrest. Arch. 18) — Dante en Santaren tres dias de março (Ib. 19) Era Mª CCCª Lª II, ânos (era de 1352 annos) (Ib. 19) — Don Afonso poborou (povoou) Santa Cruz de Coimbra en tempo que andava e era, en mil e cento e seteenta anos (Chest. Arch. 2. 17) — E foron feitas en Coimbria IIIIºr (quattuor) dias por andar de junho. Era MCCLII (Chrest. Arch. 17).

Obs. Sobre o modo de datar nos velhos documentos da lingua escreve Viterbo (Eluc. 79) : "Em os secs. XIII, XIV, XV, era muito frequente contar os dias do mes até quinze *andados*, e dahi até o fim *por andar*, v. gr. : *Sete dias andados de Junho, aos 7 de Junho. Sete dias por andar de Junho, aos 23 de Junho. Quatro dias por andar de Junho, aos 26 de Junho*, etc.".

3.º Nas expressões compostas dos numeraes cardinaes segue o portuguez archaico a ordem analytica do portuguez actual — as centenas seguidas das dezenas e estas das unidades:

Josep, filho de Jacob, avia dez e seis anos e andava guardando o gaado de seu padre (Chrest. Arch., 84) ...andava a era em mil e cento e setenta annos (Ib. 117).

A's vezes, porém, invertiam a ordem:

Os anos de minha vison trinta e cento anos, pequenos e maos e, non chegaron aos dias de meus padres (Ib. 96).

Cento (⟿ centum) proclitico (cento anos) apocopou-se em *cem* (annos), e actualmente só conserva sua fórma completa: — *a*) quando não proclitico (*cento e cincoenta annos*), e *b*) quando substantivado (*um cento de laranjas*).

O mundo em menos de cento annos fazia fym (L. Cons., 306) — Com cent'açoutes no lombo e hua caronha por capella (G. V., Obrs. 3, 87).

4.° As formulas ainda hoje usadas no estylo forense, para a enumeração de capitulos, datas, etc., eram na velha lingua largamente empregadas. Exs.:

E aos quarenta e seys capitulos estão estas palauras... Diz o propheta Ezechiel aos quarenta e hu capitulos de suas visões, que vio nu templo pintados muitos cherubins (H. P., Imag. 1. 47, 165) — Aos dois dias depois de se ire da cidade de Constantinopla, vieram ter a hu valle tres legoas dahi (Palm. I. 148).

5.° NUMEROS INDEFINIDOS. Desde a mais remota antiguidade os numeraes cardinaes *dez* e *mil* foram empregados figuradamente por um numero indefinido ou indeterminado. Já no anno mil antes de Christo, quando o jovem David fez baquear o orgulho dos philisteus, lançando por terra o gigante Goliath, as mulheres judias, dançando, cantavam:

Saul matou mil e David dez mil percussit Saul mille, et David decem millia) (Vulg. I Reis XVIII. 7 = Cambiantes cores mil do Sol opposto (de Verg., Eneid. IV. 702) = mille trahens varios adversa Sole colores) — Non mille carinis est opus n Teueros (Eneid., 9. 145) = não mil quilhas hei mister contra os teucro; (O. M.)

Por analogia, com as outras fórmas, *mil* assume na linguagem familiar, a fórma *milhenta* em accepção indefinida: *milhentas vezes*.

O numero *sexcenti* (seiscentos) era entre os latinos frequentemente usado por um numero indeterminado: *Sexcenta licet ejus modi proferri* (Cic.) = póde-se citar mil (seiscentos) casos desta qualidade. Não é inteiramente extranho ao portuguez o emprego de *seiscentos* com valor indefinido

(*com os seiscentos!*). Plauto nos revela que *quingenti* (*quinhentos*) e *tres* eram tambem entre os romanos usados nesse sentido: *quingentos cocos, te tribus verbis volo* (quero dizer-te trez palavras). Em portuguez além de *dez, cem, mil* (milhentas), *seiscentos*, empregamos, para numeros pequenos, *dois, meia duzia*: *direi duas palavras, darei dois dedos de prosa, contou meia duzia de historias*. Exs.:

Tan casados, tan chorosos,
da morte mais desejosos
cem mil vezes que da vida
(Chrest. Arch. 256)

Se as matas estrujo
Co'os sons do Boré,
Mil arcos se encurvam
Mil setas lá voam,
Mil gritos reboam,
Mil homens de pé
Eis surgem, respondem
Aos sons do Boré.
(G. D., Poes. 2. 90)

6.º No v. port. era frequente a reunião pleonastica de *ambos* com *dous* em grupos como se seguem: *ambolos dous, ambos os dous, ambos de dous*, grupos imitados modernamente por A. Herculano, Camillo Castello Branco, A. Castilho e outros. Exs.:

Com traves pregadas ambas de duas (Castanhedas, ap. Serões, 363)

D'ambos de dous a fronte coroada
Ramos não conhecidos e hervas tinha (Lus. 4. 72)

As mais vezes ambos os dois residiam na pousada (A. C., ap. Serões 363) — Ambos os dois ganhavam na prorogação da lucta (A. H., Ib.) — Ambos os dois monges tão amigos caminhavam juntos (Id., ib.) — Acho que se emborracharam ambos de dois (C. C. B., ib.) — Quebradas tivesse eu as pernas ambas de duas, quando casei com este moinante (C. C. B., Corja, 43) — Progenie grega não são ambos os dois? (A. C., Os Fast., 2. 111).

Obs. A v. ling. supprimia frequentemente o artigo reclamado pela euphonia entre *ambos* e o substantivo: E tomando a maça com ambas mãos, se foi a elle... era tã pesado que o nã pode fazer senã cõ ambas as mãos... tomando as mãos ambas Iras cortou (Palm. I. 167, 168, 188).

7.º Empregava o v. port. o numeral *conto* (*computum*) para designar "mil vezes mil coisas ou pessoas", termo que só applicamos hoje para designar dez vezes cem mil réis". Exs.:

Diremos que nesta discripção se acharam dentro em Portugal cinco contos e sessenta e oito mil pessoas, cabeças de familias (Frei B. de Brito, Mons. Lusit. I. 553) — Concorre a ella tanta gente, que se affirma que passa de tres contos de pessoas (F. M. P., Per. CVIII, ap. C. de Figueiredo).

II. Ordinaes

608. Os NUMERAES ORDINAES exprimem a ordem no tempo e no espaço. Na dialectação do portuguez soffreram elles alterações, já na morphologia, já na syntaxe, que convem estudar.

609. EMPREGO DOS NUMERAES ORDINAES. Sobre o emprego dos ordinaes em seu desenvolvimento historico, temos os seguintes factos:

1.º Rejeitou o portuguez, na linguagem commum, as fórmas latinas *primum* (*primo, primeiro*) e *tercium* (*terço, terceiro*), substituindo-as no emprego destes dois ordinaes pelas fórmas *primarium* ⟿ *primeiro, terciarium* ⟿ *terceiro*. A fórma *primo* ficou relegada ao dialecto literario (*hora prima, materia prima, obra-prima*), e *terço* apparece em *terça-feira* (*feira terceira*), no estylo elevado (*hora terça*), e como substantivo nos numeros fraccionarios (um terço, dois terços). No port. archaico apparece a fórma *tercer* proclitica:

Sobrevierão os homens mais sutis, e mais primos na Arte (A. V., ap. Bluteau) — Tod'ome que bestia over a meter cada tercer dia (For. de Castello Rodrigo) —

> Aqui se lhe apresenta que subia
> Tão alto que tocava a prima esphera (Lus. 4. 69)

2.º Empregaram nossos classicos quinhentistas fórmas compostas ordinaes mais chegadas ao typo synthetico latino — *terciodecimo, quartodecimo*:

Tratou divinamente esta materia Augustinho no livro terciodecimo da cidade de Deus... No quarto decimo capitulo de Genesis... diz a escriptura que pediu el Rey daquella terra a Abraham a gente (H. P., Imag. 1. 47).

Hoje prefere a lingua, por brevidade, em longas series, empregadas com o valor de ordinal o cardinal, que permanece invariavel nas fórmas flexionadas: *pagina vinte dois, paragrapho treze, casa noventa e um, capitulo quatorze.* Na enumeração de reis e papas, empregamos o ordinal até dez, dahi por deante o cardinal: *Henrique terceiro, D. João quarto* (*Principe Dom João, o terceiro em Portugal deste nome* — G. V.), *Leão decimo, Luiz onze, Luiz quatorze.* Assim tambem — *seculo primeiro* ou *primeiro seculo,* até *seculo decimo,* e dahi, de preferencia, sec. onze, sec. doze, sec. vinte.

3.º O v. port. empregava habitualmente os *distributivos latinos* (*septeni, noveni*) como ordinaes. Sobre este ponto, temos um precioso documento mencionado pelo dr. J. L. de Vasconcellos, em suas Liç. de Philologia, que é a *Practica d'Arismetica,* Lisboa, 1540, cujo auctor, o quinhentista Ruiz Meendez, expõe a fl. I e IV os numeraes ordinaes de seu tempo, do seguinte modo: *primeiro, segundo, terceyro, quarto, quinto, seisto, septimo, oytavo, noveno, dezeno, onzeno, dozeno, trezeno, quatorzeno, quinzeno, desaseszeno, dezaseteno, dezoiteno,* no feminino: *novena, dezena, onzena, dozena, trezena, quatorzena, quinzena.*

As fórmas ordinaes, oriundas do distributivo latino (*noveno, dezeno,* etc.) tornaram-se privativas do estylo elevado; na linguagem corrente as fórmas femininas (novena, dezena, quarentena, centena), passaram a ser substantivos collectivos determinados, se bem que frequentemente alguns delles sejam empregados como collectivos indeterminados, p. ex.: *dezenas e dezenas pereceram, centenas de passaros voaram, fazer o navio quarentena* (cf. *milhares de homens*).

Tu viste de teu sobrinho sair um lago e dele sairen nove rios, e os oito eran todos eguaes, o *noveno* (nono)... era tan fermoso e tan grande como todos os outros (Chrest. Arch. 61).

Porém despois que a escura noite eterna
Affonso aposentou no Céo sereno,
O Principe, que o reino então governa,
Foi Joanne segundo e Rei *trezeno*. (Lus. 4. 60)

Do principio antes, hospede, as insidias
Graias, dice, nos conta, e o patrio excidio
E errores teus; que *já seteno* estio
De praia em praia todo o mar voltêas

(O. M., Verg. Bras. 243)

4.º A ling. arch. possuia o numeral distributivo *senhos* do lat. *singulos*, com o sentido de *cada um, outros tantos, cada um seu*, vocabulo que subsistiu até o sec. XVI.

O qual (cántigo) seja departido in *senhas* glorias (In. de Albcob. 1.º 273, ap. Cortesão) — Levaron aqueles entrepetadores pera huas casas apartadas... e deran *senhas* celas (Ib. 3.ª 162) — Foram ambos bem aprisionados com *senhas* grossas adovas e cadeia pelas pernas (F. Lopes, C. de D. Fern. 85).

Andamos todos cansados,
O gado seguro está:
E nós aqui abrigados
Dormamos *senhos bocados*
Que a meia noite vem já (G. V., 1. 115)

Aparico, mat'esses cães.
Ou vae dá-lhe *senhos* pães (Id. 3. 14)

5.º E' frequente entre antigos classicos apparecerem os numeraes ordinaes substantivados regidos da preposição — *a hora de nõa* (hora nona), *a hora de terça* (hora terça ou terceira). Exs.:

Assim esteve até que foi ora de nõa (Chrest. Arch. 57) — A hora já de noa que a calma mostrava alguma força, dado que temperada... foy dar de improviso Florismarte (Tav. Redonda 89) — O perro pagará a noveado o que deve (F. M. Pinto, Per. I 225) — Eram isto horas de sexta, e ho dia mostrava-se mais claro e aprazivel que os passados (T. Red. 96).

III. Fraccionarios

610. As fracções eram indicadas em lat. pelos cardinaes como numerador e pelos ordinaes como denominador, concordando ambos com o substantivo *pars*, expresso ou

elliptico, p. ex.: 1|3 = *tertia pars*, 3|5 = *tres quintæ* (sc. partes) = *treꝛ quintas partes*, 7|9 = *septem nonæ* (sc. partes) = *sete nonas partes*, 8|9 = *octo nonæ partes*. Para 1|2 (um meio) tinham a expressão — *demidia pars* = *meia parte*.

O portuguez modificou este processo, adoptando para denominador o ordinal substantivado até o numero 10 (1|2 um meio, 1|3 um terço, 3|5 trez quintos, 7|9 sete nonos, 4|10 quatro decimos. De 10 para cima, por brevidade, destacou *avos* de *oitavo*, que se suppoz composto de *oit'avos*, tornando-se este suffixo (avos), um substantivo ficticio: 1|11 *um onze avos*, 3|14 *trez quatorze avos*, 4|32 *quatro trinta e dois avos*. Já na Pract. d'Arismet. de *Ruy Meendeꝛ* (1540) se encontra *avo* e *avos*: *deꝛaseis avo, trinta dous avo* = *deꝛeseis avos, trinta e dous avos*. (Dr. J. L. Vasconcellos, Lic. de Phil. 311).

Todavia nas dezenas desacompanhadas de unidade, e nas centenas desacompanhadas de dezenas e unidades usa-se tambem o ordinal substantivado: 1|20 avos ou um vigesimo, 1|30 avos ou um trigesimo, 1|100 avos ou um centesimo.

IV. Multiplicativos

611. Os multiplicativos lat. em *plex, simplex, duplex, triplex* (arch. *simpreꝛ*), *duplice, triplice, septemplice* e *multiplice*, e dos proporcionaes em *-plus* (*duplus, triplus, quadruplus*), passaram — *duplo, triplo, quadruplo, quintuplo, sextuplo, septuplo, octuplo, nonuplo, decuplo, undecuplo, duodecuplo, centuplo* e *multiplo*. Com excepção de *simples* (pop. e arch. *simpreꝛ*), os outros, em geral, só se usam no dialecto literario.

Adjectivos e pronomes indefinidos

612. Adjectivos indefinidos são os que modificam na phrase os subst. junctando-lhes uma determinação attenuada de quantidade indefinida: por isso são chamados *quantitativos indefinidos* ou *indeterminados*, por opposição aos numeraes, que são *quantitativos determinados*.

Muitos desses adjectivos possuem fórmas pronominaes exclusivas, que morphologica ou ideologicamente correspondem ás respectivas fórmas adjectivas, como se vê em *alguem* e *algo*, fórmas pronominaes, e *algum*, fórma adjectiva.

613. Classificação. Esses quantitativos indefinidos evocam idéas especiaes, que podem ser distribuidas em quatro classes:

1.ª **Partitivos:** Algum, alguem, algo, outro, outrem, al, tanto, quanto, muito, pouco, mais, menos, os demais, delles, tal, quejando, certo, bastante, assaz, diversos varios differentes.

2.ª **Distributivos:** cada, cada um, cada qual, a qual, qualquer, quemquer que; e quando repetidos na phrase: quem, qual, tal.

3.ª **Collectivos universaes:** todo, tudo (positivo), nenhum, ninguem, nada (negativo).

4.ª **Correlativos:** tanto... quanto, tal.., qual, tal... tal, um... outro, nem um, nem outro.

614. Algum. O adjectivo *algum* adquiriu, do sec. XVII para cá, quando posposto ao substantivo, o valor negativo de *nenhum*: *cousa alguma* = *cousa nenhuma* ou *nenhuma cousa*, *homem algum* = *homem nenhum* ou *nenhum homem*.

Esta acquisição de sentido negativo foi determinada pela *lei do contagio* (Bréal), isto é, pelo apparecimento constante de *algum* como *pospositivo* em phrases negativas, taes como: *não fez cousa alguma*, *não conheço homem algum*. Este contacto frequente com a negativa *não* em taes phrases, communicou-lhe paulatinamente o valor negativo na posição mencionada.

Até o sec. XVI, não havia ainda *algum* adquirido sentido negativo, como demonstram os seguintes exemplos:

> Desta gente refresco *algum* tomamos,
> E do rio fresca agua; mas comtudo
> Nenhum signal aqui da India achamos
> No povo, com nó outros, quasi mudo (Lus 5. 69)

> Alegria mui grande foi por certo
> Acharmos já pessoas que sabião
> Navegar; porque entr'ellas esperámos
> De achar novas *algumas*, como achámos (Lus. 5 75)

Ethiopes são todos, mas parece
Que com gente melhor communicavão:
Palavra *alguma* arabia se conhece
Entre a linguagem sua que fallavão (Lus. 5. 76)

615. ALGUEM, NINGUEM, OUTREM. São estas hoje fórmas pronominaes exclusivas, que se referem a *pessoas*, ao passo que as fórmas cognatas — *algo, nada, al*, são fórmas *neutras* que se referem a *coisas*: *alguem* = *alguma pessoa*, *algo* = *alguma coisa*, *ninguem* = *nenhuma pessoa*, *nada* = *nenhuma coisa*; *outrem* = *outra pessoa*, e *al* = *outra coisa*.

No v. port. apparecem essas fórmas pronominaes com o caracter de adjectivos modificando outras fórmas analogas, como *outrem ninguem*, o que é hoje archaismo inadmissivel. Exs.:

Vós, senhor, e outrem ninguem a podees poer em liberdade (Tav. Red., 51) — Sahio logo el em terra... mandando que ninguem outrem desembarcasse (Ib. 74).

616. ALGO, AL. Estes pronomes teem seu etymo nas fórmas neutras latinas — *aliquot* e *aliud*. Com a obliteração do genero neutro em portuguez, passaram estas fórmas adjectivas neutras a funccionar como pronomes neutros, que só podiam nomear *coisas*. Ambos estes termos se archaizaram no fallar vivo do povo, e só se mantem escassamente no dialecto literario.

Algo frequentemente assume o papel de *adverbio* juncto a um adjectivo, com a significação de algum *tanto*, v. gr.: *algo indisposto*.

Al passa com frequencia para a categoria de *substantivo* precedido do artigo (*o al* = *a outra cousa*). — Exs.:

Mas *al* cuidava a fortuna (Tav. Redonda, 104) — Deixaram aquillo e fallavam em *al* (F. Lopes, Chron. de D.Fern. 75) — ...como quem já não podia fazer *al* (Tav. Redonda, 51) — E do *al* que succedeo se dirá a seu tempo que este é doutrem (Ib. 59) —

Já me vou lidar em guerras
Vou-me á India Occidental;
Hei de ter novos amores...
De guerras... não temas *al* (G. D., Poes, 1. 42)

617. NADA. Esta fórma neutra, pronominal correspondente ao adjectivo *nenhum*, tem sua origem etymologica

no participio latino *natus, -a, -um,* que significa *nascido.* Da phrase negativa emphatica — *nulla re nata* = *nenhuma coisa nascida,* que da baixa latinidade passou para o portuguez archaico, nasceu, pela *lei do contagio,* o valor pronominal negativo do participio na fórma feminina — *nada* ←⋘ *nata.* Este participio absorveu o sentido da phrase, que desappareceu. A palavra negativa franceza *rien* teve origem na mesma phrase.

Como *al, nada* facilmente se substantiva sob o influxo dos artigos: *o nada, um nada, um nadinha.* Reforçado pela negativa *non* (= *no'*), temos o substantivo *nonada* (*cousa de nonada*).

O céo era *nada,* a terra era outro *nada,* os quatro elementos quatro *nadas,* e toda essa infinidade de cousas, uma infinidade de *nadas* (A. V., S. 5. 15).

Obs. Entre os pronomes indefinidos devemos contar *que* quando em sentido absoluto serve de objecto a certos verbos, como — *sinto não sei quê.* A formula latina — *nescio quid,* pondera Diez, serve para designar alguma coisa desconhecida, tal formula é tambem romanica. De facto, em portuguez é corrente o emprego de *que,* em phrases semelhantes, como pronome indefinido, como se vê no seguinte exemplo de Camões:

> Hum não se. *que,* que nasce não sei onde;
> Que dias ha que na alma me tee posto
> Vem não sei como; e doe mao sei porque.
> C. Obrs. 2. 12 Son. XV.

Frequentemente ao *que* nesta accepção acompanha o artigo indefinido ou adj. possessivo; *um quê mal definido* (G. D.), — *isto de sangue é burundanga que tem seu quê* (A. C.).

618. MUITO, TANTO, MAIS, QUANTO. As primeiras são fórmas gradativas: *muito,* positivo, *tanto,* comparat. de egualdade, *mais,* comparat. de superioridade, *muitissimo,* superl. synth., e *mui muito* arch. superl. analyt.

a) *Tanto,* como outros comparativos, apresenta-se, ás vezes, na phrase com o caracter de superlativo absoluto:

> No mar *tanta* tormenta, *tanto* damno,
> *Tantas* vezes a morte apercebida!
> Na terra *tanta* guerra, *tanto* engano,
> *Tanta* necessidade aborrecida! (C.).

Tanto, como comparativo de egualdade, modifica substantivo ou verbo, e correlaciona-se com — *quanto, como* e *que*:

Tantas sentenças, *quantas* cabeças — *Quanto* sabes, tanto vales — Tanto val a cousa, *quanto dão por ella* — Tantos morrem dos cordeiros, *como* dos carneiros — Tanto pão, *como* um polegar, torna a alma a seu lugar — Doze gallinhas e um gallo comem tanto *como* um cavallo — Ao avaro tanto lhe falta o que tem, *como* o que não tem — Tanto é agraz *que* já despraz — Tanto pica a pega na raiz do trovisco, *que* quebra o bico — Tantas vezes vae o cantarinho á fonte até *que* quebra — Tanto dá a agua na pedra, a é *que* quebra.

b) *Quanto* não raro traz elliptico seu correlativo *tanto*: *fez quanto quiz* = *fez tanto quanto quiz*.

Nas phrases *interrogativas, exclamativas* e *dubitativas* apresenta-se *quanto* com caracter absoluto:

Quantos dias faz? *Quanta* guerra!

As ondas que batião denodadas!
Quantos montes então que derribarão (C.).

c) *Mais* póde modificar *substantivo, adjectivo, verbo* e *adverbio;* porém como acontece com os seus congeneres, só é adjectivo quando modifica substantivo: *mais amor, menos confiança.*

Mais vozes *que* nozes — *Mais* barato é o comprado, *que* o pedido — *Mais* sabes *do que* te eu ensinei — *Mais* val casa donde a roca manda, *que* a espada — *Mais* faz quem quer, *que* quem póde — Muito pede o andeu, mas *mais* o é quem lhe dá o seu.

Obs. Faz engano o eminente philologo portuguez Adolpho Coelho na analyse da phrase — *amar muito a alguem.* "A analogia, diz elle — tem tambem grande influencia na syntaxe. Eis um exemplo interessante: "Na construcção *amar muito a alguem, muito* póde ser grammaticalmente o regime directo (objecto directo), *a alguem* o regime indirecto, como prova o conhecido exemplo *pelo muito que amava a seu filho*, no qual *que*, pronome relativo, é o objecto grammatical, representando *muito* como nome. Essa construcção resulta da influencia da analogia do verbo *querer*.

"Diz-se *querer bem, querer mal a alguem, querer muito bem, querer muito mal a alguem*, ellipticamente *querer muito* (= *querer muito bem*) a alguem. Assim *querer* e *muito* fixa-se no sentido de *amar* e ficou com a construcção determinada pelo caracter objectivo (grammatical) de *muito;* dahi por analogia *amar muito* com a mesma construcção" (*A Lingua Portugueza*, 3.ª ed., pag. 82).

Na phrase *pelo muito que amava a seu filho*, **que** não póde ser *objecto* de *amar*, por avocar a si essa funcção manifestamente o termo — **a** seu *filho*, como se vê substituindo-o pelo pronome accusativo — *pelo muito que o amava*. A ausencia de preposição que lhe dá essa apparencia póde explicar-se por uma ellipse: *pelo muito* **com** *que amava a seu filho, pelo muito amor* **com** *que amava a seu filho*. A ellipse da preposição antes de *que* é commum: ha *muito* **que** *moro aqui* = *ha muito* **desde** *que moro aqui*; "*ha mais de sessenta annos* **que** *nasci* detraz daquelle penedo" (F. R. L.) = **desde** *que nasci*; já cinco soes *eram passados* **que** *dalli nos partiramos*" (C.) = **desde** *que da i...* "*lembra-te* **que** *és pó* = **de** *que és pó*".—Na phrase — *amar muito* (= com muito amor a alguem), *muito é adverbio* ou *adjuncto adverbial*, e *a alguem* é o *objecto*, a presença da preposição **a** não lhe tira o caracter de regimen directo (422), como prova a construcção; *amá-lo muito*. Em — *querer muito a alguem, muito* é pronome adjectivo indefinido e objecto, e *a alguem* complemento terminativo, como se prova com a substituição pronominal; querer-**lhe** muito (*bem*). A presença do dativo **lhe** neste caso e a do accusativo no outro indicam que não houve influencia analogica deste para aquelle.

619. Pouco, menos. *Menos* é comparativo de superioridade synthetico de *pouco;* a fórma analytica — *mais pouco* é plebéa.

a) *Pouco* é partitivo frequentemente substantivado e seguido de *genitivo*, a semelhança dos partitivos latinos: *um pouco d'agua, o pouco de recursos que lhe resta.* — E' usual nesta phrase a attracção do substantivo regido sobre o regente: *uma pouca d'agua, uns poucos de soldados bastaram.*

Pouco damno espanta, **muito** amansa — A muito entendimento fortuna pouca — De muitos poucos se faz um muito — Melhor é muitos poucos, que poucos muitos — Pouco fel damna muito mel.

b) *Menos* é de origem adverbial (lat. *minus*), e, como *pouco, muito, mais, quanto*, etc., é adjectivo deante de um subst., e adverbio sempre que modifica *adjectivo, verbo* e *adverbio.* Adquire valor de preposição synonyma de *excepto* (*præter*), quando liga dois termos. Exs.:

Todas as estrellas, *menos* duas, são maiores que a terra (A. V., ap. Bluteau) — Em *menos* de vinte dias (Bluteau) = minus diebus viginti (Cic.) — Com muito *menos* confiança Ib.) = minus multo audacter (Terent. — He um estrangeiro, o qual tem menos poder, menos conhecidos, e menos amigos que vós = peregrinus est, minus potens, quam tu, minus notus, amicorum habens minus (Ib.).

62. DELLES, DELLAS. Evidentemente *delles* é a contracção da prep. *de* e do pron. pess. *elles*. Na v. ling. era frequente o emprego deste partitivo, que é, com certeza, um fragmento e o herdeiro do grupo logico de expressão — *alguns delles, uma parte d'elles*. A conveniencia de brevidade na expressão e a lei do contagio deram origem ao partitivo *delles*, hoje inusitado, porém em plena vigencia até o sec. XVI:

Saem todos unfamente d'eles em magotes e d'eles em aazes longas e d'eles em aazes de coinha e lidam com o poder dos turcos (T. Port., Livr. de Linh., p. 258).

Delles fazem que não ouvem,
E elles ouvem muito bem;
Delles fazem que não vem,
E delles que não entendem
O que vai nem o que vem

(G. V. Obrs. 1. 119)

621. CERTO, DIVERSOS, DIFFERENTES, VARIOS. Estes adjectivos qualificativos, quando antepostos aos respectivos substantivos, assumem o caracter de determinativos, e de qualificativos quando pospostos, como se vê em *certa verdade* e *verdade certa, diversas pessoas* e *pessoas diversas, differentes coisas* e *coisas differentes, varias flores* e *flores varias*. Esta differenciação de sentido determinada pela posição começou a operar-se do sec. XVII para cá; nos escriptores anteriormente a esse seculo, como em Camões e outros quinhentistas, tal evolução não se tinha operado. Na accepção de determinativo indefinido *certo* admitte a anteposição do artigo indefinido: *certo homem, um certo homem*. Já em latim se descobre este valor significativo de *certo*, que mais tarde tem de se desenvolver no portuguez, como nas outras linguas romanicas — *certi homines* (Diez). Entretanto, no portuguez até o sec. XVI, não se revela este novo sentido. Exs.:

Alli, tua frota alegre recebendo
Hum rei, com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria,
E para a India *certa* e sábia guia (Lus. 2. 63).

Mas tu, em quem mui certo confiamos
Achar-se mais verdade, ó Rei benino,
E aquella *certa* ajuda em ti esperamos,
Que teve o perdido Ithaco em Alcino. (Lus. 2. 82)

622. CADA, CADA UM, CADA QUAL. Só no singular se empregam estes distributivos; porém no port. arch. pluralizava *cada um* em *cada uns*:

Quando o Nuno Alvares viu... que cada uns capitães se tornavam a suas fronteras foi mui anojado (F. Lopes, Chron. de D. Fern., 21) — E já não é de negar que, pelejando tantas por tantas, cada huns haveriam que fazer por sua honra (Id. ib., 31)... cada hũs cuidavã que a outra parte seria mais fraca (Palm. I. 237).

Nota-se ainda que *cada um* era mais frequentemente no v. port. seguido de um substantivo expresso do que hoje:

Quando cada hum Rey começou de regnar (T. Arch., 33) — ...e que em cada hum anno pudesse empregar na India duzentos cruzados em mercadorias (Dec. 371)— Diversos dões reparte o Céo benino, e que cada uma alma hum só possua (C., Obrs. 2. 76).

623. CADA QUAL só funcciona como pronome, e *cada um* mais frequentemente apresenta-se neste caracter:

Cada qual com seu egual — Cada qual sente o seu mal — Cada qual no seu officio — Cada um dança como tem os amigos na sala — Cada um falla como que é — Cada um sente o frio, como anda vestido — Cada um acode aonde lhe mais dóe — Cada um diz da feira, como lhe vae nella.

624. TODO, TUDO. Este determinativo *collectivo universal* não discriminava morphologicamente no v. port. a fórma masculina (*todo*) da fórma neutra (*tudo*). A discriminação é relativamente moderna, e, em certos casos, ainda hoje oscilla o uso entre *todo* e *tudo* (*todo o necessario* e *tudo o necessario*). Na lingua archaica a fórma *todo* exercia tanto a funcção adjectiva (*todo*), como a funcção pronominal (*tudo*). Do sec. XVI em deante a metaphonia do *o* em *u* dá-nos a fórma neutra pronominal (*tudo*) differenciada da fórma masculina (*todo*):

Leixando *tudo* ho mais necessario per um longo cerco (T. Red., 18) — E ben assi era todo (= tudo), como lhi dizia o erdeiro, e quero vos contar como (Chrest. Arch. 4. sec. XIII). ..— Seja teu todo o que vestes (tudo o que vestes) (T. Arch., 63, sec. XV) — ...sem o qual (o que) todo (tudo) é nada (L. Cons. 15, sec. XV) — O seu tudo é Tartufo (A. C.)

625. EMPREGO DE TODO E TUDO. *Todo*, anteposto a um substantivo, reclama posposto o artigo definido, mormente no plural: *todo o homem, todos os homens.*

Porém este collectivo universal, do lat. *totus*, adquiriu nas linguas romanicas, quando no sing. e anteposto, o valor *distributivo* de *cada*, approximando-se do lat. *omnis* ou *quisque*: *todo homem é mortal* = *cada homem é mortal.* Existe em portuguez a manifesta tendencia de dispensar, nesta accepção, o artigo: *toda cidade póde ser destruida por um incendio* (cf. *toda a cidade foi destruida por um incendio, a cidade toda*), *todo homem honesto paga suas dividas.* Esta tendencia das linguas romanicas, que em portuguez ainda vacilla em nossos bons escriptores, tem-se fixado na grammatica franceza (*tout homme*), hespanhola (*toda muger*); estas linguas não toleram o artigo, quando *todo* assume accepção distributiva.

No plural, porém, ou na accepção do lat. *totus*, o artigo é indispensavel: *todo o homem não é mortal* = *o homem todo não é mortal, toda a cidade foi saqueada* = *a cidade toda...* (cf. *nem toda cidade tem sido saqueada*), *todos os homens são mortaes, nem todas as cidades teem sido saqueadas.*

No v. port., não raro, apparece, tanto o singular como o plural sem artigo: — *todas partes, todas cousas*, o que é um archaismo, imitado ás vezes por A. Castilho, e que, aliaz, se ouve no dialecto popular (*todas coisas*):

Os defensores que todallas avantageens já declaradas com todos privilegios querem possuir (L. Cons. 34) — Caminhando com toda pressa, ao segundo dia de sua jornada foy a nevoa tam espessa, que lhe causou errar ho caminho (T. Red., 36) — Elle encommendou-se de todo coração (Ib., 77) — Grandemente destro em todas armas... dandolhe licença a todo desenfadadamento (Palm. I. 13).

626. Em vez do *artigo definido* era commum o *indefinido*, entre os classicos:

Hum só grão podre corrõpe todo hum cacho, (H. P., II. 307) Huma traição forjada com malicia degola de hum golpe todo hum Reyno, o Imperio (A. de Furtar, 298).

627. UM... OUTRO, UM E OUTRO. Nos velhos textos da lingua apparecem estes correlativos acompanhados do ar-

tigo definido em ambos os elementos: *o um... o outro, o um e o outro, das hũas e das outras.* No evolucionar da lingua desapparece o artigo do primeiro elemento, e conserva-se no segundo: *um... o outro, um... e o outro.* Hoje, porém, com o progresso analytico da lingua, guardamos, em regra, o artigo do segundo elemento, quando temos necessidade de individuá-lo, de torná-lo saliente:

Um morre... outro nasce, um dos dois morreu... o outro se salvou — Entre o povo ainda se ouve — *á uma... e á outra:* Não escrevi ha mais tempo á uma porque tenho andado bastante adoentado, e á outra porque não tinha grandes novidades para dar (J. Moreira) — Hum me envergonha e outro me injuria (C., Obrs., 2. 53) — Assi que, hum pela infamia, que arrecea, e a outra pelas honras que pretende (Lus. 1. 34).

Pronomes pessoaes

628. Os PRONOMES SUBSTANTIVOS OU PESSOAES teem por funcção taxeonomica não só substituir, na expressão do pensamento, o nome para evitar a sua repetição, mas ainda teem a funcção, que propriamente os caracteriza, de indicar a pessoa grammatical do nome por elle evocado. Deste modo elle se discrimina do substantivo como categoria grammatical, com o qual, entretanto, teem intima affinidade, pois que assume, no mechanismo da linguagem, a feição de um substantivo *subjectivo.* Dahi o facto de sua destinação syntactica, de representar, nas relações logicas do discurso, os mesmos papeis que a primeira categoria gramamtical. E' assim que, como o substantivo, exerce o pronome, na proposição, as funcções de *sujeito, complemento* e *predicado.*

629. DECLINAÇÃO DOS PRONOMES PESSOAES. A declinação latina, obliterada nos nomes, tem nos pronomes pessoaes claros vestigios de sua passada existencia. Dos seis casos da declinação latina, quatro nos ficaram para indicar as relações syntacticas do pronome pessoal:

NOMINATIVO : *eu, tu, elle, nós, vós, elles.*
DATIVO : me, mim, te, ti, se, si, lhe, nos, vos, se, si, lhes.
ACCUSATIVO : me, mim, te, ti, se, si, o, a, nos, vos, se, si, os, as
ABLATIVO : migo, tigo, sigo, nosco, vosco, sigo.

Os casos do *nominativo* são chamados *casos rectos* ou *subjectivos*, porque figuram como sujeito de proposição, e os outros são *obliquos* ou *complementares*, porque estão sempre em relação complementar.

Obs. O portuguez ampliou, com as linguas romanicas suas congeneres, o quadro das fórmas pronominaes, enriquecendo-o com o pronome da 3.ª pess. — *elle, ella, elles, ellas*, e com as variações da mesma pessoa — *o, a, os, as, lhe, lhes*, que, como pronomes pessoaes, não existiam em latim. Do adjectivo-pronome demonstrativo — *ille, illa, illud*, como já ficou demonstrado, alargou o portuguez, com grande vantagem da clareza e precisão da linguagem, o eschema pronominal na 3.ª pessoa. — No V. port. apparece frequentemente o obliquo tónico *mi* e *ti*, por *eu* e *tu*... *mais o coraçon pode mais ca mi*. (Long. 57, ap. E. Dias).

630. Sobre as fórmas obliquas convem observar:

1.º As fórmas obliquas tónicas — *mim, ti, si*, são *preposicionaes*, e veem na phrase regida de qualquer preposição, excepto *com*, que rege, agglutinada, os ablativos — *migo, tigo, sigo, nosco, vosco* (*commigo, comtigo, comsigo comnosco, comvosco*). No port. arch. estas e aquellas apparecem na phrase frequentemente sem preposição. — Exs.:

O que me sabe mais que si amar (Chrest. Arch. 285) — O que eu amo mais ca mi, dizem que cedo será aqui (Ib. 289) — E, pois dizedes ca (que) poder non avedes d'al tant'amar, come min (Ib. 295) — Senhor, dês quando vos vi, e que fui vosco falar... (T. Port. 127) — Bon dia vi, amigo, poys seu mandad'ey migo (Ib. 138).

2.º As fórmas abliquas átonas — *me, te, se, nos, vos* e as fórmas tónicas, regidas da preposição — *a — a mim, a ti, a si*, egualmente — *a elle, a nós, a vós*, podem funccionar como *dativo* ou como *accusativo*, conforme sua relação com a palavra regente; na terceira pessoa, porém, temos — *lhe, lhes*, que são exclusivamente *dativo* ou *objecto indirecto*.

Accusativo	**Dativo**
Amar me ou amar a mim	Obedecer-me ou obedecer a mim
Estimar-te ou estimar a ti	Perdoar-te ou perdoar a ti
Dar-se ao trabalho	Dar-se os parabens
Vê-lo fazer ou ver a elle fazer	Ver-lhe fazer ou ver a elle fazer
Deixar-nos ver ou deixar a nós ver	Deixar-nos ver ou deixar a nós ver

Ouvir-vos contar ou ouvir a vós contar	Ouvir-vos contar ou ouvir a vós contar
Ouvi-los contar ou ouvir a elles contar	Ouvir-lhes contar ou ouvir a elles contar

3.ª As fórmas obliquas são chamadas *pronomes pessoaes conjunctivos*, pois que sempre se acham na phrase em conjuncção com outras palavras, de que dependem; as fórmas rectas são chamadas *pronomes pessoaes absolutos*, pelo facto de figurarem de sujeito, termo principal e independente da proposição Claro está que, quando as fórmas rectas da 3.ª pess., e da 1.ª e 2.ª pess. do plural veem regidas de preposição, perdem o seu caracter de pron. *absoluto*, e se põem em relação de dependencia com um outro termo da proposição: *indagar delle, dirigir-se a nós, depender de vós*.

631. Emprego do pronome pessoal. O estudo da syntaxe historica dos pronomes pessoaes offerece phenomenos curiosos, quer em relação aos casos *rectos*, quer em relação aos casos *obliquos*.

632. Casos rectos. O caso *recto* ou o *caso-sujeito* exerce em port., como em lat., a funcção *subjectiva*. E' o caso nominativo, creado para assignalar o sujeito do verbo. A este destino, porém, nem sempre obedece a lingua archaica, pois não raro apparece nos velhos documentos a fórma recta do pronome exercendo a funcção de *accusativo* ou *objecto directo*, sem preposição. Exs.:

Nem veerei ja, em quant'eu vivo for, u (onde) nom vir vós, que eu por meu mal vi (T. Arch. 21) — ...mays mentr'eu vós vir, mha senhor (=mas, emquanto eu vos vir, minha senhora) (O. Nob'ling. 29) — Item mandamos que todolos porcariços que teverem porcos no campo dem eles a seus senhores... E todolos mançebos que servirem a plaso in gaados paguem eles a rrazum d'este preço de suso dito. Item mandamos e outorgamos que os mançebos que morarem nas lavoiras... paguem eles de suas soldadas... (T. Arch. 30, sec. XIII) — E aquesto foy começo de minha cura, porque sentindo ella, leixei de sentir a nym (L. Conselh. 120, sec. XV) — E Judas dezia a Josep que tomasse elle per servo, que era milhor para servir, e que leixasse Benjamin ir pera seu padre (Chrest. Arch., 94) — Nunca eu depois vi prazer, nen jamais non o veerei, se non vir ela, d'outra ren (Ib. 291) — Porém possam estes moços, teus netos, defender-me, elles allem por mim, elles sós ouve (A. Ferreira, Cast. 58) — Mais os de Bar eran tan alongados pelo mar, que eles non viiam os da terra, nem os da terra eles. (Chrest. Arch., 99)—... um panno d'ouro tendido em hastaes, que cobria elle é o cavallo (F. Lopes, C. D. Fern. 164).

633. No Brasil ainda é frequente, no fallar do povo, este uso, do caso *recto* pelo *obliquo*, do caso sujeito pelo caso objecto, em phrases como as seguintes: *eu vi elle, ouvi ella, chama elles para almoçar*. Poder-se-ia suppor que a anomalia destas expressões tanto no portuguez archaico, como no uso brasileiro, consiste na ellipse da preposição *a*: *eu vi a elles, vi a ellas, chama a elles para almoçar*, porém entre nós, o povo leva a anomalia, se bem que mais raramente, para a 1.ª pessoa, que não admitte preposição: *chama eu*.

Este emprego, entretanto, do pronome recto não obedece no Brasil sómente á antiga tradição da lingua, mas tambem á necessidade de clareza, pelo menos em relação ao pronome átono — *o, a, os, as*. Este accusativo, sobre fraco, é ainda attenuado na pronuncia brasileira, de sorte que se tornam obscuras ou ambiguas certas phrases de uso frequente, taes como: *vi-o, vi-a, eu o vi, ouvi-o, ouvi-a, eu o ouvi*. Na linguagem familiar difficultosamente articulamos sem confusão, taes grupos (*vi-o* e *viu, via-a* e *via, eu o vi* e *eu ouvi, ouvi-o* e *ouviu, ouvi-a* e *ouvia, eu o vi* e *eu ouvi*). Urgidos pela lei suprema da linguagem, que é a clareza, remove o povo a difficuldade lançando mão, por instincto ou atavismo, do uso archaico do pronome recto: *vi elle, vi ella, ouvi elle, ouvi ella, eu ouvi elle*. Todavia, a grammatica continúa a considerar abuso tal uso.

634. Phenomeno contrario ao do paragrapho antecedente, isto é, o emprego do caso *obliquo* pelo *recto*, offerecem-nos ainda os velhos documentos da lingua. De facto, assim como se encontram pronomes na fórma nominativa servindo de *objecto*, assim tambem se encontram pronomes no caso obliquo servindo de *sujeito*. Exs.:

Os grandes nossos amores, que mi (mim = eu) e vós sempre ouvemos (O. Nobiling, 49) — A' feira, compadre — Assi; ora vamos eu e ti! longo desta ribeira (G. V., Obrs. 1. 165) — Casemo-nos eu e ti (Id. 137).

635. Entre nós é tambem corrente, no dialecto popular, empregar-se *mim* com funcção subjectiva, quando este pronome é sujeito do infinitivo, regido da prepos. *para*: *laranja para mim comer, trabalho para mim fazer*, em vez

de — *laranja para eu comer, trabalho para eu fazer.* A razão obvia deste desvio syntactico está na presença da prepos. *para*, que ao povo parece reger o pronome (cf. *esta laranja é para mim*), quando rege de facto o verbo.

636. As fórmas rectas são empregadas muitas vezes emphaticamente no topo da phrase, como um caso especial de anacoluthia, onde o francez emprega as fórmas tónicas — *moi, toi, lui: eu, nada sei; tu, nunca o viste; elle, não o vi mais; nós, não nos accusará.* A este typo deve de pertencer a phrase tão commum: *eu parece-me* — "eu parece-me que he muito cedo pera vossa idade" (T. Redond. 115).

637. LHE, LHES. Procedem estas fórmas pronominaes do *dativo* latino (*illi* ⟿ *lhe, illis* ⟿ *lhes*), e guardam em portuguez o valor syntactico desse caso. Em certo periodo da lingua até os seiscentistas, *lhe* era uniforme numericamente como o é genericamente, era singular e plural. Exs.:

Acontece-*lhe* aqui aos moradores o mesmo que aos pilotos (A. V., ap. Serões, 325) —

> Comendo alegremente perguntavam
> Pela arabica lingua donde vinham.
> . . . . . .
> Os fortes Lusitanos *lhe* tornavam
> Ás discretas respostas que convinham (C.)

> Qual parida leoa, fera e brava,
> Que os filhos, que nos ninhos sós estão,
> Sentiu que, emquanto pastos *lhe* buscava,
> O pastor de Marsilha lh'os roubava (C.)

Obs. Desta invariabilidade numerica de *lhe*, em certa época, vieram as fórmas *lh'o = lhes o*, e *lh'os = lhes os*. Na contracção destes dois pronomes, elimina-se excepcionalmente a desinencia plural do primeiro, produzindo isso a confusão entre o plural e o singular. Tal irregularidade, porém, é apenas a vigencia de um archaismo, a transmissão de um synalepha regular em passado periodo da lingua.

638. FUNCÇÕES DE LHE. Morphologica e syntacticamente corresponde *lhe* ao dativo latino, e funcciona em portuguez como *objecto indirecto* ou *complemento terminativo*: *dou-lhe os parabens, dizer-lh'o, obedecer-lhe, responder-lhe,*

perdoar-lhe a falta, perdoar-lh'a. Excusado é dizer que a funcção dativa de *lhe* se extende ás fórmas — *me, te, se, nos, vos,* que podem ser egualmente accusativas.

1.° O dativo *lhe,* bem como os seus correspondentes — *me, te, se, nos, vos,* ou os seus equivalentes — *a elle, a mim, a ti, a si, a nós, a vós,* substituem elegantemente os respectivos possessivos:

Arrebatou-lhe a bengala, levou-lhe a palma, pagou-te as dividas, ganhou-nos o coração, cegou-me os olhos, por — arrebatou a sua bengala, levou a sua palma, pagou tuas dividas, ganhou nosso coração, cegou meus olhos.

Todavia, o dativo póde ahi apparecer não como substituto, mas como reforço, p. ex.:

Os homens perseguiam a Antonio, por que lhes reprehendia seus vicios (A. V.).

2.° Como em lat., o verbo *ser* póde vir acompanhado do pronome no *dativo* pelo possessivo correspondente:

Sicheu era-lhe esposo (huic conjux Sicacis erat (Verg.) — Que tal marido lhe fosses tu, como te ella é mulher. Tal mulher me fosse ella, qual lhe sou eu marido (A. Ferreira, C. 86).

3.° Com os verbos *chamar,* no sentido de *appellidar,* bem como *fazer, ouvir, ver* e *deixar,* póde-se empregar o dativo *lhe* pelo accusativo *o,* em expressões como as seguintes: *chamar-lhe* ou *chamá-lo tolo, fazer-lhe* ou *fazê-lo ver, ouvir-lhe* ou *ouvil-o dizer, ver-lhe* ou *vê-lo partir, deixar-lhe* ou *deixá-lo chorar,* excepto quando regem infinitivos de verbos neutros — *deixá-lo morrer,* e não *deixar-lhe morrer.*

639. O, A, OS, AS. Estas fórmas pronominaes, átonas são oriundas do *accusativo latino* (illum ⟶ *o, illam* ⟶ *a, illos* ⟶ *os, illas* ⟶ *as*), e conservam em portuguez o valor syntactico desse caso. Devido a essas relações morphologica e syntactica com o *accusativo,* taes pronomes só podem funccionar na oração como *objecto directo* (amá-lo) e como *sujeito do infinitivo* (*vê-lo morrer, fi-lo prender = fi-lo ser preso*).

E' praxe corrente nos bons escriptores, enunciar este pronome-objecto uma só vez procliticamente, quando re-

clamado por dois ou mais verbos coordenados, p. ex.: Eu *o vejo, respeito e admiro.* No caso, porém, de ser elle collocado encliticamente, é de regra repeti-lo após cada verbo: *Vejo-o, respeito-o e admiro-o.* — As fórmas preposicionaes — *a elle, a ella, a elles, a ellas,* substituem ou reforçam este pronome, como fórmas explanatorias delle: *vejo-o a elle,* ou *vejo-a a ella*

640. ME, TE, SE, NOS, VOS. Estas fórmas pronominaes átonas, bem como as fórmas tónicas, que as explanam — *a mim, a ti, a si, a nós, a vós,* podem funccionar na proposição, conforme já vimos, como *dativo* e como *accusativo,* quer isto dizer que podem ser *objecto indirecto* ou complemento terminativo e *objecto directo* ou comlemento objectivo, segundo a natureza do verbo regente, v. gr. *amar-me* e *obedecer-me, dar-te á patria* e *dar-te os parabens, dar-se ao estudo* e *dar-se ares de sabio, tirar-nos do perigo* e *tirar-nos o direito, querer-vos bem* e *querer-vos para genro.*

Como se tem visto, entre as fórmas átonas da 3.ª pess., ha uma para *dativo* (*lhe*), uma para *accusativo* (*o, a*), e uma para *dativo* e *accusativo* (*se*).

641. DATIVO ETHICO. De vez em quando, as fórmas átonas da 1.ª e 2.ª pess. funccionam na proposição como *dativo ethico* (*dativus ethicus*). Este dativo em portuguez, como no latim e no grego, tem unicamente por fim dar mais valor á expressão, p. ex.:

Olhae-me aquelle assoviar! (G. V., Obrs. 2. 157) — Olhae-me a cara daquelle rapaz (cf. fr. regardez-moi la mine de ce galand) — Que me está fazendo aquella creança? — Quem m'a matou? (A. F., Cast. 76) — Leitão? isso vos era elle (G. V.) — Assim como vo-lo eu rezo, esta vos é Anna Diz (Id., ap. J. Mor. 1. 26) — Que culpa te tẽe teu avô nos desfavores que te tua dama dá? (C., El-Rei Sel., ap. J Mor., 26).

Obs. Não se confunda o *dativus ethicus* com o que em latim se chama *dativus commodi* e *incommodi,* que "designa a pessoa ou coisa em cujo proveito ou desvantagem se verifica a acção" verbal: Non escholae, sed vitae discimus = apprendemos não para a escola, mas para a vida.

642. Estes pronomes obliquos átonos, bem como as fórmas tónicas correspondentes — *a mim* e *commigo, a ti* e *comtigo,* mencionados no paragrapho antecedente, tor-

nam-se *reflexivos*, toda vez que forem da mesma pessoa grammatical que o sujeito de seu respectivo verbo, por isso que recambiam a acção verbal para o sujeito: *eu me levanto, tu te levantas, elle se levanta, nós nos levantamos, vós vos levantaes, elles se levantam, eu fallo commigo.* Os verbos assim empregados dizem-se *pronominaes.*

Este volver da acção verbal para o mesmo sujeito que a practica, póde ser *claro* ou evidente, como acontece com os verbos activos transitivos (*eu me levanto, os meninos se levantam*) ou póde ser *obscuro* como acontece com os verbos neutros e intransitivos (*eu me arrependo, os meninos morrem-se de frio, elle se sahiu bem*). A idéa reflexa, porém, provocada pela presença desses pronomes obliquos da mesma pessoa que o sujeito, se bem que obscura ou attenuada, revela-se dando ao sujeito interesse mais intenso no facto verbal; é o que os grammaticos chamam a *espontaneidade do sujeito.* Essa espontaneidade ou participação mais viva do sujeito no facto verbal percebe-se comparando as seguintes phrases: *Pedro sahiu bem* e *Pedro sahiu-se bem, José morre por laranja,* e *José morre-se por laranja.*

643. E' frequente o uso pleonastico do pronome obliquo, quando á testa da phrase collocamos o complemento, que queremos salientar:

Os sinos, já não ha quem os toque (A. H.) — Ao doente não se lhe ha de fazer a vontade (S. de M.) — As mercês os rreys as dãao (Cancion Geral) — a mim me parece.

O latim medieval offerece exemplo do mesmo processo: *ipsam civitatem restauramus eam* (Esp. Sagr. 40, 365, an. 760).

644. Se, si, sigo. Estes casos obliquos do pronome da 3.ª pess. differençam-se dos outros em ser exclusivamente reflexivos, isto é, em recambiarem normalmente a acção verbal para o sujeito. *Sigo,* embora este pron. já contenha historicamente a preposição *com* (*secum* ⟶ *sigo*), como — *migo, tigo, nosco, vosco,* todavia tal conteudo obliterou-se, e hoje a lingua só o emprega com a agglutinação pleonastica de *com* — *comsigo.* No port. archaico ainda não se havia perdido de todo a noção do seu conteudo histori-

co, pois é frequente a alternação da fórma simples com a pleonastica. *Si* é preposicional; embora nem sempre assim se apresente nos textos da lingua. — Exs.:

O abbade ergue-o até si (A. H.) — O bom por si se gaba, o tolo por si se acaba — E elas enton queimen candeas por nos e por si, (Chrest. Arch. 347) — ...estes olhos meos, que vos viron por mal de sy (T. Part. 131) — Os negros tanto que os viram correr contra si, como eram ligeiros... puzeram-se em salvo (Dec. 1. 112) — E' a mesma Venus a qual... se mostra dobradamente maior que si (A. V.. C 188) —

Amiga, vos non fezestes razon
de que perdeste voss'amig'assi ;
quando vus amava mais ca si
porque lhi fezestes ben enton. (Chrest. Arch.).

Ha modernamente uma franca tendencia a se empregar *si* e *sigo*, no estylo familiar, sem valor reflexo, quando de tal uso não advem amphibologia. A. Herculano não foge a este emprego, como se póde ver do exemplo abaixo; não era o v. port. extranho a esta tendencia:

Ha dous periodos em sua carta que me affligem não por mim, mas por *si* (A. H., Cart. t. I. p. 10).

el por mi morr'e eu ando de *si*
Amigo, des que meu amigo vi
namorada (Chrest. Arch. 299)

645. O PRONOME REFLEXIVO NA CLAUSULA SUBORDINADA. Em latim, quando o reflexivo se acha na clausula subordinada, a acção é recambiada para o sujeito da principal, o que em portuguez, em regra, não acontece, p. ex.:

Rogavitque Philippum ut ascenderet, et sederet secum (Vulg. Acts. VIII. 31) =rogou (o Eunucho) a Philippe que subisse e se assentasse com elle (lat. comsigo) (A. P.) — Et vidit virum Ananiam nomine, introeuntem et imponentem sibi manus ut visum recipiat (Vulg. Acts. IX. 12) =e viu um varão de nome Ananias, que entrava e lhe (lat. *a si*) impunha as mãos pa a que recebesse a vista (A. P.).

Em portuguez, como se vê nos exemplos supra, se a referencia é feita ao sujeito da clausula principal ou subordinante, emprega-se pronome não *reflexo*, pois o emprego do reflexivo recambiaria a acção para o proprio sujeito da subordinada, o que se vê traduzindo-se literalmente o lat.: *Rogou a Philippe que* (o mesmo Philippe) *se assentasse*

comsigo, viu Ananias que (o qual Ananias) *impunha a si as mãos.* — O mesmo se dá na seguinte phrase citada por Diez: *Multi nil rectum nisi quod placuit sibi, ducunt* = *muitos nada façem bem feito, senão o que lhes agrada* (lat. *agrada a si*).

Nota-se, entretanto, no proprio latim, como observa o douto romanista citado, uma certa hesitação quanto á referencia do reflexivo na clausula subordinada, hesitação, que se reflecte no possessivo *suus, -a, -um,* como já notámos. Para evitar ambiguidade, o latim muitas vezes empregava um pronome não reflexo (*is, ea, id*) para elucidar a referencia ao sujeito da oração principal, p. ex.: *Helvetii persuadent Tulingis, oppidis suis exustis, una cum iis proficiscatur* (Ces.) = os helvecios persuadem aos tulingios que, queimadas suas cidades, partam com elles. Neste exemplo nota Chassang que *suis* refere-se ao regmen da clausula principal (Tulingis), e que o demonstrativo *iis* (= com elles) refere-se ao sujeito (Helvetii) da mesma, e não ao da subordinada.

A hesitação ou vacillação do latim classico no emprego do pronome reflexivo na clausula subordinada com referencia ao sujeito da subordinante, produziu no latim da decadencia uma tendencia crescente para substituir, neste caso, o reflexivo pelo demonstrativo (*is, ea, id*): b. lat. *orans, ut sibi sanctus succurreret, atque ei* (*sibi*) *considerat gratium* (Gr. Tur. 5. 14) = orando para que o sancto o (= sibi) *soccorresse, e lhe* (ei = sibi) *concedesse graça.*

Todavia, em nossos escriptores classicos encontramos por vezes a syntaxe latina com respeito á referencia ao sujeito da principal:

Os negros tantos que os viram correr con'ra si (contra elles *negros*, sujeito da principal *viram*), *como eram mais ligeiros*... puzeram-se em salvo" (Barros, Dec. 1. 112) — O sogro o deteve, e fez ficar comsigo (*ob nixe eum socer tenuit, et apud se fecit manere,* (A. P., Juiz., 19.7) — isto é, com elle sogro, sujeito da principal *fez*, e não com o proprio genro, sujeito da subordinada *ficar*.

646. O *SE* PARTICULA APASSIVADORA. Dá-se a designação de *particula apassivadora ou apassivante* ao pronome reflexivo *se*, toda vez que a acção verbal por elle recambiada é recebida, porém não practicada pelo sujeito, como: *cor-*

tam-se arvores, alugam-se salas, os mares se navegam pelo feio phoca (C.).

Quando a acção recambiada é recebida e practicada pelo sujeito, que é então *agente* e *paciente*, a voz do verbo se diz *média ou reflexa* (*o menino se corta*); quando, porém, é apenas recebida pelo sujeito, que, ou por incapacidade ou por outra circumstancia, deixa de ser *agente* e se constitue apenas *paciente*, a voz do verbo assume o caracter de *passiva*, e o pronome reflexivo de *particula apassivadora*: *cortam-se as arvores, convidam-se os moços*.

647. Acontece com certos verbos *transitivos*, empregados impessoalmente, que a acção devolvida pelo reflexivo *se* não encontra sujeito conhecido ou determinado que a pratique, como em — *come-se bem, ama-se a Bernardes* (A. C.), *teme-se ao deus Termino* (Id.), *respeita-se aos dotes* (A. Paiva). Neste caso, a acção suppõe-se apenas *recebida*, o valor syntactico é *passivo*, e a particula *se*, incorporada no verbo, mantem, portanto, o seu caracter apassivador.

Extende-se este phenomeno aos proprios verbos *intransitivos*, embora ahi o conceito de reflexibilidade accional seja obscuro, e a prova desta extensão temo-la na fórma passiva latina por taes verbos assumida: *vive-se, passeia-se, vae-se ao céo, entra-se nesta sala = vivitur, ambulatur, sic itur ad astra* (Verg.).

648. Egual phenomeno apassivante, se bem que menos frequente, póde dar-se com os outros pronomes obliquos (*me, te, nos, vos*), quando empregados reflexivamente, p. ex.:

Chamo-me Pedro e elle se chama Paulo, baptizamo-nos no mesmo dia (sou chamado Pedro, elle é chamado Paulo, fomos baptizados no mesmo dia) — Não vos consumaes de tristeza, nem vos devoreis de zelos (não sejaes consumidos, nem sejaes devorados)

No estudo das vozes dos verbos examinaremos mais particularmente esta funcção do *pronome reflexo*.

649. Pronomes de reverencia. Tinham no latim classico os pronomes pessoaes seu valor proprio sem qualquer idéa accessoria de reverencia ou irreverencia. Os impera-

dores romanos, de Deocleciano em deante, começaram a usar de *nos* em logar de *ego*, e passou assim o pronome plural *nos* a indicar uma pessoa proeminente, que representava um a collectividade. Os principes e os bispos reclamaram para si o mesmo emprego desse plural, que se tornou *plural de majestade*. Arrastado pela analogia o pronome *tu* começou a ser substituido pelo pron. *vós*, nas linguas romanicas, sempre que se queria mostrar deferencia ao interpellado. Degradado deste modo o pron. *tu* de sua primitiva dignidade, passou a ser, por um lado, a expressão de inferioridade, de desprezo ou de odio, e, por outro, no circulo de relações intimas, a expressão de amor e de familiaridade.

Todavia, por influencia da *Vulgata*, o pron. *tu* ainda conserva sua dignidade primitiva na linguagem religiosa, quando nos dirigimos á Divindade, como se póde ver na oração dominical:

Pater noster qui es in coeli, santificetur nomen tuuo, Adveniat regnum tuum. Fiat volantas tua, sicut in coelo et in terra. Panem nostrum supersubstancialem da nobis hodie. Et demitte nohis debita nostra, sicut est nos demittimus debitoribus nostris. Et ne nos inducas intentationem. Sed libera nos a malo. Amen.

O P.e Antonio Pereira de Figueiredo assim traslada a portuguez esta oração:

Padre nosso, que estás no Céo : santificado seja o teu nome. Venha a nós o teu reino. seja feita a tua vontade, assim na terra como no Céo. O pão nosso que é sobre toda subsistencia nos dá (tu) hoje. E perdoa-nos as nossas dividas, assim como nós tambem perdoamos aos nossos devedores. E não nos deixe (tu) cahir em tentação. Mas livra-nos do mal. Amen.

Observa-se, entretanto, em nosso meio, na liturgia catholica, uma certa reacção contra o emprego da 2.ª pess. sing. nas orações cultuaes; é assim que muitos preferem, na oração dominical, mudar os pronomes, os possessivos e os verbos para a 2.ª pess. do plural:

Padre dosso, que estaes no Céo ; santificado seja o vosso nome... venha o vosso reino.., (vós) perdoaes as nossas dividas... não nos deixeis (vós) cahir... (vós) livra-nos do mal.

650. Além da linguagem religiosa, no estylo elevado os poetas e os oradores empregam o pron. da 2.ª pess. sing. e o respectivo possessivo (tu e teu), em suas interpellações ou apostrophes. Exs.:

Agora tu, Calliope, me ensina
O que contou ao Rei o illustre Gama,
Inspira immortal canto e voz divina
Neste peito mortal que tanto te ama (Lus. 3. 1)

Que levas, cruel Morte? Hum claro dia
A que horas o tomaste? Amanhecendo.
E entendes o que levas? Não o entendo.
Pois quem t'o faz levar? Quem o entendia.
(C. Obrs. 2. 46)

O' mar, o teu rugido é um echo incerto
Da creadora voz de que surgiste:
Seja, disse; e tu foste, e contra as rochas
As vagas compelliste.

E á noite, quando o céo é puro e limpo,
Teu chão tinges de azul, — tuas ondas correm
Por sobre estrellas mil; turvam-se os olhos
Entre dois céos brilhantes (G. D., Poes. 1 296)

651. Desenvolvida na b. latinidade a idéa accessoria de deferencia ou dignidade no emprego dos pronomes da 1.ª e 2.ª pess. do plural (*nos, vós*), requintou em nossa lingua o espirito de cortezania, promovendo a creação de certo numero de pronomes ou expressões pronominaes de tractamento, taes são:

Vossa Mercê (V. M.), Vossa Senhoria (V. S.ª), Sua Senhoria (S. S.ª), Sua ou Vossa Excellencia (S. ou V. Exc.ª), Reverendo (Rev.), Sua ou Vossa Reverendissima (S. ou V. Revd.ma), Sua ou Vossa Alteza (S. ou V. A.), Sua ou Vossa Majestade (S. ou V. M.), Sua ou Vossa Mercê (S. ou V. M.).

Vossa Mercê deu-nos, contrahido, *você* (V.), com mudança de sentido, pois *você* equivale a *tu*, no uso actual, e se refere a eguaes ou inferiores, indicando, ás vezes, no circulo domestico, carinho e confiança de filhos para com seus paes.

Da natureza e significação dos substantivos de taes expressões se deduz o processo da formação dellas. Con-

siste o processo em abstrahir da pessoa uma qualidade caracteristica, constituir desta um substantivo abstracto, precedê-lo do possessivo *seu* ou *vosso*, e dar-lhe valor de pronome da 3.ª pess., mesmo quando serve para se interpellar a 2.ª pess.: *V. Exc.ª queira sentar-se.* Quando se interpella, é preferivel antepôr-se o possessivo *vossa*, noutros casos é de rigor *sua*: *Queira dizer a S. Exc.ª que aqui estamos ás suas ordens. — S. S. não respondeu a meu artigo, que quer elle agora?*

São, pois, todos esses pronomes da 3.ª pess. grammatical, embora, no caso de interpellação, sejam logicamente da 2.ª pess. e, por isso, quando sujeitos, levam o verbo e o possessivo que a elles se referem para a 3.ª pess.: *V. Exc.ª* ou *S. Exc.ª perdeu seu tempo — V. A.* ou *S. A. não se engana em suas previsões — V. S.ª ou S. S.ª queira servir-se por suas proprias mãos.*

Nota. A oscillação que em certos casos se nota entre o possessivo da 2.ª pess. (vossa) e o da 3.ª (sua) é devido á natural confusão que nesses casos se dá entre o aspecto logico e o aspecto grammatical do pronome, confusão, aliaz, que não lhe tira, em hypothese alguma, o seu caracter de 3.ª pess. para os effeitos da concordancia.

652. Outros pronomes. Além desses *pronomes de tractamento*, que acabamos de expor, de data relativamente recente, empregou sempre a lingua certos substantivos com o caracter de pronome indefinido, taes são: *fuão, fulano, beltrano, sicrano, homem, coisa* (arch. *ren.*), *um, outro, gente, uma pessoa.* Os quatro primeiros são empregados exclusivamente como pronomes, e os outros o são accidentalmente. Exs.:

Chegou aqui don *joão*
e veo mui ben guisado — (Chrest. Arch. 198)

Ca vedes que ouço dizer
que mingua de sen fez dizer
a *om'* o que não quer dizer — (Ib. 222)

Homem que vai donde eu vou
Não se deve de correr (G. V., Obs., 3. 128).

E não põe *cousa* a guardar,
Que a tope quando a cata;
E por mais que *homem* se mata
De birra não quer fallar (G. V., Obs., I. 166).

Pero sei eu dela, de pran
ca non m'enviou *ren dizer* — (Ib. 227).

Fuão, meio-burguez, meio-camponio,
Possuia em certa Aldêa
Um casal com Jardim, Vergel e Horta — (Fab. 115)

I-vos asinha (de pressa)...
Nunca *uma pessoa* tem
Hũa hora para fallar (C. Obrs. 3).

O que lhe póde fazer *a gente?* (R. da S., Od. 57) — *A' gente* que lhe importa que a roubassem ou não... E' que a *gente* estava no quintal (A. C., O Doente, 4, 5) — Cuida *o outro* que quando dá esmola, que dá para o perder (A. V., S. I. 221) — Não sejão como *hum*, que vendeo por seis mil reis huma amarra del Rey, que tinha custado setenta mil (A. de F., 326) —Lá chorou *o outro*, que por poupar hum cravo de huma ferradura, perdeo huma gloriosa victoria (Ib. 329).

653. Frequentemente é o substantivo *coisa* empregado pronominalmente como *predicado*, p. ex.: *E' coisa admiravel que elle tenha feito isso.* Em Vieira encontramos um facto isolado em que, como em francez, apparece um pronome como sujeito grammatical reforçando o sujeito logico, porém, differentemente do francez, attrahido pelo predicado pronominal *coisa*:

Ella é coisa admiravel, que os conselheiros de Castella se conforme tanto com os nossos. (A. V., Obrs. C. 192, 215).

Não raro no dialecto popular supprime-se *coisa*, e só apparece seu adjuncto attributivo no mesmo genero, em concordancia latente, p. ex.: *Esta é boa! — E' boa!* A's vezes a phrase torna-se ainda mais contracta com a ellipse do proprio verbo: *Ora, essa! — Homem, essa!*

Obs. I. *Homem*, em artigo empregado pronominalmente, era de uso frequente no port. arch. nas fórmas — *ome*, donde o francez tirou o seu pronome indefinido, de largo uso, *on*. Em portuguez esse emprego pronominal do subst. *homem* foi-se restringindo, e é modernamente substituido por — *a gente, uma pessoa*, e, menos frequentemente, por — *o homem*. Nos *Adagios, Proverbios, Rifãos*, e *Anexins da Lingua Portuqueza* por F. R. J. L. E. L. (1891), encontra-se o pron. *homem* com artigo e sem elle: "Anda o homem a trote, por ganhar capote", e "Deita-se homem pelo chão, por ganhar gabão".

Obs. II. *Coisa* é frequentemente usado hoje em accepção pronominal: *não dizer coisa com coisa.* No *Cancioneiro* apparece a miude *ren* ←⟨ *rem*=*coisa*: *Nunca eu depois vi prazer... d'outra ren.* Unido a *algo* deu-nos pron. indefin. arch. *algorren* (*algo rem*) = alguma coisa.

CAPITULO III

VERBO

654. Theoria do verbo. O verbo (lat. *verbum* = *palavra*), palavra por excellencia, tem por funcção fundamental, na expressão do pensamento, indicar a actividade, o movimento ou a vida dos seres. E', pois, elemento caracteristico do verbo exprimir a *acção*, porém a acção sob as relações de *tempo, modo, numero* e *pessoa*, indicadas pelas variedades de suas flexões.

O ser, de que o verbo enuncia a actividade, é o que se chama o seu *sujeito*.

O verbo, portanto, como o adjectivo, é uma palavra modificativa de um nome, com o qual se coordena. A modificação do adjectivo se diz *attributo* no dominio da syntaxe, e a do verbo *predicado*. Esta distincção entre o *attributo* e o *predicado* obedece á corrente grammatical moderna, que veio alterar os moldes dos grammaticos de Port-Royal. Já os antigos grammaticos, observa C. Ayer, se serviam da palavra *predicado* para indicar aquillo que se declara do sujeito, de accordo com a etymologia do termo (lat. *prædicatum* = *enunciado*), que significa *o que se diz* do sujeito, sendo este o seu verdadeiro sentido na anlyse do pensamento.

A acção verbal, porém, contida no predicado e attribuida ao sujeito, é clara e formal nos verbos chamados *activos*, como acontece com os verbos *transitivos*, onde a acção manifesta passa do *sujeito* ou *agente* para um *objecto* ou *paciente*, p. ex.: *Elle partiu o pão;* e é ainda clara em alguns verbos intransitivos, embora a acção não passe do sujeito, que a practica, p. ex.: *O menino anda, a lebre corre* e *a aguia voa*. Nos verbos chamados *neutros*, a acção que, segundo C. Ayer, A. Darmesteter e outros, caracteriza o verbo, está attenuada, e concebida como latente

ou inherente no sujeito, p. ex.: *O homem, nasce, vive, soffre e morre.*

DEFINIÇÃO. Em face da theoria exposta, podemos definir o verbo como: — *a palavra que exprime a acção attribuida ao sujeito sob as relações de tempo, modo, numero e pessoa.* Ou, com Darmesteter: — *a palavra que exprime por flexões diversas o modo de actividade que apresentam as pessoas ou coisas de que se falla.*

655. VERBO SUBSTANTIVO E ADJECTIVO. De accordo com esta theoria e definição, todo o verbo é essencial e primitivamente *adjectivo,* por isso que modifica um substantivo-sujeito de que é o predicado. Assim sendo, a proposição comporta uma divisão binaria em — *sujeito* e *predicado.*

Entretanto, o commum dos grammaticos, orientando-se ainda, sobre o ponto pela corrente escholastica da edade-média, divide o verbo em — *substantivo* e *adjectivo,* e os elementos da proposição em — *sujeito, verbo* e *attributo.*

Esta orientação que reinou incontrastada até nossos dias, recebeu origem e impulso systematico dos sabios grammaticos de *Port-Royal,* Arnold e Lancelot, em sua celebre *Grammaire générale et raisonnée,* publicada em 1660. Larga foi a influencia desses grammaticographos; a corrente especulativa, porém, no estudo geral da linguagem por elles despertada, era inteiramente extranha ao criterio historico, e levava muitas vezes a conclusões erroneas, na confusão natural da logica do pensamento com a logica da linguagem.

Para os grammaticos-philosophos dessa corrente especulativa o verbo *ser* era, em rigor, o unico verbo, o verbo primitivo, essencial a todas as linguas para a expressão do pensamento, o verbo abstracto, liame necessario ás idéas, que constituem o fundamento da proposição, o verbo que subsiste por si só, o *verbo substantivo.* A elle, diziam, vieram agglutinar-se, antepondo-se e apocopando-se, elementos adjectivos, que constituiram os outros verbos. Assim *movente* + *ser* deram *mover; amante* + *ser, amar; partinte* + *ser, partir; poente* + *ser, pôr.* Dest'arte se formaram os typos das conjugações e todos os mais verbos, que, por isso, são chamados *verbos adjectivos* ou *concretos,* por op-

posição ao verbo *substantivo* ou *abstracto*. Para taes grammaticos todo predicado grammatical se desdobra uniformemente em dois elementos: — a *affirmação*, contida na *desinencia*, e o *attributo* encerrado no *thema;* e toda a proposição possue trez termos logicos — *sujeito, verbo* e *attributo*.

Tal theoria, observa A. Darmesteter, é falsa deante do *desenvolvimento historico* das linguas, e da *analyse* dos factos.

a) Com effeito, a grammatica historica não revela em periodo nenhum da lingua tal combinação. Nos mais antigos documentos da lingua os verbos se apresentam em sua fórma concreta. Os dois elementos logicos, contidos no verbo, que a abstracção separa, a *affirmação* (que, segundo a theoria de P. Royal, é caracteristica do verbo e se contém na desinencia verbal) e o *attributo* (contido no thema verbal) sempre apparecem em sua fórma *concreta*: a expressão funde os dois conceitos logicos, e separá-los grammaticalmente é confundir o dominio da philosophia com a esphera da lingua.

b) Corrobora ainda as considerações acima o facto de que o mesmo verbo *ser*, chamado abstracto ou substantivo, é, como os outros, verbo *concreto* ou *adjectivo*, e como tal apparece proeminentemente em latim, e em todas as épocas do portuguez. Exs.:

Et campos ubi Troja fuit (Verg.) = campo onde foi Troia (O. M.) — Fuit, fuit ista quondam in hac republica virtus (Cic.). — Entra Alcmena, saudosa do marido, que he na guerra (C. Obrs. 3. 50) — Era sobre a tarde (Souza) — Tomados sem o soccorro das artilharias, que ainda então não eram (A. C.) — Era por uma dessas noites vagarosas do inverno em que o brilho do céo sem lua é vivo e tremulo (A. H.) —

> O' mar, o teu rugido é um echo incerto
> Da creadora voz de que surgiste :
> *Seja*, disse ; e tu *foste*, e contra as rochas
> As vagas compelliste. — (G. D.)

656. E' evidente que em todas estas phrases o verbo *esse* ou *ser* tem o valor attributivo de *existir* (*ser existente, é = é existente*), encerra em si latentemente o attributo de *existencia*: é, como os outros, um verbo *predicativo, attributivo* ou *adjectivo*. Sómente a sua predicação ou o seu at-

tributo é o mais geral de todos os seres, e, por isso, mais tenue e menos apreciavel que todos os outros.

Nas phrases *nominaes* (*o homem é mortal*), em que um nome como que absorve a idéa predicativa, mais se attenua a predicação do verbo *ser*, a ponto de se perder della a consciencia, assumindo, então, um caracter *abstracto* ou de mera *relação*. E', porém, este um phenomeno de evolução, que não destroe o caracter concreto primitivo do verbo *ser*.

c) Accresce ainda a circumstancia, fatal á theoria do verbo substantivo, de que o verbo *ser*, no sentir de Darmesteter, parece ter sido um dos ultimos productos da abstracção da linguagem, é desconhecido em muitas linguas, taes como nas linguas primitivas, e muitas outras na China, Africa, Polynesia e America, segundo C. Ayer.

d) Finalmente, as phrases verbaes (*o sol brilha*) não são equivalentes ás nominaes (*o sol é brilhante*), como deveriam ser, se aquellas fossem apenas a contracção desta, como quer a theoria de Port-Royal. De facto — *o sol brilha* não é a mesma coisa que — *o sol é brilhante*: ha naquella phrase uma acção verbal, que não apparece nesta. E', pois, absurdo dar-se esta como a origem daquella.

A classificação, portanto, do verbo em *substantivo* e *adjectivo* tem sido modernamente abandonada deante da evolução historica das linguas e da analyse racional dos factos da linguagem. Com ella desapparece tambem a divisão ternaria dos membros essenciaes da oração — *sujeito, verbo* e *attributo*, para dar logar a divisão binaria — *sujeito* e *predicado*.

SER E ESTAR

657. Emprego de ser e estar. Teem predicação semelhante estes dois verbos, ambos reclamam a predicação de existencia; porém, *ser* é mais geral, amplo e indefinido em seu conceito predicativo; ao passo que *estar* é menos vago, mais especifico, e isto se torna evidente, quando, nas phrases nominaes, ambos ligam ao sujeito um predicado nominal, p. ex.: *o menino é doente* e o *menino está doente*. O predicado latente no verbo *é*, nessa phrase, é a existen-

cia em toda sua extensão, a existencia simples e indefinida; no verbo *está* é a existencia limitada, actual, especifica: dahi a differença do sentido das duas phrases.

Para os extrangeiros, cujas linguas não possuem o verbo *estar*, como o francez, o inglez e o allemão, é, em geral, difficultoso discriminar o valor de *ser* e de *estar* nas phrases nominaes; para nós, porém, salvo certos casos em que os dois verbos parece confundirem-se, a distincção é obvia.

O verbo *ser* exprime um *estado inherente*, permanente, indefinido, do sujeito, e o *estar* um *estado accidental* e transitorio, como se póde ver nas seguintes phrases:

Ser	Estar
O homem é mortal	O homem está morto
O cão sempre foi fiel	O cão sempre esteve preso
O sol é brilhante	O sol está brilhante
A vida é cara	A vida está cara
A navegação é perigosa	A navegação está perigosa
Elle é sabio	Elle está agora sabio
Eu sou um desgraçado	Eu estou desgraçado

658. A's vezes, porém, a inherencia ou permanencia do predicado expressa pelo verbo *ser*, não se differença da actualidade ou transitoriedade expressa pelo verbo *estar*, ou o matiz de differença é tão apagado que mais se sente do que se explica, como se dá nas seguintes phrases: *O decreto é referendado pelo Presidente* e *o decreto está referendado pelo Presidente* — *A carta é escripta em francez* e *a carta está escripta em francez* — *Isso é claro* e *isso está claro*.

659. O VERBO *SER* NO VELHO PORTUGUEZ. A distincção que hoje nitidamente se faz entre *ser* e *estar* nas phrases nominaes, é o resultado do movimento analytico da lingua, pois o v. port. fazia mais largo uso do verbo *ser*, do que o fazemos hoje, e onde hoje de ordinario apparece o verbo *estar* empregava *ser*. Exs.:

Quando Mordaret viu que a terra *era* em seu poder, logo pensou que faria de guisa (modo) que seu tio non ouvesse a tornar a ela (Chrest. Arch., 43) — ...a maior parte dos quaes não era presente (Dec. 1. 400) — Entra Alcmena, saudosa do marido, que he na guerra (C. Obrs. 3. 50) — Ah! deixem-me enganar, que eu sou contente (C. Obrs

2. 75) — Chamei-me Adamastor, e fui na guerra contra o que vibra os raios de Vulcano (C.) — Depois da frota ser dentro (D. de Goes, ap. Serões, 379) — E ainda vos digo que as pessoas que lhe bem queriam não devem ser tristes (B. Ribeiro. ib.).

Obs. E' frequentissima a ellipse do verbo *ser* depois de certas *preposições, conjuncções* e *verbos:* "Apesar de gordo, os seus movimentos não eram acanhados nem desairosos (R. da S., Mocid., 1. 4, ap. E. D.) — "Depois de esposo, cuida que será o mesmo" (Id., ib.) — "...a muitos navios meteo nas mãos dos piratas, não a carga por muita, mas por descompassada (A. V., ap. E. D.) — "...nom foy tam notado de bebedo (H. C., I. 550), ap. ib.) — O Governador depois de o louvar de curioso, e bem occupado, lhe mandou dar trinta pardas (J. F., ap. ib.) — Lisboa não dá mostra de quebrantada (A. C. ap. ib.) — As raposas são muito astutas, e se não se tomam em quanto pequeninas, depois de grande não se podem tomar (A. V., ap. ib.) — O ar, posto que frio, estava manso e diaphano (A. H., Eur. 230) — "...aviam mister publicamente castigados (H. P. I. 343) — "Presumiveis de entendidos" (Ceita, 86 v., ap. E. D.).

660. Não só pelo *estar*, senão pelo *haver* no sentido de existir, a v. lingua emprega frequentemente o verbo *ser*:

Um rei, por nome Affonso, foi (houve) na Hespanha (Lus. 3. 23) — Depois d'el-rei D. Affonso ser vindo de França (G. de Rez., ap. Serões 379)

> Antes que fosse Lisboa,
> Nem houvesse aqui cidade,
> Ião todos a Trindade (G. V. Obrs. 2. 306).

661. O uso do verbo *ser* pelo *estar* e *haver* apparece hoje no estylo elevado, como elegancia de linguagem:

A fé que, no meio do ruido, quasi me esqueceu que ereis aqui (A. H., L. e N. 1. 75) — Já de Ceuta o Camões era volvido á patria em 1550 (L. C., Cam., 131) ...ratificando-lhes a promessa de muito cedo ser com elles por qualquer via (A. V., C. 45) — Amanhã pois tu e teus filhos sereis commigo (A. P., 1 Reis. 28. 19).

TER E HAVER

662. Os VERBOS *TER* E *HAVER*, empregados como *auxiliares*, não eram como taes empregados na v. ling. Até o sec. XVI guardaram elles o valor que tinham originalmente em latim de verbos *concretos*, isto é, conservavam o seu conteudo significativo. Sómente depois do sec. XVI é que se foram esvasiando de sentido, e se foram tornando meros verbos de relação ou *abstractos*, quando seguidos de parti-

cipio passado e infinitivo preposicional (tenho estudado, tenho de estudar). Deste modo foram-se, pouco a pouco, entrando na categoria de verbos *auxiliares*.

Quando, porém, esses dois verbos não se acham em conjuncção com o participio do passado ou com o infinitivo regidos da prep. *de*, nas expressões periphrasticas de tempos verbaes, conservam o valor predicativo original, como em — *tenho livros, ha homens*.

Na perda paulatina de seu conteudo significativo, como dissémos, taes verbos se tornaram simples auxiliares na formação de tempos compostos, alheios ao latim, servindo apenas para indicar relações de — *tempo, modo, numero* e *pessoa*.

Com a obliteração do seu valor significativo, immobilizou-se o participio passado, que antes desse phenomeno concordava em genero e numero com o objecto no caso de verbos transitivos. Assim, a phrase — *tenho escriptas as cartas, havia comprados os livros*, evolveu em — *tenho escripto as cartas, havia comprado os livros*.

Nesta evolução da phrase houve desenvolvimento analytico, e a lingua guarda as duas fórmas, a antiga e a moderna, com sentido differenciado; pois é evidente a differença que fazemos hoje entre *tenho escriptas as cartas* e *tenho escripto as cartas, haviam os livros comprados* e *haviam comprado os livros*. Tal distincção, é pois, o resultado do progresso analytico da lingua.

Até aos quinhentistas, porém, o v. port., como o latim, não podia expressar com esses verbos senão o sentido do primeiro typo (*tenho escriptas as cartas*). Exs.:

Mui maa cousa avedes feita (C. Arch. 94) — E esta partida dizem que foi por mandado d'el rei de Castella, que tinha cercada Almeida (F. Lopes, C. de D. Fern. 50) — E assi tem mortas muytas donzelas sem alguma piedade, dizendo que com ellas aplacam as almas dos pays (T. Red. 144) — Dizendo mil magoas ao longo das concavidades, que o mar tinha feitas (Palm. I. 15) —

> Se tanta pena tenho merecida
> Em pago de soffrer tantas durezas ?
> Provai, Senhora, em mi vossas crueзas,
> Que aqui tendes uma alma offerecida (C., Obrs. 2. 21)

E se inda não ficarem deste feito
Destruidos ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito
Outra manha e ardil que te contente (Lus., 1. 81)

Obs. Phenomeno identico deu-se nas outras linguas romanicas, tendo o francez apenas conservado a concordancia generica e numerica do participio com o *objecto* no caso de preceder este ao verbo, p. ex.: *La lettre que j'ai écrite* (Cf. *Soube a vida que me tinha destinada*, C., Obrs. 2. 28).

663. Não obstante a obliteração de sentido e o consequente valor identico dos dois auxiliares, a lingua faz hodiernamente nitida discriminação entre *ter* e *haver* nas locuções infinitivas preposicionaes, v. gr., entre — *ter de partir* e *haver de partir*. Nestas fórmas periphrasticas, chamadas de *linguagem projectada*, não ha mera expressão de futuridade, mas á idéa de futuro aggrega-se, com o verbo *ter*, a idéa de *dever* ou *obrigação*, e com o verbo haver a de *promessa* ou *resolução*: a futuridade indicada pelo primeiro é *obrigatoria* e a indicada pelo segundo *promissiva*: *tenho de partir* e *hei de partir*, *eu tinha de partir*, e *eu havia de partir*, *eu tive de partir* e *eu houve de partir*, etc.

A distincção continúa na 2.ª e 3.ª pess., porém attenuada, porque nessas pessoas um é o que falla e outro é o *agente*, que executa a obrigação ou promessa, o que não acontece com a 1.ª pess., na qual coincidem o que falla e o agente.

Tal phenomeno de nossa lingua traz frisante analogia com o que se dá em inglez em relação aos auxiliares *shall* e *will*, que formam o futuro do verbo: *I shall go*, *I will go*, *he shall go*, *he will go*.

664. Modernamente o verbo, *ter*, como auxiliar, é de mais largo emprego que o verbo *haver;* o contrario dava-se na v. ling. Até o sec. XV o verbo *haver* apparece quasi exclusivamente nas expressões verbaes, de que vimos tractando, e apparece não só seguido da prep. *de*, mas (o que é hoje archaico) da prep. *a*. Exs.:

Deseg'eu (desejo eu) mui' a veer mia Senhor, e pero sei que pois ant'ela for non lh'ei a dizer ren (não lhe hei de dizer nada) (Chrest. Arch., 219) — Cuidando em vos, ouve a morrer assi (houve a = tive de) — cuidando em vós, senhor, guareci (sarei) (Ib. 225) —

Noutro dia, quando m'eu espedi
de mia senhor, e quando mi ouve a ir (ouve a = tive de)
e me non falou, nem me quis oir
tan sen ventura foi (fui) que non morri (Ib. 226).

E se vós sois das gemenhas,
E houverdes d'atatentar
. . . . . .
Se quer, Senhor, tanger bem,
Hade haver mister terceiros (C., Obrs. 3. 140)

665. *HAVER* E *TER* COMO IMPESSOAES. Desde os primeiros documentos da lingua, o verbo *haver* apresenta-se com caracter impessoal como succedaneo de *esse* (*ser*) no sentido de *existir*:

Sunt homines = ha homens — Est genus quoddam hominum (Nep.) = ha uma certa classe de homens — Homo nequissimus omnium qui sunt, qui fuerunt, qui futuri sunt (Cic.) = o homem mais perverso de quantos ha, houve e haverá.

Do sec. XVI para cá, vem o verbo *ter* ganhando terreno sobre *haver*, não só na formação dos tempos periphrasticos, mas até no emprego predicativo ou concreto do dicto verbo.

O verbo *ter* é actualmente mais popular e o *haver* mais literario, como se vê logo na feição das seguintes phrases: *tenho trabalhado* e *hei trabalhado*, *terei feito* e *haverei feito*, *tenho por certo* e *hei por bem*. Raramente, no Brasil, em linguagem familiar, deixar-se-á de substituir o verbo *haver* pelo *ter* nas expressões impessoaes de existencia, p. ex.:

Teve muita gente na festa, tinha muitas creanças no jardim, tem gente ahi. —

Lá detraz daquelle serro
Tem um pé de lirio só,
Faço carinhos a todas,
Mas quero buscar a ti só.

Quanto a este uso do verbo *ter* pelo *haver*, ainda reagem os grammaticos, catalogando-o de *barbarismo*, e os que bem fallam procuram evitá-lo. Isto, porém, não impede que continue elle dominante no fallar do povo. A *Arte de Furtar*, geralmente attribuida ao P.e A. Vieira, já accusa essa tendencia do verbo *ter* no sec. XVII: *A um Mester*

de Lisboa ouvi dizer que bastava numa Camara tres vereadores e que TINHA *sete.*

666. A mesma tendencia a se substituir o *haver* pelo *ter* nessas expressões impessoaes, é manifesta, no indo-portuguez do Norte, conforme prova J. Moreira com os seguintes exemplos:

Tem um hom' que tanto se ell corrê, su barrig nunc ha carregá ou enchê (=a mó do moinho) — Tem um hom', que por ell noite e di nu tem sucego (=um relogio) — Tem um hom', por ell tem set ovid (= uma candeia ou candieiro de bronze).

VOZES DO VERBO

667. A acção expressa pelo *verbo* é normalmente attribuida na phrase a um *sujeito*, que póde, em relação a ella, assumir trez attitudes: a de *agente*, a de *paciente* (*recipiente*) e a de *agente* e *paciente* ao mesmo tempo. Essa triplice relação do *sujeito* para com o seu *predicado* dá origem ao que se chama em grammatica *vozes do verbo*, que são fundamentalmente trez:

1.ª Voz ACTIVA, quando o sujeito é *agente* da acção verbal: *Carlos ama os livros.*

2.ª Voz PASSIVA, quando o sujeito é *paciente* ou *recipiente* da acção verbal: *Os livros são amados por Carlos.*

3.ª Voz REFLEXIVA, MÉDIA OU MÉDIO-PASSIVA, quando o sujeito é *agente* e simultaneamente *paciente* da acção verbal: *Carlos ama-se.*

Voz activa

668. A voz ACTIVA caracteriza-se pela agencia do sujeito, agencia claramente perceptivel nos verbos chamados *activos* (*amar, andar, ferir*), e obscuramente apprehendida nos chamados *neutros* (*viver, estar, ficar*).

Os verbos na *voz activa* se revestem de trez fórmas — *transitiva directa, transitiva indirecta* e *intransitiva.*

669. VERBOS TRANSITIVOS DIRECTOS. O verbo transitivo directo ou simplesmente *transitivo* reclama um *objecto directo*, subs. ou pron., em que se emprega a acção verbal. E', pois, um verbo de *predicação incompleta*.

Nesta fórma a acção expressa pelo verbo revela-se em sua plenitude: ella parte de um *sujeito-agente* para um *objecto-paciente*. Este *objecto* paciente da acção verbal, que em latim se revela pelo *accusativo* sem preposição, em portuguez revela-se pela sua posição immediata ao verbo, a que se prende directamente, sem particulas prepositivas (preposições), p. ex.: *O pae ama o filho* e *o filho ama o pae*.

Na baixa latinidade, entretanto, como já mostrámos, apparece, ás vezes, o *accusativo* (*objecto directo*) reforçado pela preposição *ad* (⟿ a), mormente quando o accusativo é nome de pessoa.

Este costume generalizou-se, e o verbo *transitivo directo* em portuguez admitte hoje que o seu objecto appareça regido da prep. *a*, e, ás vezes, da prep. *de*. Os casos em que a lingua permitte *objectos directos preposicionaes* com verbos transitivos, podem reduzir-se aos seguintes, como, aliaz, já estudamos tractando do complemento objectivo:

1.º O *objecto-directo* vem regido da prep. *a*, quando nome de *pessoa*, de *seres vivos* e de *paizes* ou *cidades*, e isto é de rigor quando possa haver confusão entre o *agente* e o *paciente*: *Achilles a Heitor matou*. — Exs:

Tras elle (el-rei) armou (cavalleiro) Graciano seu neto ; a Beroldo principe da Espanha ; Onistaldo, e Dramante seus irmãos ; a Estrelante, filho do principe Ditreo (Palm. 1. 67) — O propheta Habacuc, quando Deus lhe mandou que fosse lá a Babylonia, se escusou dizendo que nunca vira a Babylonia (Id., S. 2. 238) — Teve Grecia Themistocles famosos ; os Scipiões a Roma engrandeceram (C., Obrs. 2. 15).

2.º Dá-se ainda a regencia da prep. *a*, quando, apesar de ser o objecto nome de coisa, a significação do verbo emprega-se habitualmente em nome de pessoa, p. ex.:

A noite vence ao dia, o verbo rege ao substantivo — O sol excedia a tudo quanto havia no ceo (A. V., S. 2. 301).

3.º O mesmo se realiza quando se póde desconhecer de

momento o objecto e confundi-lo com o sujeito: — ao *tronco fere o raio, ao dia segue a noite.*

Obs. Póde-se dispensar a preposição, quando o sentido obvio mostra o paciente da acção verbal, como no passo dos Lusiadas — *Quando o mar cortava a armada,* onde manifestamente se vê que o *mar* apesar de occupar o logar do sujeito é evidentemente o *paciente* ou *objecto.* Já em A. Ferreira, no poema Castro, pag. 11, não se justifica tão bem a ausencia da preposição: — Vence a dor a razão, vence amor força? (A. Ferreira, Cast.).

4.º Póde o objecto ser regido da prêpos. *de* em sentido partitivo: *beber desta agua, comer do pão,* etc.

670. O verbo *poder* tem de ordinario por accusativo um infinito, com o qual fórma uma conjugação periphrastica, a que os inglezes chamam *modo potencial*: *posso fazer, podes fazer, podia fazer, etc.* Além disso tem este verbo a singularidade de reger *objecto neutro,* isto é, pronome neutro:

Ainda que eu queira não posso o que quero (C., Obrs. 3. 235) — O que iá pude, posso-o ainda hoje (A. C.)

Entretanto, como observa Andres Bello, tal verbo não se presta á inversão passiva, como acontece aos verbos que regem *accusativo,* por falta de part. passivo (*podido*). No lat. encontra o citado auctor em Lucrecio o verbo *posse* (b. lat. *potere* ⟶ *poder*) com inflexão passiva: *Quod tameor expleri nulla ratione potestur.*

671. Os verbos — *fazer, deixar, ver* e *ouvir,* seguidos do infinitivo, podem ter, como vimos, em *accus.* ou *dat.* o sujeito desse infinitivo — *fazê-los ver* ou *fazer-lhe ver.* Sobre esse phenomeno curioso da regencia de — *fazer, deixar, ver* e *ouvir,* nas linguas romanicas, escreve Diez: "Todas essas phrases conteem dois verbos com duas pessoas activas, das quaes uma (na qualidade de sujeito) *faz, deixa, vê* e *ouve,* e a outra age em relação ao querer ou á sensação da primeira. Se esta sensação cessa de operar sobre o infinito, a segunda pessoa é posta em accusativo, com um regimen neutro. (Gr. des L. R. III 123)". Em outros termos, quando o infinitivo é um verbo neutro ou de sentido passivo não permitte a lingua que se passe esse *accusativo*

sujeito, para *dativo*, p. ex.: *vi-o morrer* e não *vi-lhe morrer*, *fi-lo ligar* (*ser ligado*) e não — *fiz-lhe ligar*, *vejo-o cahir* e não — *vejo-lhe cahir*. O *dativo* parece neste caso ter um caracter de actividade extranho ao *accusativo*. Tal processo nos veio da baixa latinidade, onde já se encontra o *dativo* sujeito do infinito:

Haec comitibus scire faciant (Ib.) —

Que m'ela ten, pero que al
ouço eu *a muitos* dizer
que *lhes* faz gran coisa sofrer
Amor, onde lhes ven gran mal (C. Arch. 230).

Perón... sendo entre estas ilhas lhe deo um tempo, que lhe fez perder o navio (Dec. I. 386) — E quem *lhe* fazia ter maior cuidado (Ib. 423) — A enveja *os* fazia desejar a partida mais prestes (Palm. I. 179) — Fez-lhis jurar sobre los santos evangelhos que o levassem a Roma (C. Arch. 42).

Obs. Entre nós a ignorancia destes factos, leva muitos a pôr o sujeito do infinito não em *accusativo*, como é de regra, ou em *dativo*, mas em nominativo. Ainda ha pouco bradou um dos nossos representantes na Camara Federal: *Deixe elle vir! deixe elle vir!* — Este erro frequente vem por analogia com muitos outros verbos, que regem infinitivos, cujos sujeitos, contrariamente ao latim, vão para nominativo, p. ex.: *creio estar doente* (estar elle doente), *affirmo terem elles estado aqui*, *duvido podermos nós conseguir isso*. — *Chamar* admitte egualmente *accus.* e *dat.* no sentido de appellidar — *chama-lo* ou *chamar-lhe justo*.

672. VERBOS TRANSITIVOS-INDIRECTOS. A acção verbal emanada do sujeito apresenta, em uma outra classe de verbo de *predicação incompleta*, um aspecto differente da dos verbos transitivos-directos: ella se dirige a um termo de relação, que ao verbo se prende indirectamente, isto é, por meio de preposição adequada; este termo é o seu *objecto-indirecto* ou *complemento terminativo*, e o verbo se diz *relativo* ou *transitivo indirecto*, v. gr.: *depender de alguem*, *sahir de casa*, *entrar na sala*, *gostar de estudar*, etc. — Quatro aspectos fundamentaes assume o objecto- indirecto, já estudados: *attribuição*, *direcção*, *origem*, *relação*. (427).

673. Muitos verbos desta classe incluem-se ao mesmo tempo na classe dos *transitivos*, e são verbos de predicação duplamente incompleta, reclamam ao mesmo tempo um

objecto *directo* e outro *indirecto*, aos quaes alguns grammaticos chamam *bitransitivos*, taes os verbos — *dar, negar, dizer, retribuir, dever, conceder, prometter, attribuir, escrever, offerecer, levar, conferir*, e muitos outros, que vem, na phrase, quasi sempre acompanhados do *accusativo* da coisa e *dativo* da pessoa (*alguma coisa a alguem, aliquod alicui*): *dar esmola ao pobre* (= *elemosynam pauperi dare*), *tributar honra a alguem* (= *alicui honorem habere*).

Podem, entretanto, ambos os casos ser de *pessoas* ou de *coisas*: egualar *alguem* a *outrem*, ou uma *coisa* a *outra* — *rem rei æquare*.

674. Muitos verbos assumem accidentalmente a fórma relativa, fazendo-se acompanhar de um *dativo*, que substitue um *possessivo*:

Sou-lhe filho (sou seu filho), sahiu-lhe peor a emenda que o soneto cahiu-lhe em graça, matou-me a esperança, morreu-lhe a alegria.

675. VERBOS INTRANSITIVOS. Nesta classe de verbos a acção verbal não passa do sujeito, são verbos de *predicação completa*, visto que o espirito nada exige para cabal intelligencia de seu enunciado, p. ex.:

A arvore cresce, a semente germina, brotam as plantas, vive o homem, progride a humanidade, dorme a creança, resuscitam os mortos.

676. VERBOS TRANSITIVOS EMPREGADOS INTRANSITIVAMENTE. E' phenomeno frequente empregarem-se verbos activos transitivos em sentido absoluto ou intransitivo, p. ex.:

Foi poeta, cantou e amou na vida — Elle estudou em Coimbra.

677. VERBOS INTRANSITIVOS EMPREGADOS TRANSITIVAMENTE. Não menos frequente é o phenomeno inverso de empregar a lingua o verbo de sua natureza *intransitivo* como *transitivo*, dando-se-lhe um *accusativo*.

Dá-se a passagem do *intransitivo* para *transitivo* nos seguintes casos:

1.º E' commum em lat., como nas linguas neo-latinas, dar-se a certos verbos um accusativo pleonastico de sub-

stantivo cognato ou synonymo do cognato modificado por um adjuncto attributivo, v. gr.:

Viver larga vida ou largos annos, morrer morte tranquilla, guerrear duras guerras, pelejar asperas batalhas, sonhar aureos sonhos, cavalgar fogoso ginete, ferir fundos golpes, contar um conto e accrescentar um ponto, pescar grandes peixes, brincar maus brinquedos, vestir alvo vestido.—Crem tanto de verdade que morrerão mil mortes por cada uma dellas (Peregr. 1. 362) — A's vezes o pleonasmo é auctorizado por um contraste: Podem-se pescar peixes, homens não se podem pescar (A. V.).

2.º Não raro a lingua elegantemente torna um verbo *intransitivo* em *transitivo*, dando-lhe por objecto *ficticio* o termo que é logicamente uma circumstancia modificadora da acção verbal:

Ir seu caminho (por seu caminho), respirar ameaças, ameaçar mortes, arrotar grandezas, andar longes terras, lidar cruas guerras, dormir duas horas, subir escadas, descer ladeiras, passar pontes, frio e fome, correr a cidade, gritar o cão (pelo cão), navegar mares procellosos, saltar muros, entrar o porto, bradar armas, roncar bravuras, clamar soccorro — No tempo em que os infieis entrarã este reyno (Palm., I. 233) — Eu repetirei as suas vozes, elle bradará os meus silencios (A. V., Obrs. S. II. 86) — E até vossa mulher brilha diamantes, rubis, e perolas sobre estrado borlados? (A. de F., 285).

3.º Outros verbos intransitivos, tornaram-se *transitivos factitivos* ou *causativos*, quando podem ser paraphraseados com os verbos *fazer* ou *tornar*:

Seccar a roupa = fazer seccar a roupa, entrar estacas no chão = fazer entrar estacas no chão, correr alguem a caça = fazer alguem correr a caça, crescer alguem o ordenado = fazer alguem crescer o ordenado, calar razões = fazer calar razões, enxugar as mãos = tornar as mãos enxutas.

4.º Os verbos *custar*, *valer* e *pesar* tornam-se transitivos quando se lhes dá por objecto directo o *custo*, o *valor* e o *peso*: *isto custa dois mil réis e vale dez, o fardo pesa duas arrobas*. Taes accusativos (o *custo*, o *valor* e o *peso*) não são propriamente *pacientes*, mas antes teem valor adverbial.

Voz passiva

678. A VOZ PASSIVA caracteriza-se pelo facto de ser o *sujeito paciente* da acção verbal. O agente della é expresso por complemento regido da preposição *por* ou *de*:

O soldado, que era de todos admirado pela sua bravura, foi morto pelo inimigo.

Não temos em nossa lingua fórma especial ou simples para se exprimir este facto syntactico, sendo nós, por isso, forçados a lançar mão de fórmas complexas ou periphrasticas, como — *ser elle amado.*

O grego possuia fórma organica ou synthetica para exprimir a passividade do sujeito, p. ex.: *phileô = eu amo, phileomai = eu sou amado.* O latim possuia egualmente fórmas simples ou syntheticas passivas, porém só nos tempos derivados do *thema do presente* (pres., imperf. e fut. imperf.): *amo = eu amo, amor = sou amado, amabar = eu era amado, amabor,* etc.

679. Em sua marcha evolutiva do *synthetismo* para o *phileomai = eu sou amado.* O latim possuia egualmente primeiro grupo, e generalizou, para todos os tempos da conjugação passiva, as fórmas periphrasticas do segundo.

680. Processos apassivantes do portuguez. Varios são os processos que se desenvolveram no portuguez para expressar a voz passiva dos verbos:

I. Possue o portuguez, em primeiro logar, o processo com o verbo *ser* e o *participio passado* variavel de verbos activos transitivos, processo que lhe veio pela generalização analogica dos tempos da 2.ª série ou grupo: *ser amado, ser conhecido.*

II. O pronome reflexivo, com o nome de *particula apassivadora,* indica, em certos casos, a passividade do sujeito, e fórma, independentemente do verbo *er,* a *voz passiva,* v. gr. — *cortam-se arvores.*

a) Esta propriedade decorre de seu mesmo caracter reflexo. E' funcção essencial do pronome *se* (e eventualmente de *me, te, nos, vos*) recambiar a acção verbal para o sujeito do verbo a que se juncta, (*Catão matou-se*). Quando, porém, esta acção recambiada só póde ser recebida pelo sujeito e não practicada, por incapacidade inherente nelle ou eventual, a voz torna-se por isso mesmo passiva. Assim em as *arvores cortam-se,* a acção de cortar é recambiada

para o sujeito *arvores*, que, sendo incapaz de ser *agente* da acção, fica mero *paciente*: *as arvores cortam-se*, ou, mais commummente, *cortam-se as arvores* vem a equivaler a — *as arvores são cortadas*. Nota-se, é certo, no typo *cortam-se as arvores* um quê de *dynamico*, que parece destoar do caracter passivo do sujeito, o que, aliaz, não se nota em *as arvores são cortadas*, e, mesmo, em — *as arvores cortam-se*. Este phenomeno, porém, devemos attribui-lo á funcção primitiva do pronome *se*, que é indicar uma *acção* reflexa, acção que se apresenta de prompto ao espirito e que só se desvanece quando o sujeito posteriormente enunciado se manifesta incapaz de a exercer. Esta é, por certo, a razão pela qual esse movimento dynamico proprio da voz activa, não se apresenta quando se antepõe o sujeito ao predicado: *as arvores cortam-se, as raizes pisam-se* (D. de Goes), *o amor vende-se?* (A. C.).

b) Este *quê dynamico*, contrastando com o cracter *estatico* da passiva, é o que tem levado muitos a negar passividade ás proposições — *cortam-se arvores, alugam-se quartos*, etc., impellindo-os a dar o *se* como sujeito e o plural do predicado como um effeito da attracção do objecto directo (*arvores, quartos*, etc.). Já impugnamos esta theoria, e aqui consignamos a causa que tem lançado a perturbação no espirito dos que sustentam a subjectividade do *se*.

c) Invocam ainda os adeptos desta impugnada theoria o facto de apparecer esporadicamente, em escriptores classicos, o verbo no singular com o *sujeito* no plural, como no seguinte passo do Palmeirim de Inglaterra (I. 203): "e sospeitando que aquelle dia podia ser Diliarte do valle escuro, duvidava pollo ver tam mancebo, que de tã poucos dias não *se esperava* tamanhas obras".

Appellam ainda para os cartazes de annuncios, onde frequentemente se lê: *Compra-se livros velhos, tinge-se roupas, concerta-se relogios, ferra-se cavallos*. E tiram destes factos argumentos para affirmar que nestas phrases o *se* é sujeito, equivalente ao *on* francez, e a voz é activa. A conclusão, entretanto, não se contém nas premissas. O caracter esporadico desses exemplos classicos e a categoria dos annunciantes os tornam mais que suspei-

tos para estabelecerem a subjectividade do *se;* mormente attendendo-se a que mui facil é pesquisar discordancias nos velhos documentos, e mui difficultoso é explicar o nominativo neo-latino da palavra a que o latim negou esse caso.

d) A apassivação do verbo dá-se normalmente quando o sujeito por natureza é incapaz de ser *agente,* o que se dá se o sujeito é *ser inanimado;* entretanto, póde não haver tal apassivação mesmo neste caso, como, p. ex., em — *o sol levanta-se, o rio precipita-se;* ahi os sujeitos (sol e rio) apresentam-se á vista como *seres animados,* e, portanto, como *agentes* e *pacientes* da acção verbal, e a voz dos respectivos verbos é *média* ou *reflexa.* A lingua não indaga da realidade scientifica, basta-lhe a apparencia.

Ao invés deste phenomeno, dá-se, ás vezes, a apassivação verbal com seres animados como sujeito, sempre que o sentido mostrar que o sujeito é apenas o *paciente* da acção recambiada, p. ex.: *Condemnou-se o réo a galés, convidam-se os patriotas, esses povos chamam-se romanos.* Existe nessas phrases e outras semelhantes uma incapacidade eventual de os sujeitos (*réo, patriotas, povo*) serem *agentes,* embora representem entes animados. O caracter passivo de taes construcções frequentemente se revela na velha lingua pela enunciação do agente da passiva:

E as que se acharam per Christovão Colon (Dec. I. 387) — mares que se navegam pelo feio phoca (C.) — Sahio da sua tenda acompanhado de sua mãe, pela qual tudo se governava (F. M. P., Per. 2. 9).

e) Se bem que, menos frequentemente, tal apassivação póde ainda operar-se na 1.ª e 2.ª pess., com os pronomes — *me, te, nos, vos,* empregados reflexivamente:

Eu me baptizei em creança = eu fui baptizado, nós nos consumimos de tristeza = nós somos consumidos, eu me chamo Antonio = sou chamado Antonio (ego vocor Antonius) — Onde se castigavam desafios com mercês? (Luc. L. Cl. I. 5.) — Nos Brasis, nas Angolas, o rei se conhece só por fama, e se obedece só por nome (A. V., S. 2. 308) — As culpas por que se condemnam os réos, são as que se conteem nos relatorios das sentenças (Id., ib. 182) — Quebram-se as immunidades da egreja, maltratam-se os ministros do evangelho, impedem-se as conversões dos gentios (Id., ib. 186).

III. Com os verbos transitivos — *dizer, contar, referir* e outros semelhantes, emprega a lingua este processo apassivador dando por sujeito uma oração infinitiva ou do modo finito, introduzida pelo *que*, deixando indeterminado o *agente*: *Conta-se ter elle morrido* ou *conta-se que elle morreu.*

Este processo *passivo* com indeterminação do *agente* póde ser substituido por um outro na voz *activa* com indeterminação do sujeito-agente, isto é, com esses verbos empregados impessoalmente na 3.ª pess. do plural: *Contam ter elle morrido* ou *que elle morreu.*

IV. Com outros verbos transitivos *directos*, que não os do paragrapho anterior, presta-se a lingua a este processo apassivante impessoal, com o sujeito *indeterminado*, levando-se para *dativo* o termo que seria *objecto directo* ou *accusativo* da voz activa. Assim se diz — *ama-se aos paes, previne-se aos alumnos, respeita-se ao juiz, pune-se aos vicios*, com sujeito indeterminado. Os verbos pessoaes e transitivos directos tornam-se nesse typo de phrase — *impessoaes* e *transitivos-indirectos*. Que a voz desses verbos é passiva, é evidente pelo facto de não se lhe poder dar *accusativo* ou *objecto directo*, que caracteriza a voz activa como prova o caso obliquo unico admissivel nessas phrases, que é o dativo *lhe*, e nunca o accusativo *o*: *ama-se-lhes, previne-se-lhes, respeita-se-lhes, pune-se-lhes*, e não: *ama-se-os, previne-se-os, respeita-se-os*, etc. Tal syntaxe encontramo-la no lat.: *invidetur divitiis*, que, como observa o Dr. Ernesto Carneiro, pudera ser — *invidentur devitiae.*

A este typo de apassivação, que apresenta no hespanhol tão largo desenvolvimento, pertencem os seguintes exemplos de nossos bons escriptores:

Teme-se muito á Sicilia, que tambem comsigo não está pacifica (A. V., C. I. 252) — E' muyto justo e conveniente que se respeyte tambem aos dotes (D. de Paiva, Cas. Perf. 138) — Por tudo isto se admira a Vieira; a Bernardes admira-se e ama-se (A. C., Livr. Class., M. Bern. II. 285) — Louva-se ao deus Termino (A. C., Os Fast. I. 149).

a) Offerece as seguintes vantagens esta construcção passiva de verbos transitivos directos com *dativo*:

1.ª Evita a eventual confusão do *objecto* com o *sujeito* nas orações de sujeito indeterminado, p. ex.:

Nesta terra punem os vicios, amam os paes, castigam os filhos, respeitam os juizes ; com mais clareza se dirá : Nesta terra pune-se aos vicios (ou punem-se os vicios), ama-se aos paes, castiga-se aos filhos, respeita-se aos juizes.

2.ª Evita-se ainda a natural confusão, que, em certas phrases, póde dar-se com as fórmas *reflexas* ou *reciprocas*, p. ex.:

"Nesta terra ama-se o homem, respeita-se o juiz, reprehende-se o criminoso, punem-se os malfeitores, previne-se o publico" ; o que sem ambiguidade se dirá : "Nesta terra ama-se ao homem, respeita-se aos juizes, reprehende-se ao criminoso, pune-se aos malfeitores, previne-se ao publico".

b) Os verbos *transitivos-indirectos* e os *intransitivos* prestam-se egualmente a ser construidos na passiva impessoal na 3.ª pess. do sing. com o pronome reflexo *se*: *"Aqui se resiste aos soberbos e se attende aos humildes; nem sempre se gosta do que é bom; tracta-se hoje de negocios; entra-se na sala; falla-se de politica; vive-se, passeia-se e dorme-se bem"*. Exs.:

Tambem em Roma se morre (A. V.) — Não se sabe delle (Id.) — Queremos ir por onde se vae ao céo (Id.) — A morte tem duas portas : uma de vidro por onde se sae, outra porta de diamante por onde se entra á eternidade (Id.) — Sae-se por onde se entra (A. C.).

c) Esta passiva impessoal dos verbos *transitivos-indirectos* e *intransitivos* filia-se ideologica e syntacticamente no latim, onde era commum a passiva impessoal de taes verbos:

Vivitur (vive-se), ambulatur (passeia-se), pugnatum est (pelejou-se), sic itur ad astra (Verg. = assim se vae aos céos), curritur (corre-se) — Vivitur parvo bene (Hor.) — Vivitur e rapto (Ov. ap. Serões 690) — Itum est in viscera terrae (Id., ib.).

d) A analogia tem impellido este processo de passiva impessoal com o reflexivo *se* até aos proprios verbos *ser* e *estar* e os outros verbos de ligação, embora repugne aos grammaticos reconhecer o cunho de vernaculidade em expressões como estas: — *Quando se é bom, é-se obrigado a*

ligar duas palavras (O. Mendes). Séria difficuldade já existe, entre os grammaticos, em se conceber a passiva impessoal de verbos neutros, *relativos* e *intransitivos* (*vive-se, vae-se ao céu, passeia-se*); cresce sobremaneira, com os verbos *ser* e *estar*, o embaraço para ajustarmos taes expressões ao nosso conceito grammatical da voz passiva. A lingua, porém, não raro faz timbre em desprezar os apuros dos grammaticos. Já agora parece inutil erguer protestos contra este *quinto typo* do uso da particula apassivadora, e nem é preciso buscarmos no malsinado gallicismo a razão do seu actual desenvolvimento, pois, como se vê dos paragraphos antecedentes, a corrente analogica no seio da propria lingua o explica sufficientemente. Não só em escriptores de ordem secundaria, mas ainda em outros de maior tomo encontramos modernamente homologado tal uso. Exs.:

Assim se era amado, porque se amava, e se amavá, porque se era amado (A. C., Felic. pel. Agricult., 25) E'-se inclinado a admittir (Id.) — Lá se era e se fazia tudo isso fadadamente, como fadadamente se é e se faz hoje o diverso ou o contrario (Id.) — E'-se invadido do humor no restaurante de Star and Garter (C. C. B.) — Não se é grande no mundo, senão quando se é fanatico por uma idéa (P. Chagas) — E nunca se é assim : é-se invariavelmente assado, como dizia o padre Marques (Eça).

e) No proprio latim temos a origem de tal processo apassivador com o reflexivo *se*, quando o sujeito está inhibido de ser agente. A seguinte phrase offerece um typo classico: *Valvulæ se aperierunt* = *abriram-se as valvulas*, onde o sujeito *valvulæ* é apenas paciente, tendo, portanto, a expressão verbal valor passivo. Na propria lingua-mãe, conseguintemente, encontram as linguas romanicas o typo original, de um processo apassivante, a que, entre nós, o quinhentismo deu largo desenvolvimento. Desde os primeiros documentos da lingua encontramos delle amiudados exemplos:

Mordaret, muito mal me ás feito, mas nonse vus tornou a prol (Chrest Arch. 45) — screva cousas de boa sustancea claramente, pera se ben poder entender (Ib. 30) — A causa principal... fora estarem em seu poder a maior parte das especiarias, que por mãos dos Mouros se navegavam pera as partes da Christandade (Dec. I. 339) —...e as qué se acharam per Christovam Colon (Ib. 387) — ... dia em que se viram passarem algu-

mas cousas, de que lhe parecia a elle capitão poder ter algum desprazer (Ib. 420) — Sua determinação era nam parecer ante elle, te passar o perigo da aventura que dá Grã Bretanha se soava (Palm. I. 178) — Isso quero eu ir saber, pois que tal coisa se soa (C., Amph., act. 5, sc. 4) — Neste mesmo tempo se descobriraam as ilhas, a que se chamam de Cabo Verde, por Antonio de Nólle (Doc.).

Obs. I. As construcções *impessoaes* da 3.ª pess. do sing. chama Andres Bello, em sua *Gramática Castellana, construcciones irregulares cuasi-reflejas*, "que son las que tienem el acusativo reflejo *se*, i pertencen todas a la tercera persona de singular : *se duerme, se canta, se baila*". O unico sujeito que se offerece á mente, accrescenta elle, é a mesma acção do verbo, como se dissessemos — *executa-se o dormir, o cantar, o bailar*. Já Presciano, grammatico latino, por elle citado, assim pensava : *Cum dico curritur, cursus intelligitur, et sedetur sessio, et ambulatur ambulatio*. "Estas construcções anómalas quasi-reflexa da 3.ª pess. póde-se dizer que entram no processo ordinario da conjugação ; porque são poucos os verbos que não se conjugam alguma vez deste modo ; são reflexos na fórma e passivos no sentido". Em portuguez como vimos, até o verbo abstracto *ser* está sendo arrastado a esta apassivação impessoal, a que o illustre grammatico venezuelano, chama — *construcções irregulares ou anomalas quasi—reflexas*.

Obs. II. E' geralmente desconhecida de nossos escriptores a construcção impessoal na 3.ª pess. do sing. dos verbos *transitivos directos* (*admira-se a Vieira, honra-se aos magistrados*), e um illustre professor, respondendo pelas columnas de um dos diarios da Capital Federal, a uma consulta que se lhe fazia sobre o ponto, mostrou ignorar esse processo da lingua e a differença entre — *previnem-se os deputados* e *previne-se aos deputados*. Entre os professores, tem causado graves perplexidades e, mesmo, determinado conversões á subjectividade do *se*, a phrase de A. Castilho, em sua Noticia da Vida e Obras do Padre Bernardes : "Por tudo isto se admira a Vieira ; a Bernardes admira-se e ama-se" (M. B. Exc., II. 285) — Em hespanhol é de largo uso este processo, e sobre elle discorre Andres Bello em sua conceituadissima Gr. de la Leng. Castellana, ps. 243. 244. nos seguintes termos, que se ajustam ao nosso idioma :

"El verbo de construccion impersonal puede llevar su acostumbrado réjimen *"Se pelea por caballo" ; "Se vive com zozobra" ; "Se trata de un asunto importante"*. Pero aqui se ofrece una duda : el complemento acusativo subsiste tal en la construccion impersonal cuasi-refleja, o varia de naturaleza ? Cuando decimos, "Se admira *a los grandes hombres*" ; "Se colocó *a las damas* en un magnifico estrado", debemos mirar estos complementos *a los grandes hombres, a las damas*, como verdaderos acusativos ? Yo me inclino a creer que nó : lo primero, por la modificacion de significado que esta construccion produce en el verbo : *se admira* es *se siente admiracion ; se coloca* es *se dá colocacion ; se alaba* es *se da alabanzas* ; sentido que parece pedir mais bien un dativo. Lo segundo, porque si e. complemento se tiene por término el demostrativo *él*, no le damos otras formas que las del dativo : "Se les admira" (*a los grandes hombres*), no *se los admira*. Lo tercero, porque si el complemento

leva por termino un nombre indeclinable, es de toda necesidad ponerle la preposicion *a*, que en el dativo de estos nombres, no puede nunca omitirse, como puede en el acusativo ; asi, o decimos "Se desobedece *a los preceptos*" de la lei divina", en construccion impersonal, o "Se desobedecen los preceptos", en construccion regular, haciendo a *los preceptos* sujeito ; pero no podemos decir : "Se desobedece los preceptos". Contra esto puede alegar-se que el verbo en la construccion impersonal pide las formas femininas, *la, las :* "Se la trata con distincion", "Se las colocó en los mejores asientos". Pero esta razon no es decisiva, porque *la* i *las* son formas que se emplean (empregam) frecuentemente como dativos. De manera que la regla es emplear en la construccion impersonal como dativo el que en la construccion regular es acusativo, pero con la especialidad de preferir-se *la* i *las* a *le* i *les* en jenero *femenino*. (No faltam, en la construccion impersonal de que se trata, ejemplos autorizados de *le, les* femininos).

Si el término del complemento es *persona*, se prefiere la construccion anómala cuasi-refleja, convertiendo el acusativo en dativo : "Se invoca a los santos" ; "Se honra a los valientes" (honra-se aos valentes) ; "Se nos calumnia" (calumnia-se-nos) ; "Se les lisonjea" (lisonjeia-se-lhes). Pero se el término es de *cosa*, la construccion que ordinariamente se emplea es la regular cuasi-refleja : "Se olvidan los beneficios" (olvidam-se os beneficios), "Se fertilizam los campos con el riego" (fertilizam-se os campos com a irrigação). "Se olvida a los beneficios" (olvida-se, aos beneficios) i "Se fertiliza a los campos" (fertiliza-se aos campos), seriam personificaciones durissimas; pero la mas intolerable seria, "Se olvida los beneficios" (olvida-se os beneficios), "Se fertiliza los campos" (fertiliza-se os campos).

V. Existe ainda um terceiro processo da passiva em portuguez, que se filia á *depoencia* latina. Dá-se isto com certos verbos transitivos directos no infinitivo, collocados como complementos de adjectivos, ou de verbos como — *fazer, deixar, ver, ouvir, sentir, mandar.* — Exs.:

Osso duro de roer = de ser roido, lição difficil de estudar, fi-lo prender (ser preso), deixei-o amarrar (ser amarrado), fazê-lo carregar pela artilheria, não ser isso para imitar, estar a casa para alugar, manda-lo prender — Isso de tirar e pôr principe pelo povo, são opiniões mal soantes (A. H.) — A guerra faz-se para ter paz (A. de F.) — ... a qual gente sempre ouvira nomear por guerreira (Dec. I. 364).

Voz reflexiva

681. A VOZ REFLEXIVA OU *médio-passiva* é apenas uma variante da voz activa, e dá-se quando o objecto-directo está em relação de identidade com o sujeito, isto é, quando é representado por um pronome da mesma pessoa e numero que os do sujeito: *Pedro se feriu, nós nos ferimos.*

Por esta razão dá Darmesteter apenas duas vozes ao verbo — a *activa* e a *passiva*.

Não possue o portuguez fórma synthetica para esta voz, mas serve-se, como o latim, de um pronome obliquo da mesma pessoa que o sujeito para indicar a reflexibilidade da acção verbal: *Cesar louva-se* (*Cæsar laudat se*).

O grego possuia uma fórma organica para esta voz medio-passiva, que quasi não se differençava da passiva.

682. Os verbos conjugados na voz reflexa, por isso que são sempre acompanhados de um pronome obliquo, denominam-se *pronominaes*, e delles existem duas classes: *a*) os pronominaes *essenciaes, proprios* ou *subjectivos*, e *b*) os pronominaes *accidentaes, improprios* ou *reflexivos*.

682. Os verbos conjugados na voz reflexa, por isso que são sempre acompanhados de um pronome obliquo, denopronome obliquo, nos quaes a reflexibilidade da acção é obscura, tendo o pronome reflexo que os acompanha, um simples valor subjectivo, como — *arrepender-se, condoer-se, queixar-se*.

A Darmesteter repugna a designação de *essenciaes*, visto que a historia da lingua mostra que o pronome obliquo não é exigido pela natureza do verbo, não pertence á sua essencia, e, no decurso do tempo, muitos dos que se apresentam com o caracter de pronominal essencial em uma época, passam posteriormente para a categoria de pronominal accidental, como actualmente notamos com *lembrar-se, esquecer-se*, que apparecem frequentemente sem o pronome reflexo, ou perdem inteiramente a feição pronominal. Vejamos alguns exemplos:

Mordaret, vosso sobrinho, se jurou con todolos omeus boos da terra contra vos (Chrest. Arch., 43) — Quando eles viron que non ficou i homem con que se combater podessem (Ib. 47) — Assi, disse Giflst, eu vão me trabalharei de preguntar como rei Artur morreu (Ib. 55) — E já que fallamos de precauções, não esqueça o que diz Plinio (A. C.) — Cumpre não esquecer que essa lingua devia ser a quotidiana (A. H., H. de Port. I. 41). —

> Não te esqueças meus duros pesares
> Não te esqueças por ellas de mim,
> Não te esqueças de mim pelos mares,
> Não me esqueças na terra por fim. (G. D., Poes. I. 115).

684. O poderem conjugar-se verbos *intransitivos*, que expressam em si acção completa, com um pronome reflexivo, veio ao portuguez, não do lat. class., mas do lat. pop. E' um phenomeno commum das linguas romanicas, e esse pronome, cuja reflexibilidade é obscura, "tem por unico objecto pôr em evidencia o caracter intimo e espontaneo da acção".

685. Esta pronominalidade dos verbos intransitivos e neutros era muito mais abundante na antiga linguagem do que actualmente. Este pronome reflexo, que arbitrariamente acompanha essa classe de verbo, representa, segundo Diez, não o objecto directo ou *accusativo*, mas o *dativo*. Esta anomalia é um phenomeno neo-latino, que vicejou exuberante no periodo medieval e que o portuguez moderno tem restringido mais que o hespanhol, e no fallar do Brasil mais que no de Portugal. Como se vê nos exemplos do paragrapho antecedente e nos que aqui damos, era frequente nos textos archaicos encontrar-se: *jurar-se, trabalhar-se, combater-se, subir-se, descer-se, morrer-se, soffrer-se, cahir-se, partir-se, vir-se, ir-se, ficar-se, estar-se, começar-se, lembrar-se, esquecer-se, arrepender-se, condoer-se, apiedar-se.*

Obs. Não se confunda o *dativo* destes verbos *intransitivos* e *neutros*, que tem por fim unico salientar o caracter intimo e espontaneo da acção, ou, como dizem nossos grammaticos, a *espontaneidade do sujeito*, com o *dativo ethico*, que acompanha eventualmente verbos *transitivos* com o fim de dar mais calor á acção verbal e alludir ao interesse que nella tem o que falla : *Olhae-me a cara daquelle tractante. — Quem m'a matou.* (A. F., Castr. 76).

686. Dos verbos *pronominaes* no v. port. vária é a sorte no estado actual da linguagem, em verbos já de formação antiga, já de formação moderna.

1° Uns conservam *habitualmente* o pronome, são os chamados *pronominaes essenciaes*:

Arrepender-se, condoer-se, apiedar-se, abster-se, atrever-se, gloriar-se persignar-se, dignar-se, indignar-se, queixar-se, amercear-se, encanizar-se, apavonar-se, abesphinhar-se, comprazer-se, acaçapar-se, alapardar-se, agaiatar-se, e outros.

2.º Outros guardam a fórma reflexa facultativamente:

Sorrir-se ou sorrir, rir-se ou rir, encontrar-se (com alguem) ou encontrar (alguem), ir-se our ir, partir-se ou partir.

Muitos destes, por menos usual na fórma reflexa, quando nella empregados, dão mais graça e energia á expressão. O pronome reflexo tem o effeito de salientar o interesse mais vivo e espontaneo do sujeito no facto verbal; dahi a sensivel differença no valor expressivo das seguintes phrases:

Sahir bem e sahir-se bem, ir embora e ir-se embora, morrer de tristeza e morrer-se de tristeza, estar descansando e estar-se descansando. — Alma minha gentil, que te partiste (C.)—Os peixes pelo contrario lá se vivem nos seus mares e rios (A. V., S. 1. 35)—Elle se estava mui descansado em seu palacio (A. V.)—Se poesia se vive entre estes aldeões (A. C.) — Mas eu me sahi, e me fui embarcar a toda pressa (A. V., C. 1. 43) — No mesquinho paul dos humanos enredos se andavam rebolando os contemporaneos (L. C., Cam. 199) — A poesia moderna produziu seu mundo, viu que estava bem, e nessa visão beatifica se ficou (A. C., Am. de Ouvidio 19) — Levantou-se Jacob, e veo-se ao Egito com toda sua geração (Chrest. Arch. 96) — Com elle se sahio fóra da casa (G. de Rez. 288) — Era tão baixinho, que uma vez para ser ouvido se atrepou a um cepo (M. B., 1. 225) — Siga-se rei a rei (Id. 1. 275).

687. Repugna á lingua a fórma pronominal reflexa nos infinitivos regidos pelos verbos — *fazer, deixar, ver, ouvir*: "*Fazei-os sentar* (e não *sentar-se*), *fazei-os arrepender, deixae-os queixar, vi-o partir, ouvi-o rir*".

688. Pronominaes accidentaes, improprios ou reflexivos. São estes geralmente verbos transitivos cujo objecto, *directo* ou *indirecto*, conforme o sentido, é representado por um pronome obliquo, em *accusativo* ou *dativo*, que mantem relação de identidade com o sujeito: *dar-se ao trabalho* e *dar-se os parabens, ferir-se na face* e *arrogar-se o direito*.

689. Pronominaes reciprocos. Acontece, ás vezes, que o sujeito é duplo ou multiplo e a acção *reciproca*, e, neste caso, é usual chamar-se o verbo *reciproco*: *Pedro e Paulo encontraram-se*. E' antes uma *voz reciproca* que um verbo reciproco.

Sendo o processo da *voz reciproca* identico ao da *voz reflexa*, é claro que em muitas phrases haveria ambigui-

dade, se algum adverbio ou explicação não viesse elucidar o sentido, v. gr.: *Elles feriram-se*, onde tanto póde ser cada um ferir-se *a si proprio*, como *uns aos outros*. Dahi a necessidade de accrescentar *reciprocamente, um ao outro, uns aos outros*, ou *a si proprios, cada um a si proprio*, conforme for a voz *reciproca* ou meramente *reflexa*.

Permitte, entretanto, a lingua indicar a reciprocidade por outro meio que não o da fórma reflexa. Exs.:

Um feriu ao outro, uns feriram aos outros (cf. ferindo-se uns aos outros), este desaveio com aquelle (cf. ambos se desaviérám), Pedro encontrou-se com Paulo, ou encontrou a Paulo (cf. Pedro e Paulo encontraram-se) —Encontram-se por um instante os olhares, trocam-se por um sanctiamen as improvisas e fataes inclinações (L. C.).

Verbos impessoaes

690. São VERBOS IMPESSOAES os que expressam factos sem referencia a sujeitos determinados. São *pessoaes* os verbos "que apresentam a acção em relação com a pessoa ou coisa que a produz"; são *impessoaes* os que a exprimem sem relação com a causa productora, taes como — *chove, amanhece, troveja*. Do latim herdou o portuguez, com as linguas romanicas, tal processo grammatical.

691. CLASSIFICAÇÃO. Dos *impessoaes* apresenta a lingua dois typos: impessoal *essencial* e impessoal *accidental*.

I. IMPESSOAL ESSENCIAL. Verbo impessoal essenical é o que designa phenomeno de natureza inorganica, ou meteorologico, e que, tanto em lat. como em port., apparece na phrase sem relação com a causa productora do facto verbal, isto é, sem sujeito determinado, taes são: *chove* (lat. *pluit*), *amanhece* (lat. *lucescit*), *troveja* (lat. *tonat*).

De dois modos a lingua, dando-lhes sujeitos expressos, torna *pessoaes* estes verbos *impessoaes*:

1.º Em sentido *factitivo*, dando-se-lhes por sujeito o que se apresenta ao espirito como a *causa* ou *origem* do facto verbal:

Chove o céo (o céo faz chover), troveja Jupiter (Jupiter faz trovejar) amanhece o dia (o dia faz amanhecer), o céo de todas partes chovendo lanças e fulminando raios (A. V., ap. Serões 395) —

> Eia, ás aras pacificas vos chamam ;
> Sacerdotes, voae, chovei-lhe incenso
> (A. C., Os Fast. 1. 77)

2.º Em sentido *figurado*, dando-se ao verbo, empregado com significação analogica ou figurada, por sujeito o que se offerece á mente como a *fonte* ou o *resultado* do facto verbal:

Trovejam os canhões, chovem protestos, amanhece-lhe a intelligencia, anoitece-lhe a vida ; "muitas bençams, muitas graças chovam nesta habitação (A. C.) — E se em vez de bolotas me chovessem cabaças (Fab. 315) — Da espessa nuvem settas e pedradas chovem sobre nós outros sem medida (Lus. 5. 33) — Chovam as nuvens o justo (A. P.) = Nubes pluant justum (Vulg.).

Obs. No latim se diz — *pluit sanguinem = chove sangue ; sanguinem* (Liv.) em accusativo mostra que a lingua latina o considera *objecto directo*, que vae sempre para accusativo : *Pluit ignem* (= *chove fogo* — Hier), *sanguinem pluisse annunciatum est* (Cic.) — A's vezes levavam para ablativo o resultado do facto verbal : *Saxo pluunt = caem pedras como chuva ; bellaria adorea pluebant = choviam os bolos.* — Differentemente do lat., o port. encara como *sujeito*, e põe em nominativo o que o lat. leva para *accusativo : chovem canivetes, chovem setas e pedradas* (C.), *chovessem cabaças* (F. Elysio), *chovam graças* (A. C.).

II. IMPESSOAL ACCIDENTAL. Além dos impessoaes proprios, estudados no paragrapho anterior, desenvolveu-se com certos verbos pessoaes um emprego *impessoal*, sem referencia a sujeito determinado.

Os impessoaes deste typo desdobram-se em dois grupos: os de fórma *activa* e os de fórma *passiva*.

1.º *Impessoaes de fórma activa.* Estes por sua vez se distribuem em duas categorias: *os da 3.ª pess. do sing.* e *os da 3.ª pess. do plural.*

a) *Os impessoaes da 3.ª pess. do singular.* Dá-se este phenomeno com os verbos — *haver, faqer, ser, estar, ir*, etc. — Exs.:

Ha homens, faz dois annos, faz frio, é tarde, está quente. — Mal vae á casa onde a roca manda á espada — Onde bem me vae, tenho mãe e pae — Mal vae a quem suppõe que possa dar de si ternura (A. C., D. D. 115). Felipa, como te vai? (G. V., 2. 429).

b) *Os impessoaes da 3.ª pess. do plural.* Dá-se este phenomeno com os verbos — *dizer, contar, relatar, referir, fallar, ensinar*, e muitos outros:

Dizem que elle vive, contam que morreu, ensinam o que não se deve. Fallarem-me de herdar são facadas mortaes (A. C., D. 61).

2.º *Impessoaes de fórma passiva.* Este phenomeno já estudado, quando tractámos da voz passiva, realiza-se com os verbos quando *intransitivos* e *relativos*, empregados na 3.ª pess. do sing., acompanhados do pron. reflexivo *se* e sem sujeito determinado (680). — Exs.:

Entra-se constantemente nesta sala, falla-se em guerra, ama-se a Vieira, vive-se bem, morre-se aqui de tristeza, passeia-se, come-se, bebe-se, regala-se.

Esta fórma de passiva impessoal corresponde, como mostrámos, ás fórmas latinas da passiva: *curritur, ambulatur, vivitur, bibitur, pugnatum est, pugnandum est.*

692. Alguns verbos que se tornam impessoaes. Merecem especial estudo alguns verbos que, no desenvolvimento historico da lingua, assumiram em certas phrases feição impessoal.

1.º Haver. Para designar a existencia empregava o latim o verbo *esse* (= *ser*) na fórma pessoal: *sunt homines* = *ha* ou *existem homens.* O inglez, como o latim, empregava o mesmo verbo *ser* = *to be* nessas phrases de existencia, ajunctando-lhe o adverbio *there* = *ahi*: *there are men* = *ha homens.* Lá pelos fins da época latina, começa o verbo *habere* ⟿ *haver*, seguido de *accusativo* e empregado impessoalmente, a substituir o verbo *esse* nessas expressões.

Já no latim da Vulgata (sec. V) lê-se: *Quia jam multum tempus haberet* = *já muito tempo houvesse.* O mesmo traductor da Vulgata, S. Jeronymo, escreve (epist. 129. 9): *...in arca Noé habuit homines* = *na arca de Noé houve homens.* Esse typo de expressão generalizou-se no Occidente. Apparece amiudadas vezes, como no inglez, o adverbio de logar na fórma — *ibi habet*, que se tornou en francez — *il y a*, e no port. archaico — *ha hi, a y, hai.* — Exs.:

Houve muitos e differentes votos (Dec. I. 268) — Ha hi ave, nos Céos, melhor prendada? (Fab. 78) — Que geração tão dura ha hi de gente (Lus. 2. 81) — Cá e lá más fadas ha — Muitos ministros ha no mundo, e em Portugal mais que muitos (A. V., S. 2. 317) — Em mim ha dous eus (H. P., Im. 1. 11) — Oh! elle ha frade no caso (G., Viag 140).

Obs. Contrariamente ao francez, o adverbio *hi* ou *ahi* não é obrigatorio, e só apparece no caso de emphase. — Na linguagem popular e nos escriptores que a imitam, costuma dar-se, como em francez, o pronome *elle* por sujeito grammatical ficticio: Não que elle ha marotos grandes na tropa (C. C. B., Corj. 24) — Elle ha de haver muitas boas, mas lá outra como aquella... (A. C., O. Doent. 201).

O facto raro de apparecer em alguns auctores o verbo *haver*, nessas *phrases de existencia*, no plural, empregado pessoalmente, dando-se-lhe por sujeito o que é historicamente o objecto, deve ser lançado a conta de deslise do auctor ou do typographo: "O remedio que... procuram dar... a esta tyrannia, foi mandar totalmente cerrar os sertões e prohibir que não *houvessem* resgates" (A. V., C. I. 22).

2.º FAZER. A' b. latinidade pertence egualmente o emprego do verbo *fazer* como impessoal nas expressões *faz frio, faz cinco annos.* No seculo V, St. Agostinho escrevia: *Nunquam fecit tale frigus* (Serm. 25. 3). E Gregorio Tur. H. F. 3. 37, mais tarde tambem escrevia:... *gravem eo anno hiemem fecit — fez nesse anno rigoroso inverno. Frigus* e *hiemem* são objectos-directos, pois estão em *accusativo*, que em latim é o caso do paciente da voz activa, ficando indeterminado o sujeito. Desse processo medieval herdamos a impessoalidade do verbo *fazer*: *Faz muitos annos que não o vejo.*

3.º SER. Apparece frequentemente o verbo *ser*, como impessoal, sem sujeito determinado, em certas phrases, taes como — *é tarde, é cedo, é claro, era já escuro, é quente, é frio aqui.* — Na linguagem popular e em alguns auctores ás vezes apparece, como em francez, o pronome *elle* como sujeito grammatical ficticio: *Elle é ainda muito dia* (A. P.).

4.º ESTAR. Como impessoal é de uso frequente o verbo *estar*, em expressões como estas — *está quente, está frio, está claro, está escuro, está tarde* (cf. *é tarde, é cedo*).

Verbos periphrasticos

693. Para exprimir certas modalidades da acção, assume o verbo fórmas complexas, constituidas por certos *auxiliares* e o *gerundio* ou o *presente do infinito*. Estas linguagens ou *verbos periphrasticos* não se devem confundir com os tempos compostos ou *conjugações periphrasticas*, formadas pelos auxiliares *ter, haver* e *ser* e o participio passado dos verbos, que se conjugam.

Na conjugação dos verbos periphrasticos, como nas outras, discrimina-se a *voz activa* da *passiva*.

Nestes verbos o *auxiliar* caracteriza a modalidade da acção, e o *gerundio* ou o *infinitivo* presente encerram o conteudo significativo do verbo. — Estudemos alguns auxiliares dessas expressões verbaes periphrasticas.

1.º ESTAR. Junctо a *gerundios, estar* indica *actualidade, continuidade* ou *frequencia* da acção verbal, e fórma os *verbos periphrasticos frequentativos*, a que outros chamam *voz frequentativa*: *estar fallando, estar trabalhando, estar partindo*.

Com o presente do infinito regido da preposição *a*, exprime-se, em geral, o mesmo sentido: *estar a fallar, estar a trabalhar, estar a partir*. Esta fórma, porém, é menos expressiva e precisa, para indicar a actualidade e continuidade da acção, que a gerundial, pois a preposição *a*, nessas phrases, indica em rigor não a actualidade, mas a proximidade e imminencia da acção, de sorte que ha sensivel differença entre — *o vapor está partindo* e *o vapor está a partir, o muro está cahindo* e *o muro está a cahir, ella está expirando* e *ella está a expirar*.

Em Portugal, entretanto, preferem geralmente a fórma infinitiva para essas locuções verbaes frequentativas; aqui no Brasil, porém, é mais commum a gerundial.

Na exuberancia de suas flexões verbaes, possue o portuguez fórmas simples ou *syntheticas* para essa modalidade de acção frequentativa: as desinencias verbaes — *-ejar* e *-ear* unidas ao thema de muitos verbos, trazem essa idéa: de *espanar espanejar*, de *saltar saltear*, de *estrondar estrondear*, de *viçar vicejar*, de *passar passear*, e assim tambem

— *manejar, manusear, folhear, pompear,* etc. Concorrem muitas vezes estas fórmas syntheticas com as analyticas ou periphrasticas em reforçada expressão: *a seara está vicejando.* Fórma-se a *voz passiva* desses verbos periphrasticos, quando transitivos directos, do mesmo modo que as dos verbos simples, com o auxilio de *ser* ou da particula apassivadora:

Estou escrevendo uma carta = uma carta está sendo escripta ou está-se escrevendo uma carta (estão-se escrevendo duas cartas).

2.º ANDAR. — Este verbo, com o *gerundio* ou com o *infinito* regido de *a*, expressa, com mais precisão, a *continuidade* ou *frequencia* da acção do que o antecedente, que, entretanto, melhor exprime a *actualidade*:

Andar fallando ou a fallar, andar trabalhando ou a trabalhar, andar lendo um livro (cf. estar lendo um livro).

A *voz passiva* forma-se do mesmo modo que a do antecedente:

Ando lendo livros, livros andam sendo lidos, andam-se lendo livros.

3.º IR. — Com este verbo e o *gerundio* de outros formam-se periphrases verbaes, que indicam o começo de acção, a que chamam os grammaticos *voz* ou verbo periphrastico *inchoativo* (lat. *inchoare* = *começar*):

Ir apprehendendo, ir crescendo, ir vencendo as difficuldades, ir ganhando fama.

A *voz passiva* fórma-se como a dos antecedentes:

Vou vencendo as difficuldades = as difficuldades vão sendo vencidas por mim, e vão-se vencendo as difficuldades.

Além destas fórmas analyticas, vieram-nos do latim fórmas syntheticas *inchoativas* com o suffixo inchoativo *-scer* (← *escere*), *-ecer*: *florescer* (← *florescere*) = *começar a florir, embarbecer* = *começar a barbar; enriquecer* (cf. *enricar*), *amanhecer, anoitecer, escurecer, envilecer, entristecer.*

A noção inchoativa dessas fórmas syntheticas é, na actualidade da lingua, attenuada ou obscura; dahi certa neces-

sidade de clarear a idéa inchoativa com o reforço das fórmas analyticas:

A seara vae amadurecendo, vae amanhecendo, elle foi empobrecendo até final miseria.

4.º VIR. — Entra este verbo em composição com o *gerundio* de outros ou delle proprio para formar verbos periphrasticos de acção *começada* e *continuada*, formando a synthese das duas noções *inchoativas* e *frequentativa*:

O navio vem chegando ao porto, ha muito vem elle dissimulando seus intentos, o dia vem vindo.

Com o *infinito* regido da prepos. *de*, fórma elle uma periphrase verbal indicativa de acção recente:

O correio vem de chegar — Ho esforçado Polendos, que era capitã da galee, que vinha de correr e atravessar todolos mares (Palm. I. 42).

5.º FAZER. — Com o *infinitivo* puro de outros verbos ou delle proprio, fórma este verbo locuções verbaes ou verbos periphrasticos *factitivos*: *fazer seccar*, *fazer enxugar*, *fazer* fazer (*o mestre fez ao alumno fazer o que devia*).

6.º TER E HAVER. — Como já vimos, auxiliam estes verbos a outros e a si proprios no infinito regido da prepos. *de*, na formação de conjugações periphrasticas, communicando a todos os tempos a idéa de futuridade, chamadas por isso *linguagens projectadas*, p. ex.: *tenho de estudar* e *hei de estudar*, *tinha de estudar* e *havia de estudar*, etc.; *tenho de ter* ou *de haver*, e *hei de haver*, etc. Nas conjugações ou verbos periphrasticos assim formados differencia-se o *futuro obrigatorio*, auxiliado pelo verbo *ter*, do *futuro promissivo*, auxiliado pelo verbo *haver*.

No v. port. dos cancioneiros, o infinitivo era frequentemente regido da prepos. *a*, hoje archaica, e o verbo *ter* só mais tarde apparece em concorrencia com *haver*. Exs.:

Que avias a veer... non avedes muito a viver (C. Arch. 51) —

Senhor, que grav'-oj' a mi é
de m'aver de vos a partir. (Chrest. Arch. 231).

Vou m'eu a la corte morar:
por vos, u for, ei a penar (Ib. 238).

Que coita (pena) tamanha ei a sofrer
por amar amigu' e non o veer! (Ib. 311).

Se quer, Senhor, tanger bem,
Ha de haver mister terceiros (C., Obrs. 3. 140)

Obs. I. Ainda hoje apparece esporadicamente em bons escriptores essa periphrase com o verbo *haver* sem a regencia da prepos. *de*, como acontecia com a v. ling., apesar de tachada de *solecista* por alguns. — Non foi u ir avia (C. Arch. 272) — Havia deixar (C., O rei Seleuco) — Não havia faltar entre tantar opiniões quem désse o seu voto (A. V.)

Havia-lhe perguntar:
Senhora, de que comeis? (C., Obrs.)

Obs. II. A proposição *de* incorpora-se no verbo *haver* na pronuncia de tal modo que persiste ainda quando soffra ellipse o infinitivo ou se interponha pronome obliquo: "O que hei-de, lá isso hei-de, é rezar uma coroa (A. H., Mon. 2, 167).

Renunciava o metal.
Qu'em rifãezinhos como estes
Ha-se de pôr tal como tal. (C., Obrs. 3. 77).

MODOS

695. INDICATIVO. O *indicativo* é o modo da realidade, verbal se realiza, ou são "o aspecto geral em que ella se apresenta". Cinco são os *modos tradicionaes* — INDICATIVO, CONDICIONAL, IMPERATIVO, SUBJECTIVO e INFINITIVO. Estes, excepto, o *condicional*, que é uma creação romanica, nos vieram do latim.

Estes cinco modos podem reduzir-se a dois — o *finito* ou *definito*, e o *infinitivo*, *infinito* ou *indefinito*.

695. INDICATIVO O *indicativo* é o modo da realidade, como diz Darmesteter; "exprime elle um facto real, um juizo affirmativo ou negativo, sob a fórma positiva ou negativa, nos diversos momentos da duração".

O seu uso era mais geral no portuguez classico e anteclassico do que modernamente. No progresso analytico da lingua o subjunctivo foi-lhe invadindo a esphera, e hoje empregamos este modo onde antigamente preferiam aquelle: "*Que os havia de afogar a todos elles e aos montes, e ao mundo, se se não emendavam* (A. V., ap. *Serões*, 410); *se se não emendassem*, diremos hoje.

696. CONDICIONAL. Impugnam Adolpho Coelho e outros o caracter modal do condicional. De facto, oriundo do imperfeito do *indicativo* (*amare* = *habebam* ⇒ *amaria*), como ficou demonstrado na Morphologia, é elle mais um tempo do indicativo, do que talvez um modo verbal. E' esta a razão por que os seus tempos são frequentemente substituidos ora pelo *imperfeito*, ora pelo *mais-que-perfeito* do indicativo. Exs.:

Se a inveja fosse tinha, muita gente era (seria) careca (Prov.) — Na quarta parte nova os campos ara ; e se mais mundo houvera (houvesse), lá chegara (chegaria) (Lus. 7. 14) — Eu se fosse a senhora, atirava paixões p'ra trás das costas, punha um luctozinho d'anno, por decencia, e, entretanto, ia-me piano, piano, buscando outra fortuna (A. C., Faust.) — Se você vem mais cedo, via coisas bonitas, ou se você tem vindo ou tinha vindo... (J. Moreira).

697. IMPERATIVO. E' o imperativo "o modo da necessidade". Elle exprime a ordem e o commando, ou o desejo e a supplica. O tom de voz é o que discrimina entre esses varios sentimentos, p. ex.: *Parti* (eu ordeno), *parti* (eu desejo), *parti* (eu supplico).

O latim possuia dois tempos no imperativo — um *presente* e o outro *futuro*. O *presente* possuia apenas a 2.ª pess. do singular e a 2.ª do plural: *ama* = *ama, amato* = *amae;* o futuro possuia a 2.ª e 3.ª pess. do singular, e a 2.ª e 3.ª do plural: *amato, amato* = *ama, ame elle, amatote, amanto* = *amae, amem elles.*

Só a fórma do *presente* passou para o portuguez, que o emprega ora com o seu valor proprio, ora com valor de *futuro*, v. gr.: *Faze isto agora, faze-o quando puderes.*

Frequentemente emprega o portuguez o presente do subjectivo pelo imperativo, e isto não só para supprir a 1.ª e a 2.ª pess., que lhe faltam, mas ainda para abrandar a força imperiosa deste modo, tornando-se dest'arte o presente do subjunctivo a miudo, um *imperativo brando*, em todas as pessoas grammaticaes, p. ex.: *Faça eu isto, faças tu, faça elle ou você, façamos nós, façaes vós, façam elles.* Esta substituição é de rigor, nas phrases negativas, pois o

genio da lingua repelle o imperativo negativo: *não faças isto, não façaes isso,* e nunca — *não faze isto, não fazei isso.* Mais adeante, tractando dos *tempos,* estudaremos estas substituições.

698. SUBJUNCTIVO. "O subjunctivo é o modo da possibilidade". E' chamado *conjunctivo* por isso que apparece na phrase quasi sempre em conjuncção com o verbo de outra proposição, de que depende, e tambem *subjunctivo* (*sub-junctus* = *posto abaixo*) por estar, em regra, na proposição subordinada: *Duvido que elle venha.*

699. SUBJUNCTIVO INDEPENDENTE. Apesar de seu caracter subordinado, apparece, entretanto, o *subjunctivo* em certas proposições simples ou independentes nos seguintes casos:

1.º Com o valor de *imperativo*:

Cumpra elle ou você o seu dever e será acceito —Não faças mal a ninguem.

2.º Para indicar *concessão*:

Seja como queres, vá e aconteça o que acontecer.

3.º Com valor *optativo*, para indcar *desejo*:

Seja feliz — Bons ventos o levem! — Viva a patria! — Me mellem se eu entendo este doutor (A. H.).

700. SUBJUNCTIVO NAS CLAUSULAS SUBORDINADAS. Nas proposições complexas, o subjunctivo da subordinada exprime *duvida* ou *incerteza;* desde que, porém, a subordinada encerre uma declaração positiva, de accordo com a natureza do verbo da subordinante, é o *subjunctivo* substituido pelo *indicativo*, Exs.:

Subjunctivo	Indicativo
Duvido que venhas	Sei que vens
Receio que vá	Declaro que vae
Quero que fique	Penso que fica
Aconteceu que chegasse	Aconteceu que chegou
Digo que faça	Digo que faz
Ignoro que seja rico	Sei que é rico
Não é evidente que aconteça	E' evidente que acontece
Não vejo como elle possa	Não vejo como elle póde
O operario que trabalha, ganha sua vida	O operario que trabalhe, ganha sua vida
Mostra-me um caminho que conduza ao Céo	Mostra-me o caminho que conduz ao Céo
E' o melhor homem que se possa achar	E' o melhor homem que se póde achar
E' o unico que possa dar	E' o unico que póde dar
Ide para onde quizerdes	Ide para onde quereis
Como tivessemos sahido, não nos encontrou	Como tinhamos sahido, não nos encontrou
Procurou, até que encontrasse	Procurou, até que encontrou
Não é que o desejemos	Não é que o desejamos
Contente serei, si ficardes	Contente serei, se ficaes
Se fizeres, sahirei	Se fazes, saio

Obs. Em certas clausulas introduzidas por *quem* prevalece o subjunctivo: ex.: "Muitas leis sem haver quem as guarde, são grandes livrarias sem leitores" (Bluteau, ap. E. Dias) — "Ha quem dê por falsa a historia... (A. C., ib.) — "Ha quem pense que a historia serve... (A. V., ib.) — Entre os classicos, entretanto, não é raro o indicativo; ex.: ... houve quem louvou (A. V., I. 462, ap. E. Dias) ...ouve quem lhe ouvio dizer... (Souza, ib.).

701. Devido ao desenvolvimento do espirito analytico, e não á influencia franceza, como querem alguns, é actualmente mais empregado o modo subjunctivo, do que o era no periodo classico e ante-classico. Em muitas phrases, em que, até Vieira e Bernardes, a lingua preferia o *indicativo*, tem hoje preferencia o *subjunctivo*. Exs.:

Prometteu-lhe ser sua mordoma, se lhe dava saude (se lhe désse) (Souza, ap. Serões 410) — E' possivel que havemos de fazer tanto pela vida temporal (A. V., ap. Serões 434).

702. INFINITO. O *infinito* é constituido pelas *fórmas nominaes* do verbo: é mais um nome verbal do que um modo de acção. — Exs.:

Vêdes vós todo aquelle bolir, vêdes todo aquelle andar, vêdes aquelle concorrer ás praças e cruzar as ruas; vêdes aquelle subir e descer as calçadas, vêdes aquelle entrar e sahir sem quietação sem socego? Pois tudo aquillo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer (A. V., S. 44).

703. As fórmas nominaes do infinito. As fórmas nominaes simples do infinito são: o *presente*, o *participio* e o *gerundio*.

a) O *presente* tem valor de *substantivo*, e como tal é frequentemente tractado na phrase: *um sabio parecer, um bello fallar, o continuo murmurar, o poder, o prazer, o saber*.

O *presente* do infinito, assim substantivado, póde ser tractado inteiramente como substantivo, ou póde-se-lhe deixar o valor regencial de verbo, p. ex.: *o passar da ponte* e *o passar a ponte, o relator dos factos* e *o relatar os factos, o cahir das folhas* e *o cahirem as folhas, o pôr do sol* e *o pôr o sol, o despontar a alva, o desejar da felicidade* e *o desejar a felicidade, o escrever da historia* e *o escrever a historia*.

b) O *participio* funcciona como *adjectivo* e o *gerundio* como *substantivo*. De seu valor syntactico tractaremos mais adeante.

c) Muitas palavras classificadas entre os substantivos e adjectivos não são mais do que fórmas verbaes infinitivas, que mudaram de categoria pela frequencia com que eram empregadas como nomes, taes são: — *poder, dever, haveres, viveres, salvo, escuro, obscuro*, etc.

704. Infinitivo puro e preposicional. A fórma typica infinitiva, chamada *presente do infinito* ou *infinitivo presente*, está, em geral, na phrase, subordinada a um verbo regente, a que em latim se prendia directamente, de sorte que se apresentava sempre *puro*, não *preposicional*, isto é, não regido de *preposição*. Na passagem do latim para o portuguez, operou-se uma mudança neste sentido, e muitos infinitivos passaram a ser regidos de preposição. Quer isto dizer que seu caracter de substantivo se torna proeminente na nova lingua.

705. INFINITIVO PURO. Após certos verbos que exprimem — *declaração, desejo, affecto,* etc., conservou o portuguez a tradição latina no *infinitivo puro,* taes os verbos — *declarar, crer, saber, imaginar, querer, desejar, sentir, estimar*: *declaro estar contente, creio irem elles, sei cumprir meus deveres, quero ficar, sinto andarem as coisas ás avessas.* Estes infinitivos puros, regidos por taes verbos, constituiam as orações infinitivas caracteristicas do lat. class. *Democritus dicit innumerabiles esse mundos* (Cic.) = *diz D. serem innumeraveis os mundos.* O port. adquire a faculdade, extranha ao lat. literario, de reduzir essas orações do modo infinito ás orações do modo finito, introduzidas pela conjuncção *que*: *declaro que estou contente, creio que elles vão, sinto que andem as coisas ás avessas.*

Veio-nos esta faculdade de reducção, que dá maior variedade á phrase vernacula, da b. latinidade, pois ahi já se encontram construcções, como esta — *non scio quod dicam.* Esta reducção, porém, não é possivel com os verbos — *poder* e *dever,* que, seguidos do infinitivo, se constituem auxiliares de *modo* e formam *conjugações periphrasticas*: *posso fazer, podia fazer, tenho podido fazer,* etc., *devo estudar, devia estudar, deverei estudar,* etc.

Obs. E' de notar que nestas conjugações periphrasticas com o verbo *dever,* são inusitados os tempos compostos com o participio *devido — eu tenho devido estudar.* é raro o preterito — *devi estudar, devo estudar.*

706. INFINITO PREPOSICIONAL. Rompendo com a tradição latina, o port., e, com elle, as outras linguas romanicas admittem o infinitivo preposicional (*lembro-me de ter lido = memini me legere*). Quando em lat. apparecia a preposição, o verbo ia para o gerundio: *potestas liberandi captivos a vinculis = o poder de libertar os captivos das prisões, sapientia est ars vivendi = a sabedoria é a arte de viver.*

Desenvolveu-se, porém, no *romance* largamente o infinitivo preposicional, maxime com a prep. *de* e *a,* de que dão testemunho os textos archaicos do portuguez, como vimos na regencia.

Tempos

707. Tempos do verbo são as diversas *épocas* em que se póde realizar a acção por elle expressa.

Os tempos verbaes apresentam dois aspectos syntacticos distinctos, que se referem á *fórma* e ao *valor significativo*.

I. Tempo em relação á fórma.

708. Em relação á fórma, os tempos dividem-se em dois grupos que ideologicamente se correspondem: tempos *simples* e tempos *compostos*.

Já vimos na Morphologia que as linguas romanicas, em seu movimento analytico, crearam, ao lado de cada tempo simples da conjugação latina, um tempo composto como os verbos *ter* e *haver*, transformados de verbos *concretos* em verbos *abstractos* ou *auxiliares*, como se vê em seguida:

Amo — tenho ou hei amado
Amava — tinha ou havia amado
Amei — tive ou houve amado
Amara — tivera ou houvera amado
Amarei — terei ou haverei amado
Amaria — teria ou haveria amado
Ama — tem amado
Ame — tenha ou haja amado
Amasse — tivesse ou houvesse amado
Amar — ter ou haver amado
Amando — tendo ou havendo amado

II. Tempos em relação ao seu valor significativo.

709. Os tempos indicam as diversas épocas da duração, em que se realiza a acção verbal, e, como são trez essas épocas, que correspondem ao tempo em que se falla, ao anterior e posterior a este, segue-se que são os tempos *fundamentaes* — o *presente*, o *passado* e o *futuro*.

Cada um desses tempos fundamentaes offerece aspecto secundario e empregos varios, que passamos a estudar.

Antes, porém, releva observar que as diversas épocas da duração, expressas no *presente*, *passado* e *futuro*, só se fazem sentir com rigor no modo *indicativo*. Nos outros modos a noção de tempo é mais determinada pelas circumstancias da phrase, do que pela fórma verbal.

710. TEMPOS DO INDICATIVO. O modo *indicativo*, como já nos dá a entender o seu nome, é o modo da realidade, os seus tempos indicam épocas definidas da acção verbal como *presente*, *passado* e *futuro*.

1. PRESENTE. O *presente* exprime a acção verbal no momento em que se faz, no acto da palavra: *escrevo*, *estudo*. Sendo momentanea a acção, é ella indivisivel: não é *perfeita* ou acabada, nem é *imperfeita* ou inacabada, é *actual*.

Sem embargo de seu valor actual, póde o *presente* do indicativo, por extensão, indicar o *passado* e o *futuro*, bem como um facto permanente nas trez épocas.

a) Indica o *passado*, quando o narrador, querendo tornar a acção mais viva, se transporta em espirito ao passado e descreve os factos como se presentes fossem, p. ex.: "Assume Caxias o commando das tropas, ataca o inimigo, vence-o, e põe termo á prolongada guerra".

b) Indica o *futuro*, quando queremos expressar com mais segurança um facto a realizar-se em futuro proximo: *Eu lá vou daqui a pouco, parto para a Europa no proximo paquete. — No sabbado vou a Val-de-Lobos, a ver se o campo me restitue o antigo vigor* (A. H., C. 3.66).

c) Indica uma verdade permanente, um facto que se realiza em qualquer das épocas da duração:

O mal existe — asno com lome bugalhos come — o homem vive, lucta e morre — Na vida são os Mecenas que douram com os brilhos mundanos, que lhes sobejam, os louros altivos dos Vergilios ; na morte são os Vergilios, que illuminam e perpetuam com os reflexos de sua gloria os vultos secundarios dos Mecenas (L. C.) .

8. PASSADO. O tempo *passado* é a época indefinida anterior ao acto da palavra. E' elle divisivel, porque a acção passada póde ser considerada nos diversos momentos da duração com relação ao maior ou menor afastamento do acto da palavra, e, ainda, com relação a um outro facto, a que a acção verbal é contemporanea ou anterior; dahi a subdivisão do passado em — *perfeito*, *imperfeito* e *mais-que-perfeito*.

Do latim recebemos estes trez aspectos secundarios do passado, a que demos, com a creação das fórmas compostas ou periphrasticas, mais precisão analytica.

I. PERFEITO. — *Perfeito*, como sôa a palavra (*per* + *feito, per* com valor intensivo), designa a acção, verbal *feita, acabada*. Passado *perfeito*, ou *preterito perfeito*, como mais geralmente se chama, é, pois, o tempo que indica uma acção completa no acto da palavra.

Porém, o espirito romanico, em sua evolução analytica, discriminou nesse preterito perfeito dois aspectos, a que os grammaticos francezes chamam *preterito definido* e *preterito indefinido*.

a) *Preterito definido* ou *definito* é o passado absoluto, expresso pela fórma simples, recebida do latim: *comi* (*comedi*), *amei* (*amavi*). A acção é nelle representada como tendo origem e conclusão em um momento no passado sem outra relação com o presente se não a de simples anterioridade.

b) O *preterito indefinido*, porém, exprime uma acção que não só é anterior ao presente, mas cujos resultados duram até o presente: *tenho comido laranjas, tenho lido o livro, tenho dicto = tenho acabado de fallar neste momento, tenho chegado neste instante, hei concluido neste momento*. Esta relação com o tempo actual lhe é dada pela propria fórma de auxiliares (*tenho* e *hei*, pres.), e sugegre naturalmente uma certa continuidade de acção.

A esta theoria dos dois tempos, que corresponde ao seu genio historico, conserva-se ainda fiel o portuguez, onde é clara a distincção entre — *comi pão* e *tenho comido pão*. O francez moderno, porém, como observa Darmesteter, os tem confundido, e á fórma composta (*passado indefinido*) dá o sentido absoluto da fórma simples (*passado definido*), p. ex.: *j'ai mangé mon pain*, cujo sentido não é (como devera ser) — *tenho comido meu pão, mas — comi meu pão*. Apenas resiste, mantendo a distincção historica entre esses dois passados, o francez literario, que prolonga artificialmente, no dialecto culto, o valor de um tempo votado ao esquecimento no uso vivo da lingua.

Faz-se mister, portanto, na traducção do francez, verter a fórma composta pela simples em portuguez, salvo quando algum adverbio ou circumstancia da phrase vier suggerir o sentido primitivo da fórma periphrastica.

II. IMPERFEITO, como sôa a palavra (*in* + *per* + *feito* = *não feito*) designa a acção verbal não feita, inacabada. *Passado* ou *preterito imperfeito* é, pois, o tempo que enuncia uma acção *passada* quanto ao acto de palavra, e *contemporanea* a um outro facto, expresso ou não (ordinariamente expresso) na phrase, p. ex.: *Partia o trem, quando cheguei.* A partida do trem, passada em relação ao acto da palavra, ao momento em que fallo, é, entretanto, contemporanea ao facto de minha chegada á estação. Se se quizer dar mais calor á phrase, levar-se-á o segundo verbo ao imperfeito: — *Partia o trem, quando eu chegava á estação.* Neste caso, a reciproca contemporaneidade dos dois factos verbaes, passados ambos em relação ao acto da palavra, é vivida ou intencionalmente enunciada.

a) O *preterito imperfeito*, é, por conseguinte, um tempo de *dupla relação*: relaciona-se como *passado* ao acto da palavra, e, como *presente*, a um acontecimento no passado; é, como diz Brunot, um *presente* no *passado*.

b) Além deste sentido primordial, evolveu-se um outro analogo, que consiste em exprimir um *facto habitual*, uma *acção frequente*:

Os antigos deitavam-se cedo e levantavam-se de madrugada, e eram, por isso, robustos e alegres — O doente estava abatido e o medico o animava — Em sua mocidade, era elle pobre.

c) Finalmente, um terceiro emprego do *preterito imperfeito* se nos offerece, mui commum entre os classicos quinhentistas e seiscentistas, e que ainda hoje encontra apoio em bons escriptores e no fallar commum, consiste elle no emprego deste tempo pelo *imperfeito do condicional*:

Se elle viesse, eu sahia (sahiria) — Se no outro mundo não houvera inferno, e neste mundo não houvera justiça, era (seria) muito bom (A. V.).

Um tal phenomeno explica-se pela affinidade lexicoge-

nica do imperfeito do condicional com o imperfeito do indicativo, visto ter aquelle sua origem neste, bem como pela affinidade ideologica com o lat. class. Em lat., o sentido de nome condicional era expresso pelo *imperfeito* e *perfeito* com verbos designativos de obrigação ou possibilidade:

Pompeius erat diligendus = dever-se-ia escolher Pompeu — Deleri exercitus potuit = o exercito teria podido ser destruido.

III. MAIS-QUE-PERFEITO e PERFEITO ANTERIOR. Intima é a relação entre o *mais-que-perfeito* (*tinha estudado* ou *estudara*) e o *perfeito anterior* (*tive estudado*), e subtil é a differença entre elles, de modo que a lingua os confundiu, obliterando-se o segundo no uso moderno.

a) O *mais-que-perfeito*, quer em sua fórma simples (*estudara*), quer em sua fórma composta (*tinha estudado*), enuncia uma acção duplamente passada (é um tempo de dupla relação): passada em relação ao acto da palavra e passada, ainda, em relação a um outro facto expresso na phrase ou subentendido: *Eu tinha concluido* (*ou concluira*), *quando elle chegou.*

b) O *perfeito* ou *preterito anterior* enuncia tambem uma acção duplamente passada, é egualmente um tempo de dupla relação, porém differença-se do *mais-que-perfeito* em indicar a acção passada recentemente ao facto enunciado na phrase: *Eu tive concluido a leitura, quando elle chegou.* A chegada delle foi immediata á conclusão da leitura, ao passo que esse caracter recente não se deduz do *mais-que-perfeito*: *Eu tinha concluido a leitura, quando elle chegou.*

O *preterito anterior* subsiste em francez, porém em portuguez apenas apparece e raramente na linguagem literaria. Temo-lo substituido pelo *mais-que-perfeito* e, mais commumente, pelo perfeito simples: *Conclui a leitura, quando elle chegou.* De um outro processo dispõe a lingua para exprimir o sentido do desusado *preterito anterior*, que consiste em dar ao verbo *ter* valor concreto e ao participio variavel valor de adjectivo: *Eu tive concluida a leitura, quando elle chegou.*

No v. port. era de largo uso o preterito anterior, e hoje só esporadicamente é elle encontrado em alguns escriptores modernos, que procuram, na assidua conversação dos classicos, reagir contra o esquecimento de termos e expressões antigas. Exs.:

Despois que Hercolles *ouve feyta* aquella duas ymagees... ouve sabor de veer toda a terra d'Espanha (T. Arch. 45) — Tanazinha como houve feito o sinal da cruz, non viu omen nem molher na nao nen no leito (C. Arch. 59) — E quando o omen isto teve feito, falou a el-rei (Ib. 60) — E depois que lhes esto ouve dito, desapareceo-lhes (Ib. 110) — Despois que el-rei teve falado com João Fernandes tudo o que lhe cumpria... fel-o tornar encobertamente (F. Lopes, C. de D. Fernando, 7).

Obs. O *mais-que-perfeito* simples tende a desapparecer do uso vivo da lingua, supplantado pela fórma composta, e a restringir-se ao dialecto literario. No Brasil já é desconhecido no fallar do povo, porém resiste ainda em Portugal.

3. FUTURO. O *futuro*, conforme o seu etymo (*futurus = o que ha de ser*), exprime a acção em um tempo por vir. Possue elle duas fórmas, uma *simples* (*amarei*) e a outra *composta* (*terei amado*). A fórma simples (*historicamente composta = amare + habeo = amar + hei = amarei*) é chamada *futuro imperfeito*, porque indica mera futuridade, enuncia uma acção realizavel, contemporanea, ás vezes, com um outro facto a realizar-se: *Irei*, ou *irei quando elle vier*.

A fórma composta é chamada *futuro perfeito*, por isso que enuncia um facto anterior a um outro mais afastado, procede dessa circumstancia a razão dos diversos nomes com que é conhecido em grammatica — *futuro perfeito*, *anterior* ou *passado*: *terei* ou *haverei amado*.

Em sua fórma simples, tem o *futuro* duas applicações secundarias:

a) Pelo imperativo, em prescripções ou mandamento:

Amarás o teu proximo como a ti mesmo, não furtarás, não matarás.

b) Para exprimir duvida ou affirmação attenuada:

Elle é homem de bem. Será ou não — Não sei se acabará a guerra este anno — Esse será o sentido de suas palavras.

Obs. Por arrojo de linguagem, para exprimir a segurança absoluta de um facto que se ha de realizar, póde o futuro ser expresso pelo *preterito perfeito*:

Se resistir uns dois mezes,
Affirmo lhe que *escapou* (A. C., O. D., 192).

711. Tempos do imperativo. O *imperativo*, por sua propria natureza, só tem por esphera de acção o *presente* e o *futuro*, e para essa dupla esphera, possue uma só fórma temporal para a 2.ª pess. do sing. e do plur. O latim, como vimos, dispõe de duas fórmas: uma para o *presente*, e a outra para o *futuro*. O portuguez adoptou aquella e rejeitou esta.

712. Presente e futuro. Com a unica fórma derivada do presente latino (*ama, amae — ama, amate*) exprime o portuguez as duas épocas — o *presente* e o *futuro*, e quando queremos frisar o futuro, recorremos a adverbios, locuções ou clausulas adverbiaes: *Faze amanhã o que te digo — Cumpre para o futuro o teu dever — Obedece, quando fores chamado.* De sorte que o unico tempo que possue o imperativo é *presente*, quanto á sua origem etymologica, e póde ser *presente* ou *futuro*, quanto á sua significação.

713. Os tempos do *imperativo* podem ser substituidos:

a) Pelo presente do subjunctivo, não só quando queremos supprir a 1.ª e 3.ª pess., que lhes faltam, mas quando queremos attenuar o seu rigor:

Cumpra o seu dever, cumpramos o nosso dever, aconteça o que acontecer — Faça o favor de ouvir-me — Attendam ao meu direito.

No v. port. é frequente esta substituição na 2.ª pess. Exs.:

Sejaes benta do Senhor (G. V., Obrs. 2. 39).

Venhais muito embora meu Rei sabedor,
Venhais muito embora, Rainha esmeralda,
Venhais muito embora, corte desejada
Venhais com a benção de nosso Senhor (Id. ib. 293).

Venhais embora, Fernando!
Eu t'esperarei á portella. (Id. ib. 1. 135).

b) Pelo *presente do subjunctivo* ainda, e isto de rigor, nas phrases *negativas*, visto não admittir o port. imperativo negativo:

Não faças o mal, não digas mal de teu proximo, não julgueis e não sereis julgado.

c) Pelo *futuro imperfeito*, quando queremos enunciar preceitos em tom categorico:

Não matarás, não furtarás, não cubiçarás, não dirás falso testemunho, honrarás teu pae e tua mãe, amarás a teu proximo como a ti mesmo.

d) Pelo *presente do infinitivo*, quando queremos enunciar vagamente nossas ordens e desejos:

Direita volver! por — A' direita volvei! — Passar bem, por — passae bem! — Carregar! — Descançar!

714. Tempos do condicional. Relacionados etymologicamente ao *imperfeito do indicativo*, os dois tempos do condicional, a elle se prendem tambem ideologicamente. E por isso são frequentemente substituidos pelo *imperfeito* e *mais-que-perfeito* do indicativo, como veremos.

715. Emprego dos tempos do condicional.

a) A noção de tempo é muito vaga tanto na fórma *simples* (*amaria*), como na *composta* (*teria amado*), se bem que nesta se possa discernir mais claramente a noção do *passado perfeito*. Os dois tempos apresentam-se, em geral, como um *futuro no passado*. Quando dizemos *julgava que elle viria*, a acção de julgar é passada, a de *vir* é futura em relação a ella, e ambas são passadas em relação ao acto da palavra. O mesmo se póde dizer, *mutatis mutandis*, a respeito da fórma composta: *Julgava que elle teria vindo.*

b) A's vezes, em vez de preterito, traz a idéa de *futuro*: *Creio que viria elle amanhã, se fosse chamado.*

c) A's vezes, ainda, traz a idéa de *presente*, de actualidade: *Eu fallaria agora mesmo, se me fosse permittido.*

d) Entre os classicos quinhentistas e seiscentistas era

frequente empregar-se o *mais-que-perfeito* na fórma simples e na composta pelos tempos do condicional, e, neste caso, geralmente, o verbo da oração condicional punha-se no mesmo tempo: *Se fôra nobre, eu o fizera,* (se fosse nobre, eu o faria); *se tivera sabido, t'o houvera dicto* (se tivesse sabido, ter-te-ia dicto). Ainda hoje na linguagem literaria, em se tractando de assumpto elevado, não raro se emprega o *mais-que-perfeito* pelos dois tempos do condicional, conservando ou não o imperfeito do subjunctivo: *Se o nobre deputado fôra* (ou fosse) *menos partidario, fallára com mais justiça.* A vigencia deste uso tem levado os grammaticos a incluir o *mais-que-perfeito* do indicativo como 2.ª fórma dos tempos do condicional e do imperfeito do subjunctivo. Exs.:

> Vendo o triste Pastor que com enganos
> Assim lhe era negada a sua Pastora,
> Como se a não tivera merecida;
> Começou a servir outros sete annos,
> Dizendo: Mais *servira,* se não *fôra*
> Para tão longo amor tão curta a vida (C., Obrs. 2. 19)

> Oh! quem tornar pudéra a ser nascido!
> Soubera-me lograr do bem passado,
> Se conhecer soubera o mal presente (Id., ib. 19).

e) O *imperfeito* substitue constantemente os tempos do *condicional,* que, aliaz, se prendem áquelles por affinidade etymologica: *Eu ia, se me convidassem,* por — *Eu iria, se me convidassem.*

716. Tempos do subjunctivo. O subjunctivo é o modo da possibilidade, e, por isso, seus tempos devem encerrar em si uma certa idéa de futuridade, a despeito de seu valor particular de *presente, passado* e *futuro.*

Além disso, em virtude do caracter geral de subordinação, que distingue o modo, seus tempos figuram, em regra, nas clausulas subordinadas em relação de concordancia com o verbo da clausula principal. Esta feição de futuridade e correspondencia póde-se ver nos exemplos abaixo, onde os tempos do subj. de *temer* correspondem a tempos do fut. de *affirmar*:

Pres. :—temo *que venha*
Perf. :—temo que *tenha vindo*
Imp. :—temia *que viesse*
Fut. imp. :—affirmo *que virá*
M.-q.-perf. :—temia *que tivesse vindo.*
Fut. imp. :—affirmo *que virá*
Fut. perf. :— affirmo *que terá vindo*
Imp. condic. : — affirmava *que viria*
Perf. cond. : — affirmava *que teria vindo*

717. O *futuro do subjunctivo* desdobra-se nas duas concepções da acção verbal — *imperfeita* e *perfeita*. O futuro imperfeito é simples (*vier*) e o perfeito composto (*tiver vindo*).

718. Apesar da indole dependente do subjunctivo, emprega-se muitas vezes o *presente* e o *imperfeito* deste modo em orações independentes, ora em sentido *imperativo*, ora em sentido *optativo*:

Levante-se — Bons olhos o vejam — Oh ! fossem elles felizes ! —

Venhais em tal hora como elle encarnou,
Venhais em tal hora como elle nasceo,
Venhais em tal hora como elle esclareceo
Aquella manhan em que resuscitou (G. V., Obrs. 2. 293)

Que formosa caravela !
Quem fosse o capitão della ! (Id. ib., 304).

Infinitivo

719. Apesar da indole dependente do subjunctivo prehendem — o *presente*, o *perfeito*, o *participio perfeito*, o *participio imperfeito*, o *gerundio*. Todos esses, porém, são fórmas nominaes do verbo, em que a noção de tempo é vaga e indefinida.

720. O PRESENTE E O PERFEITO DO INFINITO. O presente do infinito é a fórma typica do verbo, que assignala pela sua desinencia a conjugação a que elle pertence. E' com o perfeito, uma fórma *nominal*, e como tal é obscura em ambos a noção de tempo, embora, em geral, indique um o *presente* e o outro o *passado*.

721. O INFINITO PRESENTE E PERFEITO REGIDOS DE PREPOSIÇÃO. Como nome verbal, podem estas duas fórmas do

infinit. ser regidas de *preposição;* entretanto, apesar de seu caracter nominal, apresentam-se ellas em certas phrases regidas de *conjuncção*, p. ex.:

Não ha como trabalhar, não sabe elle como sahir deste aperto, não tem que fazer, não sei que dizer, não ha que ver, tem que fallar, não tem comer, dá muito que pensar — que fazer?

Repugnando tal anomalia, visto que as particulas conjunccionaes teem por funcção caracteristica ligar proposições no modo finito, suppõem muitos uma ellipse, e analysam:

Não ha como ha trabalhar, elle sabe como póde sahir desta difficuldade, não tem coisa que possa fazer, não ha coisa que possa ver, tem coisa que póde fallar, não tem coisa que possa comer, etc.

E' inutil a supposição de taes ellipses, ainda mesmo que a evolução historica pudesse justificá-las, pois a lingua já dellas não tem consciencia, e as excepções nunca destruiram a regra. Tal regencia são, pois, factos excepcionaes, que se fixaram na lingua.

722. CORRESPONDENCIA DO INFINITIVO PRESENTE. A noção do tempo no chamado *presente do infinito* é vaga, e póde corresponder ás diversas épocas e modo nas clausulas subordinadas, conforme a natureza e tempo do verbo regente. Torna-se isto evidente fazendo-se a *reducção* da oração infinitiva para a do modo finito, como se vê em seguida:

Elle affirma	estar	=	que está
„ duvida	estar	=	„ esteja
„ affirmava	estar	=	„ estava
„ duvidava	estar	=	„ estivesse
„ promette	estar	=	„ estará
„ prometti a	estar	=	„ estaria

Do exposto se vê que o infinitivo presente póde corresponder ao *pres.* e *imperf.* do indicativo e subjunctivo, ao *fut.* do indicativo, e ao *imperf.* do condicional.

723. CORRESPONDENCIA DO INFINITIVO PERFEITO. Por semelhante modo o *perfeito* tem as seguintes correspondên-

Elle affirma	ter estado	=	que	estava
„ duvidava	ter estado	=	„	tenha estado
„ affirmava	ter estado	=	„	tinha estado
„ duvidara	ter estado	=	„	tivesse estado
„ espera	ter chegado	=	„	terá chegado
„ esperava	ter chegado	=	„	teria chegado

Ahi se vê que o infinitivo perfeito póde corresponder ao *perf. e mais-que-perf.* do indicativo e subjunctivo, e ao *perf.* do condicional.

724. FLEXÃO PESSOAL DO INFINITO PRESENTE. Phenomeno singular deu-se em portuguez com este tempo do infinitivo: é a sua flexão pessoal.

E' este phenomeno extranho ao latim, bem como ás outras linguas neo-latinas, e só o possue o portuguez e o dialecto gallego, que, em tempos passados, era identico ao dialecto portugalense, que deu origem ao portuguez.

725. ORIGEM DA FLEXÃO PESSOAL DO INFINITIVO. Como se originou tal flexão verbal na faixa occidental da peninsula Iberica ?

Provavelmente esse *idiotismo do portuguez* teve origem na coincidencia morphologica do infinitivo (*amar*) com o futuro do subjunctivo (*amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem*), sob o impulso analytico, que regia a evolução dialectal das linguas romanicas. A analogia de fórma da 1.ª pess. do fut. com a fórma infinitiva, e a marcha progressiva da analyse phraseologica na traducção do pensamento teriam levado a lingua a indicar, pela flexão pessoal, o sujeito do infinito: — *amar* (eu), *amares* (tu), *amar* (elle), *amarmos* (nós), *amardes* (vós), *amarem* (elles). O movimento analytico é a tendencia para a clareza na expressão do pensamento, e a indicação do sujeito, no caso vertente, favorecido, aliaz, pela flexibilidade da conjugação vernacula, traz incontestavelmente poderoso subsidio para clarear o sentido da phrase, p. ex.: *Creio estar doente, creio estares doente, creio estarem doentes.* Um tal idiotismo dá decidida vantagem á nossa lingua sobre suas irmãs, tornando-a mais variada, concisa e clara.

726. DIFFICULDADES NO EMPREGO DO INFINITO PESSOAL. Nascido provavelmente da analogia morphica sob o influxo

de movimento analytico, o emprego do infinitivo pessoal tem resistido a todas as tentativas de rigorosa systematização. O uso classico é sobremodo vário, e offerece, a miudo, exemplos incongruentes, difficultando, se não impossibilitando, a inducção de leis ou regras, que sirvam de guia segura para os modernos escriptores. O uso classico evidentemente oscilla entre a immobilidade original do infinitivo presente e a flexibilidade extraordinaria do modo finito.

727. Emprego do infinito pessoal e impessoal. Do uso classico do infinito pessoal e impessoal um grammatico portuguez, Jeronymo Soares Barbosa, e um glottologo allemão, Frederico Diez, nos dão respectivamente duas regras, que até o presente nos teem servido de fio conductor no labyrintho do emprego do infinito pessoal.

I. Regras de Jeronymo Soares Barbosa.

728. *Jeronymo Soares Barbosa*, em sua *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, ou *Principios de Grammatica Geral*, escripta em 1803 e publicada em 1822, dá, á pag. 199, as seguintes regras e observações sobre o emprego do infinito pessoal e impessoal:

1.° Todas as vezes que o sujeito da oração regente é o mesmo que o da oração regida, usa a Lingua Portugueza do impessoal desta sorte: *eu quero fazer, tu quizeste fazer, nós queremos fazer.*

Não devia, portanto, dizer Camões:

E folgarás de veres a policia (Lus. XII. 72)

Nem:

...não te espantes
De a Baccho nos teus reinos receberes (Ib. XI. 15)

Devia dizer *ver, receber*, porque os sujeitos destes verbos regidos são os mesmos que os de seus regentes, *folgarás, espantes.*

2.° Emprega-se egualmente o *impessoal*, todas as vezes que lhe baste exprimir a coexistencia do attributo em um sujeito qualquer sem o determinar; e, então, é elle em-

pregado como substantivo verbal, que é, para todos os officios a que se prestam os mais nomes, servindo-se delle, já para *sujeito*, já para *attributo* da oração, como: *mentir é falta á verdade;* já para *complemento* objectivo de outro verbo: *não querer mentir;* já para *complemento* de varias preposições, como: *em mentir ha peccado; entre mentir e não mentir ha meio; sem mentir posso dizer: de mentir se passa a jurar falso; para mentir,* etc.

Usa-se do *pessoal*:

1.º Quando o sujeito do verbo infinito é differente do do verbo finito que determina a linguagem infinita, ou póde haver equivocação sobre qual é o de quem se falla, ainda que seja o mesmo. Então esta linguagem infinita para distincção dos dois sujeitos toma differentes terminações pessoaes, com as quaes se tira o equivoco. Por exemplo: *julgo seres tu sabedor, creio termos sido enganados. A haverem de chegar á manhã, está tudo preparado.*

2.º Quando a oração do infinito, ou como sujeito ou attributo de outro verbo, ou como complemento de alguma preposição, se toma em um sentido não já abstracto, mas pessoal, v. gr.: *o louvares-me tu me causa novidade. Para me louvares* com verdade farei aquillo de que me louvas. Os maus, *com se louvarem,* não deixam de o ser... Aqui ainda que o sujeito de ambas as orações pareça ser o mesmo, não o é. O pessoal *louvarem-se* era necessario para exprimir o sujeito, que reflecte sobre si a oração ou a reciproca com outro".

729. Taes são as celebres regras do illustre representante em Portugal da corrente philosophico-grammatical do sec. XVIII e XIX. Obedecendo á indole de sua eschola, estabelece elle regras e distincções, que, embora uteis, estão longe de se conformar com os factos no uso classico do infinito pessoal.

730. As REGRAS DE SOARES BARBOSA, cifram-se em:

a) Emprega-se o *infinito pessoal,* quando tem elle sujeito proprio, diverso do de seu verbo regente (julgo seres), e, quando empregado como sujeito ou predicado (attributo), lhe dermos sentido, não abstracto ou

vago, mas concreto ou determinado (*luctarmos é o nosso dever, facil é vencermos*).

b) Emprega-se o *impessoal*, quando tem sujeito identico ao de seu verbo regente (quero estudar), e quando empregado como sujeito ou predicado, o tomamos em sentido *vago* (*viver é luctar*).

II. Regras de Frederico Diez.

731. *Frederico Diez*, celebre philologo allemão (1784--1876), em sua admiravel *Grammatica das Linguas Romanicas* (1836-1843), em que estuda comparativamente as linguas neo-latinas, demonstrando a sua origem commum no tronco latino, assim se expressa sobre o idiotismo de nosso infinito flexionado (Tom. III, pg. 202):

"O portuguez apresenta um traço especial, que já se encontra nos mais antigos textos. Dá elle ao infinito, para designar relações pessoaes, uma flexão inteiramente *verbal*, mas como o provam as preposições, que o precedem, este modo não se torna por isso um verdadeiro tempo. Comtudo este infinito só se emprega no caso em que é possivel substitui-lo por um modo finito, onde, conseguintemente, elle póde eximir-se da relação de dependencia, que o prende ao verbo principal. E' indifferente que este infinitivo tenha sujeito proprio ou não. Exemplo em que o sujeito só pertence ao infinitivo: *tempo he de partires* (isto é, *tempo he que tu partas*); *Deos te dê o juizo para te remediares* (*para que te remedies*); *basta sermos dominantes* (*que somos dom.*); *não me espanto fallardes tão ousadamente* (*de que falleis*); *vio nascerem duas fontes* (*que nascião*). Exemplos em que o sujeito é commum aos dois verbos: *não has vergonha de ganhares tua vida tão torpemente* (*de que ganhas*); *todos são alegres por terem paz* (*porque tem*); *este não podeis achar sem me matardes* (*sem que me mateis*). Este infinitivo com flexão, como o infinitivo sem ella, unem-se ao pronome pessoal emquanto sujeito ou regimen, como se vê nas seguintes phrases: *não é necessario pedires me tu isso* (*que tu me peças isso*); *vimos as ursas banharem-se* (Lus. 5. 15). Se falha esta condição, se o infinitivo depende de auxiliares de modo, não se conjuga: *pudeste ouvir, sabes dar, queres crer*, da mesma maneira *parecem vencer, vereis vir, pretendem vingar-se*. Suppri-

me-se por vezes a flexão, quando por isso não soffre **a clareza** da phrase, p. ex.: *deves buscar outro modo para vos mays descansar* (por *descansardes*). Canc. Gen. II. 270; ás vezes flexiona-se arbitrariamente: *de morrermos desejando* (*desejando morrer*) I. 293; *nam cures de mays chorardes, ibid.* 289, e o contrario: *não cures de te queixar* (Rib. Egl. 3)".

732. Taes são as palavras do sabio allemão, que, mais que o grammatico lusitano, procurou, seguindo a corrente historica, a solução do intrincado problema, nos factos da lingua. Observa elle, ainda, em nota que o gallego conjuga tambem esse modo, e cita: *para sairem e entrarem* (Esp. sagr. XLL. 351. O hespanhol literario não possue esta faculdade, e Gil Vicente engnou-se, quando, escrevendo nessa lingua, disse: *teneis gran razon de llorardes vuestro mal* (II. 71).

733. As regras de Diez, mais comprehensivas e consentaneas com o uso geral dos classicos, que as de Soares Barbosa, resumem-se nas seguintes:

1.ª Emprega-se o infinito pessoal toda vez que é elle conversivel no modo finito sem modificação de sentido:

Creio	saberes	=	que sabes
"	sabermos	=	" sabemos
"	saberdes	=	" sabeis
"	saberem	=	" sabem
Folgo	de veres	=	de que vejas
"	" vermos	=	" " vejamos
"	" verdes	=	" " vejaes
"	" verem	=	" " vejam

Entretanto, *sabes dar parabens*, e não — *sabes dares parabens*, embora possamos dizer — *sabes que dás parabens*, pois esta phrase não tem o mesmo sentido daquella. Todavia poder-se-á dizer — *sabes estares doente* = *que estás doente* (aqui tambem póde dar-se diversificação de sentido entre *sabes estares* e *sabes estar*).

2.ª Emprega-se o *infinito impessoal* quando o infinito não é conversivel no modo finito sem alteração de sentido, o que commummente se dá quando o verbo regente é um auxiliar de modo, como — *dever, poder, querer, desejar, acertar*: deves estudar podeis fallar, queremos contar, desejamos partir, acertaste de chegar.

Obs. Reconhece Diez que, quando a clareza da phrase não exige, deixa-se frequentemente, apesar da regra, de se empregar o pessoal, que, entretanto, apparece muitas vezes contra a regra.

734. O USO CLASSICO DO INFINITO PESSOAL E DO IMPESSOAL. Como já notámos, o uso classico é vário, e não só se regia pelos principios, que o eminente romanista allemão synthetizou nas regras, que acabamos de estudar, mas ainda pela euphonia da phrase e clareza de sentido, afóra a incongruencia e arbitrariedade, que é muitas vezes patente. E' o que observamos na seguinte lista de alguns exemplos de escriptores de todas épocas do portuguez:

Infinitivo impessoal

1. Quando fallecermos, ou nos tentares, sabermos donde vem para nos correger e avisar. (L. Cons. 45)

3. Agora... vos contaremos os linhagens... dos que devem a armar e criar e que andarão a la guerra a filhar o reyno de Portugal (Port. Mon., Liv. de Linh., 175).

5. Mandou alcarac Reis e Infantes e outros ellos homees acometer os cristaãos (Ib. I. 86).

7. Fizerão com o Catual que os retivesse e obrigasse a tirar os navios em terra (Dec. I. 351).

9. Nem são dignos de ser chamados homes. (H. P., Imag. I. 57)

11. Nam os deixa sahir do ninho e voar ao ar aberto: mas depois de bem empennados os lança fóra do ninho a voar. (Id. ib., 483).

13. Somente para que lançando-as logo a voar, os torne a pôr em sua liberdade. (L. C., 1. 15)

15. Permitte os homes pecar. (A. Arraiz. D. 556)

Infinitivo pessoal

2. E assi digo que he bem de lavrar e criarem bestas e gaados, mas nom de tal guisa que se desemparem de serem prestes para bem servirem (L. Cons. 37).

4. Poede em voso corações de husardes do que husarom aqueles donde vïides (Port. Mon., Livr. de Linh., 186).

6. Nunca pensemos seermos bastantes para vïir a perfeiçom. (L. Cons., 219)

8. Trabalharam-se todos... de guardarem todas suas cousas e colherem... por não serem achados... e com elles se supportarem. (F. Lopes, C. de D. Fern., 11)

10. Tinham por costume não irem ante o Principe, se não quando os mandava chamar. (Dec. I. 337)

12. Tinham licença pera andarem pela Cidade. (Ib. 422)

14. Não vos esqueçais de agradecerdes a Deos o bõ successo que tivestes no vosso negocio. (Peregr., 2. 67)

16. O' puras aguas cristalinas, quanta rezão tendes de serdes pera mim turbas. (T. Redonda, 93)

17. O sec. 12 viu pullular muitas discordias (A. H.).

19. Convida os homens a perseverar na continuação do passado (A. V., S. 3. 8.)

21. Os velhos, as mulheres, os meninos que não teem com que se defender, morrem como ovelhas innocentes (A. V., C. 87)

23. E nos estados deste mundo a muytos faz acrecentar em beẽs e virtudes. (L. Cons., 90)

25. São os principes obrigados a mandar pôr o fogo a algumas casas. (Luc., I. 16) ... lançando-os a voar. (Ib. 15)

27. Mais promptos a buscar o perigo que a saude... as vozes incitavão a outras a escalar os baluartes (J. Freire, 106, 107 .

29. Senhor vos soubestes bem o que fazieys em deyxar esta batalha, por nam comprar guerra com vossa prima (Palm., I 53)

31. E já que acharã em desposiçã pera tomar armas, se forã aa corte del rey por ver a orde de sua vida. (Palm. I. 91)

33. Entã se arredaram a fora por descansar do trabalho passado. (Palm., I 140)

35. Obrigados são os amigos a permanecer em suas amizades e favorecer os miseros. (Arraiz Dial. 4) — Os Judeus eram obrigados a fazer (Id. 221).

37. Deixou Deos todalas gerações andar seu caminho. Permitte Deos os homes pecar. (Arraiz., Dia. 534)

39. E assi em pena de sua desobediencia nos obrigou a todos deixar em terra os corpos. (Ib 593)

18. E porque vy muytos homeẽs errarem per mingua de querer, ou saberem assy reger seus corações (L. Cons., 70)

20. Peccar é apagarem-se as alampadas ás virgens neclas ; peccar e emmudecer é apagar-se-lhes as lampadas, e fechar-se-lhes a porta. (A. V., S. 2. 292)

22. Tudo são patranhas indignas de se relatarem... obrigando-os a lh'as fazerem nas praças. (Luc. I. 14. 17)

24. E coeste os criou ao leite de seus peitos, tee que a hidade os ensinou a sostentarem se de outro mantimento (Palm. I. 24)

26. Gloriãose os Judeus de crerem e conhecerem, o verdadeyro Deos (Arraiz. Dia. 208)

28. Pera dar e nã pera se guarda em as riquezas mundanas se hã de desejar (Palm. I. 142).

30. O perigo, em que se poem os desconfiados de lhe fazerem tudo o contrario (D de Payva Cas. 109).

32. Isto obrigou os Apostolos a se acharem juntos em Roma. (Arraiz., Dia. 466)

34. Para que daly por deante os não constrangesse a pagarem tributo (Peregr. I. 183).

36. Em Candia nascem cipreste sem se plantarem, e de meus olhos manão lagrimas sem nunca cansarem. (Arraiz. Dial. 11)

38. Trabalha por não fazeres forçado o que necessariamente ha de ser (Arraiz, Dia. 572).

40. Suspirareis por hũa hora mais de vida, para fazerdes penitencia. (Arraiz, Dia. 592)

41. Os principes... servissem de lhe dar o desengano de seus profundos enganos (H. P. Im I. 41)

43. Por vos sempre obedecer eles non cessam chorando (Chrest. Arch.225).

45. Pois nos dá causa a não dissimular quantos enganos ha tres meze: que soffremos (J. B., Dec. 438)

47. Estão arriscados a buscar todos os meyos possiveis para executar sua vontade. (D de Payva, Cas. 112)

49 As danças, as chacotas, as figuras truanescas e theatraes... a serpear brilhante ao sol estivo nas ruas. (L. C., C. 133)

51. Os bésteiros... promptos a desfechar ao primeiro refulgir dos montantes nus (A. H. I. N., I. 109).

53. Mandou Rumecão entrar quinhentos turcos pelas minas dos baluartes abrazados (J. Freire)

55. Os sanctos a prégar pobreza, e seguil-a em tudo; e eu que me metta em fausto. Os sanctos a persuadir-me humildade e a metter-se debaixo dos pés de todos, e eu que mostre brios e ufanias (Souza)

57. Os velhos, as mulheres, os meninos que não teem forças, nem armas com que se defender, morrem como ovelhas innocentes. (A. V., S. I. 7)

59 Trabalhar, meus irmãos. (A. C.)

61. Provoca os filhos a voar (Souza).

63. Estancias de proposito fabricadas para hospedar os peregrinos. (Id.)

42. Era mais serviço d'El Rey seguirem sua viagem (J. B., Dec. I. 403).

44. Elle estava um pouco descontente do dia em que se viram passarem algumas cousas (J. B., Dec. I. 420).

46. Os nossos tinham licença para andarem pela Cidade (Ib. 422).

48. Entraram todos de volta, sem lhe darem tempo... (Ib. 435).

50. As tres naos, despois de venderem aly bem suas fazendas, se foraõ para Goa com sós os officiaes dellas (Peregr. I. 8).

52. Os soldados tomaraõ para se vestirem (Peregr. 12).

54. Bastam os frios de Coimbra, para satisfazerem a vontade de meus amigos (A. V.).

56. Obriga os juizes a condemnarem (F. M. de M.)—Deviamos de satisfazermos (Id.).

58. Moulana provocava os ouvintes a darem muytos louvores a Mafamedes (Peregr. I. 19).

60. Ganhavão indulgencia plenaria em nos vituperarem e maltratarem (Ib. 19)

62. Desejos que todos tinhão de se verem (Ib. 39).

64. Estiverão por duas vezes em risco de perderem (Ib. 57).

66. Oh! Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Baccho nos teus reinos receberes (C.)

68. E folgarás de veres a policia
Portugueza na paz e na milicia. (C.).

65. Fazemos trabalhar aos elementos. (A. V.)

67. Verão morrer com fome os filhos charos.
Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os Caires asperos e avaros
Tirar á linda dama os seus vestidos.
(Lus. 5. 47)

69. ...entre ellas esperamos... De achar novas algumas, como achamos. (Lus. 5.75)

71. Até o sol e a lua e as estrellas não deixamos estar ociosos. (A. V.)

73. Deixae-os morder uns aos outros. (A. H., L. e N., I. 113)

75. Todas as corporações eram obrigadas a contribuir para aquella pomposa festividade. (L. C. 133)

77. Não nos deixeis cahir em tentação. (A. P., Matth. VI.)

79. Deixae vir a mim os pequeninos (Id. ib.).

81. Fazei-os sentar (Id., Ib.).

83. As lagrimas a cahir-lhe... aquelles cavalleiros a pelejar. (A. C. Cam.)

85. Enormes caldeirões a ferver (G.) — E tu a reprovar (C. C. B.).

87. Eram obrigados a recolher-se. (A. H., Mon. 1, 144)

89. Lá nessas eras do porvir longinquo, vejo altares incognitos erguer-se... (A. C., Os Fast., 1. 57)

91. Obrigando-os por via de tormento a restituir aquillo que tinham occupado. (A. H.)

70. Deleites que servem de escurecerem a razão, e apagar de todo a noticia da eternidade (Luc., ap. Serões 649).

72. Tentaram diffamarem de mim para indignarem a V. Alteza (Couto, ib.) — No qual esperavam concluirem (Id. ib.)

74. Com que os devotos do Santo procuraram mostrarem todo o genero de metro e diversidade de lingua (Souza, ib.).

76. Trabalharão quanto puderão pela defenderem (Ib. 127).

78. Pararão... como espantados de nos verem da maneyra que estavam em joelhos. (Ib. 134)

80. Catorze Reys pequenos... eraõ obrigados a irem pessoalmente... levar estas pareas que eraõ obrigados pagar e fazerem lhe a çumbaya, que era beijaremlhe o treçado (Ib. 130).

82. Determinamos q tanto que viesse a viração entrar-mos para dentro (Ib. 131)

84. Nas brutas feras... vio a gente terem tão piedoso sentimento. (Lus. 3. 126)

86. Tenhão Religiosos exercicios de rogarem por vosso regimento (Lus 10. 150)

88. Podeis dizer o que quizerdes, sem nos pedirdes as vontades (H. P., Imag. I. 6)

90 Foram dous amigos á casa de outro afim de passarem as horas de sesta (M. B.).

93. Andavão em competencia **om** frey Bertolameu as honras, **elle a** aborrecellas, ella a entrar-lhe por casa. (Souza, S. Fr. Bert. 1. 44)

95. Andavam com ella em os bens da terra : ella a engeital-os, elles a buscal-os (Id.).

97. Mais vale um passaro na mão que dois a voar. (Prov.)

92. Verdades sem trabalhares e padeceres, não as verás tu jamais (M. B.)

94. Obrigou os que sobreviveram á destruição de sua raça, a buscarem o amparo dos suevos. (A. H., Hist. de Port., 29)

96. Não tive de as constranger a darem esse passo (Ib. 38).

98. Isto não he que queiramos recommendarmo-nos (A. P., 2. Corinth. V. 12).

99. Conhecimento... de tanta excellencia, que excita ao que o tem a perderem a fazenda por alcançarem a honra (H. P., Im. 1. 43)

100. Os mesmos ladrões se não sintam de haverem de perder por este modo o fructo das suas industrias. (A. V., S. 1. 87)

101. Saccos de farinha a rolarem. (A. H.)

102. Futuros a rasgarem-se. (C. C. B.)

103 E instantes destes a perderem-se (A. C.)

104. Era a revolução e a democracia a enfiltrarem-se em toda a parte. (L. C.)

105. Pareciam serpentes negras a collearem pela ribanceira. (C. C. B.)

106. Bem a ponto acodem os oiros, mestre, para vos desenganarem. (A. C.)

107. Aqui alguns mancebos mais destros fingiam accommetter-se, pelejarem, vencerem, serem vencidos. (A. H.) — Assaz mostraste seres cabal para dizer verdade. (A. C.)

108. Miquéas, devemos nós ir pelejar contra Ramoth de Galaad, ou ficarmos quietos ? (A. P.)

109. Affirmavam os zagaes terem visto. (A. H.)

110. Os conflictos deviam ser ahi mais frequentes, e ligarem-se de modo mais directo. (A. H.)

111. Neste ultimo caso, o do contacto imperfeito, podem ainda os orgams factores interceptar a passagem do ar em um ponto, e deixarem-na livre no outro. (G. Viana, Pron. Nor.)

112. Possas tu, descendente maldicto
De uma tribu de nobres guerreiros,

Implorando crueis forasteiros
Seres presa de vis Aymorés. (G. D., Poes. 2. 129)

113. Encantadas alli as almas grandes,
Dos vencidos Tapuyas, inda chorem
Serem gloria e brasão d'imigos feros. (Ib. 120)

114. O habito em que ellas estavam de receberem do Tibre as suas leis, e de aguardarem sempre do Capitolio o seu destino. (A. C., Os Fast., XXXI).

115. A superabundancia e horrorosa miseria da escravaria estava multiplicando ao infinito o numero dos predispostos para abraçarem, com enthusiasmo, confessarem e defenderem até ao martyrio, uma crença. (A. C., Os Fast. XXXII).

116. Templos e templos cahiram para se levantarem casaria. (Ib. XXXVIII.)

117. A falta de christãos habilitados para tractarem materias de fazenda publica obrigou os reis portuguezes a esquecerem a lei das côrtes de 1211, que os inhibia de empregarem judeus em seus serviços. (A. H., L. e N. I. 138)

118. Chegou o povo a miseria horrivel de devorar carne humana, e as mães a cevarem-se nos cadaveres dos filhos. (A. H., H. de Port. 1, 28)

119. Os judeus... unindo-se aos vencedores ajudavam-nos a apoderarem-se das povoações que combatiam. (Ib. 51).

120. Os animaes monstruosos e hybridos, os centauros, os satyros e os demonios... pareciam, com visagens truanescas que nas faces mortas lhes imprimia o esculptor, escarnecerem da colera popular. (A. H., ap. Serões 649)

121. A maior parte dellas tendem a se irmanarem. (A. C., ib.)

122. Eis de improviso... á sestra parte... nuvens densas a revolverse ! a crepitarem ! (A. C., Os Fast. 1. 131).

123. Ao mesmo instante, do álveo fundo dois gemeos peixes surdem, a ampararem-lhe a quéda, a sotoporem á deusa, ao filho aos seus recurvos dorsos. (A. C., Os Fast. 1. 128).

Obs. Aos exemplos acima colligidos, sobre o uso do infinito pessoal, ajunctamos aqui outros apresentados por E.Dias, á pag. 245 e 246, de sua "Syntaxe Historica Portugueza". "Assy tristes caminhando | pola gram estrelidade | de *morrermos* desejando". (D. de Brito, Canc. Col., I, 293) — "...costumã todos *arrancarem* a barba" (P. de M. Gondado,

Hist. da Prov. de S. C., 35) — Costumavão no dia da sua festa levarem-na em procissão pola cidade" (Souza, V. do Arc. I, 281) — "Nem tomem por esto occasion alguns de nom *satisfazerem* pollos serviços que lhes som feitos" (V. Bemf., 127) — "nom filhedes tristeza..., ca tempe averedes para *filhardes* vingança (L. de Linh., 188) "...desejão as mulheres *serẽ* mãis (Barros; Esp. de Cas., 52, v.) ...os mouros farião aquillo pera *verem*" (Castanh. I, 43) "...estiverão em risco de se perderem" (Aff. de Albuq., Comm. 25) ..."não se contentavão de o *verem* hũa vez" (Souza, I, 411) — Para os constranger a *acompanharem-no* (A. H. ib. 246, 247) — "Bemaventurados sam os que sam perseguidos por *fazerem* justiça (H. P. I. 262) — Os Neros e os Dioclecianos nam atormentavam os Christãos, para lhes *tirarem* a vida, senão para lhes matar a fé (A. V., XI. 528) — Dez vezes que tenhamos lido o Dante, ao chegarmos á descripção da torre de Ugolino, erriçam-se nos os cabellos (H. A., Op. I. 193).

735. De todos esses exemplos, colhidos como amostras do uso que do infinito *pessoal* e *impessoal* faziam os classicos, desde as primeiras épocas da lingua até hoje, colhe-se a impossibilidade de formularem os grammaticos regras seguras sobre o assumpto. As regras formuladas por Jeronymo Soares Barbosa e Frederico Diez, atraz expostas, ficam a quem dos factos que, em sua variedade e incerteza, reagem contra toda systematização grammatical. São ellas, todavia, de grande utilidade, como fio conductor no labyrinto desse uso; completam-se, quando não se contradizem, encarando por duas faces differentes o mesmo problema. Contra as theorias do grammatico lusitano insurgem, em barda, factos de incontestavel vernaculidade, muitos dos quaes vão fazer rosto ao glottologo allemão, p. ex.: *Não nos deixeis-cahir em tentação, deixae vir a mim os pequeninos, fazei-os sentar, provoca-os a voar,* etc. Não é, pois, para extranhar que no emprego dessas duas fórmas infitivas tropecem a maior parte de nossos escriptores.

A clareza e harmonia da phrase são elementos de primordial importancia para a determinação do infinito *pessoal* ou *impessoal.*

A' grammatica, pois, apenas compete rastrear, no uso vario e incongruente dos bons escriptores de todas as épocas, o intuito genial deste idiotismo vernaculo, e prescrever alguns preceitos, que melhor se coadunem com a generalidade dos factos. E' o que vamos fazer firmado no uso geral e orientado pelos dois citados mestres sobre o ponto.

736. REGRAS PARA O EMPREGO DO INFINITIVO PESSOAL E IMPESSOAL.

I. Toda vez que um verbo no INFINITIVO *puro* ou *preposicional* vier na phrase regido de outro verbo, empregar-se-á o *pessoal*, se o seu sujeito for diverso do do verbo regente, ou, sendo identico, for elle conversivel no modo finito; no caso contrario empregar-se-á a fórma *impessoal*.

PESSOAL :

O bom cavalleiro sentiu as asas roçarem-lhe frias pela fronte e gelarem as bagas de suor (A. H.) — Trabalha, meu filho, para agradarem tuas obras a Deus (F. M. P.) — Assaz mostrastes seres cabal para dizer verdades (A C.) = que eras cabal... — Affirmavam os zagaes terem visto... (A. H.).

IMPESSOAL :

Correram a defender Saragoça (A. H., Hist. de Port. 1. 65) — Os que buscam recamar-se de avelorios (Ib. XV) — Brados selvagens de guerra começavam a soar ao longe como um trovão rebombando no valle (Id., Bobo 218).

II. Esta regra, entretanto, está sujeita a frequentes restricções nos seguintes casos:

1.º Quando o sujeito do INFINITIVO vier claro em *accusativo* ou *dativo*, emprega-se de preferencia o *impessoal* não obstante ser o sujeito proprio ou diverso do do verbo regente, o que de ordinario se dá com os verbos — *deixar, fazer, ver, ouvir, mandar, obrigar, levar, provocar*, etc., seguidos de um infinitivo.

Não nos deixeis cahir em tentação (A. P.)—Deixae vir a mim os pequeninos (Id.)—Fazei-os sentar (Id.)—Ainda assim mesmo não vê erguer-se deante de seus olhos os homens, as scenas dos tempos que foram : se não ouve falar as pedras, bradar as inscripções, levantar-se as estatuas dos tumulos (G., Viag. II. 171) — Obrigando-os a restituir... um combate que se viram constrangidos a acceita (A. H., H. de Port. 1. 55, 74) ...o moço guerreiro vira submergir todas as suas esperanças (A. H., Cur., 10) — Fazemos trabalhar aos elementos (A. V.) —Permitte os homēs peccar (Arraiz, Dia. 556) — O sec. XII viu pullular muitas discordias religiosas (A. H., ap. Serões 645) — Ensina-os a aprender (L. C., ib.).

Observa o Dr. E. Carneiro que a interposição de um sujeito no plural nestes casos, arrasta frequentemente para o *pessoal*:

"E o ardiloso cardeal vira os ventos *rondarem* a outro quadrante (L. C.) — "Vi muitos peregrinos *fazerem* itinerarios de sua peregrinação (Paul. d'Aveiro).

2.º Quando o INFINITO vier antes do verbo regente e do sujeito deste, a necessidade da clareza aconselha em qualquer hypothese o *pessoal*:

Para se consolarem, os infelizes dormiam tranquillos em seus leitos macios (A. H., ap. Serões 644) — Ao chegarem alli, os inglezes conheceram quão necessaria fôra a sua vinda (Id. ib.) — Outros ha que, com serem mais leaes, furtam a trecheio com unhas mentirosas. (A. de F., ib.).

3.º Quando o INFINITIVO se distancia do verbo regente, ainda a clareza aconselha o *pessoal*, mormente quando um substantivo interposto poderia confundir-se com o sujeito. Casos ha em que o *pessoal* apparece, apesar das regras, requerido ou pela harmonia ou pela clareza da phrase, ou, ainda, pelo arbitrio do escriptor:

a) *Foram* dois amigos á casa de outro afim de *passarem* as horas de sesta (M. B.) —Bem a ponto acodem os loiros, mestre, para vos desenganarem. (A. C.) "Nem tomem por esto occasion alguns de nom *satisfazerem* pollos serviços que lhes som feitos" (V. Bemf., 127 — "...estiverem em risco de se perderem. (A. de Alb., Com. 25) — "..não se contentavam de o *verem* (Sousa, ap. E. Dias). *b*) Temos *poder* para nor *conservarmos* inteiros (Serões 644) — Temos *auctoridade* para nos *mandarmos* em nosso posto (Ib. 644). *c*) Miquéas, devemos nós ir pelejar contra Ramoth de Galaad, ou *ficarmos* quedos (A. P.) — Possas tu-descendente maldicto de uma tribu de nobres guerreiros, implorando crueis forasteiros, *seres* presa de vis Aymorés (G. D.) — Neste ultimo caso, o do contacto imperfeito, *podem* ainda os orgams factores interceptar a passagem do ar em um ponto e *deixarem-na* livre no outro (Gonç. Viana, Pron. Norm.) — Os conflictos *deviam* ser ahi mais requentes e *ligarem-se* de modo mais directo (A. H.) — ...costumã todos *arrancarem* a barba (Gondavo, H. da Prisão S. Cruz, 35 ap. E. Dias) — "desejã as mulheres *serẽ* mães (Barros. E. de Cas. 52. ap. E. Dias).

III. O INFINITIVO regido de *a* sem a regencia expressa de outros verbos, que se podem subentender, fica de preferencia na fórma impessoal:

Eis todos a *bater* nos feitos, eis as lagrimas, eis os alaridos... que é isto? (A. V., S. 1. 260) — Os sanctos a *prégar pobreza*. e seguil-a em tudo; e eu que me metta em fausto: os sanctos a *persuadir-me* humildade, e *metter-se* debaixo dos pés de todos; eu que mostre brios e ufanias (R. de S.) — E lá Entre-Douro-e-Minho aquelles cavalleiros a *pelejar* (A C.) — as lagrimas a *cahir-lhe* (Id.).

IV. O INFINITIVO na funcção de *sujeito* ou de *predicado* poderá ir para o *pessoal*, se quizermos determinar e dar relevo a seu sujeito; no caso contrario ficará no *impessoal*. O mesmo acontece com os infinitivos *complementos* de substantivos e adjectivos, que encerram a idéa de sujeito. — Exs.:

a) O passearmos todas as manhãs naquelle bairro era-nos habitual (Dr. E. Carneiro) — O passear em manhã fresca e serena nos é muito deleitoso (Id., Serões, 646) — E' condão inseparavel dos talentos... o *conglobarem* ao mesmo passo, na sua admiravel unidade, o Bello, o Justo e o Verdadeiro (L. C., ib.) — Viver é luctar (G. D.) — E' forçoso partirmos (Dr. E. Carneiro, ib. 648) — Poucas vezes ou nunca succedeu a Roma *enviarem* principes christãos tão magnifico apparato (M. B. id.)— E' mister *trabalhardes* dia e noite, releva *saldarmos* esta divida de honra (Id. Ib.). *b*) Olhos tão cansados de a chorarem (A. C.) — Mulheres applicadas... a grangear com trabalho (Souza, ib.) — Estancias de proposito fabricadas para *hospedar* os peregrinos (M. B.).

Obs. Se em — *é forçoso partirmos, releva saldarmos* — exprimirmos o sujeito pelo pronome obliquo da respectiva pessoa empregaremos o *impessoal*: *é-nos forçoso partir, releva-nos saldar...*

V. O INFINITO com sentido *depoente* fica de rigor no impessoal:

"Os Santos não se consentem *rogar* (Souza)" — Mandá-los prender — Ossos difficeis de *roer*.— ...façanhas asperas de *cometer* (H. P., I. 140) — Não ha cabeças mais duras de *penetrar* e *converter* que as coroadas (A. V., ap. E. Dias.).

VI. Não raro a clareza e harmonia levam escriptores de boa nota á incongruencia de empregar *infinitivos* na mesma relação simultaneamente no *pessoal* e no *impessoal*. — Exs.:

Aqui, alguns mancebos mais destros fingiam *accommetter-se, pelejarem, vencerem, serem vencidos* (A. H.) — Os Titães modernos não sobem ao céo para *reptar*, como os antigos, as divindades, senão para a adorarem de mais alto e lhe poderem com a sciencia de suas maravilhas entoar o cantico de seus louvores (L. C., ap. Serões, 643) — Emquanto aos descuidosos desembargadores se não deparava lazer e occasião para *folharem* os processos e *lavrar* os seus accordãos criminosos (Id., ib.) — Os conegos, porém, segundo parece preferiam *desfructar um terço* das rendas episcopaes em liberdade, a *viverem* claustralmente (A. H. ib.). — Parecia-me a mim, que se haviam de *levantar* todos, e *irem-se* lançar todos aos pés de Christo (A. V., II. 181, ap. (E. Dias) ... bem lhe pode o Principe negar o que pedirem e elles *prezarem-se* muito dessas negaçoens (A. V. II. 101, ib.) — ...viu *alvejar* os turbantes, e, depois *surgirem* rostos tostados, e, depois, *reluzirem* armas. (A. H., Cur., 257).

VII. São sempre *impessoaes* os INFINITIVOS *independentes*, como: — *direita volver!*, e os que alguns chamam *infinitivos de narração* (Dr. E. Carneiro, Serões, 640):

Porque favas contadas, elle a dar-me com a cadeira e eu a procurar lhe a barriga com uma navalha (C. C. B.)

Eis que estala por todo o monte o incendio
E as feras a fugir, fugir as aves,
E as feras a temer na baixa veiga (F. Elys.)

737. INFINITIVO INDEPENDENTE. Emancipa-se o *infinitivo* de sua indole subordinada, e constitue orações independentes nos seguintes casos:

a) Em orações *imperativas*:

Direita volver! — Trabalhar, meus amigos! — O Amazonas desfralda aos ventos o terrifico signal: — Preparar para o combate (V. de Ouro Preto)

b) Em orações *interrogativas directas*:

Trahir eu? Nunca! — E dizer que eu lá estive?

c) Em orações *exclamativas*:

E escapar-se ao cerco de Santarem! Não haver uma seta que me varasse em Sylves!... Era melhor! (R. da S., Od. 44).

Hũa forneira pellada,
E um ferreiro pellado
Terem coração ousado,
Com lingua excommungada
Fallar no Varão sagrado! (G. V., Obrs. 482)

Cresce o fumo, augmenta, augmenta,
Tolda-se tudo no ar;
Retine o gladio, e a tormenta
Do fogo e do fumo a estrondar! (Cons. J. Bonifacio)

d) Em orações *optativas*:

Toca, toca, avança, avança!
São horas de combater;
São horas ninguem descança,
Ninguem... vencer ou morrer! (Cons. José Bonifacio)

738. PARTICIPIOS, GERUNDIO E SUPINO. A conjugação latina possuia trez participios correspondentes ás trez épo-

cas do tempo: *o presente — amantem* ⟶ *amante*, o *passado — amatum* ⟶ *amado*, o *futuro* da voz *activa — amaturum*, e da voz *passiva* (*gerundivo*) — *amandum*. Além destas fórmas nominaes, contava ainda o *gerundio amandum* ⟶ *amando*, e o *supino — amatum, amatu*.

O *participio do futuro* e o *supino* não passaram para a conjugação portugueza. Existem, é certo, em nosso lexico palavras oriundas do part. do fut. da voz activa, como — *vindouro, morredouro, perecedouro*, e da voz passiva, como — *venerando, reverendo, colendo, despiciendo, examinando, doutorando;* porém taes palavras perderam o seu valor verbal original, e funccionam em portuguez como meros adjectivos ou substantivos.

O *participio passado* ou *passivo latino* passou para conjugação portugueza, com acquisição do sentido activo.

O *participio presente* e o *gerundio* figuram ainda em nossa conjugação.

739. O PARTICIPIO PASSADO. O *participio passado* tinha em latim sentido passivo e era declinavel no singular e no plural. Elle conserva em portuguez esse sentido e a fórma declinavel em genero e numero sempre que está só ou em composição com *ser* e *estar* na formação dos tempos da voz passiva: *Concluidos os negocios, elle partira; somos amados; estão acabados os trabalhos.*

Dá-se, entretanto, em portuguez, como em latim, o phenomeno da *depoencia* de certos participios, que consiste em ter sentido activo debaixo de fórma passiva:

a) Assim em latim os participios passados — *veritus* (temido), *ausus* (ousado), *ratus* (julgado), *solitus* (acostumado), *confisus* (confiado), *diffisus* (desconfiado), *cœnatus* (jantado), *pransus* (almoçado), *imitatus* (imitado), são *depoentes*, e não teem na phrase o sentido passivo de suas fórmas, mas o sentido de *participio activo* (de *participio presente*), indicando *o que teme, julga, se acostuma, confia, desconfia, janta, imita.*

b) Semelhantemente o portuguez, emprega o participio passado de muitos destes com sentido *depoente;* quando dizemos, p. ex., *uma pessoa lida, viajada, almoçada*, expri-

mimos um sentido activo de *uma pessoa que lê, viaja, almoça;* ao passo que, se dissermos *uma pessoa opprimida, ultrajada, açoutada,* exprimimos o sentido passivo, proprio dos participios passados, de uma pessoa que é *opprimida, ultrajada, açoutada.*

Os seguintes são alguns dos *participios passados* que o portuguez emprega ordinariamente em sentido *depoente*:

Acreditado	Cansado	Engraçado	Pausado
Almoçado	Commedido	Esquecido	Precatado
Agradecido	Confiado	Esforçado	Precavido
Arriscado	Costumado	Lembrado	Presumido
Arrojado	Crescido	Lido	Recatado
Arrufado	Desconfiado	Moderado	Sabido
Arrependido	Desesperado	Occupado	Sentido
Atirado	Despachado	Ousado	Soffrido
Atrevido	Determinado	Parecido	Valido
Calado	Dissimulado		

c) Dá-se ainda o phenomeno da *depoencia,* quando com verbos *neutros* ou *intransitivos* empregamos, pelo auxiliar *ter* e *haver,* os verbos *ser* e *estar*:

Eram chegados os tempos, são chegados os visitadores da cidade. é nascida a liberdade, está chegando o instante, é vindo o momento.

740. ORIGEM HISTORICA DO SENTIDO ACTIVO DO PARTICIPIO PASSADO. Com os verbos *ter* e *haver* na formação dos tempos compostos adquiriu o *participio passado* exclusivamente sentido activo tornando-se indeclinavel em genero e numero. Este phenomeno se operou lentamente, e consummou-se nos seculos XVI e XVII, sendo o resultado o esvasiamento significativo dos verbos *ter* e *haver,* que passaram, deste modo, para a categoria de verbos *abstractos* ou *auxiliares.* Até essa época, taes verbos guardaram seu valor de verbos attributivos ou predicativos, e os participios, que a elles se aggregavam, mantinham-se *passivos* e *variaveis,* concordando sempre com o objecto dos verbos transitivos: *Elles teem collocados seus cabedaes na Asia* (*suas in Asia pecunias collocatas habent*), Com o progresso do espirito analytico, desenvolveu-se um sentido novo com a attenuação ou esvasiamento do verbo e consequente immobilização do participio: *Elles teem collocado seus cabedaes na*

Asia, onde *teem collocado* equivale approximadamente a *collocarem* (*collocaverunt suas in Asia pecunias*).

Até o seculo XVI e, mais raramente, no sec. XVII, encontramos o participio variavel:

E quando daqui passares, averás *passadas* as grandes trebulações (C. Arch. 57) — Mui maa cousa avedes *feita* (C. Arch. 94) — Achou o don... en essa mão que tiinha *metuda* en seu seo (C. Arch. 100) ...el-rei de quem vosso pae e vós e toda vossa linhagem tantas mercês haveis recebidas (F. Lopes, C. de D. Fern. 112) — Pera gratificação da qual mercê, que tinha *recebida* —

Grão tempo ha já que soube da Ventura
A vida que me tinha *destinada* (C., Obrs. 2. 28)

São offerecimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, não dobradas,
As que o rei manda aos nobres cavalleiros,
Que tanto mar, e terras tem *passadas*. (Lus. 2. 76)

Nota. O participio passado, construido sem auxiliar, guarda sua indole primitiva, é *passivo* e *variavel:* Acabada a missa, sahiu o povo.

741. PARTICIPIO PRESENTE. O *participio presente* ou *participio activo* era em latim um *adjectivo verbal* da 3.ª declinação — *amans, -antis, debens -entis, audiens, -entis.* Como adjectivo concordava com o seu substantivo em genero e numero, e como verbo regía o mesmo complemento que as fórmas do modo finito: *Ranæ petentes regem.* Porém, já no lat. class. se empregava o participio presente como mero adjectivo, sem força verbal, seguido de genitivo, para exprimir não a *acção,* mas o estado do substantivo. Dizia-se *amans virtutis* e *amans virtutem;* no primeiro caso, seguido do *genitivo* (*virtutis*), *amans* perde a força verbal, e só guarda valor nominal de um adjectivo, que exprime a qualidade ou estado de um substantivo, e corresponde exactamente á nossa actual construcção — *homem amante da virtude* (*homo amans virtutis*); no segundo caso, *amans* conserva o seu valor de *participio,* isto é, participa da natureza do verbo e da do adjectivo, de sorte que a phrase — *homo amans virtutem* = *homem que ama a virtude* (*h. amando a virtude*) não exprime só o estado ou qualidade de um homem que tem *amor á virtude,* mas a acção de um homem que exerce actualmente esse amor. Esta construcção do participio presente dos verbos transitivos

om genitivo, fazendo-o perder o valor verbal e tornando-o nero adjectivo, era restricta no lat. class., tendo tomado naior desenvolvimento de Tacito em deante, como nos informa Chassang (*N. Gram. Lat.* 415, 416). Nella temos o germe da lucta que se travou entre o *participio presente* e o *gerundio*, que deu em resultado a victoria deste e o desapparecimento quasi completo do *participio presente*. A lucta iniciou-se na b. lat., onde o gerundio substituia por vezes o participio do lat. classico.

Até o sec. XVI, o participio presente, com a sua respectiva força verbal, resistiu, como se vê dos seguintes exemplos:

E nostro Senhor *complinte* todas estas cousas, esguarda de cada dia aquestes seus santos amoestamentos (Regr. de S. Bento, sec. XIV, XV) — E assi *fugintes* aas penas do inferno, que a vida perduravel possamos pervir (Ib.) — Eu rei don Affonso... seendo são e salvo, *temente* o dia de mia morte, a saude (salvação) de mia alma, e a proe (proveito) de mia molher... fiz minha manda (testamento) (Test. de D. Affonso II, 1214) — *Cobiçante* nos põer cima (termo) aas demandas... estabelecemos... (C. Arch. 24, sec. XIII) — En outro dia de janeiro tomou Monte Moor, o velho, *rompente* o alvor (C. Arch. 133, sec. XIV) — Mandou recados a certos Mouros *estantes* em Cananor (Dec. I. 429, sec. XVI).

742. Deste uso archaico do participio presente sobreviveram alguns vestigios em phrases feitas, taes são: *temente a Deus, não obstante isso, tirante isso, mal soante, bem fallante, dependente de, adherente a, passante de* (J. Moreira, Est. da L. Port., I. 93). — Em *lugartenente* (fr. *lieux-tenant*), *mão tente* ou *tenente*, temos visiveis fragmentos da antiga regencia do part. presente em ordem synthetica. — Fóra estes resquicios da antiga syntaxe, o *participio presente* deixou-se inteiramente dominar pelo gerundio.

Gerundio

743. O GERUNDIO ou o *gerundivo verbal* da conjug. latina passou para a portugueza, onde se distingue do partic. presente (*amante*) não só morphologicamente (*amando*), mas ainda funccionalmente em ser um *substantivo verbal*, ao passo que o participio é um *adjectivo* verbal.

744. Do conflicto travado entre essas duas categorias grammaticaes, coube a victoria, do sec. XVI em deante, ao gerundio, que absorveu grande parte das funcções do participio, passando este já para a classe dos substantivos, como — *o lente, o negociante*, já para a de meros adjectivos, como — *pessoa bem fallante, assembléa constituinte*. Dest'arte ampliou o gerundio a esphera de sua actividade funccional, o que o compensou das perdas que vinha soffrendo em favor do infinito presente.

745. Dada a invasão do gerundio na esphera do participio do presente, duvidas se teem levantado sobre até que ponto se operou este phenomeno, até onde lhe faculta a lingua vernacula esta invasão, ou qual o valor syntactico della. Absorvendo o gerundio certas funcções do participio, renunciou acaso as proprias?

Lavra sobre estas questões profunda confusão e grave hesitação analytica. Procuremos estudá-las.

746. O GERUNDIO é em lat. um substantivo verbal declinavel em quatro casos: *gen.* — *cantandi, dat.* — *cantando, accus.* — *cantandum, ablat.* — *cantando*. O *nominativo* ou o *caso-sujeito* era supprido pelo infinitivo *cantare*. O *accus.* podia ser regido da preposição *ad* ou *inter* (*cantandum*), e o *ablativo* por *de, cum* ou *sine* (*cantando*). Passou para o port. o *gerundio* em *-do* (ablat), que na v lingua podia ser regido de — *sem, de, em*:

Estas danças eram a soom dhuumas longas que estonces husavon *sem curamdo* doutro estormento posto que o hi ouvesse (F. Lopes, Chron de D. Pedro I, p. 35) — Semelhante he em filharem sandia delleitaçon em alguas cousas, com pecado, *sem esperando* boa nem virtuosa fym (L. Cons., 318) — Alevantou como de boamente a estas palavras come *d'acrescentando* o desejo ao pedido (B. Ribeiro, M. e Moça, 112) — F *em começando* de reynar o muy nobre e vertuoso Rey dom Eduarte, fi hou-se o mestre da cavalaria do meestrado da ordem de Avys (D. Fr. I Alvarez, Chron. do Inf. Sanct. D. Fern. p. 19).

Desta regencia só se tolera hoje a prep. *em*. Com as outras, o infinitivo substituiu o *gerundio* — *sem curando* = *sem curar*. Egual phenomeno se deu na passagem do *genit. dat.* e *accusat.* do gerundio latino:

Sum cupidus te audiendi = estou desejoso de te ouvir — Aqua utilis est bibendo = a agua é util para beber — Homo ad intelligendum et ad agendum natus est = nasceu o homem para pensar e agir.

Além dessas perdas em favor do infinito, outras ainda se notam, como se póde ver do seguinte trecho do port. archaico, onde, em vez do gerundio *chorando*, diriamos *de chorar*:

> Por vus sempre obedecer
> eles não cessan chorando (Chrest. Arch. 255)

474. O GERUNDIO exerce actualmente na pharase as seguintes funcções:

1.ª SUJEITO. O lat. classico não empregava o gerundio como sujeito, a funcção subjectiva podia ser exercida pelo *infinitivo*: *scribere est utile*. O port. mais frequentemente dá ao infinitivo essa funcção subjectiva: *escrever é util*, e raramente ao gerundio, do qual, entretanto, encontram-se alguns exemplos:

Naas... respondera que o partido havia de ser *tirando*-lhes a todos os olhos (A. V. ap. O. Motta, Q. Philologicas). Em A. Pereira se lê: "A alliança que farei comvosco será tirar-vos a todos os olhos direitos', (Reis XI, 2) — Parece (perguntou Pindaro) que *nomeando* logo as pernas dos homens não será erro (R. Lobo, ap. O. Motta, Q. Philologicas) — Pois, attenciosos leitores, seria não corresponder a vossa reconhecida bondade, *omittindo*-vos a interessante nova (C. C. B., ib.) — Se elles talvez errão, he buscando a Deos, e desejando-o achar (*et hi enim fortasse errant, Deum quaerentes et volentes invenire*). A. P., Sabedoria XIII, 6.

Nota. A rara subjectividade de gerundio em portuguez descobriu-a o abalisado prof. Othoniel Motta nos exemplos acima citados de seu curiosos opusculo (Questões Philologicas", que mereceu palavras encomiasticas do eximio philologo viennense Meyer Lübke.

2.ª PREDICADO NOMINAL. E' menos raro o emprego do gerundio como predicado:

Eu estava orando na cidade Joppe — Ego eram in civitate Joppe orans (A. P., Vulg. lat. XI, 5,) — Foi trabalhando que elle conseguiu vencer a pobreza — E o modo com que elle toma este tempo é não lh'o *dando* (A. V., ap. O. Motta, ib.) — Estar partindo.

Em *estar partindo* e *estar a partir*, ha notavel differença: aquella expressão indica *actualidade* da acção, e esta

imminencia. Demais, com o verbo *estar* o gerundio vernaculo substitue o participio latino — *casas cahindo = ædes labentes*. (Hor.)

3.ª PREDICADO GRAMMATICAL. O v. port. como o lat empregava o participio do presente nos chamados *participios* ou *ablativos absolutos*: *En outro dia de janeiro tomou Monte Moor*, ROMPENTE *o alvor* (Chrest. Arch., p 133). Posteriormente foi tal participio substituido pelo gerundio, que guarda neste caso francamente seu caracter fundamental de verbo ou de adverbio verbal, como lh chama M. Lübke, e constitue o predicado grammatical d uma clausula adverbial: *Reinando Tarquinio Soberbo, vei Pythagoras para a Italia = Pythagoras, Tarquinio Superbo regnante, in Italian venit*.

Dá-se, pois, neste caso franca invasão do gerundio na esphera do participio, sem nenhuma modificação de seu valor de subst. verbal, denunciado facultativamente pela preposição *em*, e pelas seguintes circumstancias que exprime:

1.ª — **tempo :** A' noite recebemos recado que fossemos embarcar, em amanhecendo (A. V., C. I. 16) — Os Portuguezes vendo estas memorias, dizia o Cotual ao Capitão (C.)

2.ª — **causa :** Frollalta, como ficava Antiocho em te tu vindo? (C.) — Com os olhos vagando (eu) por este quadro immenso e formosissimo, a imaginação tomou-me azas e fugiu pelo vago indefinido das regiões ideaes. (G., V 2. 183)

3.ª — **condição :** Tudo quanto ha na capital de Pará, tirando as terras, não val dez mil cruzados (A. V., I. 27)

4.ª — **concessão** : Chovendo embora, irei.

Obs. Em taes clausulas gerundiaes é de rigor posposição do sujeito ao predicado. Até o sec. XVI, porém, tal posposição era facultativa : E eles assi jazendo, apareceu-lhe o dito cavaleiro em avito de palmeyro (em habito de peregrino) (Chrest. Arch., 110). Em Camões se lê : — *prosperamente os ventos assoprando, os portuguezes vendo estas memorias, dizia o Calual...* (cf. *isto feito*). Em Manoel Bernardes (sec. XVII), encontra-se ainda a mesma collocação, que Antonio de Castilho, criticando, tacha de gallicismo : "Frei Domingos vindo de Tortosa para Valença... se lhe ajuntou no caminho um moço mui confiado, etc." Havia de dizer : *Vindo Frei Domingos*, etc. Tal construcção, accrescenta o insigne mestre, "mais soa a francez que a portuguez genuino, e se deve evitar com

grande escrupulo" (M. B., Excerptos, 11. 304). Entretanto, mais parece soar a *archaismo*, como dos exemplos citados se vê. E' possivel, porém, que o *gallicismo* do Pe. M. Bernardes se originasse na confusão da phrase de *participio absoluto* com a de que em seguida passamos a tractar.

4.ª ADJUNCTO ATTRIBUTIVO DO SUJEITO. O portuguez arch., como o lat., empregava o participio presente como *adjunctos attributivos* do *sujeito* da oração, porém a lingua emprega hoje o *gerundio*:

Cobiicante nos põer cima aas demandas... estabelecemos que... seja peado em V maravedis d'ouro (Port. Mon. Hist., L. et Cons., p. 167) = *Desejando* nós pôr termo ás demandas... decretamos que... seja punido em 5 maravedis d'ouro) — Mas os Apostolos Barnabé e Paulo, quando isto ouvirão, *tendo* rasgado as suas vestiduras, saltarão no meio das gentes, *clamando* e *dizendo :* Varões, porque fazeis isto? (A. P.) = Quod ubi audierunt Apostoli, Barnabas et Paulus, conscissis tunicis suis, exilierunt in turbas, *clamantes* et *dicentes :* Viri, quid haec facitis? (Vulg. Act. Apost., XIV. 13).

Ha aqui egualmente uma flagrante invasão do gerundio na esphera do participio. A funcção attributiva deste passa para o gerundio, que se torna *apposto* do *sujeito*, sendo conversivel na *oração adjectiva* ou *relativa*, p. ex.:

"Frei Francisco, vindo de Roma, encontrou-se no caminho com um moço mui confiado", ou — Frei Francisco, que vinha de Tortosa, encontrou-se, etc.

Como no caso antecedente, assim neste, era frequente, na v. lingua e hoje no dialecto literario, vir o gerundio regido da preposição *em*:

Tudo, em me vendo chegar, me perguntava por ella (A. C.) — Subamos aquella escaada que é estreita, pera a qual *descendentes* e *ascendentes* a el eram mostrados os anjos (Chrest. Arch., 28) = eram mostrados anjos subindo e descendo — Ho qual em chegando tocou uma corneta (T. Red. pag. 277) — O Sol logo em nascendo vê primeiro (C.) — Pedro em tomando do Reino a governança, a tomou dos fugidos homicidas (C.) — Em vendo os mensageiros, lhes disse (C.) — Mas logo, em não vos vendo, entristecida se murcha (C.) — Comendo alegremente perguntavam (C.) — Dessem-me uma capa de tal condão que, em me emboscando nella, me visse por encanto em longes terras (A. C.) — Depois, tirando o chapeirão, cortejou a turba multa por um e outro lado (A. H.) — A febre, havendo entrado com grande vigor, não quer despedir-se de todo (A. V.) — Chega esfaimado um lobo, *andando* a corso (F. Elys.) — Ha hi uns que *calando* fallam e outros que *fallando* calam (H. P.) — Permanecei na mesma casa comendo e bebendo do que elles tiverem (in eadem domo manete edentes et bibentes, quae apud illos sunt. (A. P., Vulg.).

5.ª ADJUNCTO ADVERBIAL DO PREDICADO. O gerundio se apresenta ainda na phrase como *adjuncto adverbial* ou *circumstancial* de modo ou instrumento do predicado: *Elles fortaleceram a conjuração nascente não* CRENDO = *conjurationem nascentes non* CREDENDO *corroboraverunt* (Cic.)".

Aqui, é evidente, não houve invasão da esphera do participio, e o gerundio guarda a sua funcção primitiva. Cumpre, porém, observar que, em razão da solidariedade entre o predicado e o seu sujeito, isto é, em razão da intima relação que ha entre a acção verbal e o seu agente, é facil confundir-se o *adjuncto adverbial* do predicado com o *adjuncto attributivo* do sujeito, pois não se póde modificar a acção sem que se resinta o seu agente. Conhece-se, todavia, que o gerundio pertence ao predicado quando não admitte a regencia da preposição *em*, sendo em geral conversivel no infinitivo regido de *a*, p. ex.: O *poeta espalha a fama cantando* ou *a cantar*. E assim: *viver curando* ou *a curar, andar pensando* ou *a pensar, dormir roncando, morrer vencendo, fallar gritando, pedir chorando, ficar dormindo.*

Os gerundios das vozes *inchoativas* (Vid. Gr. Exp. C. Sup.) não admittem reducção a fórmas infinitivas: *ir chegando, vir vindo.*

A este caso podemos reduzir os gerundios isolados, que apparecem como epigraphes de artigos — *respigando, viajando, meditando.*

Emquanto indifferente a natureza vae torcendo no fuso o eterno fio (A. C.) — Martha vae enfeitando Margarida com joias, emquanto esta se está narcizando ao espelho—Ensinando, apprendemos = docendo discimus — Viinham muitos velhos cães (= de cans) *fazendo* grande chanto (= pranto) por don Tello e *fazendo* dizer missas (Chrest. Arch. 108) — E esse tambem que me esquecia anda bebendo os ares por mim (Jorge Ferreira) — Querendo aliena, propria amisit = buscando o alheio, perdeu o proprio (A. V. S. I 216)

6.ª ADJUNCTO ATTRIBUTIVO DE UM COMPLEMENTO. E' frequente entre nossos bons escriptores encontrar-se o gerundio como *adjuncto* de um *termo complementar*. Neste caso o gerundio exerce claramente a funcção attributiva do participio, e é conversivel na proposição adjectiva: "Pare a terra gigantes *ameaçando* Jove (A. C.), (ou *que ameaçam* Jove). Como o emprego do gerundio nesta relação parti-

cipial tem sido fortemente contestada, damos aqui exemplos de nossos melhores escriptores:

De repente un tinir de espadas, *roçando* (que roçava) pelas armaduras... veio distrahir a attenção do trovador (A. H.) — Mando que me tragas já um copo *transbordando* da sabida mixtela (A. C.) — O poeta é a propria nacionalidade *incarnando* num só homem, *respirando* um só espirito, e *soltando* por uma só bocca as expansões de suas glorias (L. C.) — Podemos ver ao longe contornos indefinidos, o vulto de Camões *meditando* e *carpindo* suas desditas na grande Macau (Id.) — E para concluir, accrescentae ainda a pintura da scena *representando* um esteiro do Tejo ao longo do valle (A. C., Q. Hist. 2. 15) — Fazemos o milagre de Amphião *arrastando* as pedras (C. C. B.)— Ouvindo Tobias, que era cego, a voz de um animalzinho *balando* (A. V., S. 1. 201) — Do lado do primeiro Adão *dormindo* foi formada Eva (A. V., S. 5. 264) — Ouvi a Isaias *fallando* com a mesma republica de Jerusalem (Id. S. 3. 301) — Falla do duque de Coimbra *recusando* a estatua (Garção, ap. C. C. B.) — Ao Infante D. Pedro não *consentindo* que se lhe levantasse uma estatua (Ib., ib.) — Se encontrarem um homem *morrendo* ao desamparo, ou o virem lançado por terra pisar dos que passam, nem o ajudarão levantar, nem porão somente os olhos nelle (Luc. 1. 15) — O quarto animal era semelhante a uma aguia *voando* (*aquilloc volanti*) (A. P.) — Acharam Vasco da Gama, e o Catual com alguma gente mais limpa *esperando* por elle (Barros, Dec. I) — Esta primeira foi representada de camara, pera consolação da muito catholica e sancta Rainha Dona Maria, *estando* enferma do mal de que falleceu (G. V. Obrs. 1. 212) Fama, *guardando* patas (Ib. 3. 44) — A seguinte comedia foi feita ao muito poderoso Rei D. João III, sendo principe — Será a primeira figura hũa mocinha chamada Portugueza (ib. 2. 5) —Elles vos levantarão nas lanças e metterão as vossas reliquias em caldeiras fervendo (reliquias vestras in ollis ferventibus) (A. P., Vulg. Am. IV, 2).

748. Conclusões. Deste breve estudo podemos chegar ás seguintes conclusões, quanto á funcção e emprego do gerundio:

1. O *gerundio* só é facultativamente regido da prepos. *em*, quando *predicado grammatical* e *adjuncto attributivo* do sujeito, como vimos nos paragraphos 3.º e 4.º

2. Dos seis casos em que se emprega o *gerundio*, em dois apenas exerce elle a funcção attributiva do *participio presente*, e é quando modifica um substantivo ou pronome, que faz na proposição de *sujeito* ou de *complemento*, como se póde ver nos paragraphos 5.º e 6.º. O gerundio ahi assumindo a feição de *adjuncto attributivo* do sujeito e do complemento, é conversivel na *oração relativa* ou *adjectiva*.

3. Não obstante a conversibilidade do *gerundio* na *oração relativa*, nesses dois casos, nem sempre ha perfeita equivalencia entre esta e aquelle, e a pureza da linguagem póde reclamar um ou outro na traducção do participio latino. Do acertado da escolha depende o emprego correcto do gerundio. Qual o criterio? A falta desse criterio é que tem dado origem a toda a confusão e incerteza no emprego do gerundio. Para resolver, em grande parte o intrincado problema, devemos procurrar esse criterio no proprio caracter grammatical do *gerundio* e da *oração relativa*. O gerundio, retendo sempre seu caracter de facto verbal, evoca espontaneamente a noção de *tempo*, de actualidade de acção, o que não acontece com a oração relativa. Esta exprime meramente a idéa adjectiva do participio, a simples qualidade ou estado, sem qualquer circumstancia temporal. Em geral, este matiz de differença se descobre ao primeiro relance, embora seja ella, ás vezes, quantidade desprezivel. Exs.:

"Fazemos o milagre de Amphião arrastando as pedras (C. C. B.)" e "fazemos o milagre de Amphião, que arrastava as pedras" — "O sol nascendo vê primeiro (C.)" e "o sol, que nasce, vê primeiro" — "Em vendo os mensageiros, lhe disse" e "elle, que viu os mensageiros, lhes disse" — "A seguinte comedia foi feita ao muito poderoso Rei D. João III, sendo principe" (G. V.) e "a seguinte comedia foi feita ao muito poderoso Rei D. João III, que era principe".

4. Do exposto conclue-se que o emprego correcto do gerundio, nos dois casos em que tal emprego póde offerecer difficuldades, depende de o sentido da phrase reclamar ou permittir uma *circumstancia adverbial de tempo*. Toda vez, pois, que não fôr admissivel a noção de tempo actual, empregar-se-á de rigor a oração relativa, sendo incorrecto o emprego do gerundio. E essa noção de tempo elucidada pelo adverbio conjunctivo *quando* ou pelo infinitivo regido da prepos. *a*, p. ex.: *Fazendo o papel de Amphião, arrastando as pedras*, isto é, *quando arrastava* ou *a arrastar* — *A seguinte comedia foi feita ao muito poderoso Rei D. João III, sendo principe*, isto é, *quando era principe* ou *ao ser principe*. Não se dirá, entretanto: *Foi comprada a casa tendo o n.* 40, *mas — que tinha o n.* 40. *Enëas*, escreve Vergilio, *lança por terra, com suas flechas certeiras, os cervos, que traziam elevadas cabeças com arboreos chifres — capita alta*

ferentes cornibus arboreis (Eneid. I. 193, 194). O participio *ferentes* não se póde ahi traduzir pelo gerundio *trazendo*, mas pela oração relativa — *que traziam*. A razão é que não ha nesses exemplos a noção de tempo, porém apenas a expressão de um estado ou qualidade inherente. Parecem, entretanto, destoar deste criterio as seguintes construcções correntes:

— *Foi promulgada a lei creando escolas ruraes, foi expedido o decreto aposentando o juiz, comprei uma casa tendo muitos moveis, publicou-se um diccionario contendo duzentos mil vocabulos, foi encontrada uma bolsa contendo* 500 *francos.*

Em todas essas expressões ajusta-se bem a *oração relativa*, e porque o *gerundio* não é nellas conversivel em clausula adverbial temporal, contestam muitos a sua vernaculidade, mormente a dos dois ultimos exemplos. Manifestamente a ninguem repugna o uso do gerundio nas duas primeiras phrases, e á sombra dellas as outras podem abrigar-se. Comtudo, talvez taes expressões possam justificar-se deante do criterio estabelecido, pois o gerundio exprime ahi uma certa *actualidade* contemporanea ou coexistencia do facto attribuido ao substantivo a que elle se refere. Existe ahi uma noção de tempo, embora não possa ella ser francamente declarada.

Fóra, porém, destes casos, muitos outros existem em que seria abusivo o emprego do gerundio pela *oração relativa*. Damos em seguida uma lista desses casos extrahida da *Vulgata*, onde o participio do presente latino é vertido pela *oração relativa*, por seu eminente traductor o P.e Antonio Pereira de Figueiredo.

Susceperunt me sicut catulus leonis *habitans* in abditis Psalm. XVI. 12.	Elles me recebêrão como hum cachorro de leão, *que habita* nos logares occultos.
Hostes justi *accipientes* munus et pauperes *deprimentes* in porta. Amós V. 12	Inimigos do justo *que acceitaes* dadivas e *opprimis* os pobres na porta...
...et cornu illo quod habebat oculos et os *loquens* grandia. Dan. V. 20	... e deste corno que tinha olhos e tinha boca, *que fallava* com insolencia.
Facientem Arcturum et Orionem, et *convertentem* in mane tene-	Buscae aquelle *que creou* a estrella da Ursa, e a estrella do Orião,

bras, et diem in noctem *mutantem.*
Amós V. 8

e o que *troca* em manhã as trevas, e (*que*) *muda* em noite o dia.

Timeat Dominum omnis terra: ab eo autem commoveantur omnes *inhabitantes orbem.*
Psalm. XXXIII. 8

Toda a terra tema ao Senhor: todos os *que habitão* o universo tremão deante delle.

Dedisti metuentibus te significationem; ut fugiant a facie arcus. Psalm.

Déste aos *que te temem* hum signal para que fugissem da face do arco.

Ego scio quoniam intrabunt post discessionem meam lupi rapaces in vos non *parcentes* gregi. Et ex vobis ipsis exsurgent viri *loquentes* perversa, ut abducant discipulos post se.
Acts. XX. 29, 30

Porque eu sei que depois de minha despedida hão de entrar a vós certos lobos arrebatadores, *que hão de perdoar* o rebanho. E que d'entre vós mesmos hão de salir homens *que hão de publicar* doutrinas perversas com o intento de levarem após si muitos discipulos.

Ille erat lucerna *ardens* et *lucens.*
Joa. V. 35

Elle era uma luzerna *que ardia e allumiava.*

Omnem palmitem in me non *ferentem fructum,* tollet eum.
Joa. XV. 2.

Todas as varas *que* não *derem* fructo, elle as tirará.

Et adimpletur in eis prophetia Isaiae *dicentis:* auditu audietis et non intelligetis.
Matt. XIII. 14

De sorte que nelles se cumpre a prophecia de Isaias *que diz:* Vós ouvireis com os ouvidos, e não entendereis.

Iterum simile est regnum coelorum homini negotiatori quaerenti bonas margaritas.
(Ib. 46)

Assim mesmo é semelhante o Reino dos Céos a hum negociante *que busca* boas perolas

Iterum simile est regnum coelorum sagenae missae in mare, et ex omni genere piscium *congreganti* Ib. 47

Finalmente o Reino dos Céos he semelhante a huma rede lançada no mar, *que* toda a casta de peixes *colhe.*

Obs. O que ahi fica dicto deve servir de criterio aos traductores de francez, onde a coincidencia morphologica do participio presente e do gerundio, dá largas ensanchas á invasão do gallicismo. Em phrases semelhante á seguinte, a presença de nosso gerundio seria inadmissivel:

"Le crétien croit à un Dieu possédant toutes les perfections" = crê o christão em um Deus *que possue* (e não *possuindo*) todas as perfeições". Deante do que ficou exposto, resentem-se de exaggerado dogmatismo as seguintes palavras do illustre philologo Epiphanio Dias, a pag. 249, de sua obra pósthuma, Synt. Hist. Port.: "E' mero gallicismo o emprego do participio em—*ndo* como equivalente de uma simples oraç. qualificativa (relativa), v. g.: "Requereu para ser anulada a lei promovendo-o ao posto imediato".

5. Ha um caso particular em que a clareza da phrase póde excluir o emprego do *gerundio* e impôr a *oração relativa,* onde o lat. usa o participio do presente. Dá-se quando um adjuncto attributivo do *complemento* se poderia confundir com um adjuncto attributivo do *sujeito,* e haver assim duvida sobre a referencia do gerundio. Diez e Mayer Lübke citam o seguinte exemplo: *regem vidi equum conscendentem* = *vi o rei montando a cavallo,* onde ha duvida, em portuguez, se o gerundio *montando* se refere ao sujeito *eu* ou ao complemento *rei.* Em lat. o caso indica que a referencia é ao *rei;* nesta hypothese diremos — *vi o rei que montava a cavallo,* ou *quando elle montava a cavallo.* Sendo a referencia ao sujeito, o lat. dirá: *regem vidi equum conscendens,* e o port., para evitar equivoco, diria: *montando eu a cavallo, vi o rei.* Em francez o primeiro sentido é expresso do seguinte modo: *j'ai vu le roi montant à cheval,* e o segundo: *j'ai vu le roi en montant à cheval* (M. Lübke, III. 560).

Obs. Julio Moreira, distincto prof. de portuguez ha pouco arrebatado ás letras patrias, critica em seus primeiros *Estudos da Lingua Portugueza* (1907), a pag. 95—97, "a grande tendencia moderna para largo emprego abusivo das fórmas do gerundio", attribuindo essa perversão da lingua á influencia da ling. franc., onde a coincidencia morphologica do participio do presente e do gerundio determina um emprego muito mais largo dessas fórmas que em port. O seu eminente discipulo, o Dr. José Leite de Vasconcellos, em sua importante obra *Lições de Philologia Portugueza* (1911), a pag. 389, endossa a critica do mestre, dizendo: "Em resumo: O participio português em —*ndo* só exprime circumstancia, e não mero apposto. O participio presente francez é o latino; o participio presente portuguez é o gerundio latino, que não tem nominativo, e só emprega como complemento". — De nosso estudo se collige que é justa a critica desses illustres mestres contra uma corrente abusiva no emprego do gerundio, porém ella pecca por excessiva.

749. Numeros e pessoas. O *numero* e a *pessoa* do verbo na phrase são determinados, em portuguez como em latim

pelo numero e pessoa do sujeito respectivo: é o phenomeno da concordancia do verbo com o seu sujeito em numero e pessoa.

Esse facto grammatical, observado em todo o curso da lingua, não escapou á lei do desenvolvimento analytico, que domina todo o campo da evolução glottica nas linguas aryanas.

A concordancia é hoje mais complicada que na velha lingua. Já estudamos isto quando tractámos do phenomeno geral da concordancia, e na "Grammatica Expositiva, Curso Superior", expuzemos as regras particulares, que regem o numero e a pessoa do verbo.

CAPITULO IV

ADVERBIO

750. O ADVERBIO tem por funcção taxeonomica modificar o *verbo*, o *adjectivo* e outro *adverbio*. A denominação de adverbio (*ad* + *verbum* = *juncto do verbo*) não corresponde, pois, á extensão de suas funcções. E' o adverbio, como o adjectivo, uma palavra modificadora, que serve na phrase para qualificar o *predicado*, o *attributo* ou *alguma circumstancia* modificadora desses termos.

751. FUNCÇÃO SYNTACTICA DO ADVERBIO. A funcção syntactica do adverbio como a do adjectivo, é uma funcção complementar: elle está sempre na phrase desempenhando o papel de complemento circumstancial ou de adjuncto adverbial ás trez categorias acima referidas.

752. De sua analogia funccional com o adjectivo nascem relações entre estas duas categorias, que convem estudar:

1.ª Não raro passa um adverbio a exercer as funcções de um adjectivo:

Rio acima, rio abaixo, barra fóra, uma vida assim, sua residencia aqui, até Bruto contra Cesar, a epigraphe supra, houve bem gente, além-tumulo,

Bem contestada a Causa,
Bem replicas, *bem* gritos, *bem* balburdia,
Bem certo o Juiz das manhas d'um e d'outro (Fab. 59)

Fallemos do homem d'além eras (A. C., Os Fast. 1. 308) — Homens assim não se podem aturar (J. Moreira).

2.ª Inversamente é frequente passar o adjectivo a exercer as funcções do adverbio sem qualquer alteração de fórma: *fallar alto, ler baixo, contar certo, etc.*, á imitação do lat.:

Ella, *certo*, não é mulher em cujos labios só mentira e traição *eterno* habitam (G. D., Poes. 1. 64) — Doce tanges, Pierio, doce cantas (Ferr., ap. Serões 520) — E nesta toada ha ladrões que, não furtando nada, porque nada lhes fica, furtam quasi *infinito* (A. de F., ib. 521) — Vão molle molle uns laços invisiveis prendendo os corações (A. C., ib.) — Dulce ridentem Lalagen amabo, dulce loquentem (Hor., ib. 521).

Largo era esse processo no v. port. E *semelhante* faz ella quando de nós se assenhora por qualquer causa (Leal Cons. 97) — ...vindo a ser *rijo* tentado (Ib. 79) — ...de que ajamos de ser *rijo* sentydo (Ib. 128).

3.ª Outros adjectivos, apesar da funcção adverbial, flexionam-se por *attracção* — *toda molhada, meios mortos.* Exs.:

Ella de bonitos só tem os olhos — Está a gente maritima de Luso subida pela enxarcia, de admirada (Lus. 1. 62) — Tentou Pirithoo e Théseo de ignorantes, o reino de Plutão horrendo e escuro (Lus. 2. 102).

Nota. Encontram-se mesmo nos classicos *attracções* hoje vedadas: Estas segundas redempções das esmolas... são *muitas* mais em numero (A. V., ap. Serões 523).

753. Origem dos adverbios. Varias são as fontes de nossos adverbios:

1. Do lat. nos vieram grande numero, como já vimos no logar proprio. Muitos adv. e locuções são ainda usados em nossa literatura em sua fórma primitiva latina:

Ibidem, exclusive, inclusive, primo, secundo, gratis, infra, supra, retro, maxime, bis, aliunde, intestato, ab-eterno, ab-inicio, ab-ovo, ex-cathedra, ex-officio, ex-vi, ex-corde, ex-abrupto, ex-professo, extra-muros, intra-muros, currente calamo, pari passu, in totum, per summa capita, á priori, á posteriori, á fortiori, ad nutum, nemine discrepante, invita Minerva, statu quo, in-extremis, motu proprio, more fluentis aquae.

2. São de origem romanica os adv. formados com o suff — *mente* (268):

Sabiamente, sapientissimamente, maximamente, optimamente, outra mente, mesmamente, mesmissimamente, tal qualmente (vulg.).

3. Grande numero de adv. e locuç. adverbiaes são de origem vernacula como — *talvez, todavia, acaso, de tempos a tempos, de hora em hora, pouco a pouco.*

Aqui damos uma lista de nossas locuç. adverbiaes, algumas das quaes se teem antiquado:

De quando em quando, de onde em onde, de ponto em branco, de seguro, de ligeiro, de caminho, de joelho (arch. em joelhos), de outiva, de ouvida, de ouvidas, de vista, de vistas, de pé, em pé, a pé, de pé, ante pé (de a pé, pop), á pata, de leve, ao de leve, mais e mais, a occultas, ás escondidas, em secreto, em segredo, em barda, á gineta, á larga, ao largo, á tripa forra, á bocca aberta, as rebatinhas, ás vezes (arch. a vezes), a esmo, á toa, á uma, a talho de foice, a lanço, á competencia, á compita, a socapa (=sobcapa), ás tontas, a surrelfa, a seguro, de industria, de juro, de facto, de golpe, a olho, ao vivo, a pressa, de longe em longe, de primeiro, a granel, á bala, de roldão, de rondão, de chofre, a deshoras, hoje em dia (arch. og' este dia), a destro, á direita, ás direitas, a sestro, á esquerda, á escala-vista, a olhos vistos, espada feita (levantada), acerca (arch. = perto), neste comenos, a sós, a bandeiras despregadas, neste interim, a furto, ás furtadellas, ás furtadas, a furta passo, a revés, a reveses, ao revés, de revés, ao invés, ás avessas, a mancheias, a mão tente ou tenente, a flux, de rojo, de afogadilho, ás caladas, de cocaras, de molde, de geito, a geito, de momento, de subito, ás subitas, a fundo, a fio, de fio a pavio, a eito, á revelia, a sabendas, de bruços, senão quando, vae senão quando, tim tim por tim tim, de ponto em branco, a bom recado ou recato, ás mãos ambas, sem tirar nem pôr, a surda, a surdina, ás surdas, á soldada, de espaço, a primor, a sabor, de mão beijada, de mão posta, mão por mão, de mãos dadas, de boa mão, de viva voz, de barriga cheia, a pedaços, ás mãos lavadas, a grandes brados, a ponto, ponto por ponto, a tiracollo, a qual mais, qual a qual, a qual melhor, a quem melhor, alto e bom som, ao compasso, á espora fita, a todo o panno, a todo o transe, por um triz, de palanque, ao claro, em som de guerra, vai não vae, por um és não és, por dá cá aquella palha, a trecho, a trechos, ás cavallinhas, a cavalleiro, ás cavalleiras, por arte de berliques e berloques, de cabo a cabo, de cabo a rabo, a pés junctos, aos pés junctos, de bocca em bocca, da mão a bocca, as mais das vezes, as mais vezes, o mais das vezes, afinal de contas, por fim de contas, a queima-roupa, por milagre, por maravilha, de maravilha, a giros, de arrancada, de cote, de cotio, a la par, a la é, a l'obra, de rota batida = de pressa, á ventura, de já hoje. Exs. :

De quando em quando, o vociferar affrontoso da gentalha era afogado do ruido de risadas descompostas (A. H., L. e N. I. 115) Donde sahia *de vez em quando* uma exhalação de carniça (Id. ib. 197) — Volta o Mes-

tre a taes brados ; e *a deshoras* com tom grave em arguil-o se espanêja (Fab. 60) — Davã sinal de quã nobre cousa foram e *a lugares* avia çoteos e casas (Palm., I. 112) — A graça e o bom humor andavão *á competencia* com a dicacidade e ironia (L. C., Cam. 205) — E' porém crivel que um homem, como Barreto, orgulhoso como idalgo principal, elegesse *ao iusto* aquelle ensejo (L. C., Cam., 210) — Todos *á uma* entendemos que deveis ser vós, mestre Fernão Vasques (A. H., L. e N. I. 61) — Nom me queredes a mi *melhor*, do que vus eu quer, amigu e senhor (C. Arch. 258) — E *a vezes* acordava, *a vezes* esmorecia (L. Port. I, 137) — *Neste comenos*, havia el-rei mandado a Sevilha por duas galés e gentes (F. L., C. de D. Fernando., 132)—Comem Lobos *á soffrega* (Fab. 98) — Feliz quem só *de ouvida* o sabe (Fab. 100) — Mandou-lhe dar outro andor que trazia *adestro*, melhor concertado que aquelle em que vinha (Barros, Dec. I. 333) — Os seus feitos antepassados que haviam por muy grandes, naquella ora os julgava *ao revés* (Palm. I. 261) — ...Dae-me a entender, como se creo *tão de ligeiro* o Senhor Dom Lusidardos de quem isso contou (C. Obrs., 3. 226) — De todas as quaes Deus ha de pedir conta a vossa magestade, muito maior depois de chegarem ás reaes mãos de vossa majestade es as noticias não de *ouvidas*, mas *de vistas* e experiencias (A. V., C., I. 26) — Ho sentimento que de seu desastre tive ficou *ouro e fio* com o gosto de Dricamandoro (Tav. Red., 117) — O louvor ergueria sua voz pondo *ouro fio* a ba anca dos bens duradouros e erros transitorios (C. C. B. Lit. Port., I. 20) — Não era esta *de seguro* moeda de boa lei, com que ainda os poetas hajam de satisfazer os seus compromissos (L. C., Cam .240) — Ora sus, ha *hi* quem dê mais? que ainda vos veja todos á mim *ás rebatinhas*, ora sus venha *de mano em mano*, ou de mana em mana (C. Obrs. 3. 10) — Assaltando-a *á escala vista* com obra de setenta ou oitenta escadas, a entrou sem perder mais que sós trinta e sete (Peregr., I. 56) — Só, e *a occultas* do Principe, sae-se da villa ao campo dos contrarios (A. C., Q. H. I. 105) — E quando mais olhava pelos mouros tanto lhe *mais e mais* crescia e esforçava o coraçon (Ling. Port., 234) — Por al descerá elle amanhã galopando em seu cavallo branco *de lança feita* e semblante alvoroçado (A. C., Q. H. 2. 21) — Poz-se Adão *em pés* (A. V., S. 227) — Eis por si mesma se me clarêa *a subitas* a estancia (A. C., Os Fast., I. 55). —

> Vira uma rã um Boi formoso, e nedio,
> E ella, que em talhe (*ao muito !*) um ovo iguala,
> Estende-se, invejosa, incha-se, esforça-se ;
> Quer c'o Boi confrontar-se (Fab. 29).

754. CLASSIFICAÇÃO DOS ADVERBIOS QUANTO AO SENTIDO. O destino syntactico do adverbio é qualificar, na expressão do pensamento, a acção ou a qualidade dos seres e, ainda, as diversas condições em que esta acção ou qualidade se realizam. Estas qualificações do adverbio são as *circumstancias*, que determinam as *classes* em que elle se distribue, taes são as circumstancias de — *affirmação, duvida,*

negação, logar, tempo, quantidade, modo, ordem, designação, etc.

755. ADVERBIOS DE AFFIRMAÇÃO. Varios são os adverbios e locuções adverbiaes de que se serve a lingua para exprimir *affirmação*: *sim* (arch. *si*), *certamente* (arch. *certas, a certas, certãs*), *tambem* (= *realmente*), arch. *bofá, bofé* = *boa-fé, a la fé.* — Já entra muitas vezes como reforço em phrases affirmativas:

> Este amor é verdadeiro :
> Isto *si, si,* que me apraz,
> E não amor de sequeiro,
> Que emfim por derradeiro
> Quanto az tanto desfaz (G. V., Obrs. 2. 66)

> Eu trago na phantesia
> De casar com Madanela ;
> Mas não sei se querrá ella ;
> Perol, eu bofé, queria. (Id., ib. 420)

> Grumetes ! *Bofá* mei amigo
> Dou ó (ao) demo a grumetada ! (Id., ib. 468)

A la fé, disseron, se non... buscaremos nos outros que reine sobre nós (C. Arch. 160. — Certas, vos lhe dades a cabeça (C. Arch. 72) — *A certas,* falar e insinar conven o maestro (Ib., 227) — Isso agora *tambem* é de mais (J. Moreira) — (cf. — Aquelle homem é muito abrutalhado com os cavallos. *Tambem* tem apanhado cada trambulhão ! (J. M.).

JÁ REFORÇATIVO :

Já você vê que não tinha razão (J. Moreira) — *Já* agora não se póde retroceder, temos de executar até o fim o nosso plano (Id.) — Antonio é muito travesso, *já* o Augusto não é assim (Id.) — Fulano devia proteger aquelle rapaz, *já mais* sendo parente (cf. com *jamais* negativa. Id.)

Sim traz implicita a oração responsiva : *Escreveste? Sim* = *escrevi.*

756. ADVERBIO DE DUVIDA. Rejeitadas as particulas dubitativas latinas, o portuguez creou outro processo nos adverbios — *talvez, caso, acaso,* arch. *casuso* e *cajuso* (= *acaso*), *quiçá, por ventura* (arch. *pola ventura, pela ventura*), *qual o quê* (cf. *vae não vae, és-não-és*).

Talvez anteposto ao verbo leva-o ao subjunctivo : *talvez fosse, talvez vá ;* porém, *foi talvez, vae talvez.* Anteposto traz implicita a oração principal — *talvez vá* = *póde ser que vá.*

Quero esperar pelo remate de suas queixas, e *quiçá* desabafará com ellas (A. Arraiz, D. 6.).

Eu vou *casuso* ao cabeço
Por ver se vejo o meu gado. (G. V., Obrs. 2. 424)

757. Adverbio de negação. No processo de negação apartou-se o port. largamente da syntaxe latina. Em lat. duas negativas se annullavam, e equivaliam a uma affirmativa: *non nullas = aliquis = alguem, non nemo = alguem, non nihil = aliquid = alguma coisa.* No port., mormente no v. port., as negativas se accumulavam como reforço:

Os biscainhos quando viram que *nenhum não* sahira a elles, tornaram-se a seus bateis (F. Lop., C. de D. Fern. 62) — As portas eram guardadas, porque *nenhum não* sahisse pera o avisar (Chrest. Arch. 155) — Certas *non*, diss'elrei, *jamais* ora *non* me veerdes (Chrest. Arch., 53) — *Nem* eu não vo-lo requeiro ; a *ninguem não* me descubro ; e Gonçalo *não* me quer, *nem* eu *não* quero Gonçalo (G. C., Obrs. 2. 40. 48, 427)

758. O port. moderno restringiu algo esta exuberancia negativa, e não admitte antes do predicado reforço negativo. Só por imitação de syntaxe archaica escreveu nosso Gonçalves Dias:

Mojacá, Mopereba, irmãos nas armas,
Sempre unidos ninguem não foi como elles (Poes. 2. 63)

a) Não, non, nom, no (arch.) é frequentemente reforçada:

Não quero não — *No mais*, Musa, *no mais* (Lus. 10. 145) — A velha acenando com a mão nos disse : *no mais, no mais*, porque me doe vervos chorar (Peregr. 1. 334) — *Não* vacillam *um ponto* na fé (A. V.) — *Não* deixei na materia *udo nem miudo* (A. C., ap. Serões) — Compadre, nó mais soffrer... Queremo-la ver, nó mais, para ver em que tractais... (G. V., Obrs. i. 270)

b) Nem sempre não é negativo, mormente depois do verbo *prohibir, impedir*:

Pouco faltou que não perdesse o siso (Mal. conq. 3.98, ap. E. D.) — Defendi-lhe que não fosse daqui (Lang. 99, ap. ib.). — Não deixa de não tem razão. Quando tantos deleites ha na terra, que não será no Céo ! (A. C., ap. Serões 721) — Egualmente outras negativas : Viu-se *nunca* beleguim de tão feia catadura ? (Dr. E. Carn.) — Foi o homem mais pusillanime que *ainda* vi, ou *já* vi (Id.) ou *jamais* vi.

c) A *negativa* na clausula subordinada ao verbo *temer* e outros semelhantes implica desejo, e a sua ausencia implica o inverso:

Teme que não venha e *teme que venha, receio não alcançar o fim* e *receio alcançar o fim.* No lat. dava-se o contrario : *Vereor ne laborem augeam* (Cic.) = *receio augmentar meu trabalho ; timeo ut laborem sustineas* (Cic.) = *temo que não supportes a fadiga.*

d) A loc. archaica — *não que* equivale *pudera não que* (E. D.) "Por quem vós hys sospirando, senhor Jorge da Sylveira? — Nam que eu sospiro indo por quem cuydados me dá (J. da Silv., Canc. Ger. 1. 1, ap. E. D.)

760. Adverbios de logar. Dispõe a lingua de adverbio simples oriundos do latim e de locuções adverbiaes para indicar as varias circumstancias de logar: *onde* (arch. *aonde, adonde* (arch.), *aqui, ali, cá* (arch. *acá*), *la* (arch. *alá*), *acerca* (arch. = *perto*), *alhur* (arch. = *alhures*), *algur* (arch. = *algures*).

761. Onde (⟵ *unde*). O nosso actual adv. conjunctivo, *onde,* nos veio de *unde* latino, que significa *donde.* Em latim o logar *onde, donde* e *para onde* exprime-se respectivamente por — *ubi, unde, quo*:

Ubi est ille? = onde está elle? — Scio unde veni, et quo vado = sei donde vim e para onde vou (S. Jo. VIII. 14, IX, 12) *Ubi* deu no velho portuguez *hu, u :* O meu, diss'elle, será u foi sempr'e u está (T. Arch. 25) — Elle (estava) em Estremoz com suas jentes hu chegou o primeiro dia de setembro (Ib. 65).

Unde, nos primeiros documentos da lingua, apresenta-se com seu valor etymologico: *... e de VII e medio casaes antre Coina e Batuzio unde li nunqua deru quinõ* (N. de torto, T. Arch. 15) — *e de sete e meio casaes donde* (dos quaes) *nunca lhe deram quinhão.* — Posteriormente desappareceu *hu, u* (*ubi*) da lingua, e *onde* (unde) veio preencher-lhe a falta. Destes factos historicos, resultou o não distinguirem os nossos classicos entre — *onde, aonde, donde* e *adonde.* A fórma *aonde* nasceu de uma prothese expletiva de *a,* como de *si, inde, fora* veio — *assi ainda, afora,* etc. A fórma donde lembra o valor etymologico de *unde,* e muitas vezes, como a fórma simples *onde* (unde), preenche sim-

plesmente a funcção de *hu, u, archaizado* (*ubi*), e assim temos *donde* = *onde* = *hu*. Da obliteração do valor etymologico de *donde*, nasceu a necessidade da expressão, que se encontra nos classicos e no povo — *de donde*. A fórma *adonde*, que se encontra ainda em Camões e ainda hoje na ling. popular, é fórma prothetica (*adonde* = *donde*). Dahi a synonymia de todas essas formas no velho portuguez, como se vê nos seguintes exemplos de nossos classicos e nos velhos proverbios da lingua:

Podesse acertar com o logar aonde sua gente ficava (Palm. I. 3) — Dar vos hey conta de donde ella vem (Ib. 31) — Donde foste passageiro, não serás escudeiro (Prov.) — Donde muitos cospem, lama fazem (Prov.) — Cuidando donde vás, te esqueces donde vens (Prov.) — Donde te querem, ahi te convidam (Prov.) — Aonde o ouro falla, tudo calla (Prov.) — Aonde te conhecem honra te fazem (Prov.) — Onde fores tarde, não te mostres covarde (Prov.) — Donde te vás mal? Onde ha mais mal? (Prov.) — Onde não vai o dono, vai o dolo (Prov.). —

Si, mas porem nunca vemos
A natureza esmerar
Aonde haja que taxar (C., Obrs. 3. 17)

762. A' critica que ao uso classico dessas fórmas de adv. *onde*, fazem nossos diccionarios, fallece evidentemente criterio historico. Garrett e outros guardam ainda a synonymia classica entre *onde* e *aonde;* porém modernamente existe a corrente que busca aproveitar as fórmas *onde, aonde* e *donde*, fazendo-as corresponder: *onde* = *ubi, aonde* = *quo* (para onde); *donde* = *unde*. A corrente embora não seja historica, é logica e, por isso, acceitavel: *onde estou, aonde vou, donde venho.*

763. AQUI, CÁ, AHI, ALI, LÁ e ACOLÁ. Designam respectivamente logar proximo á 1.ª pess. grammatical (*aqui, cá*), á 2.ª (*ahi*), e afastado de ambas (*ali, lá, acolá*).

Delles faz um bellissimo uso Camões no seguinte soneto:

Aqui a vi os cabellos concertando
Alli com a mão na face, tão formosa;
Aqui fallando alegre, alli cuidosa;
Agora sentando quêda, agora andando,
Aqui esteve sentada, alli me vio,
Erguendo aquelles olhos tão isentos;
Commovida aqui um pouco, alli segura,

Aqui se entristeceo, alli se rio ;
E, emfim, nestes cansados pensamentos
Passa esta vida vã, que sempre dura (Obrs. 2. 22)

764. ALI e LÁ indicam muitas vezes tempo — *lá*, remoto, e *ali*, proximo: *Lá para o anno irei ver-te — Ali pelo Natal conversaremos — Já lá vão muitos annos.*

CÁ e LÁ, esta indica afastamento e aquella approximação da 1.ª pess. grammatical:

Cá e lá más fadas ha — Eu cá me entendo — Eu lá comprehendo o que elle quer? — Eu sei lá o que elle pensa? — Lá isso é verdade — Lá que os filhos não teem culpa nos erros dos paes, é certo (J. Moreira) — Eu lá vejo (ironico) como você cumpre o que promette (Id.).

CÁ e LÁ, esta indica afastamento e aquella approxima-forçados pelos adverbios *cá* e *lá*: *cá dentro, lá dentro, cá fóra, lá fóra.*

765. ADVERBIOS DE TEMPO. Muitos são os adverbios e loc. adverbiaes de tempo, taes como: — *agora, ora, hoje, já, nunca, sempre, amanhã, hontem, cedo, tarde, então* (arch. e pop. *entonces*), *depois, entrementes, a deshoras, de quando em quando, de tempos a tempos, a hora-dada.*

766. AGORA e HORA indicam o momento actual de accordo com seu valor etymologico (*agora* = *hac hora, ora* = *hora*) e são frequentemente empregados com valor conjunccional. E' usual em Camões a repetição de *agora* com bello effeito:

Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hesperia ultima, onde mora ;
Agora pelos povos seus vizinhos ;
Agora pelos humidos caminhos (Lus. 2. 108)

767. HOJE. Reforçamos actualmente este dizendo *neste dia de hoje;* a velha lingua dizia: *oge este dia*:

E por en te demando e te rogo que oge este dia me queiras bautizar (Chrest. Arch. 105) — E se tal he, eu daria por conhecer a donzella a ração d'hoje este dia (C., Obrs. 3. 139).

768. JÁ. Este adverbio entrava na velha lingua como reforço de muitos outros adverbios: *já sempre, já nunca, já mais* (cf. *já agora, já então, já hoje*, pop. *de já hoje, já hontem*). Exs.:

...e já sempre Deus amarei (Cans. da Vat., ap. J. Moreira) — Ja mays nunca lhi par vi (Ib. 150).

769. Adverbio de quantidade. Pertencem a esta classe — *muito, pouco, mais, menos, quasi,* etc.

Muito. No v. port. encontramos comparativo analytico de *muito* —*tão muito* = *tanto,* e superl. analytico *mui muito* = *muitissimo.* Entre a fórma apocopada *tão* e a completa *tanto* não faz o port. arch. a distincção que hoje fazemos. Exs. :

Ca tã muyto desejey aver ben de vós, senhor (Ling. Port. 127) — ...a mia senhor, que eu vi, mui mui fremosa en si (Chrest. Arch., 243) — ũ serpente... jazia tanto frio con o regelado, que não sabia de si parte (Chrest. Arch., 74) —

> Das outras que será? poi poder teve
> A morte sobre cousa tanto bella,
> Que ella eclipsava a luz do claro dia (C., Obrs. 2. 143)

770. Adverbios de modo. São numerosos os adverbios e locuções que exprimem modo, taes como: *bem, mal* e seus comparativos — *melhor* e *peor, tudo, tal, qual, acinte.*

Os formados de adjectivo com o suffixo — *mente, sabiamente,* e as locuções formadas com as preposições — *a, de, em: á uma, á fidalga, de joelhos, de pé, em pé, em barda.*

a) Bem tem por comparativo analyt. *mais bem,* e synthetico *melhor.* Recommenda-se geralmente preferir-se o analytico antes do part. passado: — *mais bem feito* e não *melhor feito.* Os classicos, entretanto, não tinham essa preferencia.

b) Mal, comparat. — *mais mal* e *peor.* — *Malferido* é em nossos bons escriptores equivalente a *muito ferido: Já malferido de eiva de morte, arqueja o imperio d'Asia* (G. Cam. 57).

Satisfazendo a vosso desejo, consiirei que seria melhor feicto em forma de hua soo tractado com alguus adimentos (L. Cons., 1)—Está o animo mais prompto e melhor disposto para entender em os altos... A alma sendo enferma em nenhum logar está peor aposentada que emcorpo sano (Arraiz, Dial., 106) — Hajão festas de prazer, as que melhor possão ser (C., Obrs. 3. 48)— ...nunca melhor ganhados, nem mais bem empregados (A. V., C. I. 49) —

> Que seja melhor purificado
> No immenso resplandor de um raio esquivo (C., Obrs. 2. 56)

E quem fóra está do jogo
Enxerga o lanço melhor (C., Obrs. 3. 61)

771. ANTIGOS ADVERBIOS E LOCUÇÕES ADVERBIAES.

Acerca e **cerca**: E vendo quã acerca todos estavão de morre (Pal. I. 248) — Os mouros vinham tan cerca... (Chrest. Arch., 121).

Hu, u, do lat. *ubi* (fr. *où*): Preguntou-lhis u iam (Chrest. Arch 121) —

Amainae! — áquidelrei!
Que nos imos alagando,
— Per hu puxaremos nós?
Gregorio puxa per hi (G. V., Obrs. 2. 468)

Ogano, do lat. *hoc anno* = *neste anno* (cf. *cadanho, cadanno*).

Que amor aqui non chegou
que tanto ogano d'el levou
e non veo... (C. Arch. 187)

Antano e **antanho,** lat. *ante anno* = *anno passado, tempos passados* empregado geralmente como subst., regido de *de*: Importar-se com as neves de antanho = affligir-se com o mal que já passou (D. Vieira) — E cada vez que me derdes huma hora de bom acerto, como o do antanho, rio-me dos triunfos de Roma (Jorge Ferreira, ap. D. Vieira) — A austeridade em tempos de antanho como norte á lei divina (C. de Lael)

Toste, do lat. *tostus, -a, -um* = *apressado* (fr. *tôt* = *cedo*). Accorrera o mais *toste* que puderam (F. Lop., Chr. de D. Fern. 72) — Dos que os son na oste amigo querria se se verran tard'ou *toste* (Chrest. Arch., 275)

Acá, cá: Amigo quen sodes ou que buscades *acá* (Chrest. Arch., 172).

Samicas = *talvez* Vos samicas cuidaveis que sou eu parvo Darouca (Euphr. 8).

Alhur = *alhures*: Disseron todos alhur la buscade, ca de tal guisa se foi a perder (Chrest. Arch. 208)— Amigo, pois me leixades, e vos ides alhur morar (Chr Arch., 275).

Juso, do lat. *deorsum* = *jusum* = *para baixo*. **Suso,** do lat. *sursum* = *susum* = *para cima*: Juso da querida, Mendo, jases... a suso em pases (O Ant. Vern., 41) — Levem doze reaes e da sua nota dezeseis reaes, e assy d'ahi *a juso* per esse respeito (Ord. Aff., ap. Serões. 535) — E este *suso* dito he dos mesteiraaes (Ib.)

Embora = *em boa hora*, este sentido, já obliterado, vê-se nos seguintes versos de Gil Vicente:

Tu, prima, nasceste *embora,*
Se viras o cachopinho,
Tão fermoso e sesudinho,
Filho de nossa Senhora ! (Obrs. 1. 141)

Senhores, *embora* estedes :
Com saude, com prazer
Muitos annos vós logredes. (Obrs. 3. 90)

Ieramá, eramá = *ora má, em hora má,* empregado frequentemente, como *embora,* com valor interjectivo, e ás vezes reforçado — *muitieramá :* Alli muitieramá ! agora ha de tornar cá (G. V., Obrs. 3. 27).

A que veus, Fernando honrado ?
Ver Felipa, tua senhora ?
Venhas *muito da má hora*
Pera ti e pera o gado.

— Catalina ! Catalina, assim
Tolhes-me a falla, Catalina ?
Olha *ieramá* pera mi ;
Pois que me tu ses assi
Carrancuda e tão mofina,
"Quem te disse mal de mi ?
"Com que olhos me olhaste ? (G. V., Obrs. 2. 425)

Da morte venho eu cansado
E cheio de refregereo,
E não posso, mal peccado.
— Põe *eramá* hi o arado.
Perém esse he gran mestereo (Id. 1. 247).

Tamalavez = *tão a la vez = um tanto, de algum modo :* com arroz... cosido... *tamalavez,* sabe-lo seco (Fr. Gaspar, ap. C. de Figueiredo).

S'eu trouguera mais vagar
Sorrira-me eu *tamalavez.*

A's ribatinhas (de *rebater*) = *em competencia* : "Estou nas minhas tres quintas, quando vejo acudir-me gentios *ás rebatinhas*... esmurrarem-se á pesca de um bilhete (A. C., ap. Serões 540) — Ora sus, ha hi quem dê mais ? que ainda vos veja todas a mim *ás rebatinhas* ora sus, venhão de mano em mano, ou de mana em mana (C. Obrs. 3. 10).

A sabendas (do *part. do fut. passivo* de *saber*) = *scientemente — de proposito, acinte :...*"e bem assy se a Madre *a sabendas* ouve ajuntamento... (Ord. Aft., liv. 4, tit. 100, ap. D. Vieira).

A' mão tente ou **á mão tenente :** Ferir á mão tente—A' mão tente o matárão os mouros (Barros) —Vierão pelejar com os nossos á mão tenente, querendo subir per as tranqueiras (Barros). — Não atina Bluteau com o exacto sentido desta expressão adverbial, que Candido de Figueiredo registra com o significado de *mão firme — Manteniente é*

em hesp., segundo Cobarrubias, citado por Blut., — *descarregar el golpe de alto a abajo con ambas manos.* Querem outros, accrescenta o mesmo lexicographo, que tal expressão equivalha ao lat. *manu tenente,* e que matar á mão tenente seja segurar a victima com uma mão e com a outra metter-lhe o punhal. "Finalmente, termina elle, nas conferencias discretas, que se fizerão em Casa do Conde de Ericeira, foy determinado, que *a mão tente,* era o mesmo, que livremente, sem embaraço, com toda a segurança.

772. O FEMININO E O S ADVERBIAL. O emprego do adj. na fórma masc., ou, antes, neutra, na formação de adv. é processo do port., filiado no lat., como já o mostrámos (*fallar alto, baixo, certo*). Se bem que menos frequentemente apparece desde os mais antigos documentos da lingua a flexão feminina com egual funcção — *certa* e *certas* (arch.), *á larga, a occultas, a sabendas.* Poder-se-ia suspeitar a influencia do neutro lat. plural (cf. *bona* arch. = *bens*); porém é mais provavel que o subst. femin. *mente,* que já em lat. se unia a adj. para indicar circumst. de *modo,* determinasse esse phenomeno grammatical. De facto, temos a velha expressão *de boa mente,* já usada por Quintilhano *bona mente,* e nos antigos textos da lingua apparece *mente,* como nessa locuç., separado do adj. — *fera mente, rija mente.*

Muitos adv. apresentam um *s* desinencial nas linguas romanicas, que Brunot julga inexplicavel. Temos em port. — *antes, entonces* (arch. e pop.), *algures, nenhures, alhures, certas* (arch.), *a occultas, a sabendas,* etc. E ha actualmente entre o vulgo certa tendencia para esse *s* adverbial (*somentes*). E' possivel que tal facto ache sua explicação em certos adv. lat. terminados em *s* — *foras, satis;* uma generalização analogica implantaria a corrente no fallar do povo.

CAPITULO V

PREPOSIÇÃO

773. PREPOSIÇÕES são particulas adverbiaes connectivas que indicam as relações complementares, expressas em lat. pelos *casos obliquos.*

Eram as preposições de uso restricto em lat., que dispunha dos *casos* para assignalar as relações logicas das palavras; seu emprego apenas se restringia a discriminar e reforçar as diversas relações de *accusativo* e *ablativo*. Com a perda, porém, dos casos no lat. popular da edade-média, ampliou-se o uso das preposições, que vieram analyticamente supprir a falta das expressões syntheticas dos casos obliquos.

774. As PREPOSIÇÕES exprimem fundamentalmente as mesmas circumstancias, que os adverbios, — de *tempo, logar* (*onde, donde e para onde*), *modo, causa, meio, fim*; porém delles se discriminam pelo seu caracter de *connectivo intervocabular*. Ellas relacionam, pois, dois termos (o *antecedente* e o *consequente*), o segundo termo ou o consequente é o termo regido, que póde ser — *substantivo, pronome, verbo no infinitivo*, e *adverbio*.

775. EMPREGO DAS PREPOSIÇÕES. As nossas preposições nos vieram do latim; porém foram largamente ampliadas em seu emprego e significação. Esta evolução syntactica e semantica das preposições não só se nota entre o lat. e o port., mas ainda do port. antigo para o actual. E' o que rapido estudo nos revelará.

A

776. Esta preposição, que nos veio de *ad*, indica, como no latim:

a) **Movimento** para algum logar, em geral *direcção*: ir á cidade, correr ás armas (eo ad patrem).

b) **Proximidade,** — como estar á porta, á janella, á rua tal (ad portas hostis est. ad levam = á esquerda).

c) **Attribuição,** expressa pelo *dativo* lat.: dar ao pobre, dizer a Pedro, responder á carta (dicit ei Marta = diz-lhe Martha).

Este *dativo* de *attribuição* do lat. class. passou na b. latinidade a ser muitas vezes expresso pelo *accusativo* regido de *ad*. A Vulgata nos fornece deste facto larga copia de exemplos: *Dixit Thomas ad condiscipulos* = *disse Thomé aos condiscipulos* (Jo. XI. 16) — *Dicebat ergo ad eos* (Ib

id.) Desta circumstancia nos veio a prepos. *a* para indicar *dativo de attribuição*, a qual, entretanto, não deve ser confundida com a prepos. *a* do *accusativo de direcção* e do *accusativo-paciente;* o *dativo de attribuição* póde ser expresso pelo pron. *lhe*, e o *accusativo-paciente* pelo pron. *o*: *dizer a Pedro* (= dizer-lhe, dat. de attrib.), *amar a Pedro* (= amá-lo, accus. paciente), *ir a Pedro* (accus. de direcç.).

777. Das trez relações fundamentaes indicadas pela preposição *a* — DIRECÇÃO, PROXIMIDADE e ATTRIBUIÇÃO, desenvolveram-se muitas outras:

1.ª **Tendencia:** inclinado ao estudo, propenso ao bem. Nesta accepção é muitas vezes substituida pelas prepos. *para, de, para com:* olhar para o mar, amor da virtude, respeito para com os paes. — "Aos infieis, Senhor, aos infieis, e não a mim, que creio o que podeis" (Lus. 3. 46).

2.ª **Fim:** promovido a general, destinado ao estudo. —"Disse-lhe que por então se fosse a repousar" (Dec. 336).

3.ª **Distancia:** daqui a duas leguas, a trez braças.

4.ª **Tempo:** daqui a dois dias, a primeiro de janeiro, a doze de abril, aos dez dias de agosto, ás duas horas.

5.ª **Modo:** vender a praso, a retalho, a credito, emprestar a juro, vestir á moda, calçar á Luiz XV, poetar á Camões, cozinhar á portugueza, beber a goles, andar a pé (cf. de pé), a cavallo, a carro, a bonde (mais usual entre nós — de carro e de bonde), cavalgar á redea solta, clamar á uma, andar a corso, andar á pressa, morrer á fome, receber á bala, cheirar a vinho, barco a vapor, navio a vela (cf. de vela), equação a duas incognitas (cf. de duas incognitas), salvar-se a nado, viver á fidalga, andar ás apalpadelas, fallar á bocca cheia, emmagrecer a olhos vistos, subir á escala vista, ler a fio, andar ás rebatinhas, beber ás canadas, chover a cantaros. — "Quando Roma a todas velas, conquistava toda a terra..." (G. V., Obrs. 2. 362). — Cheirar ao alho (S. de Miranda, ap. E. Dias) — "Querem que os limões... saybam a açucar" (H. Pinto, ib.) — "A cabeça toma-lhe a vasio".

6.ª **Instrumento:** matar á bala, a chumbo, á fome, picar á faca, pintar a pincel.

7.ª **Materia:** pintar a oleo — á aquarella, bordar a ouro, — a seda.

8.ª **Objecto directo:** amar a Pedro, matar ao veado, prender ao criminoso, reger ao substantivo — "Lia Alexandre a Homero" Lus. 5. 96).

ATÉ

788. A preposição *até*, do lat. *hactenus*, que reveste no v. port. as fórmas — *attá, attens, té*, indica o termo exacto de uma acção, quer quanto ao tempo, quer quanto ao espaço: *até o mez de janeiro, até o rio Amazonas.*

Apparece frequentemente reforçada com a prepos. *a* (*até ao mez de janeiro*), excepto quando a palavra regida não admitte artigo (até Lisboa, até Pariz, até aqui, até hoje). Sobre este ponto escreve o Snr. Epiphanio Dias, em suas notas aos *Lusiadas*, que até o sec. XVII não se encontra o tal reforço da prepos. *a*, e só dessa época em deante é que começa a apparecer a fórma composta *até a* com o artigo feminino (*até á, até ás*), e posteriormente com o artigo masculino (*até ao, até aos*), e que os escriptores aprimorados seguem a practica antiga.

ANTE

779. A prepos. ANTE, do lat. *ante*, traz a idéa de *posição fronteira*, e determina a mesma relação que as compostas — *deante de, perante*: *estar ante* e *perante o juiz*, ou *deante do juiz*.

Entra em composição — *ante-hontem, ante-manhã, antecamara* (*pé ante pé*).

A fórma *antes* é *adverbio*, e fórma a *loc. prepositiva* — *antes de, ante.* — *"Não queiraes julgar ante tempo"* (A. V., S. 2. 103).

APÓS

780. A preposição APÓS, do lat. *ad* + *post*, traz a idéa de *posterioridade*, no espaço e no tempo: *após o sequito, após um dia.* E' equivalente ás loc. prepositivas — *depois de, após de*, e *depós* (*de* + *post*).

Fui insensivelmente depós o coração (G., Cam. 5) — A morte corre após de nós (A. V.) —

Que doudo pensamente é o que sigo?
Após que vão cuidado vou correndo? (C., Obrs. 2. 61)

COM

781. A preposição COM, do *lat. cum*, traz a idéa geral de *ajuntamento*, e indica as seguintes relações:

1.ª **Companhia :** viver com seus paes, andar com cuidado, estar com a razão, pensar comsigo.

2.ª **Encontro, mistura :** encontrar com alguem, defrontar com difficuldades, café com leite.

3.ª **Modo :** fallar com presteza, andar com a fronte erguida, gritar com força.

4.ª **Instrumento :** pegar com ambas as mãos, ferir com vara, ganhar a vida com a penna, comprar com dinheiro.

5.ª **Meio :** apprender com o mestre — com o tempo, ganha a vida com sua diligencia, amor com amor se paga.

6.ª **Causa :** chorar com dores, amollecer com o calor, irar-se com justiça.

7.ª **Conteudo :** copo com agua (cf. copo d'agua), barril com vinho (cf. barril de vinho), uma barrica com cimento (cf. uma barrica de cimento).

8.ª **Attribuição :** ter cuidado com alguem, ser generoso com o inimigo, ser prudente com elle.

9.ª **Opposição :** investir com alguem, luctar com a sorte.

Synonymia. Para indicar *opposição* é mais commum a prepos. *contra : investir contra o inimigo.* Na relação de *attribuição* é frequentemente reforçada pela prepos. *para : ser generoso para com o inimigo.* Emprega-se ás vezes com valor *concessivo* a prepos. *com :* Com ser sabio, não deixa de errar. — Em toda essa novidade, com ser tão grande, nenhuma coisa direi de novo (A. V.).

> Dest'arte a gente fórça e esforça Nuno,
> Que com lhe ouvir as ultimas razões,
> Removem o temor frio, importuno,
> Que gelados lhe tinha os corações. (Lus. 4. 21)

CONTRA

782. A prepos. CONTRA, do lat. *contra*, indica varias relações:

1.ª **Opposição :** luctar contra a maré, estar contra a opinião, levantar-se contra o projecto, investir contra o inimigo.

2.ª **Posição fronteira :** estar contra o sul, olhar contra o norte—

"Trento é cidade situada na raia da Allemanha contra Italia" (Souza, ap. Serões, 495).

3.ª **Direcção :** ir contra o sul, voltar-se contra o norte — Caminhou contra onde lhe pareceo que sua gente ficara (Palm.).

CONFORME

783. A prepos. CONFORME, bem como — *segundo, consoante, salvante, mediante, durante, excepto, tirante, salvo, não obstante,* e, seguidos de verbo, — *visto, posto, attento, supposto,* são primitivamente adjectivos, que antepostos a seus substantivos ou verbos, deixaram de concordar com elles, e assumiram o caracter de connectivo preposicional, p. ex.:

Conforme as ordens, segundo os desejos, durante annos, excepto a virtude, consoante os pareceres, salvante o caso, mediante a fé, salvo melhor opinião, tirante isso, não obstante os perigos, visto estar aqui, posto achar-se doente, supposto estar fóra, attento haver elle dicto. — Apparece por vezes reforçado com a prepos. *a* :— conforme ao modelo.

Até Vieira, *excepto* guarda ainda seu valor de adjectivo: "Na segunda provincia de Hollanda, excepta Dorth, nenhuma cidade houve que não fosse conquistada (A. V., S. 1, 154)" — Seguidos de subst., *visto, supposto, attento,* guardam seu valor de adj. verbaes — *Vistos os autos, supposta a fuga, attentas as razões.*

DE

784. A prepos. DE, do lat. *de,* substitue no portuguez dois casos latinos — o *genitivo,* e, frequentemente, o *ablativo,* tendo adquirido novas e variadissimas relações. Todavia, sua idéa fundamental é o *apartamento* de um ponto, p. ex.: *vir da cidade* (*de monte decurrere*).

Suas principaes relações são:

1.ª **Procedencia, origem** : vir do Oriente, arribar de Tyro, chegar do Rio, nascer de tronco illustre, ser de Lisboa, tirar do thesouro, extrahir da bocca, de hoje em deante, de escravo a Senhor, de leão a cordeiro, libertado do Egypto, — da escravidão, — dos vicios.

2.ª **Posse,** correspondente ao genitivo latino : livro do alumno, herança do filho. — "A nação toma vulto entre os estados da peninsula ao compasso das emprezas (L. C., Cam. 15).

3.ª **Apposição :** cidade de Roma, nome de Pedro, rio de S. Francisco, serra do Cubatão. cabo da Boa Esperança, republica do Brasil, mez de abril.

O lat. punha os dois termos no mesmo caso — *urbs Roma.* A's vezes, porém, apparecia o *apposto* em genitivo — *urbs Romoe.* Esta construcção com genitivo foi-se generalizando, mormente depois do Imperio, e triumphou nas linguas romanicas (cidade de Roma). Comtudo, oscilla ainda quanto a *lagos, montes, cabos, rios,* etc. : lago Ládoga e lago de Constança, rio Amazonas e rio de S. Francisco, monte Etna e monte do Itatiaya etc

4.ª **Determinação de sentido :** mal de sorte, bem de saude, ligeiro de mãos, bello de rosto, tachar de injusto, accusado de traição, fazer-se de tolo, tractado de resto, mudar de roupa, fallar de politica, baldo de recurso, fazer-se de medico. — No Brasil dizemos — *fazer-nos de tolos,* e em Portugal — *fazer de nós tolos.*

5.ª **Posição ou estado:** estar de traz, de costas, de pé, de cama, de focinho, pôr-se de frente.

6.ª **Tempo :** (atmospherico) : de tarde, de manhã, de noite, de dia, de madrugada de inverno, de verão.

7.ª **Materia :** (constituinte, continente e conteuda) : mesa de marmore, copo de crystal, chavena de chá, garrafa de vinho, feito de ouro, lavor de prata.

8.ª **Meio ou instrumento :** viver de esperança, sustentar-se de fructas, cercar de arame, — de difficuldades, saciar-se de pão, fornecer-se de dinheiro, vestir-se de purpura, alimentar-se de raizes.

Obs. O valor *instrumental* da prepos. *de,* como observa Diez (III, 153), desenvolveu-se extraordinariamente no *romance,* e veio assim encontrar-se com o instrumental *com :* sustentá-lo de peixe ou com peixe, manter-se de pouco ou com pouco

9.ª **Modo :** matar de fome (cf. á fome), andar de carro, —de bonde, de troly, de gatinhas, estar de cama — de lucto, — de joelhos, — de pé, amar de coração, — de verdade, servir de creado, andar de companhia, — de mãos dadas, estudar de boa vontade.

10.ª **Causa :** morrer de fome, — de febre, — de tristeza, — gritar de dor, saltar de alegria, chorar de inveja

11.ª **Agente da passiva :** estimado de todos, visto de alguns, querido do povo, navegado de phocas, cercado de soldados.

12.ª **Quantidade e medida :** exercito de dez mil soldados, torre de cem metros, medida de um litro.

13.ª **Sentido partitivo :** beber da agua, comer do pão, colher das flores, tomar dos fructos assaz de gente

14.ª **Sentido reforçativo** : pobre do homem, triste de mim, o bom do burguez, o ladrão do rapaz, o cachorro do vendeiro.

Obs. Da b. latin'dade veio o uso de inserir a prepos. *de* entre o adjectivo e seu substantivo para salientar o attributo : o pobre homem =o pobre do homem. Tal processo extendeu-se entre dois substantivos em locuções taes como estas : *o ladrão do moço, o diabo do rapaz, o exquesitão do velho.*

Synonymia. O largo desenvolvimento que teve no romance a prep. *de* e os variadissimos aspectos de suas relações abriram-lhe ampla synonymia.

a) Concorre com a prepos. *a* para exprimir relação de *modo :* matar de fome e matar á fome, andar de carro e andar a cavallo. Entre *de pé* e *a pé* ha differença de *modo*, que desapparece na combinação popular — *de a pé*, que, aliaz, encontramos em Vieira. A tendencia é fixar-se uma ou outra dessas locuções adverbiaes de *modo :* andar de carro (no sul) e a carro (no norte), — a cavallo, *e* — de cavallo (pop.).

b) Concorre com a prepos. *per* e *por* para indicar o agente da passiva, com os verbos que exprimem affecto e alguns outros : amado por mim ou de mim, querido por todos ou de todos, cercado por soldados e de soldados, acompanhado por Pedro ou de Pedro. Esta concorrencia era mais frequente no v. port., Lus. 1. 50.

DESDE

785. A prepos. DESDE, da b. lat. *de* + *ex* + *de*, como se deprehende de sua propria formação etymologica, indica, com precisão mais rigorosa que *de*, o ponto de partida no tempo e no espaço: *Chove desde hontem até agora*, ou *de hontem até agora* — *Veio a pé desde o Rio até S. Paulo*, ou *do Rio a S. Paulo.*

A fórma *des* é archaica.

EM

786. A preposição EM, do lat. *in*, indica hoje a relação fundamental de *logar onde.*

Em lat. ella designava duas relações: *a*) *logar onde*, regendo ablativo — *Sum in Italia* = *estou na Italia; b*) *logar para onde*, regendo *accusativo*: *Devenit in Italiam* = *veio á Italia.*

Na ling. antiga subsistiram as duas construcções; porém actualmente, no dialecto literario, só subsiste a primeira, a de ablativo ou de *logar onde*: *estar na sala, ficar em*

casa, correr na raia, andar em terra, viajar no mar, ir no bonde, subir na escada.

"Na cabeceira do moimento do dito cavaleiro se levantou ua palma semelhavil a esta que tragen os romeus que van *en* Jerusalem" (C. Arch., 113). — O povo, acerrimo conservador das tradições da lingua, ainda guarda no seu fallar esta construcção archaica : *vou na cidade, chegou na estação.*

Todavia, na lingua moderna ficou este uso da prepos. em algumas phrases feitas e com alguns verbos de movimento:

Passar de mão em mão (de mão a mão), traduzir em portuguez (traduzir a portuguez), passar em limpo (A. V.) (passar a limpo), de bocca em bocca, de cidade em cidade — "E vou de dia em dia, de anno em anno apoz hum não sei quê". (C. Obrs., 2, 98) — "O sermão se começa a tirar em limpo" (A. V., 1. 135) — "A Alcmene, que torne em si" (C. Amph., act. 1.º, sc. 6.ª) — "Indo dar em uma fonte" (Id., Filod.)

Destas duas relações fundamentaes de logar *onde* e *para onde*, muitas outras relações se desenvolveram, de sorte que as principaes relações indicadas pela prepos. *em*, são as seguintes:

1.ª **Logar onde :** estar na sala, viver no campo, dormir em terra, volver-se no lamaçal, viajar em vagão de 1.ª classe, navegar em mar de rosa, dar com a lingua nos dentes.

2.ª **Tempo em que :** nascer em janeiro, — em 13 de maio, — em 1800, viajar em dias feriados, descansar nas ferias, estar na primavera, acabar em trez dias, chegar em uma semana, — em tempo, — em hora marcada, em janeiro, em 1915.

3.ª **Materia essencial** ou **virtual :** gravar em ouro, trabalhar em madeira, meditar em seu destino, pensar em negocios, fallar no mau e preparar o pau.

4.ª **Modo :** fallar em voz alta, pagar em ouro, viver em luctas, comversar em francez, pôr-se em pé, estar em paz, dividir em capitulos, separar em partes, ter em muito — em pouco, dar em dote — em refens, avaliar em pouco, — em um real, — em dez mil réis, calcular em duas arobas, — em cem braças.

5.ª **Fim :** fazer em honra, declarar em abono da verdade, arvorar em chefe, eleger em rei (Lus. 2. 20).

6.ª **Movimento proprio** ou **figurado:** com certos verbos e em phrases feitas, destroços como vimos de passadas regencias:—verter em francez, converter em penedo, fazer em pedaços (fazer pedaços), precipitar-se no abysmo, cahir em pobreza, entrar em convalescença, — em casa, —

nos quarenta, metter-se em difficuldades, — em questões, de foz em fóra, andar de Ceca em Mecca, trasladar em lingua extranha, baldear em vaso proprio, dar em pantanas, — em agua de balela, — em falso, — em nada: cahir no laço — no engano, — em si, — em terra, fazer-se em copas (=ficar calado) — em papos, entrar na egreja, — Dá-se em *precipitar-se no mar*, segundo E. Dias, uma antecipação do *logar onde*, uma como *prolepse* do pensamento.

ENTRE

787. A prepos. ENTRE, do lat. *inter*, traz a idéa de posição intermedia de alguma coisa entre as coisas designadas pelo termo ou termos regidos: *ser elle encontrado entre dois outros; vê-lo posto entre mim e ti, descobri-lo entre a multidão, entre agradecido e queixoso.*

Quando a intermediação não se refere tão somente a dois objectos, a prepos. *entre* póde ser substituida pela loc. prepositiva *no meio de*:

Descobri-lo no meio da multidão — Porque interpões um instrumento de morte entre mim e ti" (A. H., L. e N. I 97).

PARA

787. A prepos. ENTRE, do lat. *inter*, traz a idéa de positraz como a prep. *a*, que encerra em si, a idéa fundamental de direcção e movimento para alguma parte. As seguintes são as principaes relações que indica:

1.ª **Direcção :** olhar para o norte,— para a morte, — para as difficuldades, voltando para a direita, — para a esquerda.

2.ª **Movimento** *para um ponto no tempo ou no espaço:* ir para a cidade, — para a Europa, — para o sul, para aqui, e para ali; dirigir-se de um logar para outro, entrar para o theatro (cf. ao theatro e no theatro) ; de hoje para amanhã.

Obs. As relações de *direcção* e *movimento* podem, quasi sempre, ser egualmente indicadas pela prepos. *a ;* com a differença, porém, que *para*, por força da prepos. *per*, que encerra, indica essas relações com mais intensidade ou demora. Em virtude deste facto, dir-se-á : *A estatua de Cabral olha para o mar*, e *não ao mar ; elle foi para o outro mundo*, não, *ao outro mundo* (cf. rumo ao mar). Quanto ao movimento, *para* desperta a idéa de *demora* ou *permanencia*, e *a* ao contrario : *ir para o Céo* e *ir para o Rio* e *ir ao Rio*. *Entrar para o theatro*, suscita a idéa de permanencia, profissão, e *entrar ao theatro* ou *no theatro*, apenas a idéa de penetrar no edificio. No fallar pausado do Brasil, emprega-se mais frequentemente o dissyllabo *para*, que os portuguezes, os quaes dão preferencia em certas phrases ao monosyllabo *a*.

3.ª **Fim :** comer para viver e não viver para comer, collector para papeis, pó para dentes, estudar para saber, obedecer para evitar castigo, crer para a salvação destinar para a marinha, escova para cabello.

Nota : Não raro a prepos. *a* e *de* concorrem com *para* para exprimir esta relação : *destinar a marinha, escova de cabello.*

4.ª **Tempo futuro :** isso só para o anno, lá para o mez que vem, —para daqui a pouco, estar para partir.

Obs. Com *estar* e algumas outras palavras, seguidas do infinito, concorre com *para* a prepos. *a*, denotando esta futuro mais proximo : *Estar para sahir* e *estar a sahir, ficar para arranjar os negocios* e *ficar a arranjar os negocios.* Com o gerundio a acção se annuncia francamente actual ou presente : estar sahindo, estar arranjando os negocios. Deste modo distinguimos, no fallar do Brasil, trez momentos : *O navio está para sahir, a sahir* e *sahindo. o muro está para cahir a chair e cahindo.*

5.ª **Proporcionalidade :** a luz está para as trevas como o bem está para o mal ; dois está para quatro, assim como quatro está para oito.

6.ª **Avaliação approximada :** vae para trez dias, lá para agosto ; de quatro para (ou a) cinco leguas, de seis para (ou a) sete arrobas.

7.ª **Attribuição :** amor para a caça respeito para os paes, inclinação para a pesca, gosto para as letras.

Obs. Nesta accepção póde ás vezes ser reforçada com a prepos. *com :* respeito para com os paes, e soffre larga concorrencia da prep. *a* : amor á caça, respeito aos paes, inclinação á pesca. Ha tendencia para substituil-a pela prepos. *por* e *per :* respeito pelos paes.

POR e PER

789. Estas duas preposições são primitivamente distinctas não só quanto á sua origem etymologica, mas ainda quanto á seu valor significativo: *por*, lat. *pro*, indica como o francez *pour, o motivo, o objecto*, ao passo que *per*, lat. *per*, como o francez *par*, designa o *agente*, o *instrumento*, o *meio*. E' esta a distincção no lat. classico entre *pro*, que rege *ablativo*, e *per*, que rege *accusativo*. Porém, já na b. lat. estabeleceu-se confusão no emprego das duas particulas, como attesta Diez com a seguinte citação: *Per montes ac pro illis locis*. O conflicto declarou-se no v. port. e, já no sec. XVI, *por* supplantava *per*, que só se conservou na phrase feita — *de per si* e *de per meio*.

790. Debalde teem alguns escriptores, como Santos Saraiva em sua *Harpa de Israel*, procurado modernamente

restitui-las a seu uso antigo, que se vê no seguinte passo de *Leal Conselheiro*, de D. Duarte, sec. XV: *Per estas virtudes nos retemos de seguir as tres voontades desordenadas, e nos regemos per a quarta virtuosa* (L. Cons., 39). Sobre o ponto escreve José da Fonseca, auctor do diccionario, que traz o seu nome:

Ha differença entre as preposições *per* e *por*. *Per* indica o *agente, o meio* ; e *por* denota o *objecto*, o *motivo*, etc., como em francez *par* e *pour*. Os modernos escriptores confundem estas preposições ; e, ignorando este principio logico, commettem anomalias absurdas. O nosso illustre Hieronymo Osorio, em uma de suas cartas, dá-nos um exemplo assáz notorio da differença das sobredictas preposições, e numa só phrase : "E viu o rei que as pessoas *per* que se governa el-rei, eram da Companhia, da sua cevadeira e feitas *per* ella, e *por* ella, e *para* ella ser tudo em tudo".

791. Desapparecida a prepos. PER, enriqueceu-se POR com o seu valor significativo. Na phrase — *vou por agua* ha ainda hoje conflicto entre o valor original de *por* e de *per*: o portuguez interpreta a phrase, ao primeiro lance, dando a *por* o seu valor etymologico, primitivo; para o brasileiro a primeira idéa evocada é a do valor original de *per;* para o primeiro *agua* é o *objecto*, o que busca; para o segundo *agua* é o *meio*, por onde vae, em contraste com — *por terra*. O portuguez guarda na dicta phrase o valor classico de João de Barros e Camões:

E tambem sei que tem determinado
De vir por agua á terra muito cedo (Lus. 1. 80)

Cabelos, los meus cabelos,
el-rei me enviou por elos

(Dr. S. de Alm., O Ant. Vern., 55)

792. POR, enriquecida com a herança de PER, que, entretanto, reapparece ante o artigo por euphonia, indica as seguintes relações:

1.ª **Substituição ;** fallar por elle, comparecer Pedro por Paulo —o advogado pelo réo, substituir um por outro.

2.ª **Estimação:** comprar por dois mil réis, avaliar por grande preço, estimar por sabio, ter por tolo, — por homem de bem, adoptar por filho, receber por esposa. tomar por gatuno, passar gato por lebre.

3.ª **Favor :** ser pela republica, não ser nem por um, nem por outro, luctar por um ideal — pela patria.

4.ª **Logar por onde:** passar por Lisboa, errar por montes e por valles, viajar por mar e por terra.

5.ª **Distribuição :** ponto por ponto, um por um, a tanto por dia,— por mez, — por anno, repartir por pobres.

6.ª **Extensão no tempo e no espaço:** viver por longos annos, parar por duas horas, viajar por longos mares, caminhar por duas leguas, por seculos dos seculos.

7.ª **Modo :** cantar por musica, dividir por partes, contar por partidas dobradas.

8.ª **Meio** ou **instrumento :** conseguir por influencia alheia, vencer por armas não carnaes, communicar-se por signaes, matar pela fome. Soffre concorrencia de *com* e *por meio de : conseguir com influencia alheia*, ou — *por meio de influencia*.

9.ª **Causa :** ausentar-se por doente, calar por prudencia, — acanhado, fugir por temor (ou de acanhado, de temor).

10.ª **Agente da passiva** ou **causa efficiente :** ser vencido pelo inimigo, — preso pelo soldado, — torturado pela dor, — opprimido por crueis suspeitas.

11.ª **Attestação :** affirmar por sua honra, declarar pela memoria de seus paes, — pelas cinzas de sua mãe.

Obs. Do paragrapho 6.º em deante o valor significativo pertence, em geral, á prepos. *per* absorvida. Outras relações exprime, ainda, taes como — *estar por concluir, agarrar pelos cabellos*. A prepos. *per* não raro em composição tem valor de adverbio intensivo, p. ex. : perfeito, perdurar, percorrer, perseguir, a que se aggrega, por vezes, sentido pejorativo : perverter, perder (perdar), perjurar. No port. arch. apresenta-se, ás vezes, separadamente, com simples valor adverbial.

SEM

793. A prepos. SEM, do lat. *sine*, é antonyma de *com*, e designa *falta* ou *privação*: *estar sem recursos, fallar sem malicia, andar sem companhia, sem eira nem beira.*

SOB

794. A prepos. SOB, do lat. *sub*, v. port. *sô*, antonyma de *sobre* e synonyma da loc. *debaixo de*, traz idéa de *posição inferior*: *estar sob a mesa, — sob ameaça, — sob o jugo, — sob o governo; disfarçar sob boas apparencias.*

SOBRE

795. A prepos. SOBRE, do lat. *super*, antonyma de *sob*

e synonyma da locuç. *em cima de*, traz idéa de *posição superior*. Donde as seguintes relações:

1.ª **Situação superior** : estar sobre a mesa, virem males sobre nós, ouro sobre azul.

2.ª **Tempo:** sobre a tarde, sobre o escurecer, sobre a manhã, sobre a noite — Quasi sobre a noite houve vista delles (Barros).

3.ª **Excesso:** sobre quéda coice, sobre uma catastrophe outra, sobre feio mau, sobre as forças.

4.ª **Assumpto :** fallar sobre politica — sobre religião, discorrer sobre a guerra, escrever sobre moral, disputar sobre sciencia.

*

TRAZ

796. A prepos. TRAZ, do lat. *trans*, antonyma de *adeante* e synonyma de *após* e da locução prepositiva — *atraz de*, indica *posição anterior* ou *posposição*: *ir traz elle.*

Trazia dois pagens traz si (Barros, ap. Serões) — Caminhavão todos enfiados uns traz outros (L. de S.) — E traz ella vem logo oito mundanos (C. Obra. 3. 1) — E' hoje pouco usual.

CAPITULO VI

CONJUNCÇAO

797. CONJUNCÇÃO, do lat. *conjunctionem* = *união*, é uma particula connectiva, que tem por funcção ligar entre si as proposições, que se agrupam para formar o periodo composto e complexo. E' ella, como a preposição, uma particula connectiva ou de ligação, porém distingue-se em ser um connectivo *proposicional*, ao passo que a preposição é um *connectivo intervocabular*. As proposições são membros do periodo, assim como os termos logicos são membros da proposição; estes se combinam para formar a proposição, e aquellas para formarem o periodo. Na combinação destas intervem a *conjuncção*, e na daquelles a *preposição*. Dahi certa analogia de funcção das duas classes de particulas.

Ainda um outro ponto de semelhança encontramo-lo no caracter adverbial de ambas as particulas. Como as preposições, as conjuncções exprimem circumstancias de *tempo*,

logar, modo, etc.; porém, como aquellas, distinguem-se estas do adverbio propriamente dicto pelo seu caracter de ligação. E tão proeminente é, em algumas dellas, o caracter adverbial, que são por alguns catalogadas entre os adverbios, taes como — *quando, emquanto, como.* A connectiva *onde* é geralmente incluida entre os adverbios. Algumas outras são classificadas como adverbios, ou conjuncções, conforme o seu papel na phrase de connectivo ou não, como — *tambem, finalmente, ora, logo.*

798. Caracter evolutivo das conjuncções. Dá-se com as conjuncções o mesmo phenomeno evolutivo que se observa nas preposições, o qual consiste no esvasiamento paulatino de seu conteudo adverbial, no movimento historico de seu valor primitivo concreto para um sentido abstracto ou de mera relação. Nesta evolução historica, a approximativa *e* e a subordinativa *que* são as que teem chegado ao maximo grau da abstracção.

799. Classificação das conjuncções. Como as palavras no seio da proposição, assim as proposições no seio do periodo, combinam-se de dois modos na expressão completa do pensamento:

a) por *coordenação,* e

b) por *subordinação.*

As conjuncções, que teem por officio expressar essa dupla combinação, distribuem-se naturalmente em duas classes — as de *coordenação* ou de 1.ª classe, e as de *subordinação,* ou de 2.ª classe.

Coordenativas

800. As conjuncções coordenativas approximam preposições que desempenham no periodo grammatical egual funcção logica, ou o mesmo papel syntactico; porém, apesar dessa egualdade de funcção, dá-se quasi sempre um augmento de sentido na coordenada em relação á coordenante, e esse augmento é expresso pela conjuncção, que, nesse caso, não póde ser eliminada. Succede, entretanto, ás vezes, que essa equivalencia logica é completa, e, neste caso, a ligação é expressa pela approximativa *e,* que póde ser sup-

primida sem alterar o sentido, deixando que a coordenação se effectue por mera *juxtaposição.*

801. Classificação das coordenativas. As conjuncções coordenativas, como se mostra no paragrapho anterior, ligam proposições de valor *egual* ou *desegual.* Dellas, pois, temos duas classes: *a*) a primeira é constituida pelas conjuncções *approximativas* ou copulativas, e approximam ou unem meramente as proposições; *b*) a segunda é constituida por outro grupo de conjuncções, cujos nomes assignalam o caracter da desegualdade da *coordenada* em relação á *coordenante,* taes como — *as adversativas, illativas, continuativas, etc.* (Vid. Gr. Expos. C. Superior).

Approximativas

802. A conjuncção *e,* do lat. ***et,*** é de todas as coordenativas a mais simples, a mais abstracta, que indica, em geral, relação de mera approximação, e, por isso, póde, sem offensa do sentido, ser supprimida, juxtapondo-se os termos coordenados em mera *collateralidade* (*asyndeton*): *vim* e *vi* e *venci,* ou: *vim, vi, venci.* A conjuncção ***e*** exerce a funcção das approximativas latinas — *et, ac, atque, que* (*pospositiva*).

803. Sentido adversativo e illativo. Não obstante o seu caracter geral abstracto de mera approximativa, apresenta a conj. ***e,*** ás vezes, na phrase, o sentido adversativo e illativo que tem *et* em latim e *kai* grego:

Nós nescios e vós sabios ; nós fracos e vós fortes ; vós nobres e nós despreziveis (nos stulti, vos autem prudentes ; nos infirmi, vos autem fortes ; vos nobilis, nos autem ignobiles) (A. P., 1. Cor. 4. 10) — Corra e não caia ; a Egypcia linda e não pudica (C.) — "Tu crês que ha um só Deus : Fazes bem : mas tambem os demonios o crem e estremecem" (A. P., Tiag. II. 19). Texto lat. : *Tu credis quoniam unus est Deus : Bene facis : et daemones credunt, et contremiscunt.* — Texto grego :

καλῶς ποιεῖς καὶ τὰ δαιμόνια πιστεύουσιν καὶ φρίσσουσιν

Quando a coordenada negativa não tem expresso o verbo, *e* póde ser substituido por *que*:

D'ouro erão que não d'al (G. V. 3. 56) — Maravilha feita de Deus que não de humano braço (Lus. 8. 24).

804. EXUBERANCIA NO USO DE *e*. No texto da Vulgata, guardou S. Jeronymo a exuberancia do emprego desta conjuncção no original grego, e o P.e Antonio Pereira de Figueiredo fez o mesmo, vertendo o lat. para portuguez, p. ex.:

Até esta hora padecemos até fome e sêde, e desnudez, e somos esbofeteados, e não temos morada segura, e trabalhamos obrando por nossas proprias mãos (usque in hanc horam et esurimus, et sitimus, et nudi sumus, et colaphis caedimur, et instabiles sumus ; et laboramus operantis manibus nostris) (A. P. 1. Cor. 4. 11).

Chamam alguns a isto *estylo biblico*. Independentemente, porém, deste uso biblico, bons auctores lançam mão desta exuberancia para pintar ao vivo uma certa agglomeração de cousas, como, p. ex., no seguinte trecho do *Monasticon* de A. Herculano:

Porém, de gente de guerra e de hostes e de arrancada e de cavallarias e de besteiros e de frecheiros e de azes e de trons e engenhos, disso sei eu mais a dormir, do que vós acordado, mestre João das Regras.

805. NEM. Esta conjuncção, do lat. *nec*, é approximativa negativa; porém o seu sentido negativo original attenua-se e, não raro, desapparece completamente nos velhos documentos da lingua, como observa Brunot:

Mais largamente e melhor que elles sabem demandar nem pensar (L. Cons. 55) — Apenas tem havido purpura antiga nem moderna, que por leves suspeitas neste genero não se tingisse com sangue (A. V., S. I. 123).

Nem tem muitas vezes o valor de *e não*: *Ali o deixei nem sei se vivo ou morto*. Porém, se o contraste é positivo, é vedado o emprego de *nem*: *Ali o deixei vivo e não morto*.

Adversativas

806. *Mas* (←⋘ *magis*), *porém* (←⋘ *proinde*), são conjuncções synonymas, que pertencem á classe das *adversativas*, porque indicam que a *coordenada* por ellas exprime sentido contrario ou adverso ao da coordenante. Apesar, porém, da synonymia, distinguem-se em ser *porém*

mais forte que *mas*, no contraste que exprime, apesar da opinião contraria de Epiph. Dias, e em ser *pospositiva*. Ambas são creações vernaculas, pois *mas* evolveu do adverbio lat. *maigis*, que, entretanto, guardou seu valor de adverbio na fórma divergente menos contracta *mais; porém* originou-se da combinação da prepos. por (⟵ pro) com o adv. do v. port. *en* (⟵ *ende* ⟵ *inde*), *por* + *en*:

> Desafiade e mostrade
> per mim esta razom,
> se quizerem per talho
> de reino de Leom,
> filhem *por en* Navarra
> ou o reino de Aragon. (O Ant. Vern. 45)

807. Reforço. Era commum em lat. reforçar certas conjuncções coordenativas com adverbios ou outras conjuncções, como — *sed etiam, et enim, aut vero, et ideo, at tamen*. A semelhança do lat., reforçamos tambem algumas, como: — *mas tambem, e comtudo, e mais, e tambem, e pelo contrario, mas pelo contrario, mas antes*. O v. port. era mais abundante nesse reforço, e frequentemente empregava as seguintes combinações archaicas: *mas porém, e porém*.

E porém esta desesperança he hũa grande parte do seu sentimento (L. Cons. 117) — E porém vos peço por mercê que me deis licença (F. Lopes, Chr. de D. Fern. 23) — Aceitei este degredo voluntario, cuidando de achar nelle algum contentamento : mas porém bastalhe o nome para ser descontentativo (A. Arraiz. 7).

Subordinativas

808. As conjuncções subordinativas, como já o indica o nome, ligam proposições, subordinando-as. A sua funcção, portanto, na phrase é analoga á das preposições: estas indicam a subordinação de palavras, e aquellas a de proposições.

Esta segunda classe de conjuncção tem por officio indicar uma relação complementar do sentido da proposição a que se prende, de sorte que a proposição subordinada por ella exprime sempre um termo logico da subordinante, estando sempre para com ella em relação de *sujeito, predicado* ou *complemento*.

809. VALOR ADVERBIAL. Esta classe de conjuncção guarda mais que a primeira o seu conteudo adverbial, que caracteriza os grupos em que ella se divide: *integrantes, temporaes, causaes, condicionaes, concessivas, modaes, finaes, comparativas, consecutivas.*

Integrante

QUE

810. De todas as conjuncções da segunda classe é QUE a mais abstracta e a menos adverbial. E' ella, no dizer de Diez, uma simples palavra formal, sem significação sensivel, mero connectivo da proposição subordinada. Não é facil, como reconhece o abalisado romanista supra citado, determinar a origem latina de tão prestadia particula, visto que as relações, que ella exprime em port., eram expressas por diversos modos em lat. Provavelmente (conjectura Diez) veio ella do pronome interrogativo *quid*, que, transformado em um pronome relativo neutro, tornou-se conjuncção. Ligando sempre clausulas subordinadas ou proposições completivas, indica a conjuncção *que* as seguintes variadas relações:

1.ª RELAÇÃO SUBJECTIVA OU NOMINATIVA, quando liga uma proposição — sujeito de predicado:

Convem que elle vá, succedeu que elle foi, importa que elle viva, releva que elle fique, é necessario que elle estude, apraz-me que isso aconteça, é justo que nos levantemos, é força que eu ceda, é impossivel que vençamos, está decretado que morramos, é de justiça que o faças, é verdade que elle veio, é certo que virá, ficou assentado que pagasseis, tornava-se difficil que pudessemos vencer.

Nota. Estas clausulas conjuncciones integrantes subjectivas podem ser reduzidas a fórmas infinitivas: *Convem ir elle, succedeu ter elle ido*, etc.

2.ª RELAÇÃO OBJECTIVA-DIRECTA OU ACCUSATIVA, quando liga uma proposição-regimen ao predicado:

Desejo que elle vá, quero que fique, affirmo que elle riá, prometti que elle iria, rogaria que elle fosse, estimei que isso apparecesse, fiz que apprendesse, vi que foi, senti que não achasse, mandei-lhe que se retirasse.

— E' frequente a ellipse de *que*, nesta relação: *Peço-vos mandeis, requeiro consintam.* (Vide Gr. Exp. C. Sup. § 471).

Nota. Algumas dessas proposições conjunccionaes objectivas comportam egualmente reducção á infinitiva : Affirmo ir elle, estimei apparecer isso, fi-lo apprender, vi-o ir, senti não ter eu achado, mandei-o retirar-se.

3.ª RELAÇÃO TERMINATIVA que póde ser *genitiva* e *dativa*, quando liga a nomes e a verbos de significação relativa proposições, que são seus termos de relação:

a) GENITIVA, quando vem regida da prepos. *de* (*de que*), após certos adjectivos e substantivos:

Elle é digno de que faças (equivalente á phrase verbal — merece que faças), estae certos de que eu estarei comvosco (=asseguro-vos que eu estarei comvosco), tenho esperança de que venhas (=espero que venhas), tenho medo de que isso se realize (=receio que isso se realize), convem notar o facto de que elle não estava prompto (=convem notar que elle não estava prompto).

Por influencia da phrase verbal equivalente, apparece quasi sempre elidida a prepos. *de*, e o mesmo acontece com muitos verbos. Exs.:

"Ela tinha esperança que se elle esta fezesse que seu filho averia perfeita saude" (Mil de S. Ant., 22, ap. E. Dias) — "homem que faz sinal, que nega alguma cousa" (Ib.) — "Pregador que peleja com as armas "alheyas, não hajais medo que derrube gigante" (A. V., I. 54, ib.) — "Estou certo que nenhum entendimento que tenha Fé, lhe pode achar resposta" (Id., ib.) — "Não ha duvida que os homens são peyores inimigos que os Demonios (Id., ib.) — "Eu folgaria muyto... que nos assentassemos" (H. P., ap. E. Dias) — "...hiam outros queixar-se que ho Arcebispo hos desertava e tomava suas fazendas" (Diego Aff., 77, ib.) — "Admiras-te, Jacob, que eu... me deixasse vencer de ti?" (A. V., VII, 4, ib.) — "...todos concordão que..." (A. V., ap. E. D.) por —concordão *em que*. — Foi D. servido, que se achasse este padre em sua morte (*ser servido de* ou *em que*).

b) DATIVA, quando vem regida da prepos. *a* (*a que*):

Exhorto-o a que obedeça, obrigaram-n-o a que fosse, impelliram-n-o a que partisse, forçaram-nos a que sahissemos.

Nota. Tanto as proposições de relação *genitiva* como as de relação *dativa* são reductiveis a clausulas infinitivas

4.ª RELAÇÃO CONSECUTIVA, quando liga a substantivos, a certos adjectivos e adverbios de significação *intensiva* ou

relativa, uma clausula subordinada, que "exprime a acção do attributo" comprehendido na clausula subordinante; taes os subst. — *sorte, maneira, modo*, nas expressões — *de sorte que, de maneira que*: os adj. *tal, tanto, tamanho*, nas expressões *tal coisa... que, tantas coisas... que, tamanho... que*, e os adverbios — *assim, tal, tanto, tão*, nas expressões — *assim que, tal que, tanto que, tão (alto) que*. Exs.:

Luctei de sorte que venci, lê de modo que se entenda, proferiu palavras taes que todos se admiraram, disse tantas cousas que fiquei maravilhado, causou tamanho abalo que ficamos aturdidos, dir-lhe-ei assim que elle venha, elle portou-se tal que todos o desconheceram, chorou tanto que não o pude supportar, subiu tão alto que o perdi de vista — "E chegou por tal guisa (arch. *maneira*) e assim caladamente que nenhum por então soube parte de sua vinda" (F. Lopes, Chr. de D. F. p. 6.). — "...dizendo algum tanto alto que ouvisse ho Arcebispo" (Diego Aff., ap. E. Dias) — (Dante) deu catanada que se regalou nos inimigos da liberdade de sua patria" (G Viag. 41, ap. 8. ib.).

Relações analogas a estas temo-las nas seguintes phrases:

Nunca fui á sua casa, que não o achasse estudando ; nunca conversei com elle que não admirasse seu talento — Não correo muito tempo que a vingança não visse Pedro das mortais feridas (Lus. 3. 136) — O seio ancioso palpitava que se viam mover as roupas (R. da S., Od. V. p. 88) — Já lá vão ; ainda bem, que fino-me com medo de admittir gente macha a coisa de segredo (A. C., Mis. p. 101).

Quando a significação intensiva deixa de ser meramente *consecutiva*, e torna-se francamente *comparativa*, o portuguez emprega, as mais das vezes, COMO em vez de QUE, p. ex.: *Elle é tão rico que tudo se lhe rende* e — *elle é tão rico como seu irmão.*

5.ª RELAÇÃO COMPARATIVA, quando o caracter intensivo do termo subordinante exige francamente um termo de comparação: *E' elle mais justo que seu amigo.* Neste caso a integrante *que* é frequentemente substituida pela fórma composta — *do que.* No lat. o termo de comparação era introduzido por *quam*: *Paulus sapientior quam Petrus*, ou indicado pelo *ablativo*: *Paulus sapientior Petro.*

Desde a época imperial, apparece em lat. a preposição *de* introduzindo um termo de comparação: *puella pulchrior de rosa* (M. Lübke. Gr. III 312).

O v. port. servia-se frequentemente de duas particulas para introduzir o termo de comparação, *cá* (←⋘ *quam*) e *de*, filiados, como mostrámos, ambos estes processos no latim:

Ca (←⋘ quia = porque) lhe quero melhor ca mi (Chrest. Arch. 221) — Mais quer seguir a virtude ca se vencer a elle (=entregar-se a elle) (L. Cons. p. 82) — E não consiirando (considerando) quem forom, nem os outros, melhores que sy em grande conto (=numero) (L. Cons. p. 24) — Não he razon fazerlhes mais prema (constrangimento) da que (=do que aquella que) per o Sancto Padre for mandado (L. Cons. 106) — ... ouveram de vos peor reposta con obra da que (=do que aquella que) ouveron esses outros del-rei don Afonso, vosso avo (Chrest. Arch. p. 161).

Manifestamente do cruzamento dos dois processos comparativos (*de* e *que*) nasceu o actual *do que*, explicando a presença do *o* a possivel confusão de *que* com *o que*: *eu lhe quero mais do que a mim.*

Obs. 1.ª : E' de rigor a ellipse da particula *que* depois da relação comparativa *do que :* "E' mellior que elle morra do que (que) esteja a padecer" = "—de que estar a padecer" (E. D.) — E' corrente a ellipse, no dialecto literario, da conjunção *que*, quando introduz clausulas substantivas objectivas : "Temo se venha a descobrir quem fez o furto" (M. B., P. part., 2, § 7, ap. E. D.) — "...nem serei de parecer, se lhe negue o commungar cada dia (Id., ap. ib.) — Phenomeno contrario, isto é, o emprego pleonastico de *que*, era no v. port. mui frequente : "Alli se acordarom os Capitães *que* posto que as fustas fossem partidas per tempo contrairo humas das outras, *que* até que tornassem aquelle mesmo Porto *que* a qualquer bom aviamento, que lhes Deos désse *que* todo fosse commum..." (Azurara, Chr. de D. Pedro de Menezes, C. 42) — E' corrente ainda hoje o emprego de *que* expletivamente, como mera *particula de realce :* "Quantos montes então *que* derribarão | As ondas que batiam denodadas (C., Lus. 6, 79) — "Desde o alvor da manhã *que* vos procuro (G., Cam. 10. 117, ap. E. D.) — "Desde muito que o somno é sempre breve para mim" (A. H. Eur. 268, ap. ib.) — Talvez *que* vá, certamente *que* irei, oxalá *que* elle viva, ah! *que* é muito!

2.ª No port. medio encontra-se *outro... que, egualmente que :* "Não de *outra* sorte a timida Maria | Fallando está, *que* a triste Venus quando | A Jupiter seu pae, favor pedia | Pera Eneas (Lus. 3. 106)" — *Igualmente* que linda lastimosa | Aljofar de seus olhos distillava (C., Son. 254).

Temporal

QUANDO

811. A relação de tempo, expressa em lat. por *quum*, é nas linguas romanicas expressa por *quando*, que, como

conjuncção latina, possue significação causal, já se resentindo, porém, do valor temporal de *quum* na época do lat. classico, valor que se desenvolveu e se impoz em toda a esphera do romance. Nos proverbios, e, em geral, no estylo elevado, é mais commum a anteposição da clausula subordinada pelo *quando*:

Quando não houver mais lenha, apagar-se-á o fogo, e desterrado que seja o mexeriqueiro, apaziguar-se-ão as contendas (Cum defecerint lingua, extinguetur ignis. Prov. 26, 20) — Quando elle te fallar num tom humilde, não te fies nelle, porque tem sete malicias no seu coração (Quando submiserit vocem suam, ne credideris ei. Prov. 26. 25) — Quando os impios forem elevados, esconder-se-ão os homens (Cum surrexerint impii, abscondentur homines. Prov. 28. 28) — Quando o enfermo diz ai, o medico diz dae — Quando os doentes bradão, os fysicos ganhão.

Póde tal conjuncção temporal ser precedida de uma preposição exigida por um termo da clausula subordinante: "Guarde isto para quando elle vier", "mencionou factos de quando era elle menino".

Obs. Ideologicamente *quando* corresponde a — *no tempo em que*; é, pois, em geral, uma palavra synthetica que logicamente encerra em si o *relativo* e o seu *antecedente* (*que* e *tempo*). Por isso repugna ao portuguez o emprego de *quando* com antecedente expresso, mormente se esse antecedente marca época ou tempo definito; neste caso deve *quando* ser substituido por — *em que*; não se dirá, pois — *o dia quando nasci, o momento quando morreu, o anno quando terminou a guerra,* mas — *o dia em que nasci, o momento em que morreu, o anno em que terminou a guerra.* — *Senão quando* traz a idéa de *quando subitamente*

812. Como é largamente empregado como temporal no v. port. Veio-nos do latim *quomodo,* que da relação de semelhança desenvolveu no lat. *posclassico* a de tempo simultaneo ou successão immediata (M. Lübke):

Elle sahia, como eu chegava — Como El-Rey estava occupado com outras guerras, os subditos se rebellarão (Subditi rebellarunt, occupato allis bellis Rege. Justin. ap. Bluteau) — O Catual, como lhe encheram as mãos e as orelhas, começou logo a fazer seu officio (Barros, Dec. p. 342) —

> Como lhe vem amores novos,
> Logo fazem outra banda (G. V., Obrs. 2. 318)

Causal

PORQUE

813. Esta conjuncção, formada no romance pela juncção da prepos. POR e da conjunc. QUE, expressa relação de — *causa, occasião* ou *motivo*: *Saiamos, porque* é necessario, ou *porque cessou a chuva.*

O lat. possuia duas particulas explicativas destas relações — *quia* e *quoniam*: a primeira indicava simples explicação do porque da acção, e a segunda a sua razão determinante. O port. guardou até o sec. XVI a fórma *ca* ← *quia*: *Ca lhe quer melhor ca my* (Chrest. Arch. p. 221).

814. Além de PORQUE, outras combinações vernaculas vieram substituir as conjuncções *causaes* lat., taes como: — *visto que, pois que, já que, porquanto*, etc. Entre os classicos não raro apparece a modal *como* com valor *causal.* Exs.:

Valiam naquelle tempo os livros muito como não havia impressão (Souza, H. S. D. 1. 9) — Como esteve dous dias sem comer cousa alguma, a febre lhe passou de repente (Cúm biduum cibo abstinuisset, subito febris decessit, Cic., ap. Blut.) —

E *como* o Gama muito desejasse
Piloto pera India que buscava,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse
Mas não lhe succedeu como cuidava. (Lus 2. 70)

E, *como* hia affrontada do caminho,
Tão fermosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas, o céo, e ar vizinho,
E tudo quanto a via namorava. (Lus. 2. 34).

Final

PARA QUE

815. Para as relações de finalidade não possue o portuguez, senão combinações vernaculas, taes como — *para que, afim de que*, e, ás vezes, *que*. A latina *ut*, que ligava causas finaes, foi, na b. lat. do sec. V em deante, substituida por *quo*, depois por *quod*, e finalmente por *quid* (M. Lü-

bke). Esta ultima reforçada ordinariamente pela preposição (para, afim de), deu-nos as finaes vernaculas — *para que, afim de que, que.* Não raro no dialecto literario apparece a preposição *por* reforçando *que*, e dando-nos *porque* com o valor de conjunc. *final.* Exs:

Tu, que as gentes da terra toda enfreias, que (=afim de que)não passe o termo limitado (Lus. 6. 27) — Sabedes... en como el Rei dom afomso anriquiz... lhis deu onras e coutos e liberdades e contias porque (=para que) vivesem honrados (Q. da L. Port., p. 235).

Obs. As clausulas finaes conjunccionaes são reductiveis a clausulas infinitivas regidas de preposição *para : enfreias* as gentes da terra toda *para não passarem* o termo limitado — E se alguma cousa hy á pera emendar, eu o coregerei se me deus d'aqui tira (Q. da L. Port., p. 235)

Condicional

SE

816. Do lat. *si*, com a transformação natural do *i* em *e*, nos veio a condicional *se*, que liga uma clausula subordinada condicional a uma subordinante hypothetica, tendo esta geralmente o verbo no modo condicional e aquella no conjunctivo imperfeito: *eu faria, se pudesse; eu teria feito, se tivesse podido.*

Entre os classicos era mais commum empregar-se na proposição condicional e na hypothetica o *mais-que-perfeito* do indicativo, que por isso é considerado em nossas conjugações como a 2.ª fórma do imperf. do condicional, e a 2.ª fórma do imperf. do conjunctivo: *eu fizera, se pudera; eu tivera feito, se tivera podido.* Exs.:

Não teve resistencia, e se a tivera, mais damno resistindo recebera (Lus. 2, 69) — Se a vira o caçador... nunca os famintos galgos o mataram (Lus. 2, 35).

817. Quando á hypothetica queremos dar caracter menos vago, podemos empregar o fut. do indic. correlacionado com o fut. do conjunct.: *eu farei, se puder.* E ainda, com este mesmo intuito, podemos empregar o imperat. na hypothetica correlacionado com o indic. pres. na condicional: *faze, se podes.* Apparece, ás vezes, o indic. pres. da condicional correlacionado com o indic. fut.:

E se alguma cousa hy á para emendar, eu ó coregerei, se me deus d'aqui tira (Q. da L. Port. p. 235) — Se as esperam, esperarei tambem caso que não prefiram o estarem-se aqui sós (A. C., O Mis. p. 23).

818. A temporal *quando* funcciona ás vezes como *condicional*: *Quando me dessem o mundo inteiro, não iria.* Já no lat. observava-se phenomeno identico com a *temporal quum*: *quis non, quum hæc videat, irriserit* (Diez, Gr. L. R. III. 327).

Nota Diez que casos ha em que a propos. hypothetica se annuncia pela simples ordem das palavras: *houvesse elle lido os modelos da antiguidade, fora mais correcto.* (Cf. o lat. *Volueris, de bulba faciet piscem.* Petron. 70).

Nota. No v. port. *senão* (se+não) = *excepto*: *...todos vão senão* eu (G. V.).

Concessiva

AINDA QUE

819. As conjuncções concessivas em geral, são locuções vernaculas: *ainda que, embora* (em boa hora), *se bem que, posto que, por mais que, por menos que, por pouco que, por muito que, mesmo que, desde que, seja que... seja que, quer... quer, em que, que.* Tambem funccionam ás vezes como concessivas — *embora, q.ando, quando mesmo.* As *concessivas* approximam-se ideologicamente das *condicionaes*, e, por vezes, o matiz de differença é subtil.

As clausulas concessivas, em geral, teem o seu verbo no conjunctivo; comtudo o indicativo é muitas vezes empreenre os classicos. A concessiva *ainda que*, que leva hoje, encarado como real. O indicativo é mesmo mais commum entre os classicos. A concessiva *ainda que*, que leva hoje, em regra, o verbo ao conjunctivo, rege frequentemente, em nossos classicos, o indicativo, e entre os quaes é commum a forma — *em que* = *ainda que*. Exs.:

Ainda que a malicia *escurece* a verdade, não a póde apanhar (Bluteau) — Ainda que *somos* de Beja, não nos lançam da Egreja (Prov.) — Ainda que *sou* tosca, bem vejo a mosca (Prov.) —

> Se algum-hora meu cuidado
> Vos der dor, *em que* pequena ;
> Peço-vos, pois, fui culpado,
> Que vos não peze da pena
> De quem vos foi tão pezado (C., Obrs. III. 108)

Não raro no v. port. emprega-se *que* como concessiva:

Foy e serey sempre d'ela :
meu corraçam esqueçe-la
nam quer, nem pode, *que* queyra.
(Canc. Geral, II. 172, ap. E. D.)

O delfim de meu sentido,
no Nilo *que* esté mettido,
i-lo-hei ver por baixo d'agua (Prestes, ap. ib.).

As conjuc. *se bem que, posto que,* prestam-se elegantemente á elisão do *relativo*:

"E' exactamente o quinto canto dos Lusiadas aquelle em que o vate revelou as mais intensas faculdades de sua creadora phantasia, *se bem* não soube libertar-se das cadeias mythologicas na soberba feição do Adamastor (L. C., Est. Ac. I. 108) — "...calumnias vertidas sobre as cinzas de individuos que não se podem defender, mas que as academias de hoje, *posto* valham menos do que elles, não devem deixar sem pleno desaggravo". (A. H., ap. E. Dias)

Algumas concessivas assumem, com bom effeito estylistico, a funcção de adverbio pela elisão do verbo em phrases nominaes:

O juiz ainda que (seja) severo, parece justo (hesp. : el juiz aunque severo parece justo ; fr. : la piéce a reussie quoique faible de style, Diez).

Nota. *Sem embargo que, não embargando que, não embargante que,* eram *concessivas* do v. port.

820. Independentemente de conjuncções concessivas, podemos enunciar a idéa por ellas expressas de um outro modo; empregando-se p. ex.: a prepos. *por* antes de um adjectivo ou substantivo seguido de *que*: *por bella que seja* ou *por mais bella que seja, não o encanta; por douto que sejas, não me podes convencer; por mais discreção que tenhas, não lhe agradará* (cf. hesp. *por docto que seias, non me puedes convencer, por mas discrecion que tengas,* fr. *pour grands que soient les rois, ils sont ce que nous sommes* (Diez).

Semelhantemente: — *Seja quem for que o diga, não o creio; quem quer que seja, não deixe de entrar; seja qual*

for o seu merito, não o recebas; livre ou captivo, ouvi-me; ceda ou resista, será preso; quer ceda quer resista, será preso; fosse ao fim do mundo, eu o acharia; desabasse o céo sobre mim, eu fallaria (*fr. dût tout cet appareille retomber sur ma tête, il faut parler,* Rac., ap. Dez.).

Modal

COMO

821. Para indicar a relação de *modo,* dispunha o lat., segundo M. Lübke, de cinco conjuncções: *ut, quem, admodum, quasi, quomodo, quam* (comparativo). Destas o port. guardou *como* ←⋘ *quomodo,* para introduzir as clausulas modaes: *Portou-se como devia — Folgara eu saber, como vae o negocio* (*Scire aveo, quomodo res se habet.* Cic., ap. Bluteau). E' ella tambem empregada, como vimos, para indicar relações de tempo, mormente no v. port. E' igualmente aproveitada para introduzir as clausulas comparativas de egualdade, e não é isso de extranhar visto a grande affinidade ideologica entre as relações de modo e as de comparação de egualdade: *Saul foi tão orgulhoso, como David foi humilde.* — Não raro é reforçada com o adv. *tambem*: *Eu mesmo tenho experimentado na pessoa de teu filho, como tambem na de teus irmãos* (*Sensi ego cùm infilio tuo, tùm in fratribus tuis.,* Cic., ap. Bluteau).

Fórma muitas vezes locução com *que — como que*: *estava como que arrependido* (Moraes). A loc. *como se* é frequente: *Eu lhe quero, como se fora meu irmão* (*hunc amo perinde atque si frater meus esset,* Cic., ap. Blut). Porém, nesta combinação a anlyse descobre a ellipse da clausula modal, p. ex.: *Eu lhe quero, como quereria se fora meu irmão.* Logicamente as duas conjuncções introduzem proposições.

Obs. No v. port. emp ♀ ga-se *como que* equivalente a *como se : Como que* as minhas não bastassem (B. Rib., Ech. I. 15 v., ap. E. Dias) — "Bati com o punho em meu peito *como que* me confessava". (S. de M. Cart. 384, ap. ib.) — Tambem se encontra *segundo como, segundo que conforme como : "Segundo que* ho *Papa lhe tenha mandado"* (D. A,ff., ap. E. D.) — "desejar as cousas *conforme como* deve ser" (Fr. A. de S, ap. E. D.) .

CAPITULO VII

INTERJEIÇÃO

822. A INTERJEIÇÃO propriamente dicta, é uma exclamação monosyllabica e viva, e mais parece voz de instincto animal que expressão verbal de uma idéa. Apesar, porém, de sua manifesta semelhança com os gritos animaes na expressão rapida de uma commoção momentanea, ella se differencia profundamente destes em ser o grito de uma alma racional, que traduz, com a viveza do sentimento, uma noção synthetica da actividade intellectual.

Razão tiveram os antigos romanos para inclui-la no dominio grammatical, contra os que lhe negam os foros de palavra.

E' ella, entretanto, uma palavra *sui generis*, não, por certo de "um caracter logico ou didactico, mas de um caracter rhetorico e dramatico"; uma palavra collectiva, synthetica, onde se fundem muitas idéas na rapidez da expressão; palavra lançada, como nos diz o seu etymo (de *interjicere* = *lançar entre*), entre os termos da phrase,, com caracter independente, sem relação syntactica, em regra, com as outras. Manifestação subita do pensamento, é ella uma linguagem universal, pois ha, em geral, uma semelhança instinctiva entre as interjeições originarias de todas as linguas. Dahi a sua importancia, como alguem já o disse, do ponto de vista philosophico, como exacto psychographo do espirito humano.

Na ordem genealogica das categorias grammaticaes, deve ella occupar o primeiro logar, como manifestação espontanea do pensamento.

No desenvolvimento posterior que ella foi adquirindo na evolução da linguagem, temos mais uma prova de seu caracter intellectivo. Neste seu desenvolvimento historico podemos basear a seguinte distribuição em trez grupso.

823. CLASSIFICAÇÃO QUANTO Á ORIGEM. Quanto á sua origem, as interjeições podem-se agrupar em trez classes;

1.ª **Instinctivas :** ai, ah ! oh ! eh ! ih, hui ! hum ! ha ha ! ho ho ! ó, chi ! irra ! arre, (arab. harre), apre ! upa ! holá ! olá! olé ! eh ! eh ! eh ! heim ? !

2.ª **Onomatopicas:** tá, pá, tic tac, bum, zás trás, chape, ufhhh !

3.ª **Convencionaes :** qual ! avante ! eis, eis, sus (← sursum), sio ! psio ! silencio ! bravo ! viva ! coragem ! basta ! que massada ! mau ! bom ! peor ! melhor ! bis ! hom'essa ! alto lá ! mal peccado ! (arch. = por mal dos peccados ! ou dos meus peccados !) chiton ! (fr. chut donc), caluda ! oxalá ! (do ár. in-xa'llah = queira Allah), tomára ! A estas devemos accrescentar as seguintes de moderna importação : — hip ! hip ! hurra ! hallô !

824. Classificação quanto á natureza. Quanto á sua natureza ou sentido as interjeições, como vimos na *Gramm. Expositiva*, classificam-se conforme a natureza dos sentimentos, que expressam: de *dor, alegria, desejo, animação, applauso, aversão, appello, silencio*. Cumpre, porém, advertir que em muitos casos é mais a entoação da voz que decide da categoria do sentimento. Fóra, entretanto, dessa classificação da grammatica expositiva, devemos ainda distinguir dois grupos de interjeição, que teem deixado traços na historia da lingua:

1.ª **Deprecativas :** bofá ! bofé ! (=boa, fé), adeus ! (a + Deus, ou, segundo outros, ay-Deus), tomára ! tomára elle ! oxalá ! embora ! (arch. = em boa hora).

2.ª **Imprecativas :** Cruz ! credo ! cruz credo ! avemaria ! malpeccado ! t'arrenego ! abrenuncio ! vade-retro ! arreda ! ieramá, eramá, aramá, (arch. = em hora má, lat. mala hora) maôchas (arch. = má hora : Maochas, que eu diga isto = má hora seja em que eu disser isto, Bluteau).

825. Classificação quanto á fórma. No desenvolvimento historico das interjeições devemos incluir as *locuções interjectivas* ou interjeições compostas:

Aqui d'el-rei (arch. aque d'el-rey), hom'essa ! ora sus ! hou lá ! ôlá ! ô de casa ! ô lá de casa ! ô de fóra ! ô lá de fóra !

826. Quanto ás relações propriamente syntacticas das interjeições pouco ha que dizer. Palavras autonomas na phrase, raramente assumem ellas uma feição relacional, que é da essencia da syntaxe. Podemos, entretanto, notar que

algumas dellas assumem caracter adverbial, p. ex.: *eis, eis-aqui*, capituladas por alguns em adv. de *designação; oxalá*, chega, até, a levar o verbo para o subjunctivo, e não raro aggrega a si a connectiva *que*: *oxalá que seja feliz! Ai* rege a prepos. *de*: *ai de mim!* A interjeição *ó* denuncia vocativo. Exs.:

O' menino, vem cá! — Maochas que eu cuide tal (longe absum ab illa cogitatione (Bluteau).

Hou da barca, hou lá. — Quem me chama? (G. V., Obrs. 1. 229) — Hi, hi, hi. De que me rio? (G. V., Obrs. 3. 16)

Amainae! áquedelrei!
Que nos imos alagando (G. V., Obrs. 2. 468).

Ora, sus, sem mais debate
Dize o A. B. C. D. E.
Arre, arre, cedo é (Ib. 496)

Onde vás? Por esse chão
Quereis ballar? Bofá, não. (Ib. 513)

Hui, e elle falla aravia!
Olhade o nabo de Turquia!
Falla aramá Portugal. (G. V., Obrs. 3. 96)

E não posso, mal peccado.
Põe eramá hi o arado. (Ib. 1. 347)

Jesu! Jesu! que he ora isto?
Ave Maria!! Ave Maria!
Qu'he de meu cão qu'eu trazia?

Ay flores, ay flores do verde pyno!
Se sabedes novas do meu amigo!
Ay deos! E hu é?

Ai! cal-te, mulher, cal-te!... Oh! sacratissima Virgem!... Peior, peior! acudiu a rodeira (A. H., Mons 165, 166) — Calluda, frade! rugiu elrei (Ib. 287) — Pfhhh! assoprou a beata... Coitada! Muito calma? Heim?... E' de frigir ovos! T'arrenego! Pfhh! (Ib. 96) — "Olé, Ruy!..." "—sio, Ruy Casco, diabo!" "Estas louco, maldicto?" "Fuso!" "Oh! excommungado!"... "Fóra bebados!" "Oh, uh, uh!" — uivaram os dous... (Ib. 86 e 88).

Principaes obras consultadas

F. Diez — Gr. des Lang. Romanes.
W. Meyr Lübke — Gr. des Lang. Romanes.
E. Bourciez — E'léments de Ling. Romane.
M. Bréal — La Sémantique, Diction. Etym. Latin., C. thographe.
A. Hovelacque — La Linguistique.
A. Darmesteter — Cours de Gr. Historique.
F. Brunot — Précis de G. Historique.
K. Brugmann — Abrégé de Gr. Comparée.
C. P. Mason — English Grammar.
A. Tobler — Mél. de Gr. Française.
J. V. Ginneken — Princip. de Ling. Psychologique.
C. Ayer — Gr. Comp. de la Lang. Franç a se.
A. Bello — Gr. de la Lengua Castellana.
Viterbo — Elucidario.
J. M. Guardia e J. Wierzeiski — Gr. de la Langue Latine.
Chassang — N. Gr. Latine, Gr. Grecque.
Rieman — Gr. Latine.
Academia Española — Gr. de la Lengua Castellana.
Dr. Leite de Vasconcellos — Liç. de Philologia Portugueza, Text. Archaicos.
G. Viana — Ortog. Nacional, Vocabulario, Pronuncia Normal, Apostilas.
Julio Moreira — Est. da Ling. Port.
A. Cortesão — Subsidios.
Soares Barbosa — Gr. Philos. da Lin. Port.
J. J. Nunes — Chrestomathia Archaica.
Dr. Ernesto C. Ribeiro — Serões Gram. 2.ª ediç., A Red. do Proj. do C. Civil.
A. Coelho — Questões da L. Portugueza, Text. Port.
A. Rib. de Vasconcelloz — Gr. Historica.
Mario Barreto — Noviss. Estudos.
João Ribeiro — Gr. Port., Dicc. Gram.
Pacheco Junior — Gr. Port.
F. José Freire — Reflexões.
Heraclito Graça — Factos da Linguagem.
H. Brunswick — Dicc. da Antig. Ling. Port.
Candido de Figueiredo — O Probl. da Collocação dos Pronomes.
D. Nunes de Leão — Orthographia.

Oscar Nobiling — A. Cant. de D. Joan G. de Guilhade.
Dr. Silvio de Almeida — O Antigo Vernaculo.
Dr. Ruy Barbosa — Projecto do C. Civil Bras.
Withney — La Vie du Langage.
Giacomo de Gregorio — Man. da Sciencia da Linguagem.
Domenico Pezzi — Introduction á l'étude de la Science du Langage.
Albert Dauzat — La Vie du Langage.
Ramiz Galvão — Voc. etym., orthogr. e prosodico.
F. R. dos Santos Saraiva — Nov. Dicc. Lat. Port.
P.e Raphael Bluteau — Voc. Port., 10 vols.
Dom Duarte — Leal Conselheiro, ediç. de Roquete (1842).
Luiz de Camões — Obrs. 3 vols. (1852), Lus., ediç. de E. Dias.
P.e Antonio Vieira — Obrs. 11 vols. (1854).
P.e A. Pereira de Figueiredo — Traducção da Biblia Sagrada.
Francisco M. do Nascimento (F. Elys.) — Fabulas.
P.e Manoel Bernardes — Excerptos, por A. de Castilho.
Francisco de Moraes — Chron. do Palm. de Inglaterra (1869).
J. F. de Vasconcellos — Seg. Tavola Redonda, Euphrosina.
Gil Vicente — Obrs., 3 vols. (1852).
F. de Sá de Miranda — Obrs., edic. Rollandiana.
F. R. I. E. L. — Adag., prov., rifãos e anexins.
Fernão Mendes Pinto — Peregrinações, ediç., Rollandiana.
Garcia de Rezende — Livr. Class., ediç. de A. de Castilho.
Fernão Lopes — Chron. de D. Fernando, ediç. L. Cordeiro.
João de Barros — Decadas, Reg. Officina, 1777.
Frei Luiz de Souza — His. de S. Domingos, V. de D. Fr. Bertolameu.
J. Alvez — Chr. do Infante D. Fernando.
Amador Arraiz — Dialogos.
Alexandre Herculano — Port. Monumenta.
E. Dias — Syntaxe Hist. Port.

Além destes, compulsámos largamente as obras dos classicos mencionados na p. VI, logo após o Prologo.

INDICE

	Pag.
Introducção	1
LINGUAGEM	1
GLOTTOLOGIA	3
Origem da linguagem	3
Desenvolvimento da linguagem	5
Classificação das linguas	6
Problemas	9
PHILOLOGIA	10
Como a glottologia se separou da philologia	10
GRAMMATICA	13
Correntes e methodos historicos	14
Grammatica historica	17
Phonologia	18
O Alphabeto	19
Phonetica	22
PHONETICA PHYSIOLOGICA	22
Theoria das vogaes	25
Theoria das consonantes	26
Classificação dos phonemas	27
Theoria dos grupos phoneticos	30
PHONETICA HISTORICA	31
Syllaba	35
Accento tonico	35
Accento graphico	38
Determinação da tónica	39
Caracter da evolução phonetica	41
Leis glotticas	43
Metaplasmos historicos	46
Origem dos phonemas	53
VOCALISMO	62
GRUPOS VOCALICOS	63
Hiatos	69
Diphthongos	69
Consonantismo	71
Grupos consonantaes	73
Fórmas divergentes	82
	90

	Pag.
Fórmas syncreticas	93
Fórmas intermediarias	96
A Graphica	97
Evolução da arte de escrever	98
Orthographia	100
Systemas orthographicos	101
Reformas da orthographia	106
Reforma brasileira	106
Reforma portugueza	108
Critica das reformas orthographicas	118
Morphologia	122
Elementos morphologicos	123
Estructura das palavras	126
Theoria das categorias grammaticaes	127
As categorias grammaticaes quanto á funcção	129
Analogia de funcções	141
As categorias grammaticaes quanto á evolução	142
As categorias grammaticaes quanto á flexão	145
Flexionismo	146
Flexão do substantivo	147
" " adjectivo	156
" " pronome	138
" " verbo	160
Etymologia	165
Etymologia dos substantivos	168
" " adjectivos	171
" " pronomes pessoaes	177
" " verbos	177
" " adverbios	184
" das preposições	186
" " conjuncções	186
" " interjeições	187
Constituição do lexico portuguez	187
Mobilidade do lexico	188
Neologismo e archaismo	188
Fórmas syncreticas	191
Fórmas divergentes	191
O dialecto	192
O portuguez no Brasil e em Portugal	194
O dialecto indo-portuguez	198
Os elementos do lexico	199
Thematologia	202
Derivação	202
Composição	219
Elementos extrangeiros	242
Semantica	252
Tropos	256
Outros processos semanticos	261
Archaismo e Neologismo	267
Syntaxe	270

	Pag.
Processos phraseologicos do portuguez e do latim	271
Estructura oracional romanica	273
Processos relacionaes do lat. e das ling. romanicas	276
Sujeito	283
Predicado	290
Complemento	294
Ordem	303
Topologia pronominal	311
Regencia	321
Concordancia	336
PERIODO GRAMMATICAL	342
Periodo composto e complexo	347
Classificação das proposições	348
Desenvolvimento historico de algumas propos	353
SYNTAXE HISTORICA DAS PALAVRAS VARIAVEIS E INVARIAVEIS	357
Substantivo	337
Genero dos substantivos	360
Evolução generica em portuguez	364
Genero neutro	366
Genero dos compostos	371
Numero do substantivo	372
Plural dos concretos em sentido generico e especifico	373
O plural de alguns substantivos	374
Adjectivo	375
Concordancia do adjectivo	377
Graus do adjectivo	382
Artigo definido	392
Artigo indefinido	399
Artigo partitivo	400
Demonstrativos	402
Conjunctivo ou relativo	407
Possessivo	425
Numeraes	433
Cardinaes	434
Ordinaes	436
Fraccionarios	439
Multiplicativos	440
Adjectivos e pronomes indefinidos	440
Pronomes pessoaes	449
Pronomes de reverencia	459
Verbo	464
Voz activa	473
Voz passiva	478
Voz reflexiva	486
Verbos impessoaes	490
Verbos periphrasticos	494
Modos	497
Tempos	503
Flexão pessoal do infinitivo	512
Emprego do infinitivo pessoal e impressoal	515

Pag.

Regras para o emprego do infinito pessoal e impessoal..... 526
Participios, gerundio e supino..... 529
Adverbio..... 544
Preposição..... 556
Conjuncção..... 569
Coordenativas..... 570
Subordinativas..... 573
Interjeição..... 584

PARECER DA CONGREGAÇÃO
DO
GYMNASIO DO ESTADO DE S. PAULO

Parecer apresentado pela commissão nomeada para examinar a Grammatica Historica do sr Eduardo Carlos Pereira

A recente grammatica do nosso illustre collega sr. Eduardo Carlos Pereira, proposta para o 4.º anno gymnasial, preenche, de facto, uma lacuna muito sensivel; na quasi totalidade das congeneres anteriores, mesclavam-se as noções historicas e as da lingua actual; e, na unica excepção da de Ribeiro de Vasconcellos, havia innegaveis deficiencias, sobretudo pelo que diz respeito á syntaxe, importantissimo estudo até hoje descurado. O novo compendio, recommendavel pelo acêrto da doutrina, clareza e methodo da exposição, sobre estar organizado de accôrdo com o programma official, fórma um todo homogeneo com a Grammatica Expositiva do mesmo autor, já vantajosamente seguida no curso dos tres primeiros annos.

Por tudo isso, e porque contém muita materia nova e interessante, somos de opinião que seja não só approvado senão ainda immediatamente adoptado.

S. Paulo, sala das Congregações do Gymnasio, aos onze de Setembro de 1916.

Assignados SILVIO DE ALMEIDA.
FREDERICO LUIZ DULLEY.
LUIZ ANTONIO DOS SANTOS

Secretaria do Gymnasio Official da Capital de São Paulo, 14 de Outubro de 1916.

O secretario.

ARMANDO PINTO FERREIRA

OPINIÕES

SOBRE A

GRAMMATICA HISTORICA

Meu prezado colega e sr. Eduardo Carlos Pereira: Felicito-o sinceramente pela publicação de sua "Gramática Histórica", da qual teve a bondade de remeter-me um exemplar.

O meu illustre confrade junta aos seus outros notáveis trabalhos sôbre a lingua portuguesa mais êste que aqui tenho sôbre minha mesa e que acabo de ler integramente e com detenção, linha por linha, e que hei de consultar a cada passo nos meus estudos. O meu colega mostra-se inteirado de todos os progressos da Filologia romanica, e isto não de um modo atropelado e superficial, senão com pleno e maduro conhecimento, e com a habilidade necessária para adaptar os resultados desta investigação ao ensino dos estudantes dos nossos liceus. Que me conste, uma só gramática histórica da lingua po tuguesa tinhamos até agora — a do Dr. Ribeiro de Vasconcelos, professor da Universidade de Coimbra, obra officialmente aprovada em Portugal, e recomendada por eminentes glotólogos, nacionais e estrangeiros. Uma vantagem vê-se logo que leva a gramática histórica de Eduardo Carlos Pereira sôbre a do ilustre catedrático de Coimbra, e é que êste não tratou da Sintaxe, — lacuna realmente sensivel, tendo-se limitado á Fonologia e á Morfologia. Da sintaxe ratou o meu distinto colega de S. Paulo com método e grande cópia de doutrina.

A gramática histórica que o sr. acaba de dar á luz, se for introduzida em nossas escolas, creio que produzirá excelentes frutos, e será para o ensino do português, o que são para o francês as obras de Darmesteter, de Clédat, de Brunot, ou para o castelhano a de Menéndez Pidal.

Disponha do afecto de seu admirador e indigno colega,

MARIO BARRETO

Rio, abril 14 de 1910.

S/C., rua Paula Freitas, n. 97, Copacabana.

Lisboa, 14-V-916.

(Rua Estefania, 92, 1.º)

Illmo. Sr. e meu respeitável confrade.

Cumpro um dever gratissimo, agradecendo a V. Ex.ª a cativante amabilidade da oferta da sua "Gramática Histórica".

Li-a com muito interesse, e, á parte a minha incompetencia para a julgar no que ela tem de essencial, afigura-se-me que há nela muito que aprender e muito que louvar, graças á provada competencia do autor e á dedicação que lhe devem os estudos desta natureza.....

.....

.....

Cr.º de V. S.ª

Muito apreciador e grato,

CANDIDO DE FIGUEIREDO

Victoria, 17 de Junho de 1918

Exmo. Sr. Prof. Eduardo Carlos Pereira:

.....

.....

...Folheei attentamente as suas paginas todas e confesso-lhe francamente que lá encontrei ensinamentos, explicações, origens e verdades, que nunca vira estudados pelos mais eximios e profundos exegetas do idioma luso.

Methodo claro, exposição intuitiva, rigor de linguagem, largo conhecimento dos nossos classicos — eis os invulgares dotes, que fazem de V. Ex.ª o mais alto e autorizado lustre da philologia nacional.....

.....

.....

ELPIDIO PIMENTEL

(Lente de Litteratura da Escola Normal de Victoria)

"A Federação", Porto Alegre

(Junho 5, 1919).

.....

Surge, agora, porém, a Grammatica Historica do dr. Eduardo Carlos Pereira, lente cathedratico do Gymnasio do Estado de SãoPaulo. Póde-se dizer que é um trabalho completo, e nem mais se poderia exigir do autor, um nome consagrado já na philologia portugueza.

Entre os capitulo que mais nos interessam no livro do dr. Eduardo Pereira salientamos o da "Semantica" e o da "Syntaxe".

O primeiro thema, tem sido entre nós, até hoje, raramente, objecto de estudos, não obstante a sua grande importancia; e na "Grammatica Historica" referida, o autor cuidou delle com a attenção que muitos aqui não lhe haviam dado, a não ser Pacheco da Silva Junior.

Sendo a "Semantica" o estudo das leis que presidem á mudança de sentido das palavras, através da sua evolução no tempo e no espaço — bem se vê o valor de um trabalho que tenha por fim coordenar e systematizar essas leis até agora pouco observadas.

O dr. Eduardo Pereira conseguiu realizar a codificação dessas leis.

Quanto á "syntaxe" podemos a firmar que até o presente — jamais nenhuma grammatica vernacula — alcançou neste ponto o gráo de perfeição e desenvolvimento que se encontra na "Grammatica Historica", cuja apparição auspiciosa estamos annunciando.

Foi talvez porque s. s. lamentasse "que o zelo pela reforma de nossa orthographia, o qual de tempos a tempos, explode com certa intensidade — não se volte para o e tudo e reforma de nossa syntaxe, cuja importancia substancial está pedindo, em muitos pontos, a elucidação autorizada de nossos literatos — foi por isso talvez — repetimo — que s s. se empenhou em desenvolver, com largos traços, este capitulo da sua "Grammatica".

O livro do illustre dr. Eduardo Carlos Pereira, eleva, recommenda e honra a cultura brasileira — principalmente neste assumpto em que — pode-se dizê-lo — lhe coube a primazia no arduo e difficil empreendimento.

Na bibliotheca do e tudiosos da lingua portugueza — deve ter logar saliente a "Grammatica Historica" do dr. Eduardo C. Pereira, como já o tem a sua "Grammatica Expositiva".

Grato ficamos ao autor pela honra com que nos di tinguiu, offertando-nos um exemplar do seu trabalho, que recommendamos, com o mais vivo interesse, a todos os que prezam a pureza da formosa lingua lusitana.

de Junho de 916.

DR. OSWALDO VERGARA.

(Da Academia de Letras do Rio Grande do Sul).